



Revelações de Riyria

—+— volume 2 —+—

Michael J. Sullivan

# ASCENSÃO DO IMPÉRIO

*A sorte favorece o ladrão.*



*"Fugas arrepiantes, duelos grandiosos e amizade verdadeira em uma aventura à moda antiga."* PUBLISHERS WEEKLY

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Revelações de Riyria*  
volume 2

**Michael J. Sullivan**

# **ASCENSÃO DO IMPÉRIO**

*Tradução de*  
José Roberto O'Shea



**EDITORARECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sullivan, Michael J., 1961-

R18c Ascensão do império, vol 2 [recurso eletrônico] / Michael J. Sullivan ; tradução José Roberto O'Shea. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2014.  
recurso digital : il. (Revelações de Riyria ; 2)

Formato: ePub

Tradução de: Rise of empire

Sequência de: Roubo de espadas

Continua com: Heir of novron

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Mapas, sumário, glossário,

ISBN 978-85-01-05290-2 (recurso eletrônico)

Modo de acesso: World Wide Web

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. O'Shea, José Roberto. II. Título. III. Série.

14-13811

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

Rise of Empire

Copyright © 2011 by Michael J. Sullivan

(*Nymphon Rising* © 2009 and *The Emerald Storm* © 2010)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.  
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-05290-2 (recurso eletrônico)

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



*Para Robin, por conceder a Amilia o sopro da vida, por consolar Modina e por salvar outros dois da morte.*

*Aos integrantes do goodreads.com e da comunidade de blogueiros do livro, que ofereceram seu apoio à série e convidaram outros a participar da aventura.*

*E aos integrantes do Arlington Writers Group pelo apoio generoso, pela assistência e pelo feedback.*

## SUMÁRIO

### LIVRO III

*A ascensão de Nyphron*

### LIVRO IV

O Tempestade de Esmeralda

*Glossário de termos e nomes*

## REGIÕES CONHECIDAS DO MUNDO DE ELAN

*Estrendor: terras ermas ao norte*

*Império Erivan: terras dos elfos*

*Apeladorn: nações do homem*

*Arquipélago de Ba Ran: ilhas dos goblins*

*Westerlands: terras ermas do oeste*

*Dacca: ilha dos homens do sul*

## NAÇÕES DE APELADORN

*Avryn: reinos prósperos centrais*

*Trent: reinos montanhosos ao norte*

*Cális: região tropical a sudeste, comandada por chefes guerreiros*

*Delgos: república ao sul*

## REINOS DE AVRYN

*Ghent: território eclesiástico da Igreja de Nyphron*

*Melengar: reino pequeno, porém antigo e respeitado*

*Warric: o mais poderoso dos reinos de Avryn*

*Dunmore: o mais jovem e menos desenvolvido dos reinos*

*Alburn: reino da floresta*

*Rhenydd: reino pobre*



*Maranon: reino produtor de alimentos. Pertencia a Delgos, porém foi perdido quando Delgos se tornou uma república*

*Galeannon: reino anárquico formado por colinas inférteis, local de grandes batalhas*

## OS DEUSES

*Érebus: pai dos deuses*

*Ferrol: primogênito, deus dos elfos*

*Drome: segundo filho, deus dos anões*

*Maribor: terceiro filho, deus dos homens*

*Muriel: filha única, deusa da natureza*

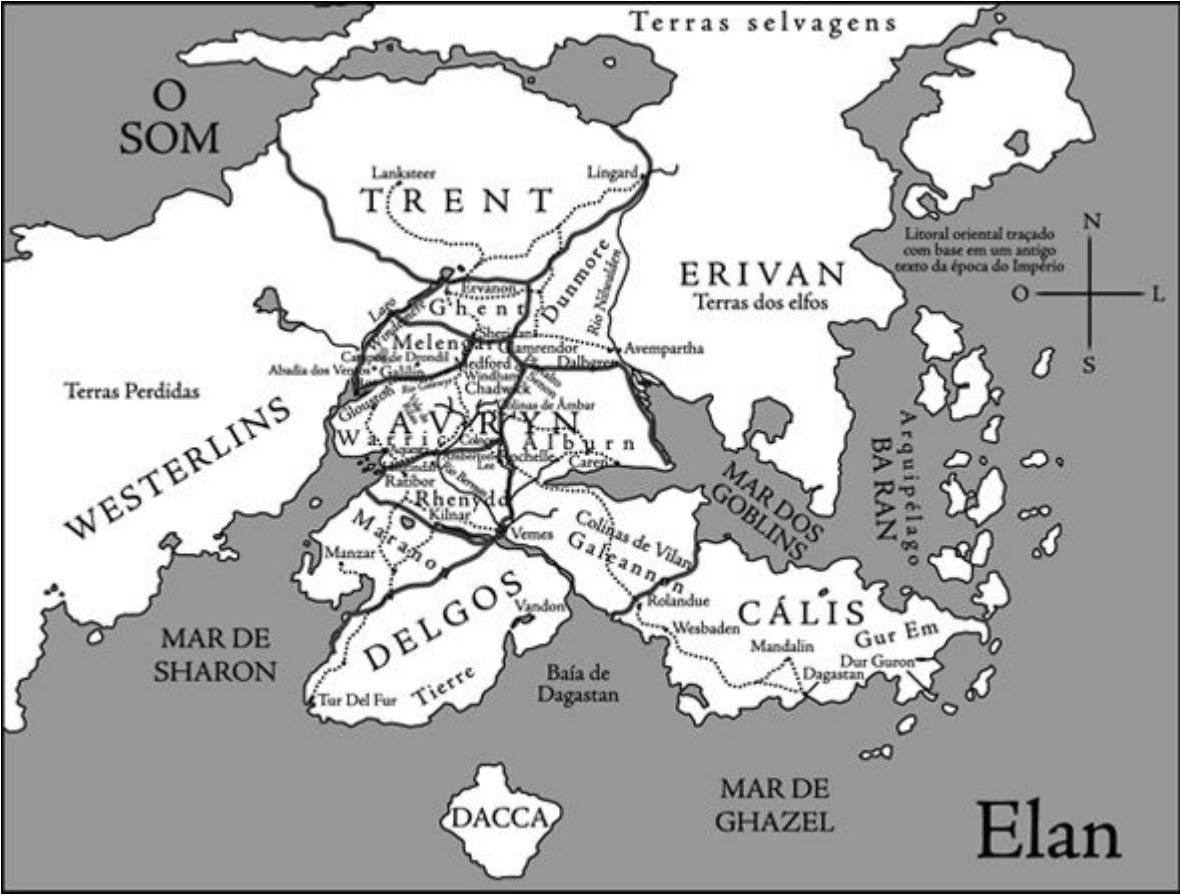
*Uberlin: filho de Muriel e Érebus, deus das trevas*

## PARTIDOS POLÍTICOS

*Imperialistas: pretendem reunir a humanidade em torno de um único líder, descendente direto do semideus Novron*

*Nacionalistas: defendem ser comandados por um líder escolhido pelo povo*

*Monarquistas: desejam que o comando continue nas mãos de monarcas independentes*



LIVRO III

A ASCENSÃO DE NYPHRON



## CAPÍTULO 1

### A IMPERATRIZ



Amilia cometeu o erro de olhar nos olhos de Edith Mon. Não era essa sua intenção — não queria erguer o olhar —, mas Edith a assustou e ela levantou o rosto, sem pensar. A governanta consideraria o gesto desrespeitoso, sinal de rebeldia entre as fileiras da copa. Amilia jamais olhara nos olhos de Edith e, ao fazê-lo agora, perguntava-se se detrás deles haveria uma alma. Se houvesse, estaria acuada ou morta, apodrecendo como uma maçã no final do outono; seria a explicação para aquele cheiro. Edith exalava um aroma azedo, um tanto rançoso, de algo meio podre.

— Isso vai custar mais uma moeda de seu pagamento — avisou a gorducha. — Você está indo para o fundo do poço, não está?

Edith era corpulenta e espadaúda, sem sinal de pescoço. A cabeça, grande como uma bigorna, apoiava-se diretamente sobre os ombros. Em contrapartida, Amilia quase não existia. Pequenininha, com o corpo em formato de pera, o rosto comum e comprido, os cabelos opacos, ela se perdia

na multidão, um rosto que ninguém se deteria para contemplar — nem bonito nem grotesco o bastante para justificar um segundo olhar. Infelizmente, a invisibilidade da jovem falhava diante da governanta do palácio, Edith Mon.

— Não fui eu que quebrei. — *Erro número dois*, pensou Amilia.

A mão carnuda da governanta esbofeteou o rosto de Amilia, fazendo seus ouvidos zumbirem e seus olhos se encherem de lágrimas.

— Vamos lá! — incitou-a Edith, com um tom de voz meigo, e em seguida sussurrou: — Minta para mim outra vez.

Agarrando-se à pia a fim de manter o equilíbrio, Amilia sentiu um calor que subia por suas faces. Seu olhar agora acompanhava a mão de Edith, e, quando a mão voltou a subir, ela fez uma careta. Com uma risadinha abafada, Edith passou os dedos gordos pelos cabelos de Amilia.

— Nenhum nozinho — comentou Edith. — Já sei o que você fica fazendo, em vez de trabalhar. Está querendo atrair a atenção do açougueiro, não é? Ou será aquele safadinho entregador de lenha? Eu vi você falando com ele. Quer saber o que eles veem quando olham para você? Eles veem uma lavadora de pratos feiosa... é isso que veem. Uma menina de rua, miserável e imunda, que fede a desinfetante e banha. Eles preferem pagar por uma vadia a ter você de graça. É melhor gastar o tempo com trabalho. Se fizesse isso, eu não precisaria bater em você tantas vezes.

Amilia sentiu Edith enrolando seus cabelos, torcendo e apertando os fios em volta do pulso.

— Não é que goste de machucá-la — declarou Edith, puxando os cabelos até Amilia se contrair toda. — Mas você precisa aprender — continuou, puxando mais os cabelos de Amilia, cuja cabeça pendia para trás, de maneira que ela só enxergava o teto. — Você é lerda, burra e feia. É por isso que ainda está aqui na copa. Você não serve nem para lavadeira, quanto mais para arrumadeira ou camareira. Você me envergonha, entendeu?

Amilia permaneceu calada.

— Eu disse: *entendeu?*

— Entendi.

— Peça desculpas por ter lascado a borda do prato.

— Desculpe-me por ter lascado a borda do prato.

— E você pede desculpas também por ter mentido?

— Sim.

Com um gesto brusco, Edith passou a mão pela face quente de Amilia.

— É assim que se fala. Vou deduzir o valor do prato de seu pagamento.

Agora, o castigo...

Ela soltou os cabelos de Amilia, arrancou da mão dela a escova de lavar pratos e avaliou o peso do objeto. Geralmente, Edith utilizava um cinto; a escova, porém, doeria mais. Ela poderia arrastá-la até a lavanderia, onde o cozinheiro não pudesse ver a cena. Ibis simpatizava com Amilia e, embora Edith tivesse pleno direito de punir suas subordinadas, não permitia a aplicação de castigos nas dependências da cozinha. Amilia esperava que a mão gorda agarrasse seu pulso; em vez disso, Edith acariciou seus cabelos.

— Mas que cabelo comprido... — disse ela, finalmente. — É esse cabelo que está atrapalhando você, não é? Esse cabelo está fazendo você se achar a tal. Pois eu sei como resolver os dois problemas. Você vai ficar linda quando eu...

A cozinha se calou. Cora, que incessantemente se ocupava de bater a manteiga, parou no meio de uma batida. As ajudantes do cozinheiro pararam de picar, e até Nipper, que empilhava lenha ao lado do fogão, se interrompeu. Amilia seguiu o olhar de todos até a escada.

Uma nobre, trajando veludo e cetim branco, deslizou degraus abaixo e entrou no ambiente enfumaçado e malcheiroso da copa. Olhos penetrantes e lábios finos como navalha se destacavam no rosto empoadado. A mulher era alta e — diferente de Amilia, cuja postura era encurvada — se mantinha ereta e soberba. Dirigiu-se diretamente à pequena mesa encostada à parede, onde o padeiro trabalhava com a massa.

— Liberem esta mesa — ordenou ela com um aceno de mão, sem se dirigir a pessoa alguma em particular. Imediatamente, o padeiro embrulhou em seu avental os utensílios e a massa, então se afastou do local. — Esfreguem a mesa — insistiu a dama.

Amilia sentiu a escova voltar à sua mão, e um solavanco a fez tropeçar e dar um passo adiante. Sem erguer os olhos, começou a esfregar a mesa e nuvens de farinha subiram ao ar. Nipper surgiu ao lado dela com um balde e Vella trouxe uma toalha. Juntos, limparam a mesa enquanto a mulher os observava com desprezo.

— Duas cadeiras! — exclamou a dama, e Nipper correu para buscá-las.

Sem saber o que fazer em seguida, Amilia ficou parada, observando a dama, segurando a escova que ainda pingava. Quando a nobre a surpreendeu olhando, Amilia rapidamente baixou a vista, e um movimento súbito captou a atenção dela. Um camundongo cinza estava paralisado, embaixo da bancada do padeiro, tentando se esconder à sombra. Arriscando-se, ele pegou um pedacinho de pão e desapareceu por uma fenda.

— Que criatura miserável. — Ao ouvir a dama dizer isso, Amilia pensou que a referência fosse ao camundongo, mas a dama acrescentou: — Você está fazendo uma poça imunda no chão. Saia daqui!

Antes de voltar para a pia, Amilia ensaiou uma reverência patética. Em seguida, a mulher expediu uma saraivada de ordens, todas enunciadas com perfeita dicção. Vella, Cora e até Edith se ocuparam de preparar a mesa, como se fosse para um banquete de reis. Vella cobriu a mesa com uma toalha branca e Edith começou a arrumar os talheres, mas foi enxotada pela mulher, que procedeu meticulosamente à disposição de cada item. Em pouco tempo, a mesa estava posta para duas pessoas, com todo requinte, incluindo várias taças e guardanapos de linho.

Amilia não fazia ideia de quem cearia ali. Ninguém arrumaria a mesa para a criadagem, e por que uma nobre comeria na cozinha?



— Ora! O que está havendo aqui? — Amilia ouviu a voz grave e conhecida de Ibis Thinly. O velho cozinheiro era um homenzarrão de peito largo, olhos bem azuis e uma barba rala que emoldurava a linha do queixo. Ele havia passado a manhã reunido com pequenos produtores rurais, mas ainda assim usava o avental de sempre. A peça manchada de gordura era seu uniforme, a marca do ofício. Adentrou a cozinha como um urso que volta à caverna e encontra algo fora do lugar. Ao ver a dama, deteve-se.

— Eu sou Lady Constance — informou-o a nobre. — Daqui a pouco, a imperatriz Modina estará aqui. Se você é o cozinheiro, prepare uma refeição. — A dama parou um instante, a fim de examinar a mesa. Depois de ajeitar o posicionamento de alguns itens, virou de costas e saiu.

— Leif, vá fatiar o cordeiro assado! — gritou Ibis. — Cora, vá buscar o queijo. Vella, preciso de pão. Nipper, dê um jeito nessa pilha de lenha!

— A imperatriz! — exclamou Cora enquanto corria até a despensa.

— O que ela vem fazer aqui? — perguntou Leif. Havia um tom de irritação em sua voz, como se algum parente indesejado e inútil estivesse prestes a chegar e ele fosse o dono da casa incomodado.

Amilia tinha ouvido falar da imperatriz, mas jamais a havia visto — nem mesmo a distância. Poucas pessoas a tinham visto. Ela fora coroada numa cerimônia secreta havia mais de seis meses, durante a Festa do Inverno, e sua chegada em Aquesta produzira mudanças radicais.

O rei Ethelred já não usava a coroa e era chamado de “regente”, em vez de “Vossa Majestade”. Ele ainda comandava o castelo, que agora se denominava palácio imperial. O outro, o regente Saldur, tinha sido responsável pela introdução das mudanças. Egresso originalmente de Melengar, o ex-bispo fixara residência no palácio e designara operários para trabalhar dia e noite no grande salão e na sala do trono. Além disso, Saldur havia estabelecido novas regras que todos os criados deveriam seguir.

A criadagem do palácio não podia mais se afastar das dependências, a não ser quando escoltada pelos novos guardas, e todas as cartas expedidas

precisavam ser previamente lidas e aprovadas. Esse decreto não fazia muito sentido, pois poucos eram os criados que sabiam escrever. A restrição de se afastar do palácio, entretanto, constituía um contratempo para quase todos. Muitos criados com família na cidade ou em sítios vizinhos preferiram se demitir, pois não podiam mais voltar para casa todas as noites. Os que ficaram no palácio nunca mais ouviram falar dos outros. O regente Saldur conseguira, de fato, isolar o palácio em relação ao mundo exterior, mas no interior os boatos corriam livremente. Dizia-se pelos corredores que um aviso prévio de demissão era tão arriscado quanto uma tentativa de fuga.

O simples fato de a imperatriz jamais ser vista criava inúmeras especulações. Todos sabiam que ela era a Herdeira do primeiro e lendário imperador, Novron, e, portanto, filha do deus Maribor. Isso havia ficado comprovado quando ela fora a única pessoa capaz de exterminar o monstro responsável pela morte de dezenas dos melhores cavaleiros de Elan. E o fato de anteriormente ela ter sido uma camponesa que vivia numa pequena aldeia confirmava que, aos olhos de Maribor, todos são iguais. Segundo os boatos, ela havia ascendido à condição de entidade espiritual, e apenas os regentes e sua secretária particular podiam se apresentar diante da divina presença.

*Decerto aquela dama seria a secretária imperial,* pensou Amilia. A dama ativa e de dicção perfeita era a secretária da imperatriz.

Em pouco tempo, havia sobre a mesa uma amostra da melhor comida que a cozinha podia oferecer. Knob, o padeiro, e Leif, o açougueiro, disputavam o posicionamento dos pratos, cada qual querendo dispor seus produtos no centro.

— Cora — chamou Ibis —, coloque sua bela torta de queijo no centro. — As palavras provocaram sorriso e rubor no rosto da jovem e caretas nas fisionomias de Leif e Knob.

Na condição de lavadora de pratos, Amilia não tinha mais o que fazer, exceto retornar à louça. Cheia de entusiasmo, Edith conversava com dois

copeiros num canto, perto de uma pilha de barris de carvalho, e os criados ajeitavam seus uniformes e passavam a mão nos cabelos. Nipper ainda varria o chão quando a dama voltou. Mais uma vez, todos pararam e olharam para ela, que trazia pela mão uma menina magricela.

— Sente-se — ordenou Lady Constance com um tom de voz áspero.

Todos mantinham o olhar além das duas mulheres, ansiosos pelo primeiro vislumbre da rainha-deusa. Dois guardas bem-armados apareceram e se posicionaram um de cada lado da mesa. Mas não surgiu nenhuma outra pessoa.

*Onde está a imperatriz?*

— Modina, eu disse para você se sentar — repetiu Lady Constance.

Uma onda de choque reverberou pelo corpo de Amilia.

*Modina? Aquela criança com aspecto de menor abandonado era a imperatriz?*

A menina pareceu não ouvir o que Lady Constance dissera e permaneceu de pé, desprovida de energia e expressão. Parecia ser uma adolescente, frágil e tremendamente magra. Talvez um dia tivesse sido bonita, mas o que restava era uma visão pavorosa. O rosto era pálido como osso e a pele era fina e esticada, revelando em detalhes o contorno do crânio. Os cabelos louros e ralos encobriam parte da face e ela usava um vestido branco, de tecido leve, o que contribuía para sua aparência fantasmagórica.

Lady Constance suspirou e forçou a menina a sentar-se numa das cadeiras diante da bancada do padeiro. A pequena se deixava manipular como uma boneca. Nada dizia, e seu olhar era totalmente inexpressivo.

— Coloque o guardanapo no colo desta forma — indicou Lady Constance, abrindo o guardanapo com movimentos meticulosos. Em seguida, esperou um instante, arregalando os olhos diante da imperatriz, que se mantinha absorta. — Na condição de imperatriz, você jamais vai se servir — prosseguiu Lady Constance. — Você vai esperar até que os criados preparem seu prato. — A dama mirou em volta, irritada, e seu olhar

localizou Amilia. — Você... venha cá — ordenou ela. — Sirva Sua Eminência.

Amilia deixou a escova dentro da pia e, enxugando as mãos no avental, aproximou-se. Não sabia servir à mesa, mas nada disse. Em vez disso, tentou se lembrar das ocasiões em que vira Leif fatiar carne. Pegando um garfo e uma faca, fez o melhor que pôde, na tentativa de imitá-lo. Leif fazia aquilo sem o menor esforço, mas os dedos de Amilia fraquejavam e ela se atrapalhou toda, conseguindo colocar no prato da menina apenas alguns fragmentos de carne de cordeiro.

— Pão! — Lady Constance fez a palavra estalar como um chicote, e Amilia fatiou a bisnaga comprida e torcida, quase se cortando no processo. — Agora, coma.

Por um instante, Amilia pensou que se tratasse de mais uma ordem e chegou a estender o braço. Mas então se deteve e permaneceu imóvel, sem saber se deveria retornar à pia.

— Coma, eu já disse. — A secretária imperial arregalou os olhos, encarando a menina, que mantinha o olhar vazio na parede oposta. — *Coma, sua maldita!* — gritou Lady Constance, e todos os que estavam na cozinha, inclusive Edith Mon e Ibis Thinly, tiveram um sobressalto. Ela desferiu um soco na bancada do padeiro, derrubando as taças e fazendo com que as facas se chocassem com os pratos. — *Coma!* — repetiu Lady Constance, em seguida esbofeteou a menina. O crânio coberto de pele foi sacudido pelo golpe, mas voltou a se aprumar. A menina não cedeu e manteve o olhar parado, agora em direção à outra parede.

Num acesso de raiva, a secretária imperial se levantou, derrubando a cadeira em que estava sentada. Então, pegou um pedaço de carne e tentou enfiá-lo na boca da menina.

— O que está acontecendo aqui?

Lady Constance ficou paralisada ao ouvir a voz. Um velho de cabelos brancos desceu os degraus e entrou na copa. A elegante túnica lilás e o

manto preto não condiziam com a cozinha abafada e caótica. Amilia logo reconheceu o regente Saldur.

— Mas o que é isso? — perguntou Saldur, aproximando-se da mesa. Olhou para a menina, para a criadagem e finalmente para Lady Constance, que já não tinha nas mãos o pedaço de carne. — O que se passou na sua cabeça... para trazê-la aqui?

— Eu... Eu pensei que...

Saldur levantou uma das mãos, indicando-lhe que se calasse, e em seguida fechou-a, formando um punho. Então, contraiu o maxilar e inspirou profundamente pelo nariz adunco. Mais uma vez, olhou para a menina.

— Veja só como ela está. A senhora deveria educá-la e instruí-la. E ela está pior do que nunca!

— Eu... Eu bem que tentei, mas...

— Cale-se! — retorquiu o regente, com o punho ainda erguido. Ninguém se mexeu na cozinha. Os únicos ruídos eram do fogo que estalava nos fornos e da sopa que borbulhava no caldeirão. — Se esse é o resultado do trabalho de uma profissional, será melhor empregarmos uma amadora. Ela não poderia fazer pior. — O regente apontou para Amilia. — Você! Parabéns, a partir de agora você será a secretária da imperatriz. — Voltando-se para Lady Constance, ele disse: — E quanto à senhora... seus serviços estão dispensados. Guardas, levem-na daqui.

Amilia viu Lady Constance cambalear. A postura perfeita se desfez no momento em que ela se contraiu e deu um passo para trás, quase caindo por cima da cadeira que estava virada no chão.

— Não! Por favor, não! — gritou ela, quando um dos guardas do palácio a pegou pelo braço e levou em direção à porta dos fundos. O segundo guarda a agarrou pelo outro braço. Ela reagiu com histeria, suplicando e esperneando enquanto eles a arrastavam.

Amilia ficou petrificada, segurando o garfo e a faca de trinchar, tentando se lembrar de respirar. Depois que as súplicas de Lady Constance se

tornaram inaudíveis, o regente Saldur, ruborizado e exibindo os dentes entre os lábios retesados, virou-se para Amilia.

— Não me decepcione — disse, e se voltou em direção à escada, com o manto esvoaçando atrás dele.

Amilia desviou o olhar para a menina, que continuava a fitar a parede.



O mistério do porquê de ninguém ver a imperatriz ficou esclarecido quando um soldado escoltou as duas jovens até o quarto de Modina. Amilia esperava ser conduzida à torre leste, local onde se situavam os gabinetes dos regentes e os aposentos reais. Para sua surpresa, o guarda não saiu das dependências de serviço e se encaminhou para uma escada curva, localizada no lado oposto à lavanderia. As camareiras utilizavam aquele acesso para chegar aos cômodos dos andares superiores. Mas o soldado desceu os degraus.

Amilia não o questionou, pois estava preocupada com a espada que pendia de seu cinto. Os olhos escuros do homem se inseriam num rosto de pedra, e o topo da cabeça da jovem era da altura do queixo dele. Cada mão do guarda era do tamanho das duas dela juntas. Ele não era um dos soldados que arrastara Lady Constance para fora da cozinha, mas Amilia tinha certeza de que não hesitaria quando chegasse a vez dela.

O ar se tornava frio e úmido à medida que eles desciam e adentravam uma penumbra atenuada por apenas três lanternas de parede, a última das quais pingava cera pelo suporte. Ao pé da escada encontraram uma porta de madeira aberta que dava acesso a um pequeno corredor, em cujas laterais havia mais portas. Num dos cubículos, Amilia avistou vários barris e uma prateleira de garrafas envoltas em palha. Duas portas tinham grandes trancas, e uma terceira estava aberta, revelando um pequeno quarto de

pedra, vazio, exceto por um monte de palha e um balde de madeira. Ao chegarem lá, o soldado se pôs de lado, encostando-se de costas à parede.

— Desculpe... — começou a dizer Amilia, um tanto confusa. — Não estou entendendo. Pensei que estivéssemos indo para os aposentos da imperatriz.

O guarda concordou.

— O senhor quer dizer que Sua Eminência dorme aqui?

Novamente, o soldado concordou.

Enquanto Amilia arregalava os olhos em choque, Modina entrou no quarto e se encolheu sobre o monte de palha. O guarda fechou a porta pesada e se preparou para passar um grande cadeado pelo trinco.

— Espere — pediu Amilia. — O senhor não pode deixá-la aqui. O senhor não vê que ela está doente?

O guarda terminou de passar o cadeado. Amilia olhou para a porta de carvalho.

*Como isso é possível? Ela é a imperatriz. É filha de um deus e grande sacerdotisa da Igreja.*

— A imperatriz é mantida num velho porão?

— É melhor do que o local onde ela estava antes — respondeu o soldado. Ele nada tinha dito até aquele momento e a voz era diferente do que Amilia esperava. Meiga, solidária e pouco mais alta do que um sussurro, o tom a desarmou.

— Onde ela estava?

— Já falei demais.

— Não posso abandoná-la ali dentro. Ela não tem sequer uma vela.

— Minhas ordens são para mantê-la aqui.

Amilia o encarou, mas não conseguia ver os olhos do guarda. O visor do elmo e o ângulo de inclinação da sombra obscureciam os traços acima do nariz.

— Tudo bem — disse ela, por fim, e saiu do porão. Logo depois, voltou, trazendo consigo a lamparina que escorria cera. — Eu posso, ao menos, fazer companhia à imperatriz?

— Você tem certeza? — perguntou ele, um tanto surpreso.

Amília não tinha, mas fez que sim de qualquer forma. O guarda abriu a porta. A imperatriz estava encolhida sobre o monte de palha, com os olhos abertos, mas sem enxergar. Amília viu um cobertor embolado no canto. Ela colocou a lanterna no chão, sacudiu o cobertor de lã e envolveu a jovem com ele.

— Eles não estão tratando a senhorita muito bem, não é mesmo? — perguntou ela, afastando gentilmente a mecha de cabelo que escondia parte do rosto de Modina. Os fios estavam tão duros e ressecados quanto a palha neles entrelaçada. — Quantos anos a senhorita tem?

A imperatriz não respondeu, tampouco reagiu ao toque de Amília. Deitada de lado, a menina abraçava os joelhos e pressionava a face contra a palha. De vez em quando ela piscava, seu peito arfando a cada respiração, mas apenas isso.

— Aconteceu alguma coisa ruim, não foi? — Amília passou os dedos levemente pelo braço desnudo de Modina. Ela podia circundar o pulso da menina com folga, tocando a ponta do polegar à do indicador. — Escute, eu não sei quanto tempo vou ficar aqui. Acho que não vai ser muito. Sabe, não sou nobre. Sou apenas uma lavadora de pratos. O regente disse que devo educar e instruir a senhorita, mas ele cometeu um equívoco. Não sei fazer nada disso. — Ela acariciou a cabeça de Modina e passou os dedos delicadamente pela face encovada da menina, ainda marcada pelo bofetão desferido por Lady Constance. — Mas prometo que nunca vou machucá-la.

Durante vários minutos, Amília pensou no que poderia dizer para sensibilizar a menina.

— Posso contar um segredo à senhorita? Não vale rir... mas... morro de medo do escuro. Eu sei que é besteira, mas não tem jeito. Sempre fui assim.



Meus irmãos zombam de mim o tempo todo. Se a senhorita falasse comigo, talvez isso me ajudasse. O que a senhorita acha?

Não houve qualquer reação.

Amilia suspirou.

— Bem, amanhã vou trazer algumas velas lá do meu quarto. Eu tenho um monte de velas guardadas. Isso vai melhorar um pouco as coisas por aqui. Agora a senhorita precisa descansar.

Amilia não estava mentindo sobre o medo do escuro. Mas, naquela noite, o medo do escuro precisou ficar na fila, atrás de vários outros novos medos, enquanto tentava dormir abraçada à imperatriz.



Os soldados não vieram buscar Amilia naquela noite, e ela só acordou quando trouxeram a refeição matinal — ou melhor, quando, empurrada sobre o chão, a refeição matinal, servida num prato de madeira, surgiu girando no meio do quarto. Nele havia um pedaço de carne do tamanho de um punho fechado, uma fatia de queijo e um pão com casca grossa. Parecia excelente e lembrava suas refeições usuais, uma cortesia de Ibis. Antes de chegar ao palácio, jamais havia comido carne de boi ou de cervo, mas agora elas eram comuns. Ser amiga do cozinheiro ainda tinha outras vantagens. As pessoas não desejavam ofender o homem que controlava a dieta delas, por isso Amilia era geralmente bem-tratada, exceto por Edith Mon. Ela deu algumas mordidas e expressou admiração em voz alta:

— Isto está tãããã bom! A senhorita não quer um pouquinho?

A imperatriz não respondeu.

Amilia suspirou.

— Não, acho que não. O que a senhorita tem vontade de comer? Posso conseguir o que a senhorita quiser.

Amília se levantou, pegou o prato de madeira e esperou. Nada. Passados alguns minutos, ela bateu à porta, e o mesmo guarda a abriu.

— Com licença, mas preciso providenciar uma refeição adequada a Sua Eminência.

O guarda olhou para o prato, um tanto confuso, mas deu um passo para o lado, permitindo que ela subisse correndo a escada.

A cozinha ainda fervilhava em consequência dos eventos da noite anterior, mas tudo se aquietou no instante em que Amília entrou.

— Já mandaram você de volta, não foi? — disse Edith, com um sorriso debochado. — Não se preocupe, guardei para você uma pilha de panelas. E ainda não me esqueci desse seu cabelo.

— Cale a boca, Edith — repreendeu-a Ibis, franzindo o cenho. Voltando-se para Amília, ele falou: — Você está bem? Eles mandaram você de volta?

— Estou bem, obrigada, Ibis... E não, acho que ainda sou a secretária da imperatriz... seja lá o que isso queira dizer.

— Sorte sua, menina — declarou Ibis, que, virando-se para Edith, acrescentou: — E cuidado com o que você disser agora. Pelo jeito, é você que vai lavar a pilha de panelas.

Edith deu meia-volta e se afastou com um resmungo.

— Então, minha cara, o que traz você aqui?

— Vim para falar da comida que o senhor acabou de enviar para a imperatriz.

Ibis pareceu ofendido.

— Alguma coisa errada?

— Nada, está excelente. Eu mesma provei.

— Então, não vejo por que...

— Sua Eminência está doente. Ela não tem condições de comer isso. Quando eu não me sentia bem, a minha mãe preparava para mim uma sopa, um caldinho claro que era fácil de engolir. Será que o senhor não poderia fazer algo assim?

— Claro — respondeu Ibis. — Sopa é fácil. Alguém deveria ter me dito que ela não estava se sentindo bem. Já sei o que vou fazer. Eu a chamo de Sopa do Enjoo. Era a única coisa que os novatos seguravam no estômago nos primeiros dias embarcados. Leif, pegue a caldeira grande para mim.

Amilia passou o resto da manhã entrando e saindo do cubículo de Modina, para onde levou todos os seus pertences: um vestido sobressalente, algumas peças de roupa íntima, uma camisola, uma escova e seu precioso estoque de quase uma dúzia de velas. Na rouparia, pegou travesseiros, lençóis e cobertores. Num quarto de hóspedes desocupado, conseguiu até uma jarra, uma bacia e um pedaço de sabão. Cada vez que passava, o guarda exibia um leve sorriso e balançava a cabeça, divertindo-se com a cena.

Depois de remover a palha velha e trazer dos estábulos palha nova, ela foi até Ibis, para ver se a sopa já estava pronta.

— Bem, a próxima porção vai estar melhor, quando eu tiver mais tempo para o preparo; mas isto aqui vai revigorá-la — disse ele.

Amilia voltou ao cubículo e, depois de colocar no chão a panela de sopa fumegante, ajudou a imperatriz a se sentar. Experimentou a sopa para verificar a temperatura, então levou a colher até a boca de Modina. Uma boa parte do caldo escorreu pelo queixo e pingou na frente do vestido.

— Não se preocupe, a culpa é minha. Da próxima vez vou me lembrar de trazer um daqueles guardanapos que deixaram Lady Constance tão empolgada. — Ao administrar a segunda colherada, Amilia estendeu a mão, em forma de concha, e aparou o caldo que escorreu. — A-há! — exclamou ela. — Consegui fazer a senhorita tomar um pouquinho. Está gostoso, não está? — Ela serviu mais uma colherada, e dessa vez Modina engoliu.

Quando a tigela se esvaziou, Amilia imaginou que a maior parte da sopa estava no chão ou lambuzada nas roupas de Modina, mas constatou também que a jovem havia ingerido um pouco.

— Então, a senhorita deve estar se sentindo melhor, não está? Mas vejo que sujei toda a sua roupa. Que tal a gente limpar isso aí, hein?

Amilia limpou Modina e pôs o vestido sobressalente na jovem. A estatura das duas moças era semelhante, porém a peça engoliu Modina; Amilia, então, improvisou um cinto com um pedaço de corda.

Amilia continuou a tagarelar enquanto fazia duas camas com a palha e com os lençóis, os travesseiros e os cobertores subtraídos da rouparia.

— Eu queria trazer uns colchões para nós, mas eles eram pesados demais. Além disso, não quis chamar muita atenção. As pessoas já estavam me olhando estranho. Acho que essa improvisação vai resolver, a senhorita não acha?

Modina continuava com o olhar vazio. Quando tudo ficou pronto, Amilia sentou Modina na cama, agora forrada com lençol, e, à luz de um punhado de velas luminosas, começou a pentear os cabelos da imperatriz carinhosamente.

— Então, como alguém se torna imperatriz? — perguntou ela. — Dizem que a senhorita exterminou um monstro que tinha matado centenas de cavaleiros. Sabe, a senhorita não me parece o tipo de pessoa capaz de exterminar monstros... Por favor, não me leve a mal. — Amilia fez uma pausa e inclinou a cabeça. — Ainda sem vontade de conversar? Tudo bem. A senhorita quer manter o passado em segredo. Compreendo. Afinal, acabamos de nos conhecer.

“Nesse caso, vejamos... O que eu poderia lhe contar a meu respeito? Bem, nasci em Tarin Vale. A senhorita sabe onde fica? É provável que não. É um lugarejo situado no meio do caminho para Colnora. É uma aldeia por onde as pessoas passam a caminho de lugares mais animados. Em Tarin não acontece muita coisa. Meu pai fabrica carruagens e é muito bom no que faz. Mas não ganha muito dinheiro. — Amilia se deteve e examinou o rosto da jovem, a fim de averiguar se ouvia o que dizia. — O que o seu pai faz? Ouvi dizer que era lavrador; é isso mesmo?”

Nada.

— Meu pai não ganha muito dinheiro. Minha mãe diz que é porque ele *exagera* na qualidade do trabalho. Ele tem muito orgulho do que faz, e por isso leva bastante tempo para fabricar uma carruagem. Às vezes, um ano inteiro. Isso torna a situação difícil, pois ele só é pago depois que acaba. Com a compra de materiais e suprimentos, a gente, às vezes, fica sem dinheiro. Minha mãe trabalha em fiação, e meu irmão racha lenha, mas o dinheiro é sempre curto. É por isso que estou aqui, sabe... Não sei fiar muito bem, mas sei ler e escrever.

Os cabelos de um dos lados da cabeça da jovem estavam agora desembaraçados e Amilia mudou para o outro lado.

— Vejo que a senhorita ficou impressionada. Mas saber ler e escrever não tem me ajudado muito. Bem, a não ser pelo fato de ter me aberto algumas portas... Hein? O que foi? A senhorita quer saber onde aprendi a ler e escrever? Ah, agradeço o seu interesse. Foi Devon que me ensinou. Um monge que chegou em Tarin Vale há alguns anos. — O tom de voz dela baixou, insinuando cumplicidade. — Eu gostava muito dele e ele era bonito, inteligente... *muito inteligente*. Costumava ler livros e me falava de lugares distantes e de coisas que aconteceram muito tempo atrás. Devon achava que meu pai ou o superior da ordem monástica à qual ele pertencia tentaria nos separar; então me ensinou, para que a gente pudesse se corresponder. Devon tinha razão, é claro. Quando o meu pai descobriu, ele disse: ‘Um monge não vai dar futuro algum a você.’ Devon foi mandado embora e eu chorei durante vários dias.

Amilia fez uma pausa para se concentrar num nó mais resistente. Estava tentando ser delicada, mas sabia que infligia dor na menina, embora ela não demonstrasse.

— Esse nó foi difícil — comentou ela. — Cheguei a pensar que tinha um pardal escondido lá dentro. Então, quando o meu pai se deu conta de que eu sabia ler e escrever, ficou todo orgulhoso. E se gabava de mim para todo mundo que entrava na oficina. Um dos clientes dele, o escudeiro Jenkins

Talbert, ficou bastante impressionado e disse que me recomendaria aqui em Aquesta. A empolgação foi geral quando consegui o trabalho. Mas, ao descobrir que era para lavar pratos, não tive coragem de contar à minha família; por isso ainda não voltei para casa. E agora, é claro, eles não me deixarão ir embora. — Amilia suspirou, mas em seguida exibiu um sorriso luminoso. — Mas tudo bem, porque agora eu estou aqui, com a senhorita.

Ouviu-se uma leve batida à porta e o guarda entrou. Em um minuto, ele examinou as mudanças introduzidas no cubículo e meneou a cabeça, em sinal de aprovação. Em seguida, dirigiu a Amilia um olhar francamente triste.

— Lamento, moça, mas o regente Saldur me deu ordens para levá-la à presença dele.

Amilia ficou paralisada e, com um gesto vagaroso, baixou a escova. Então, com a mão trêmula, colocou um cobertor nos ombros da jovem. Levantou-se, beijou a face de Modina e, com a voz trêmula, conseguiu murmurar:

— Adeus.

## CAPÍTULO 2

### O EMISSÁRIO



Ele sempre havia temido morrer assim, sozinho, no trecho isolado de alguma estrada, longe de casa. A floresta era densa em ambos os lados, e seus olhos treinados perceberam que a barreira atravessada no caminho não era o inocente resultado de uma árvore debilitada. Puxou as rédeas, forçando a cabeça da égua para baixo. O animal bufou com irritação, resistindo aos freios — a exemplo dele, o animal pressentia o perigo.

Ele olhou para trás e para os lados, examinando as árvores com seus trajes de verão, em tons de verde vivo. Nada se mexia na quietude matinal. Nada denunciava o que estava por trás da aparente serenidade, exceto aquela barreira adiante. A queda não era natural. Mesmo a distância, pôde avistar a polpa colorida da madeira recém-cortada: uma barricada.

*Ladrões?*

Um bando de assaltantes, sem dúvida, espreitava no meio da mata, observando, esperando que ele se aproximasse. Tentou raciocinar enquanto

a égua não parava de arfar. Aquela era a rota mais curta para o norte, em direção ao rio Galewyr, e ele não tinha muito tempo. Breckton estava se preparando para invadir o reino de Melengar, e ele precisava entregar a mensagem antes que o cavaleiro atacasse. Antes de sua partida, o comandante e os regentes ressaltaram, pessoalmente, a importância da missão. Contavam com ele — *ela* contava com ele. Assim como milhares de outras pessoas, ele comparecera à praça central, resistindo à temperatura gelada, no Dia da Coroação, apenas para ver a imperatriz Modina. Para a grande decepção das massas, ela não apareceu. Depois de várias horas, chegou a notícia de que estava ocupada com questões relativas ao Novo Império. Tendo ascendido recentemente da classe dos camponeses, era óbvio que a nova governante não dispunha de tempo para frivolidades.

Ele tirou o manto e o amarrou atrás da sela, exibindo a coroa de ouro estampada em seu tabardo. Talvez o deixassem passar. Decerto sabiam que o exército imperial estava próximo, e Sir Breckton não permitiria emboscadas ao emissário imperial. Assaltantes talvez não temessem o tolo do conde Ballentyne, mas até os ladrões mais desesperados pensariam duas vezes antes de ofender o cavaleiro do conde. Outros comandantes poderiam ignorar um emissário ferido ou assassinado, mas Sir Breckton consideraria isso um ultraje à sua honra, e ultrajar a honra de Breckton era equivalente a suicídio.

Ele se recusava a falhar.

Removendo os cabelos que cobriam seus olhos, pegou com firmeza as rédeas e avançou com cautela. Ao se aproximar da barricada, percebeu um movimento. Folhas se agitaram. Um graveto estalou. Ele deu meia-volta com a montaria e se preparou para sair em disparada. Era um bom cavaleiro — rápido e ágil. A égua tinha apenas três anos e bom pedigree; depois que ela sentisse as esporas, ninguém os alcançaria. Ele se contraiu sobre a sela e inclinou o corpo para a frente, preparando-se para o solavanco, mas foi detido pela visão de uniformes imperiais.



Dentre as árvores, dois soldados saíram à estrada e, de má vontade, olharam para ele, com a expressão tediosa comum aos integrantes da infantaria. Usavam tabardos vermelhos com as insígnias de Sir Breckton. O mais alto mascava um talo de centeio, enquanto o mais baixo lambia os dedos e os limpava no uniforme.

— Vocês me assustaram — disse o cavaleiro com um misto de alívio e irritação. — Pensei que fossem assaltantes.

O mais baixo sorriu. Tivera pouco cuidado com o uniforme. Duas ombreiras estavam soltas e as proteções de couro pendiam dos ombros como duas asinhas.

— Ouviu isso, Will? Ele pensou que fôssemos ladrões. Não seria má ideia, hein? Poderíamos sair por aí, batendo carteiras... Ou cobrando pedágio, por assim dizer. Ao menos ganharíamos uns trocados, visto que temos de ficar aqui o dia todo. É claro que Breckton nos esfolaria vivos, se ficasse sabendo.

O mais alto, aparentemente mudo e imbecil, fez que sim em total silêncio. Ao menos usava o uniforme de forma mais adequada, com elegância, devidamente ajustado. Ambos os uniformes estavam amarrotados e manchados, pois os dois dormiam ao relento, mas assim era a vida de um soldado da infantaria — uma das várias razões pelas quais ele preferia trabalhar como emissário.

— Liberem a estrada. Tenho uma mensagem urgente. Preciso chegar ao comando do exército imperial imediatamente.

— Ora! A gente também recebeu ordens, sabia? Não podemos deixar ninguém passar — anunciou o mais baixo.

— Eu sou um emissário imperial, seu idiota!

— Ah... — respondeu a sentinela, com a perspicácia de um poste. Olhando de relance para o companheiro, que manteve a expressão obtusa, falou: — Bem... Agora a história mudou, não é? — Em seguida, acariciou o pescoço da égua. — Isso explica por que esta menina está espumando, não

é? Ela parece estar com sede. A gente tem um balde e logo ali tem um córrego...

— Não tenho tempo para isso. Removam a barricada da estrada; sejam rápidos.

— Claro, claro. Não precisa engrossar. Basta nos dizer a senha e Will e eu vamos tirar aquilo do caminho num minuto — declarou ele, e usou um dedo para remover algo preso nos dentes.

— Senha?

O soldado meneou positivamente. Em seguida, esticou e cheirou algo nojento que estava na ponta do dedo, fez careta e deu um peteleco.

— É isso mesmo, a senha. A gente não pode deixar espiões passarem por aqui. Afinal, estamos em guerra.

— Não sei de senha alguma. Não fui informado sobre senha alguma.

— Não? — O mais baixo ergueu uma sobrancelha e pegou os arreios da égua.

— Falei diretamente com os regentes, e...

O mais alto o puxou de cima da égua. Ele caiu de costas, com violência, batendo a cabeça no chão. Uma dor lancinante o deixou momentaneamente cego. Quando abriu os olhos, deparou-se com o soldado de pé, por cima dele, encostando a ponta de uma espada em seu pescoço.

— Para quem você trabalha? — rosnou a sentinela mais alta.

— O que você está fazendo, Will? — perguntou o mais baixo, ainda segurando a égua.

— Estou tentando fazer este espião falar. É isso que estou fazendo.

— E-Eu não sou espião. Sou um emissário imperial. Deixem-me em paz!

— Will, a gente não tem ordens para interrogar ninguém. Quem não souber a senha, a gente degola e atira no rio. Sir Breckton não tem tempo para lidar com todo tipo de idiota que encontrarmos nesta estrada. Além disso, para quem você acha que ele trabalha? A gente só está em guerra com Melengar; então, é claro que ele trabalha para Malengar. Agora, corta logo a

garganta dele e eu ajudo você a arrastá-lo até o rio, assim que amarrar esta égua.

— Mas eu *sou* um emissário! — gritou ele.

— Claro que é.

— Posso provar. Eu tenho mensagens para Sir Breckton dentro do meu alforje.

Os dois soldados trocaram olhares em dúvida. O mais baixo deu de ombros. Então vasculhou o interior dos alforjes e retirou uma pasta de couro que continha um pergaminho lacrado com cera; rompendo o lacre, examinou o documento.

— Ora! Por essa eu não esperava! Parece que ele está dizendo a verdade, Will. Pelo jeito, isto aqui é uma mensagem autêntica para o nosso patrão.

— É mesmo? — indagou o outro com um ar de preocupação.

— É o que parece. Acho melhor levantá-lo do chão.

Cabisbaixo, o soldado embainhou a espada e estendeu a mão para ajudar o emissário a se pôr de pé.

— Ah... Desculpe. A gente só estava obedecendo a ordens, o senhor sabe...

— Quando Sir Breckton vir esse lacre rompido, vai pedir a cabeça de vocês! — disse o emissário, passando pela sentinela mais alta e arrancando o documento das mãos do outro.

— As nossas? — retrucou o mais baixo, rindo. — Como Will falou, a gente só estava obedecendo a ordens. O senhor é que não pegou a senha antes de vir para cá. Sir Breckton é fanático por regras. E não gosta que suas ordens não sejam obedecidas. Mas o senhor só vai perder uma das mãos ou uma orelha pelo esquecimento. Se eu fosse o senhor, tentava esquentar a cera para lacrar isso aí novamente.

— Isso estragaria a divisa estampada no lacre.

— O senhor poderia dizer que estava quente, e que, com o sol batendo no alforje o dia todo, a cera derreteu. É melhor do que perder a mão ou a

orelha, eu acho. Além disso, nobres ocupados como Breckton não perdem tempo examinando o lacre antes de abrir uma mensagem urgente; mas ele vai notar se o lacre estiver rompido. Com toda certeza.

O emissário olhou para o documento tremulando na brisa e sentiu o estômago revirar. Não tinha escolha, mas não o faria diante daqueles imbecis. Então voltou a montar na égua.

— Liberem a estrada! — bradou ele.

Os dois soldados retiraram os galhos. Ele esporeou a égua e seguiu em frente.



Royce esperou até que o emissário desaparecesse de vista para então tirar o uniforme imperial. Virando-se para Hadrian, ele disse:

— Então, até que não foi muito difícil.

— Will? — perguntou Hadrian, no momento em que os dois se esgueiravam floresta adentro.

Royce balançou a cabeça.

— Lembra quando ontem você disse que preferia ser ator? Eu dei um papel a você: Will, a sentinela do Posto de Controle Imperial. Acho que você se saiu muito bem.

— Sabe de uma coisa? Você não precisa zombar de *todas* as minhas ideias — comentou Hadrian, franzindo o cenho e despindo o tabardo. — Além disso, ainda acho que devemos considerar a questão. Nós poderíamos viajar, de cidade em cidade, atuando em peças dramáticas, até em comédias. — Hadrian dirigiu ao parceiro mais baixo um olhar avaliador. — Embora talvez você devesse se especializar em dramas... quem sabe tragédias.

Royce arregalou os olhos.

— O que foi? Eu acho que seria um excelente ator. Já posso até me ver como um charmoso protagonista. Com toda certeza, poderíamos obter papéis em *A conspiração pela Coroa*. Eu faço o belo espadachim que luta com o vilão, e você... bem, você pode fazer o papel do outro.

Esquivavam-se dos galhos, enquanto retiravam os barretes e as luvas, enrolando-as e guardando-as dentro dos tabardos. Descendo uma encosta, chegaram a um dos vários riachos que alimentavam o grande Galewyr. Lá encontraram suas montarias ainda amarradas e se deliciando com a relva ribeirinha. Os animais sacudiam o rabo languidamente, espantando as moscas.

— Você me preocupa às vezes, Hadrian. Falando sério.

— Por que não trabalhamos como atores? É seguro. Pode até ser divertido.

— Não seria nem seguro nem divertido. Além disso, atores precisam viajar, e estou satisfeito com a situação atual. Não me afasto muito de Gwen — acrescentou Royce.

— Está vendo? É mais uma razão! Por que não procuramos outro tipo de trabalho? Sinceramente, se eu tivesse o que você tem, não aceitaria mais nenhum serviço.

Royce retirou do alforje um par de botas.

— Trabalhamos nisso porque somos bons e, com a guerra, Alric está disposto a pagar muito bem por informações.

Hadrian fez soar um riso sarcástico.

— Sim, ele nos paga muito bem, mas e os outros custos? Breckton trabalha para o idiota do Ballentyne, mas não é bobo. Com certeza ele vai verificar o lacre e não acreditará na história de que a cera amoleceu dentro do alforje.

— Eu sei — declarou Royce, sentando-se sobre um toco de madeira, para trocar as botas do uniforme imperial pelas suas. — Mas depois que ele contar a primeira mentira, a segunda história, a respeito de sentinelas que

romperam o lacre, vai parecer absurda e ninguém vai acreditar em nada que disser.

Hadrian se deteve enquanto trocava as botas e franziu o cenho para o parceiro.

— Você sabe que o sujeito provavelmente será executado por traição?

Royce confirmou.

— O que significa a oportuna eliminação da única testemunha.

— Está vendo? É exatamente desse tipo de coisa que estou falando — disse Hadrian, suspirando e balançando a cabeça.

Royce percebeu que o parceiro estava sendo tomado pela já conhecida melancolia. Ultimamente, ela havia aparecido com frequência. Não entendia a tristeza dele. Aqueles estranhos episódios de depressão costumavam acontecer depois de momentos de sucesso e frequentemente resultavam em uma noitada de bebedeira.

Perguntava-se se Hadrian ainda se importava com dinheiro. Ele usava apenas o suficiente para beber e comer, então guardava o restante. Royce compreenderia a reação do amigo se estivessem ganhando a vida batendo carteiras ou arrombando residências, no entanto agora trabalhavam para o rei. Os serviços recentes foram até limpos demais para o seu gosto. Hadrian não sabia o que era sujeira. Diferente de Royce, ele não tinha crescido nas ruas lamacentas de Ratibor.

Royce resolveu tentar ponderar a questão.

— Você preferiria que eles descobrissem o que aconteceu e enviassem um destacamento para nos caçar?

— Não, mas detesto ser culpado pela morte de um inocente.

— Ninguém é inocente, meu amigo. E você não é culpado. Você é... — ele buscou a melhor expressão: — ... a graxa que faz a roda girar.

— Obrigado. Agora me sinto *bem* melhor...

Royce dobrou o uniforme e o guardou no interior do alforje, junto das botas, com cuidado. Hadrian ainda se esforçava para se livrar das botas

pretas, pequenas demais para ele. Com um violento puxão, conseguiu arrancar a que faltava e, irritado, atirou-a no chão. Em seguida, pegou-a e enfiou o uniforme dentro da bolsa de couro. Socando o conteúdo no interior, fechou o alforje e apertou a correia o mais forte que pôde. Então arregalou os olhos, fitando o saco, e suspirou mais uma vez.

— Sabe de uma coisa? Se você arrumasse melhor o seu alforje, não seria tão difícil fazer caber todos os apetrechos aí dentro — comentou Royce.

Hadrian olhou para ele com uma expressão de perplexidade.

— O quê? Ah, não, não tem nada a ver com os meus apetrechos.

— Então o que foi? — Royce vestiu a capa preta e ajustou a gola.

Hadrian acariciou o pescoço da montaria.

— Sei lá — respondeu Hadrian, tristonho. — É que... eu achava que a esta altura já teria feito mais... da minha vida, entende?

— Você ficou maluco? A maioria dos homens se mata de trabalhar num pedacinho de terra que nem é deles. Você tem liberdade para fazer o que escolher e ir aonde quiser.

— Eu sei, mas, quando eu era jovem, achava que era... sei lá... especial. Eu achava que realizaria algo grandioso. Conquistaria uma mulher e salvaria o reino. Mas acho que todo menino pensa a mesma coisa.

— Eu não pensava.

Hadrian franziu o cenho.

— Eu ficava pensando o que seria no futuro, e ser um espião inútil não fazia parte dos meus planos.

— Não somos inúteis — falou Royce, corrigindo. — Temos lucrado bastante, sobretudo nos últimos tempos.

— Essa não é a questão. Eu também fui bem-sucedido como mercenário. Não é uma questão de dinheiro. É o fato de sobreviver como um parasita.

— Por que tudo isso logo agora? Pela primeira vez, em muitos anos estamos ganhando um bom dinheiro e tivemos uma série de serviços *respeitáveis*. Estamos a serviço do rei, pelo amor de Maribor! Podemos até

dormir nas mesmas camas duas noites seguidas, sem nos preocuparmos em sermos presos. Semana passada passei pelo capitão da guarda da cidade e ele me cumprimentou com um meneio de cabeça.

— Não se trata de quantidade de trabalho. É o *tipo* de trabalho. É o fato de que estamos sempre mentindo. Se aquele emissário morrer, a culpa será nossa. E mais: isso não é de agora. Faz anos que venho sentindo tudo isso. Por que você acha que estou sempre sugerindo outras atividades? Sabe por que ignorei as regras e aceitei aquele serviço para roubar a espada de Pickering? Aquele serviço que quase custou a nossa execução?

— Pelo pagamento elevado que nos foi oferecido — respondeu Royce.

— Não, foi por isso que *você* aceitou. Eu aceitei porque me pareceu correto. Ao menos uma vez, teria uma chance de ajudar uma pessoa que realmente merecia ser ajudada... Era isso que eu pensava àquela época.

— E virar ator vai ser a solução?

Hadrian soltou a égua.

— Não, mas como ator eu poderia ao menos *fingir* que sou honrado. Na sua opinião, devo me sentir feliz pelo simples fato de estar vivo, certo?

Royce não respondeu. A velha perturbação voltava a aflorar. Detestava guardar segredos de Hadrian e a coisa pesava na consciência, o que era impressionante, pois não sabia que era dotado de uma. Royce discernia entre o certo e o errado à medida que as coisas aconteciam. O certo era o que fosse melhor para ele — o errado era todo o resto. Ele roubava, mentia e até matava, se necessário. Era seu ofício, e nisso ele era perito. Não havia razão para se desculpar, para parar e refletir. O mundo estava em guerra com ele e nada era sagrado.

Revelar a Hadrian o que descobrira implicava um grande risco. Royce preferia que o mundo fosse uma constante e todas as variáveis conhecidas. As fronteiras traçadas nos mapas se alteravam diariamente e o poder pulava de mão em mão. O tempo voava e os eventos eram imprevisíveis. Royce tinha a sensação de estar atravessando um lago congelado no final da



primavera. Tentava seguir um caminho seguro, mas a superfície ruía sob seus pés. Contudo, algumas mudanças ainda poderiam ser controladas por ele. Disse com seus botões que guardar o segredo seria pelo bem do próprio amigo.

Montando a égua pequena e cinzenta, Rata, Royce disse:

— Nós temos trabalhado demais ultimamente. Acho que merecemos umas férias.

— Não vejo como isso vai ser possível — comentou Hadrian. — Com o exército imperial se preparando para invadir Melengar, Alric vai precisar de nós mais do que nunca.

— É o que acha? Mas você não leu a mensagem.

## CAPÍTULO 3

### O MILAGRE



A princesa Arista Essendon já não mantinha a postura no assento da carruagem de tanto ser sacudida a cada vala e buraco da estrada. Seu pescoço estava retesado, pois cochilara apoiada no braço do assento, e sua cabeça latejava em consequência dos balanços constantes. Despertando com um bocejo, ela esfregou os olhos e o rosto. Na tentativa de ajeitar os cabelos, seus dedos se prenderam num emaranhado de nós castanhos.

A carruagem da embaixadora estava tão desgastada quanto a passageira, pois percorrera quilômetros demais no último ano. O teto vazava, as molas estavam gastas e, em alguns pontos, a forração do banco estava puída. O cocheiro tinha ordens para chegar a Medford ao meio-dia. Ele estava se mantendo no horário, mas à custa de todo buraco e pedra que encontrava pelo caminho. No momento em que Arista abriu a cortina, o sol matinal cintilava através de brechas no paredão de folhas formado pelas árvores que ladeavam a estrada.

Faltava pouco para chegar em casa.

A claridade tremeluzente iluminava o interior da carruagem e a poeira que entrava pelas janelas cobria tudo. Uma escumilha descartada e vários miolos de maçãs encimavam uma pilha de pergaminhos que escorregava pelo assento diante do dela. Pegadas sujas eram visíveis no piso, onde um cobertor, um espartilho e dois vestidos se amontoavam ao lado de três sapatos. Arista não fazia ideia do paradeiro do quarto sapato e fazia votos para que estivesse na carruagem, não tendo ficado esquecido em Lanksteer. A princesa tinha a sensação de que ao longo dos últimos seis meses deixara pedaços de si mesma por todo o reino de Avryn.

Hilfred seria capaz de dar conta do sapato.

Ela manuseou a escova de cabo perolado. Com certeza Hilfred vasculhara os escombros durante vários dias. Aquele objeto tinha vindo de Tur Del Fur. De cada cidade que visitava, seu pai costumava trazer-lhe uma escova de cabelos. Era um homem reservado, e dizer *eu te amo* não era fácil, mesmo quando falava com a própria filha. As escovas eram suas confissões veladas. Houve um tempo em que ela possuía dezenas de escovas — agora, aquela era a última. Quando a torre onde se situavam seus aposentos desmoronou, ela perdeu as escovas e foi como se tivesse perdido o pai novamente. Três semanas depois, aquela escova foi encontrada. Devia ter sido Hilfred, mas ele jamais disse uma palavra sequer a respeito.

Hilfred era guarda-costas de Arista havia anos e, agora que se fora, ela percebia o quanto o havia tomado como uma certeza em sua vida.

Agora tinha um novo guarda-costas. O próprio Alric o tinha selecionado dentre os integrantes de sua guarda pessoal. O nome dele começava com T — Tom, Tim, Travis, algo assim. Ele não se afinava com ela, falava demais, ria das próprias piadas e não parava de comer. Provavelmente era um soldado valente e bem-treinado, mas não era Hilfred.

A última vez que vira Hilfred tinha sido há mais de um ano, em Dahlgren, quando ele quase morreu em consequência do ataque do

Gilarabrywn. Aquela foi a segunda vez que ele sofreu queimaduras na tentativa de salvá-la. A primeira havia ocorrido quando ela estava com apenas 12 anos — a noite em que o castelo pegou fogo. Sua mãe e muitas outras pessoas pereceram, mas um rapaz de 15 anos, filho de um sargento de armas, enfrentara aquele inferno para resgatá-la em seu quarto. Por insistência de Arista, ele voltou, a fim de resgatar a rainha. Não conseguiu chegar ao local onde ela se encontrava e a tentativa quase custou a vida dele. Depois disso, ele sofreu durante vários meses, e o pai de Arista o recompensou nomeando-o guarda-costas da princesa.

Os ferimentos que ele havia sofrido naquela ocasião não se comparavam ao que passou em Dahlgren. Os curandeiros envolveram seu corpo, da cabeça aos pés, e ele ficou desacordado durante vários dias. Para grande surpresa de Arista, quando recuperou a consciência, recusou-se a vê-la e partiu em uma carroça, sem se despedir. A pedido do próprio Hilfred, ninguém informara à princesa aonde tinha ido. Ela poderia ter exigido. Poderia ter ordenado aos curandeiros que revelassem o local. Durante meses, alimentou a esperança de revê-lo, de ouvir novamente o roçar da espada na lateral de sua coxa. Com frequência, Arista se perguntava se agira corretamente quando permitiu que ele partisse. E suspirava diante de mais um arrependimento, que se somava a uma pilha que não parava de crescer ao longo do último ano.

Constatar a desordem que reinava no interior da carruagem a deixava um tanto deprimida. Aquilo era resultado da recusa de ter uma criada ao seu lado, mas ela não aceitava a ideia de ficar confinada, no interior da carruagem, na companhia de uma serviçal durante tanto tempo. Pegou os vestidos que estavam no chão e os estendeu sobre o assento oposto. Quando viu um documento todo amassado, em formato de bola e preso nas dobras da cortina, seu estômago revirou, tamanha foi a sensação de culpa. Franzindo o cenho, alcançou o pergaminho amarrotado e o desamassou, pressionando-o contra o colo.

O documento continha uma lista de reinos e províncias, todos tachados, ao lado de uma anotação: IMPÉRIO. Que o conde de Chadwick e o rei Ethelred fossem os primeiros da fila a beijar o anel da imperatriz não foi surpresa. Mas ela meneou a cabeça, em sinal de descrença, diante da extensa lista. A troca de poder ocorrera praticamente do dia para a noite. Um dia, nada; no dia seguinte — pronto! Surgira o Novo Império e, na nação de Avryn, os reinos de Warric, Ghent, Alburn, Maranon, Galeannon e Rhenydd haviam se unido. De início, pressionaram os pequenos focos de resistência, como Glouston, então os invadiram e os engoliram. Ela passou os dedos sobre a linha que assinalava Dunmore. Sutilmente, Sua Alteza, o rei Roswort, tinha decidido que era do interesse de seu reino aceitar a oferta imperial de grandes extensões de terra, em contrapartida à anexação de Dunmore ao Novo Império. Arista não se surpreenderia se Melengar fosse prometido a Roswort como forma de compensação. De todos os reinos de Avryn, apenas Melengar recusara a anexação.

*Tudo aconteceu tão rápido.*

Um ano antes, o Novo Império não passava de uma ideia. Na condição de embaixadora, ela dedicara vários meses à tentativa de estabelecer alianças. Sem apoio, sem aliados, Melengar não poderia resistir àquele crescente colosso.

*Quanto tempo nos resta antes que o Império avance contra o norte, antes que...*

A carruagem parou subitamente, projetando-a para a frente, balançando as cortinas e fazendo ranger as molas desgastadas. Arista olhou pela janela, confusa. Ainda estava na velha Estrada do Intendente. O paredão de árvores havia cedido lugar a um campo florido e ela sabia que estavam no grande planalto, a poucos quilômetros de Medford.

— O que houve? — indagou ela.

Silêncio.

*Onde está Tim, ou Ted, ou seja lá qual for o seu nome?*

Arista suspendeu a trava e, levantando a barra da saia, abriu a porta. A luz cálida do sol a forçou a semicerrar os olhos. Suas pernas estavam enrijecidas e suas costas doíam. Com apenas 26 anos, já se sentia uma anciã. Bateu a porta da carruagem e, protegendo os olhos, tentou discernir as silhuetas do cocheiro e do cavaliço. Eles olharam para ela de relance e voltaram a contemplar a encosta, estrada abaixo.

— Daniel! Por que... — começou a dizer ela, mas se deteve depois que enxergou o que eles contemplavam.

O planalto ao norte de Medford propiciava uma extensa vista no sentido sul. O terreno desenhava um leve declive, descortinando Melengar, a capital de Medford. Arista avistou as torres do Castelo de Essendon e da Catedral de Mares, e, mais ao longe, o rio Galewyr, demarcando a fronteira sul do reino. No tempo em que seu pai e sua mãe ainda eram vivos, a família real costumava fazer piqueniques ali, no verão, desfrutando a brisa e a vista. Mas naquele dia a vista estava bastante diferente.

Ao longe, à luz clara da manhã, Arista viu diversas fileiras de barracas de lona, centenas delas, todas desfraldando a bandeira vermelha e branca do Império de Nyphron.

— Aquilo é um exército, Alteza — anunciou Daniel, finalmente encontrando a voz. — Um exército está diante de Medford.

— Leve-me para casa, Daniel. Chicoteie esses cavalos, se for preciso, mas leve-me para casa!



A carruagem mal havia parado quando Arista escancarou a porta, quase atingindo o rosto de Tommy — ou Terence, ou seja lá qual fosse o nome do sujeito —, que, atrapalhado como sempre, tentara abri-la. Imediatamente os criados que estavam no pátio interromperam os afazeres e reverenciaram a

princesa. Melissa avistou a carruagem e se aproximou, correndo. Ao contrário de Tucker — ou Tillman —, a pequena ruiva trabalhava para Arista havia muitos anos e pressentiu a tempestade.

— Há quanto tempo esse exército está lá? — vociferou Arista, enquanto subia as escadas.

— Há quase uma semana — respondeu Melissa, correndo atrás da princesa e catando o manto jogado por ela no chão.

— Uma semana? Já houve alguma batalha?

— Sim, Sua Majestade comandou um ataque do outro lado do rio alguns dias atrás.

— Alric os atacou? Do outro lado do rio?

— O resultado não foi muito bom — declarou Melissa, baixando a voz.

— Claro que não! Ele estava bêbado?

Os guardas do castelo abriram as pesadas portas de carvalho exatamente no instante em que a princesa as cruzava, a cauda do vestido esvoaçando atrás de si.

— Onde eles estão?

— Na sala de guerra.

Arista parou.

Eles estavam no saguão norte. Numa ampla galeria, pedestais de pedra polida exibiam armaduras completas e corredores davam acesso a escadas em espiral.

— Missy, pegue meu vestido azul, aquele que uso em audiências, os sapatos que combinam com ele e prepare uma bacia com água. E mande alguém me trazer algo para comer. Não importa o que seja.

— Sim, Vossa Alteza.

Melissa fez uma rápida reverência e subiu a escada, às pressas.

— Vossa Alteza! — chamou o guarda-costas, correndo atrás dela. — Eu quase perdi a senhorita de vista.

— Imagine uma coisa dessas. Da próxima vez, vou precisar ser mais rápida ainda.



Arista viu o irmão, o rei Alric, levantar-se da grande mesa. Normalmente o gesto levaria todos os presentes a se erguerem também, mas Alric havia descontinuado tal tradição para as sessões do conselho, pois tinha o hábito de ficar de pé com frequência e andar de um lado para outro durante as reuniões.

— Não entendo — disse ele, virando de costas para os presentes, e dando início a uma de suas lentas caminhadas, entre a mesa e a janela.

Enquanto andava, cofiava a barba curta, um gesto nervoso, comparável a um esfregar de mãos. Alric começara a deixá-la crescer um pouco antes da viagem de Arista. Mas a barba ainda não estava totalmente fechada. Ela achava que Alric a havia deixado se desenvolver para ficar mais parecido com o pai. O rei Amrath usava uma barba escura e espessa, mas os fiapos castanhos de Alric apenas enfatizavam a juventude. Ele ainda piorava a situação, pois aquele cofiar constante atraía a atenção de todos. Arista se recordou da maneira como o pai tamborilava os dedos durante as reuniões oficiais. Sob o peso da coroa, a pressão era sempre crescente, até que surgisse alguma válvula de escape.

O irmão era dois anos mais jovem e ela sabia que não esperava ser coroado tão cedo. Durante anos, Arista ouvira os planos de Alric, que pretendia desbravar o mundo em companhia do amigo Mauvin Pickering. Os dois queriam viver grandes aventuras, com mulheres desconhecidas, muito vinho e pouco sono. Tinham até a esperança de encontrar as ruínas de Percepliquis. Arista supunha que, quando se cansasse da estrada, ele voltaria para casa, de bom grado, se casaria com uma moça que tivesse a



metade da idade dele e geraria muitos filhos saudáveis. Somente então, com têmporas grisalhas e outras ambições satisfeitas, esperava herdar a coroa. Tudo isso mudou na noite em que seu tio Percy tramou o assassinato do pai deles e transformou Alric em rei.

— Talvez seja uma armadilha, Vossa Majestade — sugeriu lorde Valin. — Um plano para surpreendê-lo com a guarda baixa.

Lorde Valin, um cavaleiro idoso, dono de uma espessa barba branca, era conhecido pela coragem, mas não pelas habilidades de estrategista.

— Lorde Valin — chamou Sir Ecton, dirigindo-se ao nobre com o devido respeito —, depois de nosso fracasso nas margens do Galewyr, o exército imperial está em condições de tomar Medford facilmente, não importa se estivermos com a guarda baixa ou não. Nós sabemos disso, e eles também. Para conquistar Medford, só precisam aceitar a ideia de molhar os pés.

Alric foi até a janela da varanda, por onde a luz da tarde entrava no salão de banquetes do Castelo de Essendon. A área servia de sala de guerra, pois a condução da defesa do reino exigia um local espaçoso. Em vez das alegres tapeçarias, as paredes agora exibiam grandes mapas, marcados com linhas vermelhas que indicavam a trágica retirada conduzida pelas forças de Melengar.

— Não entendo — repetiu Alric. — É muito estranho. O exército imperial tem um contingente dez vezes maior que o nosso. Contam com uma cavalaria pesada, armas específicas para cercos e arqueiros. Eles têm tudo o que precisam. Então, por que estão parados do outro lado do rio? Por que pararam agora?

— Não faz o menor sentido, sob qualquer perspectiva militar, senhor — respondeu Sir Ecton. Um homem poderoso, dotado de temperamento forte, era o primeiro-general e comandante das forças de Alric. Era também o melhor dos vassalos do conde Pickering e considerado por muitos o melhor cavaleiro de Melengar. — A minha experiência me diz que as decisões mais

desastradas em combates resultam de opções políticas feitas com pouca ou nenhuma experiência no campo de batalha.

O conde Kendell, sujeito barrigudo e irritadiço que sempre usava uma túnica verde vivo, arregalou os olhos e disse:

— Cuidado com a língua e lembre-se de quem está em volta do senhor! Ecton se pôs de pé.

— Eu tomei cuidado com a língua e qual foi o resultado?

— Sir Ecton! — bradou Alric. — Estou ciente de sua opinião sobre a minha decisão de atacar o acampamento imperial.

— Foi loucura tentar um assalto do outro lado do rio, sem qualquer possibilidade de flanquear — retorquiu Ecton.

— Mas foi essa a minha decisão — retrucou Alric, cerrando os punhos. — Achei que fosse... necessário.

— Necessário? Necessário! — Ecton cuspiu a palavra, como se tivesse algo podre dentro da boca. Parecia que voltaria a falar, mas o conde Pickering se levantou e Sir Ecton sentou-se.

Arista já havia visto aquele comportamento. Muitas vezes, Ecton olhava para o conde Pickering antes de acatar uma ordem dada por Alric. E não era o único. Era evidente que, embora fosse o rei, seu irmão não conseguira conquistar o respeito da nobreza, do exército e do povo.

— Talvez Ecton tenha razão — disse o jovem marquês Wymar —, quando se refere a opções políticas. — E acrescentou, imediatamente: — Todos sabemos que o conde de Chadwick é um tolo pedante. Não existiria a possibilidade de Ballentyne ter dado ordens a Breckton para só atacar depois que Archibald chegasse? Com toda certeza, a posição dele na corte imperial seria beneficiada se ele comandasse, pessoalmente, o assalto que resultou na anexação de Melengar ao Novo Império.

— Isso explicaria o retardamento do ataque — respondeu Pickering com seu tom paternal, que Arista sabia ser objeto do desprezo de Alric. — Mas

nossos batedores nos informam que grandes números de homens estão se destacando e, segundo consta, seguindo para o sul.

— Uma simulação, talvez? — perguntou Alric.

Pickering balançou a cabeça.

— Conforme Sir Ecton ressaltou, não haveria necessidade disso.

Vários outros conselheiros concordaram, pensativos.

— Algo deve estar acontecendo para a imperatriz convocar novamente as tropas — ponderou Pickering.

— Mas o quê? — indagou Alric, sem se dirigir a ninguém em especial. — Eu bem que gostaria de saber que tipo de pessoa ela é. É impossível prever as ações de um estranho. — Ele se virou para a irmã. — Arista, você conhece Modina e conviveu com ela em Dahlgren. Como ela é? Você faz ideia de por que ela estaria fazendo o exército recuar?

Uma lembrança cruzou a mente de Arista: ela e a jovem presas no topo da torre. Na ocasião, Arista ficara paralisada de medo, mas Thrace vasculhara o monte de escombros e membros humanos à procura de uma arma com a qual pudesse enfrentar um monstro invencível. Seria bravura ou seria ela tão ingênua que não percebesse a inutilidade daquele esforço?

— A jovem que conheci, chamada Thrace, era uma menina meiga e inocente que só queria o amor do pai. A Igreja pode ter mudado o nome dela para Modina, mas não acho que tenha conseguido mudá-la. Não foi ela que ordenou essa invasão. Ela não queria governar nem o vilarejo, quanto mais conquistar o mundo. — Arista balançou a cabeça. — Ela não é nossa inimiga.

— Uma coroa é capaz de modificar uma pessoa — comentou Sir Ecton, arregalando os olhos em direção a Alric.

Arista se levantou.

— É mais provável estarmos lidando com a Igreja e um grupo de imperialistas conservadores. Duvido muito de que uma moça da zona rural de Dunmore seja capaz de influenciar as atitudes arcaicas e as opiniões

inflexíveis de tantas mentes que resistiriam, em vez de colaborar com um novo governante — falou ela, encarando Ecton. Por cima do ombro do cavaleiro, ela notou que Alric se encolhera.

A porta do salão se abriu e Julian, o velho lorde camareiro, entrou. Depois de uma reverência profunda, ele bateu duas vezes com o cajado no piso de lajotas.

— O guardião real, Royce Melborn, Vossa Majestade.

— Faça-o entrar imediatamente.

— Não alimente grandes esperanças — aconselhou Pickering ao rei. — Eles são espiões, não milagreiros.

— Pelo que pago a eles, espero milagres. Não creio que seja injusta a expectativa de receber pelo que paguei.

Alric empregava diversos informantes e batedores, mas nenhum deles era tão eficiente como a Riyria. Arista havia contratado Royce e Hadrian para raptarem seu irmão, na noite em que o rei, seu pai, foi morto. A partir de então, os serviços deles se tornaram indispensáveis.

Royce entrou sozinho no salão de banquetes. Com baixa estatura, cabelos e olhos castanho-escuros, ele sempre trajava camadas de roupas pretas: uma túnica à altura dos joelhos, uma capa comprida e esvoaçante e, como de hábito, não portava qualquer arma à vista. Era ilegal portar armas na presença do rei, mas, considerando que ele e Hadrian haviam salvado a vida do monarca em duas ocasiões, Arista supunha que a guarda real não o revistara detidamente. Ela não tinha dúvida de que Royce levava consigo o célebre punhal de lâmina branca, e que, para ele, a lei constituía uma mera formalidade.

Royce se curvou diante da assembleia.

— Então? — indagou o irmão da princesa, com a voz ligeiramente alta e desesperada. — Descobriu alguma coisa?

— Sim, Vossa Majestade — respondeu Royce, mas sua fisionomia se manteve tão impassível que nada mais se podia deduzir, fosse para o bem ou

para o mal.

— Então exponha logo. O que descobriu? Eles estão mesmo indo embora?

— Sir Breckton recebeu ordens para retirar todas as tropas, exceto um pequeno contingente, e conduzir o grosso do exército imediatamente para o sul.

— Então é mesmo verdade? — indagou o marquês Wymar. — Mas por quê?

— Sim, por quê? — repetiu Alric.

— Porque o reino de Rhenydd foi invadido pelos nacionalistas de Delgos. Um olhar de surpresa correu pelo salão.

— A gentilha de Degan Gaunt está invadindo Rhenydd? — questionou o conde Kendell, estupefato.

— E está se saindo muito bem, segundo a mensagem que li — informou Royce. — Gaunt os comandou numa campanha pelo litoral, em que todas as aldeias e cidades foram tomadas. Ele chegou a saquear Kilnar e Vernes.

— Ele saqueou Vernes? — perguntou Ecton, abismado.

— É uma cidade de tamanho considerável — comentou Wymar.

— E fica a poucos quilômetros de Ratibor — acrescentou Pickering. — De onde eles estão, em menos de um dia de marcha, não é possível chegar à capital imperial?

— Não é de estranhar que o Império esteja chamando Breckton de volta — declarou Alric, olhando para o conde. — Foi você que falou em milagres?



— Eu me recuso a acreditar que você não tenha conseguido um aliado sequer — disse Alric, repreendendo Arista e desabando no trono.

Os dois estavam a sós no salão de recepção, o ambiente mais sofisticado do castelo. Aquele salão, o grande salão de baile, o salão de banquete e o saguão de entrada eram os cômodos que a maioria das pessoas costumava ver. Tolin, o Grande, construía aquele espaço no intuito de intimidar. O teto, a uma altura de três andares, ensejava uma visão impressionante, e o balcão interno, que circundava as paredes, propiciava uma vista belíssima do assoalho de madeira, marchetado com a divisa do falcão real. Fileiras duplas, com 12 pilastras de mármore, formavam uma extensa galeria, semelhante à de uma igreja, mas, em vez de um altar, havia um pequeno palanque. No topo de sete degraus construídos em forma de pirâmide ficava o trono de Melengar — o único assento no interior do grande salão. Quando Arista e Alric eram crianças, o trono lhes parecia impressionante, mas agora, com Alric desabado nele, Arista se deu conta de que o trono não passava de uma poltrona espalhafatosa.

— Eu tentei — respondeu ela, sentada nos degraus em frente ao trono, conforme costumava fazer no tempo de seu pai. — Todos já haviam jurado aliança ao Novo Império — explicou Arista, apresentando ao irmão o relato desmoralizante dos últimos seis meses de fracassos.

— Você e eu formamos uma dupla e tanto. Você fez pouco na condição de embaixadora e eu quase nos destruí com aquele ataque do outro lado do rio. Muitos nobres estão começando a expressar descontentamento. Em breve, Pickering não vai mais conseguir conter gente como Ecton.

— Confesso que fiquei chocada quando soube do ataque. O que o levou a fazer uma coisa dessas? — perguntou ela.

— Royce e Hadrian interceptaram planos do próprio Breckton. Ele estava prestes a deflagrar um ataque em três frentes. Eu precisava fazer um ataque preventivo. Minha esperança era pegar os imperialistas de surpresa.

— Bem, pelo jeito, no fim das contas, a coisa deu certo. O ataque deles foi retardado.

— É verdade, mas de que adianta isso, se não conseguirmos recrutar aliados? Qual foi a reação em Trent?

— Bem, eles não negaram, mas tampouco aceitaram. A influência da Igreja nunca foi muito decisiva lá no norte, mas eles não têm ligações conosco. Tudo o que querem é ficar do lado vencedor. Ao menos vão aguardar para ver o desfecho da situação. Não querem se unir a nós porque acham que não temos a menor chance de vencer. Mas, se conseguirmos mostrar-lhes algum indício de sucesso, é possível que se convençam a se aliar a nós.

— Eles não percebem que estão na mira do Império?

— Eu disse isso, mas...

— Mas o quê?

— Eles não foram muito receptivos ao que tinha a dizer. Os homens de Lanksteer são brutos e conservadores. Só respeitam a força. Eu teria me saído melhor se conseguisse espancar o rei até ele perder os sentidos. — Ela hesitou. — Acho que não entenderam bem a minha posição.

— Eu nunca deveria ter enviado você — lamentou Alric, passando a mão pelo rosto. — O que estava se passando na minha cabeça quando nomeei uma mulher embaixadora?

As palavras doeram como uma bofetada.

— Concordo que isso foi uma desvantagem em Trent, mas nos outros reinos não creio que o fato de eu ser mulher...

— Bruxa, então — interrompeu Alric, bruscamente. — Pior ainda. Aqueles nobres de Warric e Alburn são todos devotos, e o que eu faço? Eu lhes envio uma embaixadora que a Igreja acusou de bruxaria.

— Não sou uma bruxa! — retrucou ela. — Não fui condenada por coisa alguma, e qualquer pessoa que tenha um cérebro sabe que aquele julgamento foi armação de Braga e Saldur para pôr as mãos no nosso trono.

— A verdade não importa. Todos acreditam naquilo que a Igreja diz. Disseram que você é uma bruxa e isso já basta. Veja o caso de Modina. O

patriarca a proclama Herdeira de Novron e todos acreditam. Eu nunca deveria ter me colocado contra a Igreja. Mas, depois que Saldur nos traiu e a sentinela matou Fanen, eu não podia cair de joelhos. Quando expulsei os sacerdotes e proibi o diácono Tomas de falar o que tinha acontecido em Dahlgren, o povo se rebelou. Oficinas na Praça da Nobreza foram incendiadas. Pude ver as chamas da minha janela, pelo amor de Maribor! A cidade inteira poderia ter se incendiado. O povo queria a minha cabeça. Tinha gente diante do castelo, queimando bonecos feitos à minha semelhança e gritando: “Morte ao rei herege!” Você pode imaginar a situação? Há poucos anos o povo me chamava de herói. Minha saúde era brindada em cada taverna, mas agora... É impressionante a rapidez com que o povo se volta contra o rei. Precisei recorrer ao exército a fim de restaurar a ordem.

Alric levantou os braços, retirou a coroa e ficou girando nas mãos o diadema de ouro.

— Eu estava em Alburn, na corte do rei Armand, quando soube disso — expôs Arista, balançando a cabeça.

Alric depositou a coroa sobre o braço do trono, fechou os olhos e suavemente bateu a cabeça no espaldar.

— O que vamos fazer, Arista? Os imperialistas vão voltar. Assim que lidar com a gentilha de Gaunt, o exército vai retornar. — Alric abriu os olhos e, inconscientemente, levou uma das mãos em direção à garganta. — Acho que eles vão me enforcar, não vão? Ou será que costumam decapitar o rei? — Seu tom de voz era de resignação, o que a surpreendeu.

O menino descontraído que ela conhecera desaparecia diante de seus olhos. Mesmo que o Novo Império fracassasse e Melengar resistisse, Alric jamais seria o mesmo. Em vários sentidos, no fim das contas, seu tio havia conseguido aniquilá-lo.

Alric olhou para a coroa, apoiada sobre o braço do trono.

— Eu me pergunto o que o nosso pai faria.



— Ele nunca precisou enfrentar uma situação como esta. Desde que Tolin derrotou Lothomad, em Campos de Drondil, nenhum rei de Melengar sofreu qualquer invasão.

— Como eu sou sortudo!

— Como *nós* somos sortudos!

Alric concordou.

— Ao menos ganhamos um pouco de tempo. Isso já é alguma coisa. O que você acha da ideia de Pickering, de enviar o *Ellis Far* pelo litoral, até Tur Del Fur, e tentar um contato com o líder nacionalista... esse tal de Gaunt?

— Sinceramente, acho que firmar uma aliança com Gaunt é a nossa única saída. Isolados, não temos a menor chance contra o Império — disse Arista, concordando com a ideia.

— Mas os nacionalistas? Eles, por acaso, são melhores que os imperialistas? São tão contrários à monarquia quanto os imperialistas. Não querem ser governados por quem quer que seja.

— Quando se está sozinho e cercado por inimigos, não se pode ser muito exigente na escolha de amigos.

— Não estamos completamente sozinhos — retrucou Alric, corrigindo a irmã. — O marquês Lanaklin se uniu a nós.

— Grande coisa! O Império confiscou as posses dele. O marquês agora não passa de um refugiado. Só veio para cá porque não tinha para onde ir. Se recebermos mais aliados como ele, vamos ficar na penúria por termos de alimentá-los. Nossa única chance é contatar Degan Gaunt e formar uma aliança. Se Delgos se unir a nós, talvez isso baste para que Trent fique do nosso lado. Se isso acontecer, poderemos desferir um golpe mortal nesse Novo Império de Nyphron.

— Você acha que Gaunt vai concordar?

— Não vejo por que não — disse Arista. — O benefício será mútuo. Tenho certeza de que consigo uma audiência com ele e confesso que até gostaria de fazer a viagem. Um oceano vai ser bem-vindo depois daquela

carruagem. Enquanto estiver fora, mande alguém consertá-la, ou, melhor ainda, encomende uma nova. E peça um estofamento reforçado...

— Você não vai a lugar algum — interrompeu Alric, recolocando a coroa na cabeça.

— O que você disse?

— Enviarei Linroy para negociar com Gaunt.

— Mas eu sou embaixadora e membro da família real. Ele não pode negociar tratados ou alianças com...

— Claro que pode. Linroy é um negociador e um estadista experiente.

— Ele é o tesoureiro real. Isso não o qualifica como estadista.

— Ele já firmou dezenas de tratados de comércio — interpôs Alric.

— O sujeito é um contador! — exclamou ela, levantando-se.

— Talvez você não saiba, mas outras pessoas também têm habilidades.

— Mas por quê?

— Como você disse, você é membro da família real. — Alric desviou o olhar, erguendo os dedos para cofiar a barba. — Faz ideia da posição em que eu ficaria se você fosse capturada? Estamos em guerra. Não posso correr o risco de você ser detida para um pedido de resgate.

Arista o encarou.

— Você está mentindo. A questão nada tem a ver com resgate. Você acha que estou aquém da responsabilidade.

— Arista, a culpa é minha. Eu não deveria ter...

— Não deveria ter o quê? Nomeado a sua irmã bruxa para o cargo de embaixadora?

— Não diga isso...

— Sinto muito, Vossa Majestade, o que o senhor queria que eu dissesse? Como deveria reagir quando me dizem que sou imprestável, que sou motivo de constrangimento, que deveria ficar sentada no meu quarto, que...

— Eu não disse nada disso. Pare de colocar palavras na minha boca!

— É isso o que você está pensando. É o que todos estão pensando.

— Agora você é vidente também?

— Você vai negar?

— Que droga, Arista! Você viajou durante seis meses! — exclamou Alric, esmurrando o braço do trono. O baque surdo reverberou nas paredes, como o toque de um tambor. — Seis meses e nenhuma aliança. Você mal conseguiu um “talvez”. Foi uma atuação sofrível. Esse encontro com Gaunt é importante demais. Pode ser nossa última chance.

Ela se pôs de pé.

— Desculpe-me, Vossa Majestade. Desculpe-me por ter sido um fracasso tão completo. Será que tenho sua permissão para me retirar?

— Arista, não...

— Por favor, Vossa Majestade, a minha frágil estrutura feminina não é capaz de tolerar uma discussão acalorada como esta. Acho que vou desmaiar. Talvez se eu me retirar para meus aposentos, possa preparar uma poção mágica que me faça recuperar as forças. E posso também aproveitar a oportunidade e enfeitiçar uma vassoura, para poder sair voando pelas cercanias do castelo e respirar um pouco de ar puro.

Ela deu meia-volta e se retirou, batendo, com um estrondo, a grande porta de carvalho.

Do outro lado, ela se encostou à porta, esperando um instante, perguntando-se se Alric viria logo atrás.

*Será que ele vai pedir desculpas, retirar o que disse e concordar com a minha ida?*

Apurou os ouvidos, na expectativa do som dos sapatos dele sobre o assoalho.

Silêncio.

Gostaria de dominar a magia, pois, nesse caso, ninguém poderia impedi-la de se encontrar com Gaunt. Alric tinha razão: aquela era a última chance. E ela não deixaria o destino de Melengar nas mãos de Dillnard Linroy, o

extraordinário estadista. Além do mais, ela havia fracassado, e caberia a ela própria compensar a situação.

Arista ergueu o olhar e avistou Tim — ou Tommy — encostado a uma parede, roendo as unhas. Ele olhou para ela e sorriu.

— Espero que a senhorita esteja se dirigindo à cozinha. Estou morrendo de fome... Quase devorando os meus dedos — disse ele, em meio a uma risada.

Afastando-se da porta, ela desceu o corredor, às pressas. Quase não viu Mauvin Pickering sentado no parapeito de uma janela voltada para o pátio. Com os pés erguidos do chão, os braços cruzados e as costas apoiadas na moldura da janela, ele parecia um gato descansando ao sol. Ainda usava luto.

— Problemas com Sua Majestade? — perguntou ele.

— Ele está se comportando como um imbecil.

— O que ele fez dessa vez?

— Substituiu-me por aquele babão miserável, Linroy. Ele vai enviar Linroy no *Ellis Far* no meu lugar para tentar um contato com Gaunt.

— Dillnard Linroy não é um mau sujeito. Ele é...

— Escute, neste momento não estou interessada em ouvir que Linroy é maravilhoso. Neste momento eu o odeio.

— Desculpe.

Ela olhou para a cintura dele e imediatamente Mauvin desviou a atenção de volta à janela.

— Ainda não está usando? — perguntou ela.

— Não combina com o meu traje. O cabo de prata não vai bem com preto.

— Já faz mais de um ano desde que Fanen morreu.

Mauvin se virou bruscamente.

— Desde que foi assassinado por Luis Guy, você quer dizer.

Arista respirou fundo. Não estava acostumada ao novo Mauvin.

— Você agora não é o guarda-costas de Alric? Não é difícil ser guarda-costas sem espada?

— Até o momento isso não causou problema algum. Sabe de uma coisa? Tenho um plano. Fico sentado aqui, olhando para os patos lá no pátio. Bem, não se trata de um plano, propriamente, mas de uma estratégia, ou talvez um esquema. Em todo caso, este é o local onde meu pai nunca vai me procurar; então posso ficar sentado aqui o dia todo, olhando aqueles patos, andando para lá e para cá. No ano passado, eram seis. Sabia disso? Agora são só cinco. Não faço ideia do que aconteceu com o que sumiu. Tenho procurado, mas acho que ele não vai voltar.

— Não foi sua culpa — declarou ela com amabilidade.

Mauvin estendeu o braço e correu as pontas dos dedos pelas bordas da janela.

— Foi sim.

Ela apoiou a mão no ombro dele e pressionou de leve. Não sabia mais o que fazer. Primeiro, ela perdera a mãe, depois o pai, depois Fanen e, finalmente, Hilfred — todos partiram. E parecia que Mauvin também estava indo embora. O menino que gostava mais da espada do que dos presentes da Festa do Inverno, de bolo de chocolate ou de nadar num dia de calor se recusava a tocar na arma. O primogênito do conde Pickering, que um dia desafiara o sol para um duelo, porque havia chovido durante uma caçada, passava o tempo contando os patos.

— Não importa — observou Mauvin. — O fim do mundo está próximo. — Ergueu os olhos em direção a ela. — Você acabou de dizer que Alric vai enviar aquele filho da mãe do Linroy no *Ellis Far*... Ele vai é matar todos nós.

Por mais que se controlasse, Arista não conseguiu evitar uma risada. Ela deu um soquinho no ombro dele e um beijinho no rosto.

— É assim que se fala, Mauvin. Continue vendo o lado bom das coisas.

Ela se afastou e continuou a descer pelo corredor. Quando passou diante do gabinete do lorde camareiro, o velho saiu correndo de lá de dentro.

— Vossa Alteza? — chamou ele, com uma expressão de alívio. — O guardião real, Royce Melborn, está aguardando para saber se seus serviços ainda serão necessários. Parece que ele e o parceiro estão pensando em tirar umas férias, a menos que o rei precise de algo urgente. Posso dispensá-lo?

— Sim, é claro... Não, espere! — Arista lançou um olhar em direção ao guarda-costas. — Tommy, você tem razão. Estou com fome. Seja cavalheiro e vá até a cozinha pegar uma travessa com frango, ou qualquer coisa que encontrar. Eu espero aqui.

— Claro, mas meu nome é...

— Depressa, antes que eu mude de ideia. — Ela esperou até que ele se afastasse pelo corredor, então virou-se para o lorde camareiro. — Onde Royce está aguardando?

## CAPÍTULO 4

### A NATUREZA DO CERTO



A taverna Rosa e Espinho estava praticamente vazia. Muitos clientes haviam saído de Medford, com receio da invasão iminente. Apenas os servos por contrato e os que eram tão pobres, fracos ou teimosos que não podiam ir embora tinham ficado. Royce encontrou Hadrian sentado sozinho na Sala do Losango, os pés apoiados numa cadeira vazia e um caneco de cerveja na mão. Sobre a mesa havia dois canecos vazios, um caído de lado, enquanto Hadrian o fitava com uma expressão melancólica.

— Por que você não foi ao castelo? — perguntou Royce.

— Eu sabia que você podia lidar sozinho com a situação — respondeu Hadrian, continuando a fitar o caneco e inclinando ligeiramente a cabeça.

— Parece que as nossas férias vão ter de ser adiadas — contou Royce, puxando uma cadeira e sentando-se. — Alric tem mais um serviço para nós. Ele quer que a gente contate Gaunt e os nacionalistas. Os detalhes ainda estão sendo definidos. A princesa vai enviar um emissário até aqui.

— Sua Alteza está de volta?

— Chegou hoje pela manhã.

Royce enfiou a mão no colete, retirou um saquinho e o depositou diante de Hadrian.

— Eis a sua metade. Você já pediu o jantar?

— Eu não vou — anunciou Hadrian, balançando com o polegar o caneco tombado.

— Não vai?

— Não consigo mais fazer essas coisas.

Royce arregalou os olhos.

— Por favor, não comece tudo de novo. Se você ainda não notou, tem uma guerra acontecendo. É o melhor momento para trabalharmos. Todo mundo precisa de informação. Você sabe quanto dinheiro...

— Essa é exatamente a questão, Royce. Estamos no meio de uma guerra e o que eu estou fazendo? Estou lucrando com ela, em vez de lutar. — Hadrian deu mais um gole na cerveja e devolveu o caneco à mesa, com um gesto um tanto pesado, que fez os demais canecos chacoalharem. — Estou farto de ganhar dinheiro sendo desonesto. Não é a minha índole.

Royce olhou em redor. Três homens que faziam uma refeição olharam para eles, brevemente, e em seguida se desinteressaram.

— Nossos trabalhos nem sempre são por dinheiro — assinalou Royce. — Veja Thrace, por exemplo.

Hadrian exibiu um sorriso amargo.

— E veja o que aconteceu. Ela nos contratou para salvar seu pai. Você o tem visto por aí?

— Fomos contratados para pegar uma espada capaz de exterminar um monstro. Ela pegou a espada. O monstro foi eliminado. Fizemos o nosso trabalho.

— O homem está morto.



— E Thrace, que não passava de uma boa camponesa, agora é uma imperatriz. Se todos os nossos serviços acabassem tão bem assim para os nossos clientes...

— Você acha, Royce? Acha mesmo que Thrace está feliz? Sabe, acredito que ela preferia o pai ao trono imperial, mas talvez esteja enganado... — Hadrian deu mais um gole e limpou a boca com a manga da camisa.

Mantiveram-se calados por um momento. Royce observou o amigo com o olhar vazio, fixado num ponto distante.

— Então você quer lutar nessa guerra, é isso?

— Seria melhor do que ficar sentado do lado de fora, como um abutre que se alimenta dos feridos.

— Certo. Então me diga uma coisa: de que lado você quer lutar?

— Alric é um bom rei.

— Alric? Alric ainda é um menino confrontando o fantasma do pai. Depois da derrota no Galewyr, os nobres preferem o conde Pickering a ele. Pickering se mantém bastante ocupado, lidando com os erros de Alric, como as rebeliões aqui em Medford. Quanto tempo vai demorar até que o conde se canse da incompetência de Alric e resolva que Mauvin está mais preparado para ocupar o trono?

— Pickering jamais se voltaria contra Alric — disse Hadrian.

— Não? Você já viu esse tipo de coisa acontecer muitas vezes.

Hadrian se calou.

— Ora! Esqueça Pickering e Alric. Melengar já está em guerra com o Império. Você já esqueceu quem é a imperatriz? Se você lutar do lado de Alric e ele vencer, como vai se sentir no dia em que a pobre Thrace for enforcada na Praça Real de Aquesta? Será que isso satisfaria a sua necessidade de uma causa nobre?

O rosto de Hadrian se contraiu e o maxilar ficou trincado.

— Não há causas nobres. Não existe bem e mal. O mal é a palavra com a qual definimos nossos adversários.

Royce pegou o punhal e o cravou, verticalmente, no tampo da mesa.

— Veja esta lâmina. Ela é brilhante ou escura?

Hadrian semicerrou os olhos, com um ar de desconfiança. A superfície reluzente de Alverstone cintilava, refletindo a luz da vela.

— Brilhante — respondeu ele.

Royce concordou.

— Agora, veja daqui, do ângulo em que estou olhando.

Hadrian se inclinou, posicionando a cabeça do outro lado da lâmina, onde a sombra a tornava escura como fuligem de chaminé.

— É o mesmo punhal — explicou Royce —, mas, de onde você estava sentado, a lâmina reluzia, enquanto para mim ela era escura. Então, quem está certo?

— Nenhum de nós — disse Hadrian.

— Não — retrucou Royce. — Esse é o erro que as pessoas sempre cometem, e elas cometem tal erro porque são incapazes de perceber a verdade.

— E a verdade é...

— Que nós dois estamos certos. Uma verdade não anula a outra. A verdade não reside no objeto, mas na maneira como nós o vemos.

Hadrian olhou para o punhal e então para Royce.

— Em algumas ocasiões você é brilhante, Royce, mas em outras não faço a mínima ideia do que está falando.

A expressão de Royce traduziu frustração. Ele arrancou o punhal do tampo da mesa e voltou a sentar-se.

— Nos 12 anos em que a gente está junto, nunca pedi a você para fazer algo que eu não faria, ou que não faria sem você. Nunca menti para você e nunca o enganei. Eu nunca o abandonei e nunca o traí. Diga o nome de algum nobre sobre o qual você acha que poderá afirmar o mesmo daqui a 12 anos.

— Quer me trazer mais uma rodada? — gritou Hadrian.

Royce suspirou.

— Então você vai ficar aqui, sentado e bebendo? — Royce olhou para o amigo por mais um instante, então se levantou. — Vou para a casa de Gwen.

— Escute — deteve-o Hadrian. — Peço desculpas. Eu não sei explicar muito bem. Não me ocorre nenhuma metáfora com punhais que possa empregar para explicar o que estou sentindo. Só sei que não posso mais continuar fazendo o tipo de coisa que tenho feito até agora. Eu tentei encontrar um sentido nessa coisa toda. Tentei me convencer de que a gente havia realizado algum bem, mas, no fim das contas, preciso ser honesto comigo mesmo. Não sou ladrão nem espião. Ou seja: eu sei o que não sou. Eu só gostaria de saber o que sou. É provável que isso não faça muito sentido para você, não é?

— Faça-me um favor, ao menos — disse Royce, ignorando propositadamente a pergunta, vendo que a corrente de prata usada por Hadrian estava aparecendo embaixo do colarinho. — Como você vai ficar aqui, fique de olho na chegada do emissário do castelo enquanto eu estiver na casa de Gwen. Volto daqui a uma hora, mais ou menos.

Hadrian fez que sim.

— Diga a Gwen que mandei um beijo, certo?

— Claro — falou Royce, dirigindo-se à porta e experimentando aquela sensação horrível, aquele peso mórbido. Ele parou e olhou para trás.

*De nada adianta dizer a ele. Só faria tudo piorar.*



Fazia apenas um dia e meio que não se viam, mas Royce estava ansioso para rever Gwen. Embora a Casa de Medford estivesse sempre aberta, o movimento só era maior à noite. Durante o dia, Gwen incentivava as

meninas a aprender a costurar ou fiar, ofícios dos quais pudessem se valer para ganhar a vida na velhice.

Todas as jovens do bordel, mais conhecido como A Casa, conheciam e gostavam de Royce. Quando ele entrava, elas sorriam ou acenavam, mas não se dirigiam a ele. Sabiam que ele gostava de fazer surpresas a Gwen. Naquela noite, apontaram para a sala de visitas, onde Gwen, de pena em punho e diante do livro-caixa, concentrava-se numa pilha de pergaminhos. Imediatamente ela deixou tudo de lado assim que Royce cruzou a porta. Pulando da cadeira, ela correu em sua direção, com um sorriso tão largo que mal cabia no rosto, e deu-lhe um abraço tão apertado que ele mal pôde respirar.

— O que houve? — sussurrou ela, afastando-se e olhando nos olhos dele.

Royce admirava a facilidade com que Gwen conseguia ler seus pensamentos. Mas se recusou a responder, preferindo apenas olhar para ela, deliciando-se com o que via. Gwen tinha um belo rosto, de tez morena e olhos verde-esmeralda, ao mesmo tempo tão acessíveis e misteriosos. Em toda a sua vida e em todas as suas viagens Royce jamais conhecera alguém como ela.

Gwen havia disponibilizado uma saleta na taverna Rosa e Espinho, onde Hadrian e Royce faziam seus contatos profissionais, e nunca se preocupava com os riscos que corria. No entanto, eles não a utilizavam mais. Royce receava que a sentinela Luis Guy os localizasse no estabelecimento. Contudo, Gwen continuava a guardar o dinheiro deles e a zelar por eles, tarefas das quais se desincumbia desde que os conhecera.

Eles se conheceram 12 anos antes, numa noite em que soldados se apinhavam nas ruas e dois forasteiros surgiram no Distrito Baixo, trôpegos e cobertos de sangue. Royce ainda se recordava da figura turva de Gwen surgindo diante de seus olhos embaçados.

— Deixe comigo. Eu cuido de você — disse ela antes que ele perdesse os sentidos.

Royce jamais compreendera por que Gwen tinha decidido acolhê-los, pois o restante da população havia demonstrado o bom senso de fechar-lhes as portas. Quando recobrou os sentidos, encontrou-a dando ordens às meninas, como se fosse um general comandando a tropa. Gwen acolheu Royce e Hadrian, escondendo-os e confundindo as autoridades, e cuidou deles até que recuperassem a saúde. Nesse período, tomou providências e firmou pactos, a fim de garantir o sigilo da presença dos dois na Casa. Assim que se restabeleceram, eles partiram, mas Royce sempre voltava.

Um dia ela se recusou a recebê-lo e Royce ficou arrasado. Não demorou muito até que descobrisse o motivo. Com frequência, os clientes maltratavam as prostitutas, e as mulheres da Casa de Medford não eram exceção. No caso de Gwen, o agressor foi um nobre poderoso. Ele a espancara com tamanha violência que ela não queria ser vista. Não importava se o cliente era um cavalheiro ou um meliante, a autoridade policial jamais perdia tempo com queixas apresentadas por meretrizes.

Dois dias depois, o nobre foi encontrado morto. Seu corpo apareceu no centro da Praça da Nobreza, enforcado. As autoridades municipais fecharam a Casa de Medford e prenderam as prostitutas, que receberam um ultimato: se não identificassem o assassino, seriam executadas. Para surpresa geral, as mulheres passaram apenas uma noite na cadeia. No dia seguinte, o local foi reaberto e o delegado de Medford apresentou publicamente um pedido de desculpas pela detenção, acrescentando que doravante qualquer agressão às mulheres seria punida severamente, a despeito da posição social do agressor. A partir de então, a Casa de Medford prosperou, contando com uma proteção sem precedentes. Royce nunca tocou no assunto do incidente e Gwen nunca perguntou, mas ele tinha certeza de que ela sabia, assim como sabia da ascendência dele, antes mesmo que a revelasse.

No último verão, ao regressar de Avempartha, Royce decidira revelar a Gwen o seu segredo, pois queria ser totalmente franco e honesto. Jamais havia revelado o fato de que tinha sangue élfico a alguém, nem mesmo a

Hadrian. A expectativa dele era que ela o odiasse, fosse por ele ser um desprezível *mir*, fosse por tê-la enganado. Na ocasião, ele convidara Gwen para fazer uma caminhada pela beira do Galewyr, longe de qualquer pessoa, a fim de minimizar o vexame de uma reação irascível. Royce se preparou para o pior, revelou a verdade e esperou pela bofetada. Previamente, tinha decidido que não reagiria. Ela poderia até arrancar os olhos dele, se quisesse. Ele lhe devia algo assim.

— É claro que você tem sangue élfico — comentou ela, tocando a mão dele, delicadamente. — Isso era segredo?

Ela nunca explicou como obteve conhecimento do fato. Royce ficou tão exultante que não se deu ao trabalho de perguntar. Gwen sempre sabia o que se passava no coração dele.

— O que houve? — perguntou ela, novamente.

— Por que você não se preparou para partir?

Gwen parou e sorriu. Era assim que ela lhe dizia que Royce não levaria a melhor na conversa.

— Porque não é necessário. O exército imperial não vai nos atacar.

Royce ergueu uma das sobrancelhas.

— O próprio rei já fez as malas e seu cavalo está selado para deixar a cidade a qualquer momento, mas, ainda assim, você acha que sabe mais do que todos?

Ela confirmou.

— E como é que você sabe?

— Se houvesse a mínima chance de Medford ser invadida, você não estaria aqui, me perguntando por que não fiz as minhas malas. Eu estaria na garupa da Rata, agarrando-me com todas as forças, enquanto você a conduzia a pleno galope.

— Ainda assim — continuou ele —, eu me sentiria melhor se você fosse para o mosteiro.

— Não posso abandonar as minhas meninas.

— Leve as meninas com você. Myron tem bastante espaço.

— Você quer que eu leve prostitutas para se hospedar num monastério cheio de monges?

— Eu quero que você esteja segura. Além disso, Magnus e Albert estão lá, e posso garantir que eles *não são* monges.

— Vou pensar no assunto — respondeu ela, sorrindo. — Mas, como você vai partir em uma nova missão, posso esperar até que volte.

— Como você sabe essas coisas? — indagou ele, perplexo. — Alric deveria contratar você no nosso lugar.

— Eu sou de Cális. Isso está no meu sangue — declarou ela, piscando o olho. — Quando você vai?

— Em breve... Hoje à noite, talvez. Deixei Hadrian na Rosa e Espinho, esperando um emissário.

— Você já decidiu se vai contar a Hadrian?

Royce desviou o olhar.

— Ah, então é isso. Você não acha que deveria contar?

— Não. Só porque um mago enlouquecido... — Ele se deteve. — Escute, se eu disser o que vi, ele vai perder a razão. Se fosse uma mariposa, Hadrian voaria diretamente para a primeira chama que encontrasse. Ele é capaz de se sacrificar, se necessário, e para quê? Mesmo que seja verdade, toda essa história do Herdeiro aconteceu há séculos e nada tem a ver com Hadrian. É perfeitamente plausível que Esrahaddon estivesse apenas... Os magos brincam com as pessoas, sabia? É o que eles fazem. Ele me diz para manter sigilo e faz um estardalhaço, dizendo que devo levar o segredo para o túmulo. Mas você sabe muito bem que a expectativa dele é que eu conte a Hadrian. Não gosto de ser usado, e não vou deixar Hadrian se matar pelos caprichos de um mago.

Gwen se manteve calada, apenas olhando para ele com um sorriso sagaz.

— O que foi?

— Parece que está tentando se convencer das próprias palavras, mas não está sendo fácil. Acho que convém considerar que você é um tipo de pessoa e Hadrian é outro. Você está tentando zelar por ele, mas está usando *olhos de gato*.

— Estou usando o quê?

Momentaneamente desconcertada, Gwen olhou para Royce, então deu uma risadinha.

— Ah, pelo jeito a expressão é típica de Cális. Certo. Digamos que você seja um gato e Hadrian, um cão, e que você queira agradá-lo. Você oferece a ele um rato morto e fica surpreso quando ele não demonstra entusiasmo. O problema é que você precisa ver o mundo pelos olhos de um cão, para entender o que é melhor para ele. Se fizesse isso, constataria que um osso bem suculento seria uma opção melhor, ainda que para um gato tal opção não seja muito atraente.

— Então, você acha que devo permitir que Hadrian se exaspere e se sacrifique?

— Estou dizendo é que talvez, para Hadrian, lutar, ou até morrer, por alguma coisa ou por alguém seja o mesmo que um osso para um cachorro. Além disso, você precisa se perguntar: o segredo é mesmo pelo bem dele ou pelo seu?

— Primeiro punhal, agora cães e gatos — murmurou Royce.

— Como?

— Nada. — Ele passou as mãos pelos cabelos dela. — Como você ficou assim tão sábia?

— Sábia? — Gwen olhou para ele e riu. — Sou uma prostituta de 34 anos, apaixonada por um criminoso profissional. Isso lá é ser sábia?

— Se não souber a resposta, talvez valha a pena tentar ver através dos meus olhos.

Ele a beijou ardentemente, abraçando-a com força. Lembrou-se do que Hadrian dissera e se perguntou se não estava sendo um tolo por não querer



se apegar a Gwen. Fazia algum tempo que ele notava seu próprio sofrimento a cada despedida, e a sensação de infelicidade que o perseguia toda vez que se afastava dela. Royce não queria que aquilo acontecesse. Sempre tentava mantê-la a distância, tanto pelo bem dela quanto pelo dele. Royce levava uma vida arriscada, uma vida que só era possível porque não tinha laços, pontos fracos dos quais terceiros pudessem se valer para prejudicá-lo.

Os invernos fizeram-no se render. Nevascas e frio intenso mantinham a Riyria inativa, em Medford, durante meses. Em noites longas e escuras, diante do calor da lareira, os dois se aproximaram. Conversas informais se tornaram longas e íntimas, então evoluíram para abraços e confissões. Royce não foi capaz de resistir à bondade e à generosidade dela, tão sinceras. Gwen era absolutamente singular, um enigma que desafiava tudo o que esperava do mundo. Ela não fazia exigências, e queria tão somente a felicidade dele.

Seus sentimentos por Gwen acabaram resultando no período mais longo de detenção da Riyria, seis anos antes. Royce e Hadrian tinham aceitado um trabalho na primavera, o que os levou até Alburn. A ideia de se afastar de Gwen pesava sobre Royce, sobretudo porque ela não estava bem. Gwen havia contraído uma forte gripe e estava em péssimas condições físicas. Ela afirmava que não era sério, mas estava pálida e quase não comia. Royce não queria ir, mas ela insistiu. Ele ainda se lembrava do rosto dela, com aquele sorrisinho corajoso, tremulando nos cantos dos lábios no momento em que ele partiu.

O trabalho foi malsucedido. Royce não conseguiu se concentrar, cometeu erros e a dupla ficou um bom tempo no calabouço do Castelo de Blythin, apodrecendo. Royce ficou o tempo inteiro pensando em Gwen, perguntando-se como estaria a saúde dela. À medida que os meses se passavam, começou a perceber que, se sobrevivesse, seria obrigado a pôr um fim ao relacionamento. Decidiu nunca mais voltar a vê-la, pelo bem de ambos. Mas, quando voltou a Medford, no instante em que a viu, sentiu o toque de suas mãos e o cheiro de seus cabelos, deu-se conta de que seria

impossível deixá-la. Desde aquela época, seus sentimentos apenas se intensificaram. E, agora, a ideia de ficar longe de Gwen, mesmo por uma semana, era uma verdadeira agonia.

Hadrian tinha razão. Ele deveria mudar de vida e levá-la consigo para algum lugar, talvez obter um pedaço de terra onde pudessem criar uma família. Algum lugar tranquilo, onde ninguém soubesse que Gwen havia sido uma prostituta e ele, um ladrão. Poderiam até ir para Avempartha, a velha fortaleza dos elfos. A torre estava desabitada e apenas quem conhecesse seus segredos poderia localizá-la. E, provavelmente, assim permaneceria por tempo indeterminado. A ideia era cativante, mas ele a rechaçou, dizendo para si mesmo que refletiria sobre a questão mais tarde. Naquele momento alguém esperava por ele, e isso levou-o a pensar mais uma vez em Hadrian.

— Acho que posso conferir a história de Esrahaddon. Hadrian seria um tolo se resolvesse sacrificar a própria vida à concretização do sonho de outra pessoa, mas, ao menos, posso descobrir se a história é autêntica, e não um simples truque de mágico.

— Como você vai saber?

— Hadrian cresceu em Hintindar. Se o pai dele foi um cavaleiro teshlor, é possível que tenha deixado alguma indicação. Ao menos, eu teria a palavra de outra pessoa, além de Esrahaddon. O nosso próximo serviço vai nos levar para o sul. Eu poderia fazer uma parada em Hintindar e ver se consigo descobrir alguma coisa. A propósito — disse ele com ternura —, desta vez vou ficar longe mais tempo do que o normal. Quero que você saiba disso para não se preocupar à toa.

— Eu nunca me preocupo com você — declarou ela.

A fisionomia de Royce expressou a sua mágoa.

Gwen sorriu.

— Eu *sei* que você vai voltar são e salvo.

— E como você sabe disso?

— Já vi suas mãos.

Royce olhou para ela, confuso.

— Já li suas mãos, Royce — explicou ela sem o menor toque de humor.

— Ou você já esqueceu que eu também ganho a vida como cartomante?

Royce não esqueceria, mas achava que a atividade era apenas um meio de ludibriar os supersticiosos. Só naquele momento percebeu como seria incongruente Gwen enganar pessoas.

— Você tem uma longa vida pela frente — prosseguiu ela. — Longa até demais... Uma das dicas de que você não é totalmente humano.

— Então eu não tenho com o que me preocupar no futuro?

O sorriso de Gwen desapareceu subitamente.

— O que foi?

— Nada.

— Pode dizer — insistiu ele, levantando delicadamente o queixo dela, até que Gwen pudesse olhá-lo nos olhos.

— É que... você precisa cuidar de Hadrian.

— Você leu as mãos dele também?

— Não — corrigiu ela —, mas a sua linha da vida se bifurca num ponto de decisão. Ou você vai seguir em direção às trevas e ao desespero, ou à virtude e à luz. A decisão será ocasionada por um evento traumático.

— Que tipo de evento?

— A morte do seu ente mais querido.

— Nesse caso, não deveria se preocupar com você mesma?

Gwen sorriu com afeto.

— Se fosse verdade, eu morreria feliz, Royce. A questão de Hadrian é séria. Por favor, cuide dele. Acho que ele precisa de você agora mais do que nunca. E temo por você, se algo acontecer a ele.



Quando voltou à Rosa e Espinho, Royce encontrou Hadrian sentado à mesma mesa, mas já não estava sozinho. Ao lado dele havia uma figura pequena, envolta num manto escuro. Hadrian parecia estar à vontade. Ou a pessoa ao lado dele era de confiança, ou então ele estava tão bêbado que já nem se importava.

— Pergunte a Royce quando ele chegar aqui — estava dizendo Hadrian. Erguendo o olhar, acrescentou: — Ah! Ele chegou bem na hora!

— Você veio de... — Royce parou de falar no momento em que se sentou e viu o rosto sob o capuz.

— Acho que foi a primeira vez que consegui surpreendê-lo, Royce — disse a princesa Arista.

— Não, não, isso não é verdade — respondeu Hadrian, dando uma risada. — Você o pegou de guarda baixa, quando estávamos presos a ferro na masmorra do seu castelo e nos pediu que raptássemos o seu irmão. Aquilo foi bem mais *imprevisível*, acredite.

Royce não gostou de encontrar a princesa numa taverna e Hadrian estava falando alto demais. Felizmente, a sala onde se achavam estava vazia. A maioria da limitada clientela preferia se reunir diante do bar, onde a porta ficava aberta, permitindo a entrada da agradável brisa do verão.

— Parece que aquilo aconteceu há tanto tempo... — comentou Arista, pensativa.

— Ela tem um serviço para você, Royce — declarou Hadrian.

— Para *nós*, você quis dizer.

— Já falei — afirmou Hadrian, olhando para ele, mas passando os olhos pela princesa também. — Resolvi me aposentar.

Royce o ignorou.

— O que ficou decidido?

— Alric quer contatar Gaunt e os nacionalistas — explicou Arista. — Ele acha, assim como todos nós, que, se pudermos coordenar nossos esforços, teremos condições de realizar um grande ataque. Além disso, uma aliança

com os nacionalistas pode muito bem constituir a vantagem de que precisamos para convencer Trent a entrar na guerra ao nosso lado.

— Tudo bem — respondeu Royce. — Era isso que eu esperava; mas você precisava trazer essa informação pessoalmente? Não confia nos seus emissários?

— Todo cuidado é pouco. Além disso, vou com vocês.

— Como é? — perguntou Royce, atônito.

Hadrian deu uma gargalhada.

— Eu sabia que você adoraria essa parte — disse ele, sorrindo com a satisfação de um homem abençoado pela imunidade.

— Sou embaixadora de Melengar, e essa missão é de natureza diplomática. As coisas estão acontecendo rápido e talvez as propostas precisem ser ajustadas, de acordo com a situação. Eu preciso ir, pois nenhum de vocês pode falar em nome do reino. Não posso confiar essa missão tão importante a quem quer que seja, nem mesmo a vocês dois. É provável que desse contato dependa a sobrevivência de Melengar por mais um ano. Espero que entendam a necessidade da minha presença.

Royce analisou a proposta durante alguns minutos.

— Você e o seu irmão compreendem que não posso garantir a sua segurança?

Ela fez que sim.

— E compreende também que, a partir de agora, até o momento em que encontrarmos Gaunt, vai ter de obedecer a Hadrian e a mim, e que não vai receber qualquer tratamento privilegiado em decorrência da sua posição?

— Não espero qualquer tratamento privilegiado. Mas é preciso que fique claro que eu represento Alric e que, como tal, a minha palavra vale como a dele. Portanto, em questões de segurança e procedimentos, vocês terão autoridade e vou seguir as suas instruções, mas, no que toca aos objetivos gerais da missão, me reservo o direito de redirecionar ou estender a missão, se necessário.

— E a senhorita também tem poderes para garantir pagamento adicional por serviço adicional?

— Sim.

— E eu vos declaro cliente e escolta — brincou Hadrian, com um sorriso.

— E você... — começou Royce, dirigindo-se a Hadrian. — É melhor tomar um café.

— Eu não vou, Royce.

— Do que ele está falando? — perguntou Arista.

Royce fez careta e balançou a cabeça.

— Não precisa fazer sinal para que ela se cale — disse Hadrian. Virando-se para a princesa, acrescentou: — Eu me demiti, oficialmente, da Riyria. Estamos divorciados. Royce agora está solteiro.

— É mesmo? — questionou Arista. — E o que você vai fazer?

— Vai curar essa bebedeira e juntar o equipamento dele.

— Royce, me escute. Estou falado sério. Eu não vou. Nada que você disser poderá mudar a minha posição.

— Uma coisa vai.

— O que é? Você vai apresentar mais um daqueles complicados argumentos filosóficos? Não vai funcionar. Eu já disse que, para mim, já deu. Acabou. Não estou brincando. Para mim, chega — declarou Hadrian, e olhou para o parceiro com um ar de desconfiança.

Royce apenas retribuiu o olhar com uma expressão presunçosa.

Finalmente, Hadrian perguntou:

— Certo. O que é? Agora estou curioso. O que você pode dizer para mudar a minha posição?

Royce hesitou durante alguns instantes, constrangido, e olhou de relance para Arista. Em seguida, suspirou e disse:

— Eu peço que você venha como um favor. Depois dessa missão, se você ainda quiser parar, não vou impedi-lo e a gente se separa na condição de

amigos. Mas agora peço a você, como meu amigo, por favor, venha comigo, uma última vez.

Naquele momento, a garçonete chegou à mesa.

— Mais uma rodada?

Hadrian não olhou para ela. Continuou a encarar Royce e então suspirou.

— Acho que não. Acho que vou querer uma caneca de café, forte e puro.

## CAPÍTULO 5

### SHERIDAN



Presa dentro do vestido longo e do manto que usava para cavalgar, Arista cozinhava, pois o calor do verão chegara cedo naquele dia. Para piorar, Royce insistiu para que viajasse com o capuz sobre a cabeça. Ela se perguntava se aquilo valia a pena, pois, em sua opinião, cavalgar toda embrulhada chamava tanta atenção quanto nua. As roupas grudavam na pele dela e era difícil respirar, mas nada dizia.

Royce seguia logo adiante, em sua égua cinzenta, que, para surpresa de Arista, chamava-se Rata. Um nome bonitinho — bem diferente do que ela esperava. Como sempre, Royce vestia preto e cinza, aparentemente ignorando o calor. Seus olhos vasculhavam o horizonte e as copas das árvores. Talvez o sangue élfico o tornasse menos suscetível à inclemência do clima. Embora já soubesse do fato havia um ano, Arista ainda se admirava da origem híbrida de Royce.

*Por que nunca notei?*



Hadrian seguia logo atrás dela, à direita, exatamente onde Hilfred costumava se posicionar. Aquela presença lhe emprestava uma conhecida sensação de segurança. Ela olhou para trás, em direção a Hadrian, e sorriu sob o capuz. Ele não era imune ao calor. Sua fronte estava encharcada de suor e a camisa grudara no peito dele, o colarinho desabotoado. As mangas arregaçadas revelavam os braços musculosos.

Um silêncio digno de nota marcava a jornada. Talvez fosse o calor, ou o desejo de escapar de ouvidos curiosos, mas a ausência de conversa negava à princesa a possibilidade de indagar a respeito do caminho que seguiam. Após deixarem Medford antes do alvorecer, rumaram para o norte, cruzando campinas e acompanhando trilhas abertas por animais até chegarem às montanhas. Então viraram a leste e tomaram a estrada. Arista compreendia a necessidade de discrição, e um trajeto alternativo ajudaria a confundir eventuais espiões, mas, ao invés de seguir para o sul, Royce os conduzia para o norte, o que não fazia o menor sentido. Ela se conteve durante horas enquanto continuavam a se afastar de Melengar, avançando em direção a Ghent. Arista tinha certeza de que Royce possuía seus motivos para optar por aquela rota e, depois que concordara em aceitar o comando deles, seria imprudente questionar decisões tão cedo na jornada.

Arista se viu novamente no planalto onde, no dia anterior, tinha avistado as tropas imperiais reunidas contra Melengar. Na outra margem do Galewyr, uma intensa atividade podia ser observada agora, pois o exército se preparava para partir. Barracas eram desarmadas, carroças, enfileiradas, e muitos homens começavam a formar colunas. Ela ficou fascinada com o tamanho do contingente e pensou que o número de soldados imperiais era superior ao de cidadãos que restavam em Medford.

As campinas cederam lugar às florestas e a vista desapareceu detrás do morro. A sombra trouxe pouco alívio em relação ao calor.

*Ah, se ao menos começasse a chover.*

O céu estava nublado, mas a chuva era incerta. Arista sabia, contudo, que era possível *fazer* chover.

Ela se lembrava de, pelo menos, dois métodos. Um incluía uma complexa poção e a incineração da respectiva mistura ao ar livre. Esse método se destinava a provocar precipitação em um dia, porém não era muito confiável e falhava mais vezes do que funcionava. O outro método era mais avançado e imediato, no entanto exigia grande habilidade e conhecimento. Podia ser realizado por meio de simples movimentos manuais, concentração e palavras. O primeiro método ela havia estudado na Universidade de Sheridan, e na ocasião a turma inteira tentara pôr em prática os procedimentos, mas o esforço não produziu uma gota de chuva sequer. Quanto ao segundo, Esrahaddon tentara lhe ensinar, mas, tendo em vista que a Igreja amputara suas mãos, ele não pôde demonstrar os complexos movimentos dos dedos. A mutilação constituía sempre o maior obstáculo nas aulas que ela havia tomado com ele. Arista estava prestes a desistir quando, um belo dia, quase por acaso, fez um guarda espirrar.

Experimentar pela primeira vez a força da Arte foi uma sensação estranha, como girar uma pequena manivela e engatar uma engrenagem. Ela havia conseguido, não por causa das instruções de Esrahaddon, mas porque estava farta dele. A fim de aliviar o tédio durante um banquete oficial, Arista revisava mentalmente as instruções dadas pelo mago. Propositalmente, ignorou as instruções e tentou algo novo. Agir com autonomia lhe pareceu mais fácil, mais simples. Descobrir a combinação certa de movimentos e sons foi como fazer soar a nota musical perfeita, no tempo exato.

Aquele espirro e um feitiço passageiro jogado por ela na condessa Amril foram seus únicos exercícios bem-sucedidos de magia durante todo o período de aprendizado com Esrahaddon. Arista fracassou no encantamento da chuva centenas de vezes. Depois que seu pai foi assassinado, parou completamente de praticar magia. Viu-se por demais

ocupada, auxiliando Alric a governar o reino, e não dispôs mais de tempo para aquelas brincadeiras infantis.

Arista olhou para o céu e pensou: *O que mais preciso fazer?*

Relembrou as instruções e, deixando as rédeas frouxas em torno do pescoço do cavalo, ensaiou no ar os delicados gestos. Conseguiu recordar as palavras com facilidade, mas os gestos estavam errados. Sentiu que os movimentos eram canhestros. Era preciso haver um padrão, um ritmo, uma cadência. Experimentou diversas variações e conseguiu sentir quais movimentos estavam certos e quais estavam errados. O processo era como encaixar peças de um quebra-cabeça mantendo os olhos vendados, ou como tirar de ouvido as notas de uma melodia. Ela tentava adivinhar cada gesto, até que, por mero acaso, conseguisse realizar um movimento correto. Então, depois de acrescentar o gesto correto aos demais, procurava o seguinte. O procedimento era entediante, porém mantinha a mente ocupada. Ela percebeu o olhar curioso de Hadrian, mas não ofereceu explicações nem ele fez perguntas.

Arista continuou a praticar os gestos, enquanto os quilômetros passavam, até que felizmente começou a cair uma chuva espontânea. Ela olhou para cima, de maneira que as gotas refrescantes batessem em seu rosto, e se perguntou se o tédio lhe propiciara a lembrança dos estudos de magia, ou se tal lembrança havia decorrido do fato de que agora estavam na estrada que levava à Universidade de Sheridan.

Sheridan existia para atender aos filhos de mercadores e escribas que precisavam obter conhecimentos de matemática e redação. A nobreza raramente frequentava a universidade, e futuros governantes, jamais. Reis não precisavam saber matemática nem filosofia. Para isso, eram contratados conselheiros. Aos reis bastava conhecer a forma correta de manejar uma espada, as táticas de manobras militares e o coração dos homens. E escolas não ensinavam esse tipo de coisa. Embora fosse rara a presença de um

príncipe ou do filho de um duque em Sheridan, a ideia de uma princesa frequentá-la era sem precedentes.

Arista havia passado alguns dos melhores anos de sua vida no vale da Universidade de Sheridan. Lá o mundo se abria para ela, e conseguira escapar do vazio sufocante que marcava a vida na corte. Em Melengar, sua função era a mesma das estátuas, um enfeite para as dependências do castelo. Em Sheridan, pôde esquecer que, no futuro, seria trocada como mercadoria, casando-se em benefício do reino.

O pai de Arista não gostava muito do interesse desmedido que ela demonstrava pelos livros, mas jamais a proibira de ler. Ela cultivava o hábito discretamente, fato que implicava um isolamento cada vez maior. Arista recorria a livros da coleção do escriba e a pergaminhos do acervo do clero. Com frequência, *pegava emprestados* volumes pertencentes ao bispo Saldur, que costumava deixar pilhas deles após visitas ao pai dela. A princesa passava horas lendo na segurança da torre, transportada para terras longínquas, onde, durante algum tempo, podia sentir-se feliz. Os livros enchiam sua cabeça com ideias, pensamentos sobre um mundo maior, aventuras além dos aposentos do castelo e sonhos de uma vida de bravura e heroísmo. Naqueles tesouros, descobriu a existência de Sheridan e, mais tarde, do Cárcere de Gutaria.

Arista se lembrava do dia em que pedira autorização ao pai para frequentar a universidade. De início ele negou terminantemente, e até riu, acariciando a cabeça dela. Naquela noite, chorou até pegar no sono, sentindo-se presa. Todas as suas ideias e ambições estavam trancafiadas numa prisão perpétua. Quando, no dia seguinte, seu pai mudou de opinião, Arista nunca teve a curiosidade de perguntar por quê.

*Por que viemos por aqui?*

A ignorância a deixava irritada — a paciência era uma virtude com a qual ainda se debatia. No momento em que desciam em direção ao vale no

qual a universidade se situava, Arista achou que uma simples pergunta não ofenderia. Ela abriu a boca, mas Hadrian foi mais rápido.

— Por que estamos indo para Sheridan? — perguntou ele, trotando para se aproximar de Royce.

— Informações — respondeu Royce com seu jeito brusco de sempre.

— A festa é sua. Só estou aqui de carona.

*Não, não, não*, pensou ela, *pergunte mais*. Arista aguardou. Hadrian deixou a montaria recuar um pouco. Era a deixa pela qual esperava. Precisava dizer alguma coisa.

— Vocês sabiam que estudei aqui? Devem procurar o professor de mitologia, Arcadius. O reitor é um fantoche da Igreja, mas Arcadius é confiável. Ele é um mago e foi meu mestre. Ele vai saber, ou então vai poder descobrir, o que querem elucidar.

Perfeito. A princesa se aprumou na sela, firmando a postura, satisfeita com o próprio desempenho. Por uma questão de boas maneiras, Royce agora deveria revelar suas intenções, pois ela demonstrara interesse e conhecimento sobre o assunto, além de ter oferecido ajuda. Arista aguardou. Nada. O silêncio voltou a imperar.

*Eu deveria ter feito uma pergunta. Algo que forçasse uma resposta. Droga!*

Trincando os dentes, relaxou a postura, decepcionada. Pensou em insistir, mas o momento já não era propício, e agora seria difícil acrescentar algo que não soasse como crítica. O trabalho como embaixadora lhe ensinara o valor da noção de oportunidade e da consciência de dignidade e autoridade de terceiros. Tendo nascido princesa, tal lição não tinha sido fácil. Arista preferiu se manter calada, ouvindo a chuva tamborilar em seu capuz e as montarias chafurdando na lama enquanto desciam rumo ao vale.



A estátua de pedra de Glenmorgan, segurando um livro numa das mãos e uma espada na outra, ficava no centro do campus. A estátua era cercada por calçadas, bancos, árvores, flores e vários edifícios. O número crescente de alunos levava à construção de uma série de prédios com anfiteatros e dormitórios, cada qual exibindo o estilo arquitetônico de seu tempo. Através da cortina cinzenta da chuva, a universidade parecia uma miragem, um sonho fantasioso e romântico concebido pela mente de um homem que havia passado a vida inteira guerreando. No entanto, o fato da existência de uma instituição de ensino superior naquele mundo de brutalidade e ignorância era mais do que um sonho; era um milagre, um testemunho da sabedoria de Glenmorgan.

Glenmorgan criara a universidade com a intenção de educar leigos, numa época em que poucas pessoas que não pertenciam ao clero sabiam ler. O sucesso da empreitada foi sem precedentes. Sheridan superou todos os demais centros de estudos, merecendo o elogio de patriarcas, reis e sábios. Além disso, desde cedo a universidade se estabeleceu como centro de intenso debate, com estudiosos envolvidos em disputas religiosas e políticas. Handel de Roe, professor de Sheridan, contrariando o desejo da Igreja de Nyphron, fez campanha para que Ghent reconhecesse a recém-criada república de Delgos. E mais: nas guerras civis vindas após o Império do Intendente, a universidade havia se posicionado abertamente ao lado dos monarquistas. Tal postura constrangeu a Igreja, que mantinha o controle de Ghent. A humilhação resultou no julgamento de três professores acusados de heresia: Cranston, Landoner e Widley, todos queimados vivos na praça central de Sheridan. O incidente calou a voz política da universidade por mais de um século, até que Edmund Hall, professor de geometria e mitologia, afirmou que, baseado em indicações obtidas em textos antigos, seria capaz de localizar as ruínas de Percepliquis. O professor desapareceu durante um ano e voltou trazendo livros e tábuas que revelavam artes e ciências consideradas extintas, despertando o interesse em tudo o que se

relacionasse ao Império. Naquele momento, existia na Igreja uma ortodoxia ferrenha, que proibia a posse ou a obtenção de relíquias sagradas, conforme eram considerados todos os artefatos do Antigo Império. Hall foi preso e trancado na Torre da Coroa, em Ervanon, com todos os seus apontamentos e mapas. Mais tarde, a Igreja declarou que Hall jamais havia encontrado a cidade e que os livros eram falsos, e não se ouviu mais falar dele.

O legado de Cranston, Landoner, Widley e Hall se personificara no atual professor de mitologia — Arcadius Vintarus Latimer. O velho instrutor de magia de Arista não se submetia aos ditames da etiqueta e muito menos aos da conveniência política ou religiosa. O reitor Lambert comandava a instituição, tendo em vista que a Igreja aprovava suas inclinações políticas, mas Arcadius era, sem dúvida, o coração e a alma de Sheridan.

— Vocês querem que eu os leve ao mestre Arcadius? — perguntou Arista, no momento em que deixavam as montarias aos cuidados do cavalição. — Ele é mesmo bastante inteligente e confiável.

Royce fez que sim e, prontamente, sob uma chuva agora torrencial, ela os levou ao Centro Glen, nome pelo qual, em deferência a Glenmorgan, a maioria dos alunos se referia ao primeiro prédio construído no Grande Colégio Imperial. Construção sofisticada, semelhante a uma catedral, o edifício exemplificava a grandeza típica do Império do Intendente, a mesma grandeza que faltava às demais edificações da universidade. Royce e Hadrian se mantiveram calados enquanto a seguiam pela escada, até o segundo andar, sacudindo a água acumulada em suas capas e seus cabelos. O interior do edifício estava quieto, abafado e quente. Considerando que muita gente poderia reconhecê-la, Arista se manteve oculta pelo capuz.

— Então, como vocês podem constatar, é possível transformar chumbo em ouro, mas seria necessário despender mais do que o valor do próprio ouro para que a transformação assumisse caráter permanente; portanto, o processo é totalmente inútil, ao menos no que diz respeito a esse método.

Arista ouviu a voz familiar de Arcadius projetando-se pelo corredor no momento em que eles se aproximavam do anfiteatro.

— Alguns indivíduos, entretanto, se valem da transformação temporária para enganar os incautos, criando um “ouro” que, horas depois, volta a ser chumbo.

No anfiteatro havia fileiras de bancadas e assentos, todos ocupados por alunos devidamente uniformizados. O palanque era ocupado pelo professor de mitologia, um ancião magro com capa azul, barba branca e óculos na ponta do nariz.

— O perigo é que, quando o ardil é descoberto, a vítima se mostra um tanto quanto insatisfeita. — O comentário produziu risos entre os estudantes. — Antes de dedicar suas faculdades mentais à ideia de fazer fortuna com ouro falso, convém a vocês saberem que o projeto já foi tentado. Geralmente, o resultado desse crime, e se trata de um *crime*, é a vítima descontar sua indignação contra o falsário na forma de uma execução sumária. É por isso que vocês não estão vendo seu professor de mitologia trajando as melhores sedas de Vandon, nem andando por aí em uma carruagem puxada por oito cavalos com um cortejo de criados.

Mais risos.

Arista não sabia dizer se a aula estava no final ou se Arcadius, avistando a aproximação deles, decidira encerrar os trabalhos mais cedo. Em todo caso, o professor de mitologia concluiu a sessão com lembretes acerca das tarefas e das datas das avaliações. Enquanto a maioria dos alunos se retirava, alguns cercaram o professor com perguntas, por ele respondidas pacientemente.

— Quero apresentá-los a ele — disse Arista enquanto desciam pelas fileiras de bancadas. — Eu sei que Arcadius parece um pouco... estranho, mas é muito inteligente.

— E o sapo explodiu, não foi? — dizia o mago a um jovem taciturno.

— E foi a maior sujeira, senhor — acrescentou o colega.



— Sim, costuma ser esse o caso — comentou Arcadius em tom de solidariedade.

O rapaz suspirou.

— Eu não entendo. Misturei o ácido nítrico, o ácido sulfúrico e a glicerina e dei a mistura para ele comer. Ele parecia estar bem. Conforme o senhor disse na aula, o estômago do sapo segurou a mistura, mas quando ele deu um salto... — Os ombros do rapaz se curvaram, enquanto, com um gesto das mãos, o colega simulava uma explosão.

O professor de mitologia deu uma risada.

— Da próxima vez, disseque o sapo antes e remova o estômago. As chances de ele pular serão bem menores. Agora corram para limpar a biblioteca, antes que o professor Falquin retorne.

Os dois rapazes saíram correndo. Royce fechou a porta do anfiteatro assim que eles entraram e a princesa achou que já podia retirar o manto com capuz.

— Princesa Arista! — exclamou Arcadius com satisfação, avançando em direção a ela com os braços abertos. Os dois trocaram um abraço afetuoso. — Vossa Alteza, que surpresa maravilhosa! Deixe-me contemplá-la. — Ele deu um passo atrás, ainda segurando as mãos de Arista. — Um pouco desarrumada, toda encharcada e sujando de lama a minha sala de aula. Que beleza! É como se a senhorita ainda estudasse aqui.

— Mestre Arcadius — falou a princesa formalmente —, permita-me lhe apresentar Royce Melborn e Hadrian Blackwater. Eles gostariam de lhe fazer algumas perguntas.

— Ah? — disse ele, olhando para os dois, com curiosidade. — Parece que o assunto é sério.

— É, sim — anunciou Hadrian, olhando em torno no anfiteatro, a fim de se certificar de que todos os alunos tinham se retirado; enquanto isso, Royce trancou a porta.

Arista percebeu a expressão de surpresa estampada no rosto do professor e explicou:

— Por favor, entenda que eles são pessoas cautelosas por uma questão de ofício.

— É o que estou vendo. Então, serei interrogado, é isso? — indagou Arcadius na defensiva.

— Não — respondeu ela. — Acho que eles só querem lhe fazer algumas perguntas.

— E se eu não as responder? Eles vão me espancar até que eu fale?

— Claro que não!

— A senhorita tem certeza? A senhorita disse que *acha* que eles só querem fazer perguntas. Mas acho que eles estão aqui para me matar, não é isso?

— O fato é que o senhor sabe coisas demais — declarou Royce ao mago, com um tom de voz subitamente perverso. Em seguida ele enfiou a mão dentro da capa, sacou o punhal e avançou para cima do idoso. — Está na hora de calar o senhor para sempre.

— Royce! — gritou Arista, horrorizada, virando-se para Hadrian, sentado tranquilamente na primeira fila de assentos do anfiteatro, comendo uma maçã retirada de cima da mesa do professor. — Hadrian, faça alguma coisa! — pediu ela.

O idoso cambaleou para trás, tentando se distanciar de Royce. Hadrian não reagiu, e continuou a comer a maçã, aparentando ser o homem mais despreocupado do mundo.

— Royce! Hadrian! — voltou a gritar Arista. Ela mal podia crer no que via.

— Desculpe, princesa — falou Hadrian, finalmente —, mas esse velhote já nos causou muitos problemas e Royce não costuma esquecer as dívidas com facilidade. É melhor a senhorita fechar os olhos.

— É melhor ela sair — acrescentou Royce. — Mesmo que não veja a cena, vai ouvir os gritos.

— Quer dizer que vocês não pretendem agir com rapidez? — murmurou o idoso.

Hadrian suspirou.

— Desta vez não sou eu quem vai limpar a sujeira.

— Mas vocês não podem fazer isso! Eu... Eu... — Arista ficou paralisada de horror.

Imediatamente, Royce se aproximou de Arcadius.

— Espere. — A voz do mago tremeu e ele levantou uma das mãos a fim de retardar o avanço. — Acho que tenho direito, ao menos, a uma pergunta antes de ser massacrado.

— Qual é a pergunta? — perguntou Royce, com um tom ameaçador, o punhal já erguido, brilhando.

— Como vai a sua querida Gwen?

— Ela vai bem — respondeu Royce, baixando a arma. — Ela me disse que não esquecesse de lhe mandar um abraço.

Arista arregalou os olhos.

— Mas, o que é isso? Eu... Vocês se conhecem?

Arcadius deu uma risadinha, e a reação foi imitada por Hadrian e Royce.

— Desculpe, minha cara — disse o professor, erguendo as mãos e franzindo a testa. — Não pude resistir. Sim, conheço essas duas figuras rabugentas há anos. Conheci o pai de Hadrian antes mesmo que ele nascesse, e quando conheci Royce ele era... — O professor de mitologia fez uma breve pausa. — Bem, era mais jovem do que hoje.

Hadrian deu mais uma mordida na maçã e olhou para Arista.

— Arcadius me apresentou a Royce, e ele solicitou os primeiros serviços que fizemos juntos.

— E, a partir de então, vocês se tornaram inseparáveis — comentou o mago, sorrindo. — Formaram uma dupla e tanto. A influência mútua foi

benéfica aos dois. Se não tivessem se encontrado, vocês dois já estariam arruinados.

Royce e Hadrian trocaram olhares.

— O senhor diz isso porque não sabe com o que estamos metidos — mencionou Hadrian.

— Cuidado com suas suposições — avisou Arcadius, balançando um dedo num gesto ameaçador. — Então, o que os traz até aqui?

— Algumas questões nas quais acho que o senhor pode nos ajudar — disse Royce. — Por que não conversamos no seu gabinete, enquanto Hadrian e Arista ficam mais à vontade e trocam as roupas molhadas? Podemos passar a noite aqui?

— Claro. Vou mandar trazer a ceia, mas vocês escolheram um dia ruim; o cardápio de hoje é torta de carne — comentou ele, fazendo uma careta.

Arista continuava paralisada, o coração acelerado. Ela semicerrou e depois arregalou os olhos.

— Odeio vocês três.



Barris, garrafas, frascos, instrumentos exóticos, vidros contendo partes de animais imersas em líquidos fedorentos e uma grande quantidade de outras esquisitices entulhavam o pequeno gabinete e ainda se espalhavam corredor afora. Prateleiras repletas de livros cobertos de teias de aranha forravam as paredes. Aquários exibiam répteis e peixes vivos. Gaiolas empilhadas até o teto abrigavam pombos, ratos, toupeiras, guaxinins e coelhos, enchendo o gabinete com piados e guinchos que acompanhavam o odor almiscarado de livros, cera, condimentos e fezes de animais.

— Você fez uma faxina — comentou Royce, fingindo surpresa ao entrar no gabinete, contornando os livros e as caixas espalhados pelo chão.

— Cale a boca! — repreendeu-o o mago, olhando por cima dos óculos, apoiados na ponta do nariz. — Você nunca aparece aqui, então não precisa ser impertinente quando, finalmente, faz uma visita.

Royce fechou a porta e puxou o trinco, gesto que ensejou mais um olhar por parte do mago. Então, do interior da capa, retirou um amuleto de prata, pendurado numa corrente.

— O que você sabe sobre isto aqui?

Arcadius pegou a joia e foi até a escrivaninha, onde a examinou à luz de uma vela. Logo em seguida, retirou os óculos e disse:

— É o medalhão de Hadrian. Foi presente do pai, quando ele completou 13 anos. Você está testando o meu grau de senilidade?

— Você sabia que foi Esrahaddon quem fez esse medalhão?

— Foi mesmo?

— Você se lembra de que falei com ele em Dahlgren no verão passado? Segundo Esrahaddon, a Igreja instigou um golpe contra o imperador novecentos anos atrás. Ele afirmou que se manteve leal e que fez dois amuletos. Um deu ao filho do imperador, e o outro ao guarda-costas do menino. Disse também que mandou os dois se esconderem, enquanto ele próprio ficou para trás. Os tais amuletos seriam encantados, de modo que somente o próprio Esrahaddon pudesse encontrá-los. Quando Arista e eu estivemos em Avempartha, ele conjurou imagens de indivíduos que usaram os amuletos.

— E você viu Hadrian?

Royce fez que sim.

— Na condição de guarda-costas ou de Herdeiro?

— Guarda-costas.

— E o Herdeiro?

— Cabelos louros, olhos azuis... Ninguém que eu conhecesse.

— Entendo — disse Arcadius. — Mas você não contou a Hadrian o que viu.

— Por que está dizendo isso?

O mago deixou o amuleto e a corrente escorregarem para a palma da mão.

— Você está aqui sozinho...

Royce confirmou.

— Ultimamente, o humor de Hadrian tem oscilado bastante. Se eu contar, ele vai querer levar a cabo o seu destino... Vai sair por aí, em busca do Herdeiro perdido. Ele não vai sequer questionar a coisa, pois vai querer que seja verdade. Mas não acho que seja. Acredito que Esrahaddon esteja tramando algo. Não quero que Hadrian e eu sejamos joguetes enquanto ele tenta levar o candidato de sua preferência ao trono imperial.

— Você acha que Esrahaddon está mentindo? Que conjurou imagens falsas para manipular você?

— Foi isso que vim aqui descobrir. É possível fazer amuletos encantados? Em caso afirmativo, é possível localizar, por meio de magia, os portadores dos amuletos? E você conheceu o pai de Hadrian. Alguma vez ele disse se era o guardião do Herdeiro de Novron?

Arcadius manuseou o amuleto.

— *Eu* não tenho conhecimento suficiente da Arte para encantar objetos, tampouco sei me valer de magia para localizar pessoas, mas muita coisa foi perdida quando o Antigo Império ruiu. O fato de ter ficado naquela prisão durante quase mil anos torna Esrahaddon uma figura singular em termos de conhecimento; portanto, não tenho como saber do que ele é ou não capaz. E, quanto a Danbury Blackwater, não me recordo de ouvi-lo dizer que fosse o guardião do Herdeiro. Eu não esqueceria uma coisa dessas.

— Quer dizer que tenho razão. Tudo isso é mentira.

— Talvez não seja mentira, a rigor. Você sabe que é possível, até provável, que Danbury tivesse o amuleto, embora não fosse o tal guardião. Novecentos anos é muito tempo para se esperar que um objeto permaneça na posse de uma mesma família. As probabilidades pesam contra essa hipótese. As

pessoas perdem objetos pessoais todos os dias. Isto aqui é de prata, e um sujeito necessitado, num momento de desespero e convencido de que a história que lhe contaram fosse falsa, poderia ser levado a vendê-lo para comprar comida. E mais: que tal se o dono tiver morrido, digamos, num acidente, e este medalhão tiver sido retirado do corpo e vendido? É provável que isto tenha passado por centenas de mãos, até chegar a Danbury. Se o que você diz for verdade, as imagens conjuradas por Esrahaddon revelaram apenas os indivíduos que usavam o amuleto, não a identidade dos descendentes do primeiro proprietário. Portanto, é possível que Esrahaddon esteja sendo sincero e, mesmo assim, equivocado. Mesmo que fosse descendente do último teshlor, Danbury talvez não soubesse mais do que o próprio Hadrian. O pai ou o avô dele poderiam ter omitido qualquer esclarecimento a respeito do amuleto, porque aquilo já não fazia sentido. É possível que a linhagem do Herdeiro tenha sido interrompida, ou que os dois tenham se separado séculos atrás.

— É o que você acha?

Arcadius retirou os óculos para limpá-los.

— Há séculos os descendentes do imperador Nareion têm sido procurados, em vão. O próprio Império buscou o filho de Nareion, Nevrik, recorrendo ao poder dos grandes magos e à ação dos cavaleiros errantes, numa época em que ele podia ser identificado por qualquer pessoa. E fracassaram... A menos que você aceite a declaração recente de que o Herdeiro foi encontrado na pessoa de uma camponesa de Dahlgren.

— Thrace não é a Herdeira — declarou Royce de maneira direta. — A Igreja orquestrou todo aquele incidente só para ungir a opção mais conveniente de governante. Eles fizeram uma trapalhada e ela ganhou o prêmio por mero acaso.

O mago concordou.

— Então, a meu ver, o bom senso indica que o Herdeiro já não existe... Se é que um dia existiu. A menos que... — Ele baixou o tom da voz.

— A menos que o quê?

— Nada. — Arcadius balançou a cabeça.

Royce o encarou, até que o mago se rendeu.

— É só uma suposição... é mesmo... mas, bem... é que essa história... de que o Herdeiro e um guarda-costas tenham sobrevivido sozinhos, durante tanto tempo, em fuga, conseguindo se esconder enquanto o mundo inteiro procurava por eles... parece romântica demais.

— O que você está insinuando? — perguntou Royce.

— Depois da morte do imperador, quando Nevrik fugiu acompanhado do guarda-costas Jerish, o teshlor, será que eles não tinham amigos? Não haveria centenas de pessoas leais ao filho do imperador dispostas a escondê-lo? A oferecer-lhe apoio? A organizar uma tentativa de colocá-lo novamente no trono? É claro que tal organização precisaria agir em sigilo, considerando que a maior parte do império agonizante estava sob o controle da Igreja.

— Você acha que esse grupo ainda existe? — quis saber Royce.

Arcadius deu de ombros.

— É mera especulação.

— É mais do que mera especulação. Do que você está sabendo?

— Bem, encontrei algumas referências, em vários textos, a um grupo conhecido como Roda de Mondepireaf. E a primeira ocorrência com que me deparei foi no excerto de um texto histórico datado de 2465, na época de Glenmorgan II, durante o Império do Intendente. Algum sacerdote fez um breve apontamento a respeito de uma seita assim denominada. Evidentemente, qualquer um que naquela época se opusesse à Igreja era considerado herege; portanto, não dei muita importância. Então, encontrei outra referência ao mesmo grupo numa antiga carta enviada pelo lorde Darius Seret ao patriarca Velin, com uma data que remontava aos primeiros vinte anos após a morte do imperador Nareion.

— Lorde Seret? — perguntou Royce. — O mesmo nome dos cavaleiros de Seret?



— Isso mesmo — afirmou Arcadius. — O duque recebeu ordens do patriarca para localizar o paradeiro de Nevrik, o filho desaparecido do imperador Nareion. O duque formou um grupo de elite, composto por cavaleiros que fizeram um juramento para encontrar o Herdeiro. Cem anos após a morte de Darius, esses cavaleiros adotaram o nome dele, passando a se chamar Ordem dos Cavaleiros de Seret, mais tarde abreviado por questão de conveniência. Na verdade, a abreviação foi um tanto irônica, pois as responsabilidades e a influência do grupo cresceram dramaticamente. A ação deles passa praticamente despercebida, pois os serets costumam trabalhar em segredo, escondidos, a fim de cumprir suas obrigações sem serem vistos. Ainda hoje se reportam diretamente ao patriarca. Trata-se de uma questão de simples lógica. Considerando que existe uma ordem, pseudoinvisível, de cavaleiros cuja missão é caçar o Herdeiro, não parece sensato concluir que exista outro grupo, igualmente invisível, destinado a protegê-lo?

Arcadius levantou-se e, movendo-se com grande facilidade entre o entulho, foi até a parede dos fundos. Lá pendia um quadro e, com um pedaço de giz, ele escreveu:

## Roda de Mondepireaf

Em seguida, mexeu nas letras e escreveu abaixo:

## Defenda o imperador

Então, voltou à escrivaninha e sentou-se.

— Se você pretende procurar o Herdeiro — recomeçou Arcadius com um tom de voz grave —, proceda com muita cautela. Não se trata de buscar

uma joia qualquer e é possível que ele seja protegido e caçado por homens dispostos a sacrificar suas vidas e a recorrer a qualquer meio contra você. Se houver alguma verdade nisso tudo, receio que você esteja prestes a entrar num mundo de trevas e mentiras, onde uma guerra silenciosa, secreta, vem sendo travada há quase mil anos. É um lugar onde pessoas desaparecem sem deixar vestígio e mártires florescem. Não haverá preço alto demais nem sacrifício excessivo. O que está em jogo nessa luta, ao menos aos olhos deles, é simplesmente o futuro de Elan.



O corpo discente de Sheridan sempre diminuía no verão; por conseguinte, Arcadius conseguiu acomodações para eles no último andar, conhecido como Sótão de Glen. O dormitório do quarto andar do Centro Glen não tinha uma janela sequer e, no verão, era quente como um forno. Geralmente abrigando os filhos de agricultores abastados, o último andar ficava deserto naquela época do ano, pois os alunos voltavam para suas casas a fim de ajudar na colheita da safra. Assim sendo, aquela parte ficou inteiramente à disposição deles; era um cômodo grande, com o teto inclinado e tão baixo que até Arista precisava tomar cuidado para não bater a cabeça nas vigas. As camas ficavam contra a parede, voltadas para o lado em que o teto tocava o piso, e não passavam de colchões de palha em cima de estrados de madeira tosca. Não havia sinal de objetos pessoais, mas cada centímetro de madeira estava entalhado com um mosaico de nomes, frases ou desenhos — sete séculos de memórias estudantis.

Arista e Hadrian se ocuparam em secar seus pertences. Estenderam no chão tudo o que era feito de tecido e manchas de umidade se espalharam pelo velho assoalho. Tudo estava encharcado e fedia a cavalo.

— Vou improvisar um varal — avisou Hadrian. — E ele vai servir também para dar um pouco de privacidade à senhorita — acrescentou ele, dirigindo-lhe um olhar curioso.

— O que foi?

Hadrian balançou a cabeça.

— É que nunca vi uma princesa encharcada. A senhorita tem certeza de que quer prosseguir? Ainda há tempo para voltarmos a Medford e...

— Não se preocupe comigo. — Ela se dirigiu à escada.

— Aonde a senhorita vai?

— Vou pegar os outros sacos.

— É provável que ainda esteja chovendo. Posso pegar os sacos, assim que...

Arista o interrompeu.

— Você vai improvisar o varal e, como assinalou, já estou encharcada.

Ela desceu a escada. Seus sapatos vertiam água e o vestido molhado lhe pesava.

*Ninguém acha que sou capaz de enfrentar essa situação.*

Arista sabia que tinha sido mimada a vida inteira. Não era tola, tampouco era feita de porcelana.

*Quanta bravura é necessária para viver como uma camponesa?*

Ela era a princesa de Melengar, filha do rei Amrath Essendon — teria plenas condições de enfrentar qualquer situação. Eles todos achavam fácil defini-la, mas Arista não era como Lenara Pickering. Não passava o dia todo pensando em qual vestido combinava melhor com seus cachos dourados. Arista passou a mão pela cabeça molhada e tateou os cabelos escorridos e embaraçados. Lenara desmaiaria naquele momento.

A chuva tinha parado, deixando no ar um cheiro de relva e terra molhada. Tudo reluzia, e a brisa produzia chuviscos embaixo das árvores. Arista esquecera o manto quatro andares acima. Não pretendia ir longe e não demoraria, mas, no momento em que chegou ao estábulo, arrependeu-

se. Três estudantes uniformizados estavam lá, nas sombras, conversando sobre os cavalos recém-chegados.

— São de Melengar — comentou o mais alto, o tom de voz confiante e superior de um jovem nobre que se dirige a indivíduos hierarquicamente inferiores. — É possível identificar por causa da marca de Medford naquele ali.

— Então, Lane, você acha que Melengar já se rendeu? — perguntou o mais baixo dos três.

— Claro. Aposto que Breckton ocupou Melengar ontem à noite, ou então hoje de manhã. É por isso que os donos desses cavalos estão aqui. Devem ser refugiados, covardes fugindo como ratos de um navio naufragando.

— Desertores, talvez?

— É possível — respondeu Lane.

— Se Melengar, de fato, caiu ontem à noite, talvez o próprio rei tenha fugido — especulou o mais baixo.

— Não seja bronco! — repreendeu o de estatura mediana. — Um rei nunca cavalgaria em cavalos ordinários como esses.

— Não tenha tanta certeza — falou Lane, em defesa do baixote. — Alric nem é um rei *de verdade*. Dizem que ele e a irmã bruxa mataram o pai e roubaram o trono, pois o rei estava prestes a apontar Percy Braga seu sucessor. Ouvi dizer até que Alric mantém a própria irmã como amante, e dizem inclusive que ela vai ser a rainha.

— Que nojo!

— A Igreja nunca permitiria uma coisa dessas — disse o outro.

— Alric expulsou a Igreja de Melengar meses atrás, pois ele sabia que ela tentaria impedir seus planos — explicou Lane. — Vocês sabem que os melengarianos não são civilizados. Em sua maioria são bárbaros e, a cada ano que passa, regridem mais e mais às suas raízes tribais. Sem a vigilância da Igreja, antes mesmo do fim do ano, estarão bebendo sangue de virgens e

rezando para Uberlin. Eles permitem o livre trânsito de elfos em suas cidades, pelo amor de Maribor! Vocês sabiam disso?

Arista não pôde ver o rosto dos três, pois se manteve do lado de fora, tomando cuidado para permanecer oculta.

— Então, talvez este *seja mesmo* o cavalo ordinário no qual o rei de Melengar escapou. Vai ver que neste momento ele está num dos dormitórios, tramando o próximo passo.

— Você acha que o reitor Lambert sabe disso?

— Duvido — respondeu Lane. — Não creio que um homem bom como Lambert permitiria a presença de uma ameaça como Alric aqui.

— Vamos contar a ele?

— Por que você não conta, Hinkle? — sugeriu Lane, dirigindo-se ao baixote.

— Por que eu? Você é que deve contar. Afinal, foi você que notou a presença deles.

— Eu? Não tenho tempo. Recebi hoje mais uma carta de Lady Chastelin e preciso responder ou ela pode fincar um punhal no peito, com medo de ter sido esquecida.

— Não olhem para mim — defendeu-se o terceiro. — Sinceramente... tenho medo de Lambert.

Os outros riram.

— Não, estou falando sério. Morro de medo de falar com ele. Fui mandado para o gabinete dele, no semestre passado, por causa daquela brincadeira de mau gosto que Jason aprontou com aquele rato. Prefiro até que ele me espanque.

Juntos, os três se afastaram do local, prosseguindo com a conversa, que passou a versar sobre Lady Chastelin e as dúvidas quanto aos sentimentos dela em relação a Lane.

Arista aguardou até ter certeza de que eles estavam longe, localizou os sacos perto das selas e enfiou um deles embaixo do braço. Em seguida pegou

mais dois e, rapidamente, mas com toda atenção, atravessou a praça central e subiu a escada do Centro Glen.

Hadrian não estava no sótão quando ela voltou, mas ele havia pendurado o varal e cobertores serviam de divisórias no dormitório. Ela passou pela cortina improvisada e se dedicou à tarefa infame de pendurar seus pertences molhados. Depois, trocou de roupa, vestindo a camisola e o robe. Esses dois itens estavam no fundo do saco, por isso não tinham se molhado muito. Em seguida, continuou a estender as roupas. Hadrian voltou, trazendo um balde com água, e se deteve ao ver Arista estendendo, descaradamente, as anáguas e o espartilho. Não apenas viajava com dois homens sem uma dama de companhia, como também dividia o quarto com eles — embora o recinto fosse espaçoso e contasse com divisórias — e agora ainda pendurava a roupa íntima à vista. Arista ficou surpresa por não ter sido questionada com mais rigor. Sabia que as circunstâncias inusitadas sob as quais viajava chamariam atenção. Royce não era o tipo de homem que ignoraria algo tão suspeito quanto uma princesa solteira que viajava sozinha na companhia de dois vagabundos, por mais que a monarquia os estimasse. Quanto às roupas, não havia outro meio ou local para secá-las; portanto, seria aquilo mesmo, ou então ela teria de vesti-las molhadas na manhã seguinte. Não fazia sentido ser pudica naquele momento.

Royce entrou no dormitório no momento em que ela concluiu o trabalho. Ele usava a capa, com o capuz levantado. Em torno dele, uma poça se formou no chão.

— Vamos embora bem antes de amanhecer — declarou ele.

— Algum problema? — perguntou Hadrian.

— Quando fiz uma ronda, vi alguns estudantes bisbilhotando no estábulo.

— Ele costuma fazer isso — explicou Hadrian a Arista. — É uma espécie de obsessão. Se não fizer isso, não dorme.

— Você estava lá? — perguntou ela.

Royce fez que sim.

— Eles não vão nos incomodar mais.

Arista sentiu o sangue fugir das faces.

— Você... Você os matou? — indagou ela em um sussurro.

No momento em que formulou a pergunta, sentiu náusea. Minutos antes, ao ouvir aquela conversa desprezível, ela se surpreendeu desejando-lhes mal, mas não no sentido literal. Eram uns moleques. No entanto, sabia que Royce não os veria como tal. Arista agora sabia que, para Royce, uma ameaça era uma ameaça, a despeito do invólucro.

— Considerarei a possibilidade. — As palavras não continham o menor tom de sarcasmo. — Se eles tivessem dobrado à esquerda, em direção à residência do reitor, em vez de virarem à direita, em direção aos dormitórios... Mas eles não dobraram à esquerda. Foram direto para os quartos. Contudo, não vamos esperar até o amanhecer. Vamos partir dentro de algumas horas. Assim, se correr algum rumor acerca dos cavalos de Melengar, estaremos bem longe quando o boato chegar aos ouvidos certos. Os espões do Império vão supor que estamos indo a Trent para implorar apoio. No entanto, precisamos de uma nova montaria para você antes de partirmos para Colnora.

— Se vamos sair tão cedo assim, preciso falar com Arcadius sobre aquela refeição que ele prometeu — disse Hadrian.

— Não! — apressou-se em dizer Arista. Ambos olharam para ela, surpresos. Ela sorriu, encabulada com o próprio rompante. — Eu vou. Nesse ínterim vocês poderão trocar essas roupas molhadas, sem que eu esteja aqui.

Antes que eles pudessem dizer qualquer coisa, ela escapuliu pelo corredor, até a escada. Fazia quase um ano desde aquela manhã, à beira do rio Nidwalden, em que Esrahaddon colocara uma pergunta em sua cabeça. Na ocasião, o mago admitiu tê-la usado para orquestrar o assassinato do pai dela, de modo que a situação auxiliasse a fuga dele, Esrahaddon, mas insinuou que havia outras questões na história. Aquela talvez fosse a única

oportunidade que Arista teria para falar com Arcadius. Chegando ao pé da escada, ela virou à direita e correu até o gabinete do professor.

Arcadius estava sentado numa banquetta, diante de uma pequena escrivaninha de madeira nos fundos do gabinete, estudando a página de um livro imenso. Ao lado dele havia um braseiro aceso e uma estranha geringonça que ela desconhecia — acima do calor do braseiro, dentro de uma ampola de vidro, havia um líquido marrom e um fluxo constante de bolhas emergia de uma pequena pedra imersa. Os vapores ascendiam através de uma série de tubos de ensaio e passavam por outro recipiente de vidro, cheio de cristais de sal. Pela extremidade desse recipiente, um fluido cristalino pingava dentro de um pequeno frasco. Acima desse frasco havia outro, com um líquido amarelo que gotejava através de uma válvula, acompanhando cada pingo do líquido cristalino. A mistura dos dois líquidos produzia uma fumaça branca que pairava no ar. De vez em quando ele ajustava uma válvula ou acionava um fole, mantendo as brasas incandescentes. Arcadius voltou o olhar quando ela entrou.

Ele retirou os óculos, limpou-os com um trapo que estava sobre a escrivaninha e os recolocou no rosto. Em seguida, olhou para Arista com os olhos semicerrados.

— Ah, cara princesa, entre.

Então, como se acabasse de se lembrar de algo importante, apressou-se em girar uma das válvulas. Uma grande baforada de fumaça subiu pelo ar, provocando guinchos e pios em diversos animais alojados no gabinete. A pedra afundou para a base da ampola, permanecendo imóvel. Os animais se acalmaram e o velho professor de mitologia se virou para Arista, sorrindo e convidando-a a se aproximar.

Não seria fácil. Ela procurou um caminho por onde passar e, constatando a falta de espaço, levantou a barra do robe e pisou sobre os objetos que lhe pareciam mais firmes, escolhendo o melhor atalho até a escrivaninha.



O mago aguardou pacientemente, com um sorriso de satisfação, as faces rosadas franzindo os cantos dos olhos como se fossem as pregas de um lençol amarrotado.

— Sabe de uma coisa — começou ele a dizer enquanto ela completava a arriscada travessia —, sempre observo os caminhos que meus alunos percorrem para chegar até mim. Alguns são diretos, enquanto outros preferem dar uma voltinha. Alguns acabam se perdendo no meio da bagunça e outros acham que a jornada é árdua demais e desistem, jamais chegando a mim.

Arista sabia que as palavras dele tinham um sentido além do literal, mas ela não dispunha de tempo nem de ânimo para explorá-las com profundidade. Em vez disso, respondeu:

— Talvez se o senhor arrumasse o gabinete, um pouquinho, não perderia tantos alunos.

O mago inclinou a cabeça.

— Suponho que esteja certa, mas, se eu fizer isso, a coisa não perde a graça?

Arista passou por cima da gaiola de um coelho, deu a volta num grande cadinho com um pilão e parou diante da escrivaninha, de pé, em cima da capa de um livro cujas dimensões chegavam a quase 1 metro de altura e passavam um pouco de meio de largura.

O professor de mitologia olhou para os pés dela, contraiu os lábios e meneou a cabeça, em sinal de aprovação.

— Isso é a biografia de Glenmorgan II, um livro de 700 anos, ao menos.

Arista se assustou.

— Não se preocupe, não se preocupe — disse ele, rindo consigo mesmo.

— O livro é péssimo e foi escrito por propagandistas da Igreja. É a plataforma perfeita para a senhorita, não é mesmo?

Arista abriu a boca, pensou no que diria, então voltou a fechá-la.

O mago riu novamente.

— Ah, sim, tornaram a senhorita embaixadora, não é mesmo? A senhorita aprendeu a pensar antes de falar. Suponho que seja um bom hábito. Agora, diga-me, o que a traz ao meu gabinete a uma hora dessas? Se for por causa da ceia, peço desculpas pelo atraso, mas os fogões já estavam apagados e precisei pedir a um menino que os acendesse novamente. E precisei também arrancar o cozinheiro de um jogo de cartas, o que muito o desagradou. Mas a ceia está sendo preparada neste momento, e vou mandar servi-la assim que ficar pronta.

— Não é isso, mestre...

Ele ergueu uma das mãos, a fim de interrompê-la.

— A senhorita não estuda mais aqui. É princesa e embaixadora de Melengar. Se me chamar de Arcadius, prometo não chamá-la de Vossa Alteza. Estamos de acordo?

O sorriso dele era contagioso e irresistível. Arista fez que sim e sorriu em resposta.

— Arcadius — recomeçou ela —, tem algo que não me sai da cabeça e já faz algum tempo que queria visitá-lo, mas... tem acontecido muita coisa. Primeiro, foi o enterro de Fanen. Depois, é claro, Tomas chegou a Melengar.

— Ah, sim, o diácono errante de Dahlgren. Ele também esteve aqui, pregando a novidade de que uma jovem chamada Thrace é a Herdeira de Novron. Parecia bastante sincero. Até eu fiquei inclinado a acreditar.

— Muita gente acreditou, e essa é uma das razões pelas quais o destino de Melengar está tão incerto neste momento.

Arista parou. Havia alguém à porta, uma bela menina com cerca de 6 anos. Cabelos castanhos e longos desciam pelos ombros dela e mantinha as mãos juntas, segurando um pedaço de corda com o qual brincava, girando e formando círculos.

— Ah, aí está você! Bom — disse o mago, dirigindo-se à menina, que olhou para Arista com ar apreensivo —, eu estava esperando que aparecesse logo. Ele já começou a reclamar. Parece até que sabe que horas são. —

Arcadius olhou para Arista. — Ah, sim, desculpe. Esqueci de fazer as apresentações. Arista, esta aqui é Mercy.

— Muito prazer — cumprimentou Arista.

A menina se manteve calada.

— Queira desculpá-la. Ela é um pouco tímida diante de estranhos.

— Um pouco jovem para frequentar Sheridan, não é?

Arcadius sorriu.

— Mercy está sob os meus cuidados. A mãe me pediu que cuidasse dela durante algum tempo, pois está passando por dificuldades. Tenho me esforçado ao máximo para educá-la, mas, conforme aprendi com você, algumas mocinhas são voluntariosas. — Ele se voltou para a menina. — Pode ir, minha querida. Leve o Sr. Riscas lá para fora, antes que ele arrebente, mais uma vez, a gaiola.

A menina avançou em meio ao entulho espalhado pelo gabinete, com a agilidade de um gato, e retirou de dentro de uma gaiola um guaxinim magricela. Parecia se tratar de um filhote, e ela o levou porta afora, rindo, enquanto o Sr. Riscas farejava sua orelha.

— Ela é uma gracinha — comentou Arista.

— É mesmo. Agora, a senhorita disse que algo não lhe sai da cabeça?

Arista fez que sim e pensou no que diria. A pergunta feita por Esrahaddon foi, então, apresentada ao velho mestre:

— Arcadius, quem aprovou o meu ingresso em Sheridan?

O professor de mitologia ergueu uma sobrancelha peluda.

— Ah, sim — disse ele. — Sabe de uma coisa? Eu sempre me perguntei por que não me questionou antes. A senhorita talvez seja a única mulher a frequentar a Universidade de Sheridan nos 700 anos de história da instituição e, com certeza, a única que estudou artes ocultas, mas nunca me perguntou a respeito.

Arista corrigiu a postura.

— Estou perguntando agora.

— Eu sei... Eu sei — respondeu o mago. Em seguida, reclinou-se na cadeira, retirou os óculos e esfregou levemente o nariz. — Fui procurado pelo reitor Ignatius Lambert, que me perguntou se eu me dispunha a aceitar uma jovem bastante talentosa como aluna de teoria arcana. A pergunta me surpreendeu. Na verdade, eu não ensinava teoria arcana. Eu queria ensinar e, em diversas ocasiões, solicitei a inclusão da disciplina na grade curricular, mas os benfeitores da universidade sempre negavam. Supostamente, achavam que o ensino de magia não era atividade respeitável. A magia emprega poderes que não estão associados à devoção espiritual a Maribor e a Novron. Segundo eles, na melhor das hipóteses, tratava-se de uma atividade subversiva e, quiçá, maléfica. O fato de que eu praticava as artes arcanas era sempre visto como algo embaraçoso.

— Por que nunca substituíram você?

— Talvez a reputação de ser o mago mais erudito de Avryn confira tamanho prestígio à universidade que eles me deixem cultivar meus hobbies. Ou então, vai ver que os indivíduos que tentaram forçar a minha demissão foram transformados nos sapos, esquilos e coelhos que você está vendo aqui.

Ele falou com tamanha seriedade que Arista olhou em volta do gabinete, contemplando as diversas gaiolas e aquários, o que provocou mais uma risada por parte do mago.

Ela fez uma careta, o que o fez rir ainda mais.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu Arcadius assim que se recompôs —, Ignatius, em poucas palavras, ofereceu-me a satisfação do meu desejo de ensinar magia, desde que estivesse disposto a aceitá-la como aluna. Talvez ele pensasse que eu recusaria. Mas ele não sabia que, diferente dos meus colegas, não tenho preconceito em relação às mulheres. Conhecimento é conhecimento, e a oportunidade de instruir e edificar uma princesa, uma líder em potencial com poderes para ajudar a modelar o mundo que nos cerca, jamais me deteria. Ao contrário, encarei a oportunidade como um bônus.

— Então está dizendo que fui admitida porque o plano do reitor saiu pela culatra?

— Não, nada disso. Isso foi apenas o que aconteceu, não foi o porquê. *Por quê?* é uma pergunta bem mais importante. Na verdade, naquela manhã o reitor Ignatius Lambert não veio sozinho ao meu gabinete. Com ele veio outro homem. Ele ficou calado ali naquele canto, logo atrás e à esquerda de onde você está agora, onde está aquela gaiola. A gaiola não estava ali naquele dia, é claro. Ele ficou de pé em cima de um velho casaco e um punhal. Como eu disse, é sempre interessante observar os trajetos que as pessoas percorrem quando entram no meu gabinete e o local onde decidem se posicionar.

— Quem era esse homem?

— Percy Braga, o arquiduque de Melengar.

— Então, *foi mesmo* tio Percy...

— Definitivamente ele estava envolvido na questão, mas nem mesmo o arquiduque de Melengar poderia exercer influência sobre a diretoria da Universidade de Sheridan, sobretudo em uma questão tão delicada como o ensino de magia a jovens damas da nobreza. Sheridan está situada no reino eclesiástico de Ghent, onde lordes leigos não têm grande ascendência. Havia, no entanto, mais um homem com eles, que não chegou a entrar no gabinete e ficou ao lado da porta, nas sombras.

— Você conseguiu ver quem era?

— Ah, sim. — Arcadius sorriu. — Estes óculos são apenas para leitura, cara princesa. Eu enxergo muito bem de longe, mas pelo visto as pessoas costumam se enganar com isso.

— Quem era ele, então?

— Um amigo íntimo da sua família, creio eu. O bispo Maurice Saldur, da Catedral de Mares, em Medford, mas você já sabia disso, não?



Mantendo a palavra, Arcadius mandou servir a torta de carne fumegante e vinho tinto. Arista se lembrou das tortas que costumavam ser servidas em seu tempo de estudante. Não eram muito apetitosas, nem mesmo quando ainda estavam quentes. De modo geral, eram feitas com os piores pedaços de carne de porco, pois a universidade reservava carne de carneiro para dias de festas. Elas tinham muita cebola e cenoura, mas pouco molho e recheio de carne. Os alunos chegavam a apostar para ver quem acertava o número de pedaços de carne de porco que encontraria no recheio — o recorde era cinco. Apesar das queixas, os demais alunos devoravam as refeições, mas não era o caso de Arista. Ela achava que, na maioria das vezes, a indignação dos estudantes não passava de fanfarronice, pois dificilmente comeriam melhor em casa. Arista, no entanto, estava habituada a três ou quatro tipos de carne assada no osso, além de diversas variedades de queijo, pão fresco e frutas da estação. Enquanto aluna de Sheridan, ela recebia mantimentos de casa, trazidos por criados, e guardava tais provisões no quarto.

— Vocês poderiam ter me dito que conheciam Arcadius — disse Arista, no momento em que se sentaram juntos à mesa, uma peça tão velha e desfigurada quanto tudo o mais. A mesa bamboleava tanto que ela deu graças pelo fato de o vinho ser servido numa jarra com canecas, e não numa garrafa com taças de haste longa.

— E acabar com a graça? — respondeu Hadrian com um belo sorriso. — Então, Arcadius foi seu professor?

— Um deles. O currículo exige que o aluno se matricule em diversas disciplinas e aprenda assuntos diferentes, com vários professores. Mestre Arcadius foi meu professor predileto. Era o único que ministrava aulas de magia.

— Quer dizer que você aprendeu magia com Arcadius e com Esrahaddon? — perguntou Royce, abocanhando a torta.

Arista confirmou, furando a crosta da torta com a faca e deixando o vapor escapar.

— Deve ter sido interessante. Imagino que cada um deles tenha um jeito diferente de ensinar.

— Diferente como a noite é do dia — acrescentou ela, dando um gole no vinho. — Arcadius tinha um estilo formal. O curso dele era bem estruturado, com livros e aulas expositivas, tudo muito profissional, como vocês viram hoje. O estilo dele fazia com que o conteúdo parecesse digno, adequado, apesar do estigma associado. O estilo de Esrahaddon era improvisado, e ele falava o que viesse à cabeça. Muitas vezes, ele se enrolava nas explicações. Arcadius é, sem dúvida, melhor professor, mas... — Arista parou.

— Mas? — quis saber Royce.

— Bem, não digam isso a Arcadius — pediu ela, em tom conspiratório —, mas Esrahaddon parece ter mais talento e erudição. Arcadius é especialista em história da magia, porém Esrahaddon é a história, se vocês me entendem.

Ela deu uma mordida na torta, ingerindo apenas cebola e crosta chamuscada.

— Tendo estudado com os dois, a senhorita não é a terceira maga mais instruída de Avryn?

Arista exibiu um sorriso falso e amargo e bebeu mais um gole de vinho. Embora achasse que Royce estava certo, ela só havia lançado dois feitiços desde que havia deixado a tutoria dos mestres.

— Arcadius me ensinou muitas lições importantes. Mas as aulas dele se destinavam à utilização do conhecimento como meio de expandir a compreensão que os alunos têm do mundo. Ele tenta fazer com que seus alunos redirecionem o pensamento para melhor compreenderem o mundo que os cerca. Obviamente, os alunos ficavam insatisfeitos. Todos nós queríamos ter acesso aos segredos do poder, das ferramentas capazes de remodelar o mundo segundo a nossa vontade. Arcadius não oferece respostas; ele força os alunos a formularem perguntas. Por exemplo, certa

vez nos perguntou o que tornava o sangue nobre diferente do sangue plebeu. Nós picamos as pontas dos dedos e realizamos testes, e não conseguimos constatar qualquer diferença. Isso provocou uma briga no pátio entre o filho de um comerciante rico e o filho de um baronete. Arcadius foi repreendido e o filho do comerciante, açoitado.

Hadrian terminou a refeição e Royce havia comido mais da metade de sua torta, porém não tocou outra vez no vinho depois de fazer uma careta ao dar o primeiro gole. Arista arriscou mais uma mordida e abocanhou uma rodela de cenoura murcha, mais cebola e um pedaço de crosta mole. Engoliu com uma expressão azeda.

— Não é fã de torta de carne? — perguntou Hadrian.

Ela balançou a cabeça.

— Pode comer a minha fatia, se quiser — ofereceu ela, empurrando o prato.

— Então, como foi estudar com Esrahaddon?

— Com ele foi completamente diferente — prosseguiu Arista, depois de mais um bom gole de vinho. — Quando não obtinha o que queria com Arcadius, eu recorria a ele. Todos os ensinamentos de Arcadius envolviam poções complexas, receitas alquímicas destinadas a deflagrar a liberação das forças da natureza com os respectivos encantamentos verbais. Ele também enfatizava a observação e a experimentação no estudo das forças do mundo natural. Arcadius dependia de técnicas manuais para extrair força dos elementos, mas Esrahaddon explicava como a mesma energia podia ser obtida recorrendo a técnicas mais sutis, meros gestos, sons harmoniosos e a força da mente. O problema era que a técnica adotada por Esrahaddon dependia de gestos manuais, o que explica por que a Igreja decepou as mãos dele. Ele tentava descrever os gestos para mim, mas, como não podia demonstrar, a coisa era um tanto frustrante. Diferenças mínimas são capazes de determinar se haverá sucesso ou fracasso; portanto, o aprendizado com Esrahaddon foi inútil. O máximo que consegui foi fazer um homem espirrar.



Ah, e uma vez lancei um feitiço sobre a condessa Amril, que ficou coberta de furúnculos. — Hadrian serviu o restante do vinho para si e para Arista, mas Royce declinou. — Arcadius ficou zangado quando soube dos furúnculos e me deu um sermão que durou horas. Ele sempre se opunha ao uso de magia em benefício próprio ou de pequenos grupos. E costumava dizer: “Não desperdice energia para tratar de uma única vítima da peste; procure eliminar a doença e salve milhares de pessoas.” Então, sim, você tem razão. É provável que eu seja a maga mais instruída de Avryn, mas isso não significa muita coisa. O máximo que consigo é provocar uma coceirinha no nariz de alguém.

— E você é capaz de fazer isso apenas com movimentos manuais? — perguntou Royce com ceticismo.

— Quer uma demonstração?

— Claro, experimente em Hadrian.

— Ah, essa não! — protestou Hadrian. — Não quero ser vítima de um erro e acabar transformado num sapo ou num coelho. A senhorita não aprendeu mais nada?

— Bem, ele tentou me ensinar a ferver água, mas jamais consegui. Chegava bem perto, porém sempre faltava alguma coisa. Ele costumava... — Arista baixou a voz.

— O quê? — perguntou Hadrian.

Ela deu de ombros.

— Sei lá. É que, no caminho até aqui, fiquei praticando os movimentos e... — Ela semicerrou os olhos, concentrando-se, e lembrou a sequência de gestos. Deviam ser semelhantes. Tanto o encantamento da chuva como o da fervura utilizavam o mesmo elemento: a água. O mesmo gesto haveria de constar em ambos. Simplesmente pensar no processo fez seu coração disparar.

*É isso mesmo, não é? Esse é o gesto que faltava. Se o restante do encantamento estiver certo, eu só preciso...*

Localizando o balde trazido por Hadrian, fechou os olhos e respirou fundo, várias vezes. Ferver água, embora fosse mais difícil do que fazer uma pessoa espirrar, requeria um encantamento breve e simples, o qual ela já havia tentado pôr em prática centenas de vezes. Arista manteve a concentração, relaxou e estendeu os braços, sentindo a vibração do recinto — a luz e o calor que emanavam das velas, a força do vento soprando no telhado, o gotejo de água escorrendo das roupas molhadas. Em seguida, abriu os olhos e fitou o balde com água morna, quieta e adormecida. Sentiu a presença da água no mundo, fazendo parte de um todo, esperando pela transformação, querendo agradar.

Arista então começou a entoar um canto, deixando que os sons seguissem um ritmo capaz de se sintonizar com a água. Ela percebeu que a água ficou atenta. Sua voz se tornou mais audível, enunciando melodicamente as palavras monossilábicas. Ergueu uma das mãos e fez os gestos, mas desta vez acrescentou um volteio com o polegar. A sensação foi perfeita, uma sensação de totalidade que lhe escapara no passado. Em seguida, fechou a mão, formando um punho, e apertou os dedos. Instantaneamente, ela pôde sentir o calor, e surgiu um vapor do outro lado do recinto.

Hadrian se levantou, deu dois passos, então parou.

— Está borbulhando — anunciou ele com um tom de espanto na voz.

— Pois é, assim como as nossas roupas — comentou Royce, apontando para as roupas úmidas que estavam penduradas no varal improvisado e que começavam a chiar, exalando vapor.

— Ops! — Arista abriu a mão, repentinamente. A água do balde parou de ferver e as roupas pararam de chiar.

— Por Mar! Isso é incrível! — exclamou Hadrian, sorrindo. — Você conseguiu!

Royce permaneceu calado, olhando para as roupas que ainda soltavam um pouco de vapor.

— Eu sei. Mal posso acreditar — disse ela.

— O que mais sabe fazer?

— Não vamos descobrir isso agora — interrompeu Royce. — Está ficando tarde e a gente vai partir em poucas horas; portanto, precisamos dormir.

— Estraga prazeres — retrucou Hadrian. — Mas você tem razão. Vamos deitar.

Arista concordou, dirigiu-se para o outro lado da cortina de cobertores, e só então se permitiu um sorriso.

*Deu certo! Realmente deu certo!*

Deitada na cama estreita e dispensando o cobertor, ela fixou o olhar no teto e atentou para o movimento dos ladrões.

— Você tem de admitir que foi impressionante. — Ouviu Hadrian dizer.

Se Royce respondeu, ela não escutou. Ela o assustara. A expressão estampada no rosto dele dizia mais do que palavras. Deitada, olhando para as vigas do teto, ela se deu conta de que já tinha visto aquele olhar: no dia em que foi repreendida por Arcadius. Ela saía do gabinete quando foi interceptada por ele.

— Eu nunca ensinei feitiços no meu curso, fossem de furúnculos ou de qualquer outra coisa. Você provocou os furúnculos por meio de alguma poção que ela bebeu?

— Não — recordava-se de ter dito. — Foi um feitiço verbal.

Ele ficou boquiaberto e de olhos arregalados, mas não disse coisa alguma. À época, Arista achou que o olhar traduzisse admiração e orgulho diante de um discípulo que excedia as expectativas do mestre. Em retrospecto, Arista percebeu que tinha visto apenas o que desejara ver.

## CAPÍTULO 6

### A PALAVRA



Enquanto Amilia observava, a luz tremeluzente da vela atraiu a atenção da imperatriz, que, por um instante, alterou a expressão do olhar vazio.

*Será um sinal?*

Amilia sempre recorria a esse procedimento na expectativa de alguma melhora. Um mês tinha se passado desde que Saldur a chamara a seu gabinete, a fim de lhe explicar suas obrigações. Ela sabia que jamais seria capaz de fazer metade do que ele desejava, mas a principal preocupação do bispo era a saúde da imperatriz, e Amilia estava se saindo bem nesse ponto em particular. Mesmo sob aquela luz fraca, ela podia constatar a mudança. As faces de Modina já não estavam encovadas e a pele já não estava ressecada. A imperatriz agora comia alguns legumes e até pedaços de carne escondidos na sopa. Contudo, Amilia receava que o progresso não fosse suficiente.

Modina ainda não havia pronunciado uma palavra sequer. Ao menos, não quando estava acordada. Enquanto dormia, a imperatriz frequentemente murmurava, gemia e se debatia. Quando despertava, lágrimas escorriam pelo rosto dela. Amilia a abraçava, acariciava seus cabelos e tentava mantê-la aquecida, mas a imperatriz não parecia notar a sua presença.

Para passar o tempo, Amilia continuava a contar histórias, na esperança de que isso a fizesse falar, ou talvez formular uma simples pergunta. Depois de dizer tudo o que lhe ocorreu sobre a própria família, passou aos contos de fadas que ouvira na infância. Havia a história de Gronbach, o anão malvado que raptou uma camponesa e a manteve cativa em seu esconderijo subterrâneo. A jovem decifrou a charada das três caixas, cortou a barba dele e escapuliu.

Relatou até histórias de horror que seus irmãos costumavam contar na oficina de carruagens, no escuro. Ela sabia que o propósito deles era amedrontá-la, e até hoje os contos provocavam-lhe calafrios. Mas tudo era válido na tentativa de trazer Modina de volta ao mundo dos vivos. As histórias mais assustadoras falavam dos elfos, que faziam as vítimas dormirem antes de devorá-las.

Quando acabou o estoque de contos de fadas, recorreu a histórias que se lembrava da época em que tinha lições na igreja, como o épico segundo o qual, na hora mais difícil, Maribor enviou o divino Novron para salvar a humanidade. Manejando o maravilhoso Rhelacan, Novron derrotou os elfos.

Acreditando que Modina pudesse estabelecer paralelos com a própria vida, Amilia contou a história romântica da filha de um lavrador, uma jovem chamada Perséfone, a quem Novron desposou e fez rainha. Quando ela se recusou a deixar sua aldeia, Novron construiu lá mesmo a grande capital imperial e chamou a cidade de Percepliquis, em homenagem à jovem.

— Então, que história vamos ouvir esta noite? — perguntou Amilia quando as duas estavam frente a frente, banhadas pela luz das velas. — Que

tal *Kile e a pena branca*? O nosso monsenhor contava essa história quando queria falar em penitência e perdão. A senhorita já ouviu essa? Gostou? Eu gosto.

“Então... O pai dos deuses, Érebus, tinha três filhos: Ferrol, Drome e Maribor, respectivamente, os deuses dos elfos, dos anões e dos homens. Tinha também uma filha, Muriel, a criatura mais adorável que existia e que comandava as plantas e os animais. Bem, certa noite, Érebus se embebedou e violentou a própria filha. Indignados, os irmãos dela atacaram o pai e tentaram matá-lo, mas, é claro, deuses não morrem.”

Amilia viu as chamas das velas tremerem na corrente de ar. Sempre fazia mais frio à noite, portanto ela se levantou e pegou mais uma coberta para si e para a companheira.

— Então, onde mesmo eu estava?

Modina apenas piscou.

— Ah, sim, assolado pela culpa e pelo sofrimento, Érebus foi até Muriel e implorou pelo seu perdão. Ela se comoveu com o remorso do pai, mas não conseguiu olhar para ele. O pai, então, pediu-lhe que determinasse um castigo. Muriel precisava de tempo para que o medo e a dor passassem, então disse: “Vá viver em Elan, não como deus, mas como homem, para aprender o dom da humildade.” Como penitência pelos maus atos, ela o mandou praticar boas ações. Érebus fez o que a filha disse e assumiu o nome de Kile. Dizem que ele perambula pelo mundo até hoje fazendo milagres. Cada vez que pratica uma ação que seja do agrado de Muriel, ela retira uma pena branca do seu magnífico manto e a oferece a Kile, que as guarda numa bolsa pequena que traz sempre consigo. Muriel prometeu que, no dia em que todas as penas tiverem sido oferecidas, haverá de perdoar o pai e chamá-lo de volta para casa. Reza a lenda que, quando os deuses se reconciliarem, tudo será corrigido e o mundo se transformará num paraíso.

Essa era uma das histórias prediletas de Amilia, e ela a contou com a esperança de obter um resultado milagroso. Talvez o pai dos deuses ouvisse

suas palavras e viesse em seu auxílio. Amilia esperou. Nada aconteceu. As paredes continuavam a ser de pedra fria e as chamas das velas eram a única fonte de luz.

Ela suspirou.

— Bem, talvez a gente tenha de fazer os nossos próprios milagres — declarou ela, dirigindo-se a Modina; em seguida, soprou todas as velas, exceto uma, e fechou os olhos para dormir.



Amilia acordou com um novo objetivo, decidida a libertar Modina daquele cubículo, mesmo que fosse por pouco tempo. O quartinho fedia a urina e mofo, e o fedor persistia mesmo depois que o chão era esfregado e a palha, trocada. Queria tirar a imperatriz de lá, mas sabia que era pedir demais. Tentou se convencer de que Lady Constance tinha sido afastada por causa do declínio da saúde de Modina, e não por tê-la levado até a cozinha. Mesmo assim, apesar das possíveis consequências, Amilia precisava tentar.

Amilia vestiu a si mesma e a Modina com seus melhores trajes e, pegando a companheira pela mão, foi até a porta e bateu. Quando ela se abriu, encarou o guarda, com objetividade e altivez, e anunciou:

— Vou levar a imperatriz até a cozinha para fazer uma refeição. Fui nomeada secretária imperial pelo próprio regente Saldur, e sou responsável pelo bem-estar da imperatriz. Ela não pode ficar neste cubículo imundo. Este lugar está acabando com ela.

Amilia aguardou.

Ele recusaria, ela argumentaria. Tentou organizar as refutações: vapores perniciosos, a força restauradora do ar puro, o fato de que seria morta se a imperatriz não melhorasse. Até que ponto este último argumento seria convincente ela não sabia, mas a questão a preocupava bastante.

O guarda correu os olhos, de Amilia para Modina e de volta para Amilia, que ficou boquiaberta quando ele concordou e deu um passo para o lado. Amilia hesitou; não tinha considerado a possibilidade de ele ceder. Então conduziu a imperatriz escada acima, seguida pelo soldado.

Ao contrário de Lady Constance, ela não anunciou a chegada. Simplesmente entrou, trazendo a imperatriz pela mão, e, mais uma vez, a cozinha inteira parou. Todos olharam para elas. Ninguém abriu a boca.

— A imperatriz quer a sua ceia — anunciou Amilia, dirigindo-se a Ibis, que concordou. — Você poderia fazer o favor de pôr mais pão no fundo da tigela e de servir algumas frutas hoje?

— Sim, sim — aceitou o homenzarrão. — Leif, anda logo! Nipper, vá até a despensa e traga aquelas frutas vermelhas. Quanto aos demais, voltem ao trabalho. Vocês não perderam nada aqui.

Nipper saiu correndo, deixando a porta aberta. Ruivo, um dos velhos cães do caçador, entrou na cozinha. Modina largou a mão de Amilia.

— Leif, tire esse animal daqui! — ordenou Ibis.

— Esperem — disse Amilia. Todos viram a imperatriz se ajoelhar ao lado do velho elkhound. O cão, por sua vez, esfregou o focinho na jovem.

Ruivo era velho; seu focinho se tornara grisalho, seus olhos estavam turvos e um tanto cegos. Por que o caçador o mantinha era um mistério, pois o cão apenas dormia no pátio e pedia comida na cozinha. Pouca gente notava aquela presença constante, mas ele conquistou a atenção da imperatriz. Ela coçou as orelhas dele e acariciou seu pelo.

— Acho que o Ruivo vai ficar — comentou Ibis com uma risada. — Esse cachorro tem amigos importantes.

Edith Mon entrou na cozinha, estancando ao ver Amilia e a imperatriz. Contraiu os lábios, apertou os olhos e, sem dizer uma só palavra, deu meia-volta e saiu por onde havia entrado.





Em meio à barulheira das marteladas, o regente Maurice Saldur atravessou o salão de recepção do palácio, onde artesãos trabalhavam com afinco. Um ano antes, o castelo havia pertencido ao rei Ethelred, constituindo a fortaleza de pedra do monarca mais poderoso de Avryn. Desde a coroação da imperatriz, o local se tornara palácio do Império de Nyphron e residência da Filha de Maribor. Saldur tinha feito questão de implementar as reformas: um vestíbulo grande e novo, com o selo da coroa incrustado no piso de mármore; uma série de imensos candelabros para iluminar o interior normalmente escuro; um balcão mais largo e todo trabalhado, do qual Sua Eminência pudesse acenar ao povo que a adorava; e, evidentemente, uma reforma radical na sala do trono.

Ethelred e o chanceler hesitaram diante dos gastos. O novo trono custou quase o mesmo que um navio de guerra, porém, diferente de Saldur, eles não percebiam a importância das aparências. Saldur tinha sob sua guarda uma imperatriz que era uma criança analfabeta e praticamente comatosa; a única coisa que impedia um desastre era o fato de ninguém saber disso. A ordem de Saldur para que nenhum criado saísse do castelo fora expedida com o propósito de conter os boatos. A opulência extravagante se encarregaria do resto.

*Quanta seda, ouro e mármore são necessários para cegar o mundo?*

Uma quantidade maior do que a que ele dispunha, sem dúvida, mas faria tudo o que estivesse ao seu alcance.

Nas últimas semanas, Saldur tivera a sensação de estar equilibrando xícaras de chá na cabeça, de pé, sobre uma banquetta amarrada ao dorso de um cavalo em disparada. O Novo Império se tornara realidade em questão de semanas. Séculos de planejamento haviam chegado ao fim, no entanto, conforme ocorre com tudo na vida, havia falhas e circunstâncias com as quais eles não poderiam ter contado.

O fiasco em Dahlgren tinha sido apenas o começo. No momento em que foi declarada a criação do Novo Império, Glouston se rebelara. Alburn havia

decidido apresentar exigências e, obviamente, restava Melengar. A humilhação era indescritível. Todos os reinos de Avryn cederam, como planejado, exceto o dele. Saldur era bispo de Melengar, conselheiro pessoal do rei e do príncipe, mas Melengar se mantinha independente. A solução inteligente para o problema que apresentou em Dahlgren impedira que caísse no ostracismo. Ele tinha conseguido arrancar das cinzas uma vitória, por isso o patriarca o designara representante da Igreja, tornando-o corregente ao lado de Ethelred.

O velho rei de Warric manteve os sistemas existentes, mas Saldur foi o arquiteto da nova ordem mundial. Sua visão haveria de definir a vida de milhares de pessoas pelos séculos vindouros. Embora a oportunidade fosse extraordinária, Saldur tinha a impressão de estar rolando um pedregulho morro acima. Se escorregasse ou tropeçasse, a pedra rolaria para baixo, esmagando ele próprio e tudo que o cercasse.

Ao entrar em seu gabinete, Saldur encontrou Luis Guy à sua espera. A sentinela da Igreja acabara de chegar, se tudo corresse bem, trazendo boas novas. O cavaleiro de Nyphron esperava próximo à janela, ereto e impecável como sempre. Ele contemplava algum ponto distante, com as mãos unidas atrás do corpo. Como de costume, vestia preto e escarlate, as cores da ordem, o traje sem uma ruga sequer e a barba recém-aparada.

— Suponho que você já saiba... — disse Saldur, fechando a porta atrás de si e ignorando qualquer saudação.

Guy não era do tipo que se preocupava com formalidades — uma característica que Saldur sempre havia apreciado nele. Ao longo dos últimos meses, pouco vira Guy, a quem o patriarca mantinha ocupado na busca do legítimo Herdeiro de Novron e do mago Esrahaddon. Isso também era do agrado de Saldur, pois Guy, que era um dos únicos dois indivíduos no mundo com acesso direto ao patriarca, constituía um rival e tanto. Parecia incrível, mas, aparentemente, Guy não tinha grande interesse em conquistar um posto no Novo Império — mais um fator do agrado do bispo.

— Sobre os nacionalistas? Claro que sim — respondeu Guy, desviando o olhar da janela.

— E então?

— E então o quê?

— E então eu gostaria de saber o que... — Saldur se deteve, ao perceber a presença de outro homem no gabinete.

O gabinete era espaçoso e confortável, contendo uma escrivaninha, estantes e uma mesa com um tabuleiro de xadrez entre duas poltronas, numa das quais o estranho estava sentado.

— Ah, sim. — Guy apontou para o homem. — Esse é Merrick Marius. Merrick, esse é o bispo... desculpe... o *regente* Saldur.

— Então, esse é o homem — murmurou Saldur, aborrecido porque o sujeito não se levantou.

Merrick se manteve sentado confortavelmente, recostando-se com indiferença e despreocupação, encarando-o de um modo demasiado direto e atrevido. Usava um casaco de camurça vermelho-escuro — numa tonalidade horrenda, pensou Saldur —, da cor de sangue coagulado. Seus cabelos eram curtos, o rosto era pálido e, a não ser pelo casaco, seu traje era simplório.

— A sua figura não é das mais impressionantes, não é? — observou Saldur.

O homem sorriu diante da observação.

— O senhor joga xadrez, Vossa Excelência?

As sobrancelhas de Saldur se ergueram e ele olhou de relance para Guy. Aquele era o homem, afinal. Guy o havia encontrado, desenterrando-o das ruas fétidas e elogiando seus talentos. A sentinela se manteve calada, sem demonstrar qualquer sinal de repúdio ou desagrado em relação ao protegido.

— Estou administrando um império, meu jovem — respondeu Saldur com desdém. — Não tenho tempo para jogos.

— Estranho... — falou Merrick. — Nunca penso em xadrez como um jogo. Para mim é uma religião. Todos os aspectos da vida destilados em 16 peças, em 64 quadrados brancos e pretos que, de longe, parecem cinzentos. Evidentemente, há mais do que apenas 64 quadrados. Os quadrados menores, somados em números pares, formam quadrados maiores, perfazendo um total de 204. A maioria das pessoas não se dá conta disso. Enxergam apenas o óbvio. Poucas têm a inteligência para olhar mais fundo e enxergar os quadrados escondidos nos outros quadrados. Isso faz parte da beleza do xadrez: é muito mais do que aparenta ser à primeira vista, muito mais complicado, mais complexo. O mundo nas pontas dos dedos, tão manejável, tão definido! As regras são simples, os caminhos são quase infinitos e os resultados, apenas três. Já ouvi religiosos basearem sermões no xadrez, explicando a hierarquia das peças e como elas representam as classes sociais. Eles relacionam as regras dos movimentos com os deveres de cada um dos servidores de Maribor. O senhor já fez isso, Vossa Excelência? — perguntou Merrick, mas não esperou pela resposta. — Grande ideia, não é?

Ele se inclinou sobre o tabuleiro, os olhos percorrendo a superfície preta e branca.

— O bispo é uma peça interessante — disse ele, tirando um bispo do tabuleiro e rolando a figura polida para a frente e para trás na palma da mão. — Não é uma peça bem desenhada, não é tão bela como, digamos, o cavalo. Costuma ser esquecida, deixada pelos cantos, com uma aparência tão inocente, tão afável. Mas é capaz de cruzar o tabuleiro, de ponta a ponta, em ângulos penetrantes e inesperados, geralmente com resultados devastadores. Sempre achei que os bispos fossem subutilizados devido à falta de reconhecimento de suas habilidades. Quanto a isso, acho que sou quase uma exceção; não sou o tipo de pessoa que valoriza uma peça com base em sua aparência.

— Você se acha um sujeito bem esperto, não é? — retrucou Saldur, desafiando-o.

— Não, Vossa Excelência — respondeu Merrick. — Esperto é o sujeito que ganha uma fortuna vendendo uma vaca seca com a desculpa de que o fazendeiro não vai precisar acordar todo dia de manhã cedo para tirar leite. Eu não sou esperto, eu sou um gênio.

Neste momento, Guy interveio:

— Regente, em nosso último encontro mencionei uma solução para o problema nacionalista. Ela está diante do senhor. Marius já tem tudo planejado. Só precisa da aprovação dos regentes.

— E de algumas garantias quanto ao pagamento — acrescentou Merrick.

— Você não pode estar falando sério — disse Saldur, virando-se para Guy. — Os nacionalistas estão avançando com entusiasmo para o norte. Já tomaram Kilnar. Estão a poucos quilômetros de Ratibor. Estarão marchando neste palácio na época da Festa do Inverno. O que preciso é de ideias, alternativas, soluções, e não de um falastrão insolente!

— O senhor tem ideias interessantes, Vossa Excelência — declarou Merrick a Saldur com uma voz calma e despreocupada, como se não tivesse escutado uma única palavra. — Gosto da sua ideia de um governo central. Os benefícios da padronização de práticas comerciais e agrícolas, de leis e até da largura das estradas são excelentes. Isso demonstra uma clareza de pensamento que eu não esperava de um velho bispo da Igreja.

— Como você sabe das minhas...

Merrick levantou uma das mãos a fim de interromper o regente.

— Devo explicar imediatamente que o modo como obtenho informações é confidencial e não será discutido. O fato é que sei. E mais: gosto de saber. Reconheço o potencial desse Novo Império que o senhor está empenhado em construir. Talvez seja mesmo o que o mundo precisa para ir além dessas guerras mesquinhas que enfraquecem nossas nações e atolam o homem comum numa pobreza irremediável. Mas, no momento, isso não passa de um sonho. E é aí que entro em cena. Só gostaria que tivesse me procurado

antes. Eu poderia tê-lo poupado daquele problema embaraçoso e agora tão incômodo de Sua Eminência.

— Aquilo foi o resultado de um erro infeliz por parte do meu antecessor, o arcebispo. Um erro pelo qual ele pagou com a própria vida. Fui eu quem salvou a situação.

— Sim, eu sei. Um imbecil chamado Rufus mataria o monstro mítico e assim provaria que era o lendário Herdeiro de Novron, descendente do próprio Maribor. Mas o que aconteceu foi que Rufus foi devorado e o monstro arrasou tudo que havia nos arredores. Tudo, exceto uma jovem, que surpreendentemente conseguiu matar o monstro, que o fez diante de um diácono da Igreja... Ops. Mas o senhor tem razão. Não foi culpa sua. O senhor foi o esperto que teve a brilhante ideia de utilizá-la como fantoche. Uma jovem que ficou tão deprimida por ter perdido tudo e todos que enlouqueceu. Sua solução foi escondê-la nas profundezas do palácio, na esperança de que ninguém percebesse a existência dela. Nesse ínterim, o senhor e Ethelred organizam uma campanha militar com o objetivo de conquistar toda a nação de Avryn e enviam as melhores tropas para o norte, a fim de invadir Melengar, coincidindo com a invasão dos nacionalistas, que vêm pelo sul. Brilhante. Devo dizer que, com a situação aparentemente tão controlada, fiquei surpreso ao ser convocado.

— Não estou me divertindo — disse Saldur.

— Nem deveria estar, pois neste momento o rei Alric, de Melengar, está planejando uma aliança com os nacionalistas, que vai encurralá-lo numa guerra de duas frentes e, de quebra, vai atrair Trent para o conflito.

— Como você sabe disso?

— Esse é o meu trabalho. E, com a riqueza de Delgos e o poderio de Trent, seu Império recém-nascido, com a imperatriz demente, irá ruir com a mesma rapidez com que surgiu.

— Mais impressionado agora? — indagou Guy.

— E o que você acha que devemos fazer para evitar esse iminente desastre?

Merrick sorriu.

— Vocês devem me pagar.



A grande e louvada imperatriz Modina Novronian, governante de Avryn e sacerdotisa-mor da Igreja de Nyphron, sentou-se no chão, deixando que Ruivo lambesse sua tigela de sopa, e o cão expressou gratidão babando no vestido dela. Com a cabeça apoiada no colo dela, ele batia com o rabo no chão enquanto a língua entrava e saía da boca. A imperatriz se encolheu ao lado do animal e apoiou a cabeça sobre seu flanco. Amilia sorriu. Animou-se ao ver Modina interagir com algo, fosse o que fosse.

— Tirem esse animal nojento daqui, e levantem-na do chão!

Amilia deu um salto e olhou para cima, apavorada. O regente Saldur entrou na cozinha, acompanhado de Edith Mon, que exibia um sorriso sinistro. Amilia ficou paralisada. Várias criadas correram e, com todo cuidado, levantaram a imperatriz.

— Mas que ideia! — continuou ele, enquanto as criadas ajeitavam o vestido de Modina. — A senhorita — rosnou o regente, apontando para Amilia —, isso é coisa sua. Eu deveria ter desconfiado. O que poderia esperar quando designei uma menina de rua para cuidar da... da... — Ele baixou a voz, olhando para Modina com expressão exasperada. — Ao menos, suas antecessoras não a deixaram babar junto de animais!

— Vossa Excelência, Amilia estava... — tentou explicar Ibis.

— Cale-se, seu idiota! — retorquiu Saldur, dirigindo-se ao cozinheiro troncado, e em seguida voltou a atenção a Amilia. — Seus serviços junto à imperatriz terminam aqui, bem como seu emprego neste palácio.

Saldur fez um gesto para o guarda da imperatriz e ordenou:

— Suma com ela da minha frente.

O soldado foi em direção a Amilia, sem conseguir olhar em seus olhos.

Amilia respirava com dificuldade e notou que estava trêmula quando o soldado se aproximou. Embora não fosse de se entregar ao choro, não pôde se conter e lágrimas começaram a escorrer pelas suas faces.

— Não — retrucou Modina.

Pronunciada sem força, pouco mais do que um murmúrio, a palavra lançou um encantamento no recinto. Uma ajudante de cozinha deixou cair uma caçarola de metal, causando um estrondo no piso de pedra. Todos olharam para a menina. O regente se virou, surpreso, e então caminhou em volta da imperatriz, examinando-a com interesse. A jovem dirigiu a Saldur um olhar firme e desafiador. O regente correu os olhos de Amilia para Modina várias vezes. Inclinou a cabeça para um lado e para outro, como se quisesse decifrar um enigma. O guarda esperou, sem saber o que fazer.

Finalmente, Saldur o tranquilizou.

— Que seja conforme a ordem da imperatriz — declarou Saldur, sem desviar o olhar de Modina. — Talvez eu tenha me precipitado um pouco, na minha avaliação de... — Saldur olhou para Amilia, contrariado. — Como é mesmo seu nome?

— A-Amilia.

Ele meneou a cabeça como se aprovasse uma resposta correta.

— Suas técnicas são incomuns, mas não se pode questionar os resultados.

Saldur voltou a olhar para Modina, cercada pelas criadas, que abriram caminho no momento em que ele se aproximou.

— Ela parece melhor, não é? Está mais corada. As... — ele fez um gesto, apontando para o rosto da jovem — ... faces estão mais volumosas. — Disse isso balançando a cabeça. Então cruzou os braços e, com um meneio final de



aprovação, disse: — Muito bem, você permanece no cargo, pois essa parece ser a vontade de Sua Eminência.

O regente deu meia-volta e se retirou da cozinha. Deteve-se à porta, olhou por cima do ombro e disse:

— Sabem de uma coisa? Eu estava começando a achar que ela fosse muda.

## CAPÍTULO 7

### O JOIA



Arista sempre havia se considerado uma amazona experiente. A maioria das damas jamais sequer se sentara numa sela, mas ela cavalgava desde a infância. Os nobres brincavam com o fato e seu pai a repreendia, mas nada era capaz de dissuadi-la. Ela adorava sentir a liberdade do vento em seus cabelos e o coração pulsando com o ritmo dos cascos. Mesmo antes de iniciar a jornada, ansiava pela oportunidade de impressionar os ladrões com sua destreza em equitação.

Mas isso não foi possível.

Ainda em Sheridan, Royce tinha conseguido para a princesa uma égua enérgica, em substituição ao seu belo palafrém. Desde o início da viagem, Royce optara por terrenos irregulares, forçando-os a cruzar riachos, saltar troncos e se esquivar de galhos baixos — frequentemente em pleno trote. Agarrando-se à sela com todas as forças, Arista precisou recorrer a toda sua perícia para não cair de cima da égua. Em pouco tempo, abandonou a ilusão

de ser elogiada pela destreza em equitação e só restou a esperança de chegar ao fim do dia sem a humilhação — sem falar na dor física — de uma queda.

Ao saírem da universidade, rumaram para o sul, seguindo trilhas que somente Royce era capaz de localizar. Antes do amanhecer, cruzaram a nascente estreita do Galewyr e subiram o barranco, na outra margem. Espinheiros e gravetos os açoitavam. Valetas surpreendiam os cavalos e Arista chegou a dar um grito quando sua montaria pisou surpreendentemente fundo numa vala. O silêncio dos dois ladrões intensificou o momento de humilhação. Se ela fosse homem, eles teriam feito algum comentário.

Subiram sem parar, em um ângulo tão inclinado que os animais bufavam vigorosamente e às vezes emitiam gemidos na luta para vencer o morro úmido. Finalmente, chegaram ao topo e Arista se viu saudando uma manhã fria no alto do planalto de Senon.

O planalto de Senon era uma chapada de rochas expostas e arbustos, e de lá de cima a vista se descortinava em todas as direções. Os cascos dos cavalos estalavam no granito exposto até Royce interromper a marcha. Sua capa se agitava na brisa matinal. A leste, o sol nascente os espiava por cima das florestas de Dunmore, cobertas pela neblina. Daquela altura, a grande mata parecia um lago turvo e azulado, correndo em direção ao sol incandescente. Arista sabia que para além da floresta ficava o rio Nidwalden, as cataratas de Parthaloren e a torre de Avempartha. Royce olhou fixamente para o leste, durante vários minutos, e ela se perguntava se aqueles olhos élficos poderiam enxergar, ao longe, o pináculo da fortaleza que pertencia ao seu povo.

Diante deles e a sudoeste, ficava a província de Chadwick, em Warric. A exemplo de tudo o mais que se situava a oeste do planalto, a província ainda estava submersa na escuridão. Lá embaixo, no vale ondulante, o céu anterior à alvorada começava a se distinguir do horizonte escuro. Constituindo um mundo ainda no aconchego da cama, antes que o primeiro galo cantasse, a

área sugeriria grande paz, não fossem as centenas de luzes bruxuleantes, como minúsculos vaga-lumes.

— É o acampamento de Breckton — anunciou Hadrian. — Pelo jeito, o Exército Imperial do Norte não está avançando com grande rapidez.

— Vamos descer antes de chegar às colinas de Âmbar e só retomar a estrada depois que passarmos pelas forças de Breckton — explicou Royce. — Quanto tempo você acha que falta até eles alcançarem Colnora?

Hadrian esfregou os fiapos da barba crescida.

— Mais três, talvez quatro dias. Um exército desse porte se movimenta a ritmo de tartaruga e desconfio que Breckton não esteja satisfeito com as ordens recebidas. É provável que esteja avançando com lentidão, na esperança de que as ordens sejam revogadas.

— Você fala como se o conhecesse — disse Arista.

— Não o conheço pessoalmente, mas lutei sob o estandarte do pai dele. E também contra ele, quando servi nas fileiras do exército do rei Armand, em Alburn.

— Em quantos exércitos você já serviu?

Hadrian deu de ombros.

— Em exércitos demais.

Os três seguiram adiante, pelo topo dos morros, enfrentando um vento feroz que sacudia suas roupas e fazia seus olhos se encherem de lágrimas. Arista mantinha a cabeça baixa, acompanhando com o olhar os cascos da égua que trilhava o caminho por cima de lajes de pedra rachadas, cobertas de líquen. Ela segurou firme o manto, protegendo a garganta, pois a umidade da chuva que havia caído no dia anterior e a transpiração do corpo se aliavam ao vento e faziam-na tremer. Quando voltaram a adentrar a mata, teve início a lenta descida. Mais uma vez os animais sofreram. Agora, Arista se inclinava para trás, quase se encostando à traseira da égua, a fim de manter o equilíbrio.

Embora, felizmente, aquele dia estivesse mais fresco do que o anterior, o ritmo da cavalgada foi mais intenso e a jornada, mais árdua. Finalmente, várias horas depois do meio-dia, eles pararam à margem de um córrego, onde os cavalos se deliciaram com a água fresca e a relva ribeirinha. Royce e Hadrian pegaram alguns sacos e saíram para recolher lenha. Exausta, Arista não se sentou — desabou. As pernas e as nádegas doíam. Havia insetos e gravetos em seus cabelos, e uma camada de poeira cobria o vestido. Seu olhar era vazio, desfocado, pois sua mente estava lenta, entorpecida pelo cansaço.

*No que fui me meter? Será que vou aguentar?*

Estavam abaixo do Galewyr, em território imperial. Ela havia se lançado ao fogo, talvez em vão. Alric ficaria furioso quando desse pela sua falta, e Arista já imaginava o que Ecton diria. Se fosse capturada... Ela cortou o próprio pensamento.

*Isso não vai ajudar.*

Voltou a atenção aos companheiros.

Conforme ocorrera durante as horas da cavalgada, Royce e Hadrian se mantinham calados. Hadrian desarreou os cavalos e os escovou, enquanto Royce preparou uma pequena fogueira na qual pudessem cozinhar algo. Era divertido observar os dois. Sem trocar uma palavra, eles lançavam ferramentas e sacos um para o outro. Sem se virar, Hadrian atirou a machadinha por cima do ombro; Royce a aparou no tempo exato e começou a rachar lenha para a fogueira com ela. No momento em que Royce acabou de montar a fogueira, Hadrian tinha em mãos uma caçarola com água, pronta para ser levada ao fogo. Para Arista, cuja vida havia se passado em público, entre nobres fofoqueiros e criados tagarelas, aquele silêncio era estranho.

Hadrian cortou cenouras e as colocou no interior da caçarola amassada e enegrecida, sobre as brasas.

— Está pronta para apreciar a melhor comida que já comeu na vida, Alteza?

Ela quis rir, mas não teve forças. Em vez disso, afirmou:

— No Castelo de Essendon, temos três chefes e 18 auxiliares de cozinha que se ofenderiam com tal pergunta. Eles passam a vida toda criando pratos sofisticados. Vocês ficariam boquiabertos se vissem os banquetes dos quais já participei, cheios de coisas extraordinárias, desde temperos exóticos até esculturas de gelo. Duvido que vocês sejam capazes de superá-los.

Hadrian exibiu um sorrisinho falso.

— Talvez não — respondeu ele, lutando para cortar, em cubos, pedaços de carne de porco salgada —, mas garanto que esta ceia os deixaria humilhados.

De dentro de uma bolsinha que levava consigo, Arista retirou a escova de cabo perolado e tentou, em vão, desembaraçar os cabelos. No fim das contas desistiu e ficou observando Hadrian, que colocava dentro da caçarola borbulhante pedaços daquela carne horrenda. Cinzas e fragmentos de madeira que se desprendiam do fogo crepitante caíam dentro da mistura.

— Senhor chefe, detritos estão caindo dentro da sua caçarola.

Hadrian sorriu.

— Isso sempre acontece. Não consigo evitar. É bom tomar cuidado para não morder com força algo que possa partir um dente.

— Maravilha — disse ela, e então se voltou para Royce, que se ocupava de verificar os cascos dos cavalos. — Avançamos bastante hoje, não foi? Acho que nunca percorri uma distância tão longa com tanta rapidez. O seu ritmo é cruel.

— Esse trecho inicial foi em território irregular — mencionou Royce. — Vamos poder percorrer muitos quilômetros mais depois que comermos.

— Depois que comermos? — perguntou Arista, sentindo um aperto no coração. — Não vamos pernoitar aqui?

Royce olhou para o céu.

— Ainda temos algumas horas antes que anoiteça.

*Eles querem que eu volte àquela sela?*

Arista duvidava se seria capaz de ficar de pé, quanto mais montar. Praticamente todos os músculos de seu corpo doíam. Eles que pensassem o que quisessem, mas ela não viajaria mais naquele dia. Não havia motivo para prosseguir naquela velocidade ou por um terreno irregular. A princesa não conseguia entender por que Royce optara por um caminho tão árduo.

Ela viu Hadrian servir aquela sopa nojenta numa caneca de lata. Por cima do caldo havia uma camada de óleo na qual boiava uma carne esverdeada, tudo temperado com poeira e casca de árvore. Sem dúvida era a pior comida que alguém já lhe oferecera na vida. Arista segurou a caneca quente entre as mãos, fazendo careta e lamentando-se por não ter comido mais torta de carne quando estava em Sheridan.

— Isto é um... ensopado? — perguntou ela.

Royce riu discretamente e disse:

— É assim que ele chama isso aí.

— Aprendi a fazer esse prato com Thrace — explicou Hadrian com uma expressão de saudade. — Ela cozinha muito melhor do que eu. Ela fazia uma coisa com a carne que... Bem, em todo caso, não, não é um ensopado. É só carne de porco salgada e cozida na água com legumes. Não é propriamente um caldo, mas a água elimina o gosto rançoso do sal e amolece a carne. E é quente. Confie em mim: você vai adorar esse prato.

Arista fechou os olhos e levou a caneca aos lábios. O aroma do vapor era maravilhoso. Antes que se desse conta, havia esvaziado o conteúdo da caneca, comendo com tanta pressa que queimou a língua. No final, ainda raspou o fundo com um pedaço de pão seco. Queria mais, e ficou decepcionada ao ver que Hadrian já estava lavando a caçarola. Deitando-se na relva, emitiu um suspiro enquanto o calor da refeição percorria o corpo.

— Acho que as esculturas de gelo foram desbancadas — comentou Hadrian, dando uma risada.

A despeito da relutância anterior, Arista sentiu-se revigorada após se alimentar. O trecho seguinte da jornada seria em território plano, ao longo de uma trilha deixada por animais. Royce os conduziu o mais rápido possível dentro das possibilidades do terreno, sem fazer paradas ou consultar mapas.

Ao cabo de várias horas, Arista não fazia ideia de onde estavam, tampouco se incomodava. A refeição desapareceu na memória e, mais uma vez, ela estava à beira de um colapso. Seguiu adiante com o corpo curvado, apoiando-se no pescoço do cavalo, cochilando e despertando. Já não conseguia discernir sonho e realidade, de forma que despertava em pânico, achando que estivesse caindo do cavalo. Finalmente fizeram uma parada.

Estava escuro e frio. O solo estava encharcado e, mais uma vez, ela tremia da cabeça aos pés. Os guias retomaram suas providências silenciosas. Dessa vez, para grande decepção de Arista, a fogueira não foi armada e, em vez de uma refeição quente, serviram-lhe tiras de carne defumada, cenoura crua, um quarto de uma cebola e uma fatia de pão seco e duro. Sentada sobre a relva molhada, sentia a umidade encharcar a saia e se espalhar pelas pernas, mas devorou a refeição sem titubear.

— Não vamos improvisar um abrigo? — perguntou ela, esperançosa.

Royce ergueu a cabeça e olhou para as estrelas.

— O céu está claro.

— Mas... — Arista ficou abismada quando ele estendeu um pedaço de pano sobre a relva.

*Eles vão dormir bem aqui, no chão, sem uma barraca!*

Arista contava com três criadas que a vestiam e despiam todos os dias. Elas a banhavam e escovavam os cabelos. Criados afofavam seus travesseiros e lhe traziam leite morno na hora de dormir. Em silêncio, revezavam-se diante da lareira, mantendo-a acesa a noite inteira. Dormir na carruagem era difícil, dormir naquela caminha do dormitório estudantil era um tormento, mas aquilo agora era insano. Até camponeses tinham choupanas.



Embrulhou-se no manto, protegendo-se da friagem noturna.

*Será que vão me oferecer, ao menos, um cobertor?*

Jamais tendo sentido tamanha exaustão na vida, ela se pôs de quatro e, debilmente, arrumou uma camada de folhas mortas para servir de colchão. Ao se deitar, sentiu as folhas se esmagando e estalando embaixo do corpo.

— Espere um instante — disse Hadrian, trazendo-lhe uma trouxa. Era uma lona encerada. — Preciso fazer mais alguns desses encerados. O piche impede que a umidade atravesse a lona — explicou ele, entregando-lhe também um cobertor. — Ah, tem uma clareira bem agradável logo ali, depois daquelas árvores, se a senhorita precisar.

*Por que diabo eu precisaria de uma...*

— Ah, sim — disse ela, conseguindo menear a cabeça. Decerto, logo alcançariam alguma cidade. Ela podia esperar.

— Boa noite, Alteza.

Arista não respondeu, e Hadrian se afastou alguns passos e arrumou a própria cama, com galhos de pinheiro. Sem uma barraca não havia escolha, e ela foi obrigada a dormir de vestido, presa em um espartilho apertado. A princesa esticou a lona, retirou os sapatos, deitou-se e puxou até o queixo o cobertor fino. Embora se sentisse péssima, recusava-se terminantemente a demonstrá-lo. Afinal, muitas plebeias viviam, dia após dia, sob circunstâncias como aquela; portanto, ela também poderia. O argumento era nobre, mas trazia pouco alento.

Assim que fechou os olhos, ouviu um leve zumbido. Nada conseguia enxergar, pois a escuridão era total, mas o som era inconfundível: uma nuvem de mosquitos baixara. Sentindo um pousar na face, deu-lhe um tapa e cobriu a cabeça com o cobertor, expondo os pés. Virando-se de lado e puxando as pernas, escondeu-se embaixo do fino escudo de lã. O espartilho desafiava a respiração de Arista e o cheiro bolorento do cobertor, impregnado com suor de cavalo, revirava o estômago. O desânimo da princesa transbordou e lágrimas escorreram dos seus olhos fechados.

*O que eu estava pensando quando resolvi vir nesta viagem? Não vou conseguir. Ah, Maribor! Como sou tola! Sempre acho que posso fazer o que quiser. Eu achava que sabia cavalgar — que piada! Eu achava que era corajosa — veja o meu estado! Acho que, melhor do que ninguém, agora sei: sou uma idiota!*

Que decepção ela havia causado nas pessoas que a amavam! Deveria ter obedecido ao pai e atendido aos interesses do reino, casando-se com um príncipe poderoso. Agora que estava marcada pelo estigma da bruxaria, ninguém aceitaria desposá-la. Alric tinha se arriscado, oferecendo-lhe a oportunidade de ser embaixadora. O fracasso dela havia condenado o reino. E agora, aquela viagem — aquela viagem infame — tinha sido mais um equívoco, mais um erro crasso.

*Vou para casa amanhã. Vou pedir a Royce que me leve de volta a Medford e apresentar minha exoneração do cargo de embaixadora. Vou apodrecer na minha torre, até que o Império me leve para o cadafalso.*

As lágrimas escorriam pelas faces enquanto jazia sufocada embaixo do cobertor, até que — felizmente, naquela noite fria e implacável — a princesa pegou no sono.



O canto dos pássaros a despertou.

Arista abriu os olhos sob a luz do sol, que cascadeava pelas copas verdes das árvores cobertas de folhas. Borboletas bailavam em meio a uma luz cintilante e dourada. Os raios de sol revelavam um lago tão sereno que parecia que um pedaço de céu tinha despencado. Uma névoa branca e delicada pairava acima da superfície da água, como uma cena de conto de fadas. Cercado de árvores matizadas pelo sol, juncos e flores, o lago

constituía uma visão perfeita — a coisa mais linda que a princesa tinha visto em toda a sua vida.

*De onde veio tudo isso?*

Royce e Hadrian ainda dormiam embaixo dos cobertores embolados, deixando-a sozinha com aquela visão. Ela se levantou com toda cautela, receosa de quebrar aquela beleza frágil. Caminhando descalça até a beira da água, foi surpreendida pelo calor do sol, que derretia a friagem noturna. Espreguiçou-se, sentindo um inesperado orgulho provocado pela dor de um músculo bastante exercitado. Agachando-se com as mãos em concha, pegou um pouco de água e lavou os sulcos das lágrimas vertidas na noite anterior. No meio do lago, um peixe saltou. Arista o viu apenas de relance, uma centelha prateada que desapareceu respingando água. Seguiu-se um novo salto e, contente com a exibição, ela ficou esperando o próximo, sorrindo como uma criança num espetáculo de marionetes.

A névoa se dissipou antes que os sons do “acampamento” atraíssem sua atenção. Arista voltou à clareira, escovou os cabelos e comeu a refeição que estava à sua espera: carne de porco fria. Quando terminou de se alimentar, dobrou os cobertores, enrolou os encerados, então guardou a comida e encheu os cantis com água. Em seguida montou na égua, decidindo, naquele momento, chamá-la de Mística. Apenas depois que Royce os conduziu para fora da clareira ela percebeu que ninguém pronunciara uma palavra sequer desde que havia amanhecido.

Alcançaram a estrada quase imediatamente, o que esclareceu o motivo pelo qual não haviam acendido uma fogueira na noite anterior, bem como os trajés diferentes de Royce e Hadrian naquela manhã: gibão e meias. As espadas de Hadrian não estavam à vista, tendo sido devidamente guardadas. Como Royce sabia da proximidade da estrada era algo que a deixava perplexa. Enquanto seguiam o caminho, sob o sol morno e com os pássaros cantando nas árvores, Arista mal podia compreender o que tanto a aborrecera na noite anterior. Ainda estava dolorida, mas as dores lhe

propiciavam uma satisfação que nada tinha a ver com o fato de ser uma princesa.

Não haviam ido muito longe quando Royce fez Rata parar. Um pelotão de soldados imperiais descia pela estrada, escoltando uma fila de quatro carroças cheias de grãos — altas, com as laterais resistentes e o fundo chato. Imediatamente batedores se adiantaram ao grupo, levantando uma nuvem de poeira. Um oficial de atitude ameaçadora que usava uma armadura reluzente exigiu que eles se apresentassem, embora não o tivesse feito. Ele também perguntou o destino e o motivo da viagem. Soldados se juntaram a ele, lanças apontadas e cavalos bufando.

— Estes são o Sr. Everton, do vilarejo de Windham, e a esposa dele; e eu sou o criado deles — explicou Royce rapidamente, desmontando do cavalo e fazendo uma reverência. O tom e a entonação de sua voz haviam se tornado formais e afetados, e o timbre, nasalado e estridente. Arista ficou surpresa com a súbita semelhança entre Royce e o mordomo afetado que a atendia no castelo. — O Sr. Everton era... quero dizer, é um comerciante respeitado. Estamos a caminho de Colnora, onde a Sra. Everton tem um irmão que espera que lhes forneça abrigo... quero dizer, que ela pretende visitar.

Antes de sair da Rosa e Espinho, Royce havia instruído Arista a respeito dessa história e do papel que talvez precisasse representar. Na segurança da taverna de Medford, a história parecia plausível. Mas agora que chegara o momento, cercada de soldados, Arista duvidava do sucesso do relato. As palmas de suas mãos começaram a suar e o estômago revirou. Royce continuava a desempenhar seu papel magistralmente, respondendo com uma voz afável e afeminada. As respostas pareciam objetivas, mas careciam de qualquer detalhe concreto.

— É o irmão *da senhora* que vive em Colnora? — confrontou o oficial a Arista com uma voz grosseira.

Ninguém jamais se dirigira a ela naquele tom. Até quando a havia ameaçado de morte, Braga tinha se expressado de maneira menos rude.

Arista se esforçou para não demonstrar nervosismo.

— Sim — respondeu ela simplesmente. Arista se lembrou das instruções de Royce para que ela desse respostas curtas e mantivesse uma expressão impassível. Tinha certeza de que os soldados podiam ouvir as batidas de seu coração.

— Qual é o nome dele?

— Vincent Stapleton — respondeu ela prontamente e com confiança, pois sabia que o oficial estaria alerta para detectar qualquer hesitação.

— Onde ele mora?

— Na rua da Ponte, perto do Distrito da Colina — falou ela. A resposta tinha sido devidamente ensaiada. Era típico que a esposa de um próspero comerciante se gabasse do fato de sua família residir nas proximidades do bairro mais valorizado da cidade.

Agora era a vez de Hadrian representar seu papel:

— Escutem aqui. Já estou farto dos senhores e do seu exército imperial. O fato é que as minhas propriedades foram invadidas para abrigar bandoleiros como os senhores, que certamente vão destruir a minha mobília e sujar os meus tapetes. Eu é que tenho algumas perguntas. Por exemplo: quando poderei recuperar as minhas propriedades? — bradou ele, indignado. — É isso o que um comerciante pode esperar da imperatriz? O rei Ethelred nunca nos tratou desse jeito! Quem vai pagar pelos prejuízos?

Para grande alívio de Arista, o oficial mudou de atitude. Conforme esperavam, ele evitou se envolver com as queixas de proprietários despejados e acenou para que prosseguissem em seu caminho.

Ao passar pelas carroças, Arista ficou indignada com o que viu. Elas não transportavam soldados capturados, mas elfos. Cobertos de sujeira, eles viajavam apertados, de pé, acotovelando-se quando a carroça sacolejava na estrada esburacada. Havia mulheres e crianças junto dos homens, todos encharcados de suor, por causa do calor. A princesa ouviu queixas abafadas enquanto os transportes se arrastavam a passo de tartaruga. Alguns

esticavam a mão, implorando água e misericórdia. Arista ficou tão enojada diante da cena que se esqueceu do medo que momentos antes a consumia. Então, de repente, se deu conta e olhou em direção a Royce.

Ele estava a poucos metros da estrada, segurando as rédeas de Rata. Hadrian se posicionara ao seu lado, segurando-o com firmeza pelo braço e sussurrando algo ao seu ouvido. Arista não conseguia escutar o que ele dizia, mas imaginava o conteúdo da conversa. Passados alguns momentos de tensão, eles se voltaram para a estrada e prosseguiram em direção a Colnora.



A rua mergulhava nas sombras à medida que a noite caía. Carruagens se apressavam em chegar aos seus destinos, sacolejando e fazendo barulho pelos calçamentos de pedra. Os acendedores de lampião completavam seus circuitos, em zigue-zague, seguindo de poste em poste. Nas janelas das casas surgiam chamas de luz, e silhuetas transitavam como fantasmas detrás das cortinas. Lojistas fechavam portas e persianas, enquanto carroceiros cobriam as mercadorias e arreavam os cavalos ao final de mais um dia de trabalho.

— Quanto tempo falta? — perguntou Hadrian. Ele e Royce tinham voltado à sua indumentária habitual e Hadrian tornara a exibir as espadas. Embora Arista estivesse acostumada a vê-los naqueles trajes, a mudança na aparência dos dois e a vigília constante montada por Royce à janela a deixaram apreensiva.

— Pouco — respondeu Royce, sem desviar a atenção da rua.

Juntos, aguardavam num pequeno quarto da Estalagem da Raposa Real, o mais acessível dos cinco estabelecimentos do abastado Distrito da Colina. Depois que chegaram, Royce continuou a fazer o papel de criado e eles ocuparam dois quartos: um normal, sem qualquer luxo, e outro pequeno.

Royce despistou as perguntas sobre bagagem e jantar, e o funcionário da estalagem não fez outras indagações.

Quando subiram, Royce insistiu para que os três permanecessem juntos no quarto normal. Depois que afirmou tal intenção, Arista notou uma pausa, como se ele esperasse ser contestado. Isso a divertiu, pois a ideia de dividir um quarto era infinitamente melhor do que qualquer outra acomodação que tivera até então naquela viagem. No entanto, ela admitiu, ainda que para si mesma, que uma semana antes a noção teria lhe causado repulsa.

Aquele simples quarto era mais luxuoso do que a maioria das estalagens. Os colchões eram feitos de penas compactadas, os lençóis estavam limpos, os travesseiros eram fofos e as colchas, pesadas. Havia um espelho de corpo inteiro, uma grande cômoda, um guarda-roupa, uma pequena escrivaninha com cadeira e um quartinho onde ficavam a bacia e o urinol. O cômodo tinha lareira e lamparinas, mas Royce não as acendeu, portanto a escuridão tomou conta do recinto. A única iluminação provinha dos lampiões da rua, que lançavam sobre o piso uma sombra oblonga e enxadrezada. Agora que haviam deixado a estrada e se encontravam num ambiente mais aconchegante, a princesa cedeu à curiosidade.

— Não estou entendendo. O que estamos fazendo aqui?

— Esperando — respondeu Royce.

— O quê?

— Não podemos simplesmente aparecer no acampamento dos nacionalistas. Precisamos de um intermediário. Alguém que marque um encontro — explicou Hadrian. Ele estava sentado diante da escrivaninha, do outro lado do quarto. Na penumbra crescente, Hadrian desaparecia aos poucos, restando apenas um contorno fantasmagórico.

— Não vi vocês enviarem mensagem alguma. Perdi alguma coisa?

— Não, mas as mensagens foram enviadas — mencionou Royce.

— Royce é uma espécie de celebridade aqui — contou Hadrian. — Quando ele chega à cidade...

Royce tossiu, intencionalmente.

— Tudo bem, talvez não seja uma celebridade, mas, com certeza, é bastante conhecido. Não tenho dúvida de que rumores começaram a correr no momento em que ele chegou.

— Quer dizer que queríamos ser vistos?

— Sim — respondeu Royce. — Infelizmente, o Diamante não era o único a vigiar os portões. Alguém está vigiando a nossa janela.

— E esse alguém não pertence ao Diamante Negro? — perguntou Hadrian.

— É desajeitado demais. Tem a sutileza de um cavalo de tração. O Diamante cairia na risada se ele se candidatasse.

— O Diamante Negro é a guilda de ladrões? — indagou ela.

Os dois confirmaram.

Embora, supostamente, fosse uma organização secreta, o Diamante era bastante conhecido. De vez em quando, Arista ouvia referências à guilda, na corte e nas reuniões do conselho. A organização costumava ser alvo de comentários desdenhosos por parte dos nobres mais afetados, embora recorressem com frequência aos serviços da associação. O mercado negro era praticamente controlado pelo Diamante, que fornecia qualquer tipo de mercadoria a quem se dispusesse a pagar o preço cobrado.

— Ele está vendo você?

— Só se for um elfo.

Hadrian e Arista trocaram olhares, perguntando-se se o comentário seria uma piada.

Hadrian se juntou a Royce, diante da janela, e olhou para fora.

— É aquele ao lado do poste com a mão no cabo da espada? Aquele que fica o tempo todo transferindo o peso de corpo de uma perna para a outra?



Aquele lá é um soldado imperial, um veterano da Patrulha de Batedores de Vanguarda — falou Hadrian.

Royce olhou para ele, surpreso.

A luz da rua refletia no rosto de Hadrian, que exibiu um sorriso.

— Esse jeito de transferir o peso, de uma perna para a outra, é uma técnica ensinada aos soldados para evitar dores nos pés. Aquela espada curta é de uso comum entre batedores com equipamento leve, e a luva que ele está usando na mão que maneja a espada é uma das manias do rei Ethelred, que faz questão de que todas as suas tropas usem aquele tipo de peça. Visto que agora Ethelred faz parte do Novo Império, aquele sujeito lá embaixo é um imperialista.

— Você não estava brincando quando disse que serviu em muitos exércitos, não é? — perguntou Arista.

Hadrian deu de ombros.

— Já fui mercenário. Era essa a minha profissão. Eu servia em qualquer lugar onde o pagamento fosse bom. — Hadrian voltou a sentar-se diante da escrivaninha. — Cheguei até a comandar alguns regimentos. Ganhei uma medalha. Mas eu lutava com um determinado exército e, anos depois, acabava lutando contra aquele mesmo exército. Não é divertido matar ex-aliados. Então comecei a me alistar em exércitos cada vez mais distantes. Acabei nos confins de Cális, lutando ao lado dos chefes guerreiros tenkin. — Hadrian balançou a cabeça. — Acho que posso dizer que aquele momento foi, para mim, o fundo do poço. Sabe de uma coisa, a pessoa precisa...

Hadrian foi interrompido por uma batida à porta. Sem dizer uma palavra, Royce atravessou o quarto e se posicionou ao lado da entrada enquanto Hadrian a abria, com toda cautela. Do lado de fora, havia um menino vestido com a roupa típica de uma criança abandonada.

— Boa noite, senhores. Estão chamando os senhores lá no quarto 23 — avisou ele com uma voz alegre; em seguida, levando o polegar à frente, ele se foi.

— Vamos deixá-la aqui? — perguntou Hadrian.

Royce balançou a cabeça.

— Ela vai conosco.

— Vocês precisam falar de mim como se eu não estivesse no quarto? — perguntou Arista, mas o tom de voz irritado era pura dissimulação. Pelo olhar estampado no rosto de Royce, ela percebeu a gravidade da situação e não se atreveria a interferir. Ela estava atrás das linhas inimigas. Se fosse capturada, sabe-se lá o que aconteceria. Mesmo que tentasse se valer da condição de diplomata, era incerto que o Novo Império a respeitasse. Que, para resgatar a princesa, Alric precisasse concordar em se render era uma hipótese absolutamente plausível — assim como uma execução em praça pública.

— Vamos simplesmente entrar naquele quarto? — indagou Hadrian com ceticismo.

— Sim, precisamos da ajuda deles e, quando se pede esmola, convém bater à porta da frente.

Eles estavam no quarto 19; portanto, o percurso até o quarto 23, pelo corredor e virando à direita, era curto. Convenientemente, o quarto ficava isolado. Não havia outras portas naquele corredor, apenas uma escada, que provavelmente dava acesso à rua. Royce bateu duas vezes, esperou um instante e bateu mais três vezes.

A porta se abriu.

— Entre, Duster.

O quarto era maior e mais luxuoso que o deles, com um candelabro que iluminava muito bem o interior. Não havia camas lá, pois se tratava de uma sala de visitas. Na parede oposta havia duas portas, que decerto davam para os quartos. As paredes eram forradas de tecido adamascado verde-escuro e um tapete cobria todo o piso, exceto a área diante da lareira de mármore. Quatro janelas altas, todas cobertas por pesadas cortinas de veludo, decoravam a parede externa. Vários móveis sofisticados ornavam a sala. No

centro estava um homem esquelético, com maxilares fundos e olhos acusatórios. Logo atrás dele havia outros dois, e mais dois se posicionavam ao lado da porta.

— Por favor, queiram se sentar — disse o magricelo, permanecendo de pé até que todos se sentassem. — Duster, vou direto ao assunto. Na sua última visita, deixei claro que você não é bem-vindo aqui, não foi?

Royce se manteve calado.

— Fui muito paciente daquela vez, mas, vendo que você voltou, talvez não convenha ser polido. Pessoalmente, tenho muita consideração por você, mas, na condição de primeiro oficial, não posso permitir que, descaradamente, você entre na cidade depois de ter sido avisado. — Ele fez uma pausa, mas, não encontrando qualquer reação por parte de Royce, prosseguiu: — Hadrian e a princesa podem ir embora. Na verdade, insisto que a dama vá embora, pois a morte de uma nobre pode complicar as coisas. Devo supor que Hadrian vá se recusar?

Hadrian olhou para Royce, que não o encarou; então Hadrian deu de ombros.

— Não quero perder o show que está prestes a começar.

— Nesse caso, Vossa Alteza... — O homem fez um gesto amplo em direção à porta. — Por obséquio, queira voltar ao seu quarto.

— Eu vou ficar — anunciou Arista. Apenas três palavras, mas foram pronunciadas com a confiança de uma princesa habituada a fazer valer sua vontade.

Ele semicerrou os olhos, fitando-a.

— Devo escoltá-la, senhor? — perguntou um dos homens que estavam ao lado da porta, com um tom de voz ameaçador.

— Se você encostar um dedo nela, esta reunião vai acabar mal — disse Royce, pouco acima de sussurro.

— Reunião? — questionou o magro, rindo. — Isto aqui não é reunião nenhuma; isto aqui é um acerto de contas e, com toda certeza, vai acabar

muito mal.

Ele voltou a olhar para Arista.

— Tenho ouvido falar da senhorita. Fico feliz em saber que os boatos têm fundamento.

Arista não fazia ideia do que ele estava falando, mas não gostou de que um marginal *ouvisse falar* dela. E a satisfação que ele expressava a perturbava ainda mais.

— Mesmo assim, meus homens *vão* escoltá-la. — Ele bateu palmas e as duas portas de acesso aos quartos de dormir se abriram, assim como a que estava atrás deles, que dava para o corredor. Vários homens bem-armados entraram na sala.

— Estamos aqui para ver o Joia — anunciou Royce calmamente.

De súbito, a atitude do magricelo se alterou. Arista notou que, em segundos, a fisionomia dele mudou, passando da confiança à perplexidade, à suspeita e, finalmente, chegando à curiosidade. Ele correu a mão ossuda pelos cabelos ralos e louros.

— Por que você acha que o Joia vai querer ver você?

— Porque ele tem a lucrar com o que vou dizer.

— O Joia já é muito rico.

— Não é desse tipo de lucro que estou falando. Me diga uma coisa, Price, há quanto tempo aqueles novos guardas dos portões estão com você? Aqueles que estão usando os uniformes imperiais. E, a propósito, quando foi que Colnora ganhou aqueles portões? E quantos guardas como aqueles estão perambulando pela cidade? — Royce se recostou na cadeira e cruzou as mãos sobre o colo. — Eu deveria ter sido interceptado no momento em que entrei na cidade, assim como lá no sítio de Oslow, mais de duas horas atrás. Por que a demora? Por que não há sentinelas lá no Arco nem na ponte Bernum? Será que você está ficando meio desleixado, Price? Ou será que os imperialistas estão no comando?

Agora foi a vez de o magricelo ficar calado.

— O Diamante não pode ficar feliz com o Novo Império pondo as mangas de fora. Você costumava segurar as rédeas e o Joia possuía o próprio feudo. Porém não é mais o caso. Ele agora precisa saber compartilhar. O Diamante foi forçado a voltar para a sombra, enquanto o novo senhorio põe os pés para cima diante da lareira na casa que eles construíram. Diga a Cosmos que estou aqui para oferecer uma ajuda nesse probleminha.

Price encarou Royce, então seu olhar se desviou para Arista. Ele meneou a cabeça e se levantou.

— Vocês vão ficar aqui até eu voltar.

— Por que não? — observou Hadrian, aparentemente impassível diante da tensão instalada na sala. — Este quarto é bem melhor do que o nosso. Aquilo ali são nozes?

Durante a conversa, e mesmo depois que Price se ausentou, Royce não saiu do lugar onde estava. Quatro dos homens mais mal-encarados entre os presentes o vigiavam atentamente. Era como se fosse um teste de força de vontade, para ver quem recuaria primeiro. Ao contrário de Royce, Hadrian caminhava pela sala despreocupadamente, examinando os diversos quadros e móveis. Escolheu uma poltrona com uma banquetada acolchoada, apoiou os pés e começou a comer as frutas e as nozes de uma travessa.

— Isto está uma delícia — elogiou ele. — A gente não tinha nada disso no nosso quarto. Alguém mais aceita? — Os homens o ignoraram. — Como quiserem — falou Royce, e enfiou na boca mais um punhado de nozes.

Finalmente, Price voltou. Ele tinha se ausentado durante um bom tempo, ao menos foi essa a impressão de Arista, enquanto esperava em silêncio. O Joia tinha concordado com a reunião.

Uma carruagem aguardava por eles em frente à Raposa Real. Arista se surpreendeu quando Royce e Hadrian entregaram as armas antes de embarcar no veículo. Price seguiu com eles na carruagem e outros dois integrantes da guilda sentaram-se ao lado do cocheiro. A carruagem desceu dois quarteirões para o sul, então dobrou em direção ao oeste, subindo a

colina, passando pelo Arco dos Mercadores e seguindo até a ponte Langdon. Através da janela aberta, Arista ouvia o barulho das partes metálicas da carruagem rangendo e dos cascos dos cavalos estalando no calçamento de pedra. Em frente a ela, o brilho das luzes das tavernas refletia no rosto de Price, que a encarava com um sorriso maldoso. O sujeito era todo braços e pernas, com dedos compridos demais e olhos muito afundados.

— Pelo jeito, você está mais próspero atualmente, Duster — disse ele, as mãos cruzadas sobre o colo numa postura um tanto forçada, um canalha fingindo ser civilizado. — Ao menos a sua clientela melhorou. — O primeiro oficial do Diamante sorriu, arreganhando os dentes, e fez um gesto com a cabeça em direção a Arista. — Digo isso apesar do boato que corre por aí de que, nos dias de hoje, Melengar talvez não seja a melhor opção de investimento. Não me leve a mal, Vossa Alteza. O Diamante, como um todo, e eu, pessoalmente, torcemos pela senhorita, mas, na condição de homem de negócios, preciso encarar os fatos.

Arista ofereceu-lhe um sorriso amável.

— O sol vai nascer amanhã, Sr. Price. Isso é um fato. O senhor tem mau hálito e cheira a esterco de cavalo. Isso também é um fato. Quem vai vencer essa guerra, no entanto, ainda é uma questão de opinião, e eu não prezo muito a sua.

Price ergueu as sobrancelhas.

— Ela é uma embaixadora e uma mulher — disse Hadrian. — Você sofreria menos golpes numa luta de espadas com um Pickering, e ainda teria mais chances de vencer.

Price sorriu e meneou a cabeça.

Arista não sabia ao certo se o gesto expressava aprovação ou ressentimento; a fisionomia de um ladrão é mesmo indecifrável.

— Com quem exatamente vamos nos encontrar? Ou é um segredo?

— Com Cosmos Sebastian DeLur, o comerciante mais rico de Avryn — respondeu Royce. — Filho de Cornelius DeLur, de Delgos, provavelmente o

homem mais rico do mundo. Somadas as fortunas dos dois, a família DeLur controla a maior parte do comércio e empresta dinheiro a reis e a plebeus. Ele dirige o Diamante Negro e atende pelo apelido de Joia.

As mãos de Price tremeram levemente.

Quando chegaram ao topo da colina, a carruagem entrou numa estrada particular, pavimentada com tijolos, e subiu a Colina Bernum, uma ladeira inclinada de onde era possível avistar o rio. Protegendo o palacete da família DeLur, portões imensos, mais largos do que três ruas da cidade, abriram-se no momento em que eles se aproximaram. Guardas elegantemente uniformizados se perfilavam, enquanto um funcionário afetado, de luvas brancas e peruca empoada, registrou a entrada deles num pergaminho. Então a carruagem deu início a uma longa e tortuosa subida, seguindo por uma alameda cercada e iluminada. Brechas nas folhagens permitiam relances de um charmoso jardim, com fontes ricamente esculpidas. No topo da ladeira via-se a magnífica mansão de mármore branco. Com três andares, a construção era decorada com 18 colunas, formando uma entrada em meia-lua, iluminada por um gigantesco candelabro no centro. A morada tinha sido construída para impressionar os visitantes, mas o que captou a atenção de Arista foi uma grande fonte de bronze, na qual as figuras de três mulheres nuas despejavam jarras de água dentro de um pequeno lago.

Uma porta dupla, pintada de dourado, foi aberta por outros dois criados impecavelmente vestidos. Outro homem, usando um longo sobretudo de cor escura, os conduziu até um saguão, cheio de tapeçarias e com uma quantidade de esculturas que Arista jamais vira reunidas em um só lugar. Em seguida, passaram por um arco e chegaram a um grande pátio externo. Lado a lado, treliças cobertas de hera decoravam uma sacada aberta repleta de plantas exóticas e com mais duas fontes — novamente figuras de mulheres nuas, embora essas fossem bem menores e esculpidas em mármore.

— Boa noite, Vossa Alteza... Cavalheiros. Bem-vindos ao meu humilde lar.

Sentado num sofá luxuoso, um homem corpulento os saudou. Não era alto, mas extremamente obeso. Parecia ter 50 e poucos anos e mostrava uma calvície avançada. Os cabelos que restavam estavam amarrados com uma fita de seda preta e caíam pelas costas dele. Seu rosto rechonchudo se mantinha jovial, com rugas apenas nos cantos dos olhos quando sorria, conforme acontecia naquele momento. Usava um robe de seda e tinha na mão uma taça de vinho, cujo conteúdo ele quase derramou quando fez um gesto, convidando os visitantes a se aproximar.

— Duster! Há quanto tempo não nos vemos, meu velho amigo? Agora percebo que deveria tê-lo feito primeiro oficial. Isso teria poupado muita dor de cabeça para nós dois. Infelizmente, não me dei conta disso naquele momento. Espero que possamos deixar para trás essas coisas desagradáveis.

— O meu interesse chegou ao fim no dia em que Hoyte morreu — respondeu Royce. — A julgar pela recepção que tivemos, eu diria que é o Diamante que está tendo dificuldade em deixar para trás as coisas desagradáveis.

— É verdade, é verdade — disse Cosmos, dando uma risada. Arista chegou à conclusão de que ele era o tipo de homem que tinha mania de dar risada, assim como outras pessoas têm tiques nervosos, gaguejam ou roem as unhas. — Você não me dá a menor chance, não é mesmo? Isso é muito bom. Assim você me mantém honesto... Bem, tão honesto quanto é possível a um sujeito da minha profissão — falou ele, rindo novamente. — É a sua fama incômoda que mantém a guilda viva. Você é o próprio bicho-papão. Não que o Sr. Price acredite nessa história, você sabe, mas é atribuição dele manter a organização funcionando bem. Permitir que você circule pela cidade é como deixar um tigre faminto solto dentro de uma taverna lotada. Sendo eu o taverneiro, a expectativa é de que queira preservar a paz.

Cosmos fez um gesto com a taça, em direção a Price.



— Creio que você conheceu apenas superficialmente o Sr. Price quando ainda estava conosco. Uma pena. Você até gostaria dele, caso se reencontrassem sob circunstâncias diferentes.

— Quem disse que não gosto dele?

Cosmos riu.

— Você não gosta de ninguém, Duster, à exceção de Hadrian e da Srta. DeLancy, é claro. Para você, as pessoas se dividem entre as que tolera e as que não tolera. Pelo simples fato de eu estar aqui, posso, ao menos, deduzir que não estou na sua listinha.

— Listinha?

— Não acho que a sua lista de alvos fique lotada durante muito tempo...

— Nós dois temos listas. Nomes são registrados e nomes são apagados... o tempo todo. Parece que Price acrescentou o meu à sua lista.

— Considere-o apagado, meu amigo. Agora, me diga, o que você gostaria de beber? Montemorsey? Você sempre gostou do bom e do melhor. Tenho um estoque exclusivo na adega. Vou mandar trazer algumas garrafas.

— Seria ótimo — respondeu Royce.

Cosmos olhou de relance para o mordomo, que fez uma rápida reverência e saiu.

— Espero que você não se importe se conversarmos no meu jardimzinho. Adoro o ar noturno. — Fechando os olhos e levantando a cabeça, ele respirou fundo. — Não consigo sair tanto quanto gostaria. Agora, por favor, sente-se e me fale dessa oferta que você me traz.

Sentaram-se de frente para Cosmos, em bancos ricamente estofados. O espaço entre eles e o Joia era preenchido por uma mesa sofisticada, cujas pernas tinham o formato de cobras, cada uma diferente da outra, todas voltadas para o exterior, as bocas abertas e as presas à vista. Atrás deles Arista ouvia o borbulhar das fontes e o roçar da brisa noturna nas folhagens. Mais abaixo ouvia-se o ronco ameaçador do rio Bernum, cuja vista ficava obstruída pela varanda.

— Na verdade, é uma proposta — começou Royce. — A princesa tem um problema cuja solução talvez você possa ajudar, e você tem um problema que ela talvez possa resolver.

— Maravilhoso, maravilhoso. Gostei do jeito como a coisa está começando. Se você me dissesse que estava me oferecendo uma oportunidade unilateral, eu desconfiaria, mas esquemas de benefício mútuo indicam que está sendo sincero. Gosto disso, mas você sempre foi direto, não é mesmo, Duster? Você podia se dar ao luxo de mostrar o jogo, porque sempre tinha na mão cartas excelentes.

Um criado com luvas brancas, idênticas àquelas usadas pelo homem que estava ao lado dos portões, chegou e, em silêncio, serviu o vinho, posicionando-se em seguida a uma distância respeitosa. Educadamente, Cosmos esperou que todos provassem a bebida.

— Montemorcey é um dos melhores vinhedos do mundo, e a minha adega tem as melhores safras.

Royce meneou a cabeça em sinal de aprovação.

Desconfiado, Hadrian cheirou o líquido vermelho-escuro, então bebeu o conteúdo da taça em um só gole.

— Não está mau para um suco de uva envelhecido.

Cosmos riu mais uma vez.

— Você não é um apreciador de vinho. Eu já deveria saber. Vinho não é bebida para um guerreiro. Gibbons, sirva para Hadrian um caneco de Barril de Carvalho, com um belo colarinho. Ele vai preferir a cerveja. Agora, Duster, quais são esses nossos problemas mútuos?

— O seu problema é óbvio. Você não quer esse Novo Império te sufocando.

— De fato, não quero mesmo. Eles estão por toda parte, e se espalhando cada vez mais. Para cada um deles que a gente encontra com uniforme, há outros três sem. Taverneiros e ferreiros estão trabalhando em segredo para os imperialistas, passando informações. É impossível administrar uma

guilda com as dimensões e a complexidade do Diamante Negro num ambiente tão restritivo assim. Há indícios de que eles tenham espiões dentro do próprio Diamante, o que é extremamente perturbador.

— E sei também que Degan Gaunt é um dos seus meninos.

— Bem, a rigor, não é *meu*.

— Então é do seu pai. Gaunt conta com o apoio de Delgos, Tur Del Fur é a capital de Delgos, e o seu pai é o rei de Tur Del Fur.

Cosmos riu novamente.

— Não, ele não é o rei. Lembre-se que Delgos é uma república. Ele é um dos membros do triunvirato de comerciantes eleitos para conduzir o governo.

— Sei, sei...

— Você não parece estar muito convencido disso.

— Não tem importância. A família DeLur está apoiando Gaunt, na esperança de fazer o império ruir; portanto, qualquer coisa que beneficie Gaunt beneficiaria você também.

— É verdade, é verdade. E o que você me traz?

— Uma aliança com Melengar. A princesa tem poderes para negociar em nome do irmão.

— O boato é de que Melengar está indefesa e prestes a cair diante do Exército Imperial do Norte, comandado por Ballentyne.

— O boato não tem fundamento. A imperatriz chamou de volta o exército do norte para fazer frente aos nacionalistas. Nós passamos por esse exército perto de Fallon Mire. Apenas um pelotão simbólico ficou para trás, com o objetivo de vigiar o rio Galewyr. O exército avança devagar, mas vai chegar a Aquesta antes de Gaunt. Isso vai fazer a balança pesar em favor do Império.

— O que você está insinuando?

Royce olhou para Arista, indicando que era sua vez de falar.

Arista depositou a taça sobre a mesa e tentou organizar os pensamentos da melhor maneira possível. Ainda não havia se recuperado da cavalgada do dia, e agora o vinho, ingerido de estômago vazio, deixara sua mente um tanto turva. Ela inspirou e tentou se concentrar.

— Melengar ainda tem forças de defesa — iniciou ela. — Se utilizarmos tais forças num ataque do outro lado do rio e conseguirmos penetrar em Chadwick, nada poderá impedir o nosso avanço até Glouston. Se chegarmos lá, o marquês Lanaklin terá condições de recrutar um exército com seus súditos leais, e juntos poderemos marchar em direção a Colnora. Poderemos encurralar o Império, com Melengar pressionando do norte e os nacionalistas avançando do sul. O Império seria obrigado a voltar a engajar o exército do norte, deixando a capital à mercê do Gaunt, ou então permitir que nós avançássemos pelo norte de Warric, sem qualquer oposição.

Cosmos se manteve calado, mas com um sorriso nos lábios. Deu um gole no vinho e se recostou na cadeira, a fim de refletir sobre tais palavras.

— Tudo o que queremos que você faça — voltou a falar Royce — é marcar um encontro entre Gaunt e a princesa.

— Depois que um acordo formal for estabelecido entre os nacionalistas e Melengar — explicou Arista —, eu apresentarei a questão a Trent. Com os nacionalistas às portas de Aquesta e meu irmão avançando pelo norte de Warric, Trent vai se juntar a nós de muito bom grado. E, com a ajuda de Trent, o Novo Império vai virar história... onde ele merece ficar.

— A senhorita descreve uma cena adorável, Vossa Alteza — disse Cosmos. — Mas será que Melengar consegue sair de Medford? Será que Lanaklin é capaz de recrutar um exército com rapidez suficiente para conter qualquer ataque desferido pelo Império? Suponho que a senhorita responderia afirmativamente às duas perguntas, mas não poderia fazê-lo com a convicção que decorre da certeza. Felizmente, essas preocupações são mais suas do que minhas. Vou contatar o pessoal de Gaunt e marcar um

encontro. Mas serão necessários alguns dias e, nesse ínterim, não é seguro para vocês permanecerem em Colnora.

— Como assim? — perguntou Royce.

— Conforme eu disse, é possível que tenham se infiltrado na guilda. O Sr. Price me informou que batedores das forças imperiais foram vistos quando vocês cruzaram os portões; portanto, seria ingenuidade supor que a visita de vocês não esteja sendo observada. Sob tais circunstâncias, não é preciso ser um gênio para perceber o que está acontecendo. O próximo passo lógico será eliminar a ameaça. E, Duster, você não é o único ex-membro do Diamante a cruzar Warric.

Os olhos de Royce se semicerraram enquanto ele encarava Cosmos, examinando o gorducho detidamente. Cosmos nada mais disse a respeito da questão e, estranhamente, Royce não fez mais perguntas.

— Vamos partir imediatamente — anunciou Royce de súbito. — Seguiremos para o sul, até Rhenydd, onde estaremos mais perto de Gaunt. Daqui a três dias, estarei aguardando o seu contato, com os detalhes do local e horário do encontro. Se até a manhã do quarto dia não recebermos notícias suas, arrumaremos sozinhos um jeito de chegar até Gaunt.

— Se vocês não receberem notícias minhas dentro de três dias, as coisas estarão realmente péssimas — garantiu Cosmos. — Gibbons, forneça tudo o que eles precisarem para a viagem. Price, tome providências para que eles saiam da cidade sem serem vistos, e envie a mensagem ao pessoal de Gaunt. A senhorita gostaria de enviar uma mensagem a Medford? — perguntou Cosmos à princesa.

Arista hesitou por um momento.

— Só depois que eu firmar um acordo com Gaunt. Alric está a par dos planos e já começou a preparar a invasão.

— Excelente — concluiu Cosmos, levantando-se e esvaziando a taça. — É um prazer trabalhar com profissionais. Boa sorte a todos vocês e que a

fortuna nos sorria. Mas lembre-se de ficar de olhos abertos, Duster. Alguns fantasmas nunca morrem.



— Seus cavalos e pertences serão levados para o moinho de Finlin amanhã de manhã — avisou Price, enquanto os conduzia rapidamente pelos fundos do pátio. As pernas compridas e desengonçadas lhe conferiam a aparência de um espantalho correndo pelo campo. Percebendo a dificuldade de Arista em acompanhá-lo, ele fez uma pausa para que ela recuperasse o fôlego. — Mas vocês três sairão nesta noite, de barco, descendo o rio Bernum.

— Vamos encontrar sentinelas nas pontes Langdon e Sul — lembrou Royce.

— Armados com bestas e piche fervente, suponho — acrescentou Price, sorrindo. No escuro, seu rosto parecia mais esquelético do que nunca. — Mas não se preocupem. As devidas providências já foram tomadas.

O rio Bernum nascia de uma série de riachos que desciam das colinas de Âmbar e do planalto de Senon. Esses cursos de água convergiam, formando um rio de correnteza forte que corria por um profundo cânion de pedra calcária. Em determinado ponto, o Bernum vertia pelas quedas de Âmbar. As cachoeiras enfraqueciam a correnteza e, a partir daquele local, o rio fluía serenamente em meio a uma ravina que dividia a cidade. Tal fato situava Colnora nas águas navegáveis do Bernum — última parada para mercadorias que subiam o rio e passagem para quem pretendesse alcançar a baía de Dagastan.

Após Arista recuperar o fôlego, Price voltou a conduzi-los com extrema rapidez. Passaram por baixo de um arco estreito e coberto de hera, depois cruzaram um portão de madeira, chegando aos fundos da propriedade. Uma mureta de pedra, um pouco acima da linha da cintura, separava o terreno de

um declive até a beira do rio. Olhando para baixo, Arista via tão somente a escuridão, mas a distância podia enxergar pontos luminosos e o contorno de construções. Price os conduziu até uma abertura na mureta, onde havia uma extensa escada de madeira.

— Nosso vizinho, Bocant, o imponente mercador da carne suína, tem um elevador puxado por seis bois — disse Price, apontando para a mansão ao lado. A princesa só enxergou uma série de cabos e polias ligados a uma grande caixa de metal. Duas lamparinas, uma pendurada na parte superior e outra na inferior, revelavam a extensão do declive, que parecia passar de 30 metros. — Mas nós precisamos recorrer ao jeito mais tradicional, embora mais perigoso. Tentem não cair. Os degraus são íngremes e a descida é longa.

A escada era mesmo assustadora — um zigue-zague de tábuas e vigas desgastadas presas à encosta do barranco. Parecia um diabólico labirinto de madeira e metal enferrujado, que começou a estremecer e ranger no momento em que pisaram nele. Arista teve a certeza de que a escada oscilava. A lembrança da torre desmoronando enquanto ela se agarrava a Royce voltou à mente dela. Respirando fundo, segurou firme a balaustrada, a palma da mão molhada de suor, tendo Royce à frente e Hadrian atrás.

Ao pé da escada havia um cais estreito contra o qual um barco leve a remo se batia, sacudido pela marola do rio. Uma lanterna acesa na proa iluminava a área, com uma cintilação amarelada.

— Apaguem essa maldita lanterna, seus imbecis! — ordenou Price, repreendendo os dois homens que preparavam a embarcação.

Um gesto rápido apagou-a e os olhos de Arista se ajustaram ao luar. Tendo feito viagens anteriores a Colnora, ela sabia que durante o dia o rio ficava tão congestionado quanto a avenida Central, mas à noite não havia tráfego e a grande quantidade de embarcações ficava amarrada nos diversos atracadouros.

Quando todos os suprimentos tinham sido embarcados, Price lhes devolveu as armas. Hadrian pendurou a sua no cinto e Royce escondeu na capa o seu punhal de lâmina branca.

— Embarquem logo — falou Price, firmando com um dos pés a borda do barco. De pé no meio da embarcação, um remador troncado e sem camisa os direcionou aos seus lugares.

— Qual de vocês sabe usar o leme? — perguntou ele.

— Etcher — disse Price —, por que você não maneja o leme?

— Eu não sei navegar — respondeu um jovenzinho forte, com bigode fino e cavanhaque, enquanto arrumava os pertences no fundo do barco.

— Eu me encarrego do leme — falou Hadrian.

— E sou grato ao senhor — disse o remador com satisfação. — Meu nome é Wally. O senhor não vai precisar usar muito o leme. Eu manobro bem com os remos; porém, na correnteza, às vezes é até melhor não remar. Basta manter o barco no centro do rio.

Hadrian fez que sim.

— Pode deixar comigo.

— Claro que sim, senhor.

Royce segurou a mão de Arista enquanto ela embarcava e sentava-se ao lado de Hadrian numa velha prancha de madeira. Royce embarcou em seguida, posicionando-se perto da proa, ao lado de Etcher.

— Quando foi que você mandou descer os suprimentos? — perguntou Royce a Price, que ainda firmava com o pé a lateral do barco.

— Antes de voltar para pegar vocês na Raposa Real. Gosto de fazer as coisas com antecedência — comentou ele, piscando o olho. — Duster, talvez você se lembre de Etcher daquele episódio na ponte Langdon, na última vez que você esteve em Colnora. Não o leve a mal. Etcher se ofereceu para levar vocês até o moinho, quando ninguém mais quis saber da ideia. Agora, andem logo. — Price soltou as amarras do bote e os empurrou pelas águas escuras.



— Recolha esses cabos, Sr. Etcher — comandou Wally, enquanto esperava até se afastarem do cais, para então posicionar os dois grandes remos. A cada batida, os remos rangiam baixinho, e o barco deslizou em direção à correnteza do rio.

O remador se reclinava quando puxava os remos. Não era necessário grande esforço, pois a correnteza os levava rio abaixo. Wally remava de um lado ou de outro, corrigindo o curso da embarcação conforme a necessidade. Em alguns momentos, manejava ambos os remos, para que o barco seguisse um pouco mais veloz do que o fluxo da água.

— Droga! — praguejou Wally em voz baixa.

— O que foi? — perguntou Hadrian.

— A lanterna no cais do Bocant apagou. Eu me baseio nela para direcionar o barco. Que falta de sorte! Eles deixam a lanterna acesa todas as noites. Usam aquela geringonça de metal para descarregar os barcos. Às vezes, as barças atracam tarde e, no escuro, aquela lanterna serve como farol. Como eles nunca sabem quando as barças vão chegar, costumam deixar a lanterna acesa a noite toda... Ah... Esperem... Acenderam de novo. Deve ter apagado com o vento, ou algo assim.

— Quietos! — murmurou Etcher, sentado à proa. — Não estamos numa excursão de barco. Você foi pago para remar, não para ser guia do rio.

Royce contemplou a vasta escuridão.

— É normal a presença de pequenas embarcações no rio à noite?

— Não, a menos que seja contrabando — respondeu Wally com um tom de voz ladino, que fez Arista pensar que talvez ele falasse por experiência própria.

— Se vocês não calarem a boca, alguém vai acabar nos vendo — rosnou Etcher.

— Tarde demais — anunciou Royce.

— Como assim?

— Atrás de nós tem ao menos um barco nos seguindo.

Arista olhou, mas não conseguiu enxergar nada, exceto a linha desenhada pelo luar na superfície escura da água.

— Você enxerga muito bem. Enxerga mesmo — comentou Wally.

— Foi você quem os viu, na verdade — corrigiu Royce. — A lanterna no cais não apagou. Aquele barco a bloqueou, quando cruzou o seu campo de visão.

— Eles são quantos? — perguntou Hadrian.

— Seis, e estão numa barçaça a remo.

— Então vão conseguir nos alcançar, não vão? — perguntou Arista.

Hadrian fez que sim.

— Barçasças costumam competir no Galewyr e aqui no Bernum por dinheiro. Barcos leves como este nunca competem.

Mesmo assim, Wally remava com grande intensidade, fato que, somado à correnteza, fazia o barco avançar em ritmo acelerado, produzindo até uma brisa que roçava o rosto deles.

— Ponte Langdon à vista — anunciou Etcher.

Arista viu a ponte já bem próxima e o barco seguia célere. Grandes pilares de pedra serviam de base para os arcos que sustentavam a ponte, cuja estrutura cruzava o rio à altura de um prédio de oito andares. Ela mal conseguia enxergar a cabeça arredondada dos cisnes que decoravam os postes que iluminavam a ponte, criando uma fileira de luzes e tendo como pano de fundo o céu estrelado.

— Há soldados lá em cima — disse Royce. — E Price não estava brincando quando disse que eles portavam bestas.

Wally olhou por cima do ombro, depois para a ponte e, em seguida, fitou Royce com curiosidade.

— Você tem sangue de coruja?

— Pare de remar e cale a boca! — ordenou Etcher, e Wally retirou os remos de dentro da água.

Eles flutuaram em silêncio, impulsionados pela correnteza do rio. Sob a luz dos postes enfeitados com cisnes, os homens logo se tornaram visíveis, até mesmo para Arista. Um barco escuro num rio escuro seria difícil, mas não impossível, de ser detectado. A correnteza puxou a popa e a embarcação começou a flutuar meio de lado. Um meneio de cabeça por parte de Wally fez Hadrian corrigir o curso com o leme, e o barco se aprumou.

Uma luz explodiu no céu noturno. Um brilho alaranjado se espalhou pela ponte, vindo de algum ponto na margem esquerda. Um armazém estava em chamas. As labaredas espocavam, lançando fagulhas para o alto, como um ciclone de vaga-lumes. Silhuetas cruzaram correndo toda a extensão da ponte e gritos agudos cortaram o silêncio da noite.

— Agora, reme! — comandou Etcher, e Wally não perdeu tempo.

Arista aproveitou a chance e olhou para trás, vendo também a barcaça iluminada pelo incêndio. Ela media quase 5 metros de comprimento com mais de 1 metro de largura. Quatro homens, sentados em duplas, uma à frente da outra, manejavam quatro remos. Além dos remadores, havia um homem sentado à popa e outro à proa, portando uma vara com um gancho na ponta.

— Acho que a intenção deles é nos agarrar — sussurrou Arista.

— Não — disse Royce. — Eles estão esperando.

— O quê?

— Não sei ao certo, e não vou esperar para descobrir. Vamos ficar o mais longe deles que pudermos, Wally.

— Chegue para lá, amigo. Quero dar uma ajudazinha — disse Hadrian ao remador, e sentou-se ao seu lado. — Arista, segure o leme.

A princesa substituiu Hadrian, segurando a manivela de madeira. Sem fazer ideia de como proceder, decidiu mantê-la centrada. Hadrian arregaçou as mangas e, apoiando os pés nas ripas do fundo do bote, pegou um dos remos. Royce tirou a capa e as botas, atirando-as de lado.

— Não faça nenhuma besteira — falou Etcher, dirigindo-se a Royce. — Ainda temos de passar por outra ponte.

— Assim que passarmos pela ponte Sul, estaremos fora de perigo — declarou Royce. — Agora, cavalheiros, vamos nos manter o mais longe possível daquela barçaça.

— Quando eu disser três — avisou Wally, então começaram a remar juntos, com tamanho vigor e rapidez que o bote parecia voar, deixando um rastro de espuma. Pego de surpresa, Etcher cambaleou e quase caiu para trás.

— Que diabos... — começou a dizer Etcher quando Royce pulou pela lateral do barco e desapareceu. — Idiota. O que ele quer que a gente faça? Que espere por ele?

— Não se preocupe com Royce — respondeu Hadrian enquanto ele e Wally remavam em uníssono. Arista achou que a barçaça estava cada vez mais distante, porém talvez fosse apenas ilusão.

— Eis a ponte Sul — murmurou Etcher.

Enquanto se aproximavam, Arista viu outro incêndio. Dessa vez era um atracadouro, que ardia como gravetos secos. A velha ponte Sul, que demarcava os limites da cidade, não era tão alta quanto a ponte Langdon, e Arista pôde enxergar os guardas facilmente.

— Desta vez eles não estão correndo para ver o incêndio — disse Hadrian. — Estão se mantendo em seus postos.

— Quietos. Vamos tentar passar sem que eles percebam — sussurrou Etcher.

Com os remos recolhidos, ficaram imóveis como estátuas. Arista se deu conta de que comandava a embarcação, que descia levada pela correnteza. Em pouco tempo, aprendeu como o leme afetava a direção do barco. Os resultados lhe pareciam opostos aos esperados. Se puxasse para a direita, a proa virava à esquerda. Com medo de cometer algum erro, concentrou-se no esforço de manter o barco firme e em linha reta. Mais adiante, algo

estranho estava sendo baixado da ponte. Parecia uma teia de aranha, ou galhos de árvore pendurados. Ela pretendia fazer uma manobra, a fim de se esquivar, mas percebeu que o aparato se estendia de um lado ao outro do rio.

— Eles armaram uma rede! — exclamou Etcher num tom de voz um tanto alto.

Wally e Hadrian tentaram fazer o barco retroceder, mas a correnteza venceu e ele flutuou diretamente para a rede, girando de lado, espirrando um pouco de água e ameaçando virar.

— Atraquem o barco e não saiam de dentro dele! — Ouviu-se um grito, vindo de lá de cima.

Uma lamparina descida da ponte revelou o esforço por eles despendido para se livrarem da rede. Etcher, Wally e Hadrian cortaram-na com facas, mas, antes que pudessem removê-la, dois soldados imperiais desceram e se posicionaram na margem. Ambos empunhavam bestas.

— Parem ou vamos matá-los aí mesmo — ameaçou o soldado que estava mais próximo, com uma voz áspera e nervosa. Hadrian balançou a cabeça e os três largaram as facas.

Arista não tirava os olhos das bestas empunhadas pelos homens. Conhecia aquelas armas, pois tinha visto soldados praticando com elas no pátio em Essendon. Aquelas setas perfuravam velhos elmos colocados em bonecos, produzindo verdadeiros rombos no metal. As bestas estavam tão perto que ela podia ver as afiadas pontas de ferro dos virotes — uma força capaz de perfurar metal, contida apenas por uma pequena trava, apontada diretamente contra eles.

Wally e Hadrian manobram o barco até a margem e todos desembarcaram, Hadrian oferecendo a mão a Arista. Ficaram lado a lado, Arista e Hadrian adiante, Wally e Etcher atrás.

— Retirem as armas — ordenou um dos soldados, apontando em direção a Hadrian, que parou e correu os olhos de um arqueiro para outro antes de

depor as espadas. Um dos soldados se aproximou, enquanto o outro ficou atrás, mantendo-se alerta.

— Quem são vocês? — perguntou o soldado que estava mais à frente.

Ninguém respondeu.

O mesmo soldado deu mais um passo adiante e olhou de perto para Arista.

— Muito bem, muito bem, veja só o que temos aqui, Jus. Acho que pegamos um peixe grande.

— Quem é ela? — perguntou Jus.

— Essa é a princesa de Melengar, aquela que dizem ser bruxa.

— Como você sabe disso?

— Eu a conheço. Estava em Medford no ano em que ela foi julgada por ter assassinado o pai.

— O que será que ela está fazendo aqui?

— Não sei... O que a senhorita está fazendo aqui?

Arista se manteve calada, os olhos pregados nas pontas dos virotes. Feitas de puro ferro, as pontas pareciam extremamente afiadas. Sir Ecton se referia àqueles virotes como “matadoras de cavaleiros”.

*O que eles vão fazer comigo?*

— Isso o capitão vai descobrir — disse o soldado. — E conheço esses dois também — continuou ele, apontando para Wally e Etcher. — Já os vi lá na cidade.

— Claro que já viu — disse Wally. — Faz anos que conduzo barcos nesse rio. A gente não estava fazendo nada errado.

— Se você trabalha nesse rio, deve saber que o transporte noturno não é permitido.

Wally ficou calado.

— Mas não conheço esse aí. Qual é o seu nome?

— Hadrian — respondeu ele, dando um passo adiante como se fosse cumprimentar alguém.

— Para trás! Para trás! — gritou o soldado, levantando a besta na altura do peito de Hadrian, que parou imediatamente. — Mais um passo e abro um buraco no seu peito!

— Então, o que vocês pretendem fazer? — perguntou Hadrian.

— Você e os seus amiguinhos fiquem aí, bem quietos. Já mandamos um emissário buscar uma patrulha. Vamos levá-los até o capitão. Ele vai saber o que fazer.

— Espero que não tenhamos de esperar muito — disse Hadrian. — O ar da noite está muito úmido, o que não faz bem. Você podem pegar uma gripe. Parece até que já pegaram.

— Eu não peguei gripe nenhuma.

— Tem certeza? Os seus olhos e o seu nariz estão vermelhos. Arista concorda comigo, não?

— Como? — indagou Arista, ainda absorta diante das bestas. O coração martelava no peito e ela mal pôde ouvir o que Hadrian dissera.

— Aposto que vocês dois passaram a noite inteira tossindo e espirrando, não foi? — prosseguiu Hadrian. — Nada é pior do que uma gripe de verão. Não é verdade, Arista?

Arista ficou estupefata diante da tagarelice de Hadrian e da obsessão pela saúde dos dois soldados. Sentiu-se obrigada a dizer algo.

— Eu... Eu acho que sim.

— Espirrar é o pior. Eu *detesto* espirrar.

Arista arfou.

— Cale a boca! — ordenou o soldado. Sem desviar os olhos de Hadrian, ele chamou Jus. — Alguém já está vindo?

— Ainda não — respondeu Jus. — Acho que estão todos combatendo aquele incêndio.

Arista jamais havia tentado algo semelhante num apuro como aquele. Fechando os olhos, procurou se lembrar da técnica de concentração que Esrahaddon tinha lhe ensinado. Respirou fundo, esvaziou a mente e tentou

se acalmar. Em seguida, focou a atenção nos sons que a circundavam — o rio batendo no barco, o vento soprando entre as árvores, o coaxar dos sapos e o canto dos grilos. Depois, lentamente, isolou cada som, um por um. Abrindo os olhos, fitou os soldados. Agora podia vê-los com detalhes: a barba por fazer nas faces, os tabardos amassados, até os elos enferrujados nas armaduras. Seus olhos revelavam o nervosismo que sentiam, e Arista achou até que conseguia sentir o cheiro azedo que os dois exalavam. Respirando de maneira ritmada, concentrou-se no nariz de cada um deles e começou a entoar e murmurar um cântico. Aos poucos, o tom da voz aumentou, como se ela estivesse cantando.

— Eu disse para não... — O soldado parou, subitamente, franzindo o nariz. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele balançou a cabeça, irritado. — Eu disse para não... — recomeçou ele e, mais uma vez, foi obrigado a parar, ofegante.

Jus estava passando por uma situação parecida e, quanto mais o tom da voz de Arista se elevava, mais os dois sofriam. Erguendo uma das mãos, ela mexeu os dedos, como se estivesse escrevendo no ar.

— Eu... disse para... Eu... Eu...

De repente, Arista fechou a mão e os dois espirraram em uníssono.

Naquele instante, Hadrian deu um salto e, com um único chute, quebrou o joelho do guarda que estava mais próximo. Em seguida, usou o guarda que urrava de dor como escudo, exatamente no momento em que o outro disparou. O virote atingiu o soldado no meio do tórax, rompendo os elos da armadura de metal e projetando Hadrian e o “escudo” para trás. Deixando o guerreiro morto cair no chão, Hadrian pegou a besta por ele empunhada e mirou no outro guarda, que dera meia-volta na intenção de fugir. O virote foi disparado. O impacto provocou um estalo e derrubou o fugitivo no chão, onde tombou morto.

Hadrian largou a besta e falou:

— Vamos embora!



Pularam de volta no barco, precisamente no momento em que a barça se aproximava.

Surgida do meio da escuridão, ela já não cortava a superfície da água. Ao contrário, seguia à deriva, obedecendo aos caprichos da correnteza. Quando a embarcação chegou perto, o motivo ficou claro. A barça estava completamente vazia. Até os remos haviam desaparecido. Quando ela passou, um vulto escuro emergiu.

— Por que pararam? — repreendeu-os Royce, retirando dos olhos os cabelos molhados. — Eu os alcançaria. — Ao ver os corpos, percebeu que não precisava de explicações.

Hadrian empurrou o barco pela correnteza e pulou para dentro no último instante. Lá em cima, vozes de homens se tornaram audíveis. Na embarcação, acabaram de cortar a rede e, uma vez livres, afastaram-se da ponte. A forte correnteza, somada à força de Wally e Hadrian no manuseio dos remos, fez o barco voar rio abaixo, na escuridão da noite, deixando para trás a cidade de Colnora.

## CAPÍTULO 8

# HINTINDAR



Arista acordou sentindo-se desorientada e confusa. Sonhara que viajava em sua carruagem, sentada diante de Sauly e Esrahaddon. Entretanto, no sonho, o mago ainda não era maneta e Sauly trajava seus paramentos episcopais. Tentavam servir brandy numa taça e debatiam algum assunto — uma discussão acalorada, mas ela não se lembrava do conteúdo.

Uma luz forte cegou a visão dela e suas costas doíam, pois havia dormido sobre algo duro. Arista piscou e semicerrou os olhos, em seguida olhou em redor. A memória voltou e ela se deu conta de que ainda estava no barco, descendo o rio Bernum. Seu pé ficou dormente e, ao tirar uma bolsa de cima dele, teve a sensação de receber alfinetadas. O sol matinal brilhava forte. Os barrancos de calcário tinham desaparecido, substituídos por terras cultivadas em aclave. De cada lado do rio, belos campos verdes ondulavam lentamente na brisa. A relva alta e pontiaguda talvez fosse um trival, porém

poderia também ser cevada. Naquele ponto o rio era mais largo e mais lento. Quase não havia correnteza e Wally voltara a manejar os remos.

— Bom dia, senhorita — saudou-a ele.

— Bom dia — disse Hadrian também, sentado diante do leme.

— Acho que dei uma cochilada — respondeu ela, sentando-se mais ereta e ajeitando o vestido. — Alguém mais conseguiu dormir?

— Vou dormir após descermos mais o rio — respondeu Wally, puxando os remos e oscilando o corpo, para trás e para a frente. As pranchas dos remos entravam e desapareciam dentro da água. — Depois que deixar os senhores, vou até Evlin, tiro uma soneca, faço uma boa refeição, então tento pegar algum passageiro ou alguma carga para trazer de volta. Seria uma bobagem subir a correnteza de graça.

Arista olhou para Hadrian.

— Um pouco — declarou ele. — Royce e eu nos revezamos.

Os cabelos da princesa estavam soltos e caíam sobre seu rosto. A fita de cetim azul tinha sido perdida durante a cavalgada noturna, na saída de Sheridan. A partir de então, ela amarrara os cabelos com um pedaço de barbante oferecido por Hadrian. Naquele momento, não sabia o paradeiro do barbante; no entanto, passando a mão pelos cabelos, Arista o encontrou, preso no meio de um tufo. Enquanto tentava retirá-lo, ela falou:

— Vocês deveriam ter me acordado. Eu teria me revezado com vocês no comando do leme.

— Quase fizemos isso quando a senhorita começou a roncar.

— Eu não ronco!

— Atrevo-me a discordar — protestou Hadrian enquanto mastigava.

Ela olhou ao redor do bote, e cada passageiro, inclusive Etcher, fez que sim. O rosto da princesa ficou vermelho.

Hadrian deu uma risada.

— Não se preocupe. A senhorita não pode ser responsabilizada pelo que faz enquanto dorme.

— Mesmo assim — retrucou ela —, isso não condiz com uma dama.

— Bem, acho que a senhorita não precisa mais se preocupar com esse tipo de coisa — informou Hadrian com um sorrisinho cruel. — Desde Sheridan, já sabemos que a senhorita não sofre de afetação.

*Era muito melhor quando eles ficavam calados.*

— Aceite isso como um elogio — apressou-se em acrescentar Hadrian.

— O senhor não tem muita sorte com as damas, não é? — perguntou Wally, fazendo uma breve pausa e permitindo que os remos boiassem como asas, deixando uma pequena trilha de gotículas na superfície tranquila do rio. — O senhor sabe, com elogios desse tipo...

Hadrian franziu o cenho, então se voltou para Arista, com um ar preocupado.

— Aquilo foi mesmo um elogio. Jamais conheci uma dama que... Bem, sem se queixar, a senhorita tem sido... — Ele se deteve com certa frustração, então acrescentou: — Aquele truquezinho que a senhorita fez lá foi sensacional.

Arista sabia que Hadrian só se referira ao feitiço dos espirros para amenizar a situação, mas, com algum orgulho, admitia ter finalmente realizado uma contribuição concreta àquela viagem.

— Aquela foi a primeira aplicação prática de magia manual que consegui realizar.

— Cheguei a duvidar de que a senhorita conseguisse — disse Hadrian.

— Quem diria que uma besteirinha daquelas seria tão útil?

— Se continuar a viajar conosco, a senhorita vai constatar que temos utilidade para qualquer coisa — falou Hadrian, estendendo a mão. — Queijo? — perguntou ele. — Está bem gostoso.

Arista aceitou o queijo e lhe ofereceu um sorriso, mas se decepcionou, pois Hadrian não viu. Os olhos dele haviam se desviado para a margem do rio, e o sorriso dela se desfez enquanto comia o queijo, um tanto constrangida.

Wally continuava a conduzir o barco com remadas bem cadenciadas, o mundo passando por eles lentamente. Avançavam, curva após curva, desviando de uma árvore tombada aqui, esquivando-se de um banco de areia ali. Arista levou quase uma hora, trabalhando com a escova, para finalmente desembaraçar todos os nós dos cabelos. Em seguida, amarrou-os novamente com o barbante num respeitável rabo de cavalo. Depois de algum tempo, em meio aos juncos que brotavam no rio, surgiu uma brecha que deixava à vista um pequeno banco de areia exibindo sinais de um atacadouro.

— Entre ali — ordenou Etcher e, com habilidade, Wally girou o barco, parando à sombra de um imenso salgueiro. Etcher pulou da embarcação e amarrou o cabo da proa. — Vamos fazer uma parada aqui e desembarcar nosso equipamento.

— Ainda não — replicou Royce. — Você não vai verificar as pás do moinho primeiro?

— Ah, sim — concordou Etcher, um tanto constrangido, e até um pouco irritado. — Esperem aqui — pediu ele, e saiu correndo pela encosta coberta pela relva.

— As pás? — perguntou Hadrian.

— Logo acima desse morro fica o moinho de Ethan Finlin — explicou Royce. — Finlin faz parte do Diamante. O moinho dele é usado como local de estocagem de contrabando, além de ser uma espécie de farol que pode ser visto de colinas distantes. Se as pás estiverem girando, está tudo bem. Se não, é sinal de encrenca. O posicionamento das pás paradas tem diferentes significados. Se estiverem na vertical, como o mastro de um navio, é porque ele precisa de ajuda. Se estiverem na diagonal, significa manter distância. Ainda há outros sinais, mas o significado deve ter mudado desde o tempo em que eu era membro da organização.

— Está tudo bem — informou Etcher, voltando morro abaixo.

Eles pegaram as bolsas, despediram-se de Wally com um aceno e subiram a encosta do morro. O moinho de Finlin era uma torre alta e surrada pelo tempo, situada no topo de uma colina gramada. A roda do moinho volvia, voltada para o vento nordeste, que soprava continuamente. As pás gigantescas, confeccionadas de tecido e com molduras de madeira, rodavam lentamente, rangendo enquanto faziam o grande eixo do moinho girar. Ao redor da construção havia uma série de construções menores, galpões de armazenamento e carroças. O local estava quieto e sem clientes.

Encontraram os cavalos prometidos e um sobressalente para Etcher. Descobriram também seus pertences num celeiro ao lado. Finlin esticou a cabeça pela janela do moinho e acenou. Eles acenaram também, e Royce conversou brevemente com Etcher enquanto Hadrian encilhava os animais e carregava os suprimentos. Arista colocou os arreios na égua a ela destinada, fato que mereceu o sorriso de Hadrian.

— A senhorita costuma encilhar o próprio cavalo? — perguntou ele enquanto Arista passava a cinta por baixo da barriga da égua. O anel de metal pendurado na ponta da cinta balançava, para a frente e para trás, e ela foi obrigada a se agachar embaixo do animal.

— Sou uma princesa, não uma inválida.

Ela pegou a cinta, apertou-a e deu um nó, a seu ver, adequado, exatamente igual àquele que usava para amarrar os cabelos.

— Posso fazer uma pequena sugestão?

Arista ergueu o olhar.

— Claro.

— A senhorita vai precisar apertar mais, e usar um nó de marinheiro.

— Foram duas sugestões. Obrigada, mas acho que está bom assim.

Hadrian esticou o braço e deu um puxão na sela, que girou e parou entre as patas da égua.

— Mas *estava* apertado.

— Claro que estava — disse Hadrian, levantando a sela e desfazendo o nó. — As pessoas acham que os cavalos são bobos, animais irracionais, conforme são chamados, mas esta égua acabou de enganar a princesa de Melengar. — Hadrian retirou a sela, dobrou a manta novamente e voltou a colocar a sela sobre o dorso do animal. — Os cavalos não gostam de ter uma sela amarrada no peito, assim como, acho, a senhorita não gosta de ficar amarrada no espartilho. Para eles, quanto mais frouxo, melhor, pois eles pouco se importam se a pessoa escorregar. — Ele enfiou a correia de couro através do anel e puxou com força. — Então, ela está prendendo o ar nos pulmões, expandindo o peito e esperando até que eu amarre a sela. Quando ela expira, a sela fica frouxa. Acontece que eu sei disso. E sei também que ela não consegue prender a respiração para sempre. — Hadrian aguardou, segurando a correia com as duas mãos e, no instante em que a égua expirou, puxou, apertando mais cerca de 10 centímetros. — Viu?

A princesa observou enquanto Hadrian acabava de ajustar a correia, aplicando um nó de marinheiro que se alojou confortavelmente no flanco do animal.

— Certo, eu admito. Foi a primeira vez que encilhei um cavalo — confessou ela.

— E você está se saindo maravilhosamente — disse ele em tom de brincadeira.

— Você sabe que tenho poderes para decretar a sua prisão perpétua, não sabe?

Royce e Etcher entraram no celeiro. O ladrão mais jovem pegou seu cavalo e saiu em silêncio.

— Esses Diamantes são bons amigos — comentou Hadrian.

— Cosmos pareceu um sujeito hospitaleiro — observou Arista.

— É. Mas é como se uma aranha conversasse com uma mosca, só para atraí-la para a teia.

— Que metáfora interessante — comentou Arista. — Você teria futuro na política, Hadrian.

Ele olhou para Royce.

— Nunca chegamos a considerar essa opção.

— Acho que não é muito diferente de ser ator...

— Ele não gosta das minhas ideias — disse Hadrian dirigindo-se a Arista, e em seguida voltando-se para Royce. — Para onde vamos agora?

— Para Hintindar — respondeu Royce.

— Para Hintindar? Você está falando sério?

— É isolado e, por isso, um bom lugar para a gente desaparecer por um tempo, você não acha? Algum problema?

Hadrian semicerrou os olhos.

— Você sabe muito bem que tem um problema.

— Qual é o problema? — perguntou Arista.

— Eu nasci em Hintindar.

— Já falei a Etcher que é lá que a gente vai esperar por ele — informou Royce. — Agora é tarde.

— Mas Hintindar não passa de um povoado, com algumas fazendolas e oficinas. Nem temos onde ficar.

— Melhor ainda. Depois de Colnora, talvez não seja muito esperto da nossa parte nos hospedarmos num hotel. Deve haver gente por lá que ainda o conhece. Tenho certeza de que alguém vai nos estender a mão e nos hospedar por algum tempo. Precisamos nos isolar um pouco.

— Não é possível que você ainda ache que alguém esteja nos seguindo. Eu sei que o Império gostaria de impedir que Arista chegasse até Gaunt, mas duvido que ela tenha sido reconhecida por alguém em Colnora... isto é, por alguém que ainda esteja vivo.

Royce não respondeu.

— Royce?

— Só estou querendo evitar riscos — retorquiu ele.



— Royce, o que Cosmos quis dizer quando sugeriu que talvez você não fosse o único ex-membro do Diamante em Warric? Que conversa foi aquela de fantasmas que não morrem nunca? — Royce continuou calado. Hadrian arregalou os olhos. — Eu vim nesta viagem para atender a um pedido seu, mas se você vai ficar com segredinhos...

Royce cedeu.

— É provável que não seja nada, mas... talvez Merrick esteja atrás da gente.

Hadrian desfez o olhar de irritação e respondeu com um simples:

— Ah!

— Alguém vai me dizer quem é Merrick? — perguntou Arista. — Ou por que Hadrian não quer voltar à sua cidade natal?

— As condições sob as quais eu saí não foram as melhores — respondeu Hadrian —, e faz muito tempo que não volto lá.

— E Merrick?

— Merrick Marius, também conhecido como Cutelo, foi um amigo de Royce. E foram membros do Diamante na mesma época, mas eles... — Hadrian olhou de relance para Royce. — Bem, digamos que eles se desentenderam.

— E daí?

Hadrian esperou que Royce falasse e, quando Royce se manteve calado, ele respondeu:

— É uma longa história, mas, resumindo, Merrick e Royce não se dão bem. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Merrick é muito parecido com Royce.

Arista continuou a olhar para Hadrian, até perceber o significado da situação.

— Mas isso não quer dizer que Merrick esteja atrás da gente — prosseguiu Hadrian. — Faz muito tempo, não é? Por que ele iria se preocupar com você agora?

— Ele está trabalhando para o Império — disse Royce. — Foi isso que Cosmos quis dizer. E, se tiver alguém do Império infiltrado no Diamante, ele agora já sabe da gente. Mesmo que não haja um espião, Merrick pode descobrir a gente por intermédio do Diamante. Muitos o consideram um herói por ter me mandado para Manzant. Para essas pessoas, o malvado sou eu.

— Você esteve em Manzant? — perguntou Arista, boquiaberta.

— Ele não gosta de falar nesse assunto — respondeu Hadrian, mais uma vez, em nome de Royce. — Então, se Merrick estiver no nosso encaço, o que devemos fazer?

— O que sempre fazemos — respondeu Royce. — Mas melhor do que nunca.



O povoado de Hintindar se escondia num pequeno vale ribeirinho cercado de colinas. Uma colcha de seis campos cultivados, delimitados por cercas vivas, carvalhos e freixos gigantes, decorava a paisagem, formando um mosaico de plantações. Linhas horizontais de barrancos cobertos de verde marcavam três desses campos com valetas para conter deslizamentos. Animais pastavam no quarto campo e o quinto havia sido cortado para fazer feno. O último campo estava sem cultivo para descansar a terra. As jovens estavam nos campos, ceifando e enfiando linho em sacas penduradas nos ombros enquanto os homens limpavam as plantações e empilhavam o feno.

O centro do povoado ficava à beira da estrada de acesso, perto de um riacho, afluente do Bernum. Casas de madeira, ou pedra, ou de enxaimel e taipa, com telhados de colmo, ladeavam a estrada, começando logo após uma ponte de madeira e acabando na metade da ladeira de acesso ao solar central. Havia também uma variedade de oficinas. Várias chaminés expeliam

fumaça, sendo a mais escura aquela que saía da casa do ferreiro. Os cascos dos cavalos anunciaram a vinda dos visitantes no momento em que cruzaram a ponte. Cabeças se viraram, um aldeão cutucou outro e dedos foram apontados em direção aos recém-chegados. As pessoas pelas quais eles passavam interrompiam as atividades para segui-los, mantendo uma distância segura.

— Boa tarde — saudou Hadrian, mas ninguém respondeu ou sorriu.

Nos batentes das portas, alguns cochichavam. Mães recolhiam as crianças para dentro de casa e homens pegaram forcados ou machados.

— Foi *aqui* que você cresceu? — sussurrou Arista para Hadrian. — Este lugar se parece mais com o que eu imagino que seja a terra de Royce.

A observação mereceu um olhar por parte de Royce.

— Poucos viajantes passam por aqui — explicou Hadrian.

— Vê-se logo por quê.

Eles passaram pelo moinho, onde uma grande roda girava, impulsionada pelo rio. O povoado tinha também uma oficina onde se fazia objetos de couro, outra onde se fabricava velas, um tecelão e até um sapateiro. Quando chegaram ao meio da via principal, alcançaram a cervejaria.

Uma matrona corpulenta, grisalha e de nariz adunco estava trabalhando na parte externa, ao lado de um caldeirão fervente, perto de um conjunto de grandes tonéis de madeira. Ela observou a lenta aproximação deles, então foi até o meio da rua, enxugando as mãos num trapo sujo.

— Podem ir parando por aí — mandou ela com um forte sotaque interiorano.

Ela usava um avental encardido, amarrado por cima de um vestido disforme, e um pano enrolado na cabeça. Tinha os pés descalços e o rosto coberto de poeira e suor.

— Quem são vocês e o que querem aqui? E é bom responderem logo, antes que comece a gritaria e vocês sejam levados para o capataz. A gente não quer encrenqueiros aqui.

— Gritaria? — perguntou Arista em voz baixa.

Hadrian olhou para ela.

— É um alarme ao qual todos os habitantes do povoado respondem. Não é nada bonito de se ver.

Hadrian apertou os olhos, fitou a mulher e, lentamente, desmontou. A mulher deu um passo atrás e pegou uma marreta usada para selar os barris.

— Eu disse que vai ter gritaria e estou falando sério!

Hadrian entregou as rédeas a Royce e se aproximou da mulher.

— Se bem me lembro,  *você*  era a maior encrenqueira deste povoado, Armigil, e em quase vinte anos parece que não mudou muito.

A mulher se mostrou surpresa, depois desconfiada.

— Haddy? — questionou ela, descrente. — Será possível?

Hadrian deu uma risada.

— Ninguém me chama de Haddy há anos.

— Por Maribor! Como você cresceu, menino! — Passado o impacto, ela depôs a marreta e se virou para os espectadores, agora ombro a ombro na rua. — Este aí é Haddy Blackwater, filho do Danbury, o ferreiro, e ele agora voltou para casa.

— Como vai você, Armigil? — perguntou Hadrian, com um largo sorriso, dando um passo à frente a fim de cumprimentá-la.

Ela respondeu cerrando o punho e acertando em cheio o maxilar de Hadrian. O soco tinha sido pra valer e ela se contraiu, sacudindo a mão, tamanha era a dor.

— Aaaai! Maldito queixo duro!

— Por que você me socou? — perguntou Hadrian, espantado, segurando o queixo.

— Porque você foi embora e deixou seu pai aqui, para morrer. Faz quase vinte anos que espero para socar você.

Hadrian lambeu o sangue que escorria do lábio e fez careta.

— Ah! Aguenta firme, seu bebê chorão! E é bom você ficar de olho vivo, pois pode ter mais. Danbury foi um homem muito bom e você partiu o coração dele no dia que foi embora.

Hadrian continuou a massagear o maxilar. Armigil arregalou os olhos.

— Venha cá — ordenou ela, segurando o rosto dele. Hadrian franziu o cenho enquanto ela o examinava. — Não quebrou nada... Pelo amor de Maribor! Falando sério, eu achava que o seu pai tinha criado você mais forte. Se eu tivesse uma espada na mão, os seus ombros agora estariam livres do peso da sua cabeça, e a criançada teria uma bola nova para chutar por aí, hein? Vamos, deixa eu dar uma caneca de cerveja para você. Esse barril acabou de envelhecer, hoje de manhã. Um gole de cerveja vai refrescar uma acolhida calorosa... Se vai!

Ela foi até um tonel, encheu uma caneca de madeira com cerveja preta e a entregou a Hadrian.

Hadrian olhou para a bebida com ar duvidoso.

— Quantas vezes você filtrou isso?

— Três — disse ela, sem convicção.

— O provador do senhorio já aprovou essa cerveja?

— Claro que não, seu idiota. Acabei de falar que a fermentação ficou pronta hoje de manhã. Foi misturada anteontem, isso mesmo, ficou dois dias inteiros no tonel. A maior parte dos sedimentos já deve ter baixado e a cerveja deve estar bem forte agora.

— Só não quero é meter você em alguma encrenca.

— Não estou vendendo a cerveja para você, estou? Então bebe logo e cala a boca ou soco você de novo, para você deixar de ser doido.

— Haddy? É você mesmo? — perguntou um sujeito magro, mais ou menos da idade de Hadrian. Tinha cabelos louros, caídos à altura dos ombros, e um rosto pálido. Vestia uma velha túnica cinza, um capuz verde bem desbotado e estava com panos enrolados dos pés aos joelhos. Estava

coberto por um pó marrom-claro, como se tivesse acabado de sair de uma toca no morro.

— Dunstan?

O homem confirmou e os dois se abraçaram, trocando tapas nos ombros. A cada tapa desferido por Hadrian, um punhado de pó marrom flutuava no ar, e os dois acabaram no meio de uma pequena nuvem.

— Você morava aqui? — perguntou uma menina no meio da crescente aglomeração, e Hadrian fez que sim. A reação gerou uma onda de conversa entre os presentes na rua. Mais gente chegou e Hadrian ficou totalmente cercado. Finalmente ele conseguiu falar, e fez um gesto em direção a Royce e Arista.

— Pessoal, este aqui é o meu amigo, Sr. Everton, e a esposa dele, Erma. Arista e Royce trocaram olhares.

— Vince, Erma, esta aqui é a cervejeira da aldeia, Armigil, e Dunstan é o filho do padeiro.

— Sou o padeiro, Haddy. Já faz cinco anos que o meu pai morreu.

— Ah, sinto muito, Dun. Tenho as melhores lembranças do tempo em que tentava roubar pão do forno dele.

Dunstan olhou para Royce.

— Haddy era o meu melhor amigo quando morava aqui... até que ele desapareceu — disse ele com um toque de amargura.

— Vou ter de aguentar um soco seu também? — perguntou Hadrian, fingindo estar com medo.

— Você bem que merecia, mas eu ainda me lembro da última vez que a gente saiu no soco.

Hadrian exibiu um sorriso cruel enquanto Dunstan fazia careta.

— Se o meu pé não tivesse escorregado... — começou a dizer Dunstan, e os dois caíram numa risada espontânea, cuja graça ninguém mais pôde entender. — É bom ter você de volta, Haddy — continuou ele, com

sinceridade. Depois que Hadrian deu um gole na cerveja, Dunstan disse a Armigil: — Não acho justo que Haddy ganhe um caneco de graça e eu não.

— Se você deixar eu arrebentar o seu lábio, dou um caneco para você também — falou ela, sorrindo.

— Abram caminho! Abram caminho! — gritou um sujeito alto e musculoso, surgindo dentre a pequena multidão. Tinha o pescoço de um touro, barba negra cerrada e estava meio calvo. — Voltem ao trabalho, todos vocês!

O pessoal resmungou um descontentamento, mas logo se aquietou, pois dois cavaleiros se aproximavam vindos do solar central, trotando colina abaixo.

— O que está havendo aqui? — perguntou, puxando as rédeas do cavalo, o cavaleiro que vinha mais à frente. Era um homem de meia-idade, com olhos abatidos e queixo firme. Seu traje tinha tons claros e era bem-cortado, a roupa típica dos criados benquistos, e no peito havia um brasão que exibia punhais cruzados, bordados com linhas douradas.

— Forasteiros, senhor — respondeu o homem com pescoço de touro e vozeirão.

— Não são forasteiros, senhor — corrigiu Armigil. — Este aqui é Haddy Blackwater, filho do velho ferreiro da aldeia. Ele veio fazer uma visita.

— Obrigado, Armigil — retrucou ele. — Mas eu não estava falando com você. Estava me dirigindo ao auxiliar do capataz — completou ele, olhando para o sujeito de barba negra. — Então, Osgar, desembuche.

O sujeito truculento deu de ombros e cofiou a barba, demonstrando desconforto.

— Talvez ela esteja certa, senhor. Ainda não tive chance de perguntar, pois me preocupei em mandar o povo de volta ao trabalho.

— Muito bem, Osgar. É bom mesmo que eles voltem ao trabalho, ou vou mandar prendê-lo a ferros hoje à noite.

— Sim, senhor... É para já, senhor. — Ele deu meia-volta e gritou com os aldeões, que se puseram em marcha. Apenas Armigil e Dunstan ficaram para trás, em silêncio.

— Você é filho do velho ferreiro? — perguntou o sujeito ainda montado.

— Sou — respondeu Hadrian. — E o senhor é...?

— Eu sou o capataz de Sua Senhoria. O meu dever é manter a ordem neste povoado, e não me agrada que vocês tenham perturbado o trabalho dos aldeões.

— Peço desculpas, senhor — disse Hadrian, inclinando a cabeça, em sinal de respeito. — Não tive a intenção de...

— Se você é filho do ferreiro, por onde tem andado? — interrompeu então o outro cavaleiro. Bem mais jovem, ele estava mais bem vestido do que o capataz e usava uma túnica de veludo e linho. As pernas estavam cobertas por meias opacas e seus pés calçavam sapatos de couro com fivelas de metal. — Você está ciente do castigo para quem sai do povoado sem permissão?

— Meu pai era um homem livre, não um servo — declarou Hadrian. — E quem é o senhor?

O cavaleiro olhou com desdém para Hadrian e respondeu:

— Eu sou o emissário imperial destacado para esta aldeia, e é melhor você tomar cuidado com esse tom de voz. Homens livres podem perder tal privilégio facilmente.

— Mais uma vez, peço desculpas — disse Hadrian. — Vim aqui apenas para visitar o túmulo do meu pai. Ele morreu enquanto eu estava fora.

Os olhos do emissário passaram por Royce e Arista, e então se detiveram em Hadrian, examinando-o minuciosamente.

— Três espadas? — disse ele, dirigindo-se ao capataz. — Nestes tempos de guerra, um homem forte como este deveria estar no exército, lutando pela imperatriz. Deve ser um desertor, ou então algum pilantra. Prenda este homem, Siward, e leve os companheiros dele para serem interrogados. Se



não tiver cometido crimes, será devidamente recrutado pelo exército imperial.

O capataz olhou para o emissário com ar de insatisfação.

— Não recebo ordens de você, Luret. Você sempre se esquece disso. Se tem algum problema, fale com o intendente. Tenho certeza de que ele vai falar com o senhorio, assim que voltar dos serviços que está prestando ao Império. Enquanto isso, na administração deste povoado, vou fazer o meu melhor, por Sua Senhoria, não por você.

Luret se empertigou, cheio de indignação.

— Na condição de emissário imperial, devo ser tratado por *Vossa Excelência*. E você precisa entender que minha autoridade decorre, diretamente, da imperatriz.

— Sua autoridade pode decorrer até do bom Maribor, pouco me importa. A menos que Sua Senhoria ou, na ausência dele, o intendente me disserem o contrário, não tenho de receber ordens suas, só preciso mesmo é tolerá-lo.

— Depois conversamos a respeito disso — falou o emissário, girando e esporeando o cavalo, de volta em direção ao solar, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

O capataz balançou a cabeça, com irritação, esperando até que a poeira baixasse.

— Não se preocupe — disse ele. — O intendente não vai levá-lo a sério. Danbury Blackwater foi um homem bom. Se você for parecido com ele, terá em mim um amigo. Se não for, é melhor abreviar sua visita. Não se meta em encrenca. Não interfira com o trabalho dos servos e fique longe de Luret.

— Obrigado, senhor — agradeceu Hadrian.

O capataz olhou ao redor da aldeia, ainda irritado.

— Armigil, para onde foi o meu auxiliar?

— Acho que ele foi para o campo leste, senhor. Ele está comandando um grupo que está trabalhando com drenagem por lá.

O capataz suspirou.

— Preciso que ele ponha mais homens recolhendo o feno. Vai chover e a chuva vai estragar o feno que já foi ceifado.

— Eu digo a ele, senhor, se ele passar por aqui.

— Obrigado, Armigil.

— Senhor? — Ela serviu uma caneca de cerveja e lhe entregou. — Vamos aproveitar que o senhor está aqui, não é?

Ele deu um gole, despejou o restante no chão e jogou a caneca de volta para ela.

— Está um pouco fraca — retrucou ele. — Estabeleça o preço em duas moedas de cobre por litro.

— Mas, senhor! O gosto está bom. Deixe-me cobrar três, ao menos.

Ele suspirou.

— Por que você é sempre tão teimosa? Que seja. Cobre três, mas que as canecas fiquem cheias até a borda. Preste atenção: se eu receber alguma queixa, vou aplicar uma multa de uma moeda de prata, e você pode levar o caso ao Tribunal do Intendente.

— Obrigada, senhor — disse ela, sorrindo.

— Bom dia a vocês todos — falou ele com um meneio de cabeça, então saiu trotando no sentido leste.

Depois que ele se afastou, Dunstan começou a rir.

— Que bela acolhida você teve até agora: um soco na boca e uma ameaça de prisão.

— A bem da verdade, a não ser pelo fato de que tudo parece menor, as coisas não mudaram muito por aqui — comentou Hadrian. — Algumas caras e construções novas e, evidentemente, o emissário.

— Faz apenas uma semana que ele está aqui — contou Dunstan —, e tenho certeza de que o capataz e o intendente vão ficar felizes quando ele for embora. É responsável por diversos vilarejos nesta região e, desde que o Novo Império anexou Rhenydd, ele aparece aqui uma vez a cada dois meses.

Ninguém gosta dele por motivos óbvios. Ainda não esteve pessoalmente com lorde Baldwin. A maioria de nós acha que Baldwin evita vir aqui quando o emissário está presente. Então a lista de queixas de Luret está cada vez mais longa e o intendente não para de registrar as reclamações. — Então Dunstan continuou: — Quer dizer então que você veio só para visitar o túmulo do seu pai? Pensei que tivesse voltado para ficar de vez.

— Lamento, Dun, mas só estamos de passagem.

— Nesse caso, é melhor aproveitarmos o máximo. O que acha, Armigil? Você rola um barril até a minha cozinha e eu providencio pão e banquetas para brindarmos a Danbury e darmos as boas-vindas que Haddy merece?

— Ele não merece, mas acho que tenho um barril por aí, prestes a passar do ponto, e preciso me livrar dele.

— Hobbie! — gritou Dunstan para um jovem que estava no estábulo. — Você arranja um lugar para esses cavalos?

Dunstan e Hadrian ajudaram Armigil a rolar um pequeno barril até a padaria. Nesse ínterim, Royce e Arista levaram os animais até o estábulo. O menino liberou três baias e saiu correndo com um balde, a fim de buscar água.

— Você acha que o emissário pode nos causar problemas? — perguntou Arista a Royce depois que Hobbie se foi.

— Não sei — respondeu ele, retirando da sela o alforje. — Espero que a gente saia daqui antes de saber.

— Quanto tempo vamos ficar?

— Cosmos vai avançar rapidamente. Só uma ou duas noites, suponho — falou ele, jogando o alforje sobre o ombro e se dirigindo à montaria de Hadrian. — A senhorita já resolveu o que vai dizer a Gaunt quando encontrá-lo? Ouvi dizer que ele tem ojeriza à nobreza; portanto, eu não começaria pedindo a ele que beijasse anéis ou qualquer coisa que o valha.

Arista retirou seus pertences do dorso de Mística e, estendendo as mãos, sacudiu os dedos, nos quais não havia anel algum.

— Na verdade, pensei em pedir a ele que raptasse o meu irmão. — Ela sorriu. — Com vocês, isso funcionou. E se consegui conquistar a confiança e o apoio de Royce Melborn, que dificuldade terei em cativar Degan Gaunt?

Levaram os pertences até o outro lado da rua, para uma lojinha caiada de branco cuja placa acima da porta exibia um pedaço de pão. No interior, um imenso forno de tijolos e uma grande mesa de madeira dominavam o ambiente. O aroma agradável de pão e madeira queimando pairava no ar, e Arista ficou surpresa ao constatar que a padaria não estava fervendo de calor. As paredes de taipa e enxaimel e os janelões mantinham o local numa temperatura amena. Ao entrarem, Arista e Royce foram apresentados a Arbor, esposa de Dunstan, e a várias outras pessoas cujos nomes a princesa não foi capaz de memorizar.

Após a notícia correr, homens livres, lavradores e comerciantes apareceram, servindo-se de cerveja e de um pedaço de pão preto. Foram até lá o marceneiro Algar, o alfaiate Harbert e Hester, esposa de Harbert. Hadrian apresentou Wilfred, que era carroceiro, e disse que, quatro vezes por ano, costumava alugar a pequena carroça dele para viajar até Ratibor e comprar barras de ferro para a ferraria do pai. Eram muitas as histórias sobre o menino magricelo e com espinhas que manejava o martelo ao lado do pai. A maioria se lembrava de Danbury com afeto e houve muitos brindes à memória dele.

Conforme o capataz previra, começou a chover e, em pouco tempo, os servos, liberados do trabalho por causa do mau tempo, juntaram-se ao grupo que estava na padaria. Entraram em silêncio, sacudindo as roupas molhadas. Cada servo pegou um pedaço de pão e uma caneca de cerveja e foi se sentar no chão. Alguns trouxeram panelas com sopa de legumes, queijo e repolho para dividir com os demais. Até Osgar, auxiliar do capataz, se acotovelou na padaria e foi convidado a dividir a refeição com a comunidade. O céu escureceu, o vento ficou mais forte e, finalmente, Dunstan fechou as janelas, pois a chuvarada desabou.

Todos queriam saber o que havia acontecido com Hadrian, aonde tinha ido e o que fizera. A maioria dos presentes havia passado a vida inteira em Hintindar, mal tendo cruzado o rio. Os servos, por lei, não podiam deixar o local. Para eles, gerações se sucediam sem que alguém colocasse o pé além do vale.

Hadrian distraiu a todos com histórias de suas viagens. Arista ficou curiosa para ouvir os relatos das aventuras que ele e Royce compartilharam ao longo dos anos, mas nenhuma delas veio à tona. Em vez disso, Hadrian contou histórias inocentes, passadas em terras distantes. Todos ficaram abismados com as do extremo oriente, onde, supostamente, o povo de Cális se misturou com os ba ran ghazel para gerar os tenkin, uma raça meio humana, meio goblin. As crianças se agarraram às saias das mães quando ele falou sobre os oberdaza, os tenkin que cultuavam Uberlin, o deus das trevas, e misturavam tradições de Cális com a magia dos ghazel. Até Arista ficou fascinada pelas histórias que Hadrian contou sobre a distante Dagastan.

Com Hadrian no centro das atenções, pouca gente notou a presença de Arista, o que veio bem a calhar. Sentia-se satisfeita por não estar no lombo da égua e por estar num local seguro. A tensão que a oprimia se desfez. O pão quente e a cerveja recém-preparada estavam deliciosos. Pela primeira vez em vários dias, a princesa sentia-se à vontade, animada com a camaradagem que predominava na padaria. Bebeu canecas de cerveja até perder a conta. Do lado de fora, a noite caiu e a chuva continuou. Velas foram acesas, conferindo ao recinto uma atmosfera ainda mais aconchegante. A cerveja tornava o grupo cada vez mais alegre, e em pouco tempo todos estavam cantando em voz alta. Ela não sabia as letras das músicas, mas acompanhava o ritmo, cantarolando os refrões e batendo palmas. Alguém contou uma piada picante e todos caíram na gargalhada.

— De onde a senhora veio?

Embora a pergunta houvesse sido formulada três vezes, só agora Arista percebera que era endereçada a ela. Virando-se, se deparou com Arbor, a

esposa do padeiro, sentada ao seu lado. Era uma mulher pequena, com rosto comum e cabelos bem curtos.

— Desculpe-me — disse Arista —, não estou acostumada a beber cerveja. O capataz disse que estava fraca, mas acho que não posso concordar com ele.

— Que ele a ouça, querida! — falou Armigil em voz alta, do outro lado do recinto. Arista se perguntou como ela teria escutado de tão longe, sobretudo porque acreditava ter falado baixo.

Arista se lembrou de que Arbor lhe fizera uma pergunta.

— Ah, sim... De... Colnora — respondeu a princesa, finalmente. — Meu marido e eu moramos em Colnora. Bem, na verdade, agora estamos na casa do meu irmão, pois fomos despejados da nossa casa, no vilarejo de Windham, pelo Exército Imperial do Norte. Fica lá em Warric, a senhora sabe... o vilarejo de Windham, não o exército. É claro que poderia ser... o exército, agora estou falando do exército, e não do vilarejo, pois o exército poderia estar lá. Eu respondi a sua pergunta?

A padaria girava, lentamente, e Arista teve a sensação de estar caindo, embora soubesse que não era o caso. A sensação a impedia de se concentrar.

— Vocês foram despejados? Que horror! — exclamou Arbor, apavorada.

— Bem, sim, mas, na realidade, não foi a pior das provações. O meu irmão tem uma bela casa no Distrito da Colina, em Colnora. Ele tem bastante dinheiro, a senhora sabe? — Esta última observação foi sussurrada ao ouvido de Arbor. Ao menos foi isso que a princesa achou, mas Arbor se afastou de supetão.

— Ah, é mesmo? A senhora vem de uma família rica? — perguntou Arbor, esfregando o ouvido. — Foi o que pensei. Eu estava admirando o seu vestido. É lindo.

— Isto aqui? Que nada! — bramiu ela, puxando o tecido da saia. — Peguei este trapo de uma das minhas criadas, que estava prestes a atirá-lo no lixo. A senhora precisa ver os meus vestidos. Aqueles vestidos, sim! E, sim, a

minha família tem muito dinheiro. O meu irmão tem um verdadeiro *exército* de criados — comentou ela, e caiu na gargalhada.

— Erma? — chamou alguém atrás dela.

— O que o seu irmão faz? — perguntou Arbor.

— Hein? O que ele faz? Ah, ele não *faz* nada.

— Ele não trabalha?

— Erma, *querida*?

— O meu irmão? Ele diz que é trabalho, mas não é o tipo de coisa que *vocês* fazem. Sabia que dormi no chão duas semanas atrás? E não foi dentro de casa não, mas no meio do mato. O meu irmão nunca fez uma coisa dessas, isso posso garantir. A senhora já dormiu no mato, não? Mas ele não. Não... Ele ganha dinheiro com impostos. É assim que os reis ganham dinheiro. Bem, alguns ganham dinheiro com conquistas, mas não Alric. Ele nunca esteve numa guerra... até agora, é claro, e não está se saindo muito bem, isso posso dizer.

— *Erma!* — Arista ergueu os olhos e viu que Royce a encarava com uma expressão séria.

— Por que você está me chamando de Erma?

— Acho que a minha esposa bebeu um pouco demais — anunciou ele, dirigindo-se aos presentes.

Arista olhou ao redor e viu vários rostos tentando conter o riso.

— Há algum local onde eu possa levá-la para dormir um pouco?

Imediatamente várias pessoas ofereceram as casas. Alguns chegaram a oferecer a própria cama, dizendo que poderiam dormir no chão.

— Passem a noite aqui — sugeriu Dunstan. — Está chovendo. Vocês querem mesmo ficar andando por aí no escuro? Podem improvisar uma bela cama com sacos de farinha lá na despensa.

— Como é que você sabe disso, Dun? — perguntou Hadrian, dando uma risada. — A sua esposa já chutou você para fora da cama algumas vezes?

As perguntas fizeram os presentes gargalhar.

— Haddy, *você*, meu amigo, pode dormir na chuva.  
— Vamos, esposa — disse Royce, levantando Arista.  
Arista olhou para ele e piscou o olho.  
— Ah, desculpe. Esqueci quem eu era.  
— Não peça desculpa, querida — falou Armigil. — É por isso que estamos bebendo. A diferença foi que você chegou lá antes de nós, só isso.



Na manhã seguinte, Arista acordou sozinha e não sabia dizer o que doía mais — a cabeça, em consequência da bebida, ou as costas, em consequência dos calombos nos sacos de farinha. Sua boca estava seca e a língua, coberta por uma crosta nojenta. Felizmente, constatou que os alforjes estavam ao seu lado. Puxando-os para perto, ela os abriu e fez careta. Tudo ali dentro cheirava a suor de cavalo e mofo. Tinha trazido apenas três vestidos: o que ela havia usado na chuva, e que agora estava todo amarrotado; o deslumbrante vestido prateado que pretendia usar no encontro com Degan Gaunt; e o que usava naquele momento. Surpreendentemente, o vestido prateado havia resistido bem e quase não estava amassado. Trouxera-o na expectativa de impressionar Gaunt, mas, lembrando-se da conversa com Royce, quando ficou sabendo o que o líder nacionalista pensava da realeza, percebeu que a escolha era infeliz. Algo mais simples teria sido bem mais adequado. E ela ainda teria a opção de outro vestido para trocar. Arista tirou o vestido que estava manchado de terra, despiu o espartilho e colocou o traje que usara em Sheridan.

Ao sair da despensa, deparou-se com Arbor sovando massa, cercada por dezenas de cestos cobertos com panos. Os aldeões entravam e colocavam sobre o balcão um saco de farinha, assim como algumas moedas de cobre.



Arbor lhes informava o horário previsto para pegar o pão: meio-dia, ou no início da noite.

— Você faz isso todos os dias? — perguntou Arista.

Arbor meneou a cabeça em sinal afirmativo, o suor brilhando em sua fronte enquanto ela manejava uma imensa pá de madeira para introduzir mais pães no forno em brasas.

— Geralmente Dun ajuda, mas hoje de manhã ele saiu com o seu marido e Haddy. Esse tipo de coisa é muito raro; então, estou feliz que ele esteja aproveitando a visita. Eles estão lá na ferraria, se você quer saber, ou será que prefere comer alguma coisa?

O estômago de Arista revirou.

— Não, obrigada. Acho que vou esperar um pouquinho.

Arbor trabalhava com uma maestria decorrente de centenas, talvez milhares, de repetições.

*Como ela consegue fazer isso?*

Arista sabia que a mulher do padeiro se levantava todas as manhãs e repetia as mesmas ações do dia anterior.

*Onde está o desafio?*

Certamente Arbor não sabia ler, e provavelmente tinha poucas posses, mas parecia feliz. Ela e Dunstan tinham um lar aconchegante e, comparada à faina dos camponeses, a rotina dela era relativamente leve. Dunstan parecia um homem gentil e decente, e os vizinhos eram pessoas boas e amáveis. Embora não fosse uma vida muito animada, era segura e confortável, e Arista sentiu uma ponta de inveja.

— Como é ser rica?

— Humm? Ah, sim, na verdade a vida se torna mais fácil, mas talvez menos gratificante.

— Mas a senhora viaja e conhece o mundo. Suas roupas são lindas e tem um cavalo! Aposto até que já andou de carruagem, não é?

Arista bufou.

— Sim, sem dúvida, já andei de carruagem.

— E já participou de bailes, em castelos, onde músicos tocavam e damas usavam vestidos de veludo bordado?

— De seda, na verdade.

— De seda? Já ouvi falar, mas nunca vi. Como é a seda?

— Eu posso lhe mostrar.

Arista foi até a despensa e voltou com o vestido prateado.

Ao ver o vestido, Arbor engasgou e seus olhos se arregalaram.

— Nunca vi nada tão lindo. Parece até, parece até... — Arista esperou, mas Arbor não encontrou as palavras que procurava. Finalmente, ela disse:

— Posso tocar?

Arista hesitou, olhando para Arbor e para o vestido.

— Tudo bem — disse Arbor prontamente, com um sorriso compreensivo. Em seguida, olhou para as próprias mãos. — Vou estragar o vestido.

— Não, não — falou Arista. — Não era isso que eu estava pensando. — Ela voltou a olhar para o vestido que tinha nos braços. — Eu estava pensando que foi uma besteira ter trazido este vestido. Acho que não vou ter a oportunidade de usá-lo, e ele está ocupando muito espaço no meu alforje. Estava pensando... Você aceitaria o vestido?

Arbor quase perdeu os sentidos. Balançou a cabeça, com veemência, e arregalou os olhos, apavorada.

— Não, eu... eu não posso...

— Por que não? Somos mais ou menos do mesmo tamanho. Acho que você ficaria linda com este vestido.

Um riso encabulado escapou dos lábios de Arbor, que cobriu o rosto com as mãos, sujando de farinha a ponta do nariz.

— Ah, imagina a cena! Eu, andando para cima e para baixo, em Hintindar, vestida *nisso*. É muita bondade sua, mas eu não vou a bailes e não ando de carruagem.

— Talvez um dia isso aconteça, e então você vai ter a satisfação de usar o vestido. Nesse meio-tempo, quando tiver um dia difícil, você pode vesti-lo e talvez se sinta melhor.

Arbor riu, novamente, mas agora havia lágrimas nos olhos.

— Aceite. Estou falando sério. Você estará me fazendo um favor. Preciso mesmo de espaço — declarou ela, entregando o vestido. Arbor esticou as mãos e levou um susto ao constatar o estado em que se encontravam. Então correu para esfregá-las antes de pegar o vestido com os braços trêmulos, abraçando-o como se fosse uma criança.

— Prometo guardá-lo para a senhora. Volte para apanhá-lo quando quiser, está bem?

— Claro — respondeu Arista, sorrindo. — Ah, e tem mais uma coisa. — Arista entregou o espartilho. — Por gentileza, nunca mais quero ver esta coisa.

Com todo cuidado, Arbor pôs de lado o vestido, abraçou Arista e sussurrou ao seu ouvido:

— Obrigada.



Quando Arista saiu da padaria e começou a andar pelo vilarejo sonolento, sua cabeça ainda latejava, perturbada pela forte luz do sol. Usando as mãos, fez sombra sobre os olhos e avistou Armigil trabalhando diante da cervejaria, introduzindo lenha em seu imenso fogão.

— Bom dia, Erma — saudou Armigil. — Você está um pouco pálida, moça.

— A culpa é sua — rosnou Arista.

Armigil deu uma risada.

— Eu bem que me esforço... Me esforço mesmo.

Arista se aproximou, arrastando os pés.

— Onde fica o poço?

— A quatro casas, rua acima. Em frente à ferraria.

— Obrigada.

Seguindo o som inconfundível de um martelo sendo batido, Arista encontrou Royce e Hadrian numa clareira ao sol, no pátio da ferraria, observando um homem que batia metal aquecido sobre uma bigorna. O sujeito era musculoso, totalmente calvo e tinha um bigode espesso. Se estivera na padaria na noite anterior, Arista não se recordava. Ao lado dele havia um tonel com água, e não muito distante ficava o poço, com um balde cheio sobre a mureta de proteção. O sujeito calvo introduziu o metal quente no tonel, de onde se ouviu um chiado.

— Foi o seu pai que me ensinou a fazer isso — disse o homem. — Era um bom ferreiro... O melhor.

Hadrian fez que sim e recitou:

— “Segure o martelo a cada pancada, erga-o bem ao dar a martelada.”

As palavras fizeram o ferreiro rir.

— Aprendi essa com ele também. Blackwater sempre inventava versinhos.

— Então foi aqui que você nasceu? — perguntou Arista, pegando água dentro do balde com um caneco e sentando-se num banco, ao lado do poço.

— Não, aqui não — respondeu Hadrian. — Morei e trabalhei aqui, mas nasci ali, do outro lado da rua, na casa de Gerty e Abelard — disse ele, apontando para um casebre de taipa e enxaimel que sequer tinha chaminé. — Naquele tempo, Gerty era a parteira. Meu pai a infernizou tanto que ela levou a minha mãe para a casa dela, e meu pai teve de esperar do lado de fora, no meio de um temporal... Ao menos foi isso que me contaram.

Hadrian fez um gesto em direção ao ferreiro.

— Este aqui é Grimbald. Foi aprendiz do meu pai depois que fui embora, e faz um bom trabalho também.

— Você herdou a ferraria de Danbury? — perguntou Royce.

— Não, lorde Baldwin é o proprietário. Danbury era o arrendatário, assim como sou agora. Eu pago dez moedas de prata por ano e, em troca de carvão, trabalho para o solar sem cobrar.

Royce fez que sim.

— E o que aconteceu com os pertences de Danbury?

Grimbald ergueu uma sobrancelha com ar de desconfiança.

— Ele deixou as ferramentas para mim; se você as quer, vai ter de lutar por elas junto ao tribunal da cidade.

Hadrian ergueu as mãos e balançou a cabeça, acalmando o brutamontes.

— Não, não, não quero nada. As ferramentas dele estão em boas mãos.

Grimbald relaxou um pouco.

— Ah, então tudo bem. Mas tenho uma coisa para você. Antes de morrer, Danbury fez uma lista dos seus pertences, definindo para quem eles iriam. Quase todo mundo no povoado ganhou alguma coisa. Eu nem desconfiava que ele sabia escrever, até que o vi rascunhando a lista. Tinha uma carta com instruções para ser entregue ao filho, caso ele voltasse. Eu a li, mas ela não fez muito sentido para mim. Mesmo assim, eu a guardei.

Grimbald soltou o martelo e entrou na oficina; então ressurgiu alguns minutos depois, com a carta. Hadrian pegou o pergaminho dobrado, enfiou-o no bolso da camisa e se afastou.

— O que houve? — perguntou Arista a Royce. — Ele nem leu a carta.

— Ele é assim mesmo — explicou Royce. — Vai ficar todo sensível durante algum tempo. Talvez se embebede. Mas amanhã já vai estar bem.

— Mas por quê?

Royce deu de ombros.

— Ele tem agido assim ultimamente. Não é nada sério.

Arista viu Hadrian desaparecer pela lateral da oficina do fabricante de velas. Levantando a barra do vestido, correu atrás dele. Ao dobrar a esquina,

encontrou-o sentado sobre uma cerca, segurando a cabeça com as mãos. Ao percebê-la, Hadrian ergueu os olhos.

*Essa expressão no rosto dele é de irritação ou de constrangimento?*

Mordendo o lábio, Arista hesitou, então se aproximou e sentou-se ao seu lado.

— Está tudo bem com você? — perguntou ela.

Ele fez que sim, mas permaneceu calado. Mantiveram-se em silêncio durante algum tempo.

— Eu detestava este lugar — disse ele finalmente, com um tom de voz frio e os olhos percorrendo a lateral da oficina. — Era pequeno demais — continuou Hadrian, voltando a baixar a cabeça.

Ela esperou.

*Ele espera que eu diga alguma coisa agora?*

Rua abaixo, Arista ouvia o som ritmado do martelo, pois Grimbald recomeçara a trabalhar, os golpes marcando a passagem do tempo. Ela fingiu ajeitar a saia, perguntando-se se não seria melhor deixá-lo sozinho.

— Na última vez que vi meu pai, tivemos uma briga feia — disse Hadrian sem levantar os olhos.

— Qual foi o motivo? — perguntou Arista com amabilidade.

— Eu queria entrar para a brigada de lorde Baldwin. Queria ser soldado. Ele queria que eu fosse ferreiro — contou Hadrian, então chutou um torrão. — Eu queria conhecer o mundo, viver aventuras... ser um herói. Ele queria me acorrentar à bigorna. E eu não aceitava aquilo. Eu era bom com a espada; ele mesmo tinha se encarregado disso, treinando comigo todos os dias. Quando eu não aguentava mais levantar a espada, ele mandava eu trocar de mão. Por que me ensinou a lutar, se queria que eu fosse ferreiro?

A visão daqueles dois rostos em Avempartha voltou à mente de Arista: o rosto do Herdeiro ela não reconhecera, mas o rosto de Hadrian, na identidade do Guardião, era inconfundível.

*Royce não lhe contou? Devo contar?*

— Quando revelei minha intenção de ir embora, ele ficou furioso. Disse que não tinha me treinado para ganhar fama e dinheiro. Que as minhas habilidades estavam destinadas a *feitos maiores*, mas não disse quais. Na noite que parti, trocamos muitas palavras... Palavras nada agradáveis. Eu o chamei de tolo. Acho até que o chamei de covarde. Não me lembro. Eu estava com 15 anos. Fugi e fiz exatamente o que ele não queria que eu fizesse. Eu queria mostrar a ele, provar que estava errado. Mas ele não estava. Levei muito tempo para descobrir isso. Agora é tarde demais.

— Você nunca voltou?

Hadrian balançou a cabeça.

— Quando cheguei de Cális, ouvi a notícia de que ele tinha falecido. Não vi qualquer motivo para voltar — continuou ele, retirando a carta do bolso. — E agora tem esta carta. — Hadrian sacudiu o pergaminho preso entre os dedos.

— Você não quer saber o diz aí?

— Tenho medo de descobrir — falou ele, continuando a fitar a carta como se ela fosse um ser vivo.

Arista pôs a mão no braço dele e deu um leve aperto. Não sabia mais o que fazer. Sentia-se inútil. As mulheres deveriam prestar apoio, oferecer consolo e incentivo, mas ela não sabia como fazê-lo. Lamentava muito a situação de Hadrian, e sua incapacidade de ajudar fazia com que se sentisse ainda pior.

Hadrian se levantou. Respirando fundo, abriu a carta e começou a ler. Arista aguardou. Ao final, ele baixou a mão, lentamente, ainda segurando o pergaminho.

— O que diz?

Hadrian estendeu a mão, deixando a carta escapar dos dedos. Antes que Arista pudesse pegá-lo, o pergaminho rolou pelo chão aos seus pés. No momento em que ela se curvou para alcançá-lo, Hadrian se afastou.



Arista voltou para perto de Royce, ao lado do poço.

— O que diz na carta? — perguntou ele. Ela entregou o pergaminho a Royce, que o leu. — Qual foi a reação de Hadrian?

— Nada boa. Acho que está querendo ficar sozinho. Você não contou nada para ele, contou?

Royce continuou a examinar a carta.

— Mal posso acreditar que você não tenha contado. Sei que Esrahaddon nos disse para não contar, mas achei que você contaria mesmo assim.

— Não confio naquele mago. Não quero que Hadrian e eu nos enrolemos nos esquemas dele. Pouco me importa quem seja o Guardião ou o Herdeiro, na verdade. Talvez vir aqui tenha sido um erro.

— Você nos trouxe aqui de propósito? Quer dizer que estarmos aqui nada tem a ver com... Você veio aqui em busca de provas, não foi?

— Eu precisava de algo que confirmasse a informação de Esrahaddon. Mas não esperava encontrar coisa alguma.

— Tudo o que ele me disse foi que seu pai o treinou, dia e noite, a lutar com espada e que tinha dito que as habilidades dele estavam destinadas a *feitos maiores*. A meu ver, isso constitui uma prova. Sabe de uma coisa? Você teria descoberto isso se tivesse conversado com ele. Hadrian merece a verdade e, quando ele voltar, um de nós precisa contá-la.

Royce concordou, ainda segurando a carta.

— Eu vou falar com ele.



## CAPÍTULO 9

# O GUARDIÃO



O carvalho se agarrava à terra como uma gigantesca mão de raízes enroscadas e imunes ao tempo. No vilarejo, casas tinham sido destruídas por incêndios. Novas residências foram construídas para abrigar as famílias, cujo número de integrantes não parava de crescer, e celeiros surgiram em terrenos antes baldios, mas naquela colina o tempo não passava, assim como não passava nas profundezas do Cárcere de Gutaria. Embaixo das folhas das árvores, Hadrian sentia-se novamente jovem.

Ali naquela árvore, Haddy beijara Arbor, a filha do sapateiro, pela primeira vez. Ele e Dunstan haviam competido pelo afeto da jovem por anos, mas Haddy a beijou primeiro. Foi aquilo que começou a briga. Dun sabia no que estava se metendo. Tinha visto Haddy treinar com o pai e presenciara o episódio em que ele dera uma surra num velho auxiliar de capataz, que tinha batido em Willie, um servo amigo deles. O auxiliar ficara tão envergonhado que não informou ao capataz que tinha sido surrado por

um moleque de 14 anos. A habilidade de Haddy não era mistério para Dunstan, porém a raiva tinha sido maior do que a razão.

Quando descobriu o que ocorrera entre Haddy e Arbor, Dunstan avançou contra o amigo, que, instintivamente, se esquivou e o derrubou no chão. Por azar, Dunstan bateu a cabeça numa pedra e ficou inconsciente, sangrando pelo nariz e pelos ouvidos. Apavorado, Haddy o carregou de volta ao povoado, achando que tinha acabado de matar o melhor amigo. Dun superou aquele momento, mas Haddy jamais conseguiria fazê-lo. Nunca mais falou com Arbor. Três dias depois, o rapaz conhecido como Haddy deixou o vilarejo para sempre.

Hadrian sentou-se no chão, à sombra da árvore, recostado ao tronco do velho carvalho. Na infância, ali era o local aonde ia quando queria pensar. Dali, podia contemplar a aldeia inteira e os morros além — colinas que pareciam chamá-lo e um horizonte que murmurava aventura e glória.

Royce e Arista estariam se perguntando aonde ele teria ido. Hadrian não costumava fugir do trabalho.

### *Trabalho!*

Inconscientemente, ele balançou a cabeça. Aquele trabalho era de Royce, não dele. Ele havia mantido a palavra, e restava apenas Arista comparecer ao encontro. Quando isso acontecesse, seria o fim daquele trabalho e da carreira dele no mundo da intriga. Era estranho como o final o levara de volta ao início. Esse círculo talvez fosse o sinal de um novo começo.

Próximo ao centro do vilarejo, ele avistava a ferraria, fácil de ser localizada em virtude da fumaça preta que de lá exalava. Ele havia trabalhado naqueles foles horas a fio, todos os dias. Hadrian se recordava do som da bigorna e da dor que sentia nos braços. Naquela época, seu conhecimento do mundo não ia além daquela árvore, e ele se perguntava como sua vida seria diferente se houvesse ficado. Uma coisa era certa: teria mais calos e menos sangue nas mãos.

*Será que eu teria me casado com Arbor? Será que teria filhos? Um filho saudável e forte que se queixasse de operar os foles e viesse àquela árvore para dar o primeiro beijo numa garota? Eu teria sido feliz fabricando lâminas de arado e vendo meu pai ensinar esgrima ao neto, numa versão plebeia dos Pickering? Se eu tivesse ficado, será que neste momento estaria aqui, pensando na minha família? Teria meu pai morrido em paz?*

Suspirou profundamente. O arrependimento era um mal sem cura e o único jeito era tentar esquecer. Fechou os olhos. Não queria pensar. Adormeceu ao som do canto dos pássaros e despertou ao som dos cascos de cavalos.



À medida que a noite caía, Royce começou a ficar preocupado. Mais uma vez, desfrutavam da hospitalidade dos Baker. Arbor preparava uma sopa a ser servida no jantar, enquanto Dunstan entregava pães no solar. Arista oferecera assistência, mas atrapalhava mais do que ajudava. Contudo, Arbor não se importava. Dentro de casa, as duas conversavam e riam enquanto Royce aguardava do lado de fora, vigiando a estrada, com uma sensação estranha.

O vilarejo parecia estar diferente para Royce. Pairava no ar da noite certa tensão. Ao longe, um cão ladrava. Royce notava uma energia nervosa nas árvores e uma apreensão que emanava da terra e das pedras. Antes de Avempartha, ele atribuía esse tipo de sensibilidade à intuição, mas agora já não tinha tanta certeza. A força dos elfos advinha da natureza. Os elfos compreendiam a voz do rio e a conversa das folhas.

*Herdei esses talentos?*

Royce permaneceu imóvel, correndo os olhos pela estrada, pelas oficinas, pelas casas e pelos espaços não iluminados entre tais edificações. Tinha

esperança de avistar Hadrian chegando pela estrada, mas a sensação estranha perdurava.

— O repolho vai por último — dizia Arbor a Arista, e Royce ouvia a voz dela abafada pelas paredes. — E convém cortar em pedaços menores do que esses. Deixe-me mostrar a você como é.

— Desculpe — respondeu Arista. — Não tenho muita experiência na cozinha.

— Deve ser uma maravilha ter empregados. Dun jamais vai poder ganhar muito dinheiro aqui. Tem pouca gente para comprar o pão dele.

Royce continuava a observar a estrada. O sol havia se escondido e a névoa do crepúsculo já envolvia o povoado. Ele estava olhando para a oficina do fabricante de velas quando percebeu uma movimentação no estábulo. Examinando mais atentamente, nada pôde constatar. Talvez fosse Hobbie, verificando se os animais estavam bem, mas o fato de que o vulto desaparecera tão rapidamente o levou a achar que não deveria ser isso.

Royce se esgueirou pelas sombras, detrás da cervejaria de Armigil, e se aproximou do estábulo. Ao chegar, entrou pelos fundos e subiu ao sótão. Uma camada de feno amortecia os movimentos dele e abafava os sons produzidos pela sua aproximação. No escuro, Royce viu nitidamente as costas de uma figura no vão da porta, olhando para fora.

— Se mover um dedo, você morre — sussurrou Royce ao ouvido da pessoa.

O homem ficou paralisado.

— Duster? — perguntou ele.

Royce virou o sujeito e o encarou.

— Etcher, o que você está fazendo aqui?

— O encontro já foi marcado. Mandaram eu vir até aqui buscar você.

— Foi rápido.

— A resposta chegou hoje de manhã e corri para cá. O encontro está marcado para esta noite, nas ruínas de Amberton Lee. A gente precisa ir

logo, para chegar lá a tempo.

— Não podemos sair agora. Hadrian ainda não voltou.

— Não podemos esperar. O pessoal de Gaunt está meio desconfiado. Estão achando que talvez seja uma emboscada dos imperialistas. Se não cumprirmos o combinado, eles vão recuar. Se não formos agora, vamos perder a oportunidade.

Royce praguejou consigo mesmo. A culpa era dele por não ter saído atrás de Hadrian naquela tarde. Quase o fizera. Agora sabe-se lá onde estaria. Etcher estava certo: a missão era a prioridade. Royce deixaria um recado para Hadrian com os Baker e conduziria a princesa ao encontro com Gaunt.



Um aroma intenso e úmido de repolho cozido e fumaça de fogão a lenha se espalhava pela padaria. As chamas das velas acesas por Arista tremeluziram quando a porta se abriu. Arbor mexia o caldeirão enquanto a princesa arrumava a mesa. Ambas olharam para a porta, surpresas.

— Hadrian não apareceu?

— Não — respondeu Arista.

— Precisamos ir — anunciou Royce.

— Agora? Mas e Hadrian?

— Ele vai ter de vir ao nosso encontro. Pegue as suas coisas.

Arista hesitou por um instante, então foi até a despensa buscar seus pertences.

— Vocês não podem ao menos ficar para o jantar? — perguntou Arbor.

— Está quase pronto.

— Precisamos ir logo. Temos um... — Royce se deteve ao ouvir o barulho de uma carroça subindo às pressas pela estrada. O veículo parou bem em

frente à padaria, tão perto que puderam até ouvir o cocheiro puxar o freio de mão. Dunstan entrou pela porta no instante seguinte.

— Hadrian foi preso! — anunciou ele prontamente, então apontou para Royce e Arista. — E o intendente decretou a prisão de vocês também.

— A prisão deles? — questionou Arbor, espantada. — Mas por quê?

— O capataz estava enganado. Pelo jeito, Luret tem mais influência do que ele achava — murmurou Royce. — Vamos pegar os cavalos.

— Os soldados do lorde estavam logo atrás de mim quando comecei a descer o morro. Eles vão chegar aqui em poucos minutos — disse Dunstan.

— Meu cavalo está lá perto do rio — comentou Etcher. — Posso levar alguém na garupa.

Royce pensou rápido, avaliando riscos e resultados possíveis.

— Então leve no seu cavalo a senhorita até o local do encontro — orientou ele, dirigindo-se a Etcher. — Vou ver se posso ajudar Hadrian. Se dermos sorte, poderemos alcançar vocês. Se não alcançarmos, não vai fazer grande diferença — falou Royce, em seguida olhou para Arista. — Pelo que ouvi falar do seu *contato*, sua segurança estará garantida, mesmo que ele recuse a sua oferta.

— Não se preocupe comigo — disse a princesa, correndo para a porta, já de posse da bagagem. — Encarregue-se de ajudar Hadrian.

Pegando uma bolsa e a mão da princesa, Etcher conduziu Arista noite adentro, esgueirando-se pelas sombras das casas.

Royce os seguiu e subiu ao telhado, onde se agachou à sombra da chaminé da padaria e apurou os ouvidos. Viu meia dúzia de homens portando tochas e descendo, às pressas, pela rua principal, vindos da direção do solar. Primeiro pararam no estábulo, em seguida se dirigiram à padaria.

— Onde estão os forasteiros que chegaram com o filho do velho ferreiro? — inquiriu uma voz forte que Royce nunca ouvira antes.

— Foram embora há horas — respondeu Dunstan.

Royce ouviu um grunhido e um barulho, seguidos de um grito de Arbor e do som de mobília tombando.

— Os cavalos deles ainda estão no estábulo. Nós vimos você sair às pressas do solar para vir avisá-los! Então, onde eles estão?

— Deixem Dun em paz! — gritou Arbor. — Eles saíram correndo quando ouviram vocês chegando. Não sabemos aonde foram. Eles não nos disseram.

— Se estiverem mentindo, vocês serão acusados de traição e enforcados. Entenderam bem?

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Saiam em duplas. Vocês dois verifiquem a ponte. Você e você procurem pelo campo, e vocês dois batam de casa em casa. Até segunda ordem, todos os residentes de Hintindar devem ficar dentro de casa. Prendam qualquer pessoa que sair à rua. Vamos, andem logo!

Os homens saíram da padaria, seguindo em várias direções, convenientemente assinalados pelas tochas acesas, e Royce pôde observar a busca sendo executada por eles. Olhando para a campina escura, pensou que Etcher não teria dificuldade em se esquivar dos homens que os procuravam. Assim que alcançassem o cavalo, estariam a salvo. Arista seguia com segurança para o encontro, e o trabalho dele estava concluído. Sua única preocupação agora era com Hadrian.



A cadeia do solar se assemelhava mais a um velho poço do que a uma masmorra. Forçado a descer por uma corda, Hadrian ficou preso lá no fundo. Aguardou, em silêncio, contemplando as estrelas. A lua lançava um fecho de luz pálida, que descia pela parede interna do poço, marcando o lento avanço da noite.

Uma água gelada escorria pelas paredes, deixando-as úmidas e formando uma poça no fundo. Pedras pontiagudas embaixo da superfície da água completavam o cenário infeliz. Passado pouco tempo, Hadrian se viu obrigado e ficar de pé, a fim de melhor suportar o frio.

O reflexo da lua estava abaixo da metade da parede quando Hadrian ouviu vozes e movimentos acima do poço. Silhuetas escuras surgiram e a grade de ferro rangeu ao ser aberta. Uma corda foi baixada e Hadrian pensou que sua prisão tivesse sido revogada. Preparou-se para agarrar a corda, mas se deteve ao ver que alguém estava descendo por ela.

— Boa viagem — despediu-se alguém lá em cima, rindo e com uma voz que ecoou pelas paredes. — A gente joga os nossos ratos aí embaixo!

A figura era ágil e desceu rapidamente.

— Royce? — perguntou Hadrian. — Eles... Eles *pegaram* você?

A corda foi içada e a grade de proteção voltou a se fechar.

— Mais ou menos — respondeu ele, olhando ao redor. — As instalações por aqui são precárias, não?

— Não acredito que tenham pagado a você.

— Não foi tão fácil como está pensando. Eles não são muito inteligentes.

— Royce estendeu o braço e passou os dedos pelas paredes cintilantes. — Isto aqui era um poço que secou?

— Hintindar não precisa de uma grande prisão — comentou Hadrian balançando a cabeça. — Quer dizer que você *deixou* que eles pegassem você?

— Criativo, não acha?

— Ah, brilhante.

— Achei que fosse o jeito mais fácil de encontrar você — afirmou Royce, arrastando os pés dentro da água e fazendo careta. — Então, que desculpa você tem para me dar? Eles cercaram você com um exército de vinte homens bem-armados?

— Eles me pegaram dormindo.



Royce lhe lançou um olhar cético.

— Digamos que eu me vi numa situação em que seria obrigado a matar algumas pessoas e preferi não fazê-lo. Isto aqui é a minha terra, lembre-se disso. Não quero ficar conhecido como assassino.

— Então *foi* bom eu não ter degolado ninguém. Sou mais esperto do que eu mesmo achava.

— Ah, sim, posso ver a genialidade do seu plano — disse Hadrian, olhando para cima. — Que sugestão para sairmos daqui você tem agora?

— Em algum momento Luret vai nos tirar daqui e nos entregar a uma equipe de recrutadores, conforme ele mesmo já ameaçou. A gente serve no Exército Imperial durante alguns dias, aprende o que puder, então cai fora. E podemos levar informações que valham um bônus extra para Alric.

— E Arista?

— Ela está segura e a caminho do encontro com Gaunt. Etcher chegou pouco antes de anoitecer e eu a enviei com ele. Provavelmente, vai ser hospedada por Gaunt e enviar despachos a Melengar, por mensageiros, até que as forças de Alric se unam aos nacionalistas.

— E se Gaunt recusar a oferta dela?

— A segurança de Arista é de total interesse de Gaunt. Ele não vai entregá-la ao Império. É provável que ela volte a Melengar por mar. Na verdade, é melhor não estarmos na companhia dela. Se Merrick estiver por aí, tenho certeza de que vai se interessar mais em mim do que nela. Portanto, esse serviço está concluído.

— Acho que podemos ser gratos por isso, ao menos.

Royce deu uma risadinha.

— O que foi?

— Estou pensando em Merrick. Ele não faz a menor ideia de onde estou agora. O meu desaparecimento vai deixá-lo maluco.

Hadrian sentou-se.

— Que água gelada, não? — comentou Royce, olhando para Hadrian e exibindo uma expressão de desagrado.

Hadrian concordou.

— E o fundo tem pedras pontudas, cobertas por um lodo nojento.

Royce olhou para cima, em direção à entrada do poço; em seguida, trincou os dentes e sentou-se diante de Hadrian.

— Ah, sim, é bem confortável.

Mantiveram-se em silêncio durante alguns minutos, ouvindo a brisa resvalar pela grade. Dependendo do ângulo, o atrito produzia um zumbido. De vez em quando, uma gota de água caía na poça, provocando um som surpreendentemente alto e ampliado pelo vão do poço: *plop!*

— Você sabe que, com a conclusão desse serviço, estou oficialmente aposentado.

— Foi o que pensei — disse Royce, enfiando a mão dentro da água, retirando uma pedra e atirando-a de lado.

— Acho que vou voltar para cá. Talvez Grimbald precise de um assistente, ou Armigil. Ela está ficando velha e provavelmente vai querer um sócio. Aqueles barris são pesados e trabalhar na fabricação de cerveja tem suas vantagens.

O luar revelou o rosto de Royce. O ladrão parecia tenso.

— Sei que você não está satisfeito com a minha decisão, mas preciso mesmo mudar de vida. Não estou dizendo que vou ficar aqui para sempre. Provavelmente, não vou, mas é um começo. Vou considerar o período aqui como um treino para uma vida pacífica.

— E é isso o que você quer, uma vida pacífica? Não vai mais ter sonhos de glória?

— Eles não eram mais do que exatamente isso, Royce: sonhos. Está na hora de encarar esse fato e tocar a vida para a frente.

Royce suspirou.

— Tenho uma coisa para contar a você. Eu deveria ter falado isso há muito tempo, mas... Acho que tinha receio de que você fizesse alguma besteira. — Ele fez uma pausa. — Não, isso não é verdade. Demorei a perceber que você tem o direito de saber.

— Saber o quê?

Royce olhou ao redor.

— Nunca pensei que fosse lhe dizer isso num lugar como este, mas confesso que o fato de eles terem nos desarmado pode ser positivo.

Royce apresentou a carta de Danbury.

— Como isso foi parar nas suas mãos? — indagou Hadrian.

— Arista me deu.

— Por que eles não confiscaram a carta quando pegaram você?

— Você está brincando? Eles quase esqueceram de confiscar o meu punhal. Não estão habituados a lidar com ladrões, muito menos com ladrões que se entregam — declarou Royce, passando a carta para as mãos de Hadrian. — Qual foi o seu pensamento quando leu isto?

— Pensei que meu pai morreu cheio de arrependimento e dor. Ele acreditou nas palavras de um moleque de 15 anos, egoísta e autocentrado, que o acusou de covardia, então jogou a vida fora. Tê-lo abandonado já foi ruim e, antes de ir embora, ainda o deixei marcado para sempre.

— Hadrian, acho que esta carta nada tem a ver com o fato de você ter ido embora. Acredito que a questão aqui seja a sua ascendência. Acho que o seu pai estava querendo dizer alguma coisa a você sobre o seu passado.

— Como você sabe disso? Você nem conheceu o meu pai. O que está dizendo não faz o menor sentido.

Royce suspirou.

— No ano passado, em Avempartha, Esrahaddon recorreu a um feitiço para localizar o Herdeiro.

— Eu sei. Você já me disse isso.

— Mas não disse tudo o que deveria dizer. O feitiço não localizou o Herdeiro, propriamente, mas os amuletos mágicos usados por ele e pelo Guardiã. Esrahaddon fez os colares a fim de poder localizar os indivíduos que os estivessem usando e evitar que outros magos pudessem encontrá-los. Como já falei a você, não consegui identificar o rosto do Herdeiro. Era um cara de cabelos louros e olhos azuis, um sujeito que nunca vi na vida.

— E daí?

— Eu tinha muitas dúvidas. Sempre achei que Esra estava nos usando. Esse foi o principal motivo que me levou a não dizer nada a você. Eu queria ter certeza de que a coisa era verdade, e foi por isso que pedi para virmos até aqui. — Royce fez mais uma pausa, então perguntou: — Onde você conseguiu esse colar, o amuleto que usa embaixo da camisa?

— Eu já disse, foi o meu pai... — Hadrian parou e encarou Royce, inconscientemente levando a mão ao pescoço para tatear o colar.

— Eu não reconheci o Herdeiro... mas reconheci o Guardiã. Seu pai tinha um segredo, Hadrian, um *grande* segredo.

Hadrian continuou a encarar Royce. Sua mente voltou aos tempos de juventude, ao pai grisalho, trabalhando humildemente, dia após dia, diante da bigorna e da fornalha, fabricando rastelos e lâminas de arado. Lembrou-se de Danbury, resmungando e pedindo-lhe que limpasse a oficina.

— Não — retrucou Hadrian. — Meu pai era ferreiro.

— Quantos ferreiros ensinam aos filhos as antigas técnicas de combate dos teshlors, a maioria das quais não sobreviveu aos séculos? Onde você conseguiu aquele montante que vejo você carregar às costas desde o dia em que o conheci? Ele pertencia ao seu pai?

Lentamente, Hadrian meneou a cabeça, confirmando, e um calafrio eriçou os pelos de seus braços. Ele jamais revelara isso a Royce. Jamais revelara isso a pessoa alguma. Levava consigo o montante na noite em que saiu de casa. Precisava de uma espada. Seu pai costumava ter várias armas na oficina, mas elas pertenciam a terceiros e, se ele levasse uma delas, seu pai

seria obrigado a pagar pelo desaparecimento. Então levou consigo a única espada cuja falta ele não perceberia. Seu pai escondia o montante num compartimento embaixo da quinta tábua do assoalho da oficina. Danbury havia retirado a arma do esconderijo apenas uma vez, muito tempo atrás, quando a mãe de Hadrian ainda vivia. Àquela época, Hadrian era muito jovem e mal se recordava daquele momento. Sua mãe dormia e Hadrian também deveria estar dormindo, mas algo o tinha despertado. Ele saiu da cama e viu o pai na oficina. Seu pai estava sentado no chão, à luz da fornalha, bebendo a cerveja fabricada por Armigil. Tinha nas mãos a imensa espada e falava com ela, como quem fala com uma pessoa. Estava chorando. Nos 15 anos em que viveu sob o mesmo teto que aquele homem, aquela foi a única vez que Hadrian o viu chorar.

— Quero que você me faça um favor. Leia essa carta novamente, mas desta vez imagine que você não fugiu. Leia como se você e seu pai se dessem muito bem e ele tivesse orgulho de você.

Hadrian ergueu o pergaminho para que o luar o iluminasse e o releu:

*Haddy,*

*Espero que esta carta chegue às suas mãos. É importante que saiba que existe uma razão pela qual você jamais deve se valer do seu treinamento para obter dinheiro ou fama. Eu deveria ter lhe dito a verdade, mas o meu sofrimento era grande demais. Hoje, posso confessar a você que me envergonho da vida que levei, me envergonho do que deixei de fazer. Acho que você tinha razão. Sou um covarde. Decepcionei a todos. Espero que possa me perdoar, mas eu jamais me perdoarei.*

*Com amor,*

*Seu pai.*

*Antes de nasceres, no ano de noventa e dois,  
Perdeu-se a joia, a novidade que veio depois.  
O piscar de olhos, o batimento de um coração,  
A vela se apaga, a culpa recai em minha mão.*

*O rei e seu cavaleiro caçam um javali,  
O rato e seus amigos caçam lendas daqui.  
Juntos lutam, até que só um sobrevive.  
O cavaleiro chora, o rei já não vive.*

*Respostas a enigmas, segredos em profusão,  
Encontram-se no cerne de lendas e erudição.  
Procure a resposta e descubra a contento  
A vida do homem, a face do lamento.*

— Você sabe que o montante é uma arma utilizada por um cavaleiro? —  
perguntou Royce.

Hadrian confirmou.

— E o seu montante é bem antigo, não é?

Novamente Hadrian confirmou.

— Eu diria que tem, mais ou menos, 100 anos. Acho que você é descendente de Jerish, o guardião do Herdeiro — declarou Royce. — Ainda que não seja um descendente direto. Pelo que ouvi falar, a descendência do Herdeiro é direta e sanguínea, mas ao Guardião bastava transferir suas habilidades a outro indivíduo. O sucessor não precisava ser seu filho, embora eu suponha que isso fosse possível.

Hadrian encarou Royce. Não sabia como reagir. Até certo ponto, sentia-se entusiasmado, empolgado, vingado, mas também suspeitava que Royce

estivesse delirando.

— E você escondeu isso de mim? — indagou Hadrian, perplexo.

— Eu só queria contar a você depois que tivesse certeza. Desconfiei que Esrahaddon estivesse nos manipulando.

— E você não acha que eu também desconfiaria? Pelo que está me tomando? Você trabalha comigo há 12 anos e acha que sou idiota? Como pode ser tão convencido? Você não me acha capaz de tomar as minhas próprias decisões, então resolve tomá-las em meu lugar?

— Estou contando tudo agora, não estou?

— Mas você demorou um ano inteiro para me contar, Royce! — exclamou Hadrian. — Você não acha que isso era importante para mim? Quando falei a você que me sentia infeliz porque a minha vida carecia de propósito, que eu buscava uma causa pela qual lutar, não achou que a proteção do Herdeiro fosse algo que valesse a pena? — perguntou Hadrian, balançando a cabeça em sinal de descrença. — Você é um arrogante, um manipulador, um mentiroso...

— Eu *nunca* menti para você!

— Não, você apenas ocultou a verdade, o que, para mim, é o mesmo que mentir; porém, para a sua mentalidade torpe, é uma virtude!

— Eu sabia que você reagiria desse jeito — disse Royce com ar de superioridade.

— Como você queria que eu reagisse? Ei, amigão! Obrigado por me subestimar tanto a ponto de não poder me contar a verdade a respeito da minha própria vida.

— Não foi por isso que não contei — retrucou Royce.

— Você acabou de dizer o contrário!

— Eu sei!

— Então você está mentindo para mim novamente?

— Se você me chamar de mentiroso mais uma vez...

— O quê? O que foi? Você vai querer brigar comigo?

— Aqui dentro está escuro.

— Mas não tem espaço para se esconder. Só representa um perigo até o momento em que eu pegar você. É só eu agarrar o seu pescocinho. Você pode ser ágil, mas, depois que eu o pegar, ponto final.

Sem qualquer advertência, caiu sobre eles um balde de água gelada. Olhando para cima, Hadrian avistou silhuetas.

— Ei, vocês! Calem a boca aí embaixo! — gritou uma voz. — Sua Excelência quer falar com vocês!

Uma cabeça desapareceu do campo de visão e outra surgiu à beira do poço.

— Aqui fala Luret, emissário imperial de Sua Eminência, a imperatriz Modina Novronian. Em virtude de seu envolvimento na condução de um membro da família real de Melengar à presença dos inimigos de Sua Eminência, os nacionalistas, vocês foram considerados culpados de espionagem e serão levados à forca dentro de três dias. Contudo, se quiserem transformar a sentença de morte em prisão perpétua, estou disposto a concordar, desde que me revelem o paradeiro da princesa Arista Essendon, de Melengar.

Nenhum dos dois pronunciou uma palavra sequer.

— Digam-me onde ela está ou serão enforcados assim que o carpinteiro da aldeia acabar de preparar o patíbulo.

Novamente silêncio.

— Muito bem, talvez um ou dois dias apodrecendo aí dentro farão vocês mudarem de ideia. — Em seguida ele se dirigiu ao carcereiro: — Nada de comida nem bebida. Vai ajudá-los a soltar a língua. Além do mais, não há por que desperdiçar água e comida.

Os dois aguardaram em silêncio enquanto as silhuetas se afastavam.

— Como ele sabe? — sussurrou Hadrian.

Royce reagiu com uma expressão medonha.

— O que foi?



— Etcher. Ele é o delator que está traindo o Diamante — disse Royce, desferindo um pontapé na parede e chapinhando a água. — Como pude ser tão cego? Foi ele quem acendeu a lanterna lá no rio, sinalizando a nossa localização para o barco que vinha atrás de nós. Ele não verificou as pás do moinho porque, para ele, isso não fazia a menor diferença. Aposto que sequer informou a Price onde estávamos, para que o Diamante jamais pudesse nos encontrar. Deve haver uma emboscada em Amberton Lee ou em algum lugar no caminho.

— Mas por que ele a levaria até lá? Por que simplesmente não entregou Arista a Luret?

— Aposto que isso faz parte do jogo de Merrick. Ele não quer que um palhaço imperialista como Luret conquiste o prêmio. Ela é uma mercadoria, que pode ser vendida para o Império ou devolvida a Melengar, com lucro. Se Luret pegar Arista, Merrick não terá benefício algum.

— Então por que ele nos entregaria a Luret?

— Por precaução. Com os oficiais do solar em nosso encalço, precisaríamos agir com pressa e não teríamos tempo para questionar a história de Etcher. Tenho certeza de que o objetivo era apressar a nossa partida e nos surpreender despreparados, mas o resultado foi ainda melhor, porque você foi capturado e resolvi ficar para ajudá-lo.

— E você despachou Arista sozinha, aos cuidados de Etcher.

— Ela está indo ao encontro de Merrick, de Guy, ou de ambos. Talvez eles a detenham e, em troca, exijam que Alric entregue Medford. É claro que ele não vai fazer isso. Pickering não vai deixar.

— Para início de conversa, mal posso crer que Alric tenha enviado Arista. Que idiota! Por que não designou um representante que não pertencesse à família real? Por que teve de enviar *logo ela*?

— Ele não a enviou — disse Royce. — Duvido que alguém em Medford desconfie de onde ela esteja. Arista agiu por conta própria.

— *Como?*

— Ela chegou à Rosa e Espinho sem escolta. Você já viu a princesa ir a *qualquer lugar* sem um guarda-costas?

— Então por que você...

— Porque precisava de uma desculpa para trazer você até aqui, a fim de descobrir se o que Esrahaddon me mostrou naquele dia era verdade.

— Quer dizer que a culpa desta situação é *minha*? — perguntou Hadrian.

— Não, a culpa é de todos nós: sua por insistir nessa aposentadoria, minha por não dizer a verdade, de Arista por ser tão impulsiva, e até do seu pai por nunca ter lhe dito quem você é.

Mantiveram-se calados durante alguns instantes.

— Então o que vamos fazer agora? — perguntou Hadrian finalmente. — O seu plano inicial já não vai funcionar tão bem.

— Por que sou eu quem sempre tem de pensar num plano?

— Porque, quando o assunto é decidir como devo conduzir a minha vida, a escolha deve caber a mim... Mas, quando o assunto é escapar de uma prisão, por mais patético que pareça, você é o especialista.

Royce suspirou e começou a examinar a parede do poço.

— A propósito — continuou Hadrian —, qual foi o verdadeiro motivo que impediu você de me contar essa história?

— Hein?

— Agora há pouco você disse que...

— Ah, sim — disse Royce, e continuou a examinar a parede. Parecia um tanto preocupado. Quando Hadrian se convenceu de que ele não responderia, Royce falou: — Eu não queria que você fosse embora.

Hadrian quase riu do comentário, pensando que fosse uma piada, mas se conteve. Era difícil imaginar que Royce pudesse ser um sujeito sensível. Mas se lembrou de que ele não tinha família e que contava com poucos amigos leais. Crescera na condição de órfão, correndo pelas ruas de Ratibor, roubando comida e roupas, e provavelmente sendo espancado em consequência dos furtos. Com certeza havia ingressado no Diamante tanto

pelo desejo de inclusão quanto para juntar alguma fortuna. Ao cabo de poucos anos, foi traído pela guilda. Naquele momento, Hadrian percebeu que Royce não o via apenas como parceiro, mas como família. Além de Gwen e talvez Arcadius, Hadrian era o único amigo que ele tinha.

— Você está pronto? — perguntou Royce.

— Para o quê?

— Vire-se de costas. Vamos ficar de costas um para o outro e dar os braços.

— Você está brincando. A gente não vai fazer aquilo de novo, vai? — quis saber Hadrian, em desespero. — Faz horas que estou sentado na água gelada. Vou ter câibras.

— Você sabe outro jeito para chegar lá em cima? — indagou Royce, e Hadrian balançou a cabeça. Royce ergueu os olhos. — Não é tão alto quanto aquele poço da outra vez, e é ainda mais estreito; portanto, vai ser mais fácil. Levante-se e se alongue um pouco. Você não vai ter câibras.

— E se o guarda estiver lá em cima, com uma vara para nos cutucar?

— Você quer sair daqui ou não?

Hadrian respirou fundo.

— Ainda estou zangado com você — avisou ele, virando-se de costas e dando os braços a Royce.

— Pois é, nesse momento também estou meio zangado comigo.

Apoiando-se um nas costas do outro, começaram a subir pelas paredes do poço. Imediatamente as pernas de Hadrian deram sinais de fadiga, mas, em certa medida, a pressão nelas era aliviada pelo vigor dos braços entrelaçados e pela alavancagem que a postura ensejava.

— Pressione as minhas costas com força — mandou Royce.

— Eu não quero esmagar você.

— Não se preocupe. Incline-se um pouco mais para trás.

No início os movimentos eram desajeitados e o esforço foi imenso; no entanto, logo a subida passou a obedecer a um determinado ritmo.

— Agora... — sussurrou Royce.

A pressão exercida pelas costas de um sobre as do outro bastava para mantê-los grudados.

— Agora... — E eles davam mais um passo, subindo pelas paredes pedregosas.

A água que escorria pelas paredes produzia um lodo escorregadio; Hadrian tomava cuidado para posicionar os pés sobre as pedras mais secas e se valia das junções, a fim de ganhar tração. Royce era infinitamente mais hábil naquele tipo de ação e se mostrava um tanto impaciente com o avanço lento da dupla. Hadrian sentia dificuldade e às vezes exagerava na pressão. Suas pernas eram mais longas e mais fortes, e ele precisava se lembrar de que era preciso relaxar um pouco.

Finalmente transpuseram o nível onde havia lodo, alcançando o ponto onde as pedras estavam secas, então prosseguiram com mais confiança. Se caíssem da altura em que estavam, sofreriam fraturas. Hadrian começou a transpirar em consequência do esforço, com suor escorrendo por sua pele. Uma gota desceu pelo rosto dele e ficou pendurada na ponta do nariz. Acima, via a grade de proteção cada vez maior, mas ainda estava desesperadamente distante.

*E se não conseguirmos? Como vamos descer sem despencar?*

Hadrian foi obrigado a expulsar da mente o pensamento e se concentrar. De nada adiantaria pensar no fracasso. Em vez disso, pensou em Arista a caminho da morte ou da captura. Precisavam chegar lá em cima, e logo, antes que suas pernas perdessem a força. Já estavam trêmulas, quase falhando, tamanho era o esforço.

Ao se aproximarem do topo, Royce parou de orquestrar os passos. Hadrian manteve os olhos fixos na parede, nos pontos onde fixava os pés, e sentia que Royce inclinava a cabeça para cima.

— Pare — sussurrou Royce.

Ofegantes, os dois se aprumaram, soltaram os braços e se agarraram à grade. Descansando as pernas torturadas, ficaram pendurados por um instante. O relaxamento da pressão foi reconfortante, então Hadrian fechou os olhos, sentindo grande alívio e balançando-se levemente.

— Notícia boa e notícia má — declarou Royce. — Não tem guarda, mas a grade está trancada.

— Você pode cuidar disso, certo?

— Só preciso de um segundo.

Hadrian podia sentir Royce se mexendo atrás dele.

— Consegui.

Seguiu-se mais uma breve pausa e os dedos de Hadrian já começavam a doer.

— Certo. Vamos empurrar a grade para a sua esquerda. Pronto? Pés nas paredes!

A grade era mais leve do que Hadrian esperava e cedeu facilmente. Saíram do interior do poço, rolaram pela relva úmida do gramado do solar e ficaram deitados por algum tempo, recuperando o fôlego. Estavam sozinhos num canto escuro do pátio.

— Armas? — perguntou Hadrian.

— Vou dar uma olhada dentro da casa. Tente conseguir cavalos.

— Não mate ninguém — mencionou Hadrian.

— Vou tentar, mas, se eu vir Luret...

— Ah, sim. Acabe com ele.

Hadrian prosseguiu, com toda cautela, até o estábulo. Assustados com a aproximação dele, os cavalos bufaram e deram coices nas divisórias das baias. Hadrian pegou a primeira sela e os primeiros arreios que encontrou, e os reconheceu prontamente. A égua baia que Arista montara, o cavalo dele e Rata estavam naquele estábulo.

— Calma, menina — murmurou Hadrian gentilmente enquanto encilhava dois dos animais. No momento em que ele ajustava o arreio em

Rata, Royce entrou no estábulo, carregando uma pilha de espadas.

— As suas espadas, senhor cavaleiro.

— E Luret? — perguntou Hadrian, enquanto prendia as espadas no cinto.

Royce emitiu um leve muxoxo, exprimindo decepção.

— Não o vi. Não vi quase ninguém. Essa gente do campo vai para a cama com as galinhas.

— Somos gente simples.

— Rata? — murmurou Royce. — Eu não consigo me livrar dessa égua, não é mesmo?



Arista descobriu que viajar na garupa de um cavalo era bem menos confortável do que na sela. E Etcher contribuía para o desconforto, conduzindo o animal a trote. O impacto dos solavancos constantes no corpo de Arista lhe provocou uma dor de cabeça. Ela pediu a Etcher que diminuísse a velocidade, mas ele ignorou a solicitação. Então, espontaneamente, o animal desacelerou a corrida e prosseguiu a passo. O cavalo espumava e Arista sentia o suor dele encharcando seu vestido. Etcher esporeou o animal, até que ele voltasse a trotar. Quando o cavalo tornou a andar a passo, Etcher usou as rédeas como chibata. Ao fazer isso, em dado momento ele errou o alvo e atingiu a perna de Arista com violência. Ela deu um grito, que também foi ignorado. Finalmente Etcher desistiu e desacelerou, deixando o cavalo descansar. Ela perguntou aonde estavam indo e por que tamanha pressa. Ele nada respondeu — sequer virando a cabeça para trás. Após dois ou três quilômetros, voltou a exigir que o animal trocasse e continuava a agir como se Arista não estivesse ali.

A cada sacolejo sofrido no dorso do cavalo, Arista tomava mais consciência de sua vulnerabilidade. Estava sozinha, escoltada por um

desconhecido, nos confins de Rhenydd, onde qualquer autoridade legal optaria por prendê-la, em vez de deter seu acompanhante, a despeito do que ele fizesse. Tudo o que sabia de Etcher, ou melhor, a única certeza, era que a moral dele era duvidosa. Uma coisa era confiar em Royce e Hadrian, mas pular no lombo de um cavalo com um estranho que a conduzia pela mata era algo bem diferente. Se tivesse refletido, se houvesse tempo para ponderação, talvez tivesse se recusado a seguir com ele, mas agora era tarde demais. Ela prosseguiu, entregando-se à misericórdia de um homem perigoso numa terra hostil.

O silêncio dele em nada aliviava o medo que ela sentia. Em questão de mudez, Etcher desbancava Royce. Ele simplesmente não abria a boca. O ofício de ladrão não costumava atrair indivíduos muito sociáveis, porém Etcher parecia constituir um caso extremo. Chegava a ponto de se recusar a olhar para Arista. Talvez fosse melhor do que certas alternativas. Provavelmente um homem como Etcher estaria habituado a conviver com mulheres de vida fácil, curtidas pelo sol e trajando vestidos sujos. Que sensação não experimentaria tendo uma jovem da nobreza sozinha, agarrada às suas costas, no meio da mata — e logo uma princesa.

*Se ele me atacar, o que posso fazer?*

No Castelo de Essendon, um grito estridente e sonoro atrairia uma dúzia de soldados armados, mas, desde que saíra de Hintindar, Arista não via uma casa ou uma luz sequer. Mesmo que alguém a escutasse, assim que sua identidade fosse descoberta, ela provavelmente passaria o resto da vida numa prisão imperialista. Ele poderia fazer com ela o que bem quisesse. Poderia matá-la ou entregá-la às autoridades imperiais, que, sem dúvida, pagariam muito bem pela entrega. Ninguém se importaria se ela chegasse machucada ou ensanguentada. Arrependia-se de ter saído com tanta pressa sem se permitir uma reflexão. Não tinha como se defender. Sua bolsa lateral continha apenas a escova de cabelos que seu pai lhe presenteara e algumas

moedas. O punhal estava no meio da trouxa que guardava sua roupa de cama.

*Quanto tempo vou levar para encontrá-lo no escuro?*

Arista suspirou.

*Por que sempre vejo o lado negativo? O sujeito não fez absolutamente nada. Ele é caladão, mas e daí? Está arriscando a vida ao me levar a esse encontro. Está nervoso, atento. Talvez também esteja amedrontado. Será realmente estranho o fato de ele não estar tentando puxar conversa comigo? Eu estou com medo, só isso. Tudo parece pior quando se está com medo. É possível que ele seja apenas tímido ao interagir com mulheres? Será que se sente inseguro diante de damas da nobreza? Estaria preocupado com a possibilidade de dizer ou fazer algo que possa ser mal-interpretado e resultar em acusações perigosas? Obviamente ele tem bons motivos para se preocupar. Eu praticamente já o condenei por crimes que ele não cometeu! Royce e Hadrian são ladrões honrados. Por que Etcher não pode ser honrado também?*

A trilha desapareceu completamente e eles agora cavalgavam por campos abertos, cobertos de relva e varridos pelo vento. Pareciam se dirigir a um morro indistinto e longínquo. Arista avistava a silhueta de algumas estruturas, tendo como pano de fundo um céu pálido. Então novamente adentraram a mata, desta vez por uma abertura estreita na densa folhagem, e Etcher permitiu que o cavalo seguisse a passo. Como não ventava ali, o ambiente era sereno. Vaga-lumes piscavam ao redor deles e Arista escutava os estalidos provocados pelos cascos da montaria.

*Estamos numa trilha?*

Embora estivesse escuro demais para enxergar com clareza, Arista reconheceu o ruído de cascos sobre uma via pavimentada.

*Onde estamos?*

Quando finalmente saíram da mata, Arista avistou a encosta de um morro árido onde havia alguns restos de edificações. Rochas gigantescas se espalhavam pela relva, formando ruínas escuras de arcos de portas e pilares



de pedra. Parecendo lápides, as pedras se projetavam para cima em ângulos estranhos, como se fossem cadáveres e ossos descoloridos, remanescentes de memórias apagadas.

— Que lugar é este? — indagou Arista.

Ela ouviu um cavalo relinchar e avistou o brilho de uma fogueira, estrada acima. Sem dizer uma só palavra, Etcher esporeou novamente o cavalo e saiu trotando. Arista sentiu um mínimo de alento ao pensar que aquelas agruras estavam perto do fim.

Nas proximidades do topo do morro, dois homens estavam sentados em meio às ruínas. Uma fogueira queimava, protegida do vento pelo canto de uma parede de pedra, parcialmente desmoronada. Um deles usava capuz, o outro estava sem chapéu, e Arista logo pensou que fossem Royce e Hadrian.

*Eles conseguiram de algum jeito chegar antes de nós?*

Quando se aproximaram, Arista constatou que estava enganada. Os sujeitos eram mais jovens e tão corpulentos quanto Hadrian, se não fossem ainda mais musculosos. Vendo os cavalos se aproximarem, levantaram-se, e Arista notou que usavam camisas escuras e túnicas de couro, e que espadas de lâminas largas pendiam dos cinturões deles.

— Atrasados — anunciou o que usava capuz. — Pensamos que não viriam mais.

— Os senhores são nacionalistas? — perguntou ela.

Os homens hesitaram.

— Claro — respondeu o outro.

Aproximaram-se, e o encapuzado a ajudou a desmontar. As mãos dele eram grandes e fortes. O peso de Arista nada representou para ele. Não se barbeava havia dois dias e cheirava a leite azedo.

— Um dos senhores é Degan Gaunt?

— Não — respondeu o encapuzado. — Ele nos enviou para confirmar a identidade da senhorita. A senhorita é a princesa Arista Essendon, de Melengar?

Ela desviou o olhar de um rosto ao outro e ambos exibiam uma expressão sisuda. Agora até Etcher olhava para ela.

— Então, a senhorita é ou não é a princesa? — insistiu ele, acercando-se ainda mais.

— Claro que ela é! — exclamou Etcher. — Eu tenho um longo caminho de volta e quero logo o meu pagamento. Não tentem me passar a perna.

— Pagamento? — perguntou Arista.

Mais uma vez, Etcher a ignorou.

— Só podemos pagar pela entrega depois que tivermos certeza de quem ela é, e não vamos aceitar a *sua* palavra. Vai ver ela é uma puta de algum chiqueiro de Colnora, banhada e vestida por você... E, pelo jeito, você fez um trabalho merda.

— Ela está fingindo ser plebeia, e está suja por causa da viagem até aqui.

O encapuzado chegou mais perto ainda a fim de examiná-la. Arista deu um passo atrás, instintivamente, mas não a tempo de evitar que ele agarrasse seu queixo e virasse seu rosto bruscamente para um lado e para outro.

Indignada, ela reagiu com um pontapé e conseguiu atingi-lo na canela.

O homem grunhiu, a fúria fazendo com que seus olhos faiscassem.

— Cadelinha maldita! — disse ele, desferindo uma violenta bofetada na face dela.

A explosão de dor a subjugou. Arista se viu no chão, de quatro, agarrando-se, com as mãos cheias de tufo de relva, a um mundo que girava. Sua face doía e seus olhos se encheram de lágrimas.

O homem caiu na risada. A humilhação foi grande demais.

— Como ousas me bater! — gritou ela.

— Está vendo? — disse Etcher, apontando para ela.

O encapuzado assentiu.

— Tudo bem, a gente paga. Danny, dê vinte moedas de ouro para ele.

— Vinte? A sentinela concordou em pagar cinquenta! — protestou Etcher.

— Cale a boca, senão pago dez.

Arista ofegava, ainda no chão, respirando com breves golfadas. Estava com muito medo, e já começava a se entregar ao pânico. Precisava se acalmar e pensar. Através dos olhos lacrimejantes, contemplou Etcher e o cavalo. Não havia a menor chance de conseguir pegar o animal e sair em disparada. Os pés de Etcher estavam nos estribos e ela não seria capaz de derrubá-lo.

— Guy não vai gostar de saber que vocês embolsaram trinta moedas do ouro que ele lhes entregou.

Eles riram.

— Em quem você acha que Guy vai acreditar? Em você ou em nós?

Arista pensou na fogueira. Poderia tentar correr até lá e pegar um tição. Mesmo que conseguisse fazê-lo, um tição seria inútil diante de espadas. Eles simplesmente ririam dela.

— Pegue as vinte moedas e cale a boca, ou então vá embora de mãos vazias.

Pensou em correr. *Encosta abaixo, no escuro, talvez eu possa... Não, não consigo correr muito depressa, e o morro não tem vegetação.*

Arista precisaria alcançar a mata para ter a mínima chance de fuga, porém Etcher sairia atrás dela a cavalo e a arrastaria de volta. Depois disso, ela seria espancada e amarrada, então toda e qualquer esperança estaria perdida.

— Nem pense em reagir, seu infeliz — disse o encapuzado, dirigindo-se a Etcher.

Etcher deu uma cusparada, enfurecido.

— Me dê as vinte moedas.

O encapuzado atirou uma pequena bolsa, cujo conteúdo tilintou, e Etcher a agarrou com olhar azedo.

Arista começou a chorar. O tempo estava acabando. Sentia-se impotente e nada podia fazer para escapar daquela situação. A despeito de pertencer à

realiza, não tinha como se defender. Tampouco seus conhecimentos da Arte poderiam ajudá-la. O máximo que sabia fazer era provocar espirros, e isso não a salvaria dessa vez.

*Onde estão Royce e Hadrian? Onde está Hilfred? Como pude ser tão tola, tão incauta? Não haverá alguém que possa me salvar?*

Como seria de esperar, Etcher foi embora sem lhe dirigir uma única palavra.

— Então é assim que uma princesa parece? — disse o encapuzado. — Você não tem nada de especial, tem? Parece tão suja quanto qualquer mulher que já tive.

— Não sei, não... — falou o outro. — Ela é melhor do que qualquer uma que já vi. Pegue aquela corda para mim. Quero me divertir, mas não quero me arranhar.

Arista sentiu o sangue gelar. Seu corpo estremeceu. Lágrimas escorreram pelas faces enquanto ela observava o sujeito ir buscar a corda.

Jamais fora tocada por homem algum. Ninguém ousaria sequer pensar em algo semelhante. Em Melengar, qualquer ato nesse sentido significaria morte certa. Jamais tivera encontros secretos à meia-noite, casos amorosos ou romances pelos cantos do castelo. Rapaz algum havia se atrevido a roubar dela um simples beijo, e agora... O sujeito de barba por fazer se aproximava dela com um pedaço de corda.

*Se tivesse aprendido algo mais útil do que provocar espirros e ferver água, eu poderia...*

Arista parou de chorar. Sem perceber, tinha parado de respirar também.

*Será que vai funcionar?*

Não havia outra opção.

O homem sorriu, cheio de expectativa, enquanto Arista fechou os olhos e começou a entoar um cântico.

— Veja só. Acho que ela gostou da ideia. Está até cantando para nós.

— Será que é algum ritual da nobreza?

Arista mal podia ouvi-los. Novamente, recorrendo ao método de concentração que Esrahaddon lhe ensinara, focou toda a atenção em sua própria mente. Ouviu o roçar da brisa na relva, o zumbido dos vaga-lumes e dos mosquitos e o canto dos grilos. Sentia a presença das estrelas acima e da terra embaixo de seus pés. Havia uma força lá. Chamou para si a força, inspirando-a, deixando-a entrar em seu corpo, atraindo-a para sua mente.

— Que posição você prefere?

— Com os pulsos para trás me parece uma boa ideia, mas talvez a gente deva perguntar como *ela* vai querer... — Eles riram, mais uma vez. — Nunca se sabe o que pode instigar a fantasia de uma princesa.

Arista murmurava, formando palavras, reunindo forças, conferindo forma à força. Concentrou-se em determinados elementos, conferindo-lhes funções e instruções. Criou um feitiço, conforme tinha feito antes, mas agora com uma variação. Prosseguindo, alterou o tom de voz, apenas o bastante para permitir a variação desejada.

Os grilos pararam de cantar e os vaga-lumes interromperam o ritual de acasalamento. Até mesmo a brisa cessou. O único som audível era a voz de Arista, cujo tom se tornava cada vez mais intenso.

A princesa sentiu quando o homem a obrigou a se levantar, virou-a de costas e puxou seus braços para trás. Ela o ignorou, mantendo-se concentrada nos movimentos dos seus próprios dedos, como se tocasse um instrumento musical invisível.

No instante em que ela sentiu a corda áspera tocar seus pulsos, os homens começaram a gritar.



As ruínas de Amberton Lee surgiram estilhaçadas no topo do morro. Pilares, degraus de mármore e paredes de pedra jaziam fendidas e

tombados. Apenas três árvores restavam perto do cume do morro árido, mas estavam mortas, cadáveres desfolhados, à semelhança do restante dos escombros, embora ainda se mantivessem de pé, desafiando o tempo.

— Lá em cima tem fogo, mas só estou vendo Arista — anunciou Royce.

— Emboscada?

— Provavelmente. Vou até lá. Talvez consiga libertá-la sem que eles percebam.

Royce ficou cismado com o silêncio que imperava no morro. Só ouvia os cavalos, bufando e batendo com os cascos na terra, e os estalidos da fogueira. Tinham avançado na velocidade máxima que os animais aguentavam, mas Royce receava ser tarde demais. Durante o trajeto, chegou a pensar que ela estaria morta. Agora, sentia-se um tanto confuso. Não havia dúvida de que a mulher próxima à fogueira fosse Arista.

*Mas onde está Etcher? Onde estão os homens com os quais eles se encontrariam?*

Ele subiu o morro com toda a cautela, passando por trás de alguns arbustos. Pedras parcialmente enterradas, ou inclinadas e escondidas na relva e nos espinheiros, dificultavam a passagem. Royce deu uma volta pela colina, à procura de sentinelas ou qualquer tipo de movimentação, mas nada encontrou.

Subindo um pouco mais, deparou-se com dois corpos. Os homens estavam mortos, no entanto ainda mornos — mais do que mornos... Estavam quentes. Não havia ferimentos nem sangue. Royce avançou até o topo do morro, em direção à fogueira. A princesa estava sentada diante do fogo, quieta, fitando as chamas. Estava sozinha, sem os alforjes.

— Arista? — murmurou ele.

Ela ergueu os olhos com uma expressão lânguida, embevecida, como se sua cabeça pesasse mais do que deveria. O brilho do fogo se espalhou por seu rosto. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Numa de suas faces havia um vergão.

— Sou eu, Royce. Você está bem?

— Sim — respondeu ela, mas sua voz soava distante e fraca.

— Você está sozinha?

Ela fez que sim.

Royce se aproximou da luz da fogueira e aguardou. Nada aconteceu. Uma leve brisa de verão agitava a relva e soprava as labaredas. Acima deles, as estrelas reluziam, superadas apenas pelo brilho da lua branca, que formava sombras noturnas. Arista se mantinha imóvel como uma estátua, exceto pela escova de cabelos, que ela continuamente girava nas mãos. Por mais tranquila que a cena parecesse, Royce se manteve tenso. Aquele local o deixava inquieto. Aqueles estranhos blocos de mármore, tombados e partidos, projetavam-se do solo como dentes. Mais uma vez, ele se perguntou se não estaria ligado à sua origem élfica, experimentando mais do que os olhos lhe mostravam, sentindo lembranças perdidas no tempo.

Percebendo um movimento morro abaixo, avistou Hadrian, que subia em sua direção. Viu quando ele se deteve durante alguns instantes perto dos cadáveres, antes de prosseguir na subida.

— Onde está Etcher? — perguntou Royce à princesa.

— Ele foi embora. Foi pago por Luis Guy para me trazer até aqui, para me entregar aos dois sujeitos.

— Pois é... Descobrimos isso um pouco tarde. Perdoe-nos.

A princesa não parecia bem. Estava quieta demais. Ele esperava que Arista demonstrasse indignação, ou alívio, mas aquela serenidade era estranha. Algo tinha acontecido — algo ruim. Além do vergão no rosto dela, não havia outros sinais de abuso. Suas roupas estavam intactas. Não havia furos, nem rasgões, mas ele viu fragmentos de relva e uma folha marrom embaraçados em seus cabelos.

— Você está bem? — perguntou Hadrian, no momento em que chegou ao topo do morro. — Está ferida?

Ela balançou a cabeça e um dos fragmentos de relva caiu.

Hadrian se agachou ao lado dela.

— Tem certeza? O que aconteceu?

Arista não respondeu. Fixou os olhos no fogo e começou a balançar o corpo, para a frente e para trás.

— O que aconteceu com aqueles homens que estão ali abaixo? — perguntou Hadrian a Royce.

— Não fui eu. Já estavam mortos quando os encontrei. E não vi ferimentos.

— Mas como...

— Eu os matei — disse Arista.

Os dois se viraram para encará-la.

— Você matou dois cavaleiros de Seret? — perguntou Royce.

— Eles eram serets? — murmurou Arista.

— Estão usando anéis com a marca da coroa quebrada — explicou Royce. — Não há ferimentos nos corpos deles. Como você os matou?

Ela começou a tremer, respirando por meio de espasmos. Elevando uma das mãos, Arista tocou a face, levemente, com a ponta dos dedos.

— Eles me atacaram. Eu... Eu não sabia mais... Eu não sabia mais o que fazer. Estava com muito medo. Eles iam... e eu estava sozinha. Não tive opção. Não tive opção. Não tinha para onde correr. Não tinha como lutar. Não tinha como me esconder. Tudo o que eu sabia era fazê-los espirrar e ferver água. Não tive opção. Era tudo o que eu sabia fazer. — Ela começou a soluçar.

Timidamente, Hadrian estendeu a mão. Arista deixou a escova cair e pegou as mãos dele, apertando-as com força. Ela o puxou para perto de si e ele a abraçou enquanto a princesa enterrava o rosto nas dobras da camisa dele. Delicadamente, Hadrian acariciou os cabelos dela.

Hadrian olhou para Royce com uma expressão de perplexidade e sussurrou:

— Será que ela os fez espirrar até morrer?



— Não — disse Royce, olhando por cima do ombro, em direção aos corpos. — Ela ferveu água.

— Eu não sabia... Eu não sabia se daria certo — murmurou ela, arfando. — Eu... Eu precisei alterar o feitiço... Alterar o foco. Precisei preencher as lacunas a partir da minha própria intuição... Criar um novo feitiço. Eu arrisquei, mas... A coisa parecia estar dando certo. As peças se encaixaram. Senti que elas se encaixavam... Eu *fiz* com que elas se encaixassem.

Arista levantou a cabeça, enxugou as lágrimas e olhou morro abaixo.

— Eles gritaram durante muito tempo. Ficaram jogados no chão... esperneando. Eu... Eu tentei interromper o feitiço, mas não sabia como fazê-lo, e eles continuavam... continuavam gritando, com os rostos vermelhos. Rolavam pelo chão e cravavam as unhas na terra, gritando, gritando... Até que os gritos se tornaram mais baixos, e eles pararam de emitir sons... a não ser um chiado... um chiado... E vi quando o vapor exalava da pele deles.

Lágrimas seguiam escorrendo pelas faces da princesa, no momento em que ela ergueu o olhar e os fitou. Hadrian enxugou seu rosto.

— Nunca matei ninguém na minha vida.

— Tudo bem — confortou Hadrian, acariciando a nuca de Arista e retirando fragmentos de relva e folhas. — Você não teve opção.

— Eu sei. É que... É que eu nunca matei ninguém... E vocês não imaginam como eles gritaram. Foi horrível. Foi como se uma parte de mim morresse com eles. Não sei como você consegue, Royce. Não sei mesmo.

— A gente faz porque sabe que, se a situação fosse inversa e o oponente levasse a melhor, a gente é que acabaria gritando.

Hadrian encostou o dedo embaixo do queixo de Arista e levantou o rosto dela. Afastou os fios de cabelo que estavam grudados em sua face e passou os polegares abaixo das pálpebras da princesa.

— Tudo bem. Você não teve culpa. Você fez o que tinha de fazer. Lamento não ter estado aqui para defendê-la.

Arista olhou nos olhos dele durante alguns instantes, então balançou a cabeça, respirou fundo e assoou o nariz.

— Estou estragando a imagem que você tem de mim, não estou? Eu me embriago, devoro comida, não me importo em ficar no mesmo quarto que vocês, e agora eu...

— Você não tem do que se envergonhar — afirmou Hadrian. — Bom seria se mais princesas honrassem o título como você honra.

Royce voltou a vasculhar o morro e verificar os serets, seus cavalos e seus pertences. Encontrou túnicas bordadas com símbolos, confirmando a identidade dos cavaleiros, e um saco contendo ouro, mas não achou documento algum. Em seguida, retirou a sela e os arreios de um dos cavalos e o deixou correr solto.

— Só havia aqueles dois? — perguntou Hadrian assim que ele voltou. — Eu esperava mais — disse ele, atizando as brasas com um pedaço de pau e iluminando o topo do morro. Arista aparentava estar melhor. Naquele momento comia um pedaço de queijo. Seu rosto estava lavado, e os cabelos, escovados. Sem dúvida, ela demonstrava melhor capacidade de reação do que ele esperava.

— Etcher agora inspira mais respeito, não é mesmo? — falou Royce.

— Como assim?

— Ele nunca teve a intenção de trazer nós três até aqui, só ela. É bem mais esperto do que eu julgava.

— Mas não agiu com grande esperteza — disse Arista. — Foi ludibriado pelos serets, que ficaram com trinta moedas de ouro do valor total prometido por Luis Guy.

— Quer dizer que essa operação foi encomendada por Guy, e não por Merrick — comentou Hadrian.

— Não tenho certeza — replicou Royce. — A coisa pareceu sofisticada demais para ser ideia de Guy, mas os planos de Merrick nunca falham. —

Ele olhou para a princesa. — Evidentemente, nem mesmo Merrick poderia ter previsto o que ela fez.

Hadrian levantou-se, atirou longe o pedaço de pau e olhou para a princesa.

— A senhorita está bem? Está em condições de montar?

Ela fez que sim, com um rápido meneio de cabeça, e deu uma leve fungada.

— Eu fiquei com muito medo... Senti muita falta de vocês dois. Vocês não fazem ideia, não fazem a menor ideia de como estou feliz em revê-los — falou ela, assoando o nariz.

— Muitas mulheres me dizem isso — comentou Hadrian, sorrindo. — Mas admito que, pela primeira vez, ouço isso de uma princesa.

Arista conseguiu exibir um breve sorriso.

— Então, o que vamos fazer agora? Não tenho a menor noção de onde estamos, e tenho certeza de que não haverá encontro algum com Gaunt.

— Talvez haja — disse Royce. — Mas Cosmos não sabe onde estamos e, portanto, não tem como nos avisar. Estou certo de que Etcher não levou mensagem alguma de Hintindar para Colnora. Eu deveria ter avisado a Price, antes de sairmos, mas não quis me arriscar. Foi bobagem da minha parte. Excesso de zelo.

— Bem, você sabe que não vou contra-argumentar — disse Hadrian. — A gente entrou nessa por reter informações.

Arista olhou para Royce com um olhar inquisidor.

— Conte para ele — explicou Royce.

— E não apanhou? — perguntou ela. — Nem mesmo um olho roxo?

— Não chegamos a esse ponto, mas talvez mais tarde, quando tivermos mais tempo — disse Hadrian. — A gente precisou correr para salvar uma dama que, no fim das contas, não precisava ser salva.

— Que bom que vieram...

— Acho que devemos ir a Ratibor — anunciou Royce. — Não estamos muito longe. Uma vez lá, podemos restabelecer o contato com o Diamante.

— *Ratibor?* — falou Hadrian de repente.

— É, você sabe, aquela toca de rato imunda... A capital de Rhenydd. Já visitamos o lugar onde você cresceu; então podemos fazer uma visitinha também a minha cidade.

Hadrian apalpou os bolsos da túnica.

— “Caçam o javali!” — exclamou ele, retirando do bolso a carta escrita por seu pai e correndo para perto da luz da fogueira. — “O rei e seu cavaleiro caçam o javali, / O rato e seus amigos caçam lendas aqui”... Rato e javali... Ratibor!\* O rei e o cavaleiro são meu pai e o Herdeiro, que devem ter visitado Ratibor e lá foram atacados por caçadores de lendas — disse Hadrian, apontando por cima do ombro, em direção aos mortos. — Serets!

— Como é mesmo o resto? — perguntou Royce, intrigado.

— “Juntos lutam, até que só um sobrevive. / O cavaleiro chora, o rei já não vive.”

— Quer dizer que eles lutaram, mas só o seu pai sobreviveu à batalha; o Herdeiro foi morto.

— “O rei já não vive” — repetiu Hadrian. — Jeito estranho de se expressar, não é? Por que não dizer simplesmente “O rei morreu”?

— Porque não rima? — sugeriu Royce.

— Bem pensado.

— O que vem depois? — perguntou Arista.

— “Respostas a enigmas, segredos em profusão, / Encontram-se no cerne de lendas e erudição.”

— Pelo jeito, a história ainda não terminou — declarou ela —, e as respostas podem ser encontradas em antigas lendas? Talvez vocês devam consultar Arcadius.

— Acho que não — respondeu Royce. — Ratibor tem uma rua da Erudição e uma avenida das Lendas.

— Elas se cruzam?

Royce fez que sim.

— Logo ao sul da Praça Central.

— O que fica nesse cruzamento?

— Uma igreja, acho.

— Royce tem razão. Precisamos ir a Ratibor — anunciou Hadrian.

Arista levantou-se.

— Acreditem no que vou dizer: estou mais do que pronta para ir embora deste lugar. Quando eu... — Ela se deteve. — Quando recorri à Arte, tive uma sensação desagradável. Isso aqui parece...

— Mal-assombrado — completou Royce, e ela concordou.

— Que lugar é esse? — perguntou Royce, dirigindo-se a Hadrian.

— Sei lá!

— Estamos a poucos quilômetros do local onde você cresceu.

Hadrian deu de ombros.

— O povo de Hintindar não fala muito. Mas há histórias de que fantasmas, espíritos do mal e demônios perambulam por esta mata. Esse tipo de coisa.

— Alguma coisa específica?

— Me lembro de uma cantiga de criança, mais ou menos assim:

*À margem do Lee pedras antigas,  
o pó de memórias desaparecidas.  
Um dia no centro, um dia no norte,  
Perdido está, há morte no forte.*

— O que isso significa?

Hadrian voltou a dar de ombros.

— A gente cantava isso quando brincava de Morte no Forte. Uma brincadeira de criança.

— Entendi... — mentiu Royce.

— Seja lá o que for, não estou gostando — declarou Arista.  
Royce concordou.

— Isso quase me faz querer chegar logo a Ratibor... Quase.

## **Nota**

\* Em inglês, a junção das palavras *rat* [rato] e *boar* [javali]. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 10

# RECOMPENSAS



Soou o primeiro toque do meio-dia e Amilia parou, sem saber ao certo aonde ir. Sendo atendente de cozinha, mal conhecia os setores reservados à nobreza. Somente em raras ocasiões, substituindo alguma camareira adoentada, tivera acesso aos quartos, situados no terceiro piso. Fizera o máximo para concluir o trabalho antes que os hóspedes regressassem. Trabalhar na presença de um nobre era um pesadelo. Geralmente eles a ignoravam, mas a ideia de ser notada lhe causava pavor. Para ela, a invisibilidade era a melhor defesa, e era mais fácil passar despercebida em meio aos vapores e ao corre-corre da copa. Nos corredores, qualquer pessoa poderia notar a sua presença.

Desta vez ela não tinha escolha. Saldur a havia chamado ao seu gabinete. Um soldado a procurara enquanto ela se encaminhava para o café da manhã e lhe dissera que se apresentasse à Sua Excelência assim que soasse o toque



do meio-dia. Ela tinha perdido o apetite e passara o resto da manhã especulando acerca do destino terrível que lhe estaria reservado.

Soou o segundo toque e Amilia entrou em pânico. Ela visitara o gabinete do regente apenas uma vez e, estando então sob escolta armada, não prestou a menor atenção ao caminho de acesso à sala. Lembrava-se de ter subido as escadas, mas não se recordava do andar em que ficava.

*Ah, por que não fui embora mais cedo?*

Passou pelo salão central com suas mesas compridas, arrumadas com pratos que ela bem conhecia e taças reluzentes, itens lavados pela própria Amilia diariamente — velhos companheiros. Eram amigos de uma época mais simples, em que o mundo tinha sentido. Naquele tempo, todas as manhãs, ela despertava sabendo que cada dia seria idêntico ao anterior. Agora, cada dia era tomado pelo medo de que seu fracasso fosse descoberto.

Do outro lado do salão, homens entravam, trajando roupas bordadas, em cores vibrantes — nobres. Ocuparam seus assentos, falando alto, rindo, reclinando-se nas cadeiras e gritando para que os servos lhes trouxessem vinho. Ela segurou a porta para Bastion, que carregava uma travessa contendo algo fumegante. Ao passar por Amilia, ele sorriu, agradecido, e enxugou a testa com a manga da camisa.

— Como chego ao gabinete do regente? — sussurrou ela.

Sem se deter, Bastion se virou para trás e disse:

— Dê a volta pelo saguão e atravesse a sala do trono.

— E depois?

— Pergunte ao funcionário.

Amilia desceu pelo corredor e seguiu ao longo da parede curva da grande escadaria que ficava próxima à entrada do palácio. Trabalhadores tinham aberto as portas da frente, deixando entrar a luz do sol, que revelou a nuvem de poeira por eles provocada. Homens suados transportavam vigas, argamassa e pedras para o interior do palácio. Equipes se ocupavam de cortar madeira e mármore. Eles desciam e subiam em escadas oscilantes,

enquanto polias içavam baldes para pedreiros posicionados em andaimes. Todos trabalhavam com afinco para que a primeira impressão dos visitantes fosse positiva. Admirada, notou que uma parede havia sido removida e o teto estava mais alto do que da última vez em que estivera ali. Agora o saguão parecia mais amplo e imponente que a câmara mal-iluminada de outrora.

— Com licença? — disse uma voz. Um sujeito magro estava de pé no vão da porta de acesso ao pátio. Ele titubeou nos degraus, esquivando-se dos trabalhadores que ali transitavam. — Posso entrar? — perguntou ele, tossindo e abanando um lenço diante do rosto.

Amilia olhou para ele e deu de ombros.

— Por que não? Todo mundo está entrando.

Ele deu vários passos hesitantes, olhando para cima assustado, os braços parcialmente erguidos como se quisesse se defender de algum golpe. Magricelo e frágil, usando peruca empoada, veste amarela e culote alaranjado com listras verticais, era pouco mais alto do que Amilia.

— Bom dia, senhorita — saudou-a ele, fazendo uma reverência, tão logo passou pelo alvoroço. — Meu nome é Nimbus de Vernes e vim aqui oferecer os meus préstimos.

— Ah... — disse ela com um olhar vazio. — Eu não...

— Ah, por favor, imploro, ouça o que tenho a dizer. Fui membro da corte do rei Fredrick e da rainha Josephine, de Galeannon. Sou versado em todo tipo de protocolo formal, procedimentos e comunicações oficiais. Antes disso, fui camareiro do duque Ibsen, em Vernes, e portanto sei trabalhar com... — Ele fez uma pausa. — A senhorita está bem?

Amilia engoliu em seco.

— É que estou com pressa. Tenho uma reunião importante com o regente.

— Nesse caso, por favor, perdoe-me. É só que... Bem, eu só tenho... — Ele deu de ombros e suspirou. — Sinto até vergonha de dizer que sou um

refugiado da invasão dos nacionalistas e só tenho estas roupas que a senhorita está vendo, assim como uns poucos pertences nesta maleta. Caminhei até aqui a pé e estou com um pouco de fome. Tinha esperança de encontrar trabalho na corte deste palácio. É só o que sei fazer — declarou ele, espanando dos ombros, com a mão, a poeira que descia dos andaimes.

— Sinto muito, mas não sou... — Amilia se deteve ao ver que os lábios do homem tremiam. — Há quanto tempo o senhor não se alimenta?

— Bastante tempo, acho. Na verdade, nem sei dizer.

— Escute bem — respondeu ela. — Posso conseguir alguma coisa para o senhor comer, mas o senhor vai ter de esperar até depois da minha reunião.

Amilia pensou que ele fosse começar a chorar, pois Nimbus mordeu o lábio e meneou a cabeça diversas vezes, dizendo:

— Muito obrigado, muito obrigado, senhorita.

— Espere aqui. Eu já volto... Assim espero.

Ela seguiu adiante, esquivando-se de homens que usavam aventais de couro e passando por três trabalhadores de jaleco, que seguravam régua e discutiam desenhos traçados em imensos pergaminhos abertos sobre uma mesa.

O salão do trono, que também fora restaurado, estava quase pronto, restando ali apenas algumas plataformas de andaimes. O piso de mármore encerado brilhava, assim como as grandes pilastras que sustentavam o teto abobadado. Perto da parede do fundo ficava a plataforma sobre a qual se assentava o trono dourado do Império, esculpido no formato de uma gigantesca ave predatória. As asas se abriam, constituindo um grande círculo de penas estendidas e formando o espaldar do trono. Amilia passou pela galeria localizada detrás do trono, então seguiu em direção aos gabinetes destinados à administração central.

— O que você quer? — perguntou-lhe o funcionário de plantão. Ela não gostava do sujeito. A cara dele parecia a de um roedor, com olhos pequeninos, dentes da frente à mostra e um tufo de cabelos pretos

encimando uma cabeça pálida e um tanto calva. O homenzinho sentava-se detrás de uma mesa imponente e tinha os dedos manchados de tinta preta.

— Estou aqui para falar com o regente Saldur — respondeu ela. — Ele mandou me chamar.

— Suba pela escada. Quarto andar — explicou ele desviando o olhar e baixando novamente a cabeça para se concentrar em seus pergaminhos.

No segundo andar, as paredes eram revestidas de gesso. No terceiro, o revestimento era feito com lâminas de madeira, e no quarto o revestimento era todo de painéis de cerejeira, ricamente entalhados à mão. Lamparinas cederam espaço a elegantes candelabros, um extenso tapete vermelho se estendia pelo chão do corredor, de ponta a ponta, e janelas de vidro permitiam a entrada de luz natural. Amilia se lembrou de como Saldur se sentira deslocado quando havia visitado a cozinha. Olhando para seu avental sujo, ela reconheceu a ironia da situação.

A porta estava aberta e o regente Saldur se encontrava de pé diante de uma janela em forma de arco, constituída por três vidraças, as maiores que ela vira na vida. Vindo do pátio, lá embaixo, o canto dos pássaros entrava no gabinete enquanto o regente lia um pergaminho iluminado pelos raios do sol.

— Você se atrasou — disse ele sem erguer os olhos.

— Sinto muito. Eu não sabia como chegar aqui.

— A senhorita precisa entender uma coisa: não estou interessado em desculpas nem em explicações. Só estou interessado em resultados. Quando eu lhe mandar fazer algo, quero que seja feito exatamente conforme eu disser. Nem antes nem depois, nem de outro modo, mas *exatamente* conforme eu mandar. Entendido?

— Sim, Vossa Excelência.

Amilia sentiu que a temperatura de seu corpo se elevara subitamente.

O regente foi até a mesa de trabalho e lá deixou o pergaminho. Juntou as pontas dos dedos de ambas as mãos e assim permaneceu por alguns

instantes enquanto a observava.

— Qual é mesmo o seu nome?

— Amilia, em Tarin Vale.

— Amilia. Belo nome. Amilia, a senhorita me causou uma boa impressão. Não é fácil fazer isso. Designei cinco mulheres para a função de secretária imperial... Damas de berço, damas bem-nascidas. Mas a senhorita foi a primeira a conseguir levar a termo algum progresso com Sua Eminência. No entanto, a senhorita agora se tornou um problema singular. Não posso ter uma simples copeira como assessora pessoal da imperatriz. Isso não cairia bem. — Saldur sentou-se detrás da escrivaninha, ajeitando as dobras do manto. — É possível que a imperatriz houvesse morrido, não fosse a magia que a senhorita praticou. Por isso, merece uma recompensa. Vou lhe outorgar uma condição equivalente à de baronesa. A partir deste momento, será conhecida como Lady Amilia.

Dito isso, molhou no tinteiro a ponta de uma pena e assinou um documento.

— Apresente este documento ao funcionário lá embaixo e ele vai providenciar tecido suficiente para a confecção de um melhor... bem, de um *vestido*.

Amilia o fitou, incapaz de se mexer, respirando baixo, sem querer interferir com coisa alguma. Ela singrava as águas da fortuna e temia que o menor movimento pudesse lançá-la num mar impiedoso. Afinal, o regente Saldur não a estava castigando. Depois ela poderia pensar no resto.

— A senhorita não tem nada a declarar?

Amilia hesitou.

— A imperatriz poderia ganhar um novo vestido também?

— A senhorita agora é Lady Amilia, secretária imperial da imperatriz Modina Novronian. E pode tomar quaisquer medidas necessárias ao bem-estar de Sua Eminência.

— Posso levá-la para fazer caminhadas fora do palácio?

— Não — respondeu ele bruscamente. Em seguida, mitigou o tom de voz e acrescentou: — Conforme nós dois sabemos, Modina não está bem. Pessoalmente, acho que jamais estará. Mas é imperativo que os súditos creiam ter uma governante vigorosa. Em nome da imperatriz, Ethelred e eu temos realizado grandes feitos em prol dos súditos de Sua Eminência. — Então apontou para a janela. — Mas não teremos chance de ser bem-sucedidos se descobrirem que sua amada imperatriz não bate bem da cabeça. A tarefa à qual Novron nos submeteu é árdua: construir um mundo melhor, ao mesmo tempo que somos obrigados a esconder a invalidez da imperatriz, o que me traz à sua primeira missão.

Amilia piscou os olhos.

— A despeito de todo o meu esforço, começa a correr o boato de que a imperatriz não está bem. Uma vez que o povo jamais a viu, crescem os rumores de que ela não existe. Precisamos aplacar a apreensão do povo. Portanto, o seu trabalho é preparar Modina para fazer um pronunciamento, da Grande Sacada, dentro de três dias.

— Como?

— Não se preocupe. São apenas três frases. — Ele pegou o pergaminho que estivera lendo e o entregou a Amilia. — É uma missão simples. A senhorita conseguiu que ela pronunciasse uma palavra. Agora consiga que ela pronuncie algumas outras. Faça com que ela memorize o pronunciamento, e a treine para fazê-lo... como uma imperatriz.

— Mas eu...

— Lembre-se do que eu disse a respeito de desculpas. A senhorita agora pertence à nobreza; é uma pessoa privilegiada e poderosa. Eu lhe concedi meios, e isso implica responsabilidades. Agora, retire-se. Tenho mais o que fazer.

Pegando o pergaminho, ela deu meia-volta e se dirigiu à porta.

— E, Lady Amilia, não se esqueça de que houve cinco secretárias imperiais antes da senhorita, e que todas também eram nobres.



— Ora! Você ficou mesmo importante! — declarou Ibis, olhando para a patente de nobreza que Amilia acabara de lhe mostrar.

Quase toda a equipe que trabalhava na cozinha estava reunida em torno do chefe, que, com um largo sorriso, exhibia o pergaminho.

— É bonito demais — observou Cora. — Adoro essas letras rebuscadas.

— Nunca tive vontade de saber ler — comentou Ibis. — Mas agora bem que eu gostaria...

— Vocês me permitem? — perguntou Nimbus. Cuidadosamente, ele limpou as mãos no lenço e, estendendo um dos braços, pegou o pergaminho. — Aqui diz o seguinte: “Eu, Modina, na condição de legítima imperatriz, designada para tal função pela misericórdia de nosso senhor Maribor, por intermédio de meus regentes imperiais, Maurice Saldur e Lanis Ethelred, decreto que, em reconhecimento por leais serviços prestados e cumprimento de ordens favoráveis à nossa pessoa, Amilia de Tarin Vale, filha de Bartholomew, fabricante de carruagens, seja promovida de sua posição atual e passe a integrar o inquestionável contingente de nobres do Império novroniano, sendo, a partir de agora e para sempre, conhecida como Lady Amilia de Tarin Vale.” — Nimbus ergueu o olhar. — Há mais dados acerca de limitações de direitos à herança e à condição de nobreza, mas o trecho que li expressa a essência do decreto.

Todos olharam para o magricelo.

— Este aqui é Nimbus — disse Amilia, apresentando-o. — Ele precisa de uma refeição, e pensei que vocês pudessem lhe dar algo para comer.

Ibis sorriu e fez uma reverência discreta.

— Você agora é uma dama, Amilia. Ninguém nesta cozinha pode negar um pedido seu. Ouviu isso, Edith? — gritou ele, dirigindo-se à governanta, que acabava de entrar. — A nossa pequena Amilia agora é nobre.

Edith parou onde estava.

— Quem disse isso?

— A imperatriz e o regente Saldur. É o que diz aqui neste pergaminho. Vai querer ler?

Edith fez careta.

— Ah, é mesmo... Assim como eu, você também não sabe ler. Quer que *Lady Amilia* leia para você? Você prefere que o criado pessoal dela leia? Ele tem uma ótima voz.

Edith arrancou de dentro de um cesto uma pilha de roupas brancas e foi direto para a lavanderia, provocando uma gargalhada no cozinheiro.

— Ela não parava de dizer que você logo voltaria a esfregar panelas... ou coisa pior. — Batendo palmas, ele se voltou para Nimbus. — Então, o que você quer comer?

— Na verdade, qualquer coisa — respondeu Nimbus com mãos trêmulas que sacudiam o pergaminho. — Depois de vários dias sem comer, até sopa de prego me apetece.

— Então já vou providenciar o seu pedido.

— É possível providenciar um lugar à mesa para Nimbus? — perguntou Amilia, e, prontamente, Cora e Nipper limparam e arrumaram um lugar na bancada do padeiro.

— Obrigada — disse Amilia. — Não quero dar muito trabalho a vocês, mas sou grata a todos.

— Perdoe-me, senhorita — disse Nimbus. — Se a senhorita me permite a observação, uma dama da nobreza não deve expressar gratidão por serviços prestados por seus subordinados.

Amilia sentou-se ao lado dele e suspirou. Em seguida, apoiou o queixo com as mãos e franziu o cenho.

— Não sei como me comportar como nobre. Não sei nada, e ainda esperam que eu ensine Modina a se portar como uma imperatriz? — O contraste entre a sorte e o desastre iminente a deixava atônita. — Seria melhor que Sua Excelência me matasse logo de uma vez. — Ela pegou o



pergaminho que estava com Nimbus e o sacudiu. — Ao menos, agora que sou nobre, talvez seja decapitada sem maiores delongas.

Leif trouxe uma travessa com ensopado. Nimbus olhou para a travessa e para os pratos e talheres dispostos sobre a bancada.

— A equipe da cozinha não tem muita experiência em arrumação de mesa, não é? — Ele pegou um pequeno garfo de dois dentes e balançou a cabeça. — Este garfo é para crustáceos, e deveria ficar à esquerda do prato... Isso se eu fosse comer crustáceos. E não estou vendo a colher.

Amília sentiu-se um tanto tola.

— Acho que aqui ninguém sabe o que é um garfo — declarou ela, e olhou, incrédula, para o fiapo de gente. — Nem mesmo os nobres usam garfos. Ao menos, nunca lavei garfos aqui.

— Isso depende do local. Mais ao sul, garfos são bastante comuns.

— Vou pegar uma colher para você — disse ela, ameaçando se levantar, mas ele a segurou pela mão.

— Mais uma vez — avisou ele —, perdoe-me a impertinência, mas uma dama não vai à copa buscar talheres. E agora a senhorita *pertence* à nobreza. Você aí! — gritou ele, dirigindo-se a Nipper, que corria por ali segurando um balde. — Pegue uma colher para a baronesa.

— É para já — respondeu o menino, colocando o balde no chão e correndo até a copa.

— Viu? — disse ele. — Não é difícil e basta um pouquinho de confiança e o tom de voz certo.

Nipper voltou, trazendo a colher, que não chegou a tocar a superfície da mesa, pois Nimbus a pegou da mão dele e imediatamente começou a comer. Apesar de faminto, comeu com calma, tocando de vez em quando os cantos da boca com o guardanapo que deixara sobre o colo. Sentava-se ereto, com uma postura semelhante à de Lady Constance: queixo erguido, ombros altivos, dedos delicadamente segurando a colher. Amília jamais vira alguém comer com tanta... perfeição.

— A senhorita não precisa ficar aqui — avisou ele. — Embora esteja grato pela companhia, tenho certeza de que a senhorita tem afazeres mais importantes a cuidar. Quando acabar de comer, posso encontrar a saída, mas quero dizer o quanto sou grato por esta refeição. A senhorita salvou a minha vida.

— Quero que você trabalhe para mim — declarou ela. — Quero que me ajude a ensinar a Modina a se comportar como uma imperatriz.

Nimbus ficou paralisado, segurando a colher a meio caminho da boca.

— Você sabe tudo sobre a nobreza. E me disse que já pertenceu à corte. Você conhece etiqueta e tudo o mais.

— Protocolo e etiqueta.

— É, isso mesmo. Não sei se vou conseguir que seja remunerado, mas talvez seja possível. O regente disse que eu poderia tomar qualquer medida que julgasse necessária. Mas, mesmo se não conseguir remunerá-lo, posso garantir abrigo e comida.

— Neste momento, senhorita, isso já é uma fortuna e, para mim, seria uma honra assessorar Sua Eminência no que estiver ao meu alcance.

— Então está decidido. Você é, oficialmente, o...

— Tutor imperial de Sua Eminência, a imperatriz Modina? — acrescentou Nimbus.

— Exatamente. E a nossa primeira tarefa é ensiná-la a proferir um pronunciamento, lá da Grande Sacada, daqui a três dias.

— Isso não parece ser tão difícil. Ela tem falado em público?

Amília forçou um sorriso.

— Uma semana atrás ela pronunciou a palavra *não*.

## CAPÍTULO 11

### RATIBOR



Ao entrar na cidade de Ratibor, no meio da noite, Arista achou que jamais pudesse imaginar lugar mais imundo e miserável. As ruas seguiam os traçados mais aleatórios e confusos possíveis, cruzando-se nos ângulos mais esdrúxulos. Ao lado de cada construção havia uma pilha de lixo, e as ruelas de terra eram verdadeiros charcos de lama e esterco. Tábuas de madeira criavam uma rede de caminhos e pontes por cima da podridão, forçando as pessoas a caminhar em fila, como equilibristas sobre uma corda bamba. As casas e as oficinas eram tão miseráveis quanto as vias públicas. Construídos para se encaixar nos espaços formados por ângulos agudos e estranhos, os edifícios tinham o formato de fatias de queijo, dando à cidade uma aparência esquisita, fragmentada. As janelas, sempre fechadas para impedir que a fedentina invadisse as casas, estavam opacas, cobertas por uma espessa camada de sujeira constantemente salpicada pelas rodas das carroças.

Ratibor se orgulhava da imundície, como um trabalhador que se vangloria das mãos calejadas. Arista conhecia a reputação da cidade, mas só a compreendeu de fato quando viu o local pessoalmente. Ratibor pertencia a trabalhadores, uma cidade sofrida, onde clemência nunca era esperada nem concedida. Os habitantes de Ratibor consideravam a pobreza e o infortúnio como medalhas de honra, e conquistavam um prestígio dúbio, como resultados de apostas para ver quem era o mais infeliz. O prêmio era uma caneca de cerveja.

Ociosos e vagabundos, mascates e ladrões seguiam pelos caminhos de tábuas, surgindo e sumindo em meio às sombras. Havia crianças pelas ruas, aparentemente órfãs, criaturas esfarrapadas, deploráveis, cobertas de sujeira, que tinham por hábito ficar agachadas embaixo dos pórticos. Pequenas famílias também perambulavam entre a multidão. Comerciantes, acompanhados de esposas e filhos, carregavam trouxas ou empurravam carrinhos de mão entulhados com seus pertences. Todos pareciam exaustos e carentes, arrastando-se pelo labirinto da cidade.

A chuva tinha começado logo que saíram de Amberton Lee, e continuara durante toda a viagem. Arista estava encharcada. Os cabelos escorriam pelas suas faces, os dedos estavam enrugados como ameixas secas e o capuz pendia da cabeça dela. A princesa seguia Royce pelo emaranhado de ruas lamacentas. O vento gelado da noite fazia com que o temporal desabasse em cortinas de água e Arista tremia de frio. Durante a viagem, ansiara por chegar à cidade. Embora não fosse o que ela esperava, qualquer recinto fechado seria bem-vindo.

— Quer uma capa, madame? — perguntou um mascate, mostrando uma peça a Arista. — Só cinco moedinhas de prata! — insistiu ele, embora ela não desacelerasse a marcha do cavalo. — Que tal um chapéu novo?

— Algum dos senhores quer companhia para a noite? — perguntou uma mulher paupérrima de pé sobre uma tábua, embaixo do toldo de uma loja

de artigos diversos fechada àquela hora. Ela jogou os cabelos para trás e sorriu com ar sedutor, exibindo falhas na dentição.

— Que tal um franguinho gostoso para o jantar? — perguntou outro sujeito, segurando uma ave abatida, tão raquítica e ossuda que mal parecia uma galinha.

Arista balançou a cabeça, sem falar nada, exceto palavras de comando para que seu cavalo seguisse adiante.

Por toda parte, havia placas, pregadas às vigas de sustentação dos pórticos, ou a estacas fincadas dentro da lama. Tais placas estampavam dizeres como CERVEJA, SIDRA, HIDROMEL, VINHO, NADA FIADO! e CARNE DE PORCO FATIADA TRÊS DIAS ATRÁS — BARATO! Mas algumas placas eram ameaçadoras, por exemplo, MENDIGOS SERÃO DETIDOS! e TODO ELFO RECÉM-CHEGADO DEVE SE REGISTRAR NA GUARDA. A tinta nessa última placa ainda estava fresca.

Royce parou diante de uma taverna cuja placa estampava um rosto grotesco, dando uma gargalhada, e os dizeres O GNOMO RISONHO. O estabelecimento tinha três andares, o que representava um bom tamanho, mesmo para os padrões de Colnora; contudo, os frequentadores se acotovelavam para entrar no local. O interior cheirava a roupa molhada e fumaça. O salão principal estava tão cheio que Hadrian precisou empurrar algumas pessoas para poder avançar.

— Estamos procurando pelo proprietário — declarou Royce a um jovem que carregava uma bandeja.

— O nome dele é Ayers. É aquele senhor grisalho detrás da bancada do bar.

— É verdade, eu já disse a vocês! — exclamava um jovem de cabelo ruivo, de pé, no centro do salão. Arista não sabia ao certo a quem ele se dirigia. Aparentemente, a todos. — Meu pai pertenceu à Guarda Praleon. Ele serviu à comitiva pessoal de Sua Majestade durante vinte anos.

— O que isso prova? Urith e os outros morreram no incêndio. Ninguém sabe como o fogo começou.

— Foi Androus que começou aquele incêndio! — gritou o jovem ruivo com total convicção. De repente, o salão se calou. Mas o jovem não se deu por satisfeito e aproveitou o silêncio para prosseguir com a argumentação. — Ele traiu o rei, matou a família real e se apoderou da coroa para entregar o reino à imperatriz. O bom rei Urith jamais teria aceitado a anexação ao Novo Império, e quem fosse leal a ele tampouco aceitaria!

Os presentes irromperam numa algazarra, que deu início a uma tremenda gritaria.

No meio da balbúrdia, os três alcançaram a bancada do bar, onde um grupo de homens observava a confusão, empunhando canecas vazias.

— Sr. Ayers? — perguntou Royce a um homem que, auxiliado por um menino, erguia um barril de cerveja, a fim de colocá-lo em cima do suporte.

— Quem pergunta? — indagou o homem, que usava um avental encardido.

Uma gota de suor escorria pela ponta de seu nariz enquanto o rosto se ruborizava em consequência do esforço.

— Queremos alugar dois quartos.

— Falta de sorte. Estamos lotados — respondeu Ayers sem se deter no trabalho. — Jimmy, tente colocar um calço.

O rapaz, suado e todo sujo, enfiou um calço de madeira embaixo do barril, que se inclinou um pouco para a frente.

— O senhor sabe se há disponibilidade de acomodação em algum outro lugar na cidade? — perguntou Hadrian.

— Vai ser a mesma coisa em qualquer lugar, amigo. Todas as hospedarias estão lotadas... Faz semanas que não param de chegar refugiados vindos do interior.

— Refugiados?

— É. Os nacionalistas partiram do litoral e estão avançando, saqueando cidades. As pessoas tentam escapar deles, e a maioria vem para cá. Não que eu me importe... O movimento aqui tem sido muito bom.

Ayers retirou a torneira que estava presa ao barril vazio e a introduziu no barril cheio, fixando-a com uma marreta de madeira. Em seguida, abriu a torneira e tirou um litro ou dois, no intuito de extrair a sedimentação. Enxugando as mãos no avental, voltou a servir os clientes.

— Não há onde encontrar acomodação para esta noite?

— Não que eu saiba — respondeu Ayers, finalmente dispondo de um momento para passar a manga da camisa pelo rosto e se livrar da gota de suor que pendia do nariz. — Talvez alguém possa alugar um quarto de sua casa, pois todas as tavernas e estalagens estão lotadas. Eu já estou até alugando espaço aqui pelo chão.

— Ainda tem algum? — perguntou Hadrian, esperançoso.

— Algum o quê?

— Espaço no chão. Está chovendo muito lá fora.

Ayers levantou a cabeça e correu os olhos pela taverna.

— Eu tenho um espaço embaixo da escada que ainda está livre. Se vocês não se importarem com o barulho dos passos na escada a noite toda...

— É melhor do que a sarjeta — disse Hadrian, dando de ombros e olhando para Royce e Arista. — Talvez amanhã surja alguma vaga.

A fisionomia de Ayers expressava dúvida a respeito disso.

— Se quiserem ficar, o preço é quarenta e cinco moedas de prata.

— Quarenta e cinco? — exclamou Hadrian abismado. — Por um espaço embaixo da escada? Não me surpreende que ninguém tenha ocupado o local. Um quarto na Raposa Real, em Colnora, custa apenas vinte coroas!

— Vocês podem ir para lá, então. Mas, se quiserem ficar aqui, o preço é quarenta e cinco moedas de prata. Não aceito essas notas imperiais que circulam por aí. A decisão é de vocês.

Hadrian fez careta, mas separou as moedas.

— Espero que o jantar esteja incluído.

Ayers balançou a cabeça.

— Não está, não.

— Temos três cavalos também.

— Sorte de vocês.

— O estábulo também está lotado? Tem algum problema deixá-los ali na frente?

— Não. São apenas mais cinco moedas de prata por cavalo.

Carregando as malas, eles se acotovelaram pelo meio da multidão de clientes, até chegarem a uma escada de madeira. Embaixo da escada, muita gente havia deixado suas capas molhadas, penduradas em pregos ou em cima dos barris vazios ali armazenados. Empilhando os barris, Royce e Hadrian improvisaram um cubículo e para lá transferiram as capas. Algumas pessoas lhes dirigiram olhares indignados; sem dúvida eram os donos das capas, porém ninguém protestou, pois, aparentemente, a maioria entendeu a situação. Olhando ao redor, Arista viu gente acorada pelos cantos e ao longo da parede do salão. Havia famílias, com crianças que tentavam dormir, as cabecinhas apoiadas sobre trouxas de roupa molhada. As mães massageavam as costas delas e entoavam cantigas de ninar a despeito do falatório, do ruído de cadeiras sendo arrastadas e de canecas de estanho se chocando. Aqueles ainda tinham sorte. Arista se perguntava acerca da situação das famílias que não podiam pagar por um espaço no chão.

*Quantos estão encolhidos lá fora, embaixo de algum deque de madeira, ou em algum beco, em plena chuva?*

Depois que se acomodaram, Arista percebeu que a algazarra dentro da taverna não resultava, simplesmente, do barulho de quarenta conversas isoladas, mas de uma única discussão da qual participavam diversas pessoas, apresentando pontos de vista diferentes. Em certos momentos, a voz de alguém se impunha sobre a dos demais, em defesa de determinado



argumento, mas logo era sufocada pela resposta da multidão. O mais veemente era o jovem de cabelo ruivo.

— Não, ele não é, não! — voltou a gritar. — Ele não é parente direto de Urith. Ele é irmão da segunda esposa de Urith.

— E suponho que você ache que a primeira mulher dele foi assassinada, para que ele fosse induzido a se casar com Amiter, para que Androus pudesse se tornar duque.

— É isso mesmo o que estou dizendo! — declarou o jovem. — Vocês não percebem? Eles planejaram tudo isso durante anos, e não agiram apenas aqui. Agiram em Alburn, Warric... Tentaram agir até em Melengar, mas lá fracassaram. Algum de vocês assistiu àquela peça que foi encenada no ano passado? Vocês sabem do que estou falando... *A conspiração pela Coroa*. A peça se baseou em fatos reais. Os filhos do rei Amrath foram mais espertos do que os conspiradores. É por isso que Melengar não se rendeu ao Novo Império. Vocês não percebem? Nós todos somos vítimas de uma conspiração. Já ouvi dizer até que a imperatriz não existe. Toda essa história do Herdeiro de Novron é um grande embuste, uma invenção para acalmar as massas. Vocês acham mesmo que uma camponesa poderia matar um monstro? Somos controlados por homens como Androus... Homens malignos, corruptos, assassinos, que não têm uma gota de sangue real em suas veias nem honra em seus corações!

— E daí? — perguntou em tom de desafio um homem gordo que usava um colete quadriculado. — Que diferença faz quem está nos governando? A nossa condição é sempre a mesma. Você está falando de questões que só dizem respeito a quem tem sangue azul. Nada disso nos afeta.

— Você está enganado! Quantos homens desta cidade foram recrutados pelo exército? Quantos não partiram e estão em vias de morrer pela imperatriz? Quantos filhos desta cidade partiram para lutar contra Melengar, que nunca foi nosso inimigo? Agora os nacionalistas estão chegando. Estão poucos quilômetros ao sul daqui. Eles vão saquear esta

cidade, assim como fizeram com Vernes, e por quê? Porque agora nos unimos ao Império. Vocês acham que seus filhos, seus irmãos e seus pais teriam partido ao encontro da morte se Urith ainda estivesse vivo? Vocês querem ver Ratibor destruída?

— Eles não vão destruir Ratibor! — gritou o gorducho. — Você está é espalhando boatos, tentando assustar gente decente e provocar agitação. Os exércitos vão lutar, e talvez a cidade passe a ser dominada por algum outro grupo, mas isso não nos afeta. Vamos continuar sendo pobres e lutando para sobreviver, como sempre fizemos. O rei Urith se envolveu em guerras, e o vice-rei Androus vai se envolver em guerras. A gente trabalha, luta e morre... Tanto sob o jugo de um como do outro. Essa é a nossa sina, e discursos subversivos como o seu acabam provocando mais mortes.

— Eles vão colocar fogo na cidade — disse subitamente uma idosa, com um lenço azul amarrado à cabeça. — Assim como fizeram em Kilnar. Sei disso. Eu estava lá. E vi tudo.

Todos os olhares se voltaram para ela.

— Isso não é verdade! Não pode ser! — protestou o gorducho. — Isso não faz o menor sentido. Os nacionalistas não têm motivo para incendiar cidades. Eles querem as cidades intactas.

— Não foram os nacionalistas que colocaram fogo — corrigiu ela. — Foram os imperialistas. — A afirmação fez o salão inteiro se calar. — Quando o governo imperial viu que perderia Kilnar, mandou incendiar a cidade, a fim de que nada sobrasse para os nacionalistas.

— É verdade — acrescentou um homem, sentado ao lado da família, perto da cozinha. — A gente morava em Vernes. Eu vi os próprios guardas da cidade incendiando oficinas e casas lá também.

— O mesmo vai acontecer aqui — comentou o jovem, conquistando, mais uma vez, a atenção dos presentes. — A menos que a gente faça alguma coisa.

— O que podemos fazer? — perguntou uma jovem mãe.

— Podemos nos unir aos nacionalistas. A gente pode entregar a cidade a eles, antes que o vice-rei tenha a chance de incendiá-la.

— Isso é traição — disse o gorducho. — Você vai levar todos nós à morte!

— O Império conquistou Rhenydd por meio de fraude, assassinato e ardis. Não estou falando em traição. Estou falando em lealdade... lealdade à monarquia. Ficar quieto enquanto o Império estupra este reino e incendeia esta cidade, *isso sim* é traição; e mais, é uma idiotice, uma covardia!

— Você está me chamando de covarde?

— Não, senhor, estou chamando o senhor de idiota e covarde.

O gorducho se levantou, indignado, e sacou um punhal do cinto.

— Se prepare para lutar!

O jovem se pôs de pé e sacou uma espada.

— Você saca uma espada contra um punhal e diz que *eu* sou o covarde?

— Também o chamei de idiota, e só um idiota saca um punhal para desafiar um homem que empunha uma espada.

Várias pessoas no salão caíram na gargalhada, o que deixou o gorducho ainda mais enfurecido.

— Você não tem senso de honra?

— Sou apenas o filho de um pobre soldado e venho de uma cidade miserável. Não posso me dar ao luxo de pensar em honra. — Mais uma vez os presentes gargalharam. — Além disso, sou um sujeito prático, que sabe que é mais importante vencer do que morrer... Pois honra só interessa aos vivos. Mas entenda uma coisa: se o senhor quiser lutar comigo, vou matá-lo, seja lá de que jeito for, assim como vou tentar salvar esta cidade e o povo dela, seja lá como for. Que se danem a honra e a obediência!

Dessa vez os presentes aplaudiram, para desgosto do gorducho. Ruborizado, ele se deteve por um instante, então enfiou o punhal de volta no cinto e saiu porta afora, em plena chuva.

— Mas como vamos entregar a cidade aos nacionalistas? — perguntou a idosa.

O jovem se virou para ela.

— Se organizarmos uma milícia, podemos saquear o arsenal, então atacar a guarnição da cidade. Então, podemos prender o vice-rei. Isso vai nos garantir o controle da cidade. O exército imperial está acampado mais de um quilômetro ao sul daqui. Quando os nacionalistas atacarem, o exército vai querer recuar, para se entrincheirar detrás dos muros da cidade. Porém, quando chegar aqui, vai encontrar os portões trancados. Confusos e sem saber para onde correr, serão acudados pelos nacionalistas, que os destruirão. Depois disso, nós acolhemos os nacionalistas como aliados. Por termos ajudado na captura da cidade, seremos bem-tratados e talvez possamos ser merecedores de um governo próprio, pois essa é a crença dos nacionalistas.

“Imagem... — disse ele com um tom de voz sonhador. — Ratibor, a cidade inteira, assim como todo o reino de Rhenydd, governados por um conselho popular, como se fosse Tur Del Fur!”

Era evidente que tais palavras captaram a imaginação de muitos dos presentes.

— Os artesãos poderiam ser donos das próprias oficinas, em vez de ser arrendatários. Lavradores teriam posse de suas terras e poderiam deixá-las para os filhos, sem a cobrança de impostos. Comerciantes poderiam fixar os próprios preços, e o dinheiro arrecadado com impostos não seria utilizado para financiar guerras. Em vez disso, a receita seria usada para limpar esta cidade. Poderíamos pavimentar as ruas, derrubar as construções abandonadas e ainda empregar a população da cidade nessas obras. Poderíamos eleger nossos próprios delegados e capatazes, mas eles não teriam muito o que fazer, pois qual seria o índice de criminalidade numa cidade livre? Homens livres, com direito à posse dos seus bens, não têm por que cometer crimes.

— Eu lutaria por uma causa dessas — comentou um homem sentado com a família perto da janela.

— Pela pavimentação das ruas, eu também lutaria — concordou a idosa.

— Eu bem que gostaria de ter posse da minha terra — afirmou outro homem.

Outros expressaram seus interesses, e logo a conversa se tornou mais séria. O volume das vozes diminuiu e os homens se reuniram em pequenos grupos.

— Você não é de Rhenydd, é? — perguntou alguém, dirigindo-se a Arista.

A princesa quase deu um salto ao constatar que uma mulher se acomodara ao lado dela. De início, a princesa não teve certeza se a pessoa era, de fato, uma mulher, pois trajava culote e um camisão masculino. A primeira impressão foi de que se tratava de um adolescente, pois os cabelos louros eram curtos e as faces, cobertas de sardas. Mas os olhos revelaram a verdade. Eram pesados e profundos, como se furtados de uma pessoa bem mais velha.

— Não — respondeu Arista, apreensiva.

A mulher examinou a aparência de Arista, percorrendo todo o corpo da princesa com seu olhar amadurecido, como se pretendesse memorizar cada traço físico e cada vinco do vestido.

— Você é meio estranha. O jeito como anda, o jeito como se senta. É tudo muito... *preciso*, muito... comedido.

Arista já não estava apreensiva, estava na verdade irritada.

— Você não me parece ser o tipo de pessoa que deveria acusar *os outros* de serem estranhos — replicou ela.

— Está vendo? — disse a mulher empolgada, sacudindo o dedo. — Viu? Qualquer outra pessoa teria me chamado de prostituta machona... Mas você tem boas maneiras. Você sabe dar indiretas, como uma... *princesa*.

— Quem é você? — interveio Hadrian bruscamente, colocando-se entre as duas. E Royce surgiu também dentre as sombras, posicionando-se atrás da mulher.

— Quem são *vocês*? — respondeu ela com ousadia.

A porta da taverna Gnomo Risonho se escancarou, e guardas imperiais uniformizados entraram no recinto. Mesas foram viradas e bebidas escorreram pelo chão. Os clientes que estavam próximos à porta recuaram, apavorados, agachando-se pelos cantos, ou foram empurrados para abrir caminho.

— Todos estão presos! — ordenou um sujeito com voz potente. Era um homem de proporções avantajadas, com uma baita pança, sobrelhas escuras e faces flácidas. Com o corpo ligeiramente inclinado para trás e os polegares enfiados no cinto, ele encarou a taverna lotada.

— O que está acontecendo, Trenchon? — gritou Ayers, detrás da bancada do bar.

— Seja esperto, e fique de boca calada, Ayers, ou fecho esta taverna agora mesmo e ponho você a ferros amanhã de manhã... se não fizer coisa pior. Acolher traidores e propiciar local de encontro para conspiradores são motivos para levá-lo à força!

— Eu não fiz nada! — exclamou Ayers. — Foi esse moleque. Foi ele que começou toda essa conversa... E aquela mulher de Kilnar. Foram eles. Só fiquei servindo as bebidas, como faço todas as noites. Não sou responsável pelo que meus clientes falam. Não tenho nada a ver com isso. Foram eles, e alguns outros, que fizeram tudo.

— Levem todos para ser interrogados — ordenou Trenchon. — Vamos chegar ao fundo dessa questão. Quero os líderes!

— Por aqui — sussurrou a mulher masculinizada. Pegando Arista pelo braço, ela a conduziu para longe dos soldados, em direção à cozinha.

Arista resistiu.

A mulher suspirou.

— A menos que você queira ter uma longa conversa com o vice-rei e explicar quem é e o que está fazendo aqui, é melhor me seguir.

Arista olhou para Royce, que concordou, mas com um ar de preocupação estampado no rosto. Pegaram os sacos e seguiram a mulher. A partir de quem estava perto da entrada principal, os soldados imperiais começaram a arrastar as pessoas para a rua, em plena chuva, no meio da lama. Mulheres gritavam e crianças choravam. Quem resistisse era espancado e atirado ao chão. Algumas pessoas próximas à porta dos fundos tentaram correr, mas se depararam com mais soldados.

A mulher masculinizada atravessou a multidão e entrou na cozinha da taverna, onde uma cozinheira olhou para ela, espantada.

— Cuidado — disse ela. — Trenchon quer prender todo mundo.

Assustada, a cozinheira deixou a concha cair no chão no momento que eles passaram por ela, seguindo em direção à copa. Fechando a porta, a mulher apontou para um alçapão, localizado no piso da copa. Desceram uma pequena escada de madeira e entraram na adega de vinhos da taverna. Várias garrafas empoeiradas cobriam as paredes, além de barricas contendo queijo e manteiga. A mulher pegou uma lamparina pendurada no teto e, fechando a porta do alçapão, conduziu-os ao longo das prateleiras de garrafas de vinho, até a parede dos fundos da adega. No assoalho, via-se uma grade de metal. Ela introduziu um pedaço de pau entre as barras e deslocou a grade.

— Entrem aí, todos vocês — ordenou ela.

Acima, eles ainda escutavam gritos e choro, então ouviram o som de botas pesadas caminhando pelo piso da cozinha.

— Depressa! — sussurrou ela.

Royce entrou primeiro, descendo por degraus de metal que formavam uma escada. Ele desapareceu no escuro, e Hadrian fez um gesto, indicando à princesa que seguisse o ladrão. Ela respirou fundo, como se fosse mergulhar, e desceu.

A escada continuou bem mais fundo do que Arista esperava e, em vez do túnel apertado e estreito que seria de esperar, ela se viu descendo por uma ampla galeria. Estava tudo escuro, exceto em torno da lamparina, e o cheiro era inconfundível. Sem se deter, ou fornecer uma só palavra de orientação, a mulher caminhou em frente. Eles não tinham escolha, a não ser seguir a luz que ela carregava.

Estavam num esgoto muito maior do que Arista poderia imaginar, depois de ter visto a cidade. Paredes de tijolo e pedra se erguiam por cerca de 3,5 metros, sustentando um teto de mosaico em cores. De tantos em tantos metros, grades formavam cachoeiras que vertiam do teto, produzindo um barulho ensurdecador. A água que escorria do temporal espumava pelo centro da galeria, resvalando pelos cantos, chocando-se contra as canaletas, salpicando e manchando as paredes com um líquido escuro.

Eles seguiam a luz e a mulher, que avançava com pressa pelo estreito calçamento de tijolos que corria junto à parede. Como se fossem costelas que sustentavam o teto, arcos de pedra se projetavam em intervalos regulares, interceptando o caminho deles. A mulher desviava dos arcos com facilidade, mas era bastante difícil para Arista, que usava um vestido, passar pelos arcos e se manter equilibrada em cima do calçamento escorregadio. Abaixo, o escoamento do temporal criava uma corredeira de água suja e escombros, cujo ruído ecoava pela galeria.

O corredor chegou a um cruzamento. Nos cantos superiores da pedra estavam inscritas algumas indicações: TRAVESSA DA HONRA numa direção, e RUA DO ARAUTO em outra. A mulher que carregava a lamparina não titubeou e, sem diminuir a velocidade da caminhada, dobrou no sentido da travessa da Honra. Subitamente, ela se deteve.

Estavam no calçamento, ao lado do rio-esgoto, num ponto idêntico a qualquer outro da galeria, exceto pelo fato de ser um pouco mais largo e silencioso.



— Antes de seguirmos adiante, preciso ter certeza — disse ela. — Permitam-me facilitar as coisas, sugerindo que esta dama é, na realidade, a princesa Arista Essendon, de Melengar. Você é Hadrian Blackwater e você é Duster, o célebre Demônio de Colnora. Estou certa?

— Nesse caso, você pertence ao Diamante — declarou Royce.

— Às suas ordens — falou ela sorrindo, e Arista se deu conta de que a expressão dela se assemelhava à de uma gata, ao mesmo tempo amistosa e sinistra. — Vocês podem me chamar de Quartzo.

— Nesse caso, eu diria que você está certa.

— Obrigado por nos tirar de lá — agradeceu Hadrian.

— Não precisa me agradecer. É o meu trabalho e, neste caso específico, um prazer. A gente não sabia onde vocês estavam desde que saíram de Colnora, mas eu tinha esperança de que passariam por aqui. Agora, sigam-me.

Dito isso, ela saiu novamente às pressas, e Arista mal conseguia acompanhá-la.

— Como é possível uma coisa dessas? — perguntou Hadrian, andando atrás de Arista. — Esta galeria de esgoto é incrível, mas as ruas da cidade são imundas!

— Ratibor não foi sempre Ratibor! — gritou Quartzo para trás. — A cidade já foi bem maior. Tudo isso ficou esquecido... enterrado, como este sistema de esgoto, embaixo de séculos de poeira e esterco.

Prosseguiram pela galeria até chegar a uma espécie de alcova, uma área recuada, cercada de tijolos. Quartzo encostou o ombro em um painel de madeira e deu um violento empurrão. O painel cedeu ligeiramente. Ela introduziu os dedos no vão e o empurrou lateralmente, revelando a existência de um túnel secreto ali. Entraram e subiram um pequeno lance de escadas, até uma porta de madeira. Luminosidade era visível pelas frestas da porta, e eles ouviram vozes do outro lado. Quartzo bateu e abriu a porta, expondo uma grande câmara subterrânea, repleta de gente.

Mesas, cadeiras, escrivaninhas e beliches entulhavam o recinto, iluminado por várias velas que vertiam grandes volumes de cera lacrimosa. Fogo ardia numa lareira, na qual havia um caldeirão de ferro suspenso por um braço giratório. Diversos baús estavam abertos, exibindo uma variedade de talheres, castiçais, roupas, chapéus e pedaços de corda. Um dos baús continha moedas, em sua maioria de cobre, mas Arista viu também moedas de prata, e algumas de ouro, refletindo a luz do fogo. Esse último baú foi fechado no instante que a porta se abriu.

Uma dezena de jovens ocupava o recinto, todos predadores magricelos usando trajes esquisitos.

— Bem-vindos ao Ninho do Rato — anunciou Quartzo. — Ratos, quero lhes apresentar três viajantes de Colnora. — Ombros se relaxaram, mãos se afastaram das armas e Arista ouviu suspiros de alívio. — O senhor mais idoso, lá no fundo, é o Polido. — Por cima de algumas cabeças, Quartzo apontou para um homem alto e magro, com barba rala e olhos caídos. Ele usava uma cartola preta e um manto teatral, semelhante ao de um bispo. — Ele é o nosso corajoso líder.

O comentário provocou uma gargalhada geral.

— Vai se danar, Quartzo! — praguejou um menino que não teria mais do que 9 anos.

— Desculpe, Quilate — retrucou ela. — É que eles entraram no Gnomo quando eu estava lá...

— Ouvimos dizer que os imperialistas baixaram no Gnomo — disse Polido.

— Baixaram mesmo — afirmou Quartzo.

Então os olhares se concentraram em Quartzo, que se permitiu uma pausa dramática, sentando-se numa poltrona macia e dilapidada, jogando as pernas por cima de um dos braços da cadeira. Era evidente que ela se deliciava com a atenção dos comparsas que a cercavam.

— Emery estava discursando novamente — começou ela, como um mestre contador de histórias se dirigindo a uma plateia ávida. — E, dessa vez, as pessoas pararam para escutar. Ele poderia ter deflagrado alguma ação, mas acabou pegando no pé de Laven, que o desafiou para um duelo. Então Emery disse que não se importava de lutar com uma espada enquanto Laven lutasse com um punhal, e isso irritou Laven, que se retirou do Gnomo, indignado. Emery deveria ter caído fora, mas a discussão com Laven conquistou a admiração dos presentes, vocês sabem como é, e ele continuou.

Arista percebeu que os ladrões prestavam atenção em cada palavra, extasiados, enquanto Quartzo relatava o drama com gestos grandiloquentes.

— Laven, que é um grande filho da mãe, vai direto ao conselheiro da cidade, Trenchon, é claro. E volta acompanhado da guarnição da cidade. Eles invadem a taverna e prendem todo mundo sob a acusação de traição.

— O que Ayers fez? — perguntou Polido, entusiasmado.

— O que ele podia fazer? Ele perguntou “O que está havendo?” e os soldados o mandaram calar a boca... e ele calou.

— Alguém foi morto? — perguntou Quilate.

— Ninguém que eu tenha visto, mas fui obrigada a sair de lá depressa para salvar os nossos convidados.

— Eles prenderam Emery?

— Acho que sim, mas não vi...

Polido atravessou o recinto para vê-los de perto. Meneou a cabeça, em sinal de aprovação, e cofiou a barba, um tanto absorto.

— Princesa Arista — disse ele com formalidade, tirando um instante o chapéu e fazendo uma reverência desajeitada. — Por favor, desculpe o estado deste recinto. Não costumamos receber visitantes da sua estirpe aqui, e, francamente, não sabíamos quando, nem mesmo se, a senhorita viria.

— Se a gente soubesse, teria, ao menos, dado um banho nos ratos! — gritou alguém no fundo da câmara, provocando novas gargalhadas.

— Cale-se, seu pilantra! A senhorita deve desculpá-los. Eles são da pior laia de degenerados, e o tipo de vida que levam só piora a situação. Tento elevar o nível deles, mas, conforme a senhorita está vendo, não tenho tido sucesso.

— Isso é porque você é o pior canalha de todos, Polido — retorquiu Quartzo.

Polido ignorou o comentário e se aproximou de Royce, encarando-o.

— Duster? — perguntou ele, erguendo uma das sobrancelhas.

À simples menção do nome, o ambiente se calou e todos avançaram para vê-lo melhor.

— Pensei que ele fosse maior — falou alguém.

— Esse aí não é o Duster — declarou Quilate corajosamente, dando um passo adiante. — Esse cara aí é velho.

— Quilate — disse Quartzo com desprezo —, o filhote da cadela do sapateiro é velho comparado a você.

O comentário gerou mais risadas e Quilate deu um chute nos pés de Quartzo, que resvalaram e caíram do braço da poltrona.

— Cale a boca, sardenta.

— O menino disse bem — afirmou Polido.

— Não tenho tantas sardas assim — contra-argumentou Quartzo.

Polido arregalou os olhos.

— Não! Eu estava me referindo à questão da identidade deles. Como podemos ter certeza de que esses dois são Duster e a princesa? Talvez os imperialistas saibam que nós estamos procurando por eles e isso seja uma armadilha. Vocês podem provar quem são?

Quando Polido disse isso, Arista notou que ele deslizou a mão casualmente até o punhal preto de lâmina longa, que trazia pendurado ao cinto. Os demais presentes começaram a se espalhar, realizando movimentos lentos e ameaçadores. Somente Quartzo permanecia serena em sua poltrona.

Hadrian ficou um tanto preocupado no momento que Royce se livrou da capa, deixando-a cair sobre o piso. Vários olhares se fixaram no punhal de lâmina branca pendurado em seu cinto. Nervosos, todos aguardavam o próximo passo. E Royce surpreendeu a todos, desabotoando, lentamente, a camisa e baixando-a para expor o ombro esquerdo, onde se via a marca de uma cicatriz em forma de *M*.

Polido se adiantou e examinou a cicatriz.

— É a Marca de Manzant — anunciou ele, e sua expressão se transformou, passando a traduzir admiração. — Até onde se sabe, Duster é o único homem que sobreviveu a uma fuga de Manzant.

Todos concordaram, e correu pelo recinto um burburinho de espanto enquanto Royce ajeitava a camisa e recolocava a capa.

— Mas, para mim, ele ainda não parece um monstro — disse Quilate com desdém.

— Isso porque você nunca o viu de manhã cedo, quando ele acorda — disse Hadrian. — Antes de tomar o café, ele é um demônio.

O comentário provocou risadinhas entre os membros do Diamante, e um sorriso relutante em Quilate.

— Agora que superamos essa questão, podemos tratar de negócios? — perguntou Royce. — Vocês precisam informar ao Joia que Etcher é um traidor, e precisam saber se foi marcado um encontro com Gaunt.

— Tudo em sua hora — afirmou Polido. — Primeiro, precisamos resolver uma questão muito importante.

— Exatamente! — exclamou Quartzo, saltando da poltrona e ocupando um assento à mesa principal. — Ao pagamento, pessoal!

Ouviu-se um resmungo geral, enquanto, relutantemente, os ladrões sacavam suas bolsas e contavam moedas. Cada um deles colocou pilhas de moedas diante de Quartzo. Polido se posicionou ao lado dela e, juntos, procederam à contagem do dinheiro.

— Você também, Set — disse Quartzo. — Você estava devendo.

Quando todos terminaram, Polido e Quartzo dividiram o dinheiro em duas pilhas.

— E por ter sido a pessoa que os encontrou? — disse ela a Polido, sorrindo.

Polido franziu o cenho e lhe entregou mais uma pilha de moedas de prata, que ela enfiou na bolsa, tão cheia e pesada agora que Quartzo precisou das duas mãos para segurá-la.

— O pessoal apostou que nunca chegaríamos aqui? — perguntou Arista.

— Quase todo mundo apostou, sim — respondeu Polido com um sorriso.

— Menos o Polido e eu — explicou Quartzo, radiante. — Não que eu achasse que vocês chegariam, mas gostei da ideia de que as chances de vocês eram poucas e da possibilidade de receber um bom pagamento caso conseguissem.

— Grandes mentes, minha cara — declarou Polido, dirigindo-se à princesa, enquanto embolsava seu quinhão. — Grandes mentes, de fato.

Depois de trancar o tesouro dentro de um baú, Polido se virou para os presentes, com uma fisionomia grave.

— Quartzo, vá com Set fazer uma visita ao acampamento dos nacionalistas. Veja se consegue marcar uma reunião. Siga pela rua Degan. É o caminho mais seguro agora.

— Sem falar que é também o mais poético — disse Quartzo, sorrindo da própria observação. Em seguida, ela acenou para Set, que pegou a capa. — Eu sei, exatamente, a quantia que está dentro do meu baú — informou Quartzo a todos, enquanto depositava a bolsa no interior da peça. — É melhor que tudo esteja aqui quando eu voltar; caso contrário, *todo mundo* vai ter de pagar.

Ninguém brincou nem riu. Ao que parecia, quando o assunto era dinheiro, ladrões não faziam piadinhas.

— Certo, certo... Agora, andem logo, vocês dois — disse Polido, enxotando-os em direção ao esgoto, e em seguida voltando-se para os convidados. — Hummm... Agora, o que vou fazer com vocês? Não podemos sair por aí hoje à noite, pois a cidade está em alerta total; além disso, o tempo não está nada amigável. Talvez de manhã a gente possa encontrar uma casa segura para vocês, mas receio que tenham de passar a noite aqui neste nosso humilde abrigo. Como podem ver, não dispomos de acomodações dignas de uma princesa.

— Não se preocupem comigo — disse Arista.

Polido olhou para ela, surpreso.

— A senhorita tem certeza de que *é mesmo* uma princesa?

— A cada dia que passa ela se torna mais humana — comentou Hadrian, sorrindo para ela.

— Vocês podem dormir aqui — falou Quilate, pulando em cima de um dos beliches. — Esta cama é da Quartzo e a de baixo é do Set. Eles vão passar a noite fora.

— Obrigada — disse Arista, sentando-se na cama inferior. — Você é um cavalheiro.

Diante do comentário, Quilate se perfilou, estufou o peito e sorriu para Arista com uma expressão afável.

— Ele é um ladrão miserável e está atrasado com os pagamentos, é isso que ele é — advertiu Polido, apontando o dedo para Quilate. — Você ainda está me devendo, lembra disso?

A expressão de orgulho estampada no rosto do menino desapareceu.

— Estou surpresa com o fato de já haver uma rua com o nome de Degan Gaunt — mencionou Arista, mudando de assunto. — Eu não imaginava que ele fosse tão popular.

Vários dos presentes deram uma risadinha abafada.

— A senhorita entendeu a coisa ao contrário — disse um velho de rosto enrugado.

— O nome da rua não é uma homenagem a Gaunt — explicou Polido. — A mãe de Gaunt o batizou com o nome da rua.

— Gaunt é daqui de Ratibor? — perguntou Hadrian.

Polido olhou para Hadrian como se ele tivesse acabado de perguntar se o sol existia.

— Nascido aqui na rua Degan. Dizem que foi capturado por piratas; a partir desse ponto, a vida dele muda, dando início à lenda.

Hadrian se virou para Royce.

— Viu? Ser de Ratibor não é, necessariamente, algo ruim.

— Duster é de Ratibor? Onde você morou?

Royce manteve os olhos fixos em seu alforje.

— Você não acha que deveria mandar alguém até Colnora com a informação sobre Etcher? Isso é de grande interesse para o Joia, e qualquer demora pode causar mortes.

Polido sacudiu o dedo em direção a Royce.

— Eu me lembro de você, sabia? A gente nunca se encontrou, mas eu estava no Diamante na mesma época que você. Duster era sempre o figurão, sempre dando ordens. — Polido se permitiu uma risadinha. — Deve ser difícil acabar com essa mania, não é? Mas a prática leva à perfeição — disse o Polido, dando-lhes as costas. — Aqui tem cobertores secos, que vocês podem usar. De manhã, a gente providencia acomodações melhores.

Royce e Hadrian vasculharam suas bolsas. Arista os observou com inveja. Etcher tinha levado sua bolsa. Talvez precisasse dela como prova, ou talvez pensasse que contivesse algo valioso. Em todo caso, deve ter achado que ela não precisaria mais da bolsa. Contudo, o mais provável era que ele havia se esquecido de que o alforje da princesa ainda estava no cavalo. A perda não era grande: um vestido rasgado e sujo, uma camisola e um robe, um pequeno punhal e um cobertor. O único item que ainda portava consigo era o que realmente a interessava: a escova que ganhara do pai e que agora manuseava, tentando desfazer o emaranhado que imperava em seus cabelos.



— Você tem muito jeito com as pessoas, Royce — mencionou Hadrian, abrindo um dos alforjes.

Royce rosnou algo que Arista não conseguiu compreender, e se concentrou no exame de seus pertences.

— Então, onde você morou, Royce? — perguntou Arista. — No tempo em que viveu aqui.

Seguiu-se uma longa pausa. Finalmente, ele respondeu:

— Esta não é a primeira vez que durmo neste esgoto.



O sol mal espiava por cima do horizonte e o ar já estava quente e pesado, como um sufocante cobertor de umidade. A chuva havia parado, mas as nuvens continuavam presentes, envolvendo o sol numa névoa leitosa. As ruas estavam cheias de grandes poças de água marrom, paradas como um espelho. Um cão vira-lata — esquelético e sarnento — perambulava pelo mercado, farejando o lixo. Desentocando um rato, o cão perseguiu o infeliz até o esgoto. Frustrada a perseguição, o vira-lata saiu da água suja e se estirou no chão, ofegante. Então chegaram os insetos. Nuvens de mosquitos se formaram acima das poças e moscas vorazes circundavam os cavalos amarrados. Os animais lutavam como podiam, sacudindo a cabeça, dando coice ou abanando o rabo. Pouco depois, vieram as pessoas. A maioria era de mulheres, trajando vestidos simplórios. Os poucos homens surgiam sem camisa, todos descalços, as pernas cobertas de lama seca até os joelhos. Os recém-chegados abriram lojas e barracas, que exibiam uma parca variedade de frutas, ovos, legumes e alguma carne, tudo exposto ao deleite das moscas.

Royce mal conseguira dormir. Temeroso de fechar os olhos por mais de alguns minutos seguidos, acabara desistindo. Levantou-se pouco antes do amanhecer e subiu à superfície. Sentou-se numa carroça abandonada no

lamaçal e ficou observando a Praça Leste adquirir vida. O cenário era conhecido; apenas os rostos eram diferentes. Odiava aquela cidade. Se Ratibor fosse um homem, ele já o teria degolado décadas atrás. A ideia o agradou enquanto fitava a praça repleta de lama e poças de água. Alguns problemas podiam ser resolvidos facilmente, na ponta da faca, mas outros...

Não estava sozinho.

Pouco depois de o dia clarear, Royce viu um menino deitado embaixo de uma carroça de duas rodas, na lama. Durante horas, os dois permaneceram cientes da presença um do outro sem demonstrá-lo. Quando as lojas começaram a abrir, o menino saiu da cama lamacenta, foi até uma das poças maiores e lavou um pouco da sujeira. Seus cabelos continuaram duros em consequência do barro seco, pois ele não molhou a cabeça. No momento que o menino desceu pela rua, Royce notou que ele estava quase nu e que tinha uma pequena bolsa amarrada ao pescoço. Royce sabia que aquela bolsa continha todos os pertences do menino. Imaginou que a bolsa contivesse um caco de vidro para ser usado como instrumento de corte, um pedaço de barbante, uma pedra lisa para ser usada como martelo e talvez uma ou duas moedas de cobre — um verdadeiro tesouro, que o menino defenderia com a própria vida, se necessário.

O menino se dirigiu a outra poça e bebeu água à vontade. Água de chuva ainda intocada era incomparável. Mais limpa, mais fresca e mais acessível do que água de poço, além de mais saudável.

Ele se mantinha atento, olhando de relance para Royce a todo momento.

Depois do asseio matinal, o moleque se esgueirou pela lateral da oficina do tanoeiro, que ainda estava fechada. Escondeu-se entre dois cavalos amarrados, esfregando as patas lamacentas deles. Olhou novamente para Royce com expressão irritada, e em seguida atirou uma pedra em direção à quitanda. Nada aconteceu. O menino pegou outra pedra, parou e atirou. Dessa vez, a pedra atingiu uma jarra de leite, que virou e derramou. A quitandeira gritou, aflita, e correu para salvar o que pudesse. Enquanto isso,

o menino correu e furtou uma maçã, pequena e azeda, e um ovo. O bote foi preciso e o moleque correu de volta, pela lateral da oficina do tanoeiro, antes que a quitandeira o visse.

O tórax do menino arfava, e ele seguia olhando para Royce. Passado um instante, ele quebrou o ovo e despejou dentro da boca o conteúdo gosmento, engolindo com satisfação.

Por cima do ombro direito do moleque, Royce viu duas figuras se aproximando. Eram meninos também, embora mais velhos e maiores. Um deles usava um culote grande demais, que descia até os tornozelos. O outro vestia uma túnica imunda, amarrada à cintura com um pedaço de corda, e em volta do pescoço exibia um colar improvisado com o que havia restado de um cinto de couro. O moleque só os viu quando já era tarde demais. Os dois o agarraram pelos cabelos e o arrastaram até o meio da rua, onde começaram a esfregar o rosto dele na lama. Antes de soltá-lo, os meninos maiores arrancaram a maçã de sua mão e a bolsa do pescoço.

Cuspindo, arquejando e cego, o menino mal conseguia respirar. Desferiu uma série de socos, mas só atingiu o vento. O moleque que usava o culote grande demais deu um pontapé em seu estômago, obrigando-o a se ajoelhar. O que vestia a túnica também o chutou, atingindo o flanco do corpo, de maneira que o menor se estatelou na lama. Os dois saíram rindo pela rua do Arauto, um levando a maçã, o outro rodando a bolsa arrancada do pescoço.

Royce ficou olhando para o menino estirado na rua. Ninguém parava para ajudá-lo. Ninguém sequer notava sua presença. Lentamente, o moleque se arrastou de volta ao abrigo, embaixo da carroça de duas rodas. Royce podia ouvi-lo chorando e xingando enquanto socava a lama.

Sentindo algo no rosto, Royce abanou a mão, enxugando o suor. Levantou-se, surpreso ao perceber a dificuldade em respirar. Seguiu pelo caminho de tábuas até a quitanda, onde a atendente lhe sorriu, radiante.

— Como está quente hoje, não é, meu senhor?

Royce a ignorou. Escolheu a maçã mais graúda e madura que pôde encontrar.

— Cinco moedas de cobre, por favor, meu senhor.

Royce pagou à mulher sem dizer uma única palavra, então retirou uma moeda de ouro de dentro da bolsa e a introduziu na maçã. Em seguida, atravessou novamente a praça. Dessa vez, percorreu um trajeto diferente, passando ao lado da carroça de duas rodas que abrigava o menino; quando passou pela carroça, a maçã escorregou de sua mão e caiu na lama. Royce praguejou, queixando-se da própria falta de jeito, e prosseguiu rua acima.



No meio da manhã a temperatura já era opressiva. Arista vestiu uma mistura de roupas masculinas, cedidas por empréstimo do estoque do Diamante. Um boné disforme escondia quase toda a cabeleira da princesa. Uma túnica larga e calça rasgada lhe conferiam a aparência de um moleque de rua. Em Ratibor, o disfarce praticamente garantia a invisibilidade de Arista. Hadrian achava que o traje era mais confortável do que o vestido e o manto pesados que ela costumava usar.

Os três chegaram ao cruzamento da rua da Erudição com a avenida das Lendas. Tinha havido um breve debate quanto à possibilidade de deixar Arista no Ninho do Rato, porém, depois do ocorrido em Hintindar, Hadrian não queria se afastar dela.

O entroncamento das duas vias formava um dos tantos ângulos agudos existentes na cidade. Ali, uma igreja em formato de torta dominava o cenário. Feita de pedra, a construção se destacava entre as casas de madeira na vizinhança, uma estrutura pesada e imponente, mais semelhante a uma fortaleza do que a um templo religioso.

— Por que logo num templo de Nyphron? — perguntou Hadrian quando chegaram à porta. — Talvez estejamos enganados. Eu nem sei bem o que estamos procurando.

Royce cutucou Hadrian e apontou para um pilar, onde se lia a seguinte inscrição gravada:

## DESDE 2992

— “Antes de nasceres, o ano noventa e dois” — murmurou ele. — Duvido que seja coincidência.

— As igrejas mantêm registros de nascimentos, casamentos e mortes da comunidade — observou Arista. — Se ocorreu uma batalha com mortes, é possível que haja registros.

Ao empurrar as pesadas portas de carvalho, Hadrian constatou que estavam trancadas. Bateu e, como não houve resposta, voltou a bater. Esmurrou a madeira, e então, no momento que Royce começou a procurar outra entrada, a porta se abriu.

— Sinto muito, mas só temos cultos amanhã — anunciou um sacerdote idoso. Trajava os paramentos usuais. Era calvo e exibia o rosto enrugado pela fresta da porta entreaberta.

— Obrigado pela informação, mas não estou aqui para assistir ao culto — respondeu Hadrian. — Eu queria dar uma olhada nos registros da igreja.

— Registros?

Hadrian olhou para Arista.

— Ouvi dizer que as igrejas mantêm registros de nascimentos e mortes.

— Ah, sim, mas por que os senhores querem ver os registros?

— Estou tentando descobrir o que aconteceu com uma pessoa. — O sacerdote se mostrou desconfiado. — Com meu pai — acrescentou Hadrian.

A fisionomia do sacerdote exprimiu entendimento, e eles foram acolhidos.

Conforme Hadrian esperava, o interior era escuro a ponto de ser opressivo. Fileiras de velas ardiam em cada lado do altar e em diversos pontos do vão central, servindo mais para enfatizar a penumbra do que para fornecer iluminação.

— Na verdade, nossos registros são bastante completos — mencionou o sacerdote, fechando a porta da rua. — A propósito, sou o monsenhor Bartholomew. Estou cuidando da igreja enquanto o Reverendíssimo bispo Talbert está fazendo uma peregrinação a Ervanon. E os senhores são?

— Hadrian Blackwater — disse Hadrian, depois gesticulou, apontando para Royce e Arista. — E estes são amigos meus.

— Entendo. Então, por obséquio, queiram me seguir — falou Bartholomew.

Hadrian nunca fora frequentador de igrejas. A penumbra, a opulência e os olhos fixos das estátuas o deixavam perturbado. Sentia-se à vontade numa floresta ou numa campina, numa choupana ou numa fortaleza, mas o interior de uma igreja sempre o inquietava. Aquela tinha o teto abobadado, sustentado por colunas de mármore, encimadas pelo acabamento de pedra e os arabescos de gesso comuns às igrejas de Nyphron. O altar era constituído de uma bancada de madeira ricamente entalhada, com três portas largas e um tampo de mármore verde-azulado. A memória dele voltou a uma bancada similar, no Castelo de Essendon, onde Magnus, o anão, se escondera, aguardando o momento certo para acusá-los da morte do rei Amrath. O incidente dera início à longa série de serviços prestados pela dupla à família real de Medford.

Naquela igreja havia mais velas do que de hábito, e três grandes livros com capas douradas ficavam expostos, lacrados. O odor adocicado e enjoativo de incenso de salifan era bastante forte. No altar via-se a imagem obrigatória de Novron, feita de alabastro. Como sempre Novron estava

ajoelhado, de espada em punho, e, acima dele, o deus Maribor o coroava, unguindo o filho na condição de senhor do mundo. Todas as igrejas em que Hadrian estivera tinham uma imagem como aquela, e todas essas imagens eram réplicas de uma escultura original que pertencia ao acervo da Torre da Coroa, em Ervanon. As réplicas variavam apenas em dimensão e material.

Pegando uma vela, o sacerdote os guiou por uma escada estreita em espiral. Chegando à base, pararam diante de uma porta, ao lado da qual se via uma chave de ferro pendurada num gancho. O sacerdote retirou a chave do gancho, introduziu-a numa grande fechadura quadrada e a girou, até ouvir um estalo. A porta rangeu e se abriu, e o sacerdote devolveu a chave ao gancho.

— Não faz muito sentido, não é? Se a chave fica bem ali... — comentou Royce.

O sacerdote olhou de relance para a chave e disse:

— Ela é pesada, e não gosto de carregá-la.

— Então por que o senhor tranca a porta?

— É o único jeito de mantê-la fechada. E, se ficar aberta, os ratos roem os pergaminhos.

O porão tinha a metade das dimensões da igreja e era dividido em corredores de prateleiras que iam do chão ao teto, cheias de livros grossos com capa de couro. O sacerdote se deteve por um momento, a fim de acender uma lamparina que estava próxima à porta.

— Os livros estão em ordem cronológica — avisou ele no momento que a luz da lamparina expunha o teto baixo e as paredes construídas com pequenas pedras empilhadas, bem diferentes dos pedregulhos e dos tijolos utilizados no restante na igreja.

— Em que período está procurando? Quando seu pai faleceu?

— Em 2992.

O sacerdote hesitou.

— Noventa e dois? Então isso foi há 42 anos. O senhor está muito bem.  
Quantos anos tem?

— Sou muito jovem.

O sacerdote pareceu um tanto cético.

— Bem, lamento muito. Não temos registros de 92.

— A inscrição do lado de fora diz que esta igreja foi construída em 92 — disse Royce.

— Mesmo assim, não temos os registros que os senhores solicitam.

— Por que não? — insistiu Hadrian.

O sacerdote deu de ombros.

— Talvez tenha ocorrido um incêndio.

— *Talvez* tenha ocorrido um incêndio? O senhor não sabe?

— Nossos registros não poderão ajudá-los. Portanto, se os senhores me seguirem, eu lhes indicarei a saída — declarou o sacerdote, adiantando-se.

Royce interceptou o caminho dele.

— O senhor está escondendo alguma coisa.

— Não estou escondendo coisa alguma. Os senhores pediram para ver os registros de 92, porém não há registro algum.

— A pergunta é... por quê?

— Por várias razões. Como vou saber?

— Do mesmo jeito que o senhor sabe que não há registros para o ano em questão, mesmo sem ter precisado verificar — respondeu Royce, baixando o tom de voz. — O senhor está mentindo, o que, novamente, nos leva à pergunta: por quê?

— Sou um monsenhor. Não me agrada ser acusado de mentir dentro da minha própria igreja.

— E não me agrada que mintam para mim — retrucou Royce, dando um passo à frente.

— A mim tampouco — respondeu Bartholomew. — Os senhores não estão procurando pelo pai de quem quer que seja. Acham que sou tolo? Por



que os senhores voltaram aqui? Aquela questão foi encerrada há décadas. Por que a insistência?

Royce olhou de relance para Hadrian.

— Nunca estivemos aqui.

O sacerdote arregalou os olhos.

— Os senhores sabem do que estou falando. Por que os serets insistem em escavar essa questão? O senhor é a sentinela Thranic, não é? — acusou ele, apontando para Royce. — Talbert me falou sobre o interrogatório ao qual os senhores o submeteram... Fazer aquilo com um bispo da Igreja! Se o patriarca soubesse o que seus protegidos andam aprontando, os senhores seriam todos dispensados. E por que os senhores ainda existem? A Herdeira de Novron está no trono, não está? Não é nisso que todos devemos acreditar? Finalmente os senhores encontraram o rebento de Novron, e agora tudo está em ordem no mundo. Os senhores não aceitam o fato de que sua gestão acabou, que já não vamos precisar dos senhores, se é que um dia precisamos.

— Não somos serets — afirmou Hadrian —, e meu amigo aqui não é nem nunca foi sentinela.

— Não? Talbert o descreveu com perfeição: pequeno, musculoso, medonho, *como a própria Morte*. Mas o senhor deve ter raspado a barba.

— Não sou sentinela — insistiu Royce.

— Estamos apenas tentando descobrir o que aconteceu aqui há 42 anos — explicou Hadrian. — E o senhor tem razão: não estou procurando o registro da morte do meu pai, porque sei que ele não morreu aqui. Mas estive aqui.

O monsenhor hesitou, olhando para Hadrian e lançando olhares furtivos em direção a Royce.

— Qual era o nome de seu pai? — indagou ele, finalmente.

— Danbury Blackwater.

O sacerdote balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar dele.

— Mas o senhor sabe o que aconteceu — disse Royce. — Por que não nos conta?

— Por que os senhores não vão embora da minha igreja? Não sei quem os senhores são nem quero saber. O que aconteceu, aconteceu. Acabou. Nada pode mudar o passado. Por favor, deixem-me em paz.

— O senhor esteve lá — murmurou Arista. — Há 42 anos... O senhor esteve lá, não esteve?

O monsenhor arregalou os olhos, trincando os dentes.

— Procurem pelas prateleiras — falou ele, resignado. — Pouco me importo. Tranquem a porta quando saírem. E se lembrem de apagar a lamparina.

— Espere — disse Hadrian rapidamente, retirando o medalhão do interior da camisa e aproximando-o da luz.

Bartholomew semicerrou os olhos e se aproximou, a fim de examinar o medalhão.

— Onde o senhor conseguiu isso?

— Herança do meu pai. Ele também me escreveu um poema. Acho que é uma espécie de charada — contou Hadrian, retirando do bolso o pergaminho e passando-o ao clérigo.

Depois de ler o poema, o clérigo levou uma das mãos ao rosto, cobrindo a boca. Hadrian notou que seus dedos tremiam. A outra mão buscou a parede e lá se firmou, enquanto ele apoiava todo o peso do corpo.

— O senhor se parece com ele — declarou o sacerdote a Hadrian. — No início eu não havia notado. Faz mais de quarenta anos, e não convivi muito com ele. Mas essa espada que o senhor traz às costas é a espada dele. Eu deveria ter reconhecido ao menos a espada. Ainda vejo essa espada, muitas vezes, nos meus pesadelos.

— Então o senhor conheceu meu pai, conheceu Danbury Blackwater?

— O nome dele era Tramus Dan. Assim era conhecido, ao menos.

— O senhor pode nos contar o que aconteceu?

Ele fez que sim.

— Não há motivo para manter segredo, a não ser para me proteger, e talvez tenha chegado a hora de eu encarar os meus pecados.

O monsenhor olhou para a porta de acesso à escada, que ainda estava aberta.

— Vamos fechar essa porta. — Ele foi até a porta e voltou, perplexo. — A chave desapareceu.

— Ela está comigo — confessou Royce, exibindo a chave de ferro na palma da mão. Puxando a porta, ele a trancou pelo interior. — Não gosto de me sentir trancado.

Bartholomew pegou uma banquetta que estava detrás de uma das prateleiras de livros e se acomodou. Sentou-se com o corpo curvado e a cabeça entre os joelhos, como se fosse vomitar. Eles aguardaram enquanto o sacerdote respirava fundo, várias vezes.

— Na verdade, na semana que vem fará exatamente 42 anos — começou ele, ainda de cabeça baixa, com um tom de voz sereno. — Já fazia alguns dias que eu os esperava, e comecei a ficar preocupado. Achei que tivessem sido descobertos, mas não foi isso. Eles viajavam devagar porque ela estava grávida.

— Quem estava grávida? — perguntou Hadrian.

O monsenhor ergueu os olhos, atônito.

— Você sabe o significado desse amuleto que está em seu pescoço?

— Ele pertenceu ao guardião do Herdeiro de Novron.

— Sim — concordou o velho simplesmente. — Seu pai era o chefe da nossa ordem, uma organização secreta dedicada à proteção dos descendentes do imperador Nareion.

— Roda de Mondepireaf — falou Royce.

Bartholomew olhou para ele, bastante surpreso.

— Sim. Artesãos, comerciantes, lavradores... Pessoas que resguardaram um sonho que lhes foi legado.

— Mas o senhor é um sacerdote da Igreja de Nyphron.

— Muitos de nós fomos incentivados a seguir uma carreira religiosa. Alguns chegaram a tentar ingresso no grupo dos seret. Precisávamos saber o que a Igreja estava fazendo, onde a Igreja fazia as suas buscas. Fui a única pessoa em Ratibor que recebeu o futuro imperador e seu guardião. As fileiras da Roda haviam diminuído ao longo dos séculos. Eram poucos os que ainda acreditavam na organização. Meus pais me criaram acreditando no sonho de um dia ver o Herdeiro de Novron de volta ao trono imperial, mas nunca achei que isso fosse acontecer. Muitas vezes questioneei a existência do Herdeiro; eu me perguntava se as histórias não seriam apenas um mito. Acontece que a Roda só contactava seus integrantes quando era necessário. Eram poucas as reuniões, e anos se passavam sem que recebêssemos qualquer notícia. E, quando recebíamos alguma coisa, eram mensagens contendo palavras de incentivo, instando-nos a perseverar. Nunca havia notícia do Herdeiro. Não havia planos para um levante nem notícias de que o Herdeiro tinha sido avistado, nem notícias de vitórias nem de derrotas.

“Eu não passava de um menino, um jovem diácono recém-chegado a Ratibor, designado para trabalhar na velha Igreja da Praça Sul, quando meu pai me enviou uma carta que dizia, simplesmente, ‘Ele está chegando. Prepare-se’. Eu não sabia o que pensar. Li a carta diversas vezes até entender quem era ‘ele’. Quando me dei conta, fiquei pasmo. O Herdeiro de Novron estava a caminho de Ratibor. Eu não sabia o que fazer; então aluguei um quarto na hospedaria dos Bradford e esperei. Eu deveria ter procurado um local melhor. Eu deveria...”

Ele se deteve por um instante, voltou a abaixar a cabeça e respirou fundo.

— O que aconteceu? — perguntou Hadrian, mantendo a voz calma, evitando fazer algo que interrompesse a revelação que o clérigo estava

fazendo.

— Eles chegaram tarde, por volta de meia-noite, porque a esposa dele estava prestes a dar à luz e a viagem tinha sido demorada. O nome dele era Naron, e viajava com o guardião, Tramus Dan, e com o jovem aprendiz de Dan, cujo nome, infelizmente, não consigo me lembrar. Eu os conduzi aos quartos da hospedaria, e seu pai me mandou buscar uma parteira. Encontrei uma jovem, enviei-a ao encontro deles e saí à procura dos suprimentos necessários.

“Ao voltar, com os braços carregados, avistei um grupo de cavaleiros de Seret subindo a rua, fazendo uma busca de porta em porta. Fiquei apavorado. Nunca tinha visto serets em Ratibor. Eles chegaram à hospedaria antes de mim.

“Encontraram a porta trancada e bateram. Não houve resposta. Quando tentaram entrar, seu pai os impediu e houve luta. Assisti a tudo do outro lado da rua. Foi a coisa mais impressionante que vi na vida. Seu pai e o aprendiz saíram e ficaram um de costas para o outro, defendendo a porta. Os cavaleiros foram tombando um atrás do outro, até que cerca de dez homens jaziam mortos ou feridos na rua, então ouviu-se um grito dentro da hospedaria. Parecia que alguns serets tinham conseguido entrar pela porta dos fundos.

“O aprendiz correu para o interior, deixando seu pai sozinho diante da porta, enfrentando os demais cavaleiros. Havia ao menos uma dúzia deles. Lutando com duas espadas e protegido pelo vão da porta, ele os manteve acuados. Conseguiu impedi-los durante um tempo que parecia ser uma eternidade, então o próprio Naron surgiu à porta. Ele estava enlouquecido de ódio e encharcado de sangue. Empurrou Dan e saiu à rua. Seu pai tentou impedi-lo, mas Naron gritava? “Eles a mataram!” E se lançou contra o grupo de cavaleiros, brandindo a espada como um homem possuído por demônios.

“Seu pai tentou chegar até Naron a fim de protegê-lo. Os serets o cercaram, e o vi morrer na ponta das espadas que eles empunhavam. Caí de joelhos, derrubando no chão os cobertores, a agulha e a linha. Seu pai, também cercado de cavaleiros, deu um grito e jogou no chão as duas espadas. Pensei que eles o houvessem atingido também. Achei que fosse tombar, mas, em vez disso, ele sacou das costas o montante. A carnificina que eu tinha presenciado até aquele momento não se comparou ao que se seguiu. Tramus Dan, com aquela espada imensa, começou a retalhar os serets. Pernas, braços e cabeças... Eram explosões de sangue. Do outro lado da rua da Erudição, senti o sangue borrifado pelo vento em meu rosto.

“Quando o último seret tombou, Dan correu para o interior da hospedaria e, logo em seguida, reapareceu à porta, com lágrimas escorrendo pelas faces. Correu até Naron e o envolveu nos braços, balançando seu corpo. Confesso que senti tanto medo que não tive condições de me aproximar, nem de falar. Dan parecia o próprio Uberlin, coberto de sangue da cabeça aos pés, a espada ainda ao seu lado e o corpo convulsionando como se fosse explodir. Após algum tempo, demonstrando grande afeto, ele estendeu o corpo de Naron no pórtico. Alguns dos cavaleiros ainda estavam vivos, gemendo, se contorcendo. Ele voltou a empunhar a espada e os despedaçou, como quem racha lenha. Então recolheu suas armas e foi embora.

“Eu estava com tanto medo que não o segui, tão apavorado que sequer consegui me levantar, e não ousava me aproximar da hospedaria. Passado algum tempo, surgiram algumas pessoas, e juntos criamos coragem para entrar. Encontramos o jovem espadachim, aprendiz do seu pai, morto num dos quartos do andar superior, cercado por vários serets mortos. Na cama, jazia uma mulher esfaqueada, a criança recém-nascida assassinada ainda em seus braços. Nunca mais vi nem ouvi falar do seu pai.”

Todos permaneceram em silêncio durante alguns minutos.

— Isso explica muita coisa que eu não entendia em relação ao meu pai — comentou Hadrian, finalmente. — Depois do que aconteceu, ele deve ter ido parar em Hintindar e mudou de nome. Dan... bury. Até o nome dele era uma charada.\* Quer dizer que a descendência de Novron se extinguiu?

A princípio, o velho sacerdote nada disse. Permaneceu imóvel, a não ser pelos lábios, que começaram a tremer.

— É tudo culpa minha. A descendência de Novron acabou. A árvore, cultivada durante séculos com tanto zelo, secou e morreu. Foi tudo culpa minha. Se eu tivesse encontrado uma hospedagem mais segura, ou se tivesse me mantido mais alerta... — Ele ergueu os olhos, e a luz da lamparina refletia em suas lágrimas. — No dia seguinte, chegaram mais serets e colocaram fogo na hospedaria, que ficou reduzida a cinzas. Fiz uma petição em prol da construção desta igreja. Os bispos nunca perceberam que eu estava fazendo um tributo, um memorial. Eles acharam que a homenagem era para os serets que pereceram. Então, fiquei aqui, vigiando seus túmulos. Mas agora não protejo esperanças; agora só vigio lembranças, sonhos que, por minha culpa, jamais se realizarão.



Ao meio-dia, as badaladas do sino da cidade convocaram os cidadãos à Praça Central. No caminho de volta da igreja, Arista, Hadrian e Royce passaram pela área completamente tomada pela população. Lá encontram 12 pessoas presas a ferros. Os prisioneiros estavam curvados, as cabeças e os pulsos acorrentados, os pés e as canelas afundados na lama. Acima de cada um deles pendia uma placa onde se via rabiscada a palavra *Conspirador*.

O jovem ruivo, Emery, não estava preso a ferros, mas pendurado pelos pulsos num poste. Nu da cintura para cima, seu corpo estava coberto por hematomas e arranhões. O olho esquerdo estava inchado e fechado, no meio

de um círculo roxo, e no lábio inferior havia um corte onde o sangue havia coagulado.

Ao lado dele estava a idosa que havia sido detida na taverna Gnomo Risonho, aquela que dissera que os imperialistas incendiaram Kilnar. Acima de ambos havia placas com a palavra TRAIADOR. Em torno dos prisioneiros havia tábuas de madeira por onde caminhava o delegado de Ratibor. Ele segurava um pequeno chicote formado por vários fios em cujas pontas havia nós, e, enquanto caminhava, brandia-o com gestos ameaçadores. A totalidade da guarnição da cidade estava na praça para conter a multidão enfurecida. Arqueiros foram posicionados sobre as cumeeiras, e soldados, empunhando escudos e espadas desembainhadas, ameaçavam qualquer pessoa que se aproximasse demais.

Arista reconheceu muitos dos indivíduos presos a ferros. Ficou chocada ao ver que mães que na noite anterior ninavam os filhos no chão da taverna estavam agora acorrentadas, ao lado dos maridos, chorando. No meio da multidão, as crianças tentavam se aproximar dos pais. O tratamento dado à mulher de Kilnar foi o que mais perturbou a princesa. O único crime que ela havia cometido fora dizer a verdade, e agora estava exposta diante da cidade, aguardando o momento de ser açoitada. A visão era ainda mais terrível porque Arista sabia que ela é quem estaria ali se Quartzo não houvesse interferido.

Um escrivão e um homem trajando uma suntuosa toga de magistrado se aproximaram dos ferros. Quando chegaram ao centro da praça, o escrivão entregou um pergaminho ao juiz. O delegado bradou, exigindo silêncio, então o juiz ergueu o pergaminho e começou a ler:

— “Pelo crime de conspiração contra Sua Eminência Real, a imperatriz Modina Novronian, contra o Novo Império, contra Maribor e contra toda a humanidade; por caluniar Sua Excelência, o vice-rei da imperatriz; e por instigar a classe trabalhadora contra seus superiores, fica por meio deste decreto proclamada a punição a ser imediatamente infligida contra os



criminosos. Os acusados de conspiração receberão vinte chibatadas e passarão um dia a ferros, sendo libertados somente ao anoitecer. Os acusados de traição receberão uma centena de chibatadas e, se sobreviverem, permanecerão pendurados até perecer de fome e sede. Qualquer pessoa que tentar auxiliar ou consolar qualquer um desses criminosos será também considerada culpada e receberá punição idêntica.” — Dito isso, ele enrolou o pergaminho e falou: — Delegado Vigan, pode dar início.

Então entregou o pergaminho ao escrivão e se retirou imediatamente, voltando pelo mesmo caminho que chegara. O delegado fez um meneio com a cabeça e um soldado se aproximou do primeiro pilar, então rasgou as costas do vestido da jovem mãe. O grito de uma criança ecoou do meio da multidão, mas, sem se deter, o delegado brandiu o açoite, embora a pobre mulher implorasse misericórdia. Os nós nas pontas dos fios perfuravam a pele clara das costas da infeliz, que uivava e dançava de dor. As chibatadas se sucederam enquanto o escrivão as registrava, zelosamente. Terminado o açoite, as costas da mulher estavam vermelhas e cobertas de sangue. O delegado fez uma pausa e entregou o chicote ao soldado, que aplicou ao marido dela um castigo semelhante enquanto o delegado se sentava e bebia água numa caneca, tranquilamente.

A multidão, que já estava em silêncio, ficou absolutamente imóvel ao chegar a vez da mulher de Kilnar, que começou a gritar no momento que os carrascos se aproximaram. O delegado e seus ajudantes de ordens se alternaram na aplicação das chibatadas, pois o calor tornava a atividade exaustiva. O cansaço dos braços deles era evidente, pois os golpes eram irregulares, atingindo a mulher desde a parte superior dos ombros até a região lombar, às vezes alcançando a parte posterior das coxas. Depois das primeiras trinta chicotadas, a mulher parou de gritar e passou a gemer. O açoite prosseguiu e, quando o escrivão contou sessenta, a mulher jazia inerte. Um médico se aproximou do pilar, levantou a cabeça da mulher pelos

cabelos e a declarou morta. O escrivão registrou o devido apontamento. O corpo não foi removido.

Finalmente, o delegado se aproximou de Emery. O jovem não se acovardara após assistir à punição infligida aos demais e demonstrou grande valentia. Manteve-se firme, com ar desafiador, no momento que o soldado se aproximou empunhando a chibata.

— Vocês podem me matar, mas isso não altera a verdade: o traidor é o vice-rei Androus, e ele é culpado do assassinato do rei Urith e de toda a família real! — conseguiu exclamar Emery antes que as primeiras chicotadas o silenciassem. Ele não gritou, mas trincou os dentes e só começou a gemer quando os nós transformaram suas costas numa massa de sangue e carne dilacerada. Depois da derradeira chibatada, ele também jazeu inerte, mas todos viam que ainda respirava. O médico advertiu o escrivão, que, cumprindo seu dever, anotou o fato.

— Essas pessoas não fizeram nada — declarou Arista enquanto a multidão começava a se dispersar. — Elas são inocentes.

— Você deve saber muito bem que isso não vem ao caso — retrucou Royce.

Arista deu meia-volta, abriu a boca, hesitou, então voltou a fechá-la.

— Alric mandou açoitar 12 pessoas, em praça pública, por incitarem tumultos quando a igreja foi expulsa de Melengar — lembrou ele. — Quantas daquelas pessoas eram realmente culpadas?

— Tenho certeza de que aquilo foi necessário à manutenção da ordem.

— O vice-rei lhe diria a mesma coisa.

— Essa situação é diferente. Naquela ocasião, mães não foram açoitadas diante dos filhos e mulheres não foram surradas até a morte diante de uma multidão.

— É verdade — disse Royce. — Só os pais, os maridos e os filhos foram chicoteados até sangrar, e ficaram com cicatrizes para o resto da vida. Estou enganado. A compaixão de Melengar é admirável.

Arista arregalou os olhos, mas nada pôde dizer. Por mais que odiasse a situação, por mais que odiasse o fato de Royce ter lhe dito aquilo, sabia que ele falava a verdade.

— Mas não se mortifique por isso — continuou Royce. — Os fortes controlam os fracos. Os ricos exploram os pobres. Sempre foi assim e sempre será. Agradeça a Maribor por ter nascido rica e poderosa.

— Mas não está certo — disse ela, balançando a cabeça.

— O que a noção de *certo* tem a ver com isso? Com qualquer coisa que seja? É certo o vento soprar e as estações se alternarem? O mundo é assim mesmo. Se Alric não tivesse mandado açoitar aqueles indivíduos, talvez a rebelião tivesse sido bem-sucedida. Nesse caso, a senhorita e Alric talvez fossem espancados até a morte por uma multidão delirante, que, nessa situação, seria o elemento forte e vocês, o fraco.

— Você é mesmo tão cínico assim? — perguntou ela.

— Acho que é uma questão de praticidade, e viver em Ratibor durante algum tempo torna qualquer pessoa *bastante* prática — afirmou ele, e olhou com uma expressão solidária para Hadrian, que se mantivera calado desde quando saíram da igreja. — A compaixão não visita as casas das ruas de Ratibor... Nem hoje nem há quarenta anos.

— Royce... — disse Hadrian, então suspirou. — Vou dar uma caminhada. Mais tarde encontro vocês dois lá no Ninho.

— Está tudo bem com você? — perguntou Arista.

— Sim — garantiu ele de modo não convincente, e se afastou no meio da multidão.

— Estou com pena dele — disse ela.

— Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Hadrian precisa entender como o mundo funciona, e precisa também superar essa afeição infantil por ideais. Está vendo Emery? Ele é um idealista, e é isso o que acaba acontecendo com os idealistas, principalmente aqueles que têm o azar de nascer em Ratibor.

— Mas ele quase mudou o rumo desta cidade — comentou Arista.

— Não, ele não alteraria o quadro de quem está no poder e quem não está. O rumo continuaria inalterado. Quem está no poder acaba dominando os fracos, e o faz com uma crueldade disfarçada de, e muitas vezes vista como, benevolência. No que diz respeito a seres humanos, não existe outra possibilidade. É uma ocorrência natural, como o clima, e incontrolável.

Arista refletiu durante alguns instantes, então olhou para o céu, e disse, em tom desafiador:

— Não tenho tanta certeza disso.

## **Nota**

\* Em inglês, o verbo “*to bury*” significa “enterrar”, “sepultar”. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 12

# FAZENDO CHOVER



Assim que voltou ao Ninho do Rato, Hadrian constatou que Quartzo regressara e que havia algum problema. Arista estava de pé, no meio do salão, com os braços cruzados numa atitude teimosa e com um olhar obstinado. Os demais a observavam, divertindo-se de verdade, enquanto Royce andava de um lado para outro, com um ar exasperado.

— Graças a Maribor você voltou! — disse Royce. — Ela está me levando à loucura.

— O que está acontecendo?

— Nós vamos tomar esta cidade — anunciou Arista.

Hadrian ergueu uma das sobrancelhas.

— O que aconteceu com a reunião com Gaunt?

— Não vai acontecer — respondeu Quartzo. — Gaunt foi embora.

— Foi embora?

— Oficialmente, ele desapareceu — explicou Royce. — É provável que esteja morto, ou que tenha sido capturado. Tenho certeza de que, de algum modo, Merrick está por trás disso. Essa coisa tem bem o jeito dele. Ele nos impediu de contatar Gaunt e fez jogo duplo. Foi brilhante, de verdade. Degan foi ao encontro da Arista, e Arista foi ao encontro dele... E ambos caíram numa armadilha. Arista escapou da armadilha armada para ela, mas parece que Gaunt não teve tanta sorte. Os nacionalistas estão culpando Sua Alteza e Melengar, convencidos de que ela é responsável. Embora o plano para pegar a princesa tenha fracassado, não há a menor possibilidade de se estabelecer uma aliança. Só pode ser coisa de Merrick.

— É exatamente por isso que precisamos demonstrar aos nacionalistas a nossa posição — explicou Arista enquanto Royce balançava a cabeça. Ela se virou para Hadrian. — Se tomarmos a cidade e a entregarmos aos nacionalistas, eles vão confiar em nós, e poderemos fazer com que concordem com uma aliança. Quando vocês aceitaram este serviço, eu me reservei o direito de alterar os objetivos; pois o estou exercendo agora.

— E como *exatamente* vamos *tomar* a cidade? — perguntou Hadrian, cautelosamente, tentando manter na voz um tom de neutralidade. Geralmente, ficava do lado de Royce, e à primeira vista a ideia de Arista parecia um tanto ou quanto tresloucada. Contudo, sabia que a princesa não era tola, e Royce muitas vezes tomava decisões baseadas exclusivamente em seus interesses pessoais. Além de tudo, Hadrian não podia deixar de admirar o brio de Arista, que, no meio de um salão repleto de ladrões e oportunistas, defendia uma ideia tão nobre.

— É como Emery disse lá na taverna Gnomo Risonho — disse Arista. — Podemos atacar o arsenal. Pegamos as armas e as armaduras que encontrarmos. Então, investimos contra a guarnição. Depois que os derrotarmos, fechamos os portões da cidade.

— A guarnição de Ratibor é composta de quantos integrantes? — perguntou Hadrian. — Cinquenta? Sessenta soldados experientes?

— Ao menos isso — murmurou Royce com desdém.

— Que lutarão contra alfaiates, padeiros e quitandeiros armados às pressas? Precisaríamos de metade da população da cidade nos apoiando — observou Hadrian.

— Mesmo que conseguíssemos insuflar o populacho, muita gente morreria, e muita gente acabaria fugindo — acrescentou Royce.

— Eles não vão fugir — retrucou Arista. — Eles não têm aonde ir. Estamos encurralados numa cidade murada. Não há para onde correr. Todos terão de lutar até a morte. Após a demonstração da crueldade do Império que tivemos hoje à tarde, acho que ninguém vai querer arriscar uma rendição.

Hadrian concordou.

— Mas como espera incitar a cidade para lutar do seu lado? A população não a conhece. Você não é como Emery, que contava com amigos de infância, amigos dispostos a sacrificar a própria vida para defendê-lo. Acho que nem mesmo o Polido goza de uma reputação capaz de possibilitar esse tipo de dedicação... Sem ofensa.

Polido sorriu.

— Você tem razão. As pessoas raramente me veem, e, quando me veem, acham que sou um bandido desprezível. Imaginem uma coisa dessas.

— É por isso que precisamos de Emery — falou Arista.

— O rapaz que está agonizando em praça pública?

— Vocês viram como as pessoas ouvem o que ele fala — disse ela, falando seriamente. — Elas acreditam nele.

— Sim, até serem açoitadas ao lado dele — acrescentou Royce.

Arista se empertigou e falou com um tom de voz mais forte:

— E, mesmo quando foram açoitadas ao lado dele, vocês viram a expressão estampada no rosto daquela gente? Quando estávamos na taverna Gnomo Risonho, elas já o viam como uma espécie de herói... Alguém que as defendia dos imperialistas. Quando ele foi chicoteado, quando defendeu



suas convicções mesmo diante da morte, o sentimento daquela gente em relação a ele se tornou ainda mais forte. Os imperialistas entregaram Emery à morte hoje. E, ao fazerem isso, o transformaram num mártir. Imaginem como o povo vai se sentir se ele sobreviver! Se escapar das garras dos imperialistas, justo quando todos achavam que estivesse morto, pode se tornar a fagulha que vai incendiar as esperanças do povo.

— É provável que ele já esteja morto — comentou Quartzó com indiferença, limpando as unhas com um punhal.

Arista ignorou o comentário.

— Nós tiramos Emery do pilar onde ele está amarrado a ferros, espalhamos a notícia de que está vivo e que conclama todos a se insurgir e lutar... A lutar pela liberdade que ele prometeu.

Royce riu disso, mas Hadrian levou a ideia a sério. Ele queria acreditar que aquilo fosse viável. Queria se deixar levar pela paixão, mas seu lado prático, que já participara de dezenas de batalhas, lhe dizia que as chances de sucesso eram exíguas.

— Não sei, não — disse ele, finalmente. — Mesmo que conseguíssemos tomar a cidade, o exército imperial a recuperaria. Algumas centenas de civis podem até dominar a guarnição da cidade, mas não serão capazes de conter um exército.

— É por isso que temos de coordenar o nosso ataque com uma ação por parte dos nacionalistas. Vocês se recordam do plano de Emery? Podemos trancar os portões e deixá-los do lado de fora. Então os nacionalistas irão esmagá-los.

— E se não conseguirmos fechar os portões a tempo? Se o resultado da luta contra a guarnição não for o que esperamos? — perguntou Royce.

— Não vai fazer diferença — respondeu Arista. — Se os nacionalistas atacarem o exército imperial ao mesmo tempo que deflagrarmos a rebelião, os imperialistas não terão tempo para se preocupar conosco.

— Só que os nacionalistas não vão atacar sem Gaunt — interveio Polido.  
— É por isso que eles ainda estão parados. Bem, por isso e pelos trezentos cavaleiros bem-armados sob o comando do lorde Dermont, sem falar no restante das forças lideradas por Dermont. Os nacionalistas nunca enfrentaram uma força organizada. Sem Gaunt, eles não têm quem os lidere. Não são tropas disciplinadas. Não passam de cidadãos e lavradores recrutados por Gaunt ao longo do caminho. Vão sair correndo assim que virem os cavaleiros em armaduras.

— Quem está no comando das forças de Gaunt? — perguntou Hadrian, admitindo para si que os planos de Arista tinham sido bem-pensados.

— Um gorducho conhecido como Parker. Dizem que era contador de um negócio no setor têxtil. Era oficial-intendente dos nacionalistas antes de ser promovido por Gaunt — contou Quartz. — Não se pode dizer que seja um sujeito brilhante. Sem Gaunt no planejamento e no comando do ataque, os nacionalistas não têm a menor chance.

— Você pode assumir o comando — disse Arista, olhando diretamente para Hadrian. — Você já comandou batalhas. Já foi até condecorado.

Hadrian arregalou os olhos.

— Não foi a façanha que pode parecer. Eram regimentos pequenos. O exército de Grendel era, para resumir, patético. Eles se recusavam até a usar elmos, porque diziam que suas vozes reverberavam dentro da cabeça.

— Mas você os comandou numa batalha?

— Sim, mas...

— E vocês venceram ou foram derrotados?

— Vencemos, mas...

— E lutaram contra uma força maior ou menor?

Hadrian se manteve calado, com uma expressão de derrota.

Royce se virou para ele.

— Me diga que você não está levando a sério essa bobagem.

*Será que estou? Mas trezentos cavaleiros bem-armados!*

A voz de Arista adquiriu um tom de desespero:

— O Exército Imperial do Norte, sob o comando de Breckton, está marchando para cá neste momento. Se os nacionalistas não atacarem agora, serão dizimados pelas forças imperiais reunidas. Lorde Dermont está contando com isso. Esse é o plano dele. Se esperar, vai sair vitorioso. Mas, se os nacionalistas atacarem primeiro, se ele não contar com reforços e não tiver para onde correr... Essa talvez seja a nossa única chance. Se não agirmos agora, tudo estará perdido.

“Se os nacionalistas forem destruídos, nada poderá conter o Império. Eles vão reconquistar e punir Rhenydd pela insubordinação, inclusive Hintindar. — Ela fez uma pausa, permitindo que Hadrian considerasse o que acabara de ouvir. — Em seguida, vão tomar Melengar. Depois disso, nada poderá impedi-los de conquistar Delgos, Trent e Cális. O Império vai, novamente, comandar o mundo, mas não será como antes. Em vez de uma liderança iluminada, capaz de unir o povo, será de crueldade, que vai dividir o povo, uma liderança que não será comandada por um imperador nobre e benevolente, mas por um punhado de homens ambiciosos e sedentos de poder, homens que vão manipular uma jovem inocente.

“E você, Royce? — disse ela, voltando-se para o ladrão. — Que destino acha que aguarda o povo quando o Novo Império dominar o mundo? Vocês não percebem? — perguntou ela, dirigindo-se a todos. — Ou lutamos aqui e vencemos, ou então é melhor morreremos lutando, porque nada restará se fracassarmos. É chegada a hora. Este é o momento crucial em que o futuro das gerações que ainda estão por nascer será decidido a partir da nossa ação ou inação. Pelos séculos vindouros, as pessoas vão olhar para este momento e louvar nossa coragem, ou amaldiçoar nossa covardia. — Ela agora olhava diretamente para Royce. — Acontece que o poder está do nosso lado. Aqui. Agora. Neste lugar. Temos o poder de alterar o curso da história, e seremos para sempre condenados se ao menos não tentarmos fazê-lo!”

Arista parou de falar, exausta, sem fôlego.

O salão ficou quieto.

Para surpresa de Hadrian, Royce foi o primeiro a se pronunciar:

— Raptar Emery não é difícil. O problema é mantê-lo escondido.

— Eles vão arrasar a cidade, procurando Emery, com certeza — disse Polido.

— Teríamos condições de trazê-lo até aqui? — perguntou Arista.

Polido balançou a cabeça.

— Os imperialistas sabem da nossa existência. Eles nos deixam em paz porque não causamos grandes problemas, e gostam do comércio paralelo que promovemos. Não, é provável que eles venham procurar aqui. Além disso, sem ordens do Joia ou do primeiro oficial, não posso expor nossa operação a tamanho risco.

— Precisamos de um esconderijo, onde os imperialistas não se atrevam a fazer buscas — declarou Royce. — Algum local onde eles nem queiram procurar. O médico da cidade é imperialista ou monarquista?

— Ele é amigo de Emery, o que já é uma pista — explicou Quartzo.

— Perfeito. A propósito, princesa, a conquista de Ratibor não está no nosso contrato. Isso vai lhe custar mais, com toda certeza — comentou Royce.

— Pode pôr na conta — respondeu ela, sem conseguir conter um sorriso.

— Se continuarmos assim, vamos acabar sendo donos de Melengar — observou Hadrian.

— Que negócio é esse de *nós*? — perguntou Royce. — Você se aposentou, lembra?

— Ah, quer dizer que *you* vai comandar o levante nacionalista? É isso?

— Sessenta para mim, quarenta para você? — propôs Royce.



Apesar da chuva recente, o estábulo público situado na travessa dos Lordes pegou fogo, logo depois do anoitecer. Mais de duas dúzias de cavalos saíram em disparada pelas ruas. Os cidadãos se mobilizaram, passando baldes de mão em mão. Os que não conseguiram lugar na fila se limitaram a assistir ao espetáculo da grande edificação de madeira ardendo em chamas que se projetavam no céu noturno.

Não havendo chance de salvar o estábulo, a cidade lutou para salvar o açougue, que ficava logo ao lado. Homens subiram no telhado e, enfrentando a chuva de fagulhas, encharcaram as telhas com água. Balde atrás de balde banhava o pequeno açougue enquanto a mulher do açougueiro, no meio da rua, olhava horrorizada a cena. Seu rosto refletia a luminosidade medonha. Os cidadãos e até alguns integrantes da guarda imperial combateram as chamas durante horas a fio, até que finalmente, sem conseguir devorar o estabelecimento, o fogo se extinguiu. O estábulo se foi. Restaram apenas escombros esturricados e fumegantes, porém o açougue sobreviveu, apenas com a parede enegrecida, um sinal do encontro com o desastre. Os habitantes de Ratibor, cobertos de fuligem e cinzas, congratulavam-se pelo trabalho realizado. A taverna Gnomo ficou repleta de clientes, que não paravam de brindar o sucesso. Trocavam abraços e piadas, relatando como tinham escapado da morte.

Ninguém notou que Emery Don havia desaparecido.

Na manhã seguinte, o sino da cidade foi tocado, anunciando a notícia. Um boneco tinha sido amarrado no lugar de Emery. Os guardas juraram que não deixaram seus postos, mas não sabiam explicar o ocorrido. O delegado Vigan, o juiz e vários outros funcionários da cidade ficaram furiosos. No meio da Praça Central, esbravejavam e apontavam o dedo, primeiramente para os guardas, então uns para os outros. Até o vice-rei Androus interrompeu sua intensa agenda para sair da administração da cidade e testemunhar a cena pessoalmente.

No meio da manhã, o Gnomo já estava lotado de clientes e fofoqueiros, como se a cidade houvesse decretado feriado, e Ayers se mostrava bastante satisfeito, transpirando e servindo as bebidas.

— Ele ainda estava respirando, no pôr do sol — afirmou o tanoeiro.

— Ele está vivo, sem dúvida. Por que haveriam de libertá-lo se estivesse morto? — sugeriu o quitandeiro.

— Quem o libertou?

— Por que você acha que *alguém* o libertou? É provável que o rapaz tenha escapado. Emery é muito esperto, isso ele é. A gente deveria saber que os imperialistas não conseguiriam matar um sujeito como ele.

— Ele deve estar escondido no esgoto.

— Não, ele deve ter saído da cidade. Isso aqui não interessa mais a Emery.

— Conhecendo Emery, eu diria que ele está agora lá na casa do vice-rei, bebendo o brandy do velho!

O comentário produziu uma gargalhada geral, que acompanhou a rodada de cerveja servida por Ayers. Mas o taverneiro tinha uma ideia formada sobre a questão: achava que os próprios guardas libertaram o rapaz. Emery era muito bom de conversa. Ayers o ouvira discursar no Gnomo dezenas de vezes, e o rapaz sempre cativava os presentes. Era fácil imaginá-lo passando uma conversa nos guardas encarregados de vigiá-lo e convencendo-os a soltá-lo. Ele bem que gostaria de mencionar tal ideia, mas o barril estava quase vazio e as canecas limpas estavam acabando. Não gostava muito dos imperialistas, mas a verdade era que, por causa deles, vinha faturando bastante.

Um estrondo na entrada da taverna calou as risadas e os presentes se voltaram bruscamente. Ayers quase derrubou o barril que estava segurando, achando que o delegado estava empreendendo mais uma batida, no entanto era apenas o Dr. Gerand, que, de pé ao lado da porta aberta, martelava o

batente com um sapato a fim de atrair a atenção geral. Todos respiraram aliviados.

— Entre, doutor! — gritou Ayers. — Já estou pegando mais um barril.

— Não posso — disse ele. — Preciso me manter distante de todos durante algum tempo. Só quero avisar que ninguém deve se aproximar da casa de Dunlap. Eles têm um caso de varíola por lá.

— É grave? — perguntou o quitandeiro.

— Grave o suficiente — respondeu o médico.

— Esses imigrantes que vêm lá do sul estão trazendo um monte de doenças para cá — queixou-se Ayers.

— É, deve ter sido isso mesmo — disse o Dr. Gerand. — A Sra. Dunlap acolheu um sujeito alguns dias atrás, um refugiado de Vernes. Foi o primeiro a aparecer com varíola. Então, não se aproximem da casa dos Dunlap até que eu diga que já não há mais perigo. Na verdade, é melhor ficarem longe da rua Benning. Vou ver se consigo que o delegado coloque alguns avisos, ou talvez uma cerca ou algo semelhante, para manter as pessoas longe de lá. Estou correndo a cidade para avisar às pessoas, e gostaria que me ajudassem a espalhar a advertência antes que a coisa fique fora de controle.

Por volta do meio-dia, a guarnição da cidade já estava expulsando os residentes de dentro de suas próprias casas e oficinas, à procura do traidor desaparecido, e o primeiro local a ser vasculhado foi a casa dos Dunlap. Os cinco guardas de serviço na noite em que Emery desapareceu foram obrigados a tirar a sorte, e o que perdeu teve de entrar na casa. Ele nada encontrou, a não ser alguns enfermos, entre os quais não estava Emery. Depois de fazer o relato, voltou para o interior da casa dos Dunlap, onde permaneceu em quarentena. Então os soldados invadiram o Gnomo Risonho, o mercado público, a velha igreja e até o gabinete do escrivão, deixando tudo revirado. Pelotões entraram no esgoto e saíram encharcados.

Não encontraram o traidor fugitivo, mas acharam alguns baús, segundo os boatos, cheios de prata roubada.

Não havia o menor sinal de Emery Dorn.

Ao anoitecer, uma cerca de madeira, um tanto improvisada, isolava a rua Benning e uma grande placa exibia os dizeres:

**ENTRADA PROIBIDA!**  
**Área sob quarentena por ordens do vice-rei!**

Dois dias mais tarde, o soldado que havia feito a busca na casa dos Dunlap morreu. Seu corpo foi visto estirado no quintal, coberto de erupções infeccionadas. O médico abriu uma cova enquanto o povo assistia ao longe. Depois disso, ninguém mais chegou perto da rua. Os funcionários da cidade e os clientes do Gnomo deduziram que Emery teria fugido da cidade ou morrido, sendo sepultado em algum local secreto.



Arista, Hadrian e Royce aguardaram em silêncio ao lado da porta do quarto, até o médico concluir seu trabalho.

— Já retirei as ataduras — disse o Dr. Gerand, um senhor de idade com cabelos brancos, nariz adunco e sobrancelhas espessas que expressavam um ar de tristeza, mesmo quando sorria. — Ele está bem melhor hoje. Um açoitamento como o que levou... — Fez uma pausa, hesitando na explicação. — Bem, vocês viram o que aconteceu com a pobre senhora que estava ao lado dele. Emery deveria ter morrido, mas é jovem. Vai se recuperar assim que acordar e começar a comer. Evidentemente, as costas vão ficar marcadas pelo resto da vida e ele jamais terá o mesmo vigor. Os danos foram grandes demais. Minha única preocupação é que humores nocivos possam provocar



um desequilíbrio no corpo dele; mas, sinceramente, não parece que isso venha a se tornar um problema. Como falei, o rapaz é jovem e forte. Deixem-no repousar que ele vai se restabelecer.

Eles seguiram o médico ao andar inferior, acompanhando-o até a porta da casa dos Dunlap, onde o médico lhes desejou boa-noite.

Detendo-se no vão da porta, ele olhou para trás e disse:

— Emery é um bom rapaz. Era o melhor amigo do meu filho. James foi recrutado pelo exército imperial e morreu num campo de batalha, lá no norte. — Então baixou os olhos. — Quando vi o que aconteceu com Emery naquele pilar, parecia que o meu filho estava morrendo de novo. Aconteça o que acontecer agora, só quero dizer uma coisa a vocês: obrigado. — Então o médico foi embora.

Na última semana, Arista vivenciara o interior das casas dos plebeus mais do que em toda a vida pregressa. Após visitar os padeiros em Hintindar, passou a supor que todas as famílias residissem em casas idênticas, porém a casa dos Dunlap em nada se assemelhava à dos Baker. A moradia dos Dunlap tinha dois pavimentos, com sólidos assoalhos de madeira em ambos os andares. O piso superior, sustentado por vigas grossas, servia de teto para o inferior. Embora modesta e um tanto apertada, a casa exibia toques de cuidado e até de prosperidade, o que faltava à residência em Hintindar. As paredes eram pintadas e decoradas com belos desenhos de estrelas e flores, e as superfícies de madeira eram enceradas. Em prateleiras dispostas acima da lareira, havia bibelôs e pequenos entalhes. Ao contrário da casa simples de Dunstan e Arbor, a residência dos Dunlap possuía mobília. Em volta da mesa havia cadeiras com assentos de palha trançada. Duas cadeiras idênticas ladeavam uma roca, cercada de vários cestos de vime. Sobre algumas mesinhas havia vasos com flores, e da parede pendia um armário com pequenas portas e maçanetas. Limpa, bem-cuidada e organizada, a casa era o mimo de uma mulher cujo marido tinha sido um bom provedor, mas um tanto ausente.

— Os senhores têm certeza de que não querem mais nada? — perguntou a Sra. Dunlap enquanto retirava os pratos do jantar. Era uma mulher idosa e rechonchuda, que sempre usava avental e lenço branco, e tinha por hábito esfregar as mãos enrugadas.

— Estamos satisfeitos — afirmou Arista. — E, mais uma vez, obrigada por ter nos deixado usar sua casa.

A senhora sorriu.

— Não é tão arriscado como os senhores imaginam. Já faz cinco anos que o meu marido faleceu. Ele tinha orgulho de ser o cocheiro de Sua Majestade, o rei Urith. Sabiam disso? — Os olhos dela faiscavam e a Sra. Dunlap desviou o olhar, como se o estivesse revendo. — Ele ficava bonito com o paletó e o chapéu de cocheiro, com aquela pluma vermelha e o broche dourado. É, meus senhores, um belo homem, orgulhoso de ter servido ao rei durante trinta anos.

— Ele morreu ao lado do rei?

— Não, não — falou ela, balançando a cabeça. — Mas morreu logo depois; acho que foi de desgosto. Era muito íntimo da família real. Era ele quem os conduzia aonde quer que fossem. Eles o presenteavam e o chamavam pelo primeiro nome. Uma vez, durante uma tempestade, até trouxe os principezinhos para passarem a noite aqui em casa. Os meninos falaram disso durante semanas. Não tivemos filhos, sabem, e acho que Paul, o meu marido... Acho que ele via aqueles príncipes como se fossem seus filhos. Ele ficou arrasado, quando eles morreram naquele incêndio... naquele incêndio terrível. O pai de Emery também morreu no incêndio, os senhores sabiam disso? Ele era um dos guarda-costas do rei. Morreu muita gente naquela noite terrível.

— Urith foi um bom rei? — perguntou Hadrian.

Ela deu de ombros.

— Não passo de uma velha... O que sei? O povo se queixava o tempo todo, enquanto ele estava vivo: se queixava dos impostos elevados, de

algumas leis, do fato de ele viver num castelo com sessenta criados, comendo carne de cervo, javali e boi numa mesma refeição, enquanto havia gente na cidade morrendo de fome. Não sei se existe rei bom. Talvez existam reis razoáveis — comentou ela, piscando o olho para Arista. — Talvez a gente precise de menos reis e de mais mulheres no comando.

A Sra. Dunlap voltou à tarefa da arrumação enquanto eles permaneceram sentados em torno da mesa.

— Bem — disse Royce, olhando para Arista —, o primeiro passo da sua rebelião foi dado. E agora?

Ela pensou durante alguns instantes, então falou:

— Precisamos espalhar a história de que Emery vai comandar o ataque. Vamos projetá-lo como herói, um fantasma que o Império não consegue matar.

— Já ouvi esse tipo de boato correndo pela cidade — revelou Royce. — Você estava certa quanto a isso, ao menos.

Arista sorriu. Um comentário assim, vindo de Royce, era um grande elogio.

— Precisamos nos valer do boca a boca — continuou ela —, a fim de insuflar a revolta. Quero que todos saibam que a coisa está prestes a acontecer. Quero que pensem que a coisa é tão inevitável quanto o amanhecer. Quero que todos acreditem que a revolta não tem como fracassar. E vou precisar de líderes. Hadrian, procure alguns homens confiáveis que possam ajudar no comando da luta. Homens que possam ser acatados e respeitados. Além disso, quero que você trace um plano para o assalto ao arsenal e à guarnição. Diferente do meu irmão, nunca estudei a arte da guerra. Fui obrigada a aprender a bordar. Sabe quantas vezes já precisei bordar na vida?

Hadrian deu uma risadinha.

— É crucial também avisar a Alric que dê início à invasão pelo norte. Mesmo que tomemos a cidade, Breckton pode montar um cerco, a menos

que Melengar o pressione. Pensei em sugerir que o Diamante levasse a mensagem, mas, considerando o grau de confiabilidade demonstrado por eles na última vez e a grande importância deste momento... Royce, gostaria que você levasse a mensagem. Se existe alguém capaz de ir até lá e voltar com ajuda, esse alguém é você.

Royce contraiu os lábios, refletindo, então concordou.

— Mesmo assim, vou falar com Polido e ver se ele pode ceder um ou dois homens para me acompanhar. Você deve escrever três mensagens para Alric, princesa. Cada um de nós vai levar consigo uma cópia e vamos nos separar se surgir algum problema. Sendo três, as chances de um chegar até lá serão maiores. E não se esqueça de escrever mais uma carta, explicando que essa viagem até o sul foi ideia sua. Não quero que ele desconte a raiva em cima de mim quando souber onde você foi parar. Ah, é claro, explique também a questão dos custos do serviço — acrescentou ele, piscando o olho.

Arista suspirou.

— Ele vai querer me matar.

— Não se conseguirmos tomar a cidade — declarou Hadrian em tom de incentivo.

— Por falar nisso, após concluirmos os planos para a tomada da guarnição, precisaremos pensar em como chegar ao exército de Gaunt, e como você assumirá o comando das tropas. Não sei bem como pretendem fazer isso, mas vou baixar um decreto, designando-o embaixador-geral interino, com poderes para falar em meu nome. Vou lhe conferir a patente de marechal adjunto e o título de lorde. Isso talvez os impressione e, ao menos, vai lhe conceder o direito legal para negociar em meu nome e as credenciais para comandar o exército.

— Duvido que títulos de nobreza causem grande impressão nos nacionalistas — comentou Hadrian.

— Talvez não, mas a ameaça do Exército Imperial do Norte vai servir de incentivo. Homens desesperados talvez se agarrem a um título, se não

tiverem alternativa.

Hadrian voltou a dar uma risadinha.

— O que foi? — perguntou ela.

— Ah, nada — respondeu ele. — Só estava pensando que, para uma embaixadora, você é um general bem competente, princesa.

— Não estava, não — disse ela, bruscamente. — Você está pensando que, para uma *mulher*, sou competente.

— Isso também.

Arista sorriu.

— Ainda bem, porque, até agora, tenho causado grande decepção no meu papel como mulher. Sinceramente, detesto bordar.

— Acho que devo partir para Melengar esta noite — afirmou Royce. — A menos que... Você ainda vai precisar de mim?

Arista meneou a cabeça.

— E você? — perguntou ele a Hadrian. — Supondo que você sobreviva a essa aventura, o que pretende fazer, agora que sabe que o Herdeiro está morto?

— Espere um instante. Vocês têm certeza de que o Herdeiro está morto? — interveio Arista.

— Você estava lá, princesa, e ouviu o que Bartholomew disse — respondeu Hadrian. — Não acho que ele estivesse mentindo.

— Não estou insinuando que estivesse... É só que... bem... quando foi embora de Avempartha, Esrahaddon parecia estar convencido de que o Herdeiro estava vivo. Eles estão à procura de Esra na expectativa de que ele os leve ao Herdeiro *legítimo*. Eles só faltaram me dizer isso quando eu estava em Ervanon no ano passado. E mais: por que todo mundo está procurando por ele, se ele morreu?

— É impossível saber o que Esrahaddon pretende. Já a Igreja fingiu procurar o Herdeiro, assim como está fingindo que já o encontrou — disse Royce.

— Talvez, mas ainda tem aquela imagem que vimos lá na torre. Na minha percepção, ele parecia ser uma pessoa viva, de carne e osso.

Royce concordou.

— É verdade.

Hadrian balançou a cabeça.

— Não podia haver outra criança. Meu pai teria sabido e procurado por ele... ou *ela*. Não, meu pai sabia que a descendência havia chegado ao fim; se achasse que houvesse descendentes, ele não teria ficado em Hintindar.

Hadrian olhou de relance para Royce, em seguida baixou o olhar.

— Em todo caso, se eu sobreviver, não pretendo continuar participando da Riyria.

Royce fez que sim.

— Você provavelmente vai acabar sendo morto de qualquer jeito... Mas acho que essa ideia é do seu agrado, assim como um osso agrada a um cachorro.

— O que você disse?

— Nada.

Seguiu-se uma pausa, então Hadrian falou:

— A situação não é tão ruim assim. O único problema é aquela maldita cavalaria. Eles vão acabar com os nacionalistas num instante. Quem dera começasse a chover de novo.

— Chover? — perguntou Arista.

— O ataque de uma cavalaria transportando cavaleiros com armaduras pesadas depende de solo firme. Nos últimos dias, o solo secou. Se eu conseguisse fazer com que eles lutassem num campo arado e encharcado, os cavalos atolariam e Dermont perderia a vantagem. Mas pelo visto o tempo não quer colaborar.

— Quer dizer que você gostaria que não parasse de chover, desde agora até a hora da batalha? — indagou Arista.

— Isso seria um milagre muito bem-vindo, mas acho que não teremos tamanha sorte.

— Talvez não precisemos de sorte. — Arista sorriu.



A casa dos Dunlap estava às escuras, exceto pela vela que Arista transportava, subindo a escada até o primeiro andar. Ela já se despedira de Royce e Hadrian. A Sra. Dunlap tinha se recolhido havia horas e a casa estava quieta. Pela primeira vez em bastante tempo, Arista estava sozinha.

*Como isso vai funcionar? Estou louca?*

Ela sabia o que a velha criada, Bernice, diria numa situação daquelas. Então a empregada lhe ofereceria um biscoito de gengibre, a título de consolação.

*O que Alric dirá quando Royce o encontrar?*

Mesmo que ela se saísse bem, o irmão ficaria furioso porque Arista lhe desobedecera e partira sem avisar. Ela afastou essas ideias da cabeça e decidiu que somente mais tarde se preocuparia com tais questões. Eles que a condenassem à forca por traição, se assim o desejassem, contanto que a segurança de Melengar fosse garantida.

Todas as estimativas apontavam que Breckton chegaria em menos de quatro dias. Ela precisava tomar a cidade antes disso. Seu plano era deflagrar a rebelião dentro de dois dias, e sua expectativa era de contar com ao menos dois dias para se recuperar, recolher provimentos junto às fazendas vizinhas e erguer algum esquema de defesa.

Royce carregaria a mensagem. Se ele chegasse logo a Alric, e se Alric agisse rapidamente, um ataque do outro lado do Galewyr poderia ser realizado em poucos dias, e não demoraria mais de dois ou três dias até que a notícia chegasse a Aquesta e novas ordens fossem expedidas para Sir

Breckton. Ela precisaria mantê-lo distante, ao menos até que isso acontecesse. Tudo isso ainda dependeria da tomada da cidade e da vitória sobre a cavalaria de lorde Dermont.

*Dois dias. Quanto tempo geralmente é necessário para o planejamento de uma revolução bem-sucedida?*

Mais do que dois dias. Quanto a isso Arista não tinha dúvida.

— Olá!

Arista se deteve ao passar diante da porta do quarto de Emery, que estava aberta. Ele fora alojado num pequeno cômodo, no topo da escada, na mesma cama em que a princesa de Rhenydd havia dormido naquela noite tempestuosa. Emery havia permanecido inconsciente desde o momento em que fora resgatado dos ferros. Ela se surpreendeu ao vê-lo de olhos abertos, encarando-a. Os cabelos do jovem estavam embaraçados devido ao longo tempo em contato com o travesseiro, e ele exibia no rosto um ar de perplexidade.

— Como você está se sentindo? — perguntou ela suavemente.

— Muito mal — respondeu ele. — Quem é a senhorita? E onde estou?

— Meu nome é Arista, e você está na casa dos Dunlap, na rua Benning — disse ela, depositando a vela na mesa de cabeceira e sentando-se à beira da cama.

— Mas era para eu estar morto — afirmou ele.

— Lamento desapontá-lo, mas achei que você seria mais útil se sobrevivesse — declarou ela, sorrindo.

O rapaz franziu o cenho.

— Útil em quê?

— Não se preocupe com isso agora. Você precisa dormir.

— Não! Diga-me. Eu não vou me aliar aos imperialistas, isso posso garantir!

— Ora! Claro que não vai. Precisamos de sua ajuda para *retomar* a cidade.



Emery olhou para ela, atônito. Seu olhar corria de um lado ao outro do quarto.

— Não estou entendendo.

— Ouvi o seu discurso lá no Gnomo Risonho. Seu plano é bom e nós vamos colocá-lo em prática dentro de dois dias; portanto, você precisa repousar e recuperar as forças.

— “Nós” quem? Quem é a senhorita? Como foi que conseguiu chegar até aqui?

Arista sorriu.

— Acho que é uma questão de prática.

— Prática?

— Digamos que não é a primeira vez que precisei salvar um reino cujo trono estava sob ameaça de ser usurpado por um traidor homicida. Não se preocupe. Volte a dormir. Tudo vai...

— Espere! A senhorita disse que se chama *Arista*?

Ela confirmou.

— A senhorita é a princesa de Melengar!

Ela confirmou novamente.

— Sim.

— Mas... Mas como... Por quê? — questionou ele, tentando se levantar da cama, e fez uma careta.

— Mantenha-se calmo — falou ela com firmeza. — Você precisa repousar. Estou falando sério.

— Eu não deveria ficar deitado na presença da senhorita!

— A não ser que eu assim determinasse, e estou determinando.

— Eu... Eu não posso acreditar... Por quê? Por que a senhorita viria até aqui?

— Vim aqui para ajudar.

— A senhorita é extraordinária.

— E você sobreviveu a um açoite que teria matado qualquer homem cujo bom senso lhe dissesse que ele deveria estar morto. Agora precisa voltar a dormir imediatamente, e isso é uma ordem. Entendido?

— Sim, Vossa Majestade.

Ela sorriu.

— Não sou rainha, Emery, sou apenas uma princesa. Meu irmão é o rei.

Emery se mostrou um tanto desconcertado.

— Vossa Alteza, então.

— Prefiro que me chame de Arista.

Emery ficou boquiaberto.

— Vamos, tente...

— Não é correto.

— E é correto negar o pedido de uma princesa? Sobretudo quando se trata de uma princesa que salvou a sua vida?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Arista — pronunciou Emery com timidez.

Ela sorriu e, impulsivamente, inclinou-se e beijou a fronte dele.

— Boa noite, Emery — falou ela, e se retirou do quarto.

Em seguida, desceu a escada, percorrendo a casa às escuras, e saiu pela porta da frente. A noite estava serena. Conforme Hadrian dissera, o céu se mostrava claro, oferecendo um banquete de estrelas que se derramavam pela imensidão negra. Benning, uma ruela sem saída em cujo final ficava a cocheira dos Dunlap, estava totalmente vazia.

Eram raras as ocasiões em que Arista se via a sós ao ar livre. Hilfred tinha sido uma espécie de sombra constante. Sentia falta dele, mas a sensação de estar sozinha diante da noite era agradável. Fazia apenas poucos dias desde que deixara Medford, mas ela sabia que já não era a mesma pessoa que de lá havia partido. Sempre reudara que sua vida não fosse além da vida de uma mulher privilegiada, indefesa e confinada. Havia conseguido escapar daquele destino assumindo o mais prestigioso, embora igualmente restrito,

papel de embaixadora, uma função que não ia muito além da de um mensageiro de luxo. No entanto, pela primeira vez Arista achava que começava a encontrar sua verdadeira vocação.

A princesa começou a entoar um canto. A magia por ela lançada nos cavaleiros de Seret tinha funcionado, embora ninguém tivesse lhe ensinado como proceder. Ela inventara o feitiço, recorrendo ao seu conhecimento geral acerca da Arte, e alterando o encantamento para focalizar o sangue que corria nas veias dos serets.

*É por isso que se trata de uma arte.*

Havia mesmo uma lacuna em sua educação, mas isso decorria do fato de que o que faltava não podia ser ensinado. Esrahaddon nada escondera. Tal lacuna dizia respeito à própria natureza da magia. Os instrutores podiam ensinar as técnicas e os procedimentos básicos, mas o domínio do conhecimento mecânico jamais seria suficiente para formar um artista. Era impossível ensinar criatividade e inventividade. Era preciso existir uma centelha interna. Era preciso existir algo singular, algo descoberto pelo próprio indivíduo, um entendimento súbito, uma percepção inusitada, uma combinação de elementos conhecidos da qual resultasse algo inesperado.

Arista sabia que essa era a verdade. Soubera disso desde quando matara os cavaleiros. Ao mesmo tempo, tal constatação a deixava entusiasmada e apavorada. A morte terrível dos serets havia tão somente agravado a referida constatação. No entanto, agora, sozinha, de pé no meio do pátio embaixo daquele manto de estrelas, aceitou a constatação, e com isso sentiu-se entusiasmada. Havia riscos, evidentemente, o que era tão inebriante quanto sedutor, e ela se esforçou para controlar as emoções. A lembrança dos gritos dos cavaleiros agonizantes e dos olhares medonhos estampados em seus rostos contribuiu para que conseguisse se conter. Não queria se perder dentro dos próprios poderes. Em sua percepção, a Arte era uma fera, um dragão de potencial ilimitado que ansiava por se libertar, mas uma fera

irracional solta pelo mundo seria algo terrível. Percebeu a sabedoria de Arcadius e a necessidade de conter a paixão por ela própria agora abraçada.

Arista depositou a vela diante de si e começou a se concentrar.

Estendeu os braços e os dedos, como se tocasse suavemente a superfície de um objeto invisível. Uma energia começou a vibrar, como as cordas de uma harpa, à medida que o cântico se tornava mais audível. Não eram as palavras que Esrahaddon lhe ensinara. Tampouco um feitiço instruído por Arcadius. As palavras eram suas. As forças do universo estavam nas pontas de seus dedos, e ela lutou para conter a emoção. Em seguida, tangeu as cordas da harpa invisível. Viu-se capaz de tocar notas isoladas, acordes, melodias, ritmos e uma infinidade de harmonias. As possibilidades de combinações eram impressionantes e as opções eram tantas que Arista ficou perplexa. Seria necessária toda uma vida, ou até mais, para apreender o potencial por ela agora detectado. Naquela noite, contudo, a rota era simples e clara. Um movimento do pulso e um gesto com os dedos, quase como um adeus, e a vela se apagou.

Um vento soprou. A poeira da rua levantou, formando um redemoinho. Folhas mortas e fragmentos de relva voaram pelo ar. As estrelas desapareceram enquanto nuvens espessas cruzavam o céu. Ela ouviu o barulho nos telhados de zinco. Era um som metálico, como um refrão do cântico que havia entoado, então sentiu os pingos da chuva estalarem sobre seu rosto sorridente voltado para cima.

## CAPÍTULO 13

### MODINA



O teto do grande salão do trono imperial era uma abóbada pintada de azul-turquesa, com nuvens fofas e brancas representando o céu de um ameno dia de verão. A pintura era berrante e carecia de inspiração, mas Modina a considerava bela, pois não se lembrava da última vez que avistara o verdadeiro céu.

Desde que havia saído de Dahlgren, sua vida tinha sido um pesadelo, envolvendo pessoas e locais desagradáveis dos quais não podia, nem queria, se lembrar. Não fazia ideia de quanto tempo havia se passado desde a morte de seu pai. Isso pouco importava. Nada importava. O tempo era algo que dizia respeito aos vivos, e se houvesse algo de que tinha certeza era de que estava morta. Um fantasma, vagando como um sonho, empurrado por mãos invisíveis, ouvindo vozes desencarnadas — mas algo tinha mudado.

Amilia havia surgido e, com a chegada dela, a névoa na qual Modina estivera perdida durante tanto tempo tinha começado a se dissipar. Modina

passara a se dar conta do mundo que a cercava.

— Mantenha a cabeça erguida e não olhe para eles — disse Nimbus, dirigindo-se a ela. — A senhorita é a imperatriz e eles estão abaixo; são criaturas desprezíveis, que não merecem sequer um olhar furtivo de seus olhos imperiais. Erga os ombros. Erga os ombros.

Modina, trajando um vestido formal dourado e branco, estava de pé sobre a plataforma imperial, diante de um trono imenso e espalhafatoso. Ela havia arranhado o braço do assento e descoberto que a douração não passava de uma camada fina de esmalte sobre um metal qualquer. A plataforma ficava a 1,5 metro do chão, com uma escada feita por degraus em formato de meia-lua. A escada era removível para que ela fosse exposta como uma espécie de mercadoria, o símbolo perfeito e inalcançável do Novo Império.

Nimbus balançou a cabeça, exprimindo insatisfação:

— Isso não vai funcionar. Ela não está me ouvindo.

— É que ela não está habituada a ficar imóvel durante tanto tempo — disse Amilia.

— Que tal costurarmos um suporte duro por dentro do espartilho dela, amarrando tudo com força? — sugeriu timidamente um criado.

— Na verdade, essa não é uma má ideia — respondeu Amilia. Em seguida, ela olhou para Nimbus e falou: — O que você acha?

— É melhor que seja um suporte *bastante* resistente — comentou Nimbus, sardonicamente.

Chamaram o alfaiate e a costureira real e fizeram uma reunião informal. Tagarelaram sobre costuras, pences e pregas enquanto Modina mantinha os olhos cravados lá embaixo.

*Eles conseguem ver a dor expressa em meu rosto?*

Achava que não. Os olhos deles careciam de simpatia, expressando apenas espanto — espanto e admiração. Eles alternavam sentimentos de enlevo e temor na presença dela. Modina ouvira pessoas dizerem que ela

havia exterminado *um monstro* e que era filha de um deus. Para milhares de soldados, cavaleiros e plebeus, ela era algo que merecia ser idolatrado.

Até recentemente, Modina se alienara de tudo, e sua mente havia se mantido fechada dentro de um buraco negro onde a mais simples tentativa de pensar causava tamanha angústia que ela voltava a se recolher na segurança entediante do abismo. O tempo amainava a dor e lentamente as palavras trocadas em conversas começaram a se infiltrar. E começou a compreender. Segundo o que ouvira, ela e seu pai descendiam de um rei lendário, perdido no tempo. Por isso, só eles eram capazes de ferir o monstro. Ela tinha sido ungida imperatriz, mas não estava certa do significado de tudo aquilo. Por enquanto, o significado se traduzia em dor e isolamento.

Sem demonstrar emoção, Modina fitava as pessoas que a cercavam. Perdera a capacidade de experimentar sentimentos. Não havia medo, raiva, ódio, tampouco amor ou felicidade. Era um fantasma assombrando o próprio corpo, assistindo ao mundo com distanciamento. Nada do que acontecia em torno dela tinha importância — exceto Amilia.

Anteriormente, os indivíduos que gravitavam em torno de Modina eram vultos cinzentos e vagos. Falavam-lhe de noções ridículas, a maioria das quais ela não compreendia, mesmo que desejasse fazê-lo. Amilia era diferente. Modina entendia o que ela lhe falava. Amilia contara histórias da própria família e fizera com que Modina se lembrasse de outra jovem, uma jovem chamada Thrace — que havia morrido e agora não passava de um espectro. A lembrança era dolorida, mas Amilia tinha conseguido lembrá-la de um tempo anterior àquelas trevas, àquele sofrimento, quando existia alguém no mundo que a amava.

Quando Saldur ameaçou despedir Amilia, Modina viu o pavor estampado nos olhos da jovem. Era um pavor que conhecia bem. A voz de Saldur era como o guincho do monstro e, naquele momento, ela despertara

do longo sonho. Naquela noite, seus olhos adquiriram foco, passando a enxergar claramente. Ela não permitiria que o monstro voltasse a vencer.

Em algum ponto da sala do trono, não visível da plataforma do assento real, uma porta bateu. O som ecoou pelas paredes de mármore. Seguiu-se o som de passos e de uma conversa acalorada.

— Não compreendo por que não posso atacar Alric sozinho. — A voz pertencia a um homem nervoso e bem-vestido.

— O exército de Breckton vai se livrar dos nacionalistas sem demora. Então ele pode voltar a Melengar e você poderá garantir seu prêmio, Archie — respondeu a voz de um homem mais velho. — Melengar não vai a lugar algum; e não vale a pena correr o risco.

Ela não reconheceu a voz mais jovem; a mais velha, porém, já ouvira muitas vezes. Pertencia ao regente Ethelred. Os dois nobres e seus séquitos surgiram no campo de visão de Modina. Ethelred vestia o traje habitual: veludo vermelho e seda dourada. O bigode e a barba espessa denunciavam a idade dele, pois já estavam bastante grisalhos.

O jovem que caminhava ao seu lado vestia uma túnica de seda vermelha, com um rufo pregueado em volta do pescoço, uma capa elegante e um chapelão emplumado, combinando perfeitamente com o restante do traje. Era mais alto do que o regente e seus cabelos castanhos desciam pelas costas num rabo de cavalo. Aproximavam-se à frente de um grupo de seis homens: assistentes, criados e funcionários da corte. Modina reconheceu quatro entre os seis, pois já havia visto aquele pequeno séquito antes.

Um era o escrivão da corte, que sempre levava consigo um livro de registros. Era gorducho, tinha as faces alongadas e rosadas e a cabeça um tanto calva. Ele carregava sempre uma pena atrás de cada orelha, fazendo-o se parecer com um estranho pássaro. A postura, sempre obstinada e ereta, bem como o andar empertigado, faziam-na lembrar de uma codorniz caminhando pelo campo, de forma que, desconhecendo o nome dele, em sua mente Modina o identificava como *Codorniz*.



Havia também o criado de Ethelred, por ela identificado como *Rato Branco*, por ser um sujeito magro e pálido, com uma cabeleira branca e um jeito de ser obsequioso e agitado, lembrando um roedor. Ela só o ouvia dizer “Claro, meu senhor”. Ele não parava de retirar fiapos das roupas de Ethelred e estava sempre a postos para despir o manto ou trocar os sapatos do regente.

E havia *Vela*, assim identificado porque era um homem alto e magro, com cabelos ruivos encaracolados e a boca caída, escorrida como cera derretida.

Havia ainda um soldado cujos méritos eram reconhecidos. Ele usava um uniforme do qual pendiam dezenas de fitas coloridas.

— Prefiro um tratamento formal quando estivermos em público — assinalou Archie.

Ethelred se virou bruscamente, surpreso ao perceber que não estavam a sós na sala.

— Ah... — disse ele, simulando um sorriso. Então, com um tom de voz bastante sarcástico, proclamou: — Perdoe-me, *conde de Chadwick*. Não havia notado a presença. Para mim, eles são como o mobiliário. Eu queria dizer, no entanto, que não temos certeza quanto à debilidade de Melengar. Um ataque agora seria uma grande dor de cabeça, e não valeria a pena. Não há a menor chance de Alric nos atacar. Ele não passa de um menino, mas não é tolo a ponto de provocar a destruição do seu reinozinho.

— Aquela é... — Archibald olhou para Modina e parou de andar, de modo que, durante alguns instantes, Ethelred prosseguiu sozinho.

— A imperatriz? Sim — respondeu Ethelred com um tom de voz que revelava certa irritação diante da possibilidade de o conde não ter ouvido o que ele havia acabado de falar.

— Ela... Ela é... linda.

— Hein? Sim, acho que é mesmo — comentou Ethelred, sem desviar o olhar. Em vez disso, voltou-se para Amilia, que, a exemplo dos demais,

mantinha-se perfilada, os olhos cravados no chão. — Saldur me disse que você foi nossa agente de milagres. Conseguiu fazer com que ela se alimentasse, falasse e colaborasse conosco. Fiquei satisfeito com a notícia.

Amilia fez uma reverência, em silêncio.

— Ela vai estar pronta, certo? Não podemos repetir o fiasco que foi a coroação. Ela sequer pôde comparecer. Você vai cuidar de tudo, não vai?

— Sim, meu senhor — disse Amilia, fazendo mais uma reverência.

Os olhos do conde de Chadwick se mantiveram focados em Modina e ela se surpreendeu com a expressão lá constatada. Não se tratava do olhar admirado que via nos semblantes dos funcionários do palácio, tampouco era o ar de frieza e indiferença geralmente adotado pelas pessoas que dela cuidavam. A fisionomia dele exibia um largo sorriso.

Um soldado entrou na sala, aproximando-se deles com passos determinados. O militar das fitas coloridas se adiantou, a fim de interceptá-lo. Trocaram sussurros durante alguns instantes, então o soldado lhe entregou alguns pergaminhos. O Homem das Fitas os abriu e leu silenciosamente antes de voltar para o lado de Ethelred.

— Do que se trata?

— Meu senhor, a frota do almirante Gafton, responsável pelo bloqueio, conseguiu capturar o *Ellis Far*, uma pequena corveta, no litoral de Melengar. A bordo encontraram pergaminhos assinados pelo rei Alric concedendo a um emissário permissão e plenos poderes para negociar em nome da coroa de Melengar. Infelizmente, o emissário e o comandante da corveta foram mortos durante a ação. Mas o timoneiro foi capturado e obrigado a confessar que o destino da embarcação era Tur Del Fur.

Ethelred balançou a cabeça, expressando compreensão das implicações.

— Estão tentando se aliar aos nacionalistas. Mas isso já era esperado. Quer dizer que a corveta partiu de Roe?

— Sim.

— Você tem certeza de que nenhum outro navio furou o bloqueio?

— Consta que o navio viajava sozinho.

Enquanto Ethelred e o soldado conversavam e os demais presentes na sala se mantinham imóveis como estátuas, o conde de Chadwick fitava a imperatriz. Modina não olhava para ele e o jeito como ele olhava para ela a deixou constrangida.

Archie subiu os degraus e se ajoelhou.

— Vossa Eminência — começou ele, pegando, gentilmente, a mão da jovem e beijando o anel dela. — Sou Archibald Ballentyne, o 12º conde de Chadwick.

Modina nada respondeu.

— Archibald? — Novamente era a voz de Ethelred.

— Desculpe-me a abordagem impulsiva — prosseguiu o conde —, mas não consegui me conter. É estranho não termos nos conhecido antes. Estive em Aquesta muitas vezes, porém nunca tive o prazer. Má sorte, suponho. Decerto, Vossa Eminência tem estado ocupada e, sendo comandante de um grande exército, eu também tenho estado ocupado. Eventos recentes me trouxeram até aqui, o que não me agradou muito. Isto é, até agora. Eu estava bastante satisfeito, conquistando novas terras para seu crescente império, e me desagradou a ideia de interromper as conquistas. Mas o desagrado se transformou em plena satisfação desde que fui abençoado com a visão de seu esplendor.

— Archie! — Ethelred o chamava havia alguns minutos, mas somente quando empregou o nome íntimo a atenção do sujeito bem-vestido finalmente se desviou da imperatriz. — Pare com essas bobagens, por favor! Precisamos prosseguir para a reunião.

O conde franziu o cenho, irritado.

— Por favor, perdoe-me, Vossa Eminência, mas o dever me chama.



Assim que a aula acabou, Modina trocou de roupa, voltando ao vestido simples, e foi escoltada até o quarto. Ela se lembrava de que, anteriormente, dois soldados do palácio costumavam escoltá-la, mas agora havia apenas um. O nome dele era Gerald. O nome era tudo o que ela sabia dele, o que era estranho, pois o via diariamente. Gerald a acompanhava aonde fosse, e ficava de guarda à porta de seu quarto. Modina supunha que ele tivesse períodos de descanso, provavelmente durante a noite, mas pela manhã, quando ela e Amilia saíam para tomar o café, ele estava sempre a postos. Gerald jamais falava. Os dois formavam uma dupla silenciosa.

Quando chegou ao quarto, a porta estava aberta e o escuro interior a aguardava. Ele nunca a obrigava a entrar. Nunca tocava nela. Apenas esperava, pacientemente, assumindo seu posto ao lado da porta. Modina hesitou diante do batente, e, quando olhou para Gerald, ele desviou o olhar para o chão.

— Esperem. — Amilia correu pelo corredor, em direção aos dois. — Sua Eminência vai se mudar hoje.

Tanto Gerald quanto Modina pareceram confusos.

— Desisti de falar com o lorde camareiro — declarou Amilia. Falava às pressas, e parecia se dirigir aos dois ao mesmo tempo. — Nimbus tem razão... Afinal, sou secretária da imperatriz — disse ela, então se dirigiu a Gerald. — Por favor, acompanhe Sua Eminência aos novos aposentos, no quinto andar da ala leste.

A ordem foi expedida com um tom de voz fraco, longe de pertencer a uma nobre. Carecia de confiança, da contundência da arrogância. Houve um hiato de tempo, um instante de incerteza, durante o qual ninguém se moveu, ninguém falou. Decidida, Amilia agora se manteve empertigada, encarando Gerald. Pela primeira vez Modina notou o tamanho do soldado, a espada na bainha e o uniforme da guarda do castelo. A aparência dele era impecável, absolutamente ereta, todos os metais polidos.

Gerald fez que sim e deu um passo para o lado.

— Por aqui, Vossa Eminência — indicou Amilia, suspirando.

Os três se encaminharam à escadaria central, enquanto Amilia continuava a falar:

— Consegui que ela se alimentasse, consegui que ela falasse... Só quero um local melhor para ela dormir. Como poderão negar isso? Ninguém mora no quinto andar.

Quando chegaram ao salão principal, passaram por diversos criados, que se mostraram bastante surpresos. Uma jovem se deteve, abismada.

— Anna! — exclamou Amilia, chamando a atenção da moça. — Você é Anna, não é?

A jovem fez que sim, incapaz de desviar o olhar da direção de Modina.

— A imperatriz está se mudando para um quarto no quinto andar. Corra e vá buscar roupa de cama e travesseiros.

— Ah, mas Edith me mandou esfregar o...

— Esqueça Edith.

— Ela vai me bater.

— Não vai, não — garantiu Amilia, e pensou por um momento. Falando com inusitada autoridade, prosseguiu: — A partir de agora, você vai trabalhar para a imperatriz... vai ser a camareira pessoal dela. A partir de agora, vai se reportar diretamente a mim. Entendeu?

Anna parecia chocada.

— O que você prefere? — indagou Amilia. — Desafiar Edith Mon ou negar serviço à imperatriz? Então pegue logo a roupa de cama e prepare o melhor quarto do quinto andar.

— Sim, Vossa Eminência — disse ela, dirigindo-se a Modina —, imediatamente.

Subiram a escada, passando rapidamente pelo quarto andar. Na ala leste, o quinto andar era um corredor comprido, com cinco portas. A luz entrava através de uma abertura estreita, situada do lado oposto à escada, revelando o corredor empoeirado.

Amília olhou para as portas, durante alguns instantes. Dando de ombros, abriu uma delas, fez um gesto, indicando-lhes que esperassem por ela, e entrou no recinto. Ao voltar, contraiu o cenho e disse:

— Vamos esperar por Anna.

Não precisaram esperar muito. A criada, seguida por dois meninos com flanelas, uma vassoura, um esfregão e um balde, surgiu com os braços abarrotados de roupa de cama. Anna ofegava e sua fronte brilhava com suor. Percorrendo o corredor, escolheu a porta que ficava mais ao fundo. Ela e os meninos se apressaram em entrar no quarto. Amília os seguiu. Pouco tempo depois, os meninos saíram correndo e voltaram com diversos itens: travesseiros, um cobertor, mais água, escovões. Modina e Gerald aguardaram no corredor, escutando grunhidos, batidas e esfregadas. Logo Anna saiu, coberta de sujeira e pó, trazendo consigo braçadas de flanelas sujas. Então Amília ressurgiu e fez um gesto para que Modina entrasse.

Luz do sol. Ela avistou o raio brilhante que parecia cortar o chão, passar pela parede coberta por uma tapeçaria e por uma cama imensa, arrumada com lençóis de cetim e uma pilha de travesseiros macios. Sobre o piso havia um tapete espesso, e sobre uma bancada via-se um espelho e uma bacia. Ao lado da lareira, havia uma pequena escrivaninha. Na parede oposta ficava a janela, devidamente aberta.

Modina avançou até a janela e olhou para o céu. Ao respirar o ar puro, caiu de joelhos. A janela era estreita, mas ela pôde ver o pátio lá embaixo, e conseguiu olhar diretamente para o céu azul — o céu de verdade. Apoiou a cabeça no parapeito, deliciando-se ao sol, como a vítima de uma seca se deliciaria com água. Até aquele momento não tinha percebido como estava sedenta por ar puro e pela luz do sol. Talvez Amília houvesse lhe dirigido a palavra, mas estava ocupada demais contemplando o céu para perceber.

Os aromas eram um deleite especial. Soprava uma brisa fresca, cujo odor se mesclava ao dos estábulos localizados no pátio. Para ela, aquele era um cheiro reconfortante, conhecido, animador. Pássaros voavam. Um casal de

pardais cruzou o ar como setas, então mergulhou, realizando acrobacias aéreas, em intensa perseguição. Tinham um ninho numa fenda acima de uma das janelas que pontilhavam a parede externa.

Modina não sabia quanto tempo permanecera ajoelhada. Em dado momento, notou que estava sozinha. A porta estava fechada e um cobertor tinha sido colocado sobre seus ombros. Finalmente, ouviu vozes vindas lá debaixo.

— Já gastamos tempo demais com essa história, Archibald. O assunto está encerrado.

A voz era de Ethelred, vinda de uma das janelas abaixo daquela em que Modina se encontrava.

— Sei que você está decepcionado. — Ela ouviu, e reconheceu o tom paternal do regente Saldur. — Mas é preciso levar em conta o contexto geral. Não se trata de uma corrida insana para conquistar terras. Estamos construindo um império.

— Dois meses no comando de um exército e ele age como se fosse um general experiente! — declarou Ethelred, rindo.

Outra voz soou, num volume demasiado baixo, talvez partindo de um ponto longe demais da janela, e Modina não pôde ouvi-la. Então voltou a escutar o conde.

— Já tomei Glouston e o vale de Rilán, e o fiz por meio de uma ação bélica, conquistando assim toda a fronteira norte de Warric. Acho que já dei provas de minha competência.

— Competência? Você deixou o marquês Lanaklin escapar para Melengar e não conseguiu tomar os campos de trigo em Rilán, que acabaram incendiados. Aquele trigo teria alimentado todo o exército imperial durante um ano, mas a colheita foi perdida, porque você se preocupou em tomar um castelo vazio.

— Não estava vazio...

Mais palavras foram pronunciadas; no entanto, o volume das vozes estava baixo demais, sendo impossível ouvi-las.

— O marquês escapou. A razão para tomar o castelo desapareceu quando ele se foi — estrondou o vozeirão de Ethelred. Era provável que o regente estivesse ao lado da janela, pois Modina conseguia ouvi-lo muito bem.

— Cavalheiros — interveio Saldur —, águas passadas. O que passou, passou. Precisamos nos preocupar com o presente e o futuro, e, neste momento, presente e futuro atendem pelo mesmo nome: Gaunt.

Mais uma vez, Modina percebeu a presença de outras vozes, embora praticamente inaudíveis. Tudo o que ela conseguia ouvir era o ruído das enxadas dos criados, capinando na horta, lá embaixo.

— Concordo — disse Ethelred subitamente. — Deveríamos ter matado aquele filho da mãe há anos.

— Calma, Lanis — reverberou a voz de Saldur. Modina não sabia dizer se Saldur empregava o primeiro nome de Ethelred ou se estava se dirigindo a outro indivíduo, cuja voz estava longe demais para ser captada. — Tudo em seu devido tempo. Todos sabíamos que os nacionalistas não abririam mão da liberdade sem lutar. É preciso reconhecer que não fazíamos ideia de que Gaunt fosse comandá-los como general, nem que ele se tornaria um comandante militar tão hábil. Achávamos que não fosse mais do que um anarquista irritante, uma voz solitária no deserto, como o nosso diácono Tomas. Admito que a transformação dele em general talentoso foi algo inesperado. Mesmo assim, o sucesso de Gaunt não escapa ao nosso controle.

— Como assim? — perguntou alguém.

— Luis Guy teve a visão de nos trazer um homem capaz de lidar com os problemas de Delgos e Gaunt, e hoje quero lhes apresentar tal indivíduo. Cavalheiros, gostaria de lhes apresentar Merrick Marius. — Dito isso, a voz se tornou um tanto inaudível. — Trata-se de um homem notável... Tem trabalhado para nós há... Lidando com... — A voz de Saldur desapareceu, longe demais da janela.



Seguiu-se um longo silêncio, então Ethelred voltou a falar:

— Deixem-no concluir. Vocês vão entender.

Novamente, as palavras soaram fracas demais e ela não pôde ouvi-las.

Modina passou a ouvir o vento, que se tornava mais intenso, fazendo galhos farfalharem ao longe. Os pardais voltaram e recomeçaram a brincadeira, formando círculos no ar. Do pátio, lá embaixo, vinham os brados dos soldados durante uma troca da guarda. Ela quase se esquecera da conversa que transcorria no andar inferior, quando ouviu uma brusca exclamação coletiva.

— Tur Del Fur? Você está falando sério? — perguntou uma voz desconhecida em tom de perplexidade.

Novo burburinho.

— ... e, como eu disse, isso seria o fim de Degan Gaunt e dos nacionalistas para sempre — voltou a voz de Saldur.

— Mas a esse custo, Saldur? — surgiu outra voz. Anteriormente longe demais, essa voz agora soava em alto e bom som.

— Não temos escolha — interveio Ethelred. — Os nacionalistas estão marchando para o norte, em direção a Ratibor. Eles precisam ser detidos.

— Isso é loucura. Não acredito que você esteja sequer contemplando tal possibilidade!

— Estamos fazendo bem mais do que contemplar. Quase tudo já está providenciado. Não é mesmo? — perguntou Saldur.

Modina se esforçou para ouvir, mas a voz que respondeu soou baixa demais.

— Vamos enviar por navio, depois que formos informados de que tudo está pronto — explicou Saldur. Seguiu-se nova pausa, e ele tornou a falar: — Acho que todos estamos de acordo quanto a isso.

— Não vejo motivo para mais hesitação — comentou Ethelred. — Estamos então de acordo?

Várias vozes expressaram concordância.

— Excelente. Marius, você precisa partir imediatamente...

— Mas ainda resta uma questão... — Ela ainda não tinha ouvido aquela voz, que logo se tornou inaudível, provavelmente porque o respectivo dono se afastara da janela.

A voz de Saldur ressurgiu.

— Você conseguiu? Onde? Diga-nos imediatamente!

Mais burburinho.

— Ora, homem! Garanto que você será pago! — exclamou Ethelred.

— Se ele já o levou até o Herdeiro, não terá mais utilidade para nós. Não é mesmo, Saldur? Você e Guy têm mais interesse nisso, porém, a menos que você faça alguma objeção, recomendaria que dessem cabo dele o quanto antes.

Mais uma pausa demorada.

— Acho que o Império de Nyphron vem bem a calhar, você não acha? — questionou Saldur.

— Você é um mago e tanto, não é, Marius? — comentou Ethelred. — Deveríamos ter contratado seus serviços antes. Não sou muito chegado a Luis Guy nem a qualquer outra das sentinelas do patriarca, mas, pelo jeito, a decisão dele de contratá-lo foi acertada.

O volume das vozes diminuiu gradualmente, até que tudo se aquietou. A maior parte do que ela ouvira não era do seu interesse — uma série de nomes e lugares desconhecidos. Modina tinha apenas vagas noções a respeito dos termos nacionalista, monarquista e imperialista. Tur Del Fur era uma cidade famosa, em algum ponto ao sul, da qual ela ouvira falar. Mas Degan Gaunt era um nome como outro qualquer. Sentiu-se aliviada com o final da conversa. Preferia os sons plácidos do vento, das árvores e dos pássaros. Tais sons a transportavam a um tempo no passado, a um lugar diferente. Sentada diante da janela, contemplando aquele pedaço de mundo, percebeu-se desejando ainda conseguir chorar.

## CAPÍTULO 14

### A VÉSPERA



Gill teve dificuldade de enxergar com clareza, pois a chuva era torrencial, mas estava certo de que um homem seguia diretamente em sua direção. Apalpou a lateral do corpo, em busca da corneta ali pendurada, e se arrependeu de tê-la enfiado embaixo da capa naquela manhã. Em trinta vigílias, jamais precisara recorrer à corneta. Fixou a vista na cortina cinzenta — nada de exército, apenas um homem.

O sujeito vestia uma capa que caía sobre o corpo dele como um trapo encharcado, o capuz caído às costas e os cabelos escorridos pelo rosto. Não usava armadura nem portava escudo, mas duas espadas pendiam do cinto e Gill avistou o cabo de um montante, projetado acima das costas. O homem caminhava com firmeza pelo campo lamacento. Parecia estar sozinho e dificilmente constituiria uma ameaça aos quase mil homens acampados na encosta do morro. Se soasse o alarme sem motivo, Gill seria para sempre

objeto de troça. Tinha certeza de que seria capaz de lidar com um único indivíduo.

— Alto! — bradou Gill, superando o barulho da chuva, sacando e apontando a espada em direção ao estranho. — Quem é você e o que quer?

— Estou aqui para falar com o comandante Parker — declarou o homem, sem diminuir o ritmo das passadas. — Leve-me a ele imediatamente.

Gill deu uma risada.

— Ah, você é um valentão? — disse ele, a espada estendida. O estranho caminhou diretamente até a ponta da espada, como se pretendesse ali se espetar. — Pare, senão vou...

Antes que Gill pudesse concluir a frase, o homem golpeou a lâmina. A vibração desceu pelo metal, comprometendo a empunhadura do soldado. Um segundo depois, o homem tinha na mão a espada de Gill e já a apontava contra ele.

— Eu lhe dei uma ordem, vigia — retorquiu o estranho. — Não costumo repetir ordens às minhas tropas. Obedeça ou mandarei açoitá-lo.

Em seguida, o homem lhe devolveu a espada, o que piorou ainda mais a situação.

— Qual é o seu nome, vigia?

— Gill, ah... senhor — respondeu ele, acrescentando a palavra *senhor* caso o homem fosse um oficial.

— Gill, no futuro, quando estiver em vigília, arme-se de uma besta e jamais deixe que alguém se aproxime mais de 100 metros, mesmo que seja um homem sozinho, sem vazá-lo com um virote, entendido?

O homem não esperou por resposta. Passou por ele e seguiu morro acima, caminhando pela relva molhada.

— Sim, sim, senhor... Mas eu não tenho uma besta, senhor — disse Gill, correndo para acompanhá-lo.

— Então é melhor você conseguir uma, não é mesmo? — sugeriu o homem, falando por cima do ombro.

— Sim, senhor — respondeu Gill meneando a cabeça, embora o homem já seguisse à frente dele.

O estranho passou por uma série de barracas, dirigindo-se ao centro do acampamento. Todos estavam no interior dos abrigos, protegendo-se da chuva, e ninguém viu quando passou. As barracas formavam um emaranhado de cordas e lonas sustentadas por varas de madeira. Cada uma era diferente da outra, pois os soldados juntavam itens à medida que avançavam. A maioria das lonas tinha sido cortada de velas de navios confiscados nos portos de Vernes e Kilnar. Algumas barracas foram improvisadas com lençóis, e raras eram as tendas autênticas.

O estranho parou no topo do morro. Quando Gill o alcançou, ele perguntou:

— Qual é a barraca de Parker?

— Parker? Ele não está acampado, senhor. Está na casa da fazenda, lá embaixo — disse Gill, apontando.

— Gill, por que você está fora do posto? — rosnou o sargento Milford, saindo de sua tenda e piscando, pois a chuva atingia os olhos dele. Estava embrulhado num cobertor, de cuja base se projetavam seus pés pálidos e descalços.

— Bem... Eu... — começou a falar Gill, mas foi interrompido pelo estranho.

— E quem é esse? — disse o estranho, aproximando-se de Milford, franzindo o cenho e apoiando as mãos nos quadris.

— Esse é o sargento Milford, senhor — respondeu Gill, e o sargento pareceu confuso.

O estranho o inspecionou e meneou a cabeça.

— Sargento, pelo amor de Maribor! Onde está a sua espada?

— Na minha barraca, mas...

— Você não acha necessário portar a espada quando um exército inimigo está posicionado a menos de dois quilômetros de distância, podendo atacar

a qualquer instante?

— Eu estava dormindo, senhor!

— Olhe para cima, sargento! — disse o homem.

O sargento ergueu a cabeça, semicerrando os olhos, pois a chuva batia em seu rosto.

— Como pode ver, já está amanhecendo.

— Ah, é mesmo, senhor. Desculpe, senhor.

— Agora vista-se e providencie outro vigia para o posto de Gill, imediatamente. Entendido?

— Sim, senhor. Imediatamente, senhor!

— Gill!

— Sim, senhor! — respondeu Gill, dando um salto.

— Vamos andando. Estou atrasado.

— Sim, senhor! — Gill voltou a segui-lo aturdido, dando de ombros para o sargento quando passou por ele.

O grosso das tropas estava acampado no local conhecido como monte Bingham, supostamente em homenagem a um agricultor chamado Bingham, que cultivava cevada e centeio em campos abaixo dali. Gill ouvira dizer que a confusão tinha sido grande quando o comandante Gaunt informou a Bingham que o exército acamparia na propriedade dele e que utilizaria sua casa como quartel-general. A casa idílica, com telhado de colmo e vigas de madeira, viu-se cercada por um mar de tendas amontoadas. As flores que margeavam o caminho tinham sido esmigalhadas por centenas de botas. O celeiro passou a abrigar os oficiais; o estábulo serviu de depósito, bem como enfermaria e taverna para os oficiais com patentes. Havia barracas por toda parte e centenas de fogueiras deixavam círculos marcados no solo.

— Informe ao comandante Parker que estou aqui — solicitou o estranho a um dos guardas que estavam no pórtico.

— E quem é o senhor?

— Marechal lorde Blackwater.

A sentinela hesitou por um instante, então desapareceu no interior da casa. Voltando logo em seguida, ele abriu a porta.

— Obrigado, Gill. Isso é tudo — falou o estranho enquanto entrava na casa.



— O senhor é o comandante Parker? — perguntou Hadrian ao homem corpulento posicionado diante dele, com um aspecto meio desleixado, trajando um colete preto curto e um culote branco encardido. Um nariz arrebitado pendia do meio de seu rosto flácido, apoiado sobre um pescoço largo e bambo.

O comandante estava sentado a uma mesa de madeira tosca, coberta de velas, mapas, documentos e um prato fumegante de presunto com ovos. Ele se levantou, retirando um guardanapo preso ao pescoço, e limpou a boca.

— Sou. E o senhor é o marechal Blackwater? Não fui informado sobre a...

— Marechal *lorde* Blackwater — disse ele, corrigindo o interlocutor com um sorriso amável, e entregando-lhe a carta de referência.

Parker pegou a carta, abriu-a bruscamente e começou a ler.

Vigas de madeira, um tanto tortas, dividiam as paredes pálidas e amareladas. Ao longo das paredes, pendiam panelas, sacos, utensílios de cozinha e algo que Hadrian achava serem a espada e o manto do comandante Parker. Cestas, baldes e jarras se amontoavam pelos cantos, a fim de liberar a passagem.

Após ler a carta, Parker voltou à cadeira onde estivera sentado e novamente prendeu o guardanapo no colarinho.

— Você não é um lorde, é?

Hadrian hesitou, brevemente.

— Bem, a rigor, sou, sim; ao menos por enquanto.

— O que você é, quando não é lorde?

— Acho que posso ser chamado de mercenário. Já fiz muita coisa diferente nos últimos anos.

— Por que a princesa de Melengar enviaria um mercenário ao meu encontro?

— Porque posso vencer essa batalha para o senhor.

— O que o faz pensar que *eu* não posso vencê-la?

— O fato de o senhor ainda se encontrar nesta casa, em vez de estar na cidade. É provável que o senhor seja bom administrador e bom oficial de intendência, e tenho certeza de que é um ótimo contador, mas uma guerra é mais do que números num livro de registros contábeis. Com Gaunt fora de cena, talvez o senhor se sinta meio incerto quanto aos passos que deve dar. É nisso que posso ajudá-lo. Acontece que tenho larga experiência em combate.

— Quer dizer que o senhor está a par do desaparecimento de Gaunt.

Hadrian não gostou do tom de voz do comandante. Havia nele algo dissimulado e ameaçador. Agressividade era sua melhor forma de abordar.

— O exército está acampado aqui há dias e o senhor ainda não desferiu um ataque sequer contra o inimigo.

— Está chovendo — respondeu Parker. — O campo virou um lodaçal.

— Exatamente — disse Hadrian. — É por isso que o senhor deve atacar. A chuva vai ser uma vantagem. Convoque seus capitães e esclarecerei como poderemos tirar vantagem das presentes condições climáticas, mas precisamos agir rapidamente...

— Você bem que gostaria disso, não é? — Novamente aquele tom de voz, agora ainda mais ameaçador. — Tenho uma ideia melhor. Que tal você me esclarecer por que Arista Essendon trairia Degan?

— Ela não o traiu. O senhor não está entendendo. Ela está...

— Ah, mas traiu, sim! — Parker se levantou e jogou o guardanapo no chão, como se fosse uma luva atirada como desafio para um duelo. — E você



não precisa mais mentir. Eu sei por quê. Ela o traiu para salvar aquele reinozinho infeliz — declarou ele, dando um passo para a frente e esbarrando na mesa. — Destruindo Degan, ela pretende obter favores para Melengar. Então quais são as suas ordens verdadeiras? — perguntou ele, avançando e apontando um dedo acusador. — Conquistar a nossa confiança? Emboscar o nosso exército, conforme vocês fizeram com Gaunt? Foram vocês? Você participou? Você foi um dos que o agarraram?

Parker olhou para as espadas de Hadrian.

— Ou será que sua ordem é se aproximar de mim com o propósito de me matar? — questionou ele, cambaleando para trás e batendo a cabeça numa panela, que caiu causando um estardalhaço. O barulho fez com que Parker desse um pulo. — Simms! Fall! — gritou ele, e as duas sentinelas entraram correndo.

— Senhor! — disseram eles em uníssono.

— Tirem as espadas dele. Acorrentem-no ao pilar. Levem-no da minha...

— O senhor não está entendendo. Arista não é sua inimiga — interrompeu-o Hadrian.

— Ah, estou entendendo sim, perfeitamente.

— Ela foi manipulada pelo Império, tanto quanto Gaunt.

— Quer dizer que ela também está desaparecida?

— Não, ela está em Ratibor neste momento, planejando uma rebelião para auxiliar o seu ataque.

Ao ouvir isso, Parker deu uma gargalhada.

— Ora, senhor, por favor! O senhor precisa aprender a mentir. A *princesa* de Melengar organizando uma rebelião em Ratibor? Levem-no daqui.

Um dos soldados sacou a espada.

— Deponha as suas armas, agora!

Hadrian avaliou as opções. Poderia correr, mas não teria outra chance de convencê-los. Para capturar Parker, teria de matar Simms e Fall, destruindo

assim qualquer perspectiva de conquistar a confiança deles. Sem opção, suspirou e desafiou o cinto.



— A senhorita está confiante de que Hadrian vai convencer os nacionalistas a atacar amanhã de manhã? — perguntou Polido a Arista, os dois sentados à mesa dos Dunlap.

Lá fora, a tempestade prosseguia.

— Confio no sucesso dele, assim como confio no nosso — respondeu Arista.

Polido exibiu um sorriso forçado.

— Eu esqueço que a senhorita é diplomata.

Mais oito pessoas estavam sentadas em torno da mesa, sobre a qual a cidade havia sido mapeada e marcada com bugigangas retiradas das prateleiras da Sra. Dunlap. Os presentes foram selecionados a dedo por Hadrian, pelo Dr. Gerand, por Polido e por Emery, que já restabelecera a saúde e o apetite voraz.

Na ausência de Royce e Hadrian, Arista passava a maior parte do tempo conversando com o jovem Sr. Dorn. Embora ele não mais gaguejasse ao chamá-la pelo primeiro nome, a admiração em seus olhos era inconfundível e Arista se surpreendeu sorrindo um tanto encabulada. Ele tinha um belo rosto — alegre e expressivo — e, ainda que fosse mais jovem que Alric, ela o considerava mais amadurecido. Talvez tal amadurecimento decorresse de uma vida de atribulações e muita luta.

Desde que ele recuperara a consciência, Arista vinha lhe relatando as vicissitudes que a levaram até ali. Emery disse a ela que a morte da mãe tinha lhe servido de incentivo e falou da experiência de crescer na condição de filho de soldado. Compartilharam recordações de incêndios que

roubaram entes queridos deles. Ela ouviu o desabafo sobre uma infância de órfão, um relato feito com tamanha intensidade que seus olhos se encheram de lágrimas. Ele sabia usar as palavras e com elas provocava emoções e empatia. Arista se deu conta de que Emery poderia ter mudado o mundo se ao menos tivesse nascido nobre. Ao ouvi-lo falar de seus ideais, de sua paixão pela justiça e pela piedade, ela percebeu o que seria esperado de Degan Gaunt: um plebeu com coração de rei.

— Vocês precisam entender que isso não depende só de mim — comentou Polido. — Eu não estabeleço as políticas da organização. Simplesmente não tenho autoridade para sancionar um ataque, sobretudo quando não há ganhos concretos em vista. Mesmo que a vitória seja garantida, as minhas mãos estarão amarradas.

— Não há ganhos concretos? — questionou Emery, atônito. — Temos uma cidade inteira a ganhar! Além disso, se o exército imperial for expulso do campo, talvez todo o reino de Rhenydd se curve à bandeira da República de Delgos.

— Eu gostaria de acrescentar — disse Arista — que uma derrota dos imperialistas aqui deixaria Aquesta vulnerável a um assalto por parte dos demais nacionalistas, Melengar e até por Trent, se eu conseguir obter uma aliança com eles. Caso Aquesta caia, a cidade de Colnora será libertada, e alguns comerciantes poderosos poderiam ser instituídos de poderes legítimos.

— A senhorita é competente. Isso devo reconhecer — falou Polido. — Mas há uma série de *se* nesse cenário, e os monarquistas não vão permitir que Colnora seja governada por um plebeu. Lanaklin assumiria o trono de Warric e provavelmente apontaria seu próprio duque para o governo da cidade.

— Bem, é certo que a posição do Diamante continuará a enfraquecer se vocês se negarem a nos ajudar, e a força do Novo Império continuará a crescer — retorquiu Arista.

Polido fez careta e balançou a cabeça.

— Isso está muito além do meu mandato. Eu simplesmente não posso me comprometer sem ordens do Joia. De modo geral, os imperialistas não incomodam o Diamante. Para eles, somos tão inevitáveis quanto os ratos do esgoto. Se não criarmos muita encrenca, eles nos deixarão em paz. Mas, se fizermos o que a senhorita está pedindo, eles vão declarar guerra contra nós. O Diamante já não será neutro. Seremos um alvo em todas as cidades dominadas pelos imperialistas. Pode haver centenas de prisões ou execuções.

— Poderíamos manter em segredo o envolvimento de vocês — sugeriu Emery.

Polido deu uma risada.

— O vencedor é quem escolhe os segredos a serem mantidos; portanto, insisto em obter provas do sucesso antes de apoiá-los. Ambos sabemos que a coisa é impossível. Se as chances fossem boas, vocês nem precisariam da nossa assistência. Não, sinto muito. Os meus ratos vão colaborar na medida do possível, mas não participaremos do ataque.

— Você pode, ao menos, providenciar para que a porta do arsenal fique destrancada? — perguntou Emery.

Polido pensou por um momento e concordou.

— Isso eu posso fazer.

— Podemos, então, voltar a discutir os planos? — perguntou o Dr. Gerand.

Antes de sair, Hadrian havia detalhado uma estratégia para tomar a cidade. A ideia de Emery era boa, mas uma ideia isolada não era o mesmo que um plano de batalha, e todos ficaram gratos pela assessoria prestada por Hadrian. Ele explicara que o fator surpresa era a melhor arma da qual dispunham, e que pegar o arsenal desprevenido era a melhor tática. Depois disso, a coisa se tornaria mais difícil. O maior adversário seria o tempo. Era

crucial tomar o depósito de armas, mas precisavam agir rapidamente, para se preparar para o ataque a ser desferido pela guarnição.

— Eu comando os homens no assalto ao arsenal — declarou Emery. — Se sobreviver, assumirei meu posto na praça, no ponto em que a linha de frente estiver mais vulnerável.

Todos concordaram com um ar grave.

Os planos de Hadrian estabeleciam ainda que os homens formassem duas fileiras, uma na frente da outra, encarando o arsenal, e que deixassem, propositadamente, um ponto fraco. Soldados profissionais haveriam de procurar pontos vulneráveis, de modo que os rebeldes poderiam, então, prever o local em que o ataque seria mais intenso. Hadrian advertiu que lá haveria o maior número de baixas, porém a tática também permitiria que a população da cidade cercasse a linha, gerando uma manobra devastadora, que muito se beneficiaria da superioridade numérica dos rebeldes.

— Eu comando o flanco esquerdo — disse Arista, e todos olharam para ela espantados.

— Princesa — falou Emery —, a senhorita sabe o quanto a estimo, mas o campo de batalha não é local para mulheres, e eu ficaria arrasado se a sua vida fosse exposta a qualquer perigo.

— Minha vida será exposta ao perigo onde quer que eu esteja; portanto, é melhor que eu me faça útil. Além do mais, essa ideia partiu de mim. Não posso me omitir enquanto todos vocês arriscam a vida.

— A senhorita não tem do que se envergonhar — disse o Dr. Gerand. — A senhorita já fez mais por nós do que podemos lhe retribuir.

— Mesmo assim — retrucou ela, decidida —, vou integrar as fileiras.

— A senhorita sabe manejar uma espada? — perguntou Perin, o dono da mercearia. Seu tom de voz não era de brincadeira nem de sarcasmo, mas de espanto, como se ele esperasse que Arista respondesse afirmando ser um célebre espadachim.

A sobrevivência milagrosa de Emery foi um dos fatores que mais incitaram a rebelião. Arista havia subestimado a força de seu nome. Emery afirmou que ela e o irmão eram heróis para os indivíduos que quisessem se opor ao Novo Império. A vitória dos irmãos contra Percy Braga, imortalizada na peça teatral itinerante, servira de inspiração a muita gente em Apeladorn. Bastava que os homens responsáveis pelo recrutamento sussurrassem que Arista Essendon estava em Ratibor e que tinha resgatado Emery da morte nas mãos do Império, para a maioria das pessoas acreditar na certeza da vitória.

— Bem — disse ela —, tenho tanta experiência com uma espada quanto a maioria dos comerciantes, lavradores e artesãos que estarão lutando ao meu lado.

Durante um bom tempo, ninguém abriu a boca, então Emery se pôs de pé.

— Perdoe-me, Vossa Alteza, mas não posso permitir que a senhorita faça uma coisa dessas.

Arista lhe dirigiu um olhar duro e desafiador, e o semblante de Emery se contraiu, revelando que, em se tratando da princesa, um simples olhar de reprovação bastava para deixá-lo aturdido.

— E como você pretende me impedir? — retrucou ela, lembrando-se das tantas vezes que seu pai, seu irmão ou até mesmo o conde Pickering a enxotaram do salão do conselho, afirmando que seria mais produtivo para Arista se dedicar aos bordados.

— Se a senhorita insistir em lutar, eu não luto — disse ele, simplesmente.

O Dr. Gerand se levantou.

— Eu tampouco lutarei.

— Nem eu — afirmou Perin, levantando-se também.

Arista se voltou para Emery, franzindo o cenho. Novamente, o olhar dela parecia feri-lo, mas ele se manteve resoluto.

— Muito bem. Sentem-se. Vocês venceram — declarou Arista.

— Obrigado, senhorita — falou Emery.

— Nesse caso, acho que posso comandar o flanco esquerdo — sugeriu Perin. Era um sujeito troncudo, um dos homens mais robustos sentados àquela mesa.

— Eu assumo o flanco direito — anunciou o Dr. Gerand.

— Agradeço a sua bravura, senhor — falou Emery —, mas vou pedir a Adam, o fabricante de rodas, que se encarregue disso. Ele tem experiência no campo de batalha.

— E não é velho — acrescentou o médico, expressando amargura.

Arista conhecia bem a sensação de inutilidade que ele sentia.

— Doutor, os seus serviços serão necessários para tratar os feridos. Depois que o arsenal for tomado, o senhor e eu faremos o possível por eles.

Mais uma vez o plano foi revisto, do começo ao fim. Arista e Polido refletiram sobre diversos problemas potenciais: e se um número insuficiente de cidadãos aparecesse para lutar? E se eles não conseguissem tomar o arsenal? E se a guarnição não atacasse? Fizeram planos contingenciais, até se certificarem de que todas as possibilidades haviam sido consideradas.

Ao final, o Dr. Gerand pegou uma garrafa de rum e pediu à Sra. Dunlap que trouxesse copos.

— Amanhã de manhã teremos uma batalha — falou ele. — Alguns de nós, sentados a esta mesa, não sobreviverão para ver o próximo pôr do sol. — Ele ergueu o copo. — Um brinde àqueles que vão tombar, e um brinde à nossa vitória.

— E um brinde à boa dama que tornou isso possível — acrescentou Emery enquanto todos erguiam os copos e bebiam.

Arista bebeu com os demais, mas achou que a bebida tinha um gosto amargo.



A princesa não conseguia pegar no sono, deitada no quartinho localizado em frente ao quarto da Sra. Dunlap. Menor do que as dependências dos empregados em Medford, o cubículo tinha apenas uma pequena janela e uma prateleira minúscula, sobre a qual ficava uma vela. O espaço entre a parede e a cama era tão reduzido que, para entrar, era obrigada a subir no colchão. Definitivamente, não conseguia dormir. A batalha pela conquista da cidade se iniciaria em poucas horas e uma energia nervosa a consumia. Sua mente revisava as precauções, examinando, diversas vezes, os itens de uma lista imaginária.

*Tomei todas as providências necessárias?*

Tudo estava prestes a mudar, para melhor ou para pior.

*Alric vai me perdoar se eu morrer? Arista deu uma risada azeda. Ele vai me perdoar se eu sobreviver?*

Com os olhos cravados no teto, ela se perguntava se não haveria um feitiço que lhe fizesse adormecer.

*Magia.*

Pensou em recorrer à magia durante a batalha iminente. Brincou com a ideia enquanto batia um pé no outro, ansiosa, ouvindo a chuva tamborilar no telhado.

*Se sou capaz de fazer chover, o que mais posso fazer? Sou capaz de reunir um exército de espíritos? De fazer chover fogo? De abrir na terra uma fenda que engula a guarnição?*

De uma coisa Arista tinha certeza: sabia ferver sangue. A noção a tranquilizou.

*E se eu perder o controle? E se eu ferver o sangue dos nossos aliados... ou de Emery?*

Quando fervera água em Sheridan, as roupas que estavam próximas tinham chiado e fumegado. Não era fácil fazer magia. Talvez um dia conseguisse dominar a prática, mas suas limitações eram tangíveis. Agora era fácil entender por que Esrahaddon lhe atribuía a tarefa de fazer chover.



Antes ela considerava tal proeza um desafio absurdo. Agora constatava que fazer chover era fácil. O alvo tinha o tamanho do céu, e a ação era natural — era como um atirador que lançasse uma pedra na tentativa de atingir o solo. O processo seria idêntico, ela supunha, a qualquer outro feitiço: a canalização de energia, o foco e a execução, por meio de movimentos e sons sincronizados. Mas a ideia de dirigir aquela energia irrestrita a um alvo específico era assustadora. Apavorada, deu-se conta de que, se naquela noite Royce e Hadrian estivessem naquele morro, teriam morrido com os serets. Sem dúvida, Arista poderia derrotar a guarnição, mas talvez matasse toda a população de Ratibor no processo. Talvez pudesse se valer da Arte para atrair raios, ou fogo, e assim destruir os soldados, mas seria como um calouro de um curso de música tentando compor e orquestrar uma sinfonia.

*Não, não posso correr tal risco.*

Voltou a mente para questões mais pragmáticas. A quantidade de ataduras já preparadas era suficiente? Era preciso manter um fogo aceso, com brasas que pudessem ser utilizadas para estancar sangramentos.

*Existe algo mais que eu possa fazer?*

Arista ouviu uma leve batida à porta e puxou a coberta, pois usava apenas uma camisola fina, emprestada pela Sra. Dunlap.

— Sim?

— Sou eu — disse Emery. — Espero não tê-la acordado.

— Pode entrar — respondeu ela.

Emery abriu a porta e se posicionou ao pé da cama, trajando culote e camisa.

— Não estou conseguindo dormir e imaginei que talvez a senhorita também estivesse sem sono.

— Quem diria que a espera para saber se vamos morrer ou não nos tiraria o sono? — disse ela, dando de ombros e sorrindo.

Emery sorriu também e tentou descobrir um jeito de entrar no quartinho.

Arista sentou-se e apoiou as costas em dois travesseiros.

— Você vai ter de subir na cama — explicou ela, dobrando as pernas e alisando a coberta.

Ele pareceu constrangido, mas aceitou a oferta e sentou-se na extremidade do colchão, que afundou sob seu peso.

— Você está com medo? — perguntou ela, percebendo tarde demais que aquela não era uma pergunta que uma mulher fizesse a um homem.

— A senhorita está? — perguntou ele em resposta, recolhendo e abraçando os joelhos. Estava descalço e seus pés pareciam pálidos sob a luz da lua.

— Estou — respondeu ela. — Nem vou integrar a linha de frente e já estou apavorada.

— A senhorita me consideraria um covarde infeliz se eu dissesse que também estou com medo?

— Eu o consideraria um tolo se não estivesse.

Emery suspirou e apoiou a cabeça nos joelhos.

— O que foi?

— Se eu lhe disser uma coisa, a senhorita promete guardar segredo? — perguntou ele, mantendo a cabeça baixa.

— Sou uma embaixadora. Eu dependo desse tipo de coisa para sobreviver.

— Nunca estive numa batalha na vida. Nunca matei ninguém.

— Suponho que esse seja o caso de quase todo mundo que vai lutar amanhã — afirmou ela, com esperança de que ele a incluísse nesse grupo. Arista não teria coragem de lhe contar a verdade. — Acho que a maioria dessas pessoas jamais manejou uma espada.

— Mas alguns já o fizeram — comentou ele, levantando a cabeça. — Adam lutou no exército de Ethelred contra os ghazel, na ocasião em que o lorde Rufus se tornou célebre. Renkin Pool e Forrest, o filho do ferreiro, também lutaram. É por isso que os designei líderes na linha de frente. A

questão é que todos estão me vendo como um grande herói de guerra, mas não sei se vou resistir e lutar, ou correr como um covarde. Talvez até desmaie assim que vir sangue.

Arista pegou na mão de Emery.

— Se há uma coisa da qual tenho certeza — garantiu ela, olhando diretamente nos olhos dele — é que você vai resistir e lutar bravamente. Não me passa pela cabeça que você aja de outra maneira. É a sua natureza. Acho que todos veem a sua coragem inata, e é por isso que todos o admiram... inclusive eu.

Emery abaixou a cabeça.

— Obrigado. É bondade sua.

— Não estou sendo bondosa; estou apenas sendo sincera. — Sentindo-se subitamente constrangida, Arista largou a mão dele e perguntou: — Como estão as suas costas?

— Ainda doem — falou Emery, levantando um dos braços para verificar se a dor ainda o incomodava. — Mas vou ter plenas condições de brandir uma espada. Vou deixar a senhorita dormir — disse ele, saindo de cima da cama.

— Foi bom você ter vindo até aqui — declarou ela com franqueza.

Emery fez uma pausa.

— Só vou me lamentar de uma coisa amanhã.

— E do que será?

— Do fato de não ser nobre.

Ela lhe dirigiu um olhar curioso.

— Se eu fosse um barão e sobrevivesse à batalha, iria até Melengar e pediria ao seu irmão a sua mão em casamento. Insistiria até que ele mandasse me prender, ou então cedesse ao meu pedido. Sei que estou sendo atrevido. Sei que a senhorita deve ter duques e príncipes competindo pelo seu afeto, mas gostaria de competir também. Eu lutaria com eles pela sua mão. Faria qualquer coisa... se eu ao menos fosse um nobre.

Arista sentiu um rubor nas faces e precisou se conter para não cobri-las com as mãos.

— Sabe, um plebeu cujo pai morreu servindo ao rei e que teve coragem de tomar Ratibor e Aquesta pode ser nomeado cavaleiro por tal heroísmo. Na condição de embaixadora, eu diria a meu irmão que uma nomeação desse tipo beneficiaria a nossa relação com Rhenydd.

Os olhos de Emery cintilaram. Jamais tinham se mostrado tão vibrantes nem tão expressivos. Seu rosto se encheu de alegria. Ele deu um passo atrás, afastando-se da cama, parou e então saiu lentamente.

— Nesse caso — disse Emery finalmente —, preciso dormir, visto que serei nomeado cavaleiro.

— Será mesmo, *Sir* Emery.

— Milady — falou ele, ensaiando uma profunda reverência, mas detendo-se no meio do gesto, fazendo careta e trincando os dentes. — Boa noite.

Depois que Emery saiu do quarto, Arista notou que seu coração havia disparado e que as palmas de suas mãos estavam suadas. Que vergonha. Em questão de horas, homens morreriam por causa dela. Ao meio-dia, talvez ela própria estivesse pendurada num poste, e mesmo assim se deliciava com o fato de um homem haver demonstrado interesse por ela. Que reação infantil... que reação egoísta... e que coisa maravilhosa. Até aquele momento, ninguém olhara para ela como ele o fizera. Arista se lembrava do toque da mão dele, do roçar dos dedos daqueles pés nas cobertas da cama — um péssimo momento para isso.

Deitada na cama, rezou pedindo a Maribor que tudo acabasse bem. Seria preciso um milagre, e imediatamente pensou em Hadrian e Royce. Não era assim que Alric sempre os chamava... seus fazedores de milagres? Tudo acabaria bem.

## CAPÍTULO 15

### O DISCURSO



Amilia roía a unha do polegar, ou o pouco que restava dela.

— Então? — perguntou ela a Nimbus. — O que você acha? Ela está me parecendo formal demais.

— É bom parecer formal — respondeu o magricelo. — As pessoas das classes privilegiadas são reconhecidamente contidas e inflexíveis. Isso dá a impressão de força. É o queixo dela que me preocupa. A tala que colocamos no espartilho resolveu a questão das costas, mas o queixo... O queixo tem uma tendência a baixar. A imperatriz precisa manter a cabeça elevada. Precisamos pôr um colarinho alto no vestido, algo rígido.

— Agora é um pouco tarde — comentou Amilia, irritada. — A cerimônia será em menos de uma hora.

— Muito pode ser feito nesse ínterim, Lady Amilia — garantiu ele.

Amilia ainda achava estranho, e até embaraçoso, ser chamada de “Lady Amilia”, ou mesmo de “lady”. Nimbus, que sempre seguia à risca o protocolo,

insistia em se dirigir a ela formalmente. Suas maneiras contagiaram os outros membros da criadagem do castelo. Arrumadeiras e pajens, que poucos meses antes riam e zombavam de Amilia, agora faziam reverências diante dela. Até Ibis Thinly começou a chamá-la de *Lady Amilia*. A atenção era lisonjeira, mas talvez fosse também fugaz. Amilia era nobre apenas por encomenda. Poderia perder o título com a mesma facilidade com que fora outorgado — e era exatamente o que aconteceria em menos de uma hora.

— Está bem; espere do lado de fora — ordenou ela. — Eu lhe entrego o vestido e você o leva para a costureira. Vossa Eminência, a senhora pode me dar o vestido, por favor?

Modina levantou os braços, como se estivesse em transe, e imediatamente duas camareiras começaram a desabotoar o vestido e abrir os colchetes.

O estômago de Amilia estava um tanto embrulhado. Ela fizera o possível no período de tempo que lhe fora dado. Modina tinha sido surpreendentemente cooperativa, decorando facilmente o discurso fornecido por Saldur, que, felizmente, era breve e de fácil memorização. O papel a ser desempenhado por Modina era extraordinariamente simples. Ela apareceria na sacada, pronunciaria as palavras e se retiraria. O processo inteiro não levaria mais do que alguns minutos, no entanto Amilia tinha certeza de que o resultado seria desastroso.

A despeito de todos os preparativos, Modina simplesmente não estava pronta. A imperatriz demonstrava sinais de lucidez e conseguia seguir instruções, mas o progresso não fora além desse ponto. Em muitos sentidos, Amilia comparava o comportamento dela ao de um cão. Treinado para sentar e não sair do lugar, um filhote se comporta condignamente com o dono por perto. Mas quantos cães mantêm a compostura quando ficam sozinhos? Basta um esquilo passar correndo que eles esquecem a disciplina e partem atrás. A presença de Amilia não seria permitida na sacada e, se algo inesperado acontecesse, era impossível prever a reação da imperatriz.

Amilia entregou a Nimbus o sofisticado vestido.

— Seja rápido. Não quero estar aqui com a imperatriz trajando apenas as roupas íntimas quando o sino tocar.

— Vou correr tanto quanto o vento, Lady Amilia — declarou ele com um sorriso forçado.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o regente Saldur.

Nimbus fez uma reverência apressada, então saiu correndo, levando consigo o vestido da imperatriz.

O regente trajava toda a pompa que a ocasião exigia, o que o tornava mais intimidante do que nunca.

— Por que você não está com a imperatriz? O discurso acontecerá em menos de uma hora.

— Sim, Vossa Excelência, mas surgiu um detalhe de última...

Saldur a pegou pelo braço bruscamente e a arrastou até o local que servia de vestiaria. Modina usava um robe e duas camareiras ajeitavam os cabelos dela. Ambas pararam subitamente e fizeram reverências. Saldur as ignorou.

— Preciso perder o meu tempo enfatizando a importância deste dia? — questionou ele, soltando o braço de Amilia rispidamente. — Do lado de fora deste palácio, toda a cidade de Aquesta está se reunindo, além de personalidades provenientes de todo o reino de Warric, e embaixadores de locais tão distantes como Trent e Cális. É crucial que todos vejam uma imperatriz forte e competente. Ela memorizou o discurso?

— Sim, Vossa Excelência — garantiu Amilia, mantendo a cabeça baixa.

Saldur examinou a imperatriz, ainda de robe e com os cabelos por pentear. Fez careta e se voltou para Amilia.

— Caso você estrague esta ocasião... Se ela falhar... A responsabilidade será toda sua. Basta uma palavra minha para que você nunca mais seja vista. Considerando a sua linhagem, não preciso nem inventar uma desculpa. Ninguém vai questionar o seu desaparecimento. Ninguém vai sequer notá-lo. Se você me decepcionar, Amilia, vai se arrepender muito.

Dito isso, Saldur saiu, batendo a porta e deixando Amilia com uma sensação de falta de ar.

— Lady Amilia? — chamou Anna, a camareira.

— O que foi? — perguntou ela com uma voz fraca.

— É o sapato dela, senhora. O salto despregou.

*O que mais poderia dar errado?*

Num dia comum, nada daquilo aconteceria. Mas, naquele dia, na ocasião em que a vida dela estava em jogo, era problema atrás de problema.

— Leve o sapato para o sapateiro, imediatamente, e diga a ele que, se o salto não estiver consertado em vinte minutos, eu... eu...

— Eu falo para ele se apressar, senhora — disse Anna, e saiu correndo do quarto com o sapato na mão.

Amilia começou a andar de um lado para outro. O quarto tinha apenas 6 metros de extensão, o que a obrigava a dar meia-volta a todo instante, fato que a deixou tonta, mas não parou de andar. Seu corpo reagia automaticamente enquanto a mente revisava os detalhes da cerimônia.

*E se Modina se atirar da sacada?*

A ideia a atingiu como uma bofetada. Por mais absurda que parecesse, era plausível. A mente da imperatriz não estava totalmente sã. Diante do barulho e do tumulto provocados por milhares de súditos entusiasmados, Modina poderia simplesmente sucumbir. A sacada não era excessivamente alta, ficando a apenas cerca de 9 metros do chão. A queda talvez não matasse a imperatriz, se ela não caísse de mau jeito. Amilia, no entanto, não sobreviria a um incidente dessa natureza.

A frente de Amilia acusou sinais de transpiração, mas ela apertou o passo.

Não havia tempo para elevar a balaustrada da sacada.

*Talvez uma rede lá embaixo? Não, isso não resolveria.*

O problema não era o dano físico. Era o espetáculo.

*Uma corda?*



Ela poderia amarrar uma das pontas à cintura de Modina e segurá-la por trás. Assim, caso a imperatriz se projetasse para a frente, Amilia poderia contê-la.

Nimbus voltou, espiando timidamente pela porta.

— O que foi, Lady Amilia? — perguntou ele, ao constatar a expressão estampada no rosto dela.

— Hein? Ah, está tudo errado. Preciso de uma corda e de um sapato, mas, deixe isso para lá. E o vestido?

— A costureira está trabalhando com a maior rapidez possível. Infelizmente, acho que não vai haver tempo para uma prova.

— E se o vestido não couber? E se o colarinho sufocá-la, a ponto de ela não conseguir falar?

— Precisamos de pensamentos positivos, Lady Amilia.

— É fácil para você dizer isso. A sua vida não está pendurada por um fio... talvez literalmente.

— Mas, Lady Amilia, a senhora não pode esperar consequências tão trágicas assim de uma simples reforma de vestido. Somos pessoas civilizadas, afinal.

— Não sei de qual civilização você vem, Nimbus, mas esta aqui pode ser bastante severa com os que fracassam.

Amilia olhou para Modina, calmamente sentada, inconsciente da importância do discurso que estava prestes a proferir. Eles nada poderiam fazer contra ela. Modina era a imperatriz e o mundo inteiro sabia disso. Se desaparecesse, seria instaurado um inquérito, e o povo exigiria justiça pela perda da rainha-divindade. Até indivíduos da estatura de Saldur poderiam ser enforcados por um crime de tal gravidade.

— Posso trazer a tiara? — perguntou Nimbus.

— Sim, por favor. Anna pegou a tiara na oficina do chapeleiro, hoje de manhã, e deve tê-la deixado no quarto da imperatriz.

— E se eu trouxer algo para a senhora comer, Lady Amilia? A senhora não comeu nada o dia inteiro.

— Não consigo comer.

— Como quiser. Voltarei o quanto antes.

Amilia foi até a janela. De lá, avistava o portão leste, pelo qual entrava uma multidão. Homens, mulheres e crianças de todas as classes sociais adentravam as instalações do castelo. A massa emitia um burburinho, como uma fera gigantesca que rosnasse fora do campo de visão. Ouviu-se uma batida à porta e a costureira entrou, trazendo o vestido nos braços, como se fosse um recém-nascido.

— Você foi rápida — comentou Amilia.

— Perdoe-me, Lady Amilia, ainda não terminei. Mas o tutor real foi até a minha oficina e mandou que eu viesse acabar a costura aqui, para poder medir o pescoço de Sua Eminência. Não é assim que a coisa é feita, a senhora sabe. Não é correto fazer a imperatriz esperar pela costureira, como um simples manequim. Mas o tutor disse que, se eu não o obedecesse, ele... — Ela fez uma pausa e reduziu o tom da voz a um murmúrio: — Ele disse que mandaria me açoitar com um chicote de cavalo.

Amilia cobriu a boca com uma das mãos para esconder o sorriso.

— Ele não estava falando sério quanto ao açoite, isso posso garantir. Mas ele tem razão. O momento é importante demais para nos preocuparmos em não incomodar Sua Eminência. Ao trabalho!

Recolocaram o vestido na imperatriz, e a costureira trabalhou arduamente, pregando o restante do colarinho. Amilia voltara a andar de um lado para outro, quando se ouviu uma nova batida à porta. Estando a costureira e as camareiras ocupadas, a própria Amilia se assustou ao ver o conde de Chadwick.

— Boa noite, Lady Amilia — saudou ele, fazendo uma elegante reverência. — Eu gostaria de trocar algumas palavras com Sua Eminência antes da cerimônia.

— O momento não é propício, senhor — afirmou ela. Amilia mal podia crer que estivesse dizendo não a um nobre. — A imperatriz está indisposta. Por favor, seja compreensivo.

— Mas é claro. As minhas desculpas... Talvez eu possa trocar algumas palavras com a senhorita, então?

— Comigo? Ah, bem... Sim, suponho que sim. — Amilia saiu do quarto e fechou a porta.

A expectativa de Amilia era de que o conde dissesse logo o que pretendia, mas, em vez disso, ele caminhou pelo corredor, e ela demorou alguns instantes para perceber que ele esperava que o seguisse.

— A imperatriz está bem, espero.

— Sim, meu senhor — disse ela olhando para trás, em direção à porta do vestuário, que ficava cada vez mais distante.

— Fico feliz em sabê-lo — respondeu o conde, acrescentando subitamente: — Mas como fui indelicado. Como está *a senhorita*?

— Estou muito bem, senhor.

Se não estivesse com o pensamento tão concentrado na imperatriz, Amilia teria desconfiado do fato de que um conde se sentisse constrangido por não ter primeiramente indagado a respeito da saúde dela.

— E o tempo está excelente para a cerimônia de hoje, não está?

— Está sim, senhor — disse ela, esforçando-se para manter a voz calma.

Nimbus, Anna e o sapateiro surgiram e se apressaram pelo corredor. Nimbus se deteve por um instante e dirigiu a Amilia um olhar preocupado, antes de entrar na vestiaria.

— Permita-me ir direto ao ponto — falou o conde.

— Por favor, senhor.

A ansiedade de Amilia estava quase no limite.

— Todos sabemos que a senhorita é a pessoa mais próxima da imperatriz. Ela não confia em ninguém mais além da senhorita. A senhorita já... Alguma vez... A imperatriz fala de mim?

Amília ergueu as sobrancelhas com uma expressão de surpresa. Sob circunstâncias normais, a hesitação do conde teria parecido atraente, ou até charmosa, mas, naquele momento, ela fazia votos para que ele dissesse logo do que se tratava.

— Por favor, sei que estou sendo bastante ousado, mas sou um homem ousado. Gostaria de saber se ela pensa em mim e, em caso afirmativo, se o faz com simpatia.

— Meu senhor, posso dizer, com toda sinceridade, que ela jamais mencionou o seu nome para mim.

O conde parou para refletir sobre tais palavras.

— Não sei bem como devo interpretar isso. Tenho certeza de que ela recebe diversos pretendentes. A senhora me faria um favor, Lady Amília?

— Se estiver ao meu alcance, senhor.

— A senhora perguntaria se ela me faria a gentileza de uma dança hoje à noite, no baile, após o banquete? Eu ficaria eternamente grato.

— Sua Eminência não irá ao baile nem ao banquete, senhor. Ela jamais ceia em público e estará ocupada com uma série de questões.

— Jamais?

— Receio que não, senhor.

— Entendo.

Novamente, o conde parou para refletir enquanto Amília tamborilava as pontas dos dedos de uma das mãos na outra.

— Por obséquio, senhor, preciso prestar assistência à imperatriz.

— É claro. Perdoe-me por ter roubado um pouco de seu precioso tempo. Ainda assim, se a senhora talvez mencionasse o meu nome à Sua Eminência, e lhe dissesse o quanto eu gostaria de visitá-la...

— Farei isso, meu senhor. Agora, se o senhor me der licença...

Amília correu de volta para a vestiaria e constatou que a costureira tinha acabado de ajustar o colarinho, que era alto e, de fato, manteve o queixo de Modina elevado. No entanto, o artefato parecia bastante desconfortável. A

imperatriz, evidentemente, parecia não se importar. O sapateiro, porém, ainda trabalhava no sapato.

— O que está havendo aqui? — perguntou ela.

— O novo salto que ele colocou era mais alto do que o outro — respondeu Nimbus. — Ele tentou consertar, mas, na pressa, diminuiu demais a altura do salto, que agora está mais baixo do que o outro.

Amília se virou para Anna.

— De quanto tempo ainda dispomos?

— Mais ou menos 15 minutos — respondeu ela, pesarosa.

— Onde está a tiara? Não estou vendo a tiara.

— Não estava no quarto nem no corredor, minha senhora.

As faces de Anna perderam a cor.

— Ah, pelo amor de Maribor! Perdoem-me. Esqueci a tiara!

— Você esqueceu? Nimbus!

— Sim, minha senhora?

— Corra até o chapeleiro e pegue a tiara, e, quando digo para correr, é para correr mesmo, ouviu bem?

— Imediatamente, minha senhora, mas não sei onde fica a oficina do chapeleiro.

— Leve um pajem com você.

— Os pajens estão todos ocupados com a cerimônia.

— Pouco me importa! Agarre um. Use a sua espada, se necessário. Encontre um que saiba onde fica a oficina do chapeleiro e diga que são ordens da imperatriz. Não permita que pessoa alguma o intercepte. Agora vá logo! — Então Amília gritou: — Anna!

— Sim, minha senhora. — A camareira tremia e chorava. — Sinto muito, minha senhora, sinceramente.

— Não temos tempo para pedidos de desculpas nem para lágrimas. Vá ao quarto da imperatriz e pegue os sapatos que ela usa todos os dias. Ela vai ter de usar os sapatos comuns. Vá, agora!

Amilia bateu a porta com força e ainda desferiu um pontapé nela, tamanha era sua frustração. Então, encostou a testa no carvalho e tentou se acalmar. O vestido cobriria os sapatos. Ninguém perceberia a diferença. A tiara era outra questão. Os artífices trabalharam na tiara durante semanas, e os regentes notariam a ausência da joia. A oficina ficava na cidade, e ela delegara a Anna a responsabilidade de pegá-la. Amilia atribuía a culpa a si mesma. Ela poderia ter perguntado mais cedo, e sentia-se indignada diante da própria incompetência. Após dar mais um chute na porta, virou-se e desabou no chão, a saia do vestido formando um balão ao seu redor.

A cerimônia teria início dentro de poucos minutos, mas ainda havia algum tempo hábil. O discurso de Modina seria o último, e Amilia sabia que poderia contar com, ao menos, vinte, talvez até trinta minutos enquanto os demais se dirigissem à multidão. Diante dela, Modina sentava-se empertigada, com seu vestido branco e dourado e o pescoço ereto, mantido assim pelo novo colarinho. Havia algo diferente em Modina. Ela observava Amilia com interesse. Na verdade, a examinava.

— A senhorita vai ficar bem? — perguntou ela à imperatriz.

Imediatamente, a luz que havia no olhar de Modina desapareceu, e lá voltou a se instalar um olhar vazio.

Amilia suspirou.



O regente Ethelred discursou durante quase uma hora, de pé na sacada, enfeitada com bandeiras coloridas, embora Amilia mal conseguisse ouvir o que ele disse. A fala tinha algo a ver com a grandeza e o poderio do Novo Império, e com uma ordem de Maribor, para que o Império ensejasse uma nova união para a humanidade. Ele falou dos sucessos militares do Novo Império, ao norte, e das anexações de Alburn e Dunmore, levadas a termo

sem derramamento de sangue. Na sequência, anunciou grandes safras de trigo e cevada, bem como o fim do “problema dos elfos”. Estes, não tendo mais permissão para ir e vir livremente, em vez de serem transformados em escravos inúteis, simplesmente desapareceriam. O Novo Império estava buscando e reunindo elfos teimosos por todo o reino. O que seria feito com eles, o regente não informou. Lá embaixo, a massa vociferou sua aprovação, e suas vozes ecoaram por todo lado.

Amilia sentou-se na vestiaria, os braços cruzados acima da cintura. Já não conseguia andar de um lado para outro. A imperatriz não parecia estar preocupada com o discurso iminente, e sentava-se, serena como sempre, em seu vestido brilhante e com a bela tiara, em formato de cauda de pavão.

Nimbus havia chegado a tempo à oficina do chapeleiro, embora para isso tenha sido necessário aterrorizar e ameaçar um jovem pajem. Por sorte, a cerimônia havia se iniciado com atraso, devido a uma discussão de última hora acerca da ordem dos oradores. Amilia tinha colocado a tiara na cabeça de Modina minutos antes do início do primeiro discurso.

O primeiro a falar foi o conselheiro; depois Ethelred e finalmente Saldur. A cada palavra, Amilia sentia mais dificuldade em respirar. Quando Ethelred concluiu sua fala, Saldur se adiantou, no intuito de fazer a apresentação formal. A multidão se calou, sabendo que o momento esperado não tardava.

— Quase mil anos se passaram desde a queda do grande Império de Novron — disse ele à multidão. — Estamos aqui hoje na condição de testemunhas do poder eterno de Maribor e de sua promessa a Novron, de que sua prole reinaria para sempre. Nem a traição nem o tempo podem romper esse sagrado contrato. Permitam-me lhes apresentar a prova disso. Acolham comigo aquela que outrora foi uma simples camponesa, a exterminadora do monstro criado pelos elfos, a Herdeira de Novron, a sacerdotisa da Igreja de Nyphron, Sua Grande Eminência Imperial, a imperatriz Modina Novronian!

A multidão irrompeu em gritos e aplauso. Do local onde estava sentada, Amilia pôde sentir a vibração das vozes. Olhou para Modina com ar suplicante e esperançoso. A fisionomia da imperatriz estava serena no momento em que ela se pôs de pé e caminhou, graciosamente, arrastando a cauda do vestido.

Ao pisar na sacada, quando o povo avistou seu rosto, o barulho provocado pela massa pareceu uma explosão. A gritaria foi ensurdecadora, como um trovão contínuo, fazendo vibrar cada pedra do castelo. O ruído continuou durante tanto tempo que Amilia se perguntou se a multidão iria se calar.

Com certeza Modina não suportaria tamanho tumulto. Que efeito aquilo teria no frágil equilíbrio da jovem? Amilia se lamentava por Saldur não ter permitido que ela usasse a corda, ou a acompanhasse na sacada. O único alento de Amilia era saber que, provavelmente, Modina estaria petrificada, com a mente isolada naquele local escuro onde vivera durante tanto tempo, no local onde ela costumava se esconder do mundo.

Amilia rezou para que a multidão se calasse. Fazia votos para Ethelred ou Saldur tomar alguma atitude para silenciar o povo, mas eles não se mexiam, e a massa continuava urrando, sem dar indicações de se conter. Então algo inesperado aconteceu. Lentamente, Modina ergueu as mãos, fazendo um gesto amável, pedindo à multidão que se aquietasse. Quase imediatamente, o povo se calou. Amilia mal podia crer no que via.

— Meus amados e leais súditos — começou ela com uma voz alta, clara e quase musical, uma voz que Amilia jamais ouvira durante os ensaios. — É maravilhoso poder finalmente encontrá-los.

A multidão tornou a urrar, mais alto que antes. Modina deixou que o povo gritasse durante cerca de um minuto, então voltou a erguer as mãos, pedindo silêncio, mais uma vez.

— Conforme alguns de vocês já devem saber, estive enferma. A luta contra a maldição de Rufus me deixou debilitada. Porém, com o auxílio de



minha melhor amiga, a secretária imperial, Lady Amilia de Tarin Vale, estou me sentindo bem melhor.

Amilia prendeu a respiração ao ouvir seu nome pronunciado. Aquilo não estava no discurso.

— Tenho para com Amilia a maior dívida de gratidão pelos esforços por ela envidados em prol de minha recuperação, pois jamais estaria aqui não fossem a força, a sabedoria e a bondade dela.

Amilia fechou os olhos e fez careta.

— Embora já me sinta melhor, ainda me canso facilmente, e preciso poupar minhas forças a fim de empregá-las em favor de nossa defesa contra os invasores, em favor de uma colheita farta e de nosso retorno à glória e à prosperidade que marcavam o Império novroniano.

Concluindo, ela acenou com uma das mãos em um gesto sofisticado, deu meia-volta e se retirou da sacada, com graça e altivez.

A multidão bradou novamente, e a erupção continuou por muito tempo após Modina ter voltado para o interior do castelo.

— Juro que não pedi a ela que dissesse aquilo — falou Amilia a Saldur em tom de súplica.

— Agora que a imperatriz a proclamou publicamente sua amiga íntima e heroína do reino, você se tornou uma celebridade — respondeu Saldur. — Isso vai tornar quase impossível a sua substituição... *Quase*. Mas não se preocupe — prosseguiu ele em tom reflexivo —, diante de tantos elogios, eu seria tolo se não a elogiasse também. Mais uma vez, declaro-me impressionado. Não esperava tanto. Você é mais esperta do que eu pensava; mas deveria ter imaginado. De agora em diante, vou ter isso sempre em mente. Parabéns, minha cara. Parabéns, de fato.

— Sim, foi excelente! — exclamou Ethelred. — Agora o fiasco da coroação é mesmo coisa do passado. Não posso dizer que sua autopromoção me agradou, Amilia, mas, quando vejo o que conseguiu fazer com ela, sou obrigado e reconhecer um pouco de seu mérito. Na realidade, Sauly,

deveríamos considerar a hipótese de recompensá-la pelos bons serviços prestados.

— É verdade — concordou ele. — Vamos ver qual poderá ser tal recompensa. Vamos, Lanis, vamos ao banquete.

Os dois se foram, ainda conversando sobre a cerimônia.

Amilia se aproximou da imperatriz, pegou-a pela mão e a escoltou de volta aos seus aposentos.

— A senhora ainda vai acabar me condenando à morte.

## CAPÍTULO 16

# A BATALHA DE RATIBOR



Hadrian estava exposto à chuva. Correntes pesadas o prendiam pelos tornozelos e pulsos a uma grande estaca de metal cravada no solo. Durante um dia e uma noite ele esperou na lama, observando a movimentação indolente do exército nacionalista. A morosidade da definição do destino de Hadrian se equiparava à do início do ataque. Cavalos passavam diante dele, refeições eram servidas e homens resmungavam da chuva em meio ao lamaçal. O crepúsculo se transformou em noite e o arrependimento o consumia.

Ele deveria ter escapado, mesmo se para isso fosse necessário derramar sangue. Talvez tivesse conseguido salvar a vida de Arista. Poderia tê-la advertido de que os nacionalistas não colaborariam e feito com que ela cancelasse o ataque. Agora, mesmo que a princesa vencesse, a vitória seria efêmera e ela seria enforcada ou decapitada.

— Gill! — gritou ele ao ver a sentinela passar, com seu manto encharcado.

— Ah, sim! — disse Gill rindo e se aproximando com um sorriso. — Ora! Então é o *grande marechal*! Já não está tão grande assim, está?

— Gill, você precisa me ajudar! — gritou Hadrian, tentando superar o ruído da chuva. — Preciso que você envie uma mensagem para...

Gill se curvou.

— Ora! Por que eu haveria de ajudar um sujeito como você? Você me fez de bobo. E o sargento Milford também ficou bastante incomodado. E demonstrou seu desagrado me obrigando a trabalhar no turno da madrugada.

— Tenho dinheiro — declarou Hadrian com ansiedade. — Posso pagá-lo.

— É mesmo? E onde está esse dinheiro? Em algum baú enterrado ao pé de uma montanha, ou no bolso de outra calça?

— Bem aqui na bolsa que está no meu cinto. Tenho ao menos dez moedas de ouro. Você pode ficar com tudo, se me prometer levar uma mensagem até Ratibor.

Gill olhou para o cinto de Hadrian com curiosidade.

— Claro — falou ele. Esticando o braço, pegou a bolsa e sentiu o peso dela. Ao sacudi-la, ouviu-se o tilintar de moedas. Abrindo a bolsa, Gill retirou um punhado delas. — Ora! Veja só! Você não estava brincando. Isso aqui é ouro mesmo. Uma, duas, três... Veja só! Obrigado, marechal — agradeceu ele, simulando uma continência. — Isso aqui vai compensar dois plantões seguidos. — E começou a se afastar.

— Espere! — exclamou Hadrian. — Você precisa ouvir a mensagem.

Gill seguiu caminhando.

— Você precisa dizer a Arista que não ataque! — gritou ele em desespero, mas Gill continuou se afastando, sacudindo a bolsa até sua figura desaparecer na chuva.

Hadrian praguejou e chutou a estaca com toda a força. Então tombou de lado, consumido pela frustração. Lembrou-se do olhar esperançoso estampado no rosto de Arista. Ela jamais imaginara que ele pudesse fracassar. Quando conheceu a princesa, pensou que ela fosse arrogante e egoísta, a exemplo de todos os nobres, um bando de adultos mimados, gananciosos e autocentrados.

*Quando foi que essa percepção mudou?*

Imagens voltavam à mente dele. Lembrou-se dela pendurando roupas molhadas em Sheridan. Lembrou-se dela dormindo embaixo da manta do cavalo, naquela primeira noite passada ao relento, chorando até pegar no sono. Ele e Royce estavam convictos de que, no dia seguinte, Arista cancelaria a missão. Lembrou-se dela dormindo no barco na manhã seguinte, enquanto eles desciam o Bernum, e de quando ela praticamente revelou sua identidade a todos, quando se embriagou na casa dos Dunstan. Arista sempre fora sua benfeitora e sua princesa, mas, a partir de algum momento, havia se tornado mais que isso.

Ali, imobilizado, embaixo de chuva e impotente na lama, Hadrian foi atormentado por visões da morte de Arista. Ele a via estirada numa rua imunda, o vestido rasgado e a pele clara manchada de sangue. Era provável que os imperialistas exibissem seu corpo na Praça Central, ou talvez a arrastassem atrelada a um cavalo até Aquesta. Talvez cortassem a cabeça dela e a enviassem a Alric, como um aviso.

Num surto de raiva e desespero, ele começou a cavar na lama, tentando arrancar a estaca. Cavou com fúria, puxou com toda a força e voltou a cavar, sacudindo a estaca para a frente e para trás. Um guarda o viu e, valendo-se de uma segunda estaca presa à corrente que segurava os pulsos de Hadrian, pregou-o de costas no chão.

— Ainda querendo fugir e arrumar encrenca, não é? — disse o guarda. — Pois não vou deixar que isso aconteça. Você matou Gaunt. E vai morrer por isso, mas até lá vai ficar quietinho aí — avisou o guarda, cuspiendo no

rosto de Hadrian, mas o efeito não foi o esperado, pois a chuva lavou a cusparada.

Hadrian sentiu um aperto no coração ao lembrar que a chuva que o lavara tinha sido provocada por Arista. Estirado no chão, percebeu o primeiro sinal da alvorada, clareando o céu, e seu coração pesou ainda mais.



Emery enxergava o horizonte, pois a fraca luz da aurora permitia a distinção entre o céu, as edificações e as árvores. A chuva ainda caía e o som dos grilos foi substituído pelos barulhos típicos das primeiras horas da manhã. Os comerciantes surgiram nas ruas bem mais cedo do que o normal, empurrando carrinhos e conduzindo carroças em direção à Praça Oeste. Simulando displicência, deixaram os veículos bloqueando as entradas da rua do Rei e da avenida das Lendas.

Outros homens saíam de suas casas e oficinas. Emery viu quando surgiam em meio à chuva cinzenta, um por um ou em duplas, então, reunindo-se em grupos mais numerosos, caminhavam pela praça, seguindo lentamente, quase hesitantes, em direção ao arsenal. Usavam roupas de trabalho e carregavam enxadas, forcados, pás e machados. A maioria trazia facas enfiadas no cinto. Trajando uniformes de verão, uma dupla de guardas da cidade, cujo turno da noite estava quase no fim, acabara de concluir a última ronda. Detiveram-se e, com curiosidade, contemplaram a multidão crescente.

— Escutem aqui, o que está havendo?

— Sei lá — respondeu um homem, que em seguida se afastou.

— Escutem, o que vocês estão fazendo aqui? — perguntou o outro guarda, porém ninguém respondeu.

Descalço e vestindo um camisão branco e um culote que expunha suas canelas, Emery avançou, sentindo as batidas da lâmina da espada contra o quadril.

— Estamos aqui para vingar o assassinato do nosso soberano, o rei Urith de Rhenydd!

— É ele! É Emery Dorn! — gritou o guarda. — Peguem esse filho da mãe!

Os guardas partiram para cima de Emery, e tarde demais perceberam o perigo que corriam, pois os grupos de cidadãos se fecharam em torno deles, unindo-se como um bando de pássaros. Prontamente, os soldados sacaram e brandiram as espadas.

— Para trás! Para trás! Todos vocês! Para trás, senão todos irão para a cadeia!

O ódio se estampou nos rostos da multidão e uma expressão de entusiasmo se infiltrou nos olhos de todos. Manuseando forçados e enxadas, desferiram estocadas contra os soldados, que, com suas espadas, derrubaram as armas improvisadas.

Durante vários minutos, a multidão os enfrentou, ameaçando atacá-los. Então Emery sacou a espada. A Sra. Dunlap tinha encontrado aquela espada para ele. A arma pertencera a seu marido. Em todos os anos de serviço, Paul Dunlap, cocheiro do rei Urith, jamais precisara utilizar a arma. O aço rangeu quando Emery retirou a espada da bainha de metal. Com uma expressão sombria e os maxilares contraídos, ele avançou pelo círculo de cidadãos e confrontou os guardas.

A dupla suave. Emery pôde ver as gotas de suor acima do lábio superior do guarda que estava mais próximo. O homem avançou e arriscou uma estocada. Emery deu um passo para o lado e atingiu a lâmina do soldado com a sua, ouvindo o som metálico e sentindo o impacto na mão. Em seguida, deu um passo para a frente e desferiu um golpe. A sensação foi agradável. A sensação foi perfeita, o golpe, preciso. A ponta da espada

atingiu algo macio e Emery cortou o homem, um talho atravessado no peito. O soldado gritou e derrubou a espada. Caiu de joelhos, os olhos arregalados em estado de choque, abraçando-se enquanto o sangue encharcava sua roupa. O outro guarda tentou correr, mas foi interceptado pela multidão. Emery passou pelo ferido e, com uma estocada rápida, perfurou o rim do guarda que ainda estava de pé. Vários dos presentes gritaram de entusiasmo e começaram a espancar os feridos, atingindo-os com machados e pás.

— Basta! — gritou Emery. — Sigam-me!

As armas dos guardas foram roubadas e a multidão seguiu Emery em direção ao edifício de lajotas com o portão de ferro. Quando lá chegaram, Quilate já arrombava a fechadura. Mataram os guardas que estavam de vigília e constataram que a maioria dos demais ainda dormia. Alguns se levantaram pouco antes da chegada da turba. Com um forcado, perfuraram as costelas do primeiro homem que apareceu, ainda atordoado. Emery esfaqueou outro, e um machado decepou o ombro de um terceiro, ali ficando preso, de modo que o dono da arma precisou chutar a vítima para desprendê-la. Espadas e escudos forravam as paredes e também jaziam no interior de caixas de pinho. Nas prateleiras havia elmos e cotas de malha.

A multidão descartou as ferramentas de trabalho e se apropriou das ferramentas de guerra. Somente dez homens faziam a guarda do arsenal, e todos morreram rapidamente, a maioria espancada até a morte em seus próprios leitos. A turba festejou com gritos ao perceber que havia tomado o arsenal sem sofrer uma única baixa. Os homens riam, uivavam e pulavam em cima das mesas, espatifando pratos, xícaras e quaisquer objetos que encontrassem, a título de experimentação das armas recém-conquistadas.

Em volta de si, Emery vislumbrava o olhar ensandecido dos cidadãos e imaginou que também deveria portá-lo. Seu coração palpitava, os pulmões bombeavam ar. Já não sentia o menor sinal de dor nas costas. Sentia-se poderoso, empolgado e também ligeiramente nauseado, tudo ao mesmo tempo.



— Emery! Emery! — Ele se virou e avistou Arista abrindo caminho em meio aos presentes. — Vocês demoraram demais! — gritou ela. — A guarnição está a caminho. Arme os homens e os disponha em fileiras na praça.

Como se houvesse despertado de um sonho, Emery se deu conta da besteira que tinha feito.

— Todos para fora! — gritou ele. — Todos para fora, já! Formem as fileiras na praça!



Arista já havia começado a organizar os homens que tinham ficado do lado de fora, dispondo-os em duas fileiras, de costas para o arsenal e de frente para a praça.

— Precisamos de armas! — gritou Perin, dirigindo-se à princesa.

— Não saiam da linha! — exclamou ela. — Vamos providenciar as armas para vocês. Mantenham-se alinhados para evitar que a guarnição ataque.

Os homens que compunham a fileira, brandindo apenas ferramentas agrícolas, olharam para ela, apavorados, pois do outro lado da rua os primeiros soldados conseguiam romper a barricada de carrinhos e carroças atolados na lama. Logo em seguida, os indivíduos que Emery tinha expulsado de dentro do arsenal ocuparam suas posições na linha de frente.

— Em forma! — gritou Emery. — Duas fileiras retas!

Arista correu para o interior do arsenal, a fim de buscar espadas. Ela se deparou com Quilate roubando moedas da bolsa de um morto e o empurrou contra uma parede.

— Ajude-me a levar espadas e escudos lá para fora!

— Mas não tenho permissão para fazer isso — disse ele.

— Você não tem permissão para lutar, mas pode carregar espadas, ora essa! Assim como pôde arrombar a porta. Então, mãos à obra!

Quilate reagiu como se fosse dizer algo, então cedeu e começou a retirar escudos que pendiam das paredes. O Dr. Gerand entrou, trazendo ataduras, mas logo se desfez delas para auxiliar no transporte das armas. Ao sair do arsenal, Arista viu uma mulher correndo no sentido contrário, o vestido encharcado pela chuva e os longos cabelos louros grudados no rosto, de modo que a jovem mal conseguia enxergar. A moça se deteve abruptamente ao ver que Arista se aproximava.

— Deixe-me ajudar — disse ela a Arista. — Pegue mais armas enquanto entrego essas.

Arista concordou, entregou-lhe as armas e voltou correndo para o interior do arsenal. Quilate lhe entregou uma pilha de escudos e ela correu para passá-los à jovem, que, por sua vez, levou-os até a linha de frente. Quando saiu novamente do arsenal, Arista constatou que uma corrente integrada por velhos e mulheres tinha se formado a fim de realizar o transporte das armas, como uma brigada que combate um incêndio passando baldes de mão em mão, e a jovem loura já tinha se posicionado na corrente.

— Mais espadas! — gritou Arista. — Elmos e cotas de malha depois!

Quilate juntou as armas em pilhas, para facilitar a distribuição.

— Chega de espadas! — Ouviu-se um grito. — Precisamos de escudos!

O sino da Praça Central começou a ribombar, mas, naquela manhã, o toque soava diferente, talvez em consequência da chuva torrencial ou do sangue que pulsava nos ouvidos de Arista. A maioria dos homens que compunham a fileira empunhava apenas espadas. Arista via o medo espelhado em suas fisionomias.

Ela ouvia a voz de Emery, acima do ruído da chuva, expedindo ordens.

— Mantenham-se firmes! Mantenham-se alinhados! Apertem a formação! — Ele bradava as ordens como um experiente comandante. —

Não quero ver mais do que a largura de um punho entre seus ombros. Quem estiver com lanças, passe para a fileira de trás. Quem estiver com escudo, passe para a frente. Esperem! Alto! — gritou ele. — Voltem! Voltem para a linha! Passem as lanças para trás e os escudos para a frente!

Quando trouxe mais uma pilha de armas, Arista parou diante da porta do arsenal e olhou para a praça. A guarnição rompera a barricada de carroças que bloqueava a rua do Rei, e alguns soldados já avançavam praça adentro. Olharam de relance para as fileiras de cidadãos e prosseguiram em seu propósito de romper as demais barricadas.

Emery estava posicionado à frente das tropas. Todos tinham espadas ou lanças, mas a maioria não sabia usá-las adequadamente. Praticamente todos os homens que integravam a linha de frente tinham em mãos um escudo de madeira, no entanto a maioria não sabia lutar com ele, e mais de um cidadão segurava o escudo de cabeça para baixo.

— Adam, fabricante de rodas, apresente-se! — bradou Emery, e o artífice de meia-idade deu um passo à frente. — Fique no flanco esquerdo e ensine os homens a segurar o escudo e manejar a espada.

Em seguida, Emery convocou Renkin Pool e Forrest e lhes ordenou que vigiassem a linha.

— Mantenham os escudos elevados! — gritou Adam. — Não apliquem golpes laterais com a espada. Deem preferência às estocadas. Assim vocês vão poder manter a fileira mais coesa. A fileira precisa ficar compacta. O homem que está ao seu lado é um escudo mais eficaz do que esse pedacinho de madeira que está na sua mão! Quero ver ombro colado a ombro!

— Não permitam que eles invistam pelos flancos! — gritou Renkin do outro lado da linha. — Quem estiver nas extremidades deve se virar e usar os escudos para impedir um ataque lateral. Todos devem se mover e trabalhar juntos!

Os elmos e as cotas de malha começaram a ser entregues, e, às pressas, alguns dos homens que compunham a linha de frente vestiram as malhas.

Um número surpreendente de soldados imperiais já havia se organizado em fileiras, do lado oposto da praça, todos impecavelmente uniformizados, usando malhas e elmos e portando espadas e escudos. Mantinham-se quietos, perfilados e confiantes. Ao contemplar as tropas de Emery, Arista constatou movimentos nervosos e olhares cheios de medo.

Quatro cavaleiros avançaram até o centro da praça. Dois traziam a flâmula imperial pendurada na ponta de uma lança. No cavalo que vinha mais à frente montava o delegado Vigan. Ao lado dele vinha Trenchon, o bailio da cidade, chapinhando as poças. Pendurado no cinto de Vigan, além da espada, havia um chicote. O semblante de Vigan estava sério, mas ele não parecia impressionado diante das fileiras improvisadas e um tanto tortas formadas pelos camponeses. Com uma postura ameaçadora, Vigan trotava de um lado a outro da praça, enquanto os cascos do cavalo lançavam ao ar torrões de barro.

— Eu sei por que vocês estão aqui! — gritou Vigan, dirigindo-se aos camponeses. — Vocês estão aqui por causa de um homem — disse ele, apontando para Emery. — Ele incitou vocês à prática de atos criminosos. Sob circunstâncias normais, eu executaria todos por traição, mas sei que Emery Dorn, e não vocês, é o traidor e o causador disso tudo. Vocês são vítimas da maledicência dele; portanto, serei benevolente. Deponham as armas roubadas, voltem para suas casas e enforcarei apenas os líderes que desvirtuaram vocês. Se prosseguirem com o presente intento, todos serão mortos.

— Mantenham-se firmes, homens! — gritou Emery. — Ele só está tentando amedrontá-los. Ele faz essa proposta porque está com medo... com medo de nós, porque vamos enfrentá-lo, unidos e determinados. Está com medo porque não nos intimidamos diante das ameaças dele. Está com medo porque, pela primeira vez, não está prestes a confrontar cordeiros, nem escravos, nem vítimas já derrotadas, e sim homens. Homens! Altivos e orgulhosos. Homens que ainda são leais ao seu rei!

Vigan ergueu uma das mãos por um instante e em seguida a baixou. Ouviu-se um estalo, seguido pelo som abafado de uma corda sendo tangida. Emery cambaleou para trás. Os que estavam em volta dele foram borrifados com sangue. A seta de uma besta estava cravada em seu peito. No instante seguinte, o ardente jovem de cabelos ruivos tombou na lama.

A fileira estremeceu diante daquela visão.

— Não! — gritou Arista, abrindo caminho entre os homens e desabando na lama ao lado de Emery. Desesperada, tentou virar o corpo, a fim de retirar da lama o rosto do rapaz. Limpou-o enquanto um jato de vômito escapava pela boca do jovem. Os olhos de Emery giravam freneticamente. Ele arfava, quase não conseguindo respirar.

Todos se calaram. O mundo inteiro parou.

Arista abraçou Emery. Ela pôde perceber um ar de súplica nos olhos do rapaz, fixados nos dela própria. Cada vez que ele ofegava, a respiração se tornava mais fraca. A cada convulsão do corpo dele, ela sentia seu próprio coração se partir.

*Isso não pode estar acontecendo!*

Olhou dentro dos olhos dele. Queria lhe dizer algo, queria lhe oferecer algo seu, algo que ele pudesse levar consigo. Mas o máximo que foi capaz de fazer foi abraçá-lo. Enquanto o apertava contra o peito, ele parou de lutar. Parou de se mexer. Parou de respirar. Arista soltou um grito, achando que seu corpo inteiro estava prestes a se partir.

Acima dela, o cavalo do delegado bufava e pisoteava o solo. Atrás dela, os rebeldes hesitavam. Ela ouviu o barulho das armas sendo atiradas ao chão, dos escudos sendo descartados. Arista então respirou fundo e olhou para o céu. Levantou uma das pernas, depois a outra, forçando-se a ficar de pé. Enquanto seu corpo trêmulo se erguia da lama, ela sacou a espada de Emery com um punho firme, levantou a lâmina acima da cabeça e encarou o delegado.

Então gritou, em alto e bom som:

— Não... se... atrevam... a... ceder! *Mantenham a linha!*



Estirado de costas no chão, acorrentado na lama, Hadrian percebeu que uma sombra parou diante de seu rosto e que a chuva parou de atingi-lo diretamente. Abrindo e franzindo os olhos, ele viu a silhueta de um homem desenhada na luz do alvorecer.

— Pelo amor de Maribor, o que você está fazendo aí?

A voz era conhecida e Hadrian se esforçou para ver o rosto escondido nas pregas do manto encapuzado. Ao redor dele, a chuva continuava a cair, respingando nas poças de lama e na relva, obrigando-o a piscar os olhos.

A figura que estava acima dele gritou:

— Sargento! Explique-me o que está se passando aqui. Por que esse homem está acorrentado?

Hadrian ouviu botas avançando pelo lamaçal.

— São ordens do comandante Parker, senhor — respondeu o homem com um tom de voz nervoso.

— Entendo. Diga-me uma coisa, sargento: você gosta da sua condição de ser humano?

— Como assim, senhor?

— Eu perguntei se você gosta da forma humana. Por exemplo, você acha útil ter duas mãos e duas pernas?

— Eu... Bem... Acho que não estou entendendo o sentido da pergunta.

— Não, não está mesmo... Mas vai entender, se esse homem não for solto imediatamente.

— Mas, lorde Esrahaddon, não posso fazer isso. O comandante Parker...

— Deixe Parker comigo. Liberte-o dessas correntes, retire-o desta lama e o leve até a casa, imediatamente, ou juro que, dentro de uma hora, você vai

estar engatinhando pelo resto da vida.

— Magos! — resmungou o sargento após Esrahaddon se afastar. Retirando uma chave do cinto, ele abriu, com dificuldade, os cadeados cobertos de lama. — Levante-se — ordenou ele.

Em seguida o sargento acompanhou Hadrian de volta até a casa. As correntes foram removidas, mas seus pulsos ainda estavam presos a algemas de ferro. Hadrian sentia frio e fome, além da impressão de que quase havia se afogado, mas um único pensamento enchia sua mente enquanto via o sol nascer no leste:

*Ainda há tempo?*

— E as carroças que estavam na estrada sul? — rosnava Esrahaddon quando Hadrian entrou.

O mago usava o manto de sempre naquele momento, cinza e completamente seco, apesar da chuva torrencial. Esrahaddon estava idêntico a quando Hadrian o vira em Dahlgren, a não ser pelo comprimento da barba, que agora chegava até o peito, conferindo-lhe, mais do que nunca, um aspecto de mago.

Parker estava sentado à mesa, com um guardanapo preso ao colarinho, diante de mais um prato de presunto com ovos.

*Ele come a mesma coisa todas as manhãs?*

— É a lama. Elas estão atoladas, e não me agrada... — Ele parou ao avistar Hadrian. — O que está havendo? Dei ordens para que esse homem permanecesse acorrentado. Por que você o trouxe aqui?

— Foi ordem minha — disse Esrahaddon. — Sargento, retire essas algemas e vá buscar as armas dele.

— Ei! — exclamou Parker, perplexo. — Você está aqui apenas na condição de conselheiro. Não se esqueça que *eu* estou no comando.

— De quê? — indagou o mago. — De mil vagabundos preguiçosos? Quando saí daqui havia um exército. Quando voltei, encontro uma ralé.

— É essa chuva que não para.

— E não irá parar — interveio Hadrian com um tom de frustração. — Tentei adverti-los. Precisamos atacar Dermont agora. Arista vai comandar uma rebelião em Ratibor hoje de manhã. Ela vai trancar os portões da cidade, para que Dermont não consiga recuar. Precisamos lutar e derrotá-lo, antes que ele receba reforços enviados por Sir Breckton e pelo Exército Imperial do Norte. Os reforços chegarão a qualquer momento. Se não atacarmos, Dermont vai entrar na cidade e esmagar a rebelião.

— Que bobagem... — comentou Parker, apontando um dedo acusador. — Esse homem penetrou no acampamento dizendo ser um marechal que vinha assumir o comando das *minhas* tropas.

— Ele é e vai — declarou o mago.

— Não vai, não! Ele e a princesa de Melengar são responsáveis pela traição que custou a vida de Degan. E não temos qualquer notícia do exército imperial do...

— Degan está vivo, seu imbecil. Nem Hadrian nem Arista têm a ver com o sequestro dele. Faça o que esse homem está dizendo, ou, dentro de dois dias, todos serão mortos ou capturados pelo Império. Você, evidentemente, vai morrer bem antes disso — advertiu o mago encarando Parker.

Os olhos de Parker se arregalaram.

— Eu nem sei quem ele é! — exclamou Parker. — Não posso entregar o comando a um estranho do qual nada sei. Como você sabe que ele é competente? Que credenciais ele possui?

— Hadrian sabe mais a respeito de combates do que qualquer homem vivo.

— E devo confiar na sua palavra? Na palavra de um... um... feiticeiro?

— Foi por meio da minha palavra que este exército foi formado. Foram as minhas instruções que produziram as vitórias.

— Mas você foi embora. As coisas mudaram. Degan me deixou no comando, e não posso...



Esrahaddon deu um passo em direção ao comandante. No momento em que o fez, seu manto começou a cintilar. Um brilho vermelho-sangue tomou conta do interior da casa, fazendo com que o rosto de Parker parecesse uma grande beterraba.

— Está bem! Está bem! — gritou Parker subitamente, dirigindo-se ao sargento. — Faça o que ele disse. Pouco me importa!

O sargento removeu as algemas de Hadrian, em seguida se retirou.

— Agora, Parker, seja prestativo ao menos uma vez na vida — disse Esrahaddon. — Reúna os capitães dos regimentos. Avise que, a partir de agora, receberão ordens do marechal Blackwater, e lhes diga que compareçam aqui o mais rápido possível.

— Marechal *lorde* Blackwater — corrigiu Hadrian com um sorriso.

Esrahaddon rolou os olhos.

— Faça isso agora!

— Mas...

— Ande logo!

Parker pegou as botas, que estavam embaixo da mesa, a capa e a espada. Quando saiu porta afora, ainda estava com as botas nas mãos.

— Ele vai nos causar problemas? — perguntou Hadrian enquanto observava o ex-comandante sair pela chuva, saltitando e resmungando.

— Parker? Não. Só precisei fazê-lo lembrar que morre de medo de mim — disse Esrahaddon, olhando para Hadrian. — Marechal *lorde* Blackwater?

— *Lorde* Esrahaddon? — respondeu ele, esfregando os pulsos no intuito de recuperar a sensibilidade tátil.

O mago sorriu e fez que sim.

— Você ainda não disse o que está fazendo aqui.

— Um serviço para Arista Essendon. Ela nos contratou para ajudá-la a contatar os nacionalistas.

— E agora ela quer que você assuma o controle do meu exército.

— Seu exército? Pensei que fosse o exército de Gaunt.

— Ele também pensava. E foi só eu dar as costas que Degan se deixou capturar... Depois de entregar o comando a esse palerma. Royce está com você?

— Estava... Arista o enviou como emissário a Alric, com uma mensagem para ele invadir Warric.

Enquanto comia o presunto com ovos deixado por Parker, Hadrian informou a Esrahaddon os detalhes da rebelião e dos planos para atacar Dermont. No momento em que acabou de comer, ouviu-se uma batida à porta. Cinco oficiais e o atormentado sargento, que carregava as espadas de Hadrian, entraram no recinto.

Esrahaddon se dirigiu ao grupo:

— Conforme Parker, sem dúvida, já lhes informou, esse é o marechal lorde Blackwater, seu novo comandante. Façam tudo o que ele disser, como se ele fosse o próprio Gaunt. Acho que vocês constatarão que ele é um substituto à altura do seu general.

Eles fizeram que sim e se mantiveram em posição de sentido.

Hadrian se levantou, deu a volta na mesa e anunciou:

— Vamos atacar a posição imperial imediatamente.

— Agora? — questionou um deles, atônito.

— Eu gostaria de ter contado com mais tempo, mas estive ocupado. Vamos atacar diretamente naquele lamaçal, onde os trezentos cavalos dos imperialistas não têm condições de avançar e onde os arqueiros não poderão enxergar, devido à chuva. A nossa infantaria, cujas armaduras são bastante leves, vai ter de se deslocar rapidamente, a fim de superá-los. Vamos cercá-los subitamente e chaciná-los num corpo a corpo.

— Mas, eles vão... — começou a dizer um soldado de aspecto rude, com uma barba parcial e uma armadura cujas peças não combinavam entre si, mas logo se deteve.

— Eles vão o *quê*? — quis saber Hadrian.

— Eu só estava pensando. Quando nos virem avançando, eles não vão recuar e entrar na cidade?

— Qual é o seu nome? — questionou Hadrian.

O homem demonstrou preocupação, mas se manteve firme.

— Renquist, senhor.

— Pois bem, Renquist, você está absolutamente certo. É isso mesmo que eles vão tentar fazer. Mas não vão conseguir entrar. A essa altura, as nossas forças aliadas terão tomado a cidade.

— Forças aliadas?

— Não tenho tempo para explicar. Não façam acampamento e não usem trombetas ou tambores para reunir as tropas. Se tivermos sorte, poderemos pegá-los de surpresa. É provável que pensem que jamais atacaremos. Renquist, em quanto tempo você acha que pode reunir as tropas e prepará-las para a marcha?

— Em duas horas — respondeu ele, mais confiante.

— Faça isso em uma hora. Disponham seus respectivos regimentos na encosta leste, fora do campo de visão dos imperialistas. Quero três regimentos de infantaria, em linhas duplas, com os comandantes mais experientes posicionados no centro e nos flancos esquerdo e direito, nessa ordem. Quero que uma cavalaria leve se desloque para o sul e aguarde o toque da trombeta, para então investir contra o flanco deles. Quero um contingente de cavalaria, o menor de todos, sob o meu comando, para ficar na reserva, ao norte, perto da cidade. Ao verem a flâmula azul, avancem pelo campo com o máximo de silêncio possível. Quando virem a flâmula verde, deem o sinal e ataquem. Sairemos dentro de uma hora. Dispensados!

Os capitães bateram continência e saíram correndo embaixo de chuva. O sargento entregou as armas a Hadrian e tentou sair sem chamar atenção.

— Espere um instante — interceptou-o Hadrian. — Como você se chama?

O sargento deu meia-volta.

— Eu só estava seguindo ordens quando acorrentei o senhor. Eu não sabia que...

— Você acaba de ser promovido a ajudante-general — declarou Hadrian.

— Como se chama?

O ex-sargento piscou os olhos.

— Bently... senhor.

— Bently, a partir de agora fique sempre ao meu lado e cuide para que as minhas ordens sejam obedecidas, entendido? Agora vou precisar de bons ginetes para atuar como mensageiros. Bastam três. Precisarei também de flâmulas de sinalização, uma azul e outra verde, com as maiores dimensões possíveis. Amarre-as nas pontas de varas compridas, e se certifique de que todos os capitães tenham flâmulas idênticas. Ah, e preciso de um cavalo!

— De dois cavalos — acrescentou o mago.

— Três cavalos — concluiu Hadrian. — Você também vai precisar de um, Bently.

O soldado abriu a boca, em seguida a fechou, meneou a cabeça e saiu pela chuva.

— Uma hora — murmurou Hadrian enquanto afivelava as armas.

— Você receia que Arista não consiga resistir durante tanto tempo?

— De acordo com o plano, eu deveria ter assumido o controle desse exército ontem. Se dispusesse de mais tempo, eu poderia... Só espero que não seja tarde demais.

— Se existe alguém capaz de salvar Ratibor, esse alguém é você — disse o mago.

— Já sei da história de ser guardião do Herdeiro — respondeu Hadrian.

— Eu achava que Royce lhe contaria.

Hadrian pegou o montante e passou o cinto por cima da cabeça. Então o sacou, testando o posicionamento da bainha.

— Eu me lembro dessa arma — comentou o mago, apontando para a lâmina. — É a espada de Jerish. — Franzindo o cenho, ele acrescentou: — O

que você fez com ela?

— Como assim?

— Jerish adorava essa espada. Ele guardava no punho da luva uma flanela, com a qual costumava polir a lâmina. Uma verdadeira obsessão. Essa lâmina era como um espelho.

— Ela vem sendo usada há novecentos anos... — disse Hadrian, e voltou a embainhar a espada.

— Você não se parece com Jerish — declarou Esrahaddon, então parou ao perceber o olhar estampado no rosto de Hadrian. — O que foi?

— O Herdeiro está morto... Você sabe disso, não sabe? Morreu bem aqui, em Ratibor, há quarenta anos.

Esrahaddon sorriu.

— Mas você segura a espada exatamente como Jerish fazia. Deve ser por causa do treinamento. É impressionante como isso define vocês dois. Na verdade, eu nunca...

— Você ouviu o que eu disse? A descendência acabou. Os serets conseguiram pegá-los. Mataram o Herdeiro... Que, a propósito, se chamava Naron... E mataram a mulher e o filho do casal. Meu pai foi o único sobrevivente. Sinto muito.

— O meu professor, o velho Yolric, insistia que o mundo acaba corrigindo a si mesmo. Era obcecado por essa ideia. Eu pensava que ele fosse louco, mas, depois de viver novecentos anos, a gente percebe as coisas de modo diferente. A gente começa a notar certos padrões inusitados. O Herdeiro não está morto, Hadrian; está apenas escondido.

— Eu sei que é isso o que você quer, mas o meu pai falhou e o Herdeiro morreu. Falei com um integrante da Roda de Mondepireaf, que testemunhou tudo.

Esrahaddon balançou a cabeça.

— Eu vi o Herdeiro com meus próprios olhos e sei reconhecer o sangue do Nevrik. Mil anos não são capazes de esconder de mim uma linhagem.

Ainda assim, só para ter certeza, fiz um teste que não pode ser forjado. Então posso afirmar: o Herdeiro está vivo e saudável.

— Então quem é ele? Eu sou o guardião, não sou? Ou pelo menos é o que dizem. Cabe a mim protegê-lo.

— Neste momento, o anonimato é uma proteção melhor que a espada. Não posso lhe revelar a identidade do Herdeiro. Se o fizesse, você se precipitaria e atrairia a vigilância por parte dos que nos cercam. — O mago suspirou. — E, confie em mim, sei o que é ser vigiado. Em Gutaria, eles anotavam cada palavra que eu pronunciava. Ainda agora, neste exato momento, cada palavra que digo é ouvida.

— Você está falando como Royce — disse Hadrian, olhando ao redor. — Estamos sozinhos, cercados por um exército de nacionalistas. Você acha que Saldur e Ethelred têm espiões com os ouvidos colados nas paredes desta casa?

— Saldur? Ethelred? — questionou Esrahaddon, dando uma risada. — Não estou preocupado com os regentes imperiais. Eles são meros joguetes. Você nunca se perguntou como foi que o Gilarabrywn escapou de Avempartha? Você acha que Saldur e Ethelred seriam capazes de realizar tal façanha? Meu adversário é bem mais perigoso, e tenho certeza de que ele passa muito tempo escutando o que digo, esteja eu onde estiver. Não desfruto dos benefícios desse amuleto que você usa, entende?

— Amuleto? — indagou Hadrian, tocando o peito e apalpando o círculo de metal embaixo da camisa. — Royce disse que este amuleto impede que magos como você localizem quem o estiver usando.

O mago confirmou.

— Impedir a busca de videntes foi o objetivo principal, mas o amuleto tem mais poderes, protegendo o portador de todos os efeitos da Arte, e ainda atrai boa sorte. Se você jogar cara ou coroa, na maioria das vezes o resultado lhe será favorável. Você já participou de muitas batalhas e esteve em muitas situações de perigo ao lado de Royce. Em mais de uma ocasião,

você não achou que a sorte estava do seu lado? Essa joiazinha é extremamente poderosa. O nível da magia empregada na confecção desse amuleto excedeu tudo o que já vi na vida.

— Pensei que ele tivesse sido confeccionado por você.

— E foi, mas contei com ajuda. Eu jamais poderia ter fabricado esse amuleto sozinho. Yolric me ensinou a trama. Ele foi o maior entre todos nós. Mal pude compreender as instruções dadas por ele, e não tinha certeza se havia praticado o feitiço corretamente, mas parece que acertei.

— Mas você é o único indivíduo do mundo ainda capaz de realmente fazer magia, certo? Então não pode haver a possibilidade de alguém estar nos escutando por meio de magia.

— E essa chuva? Ela não *deveria* parar? Pelo jeito, não sou o único.

— Você tem medo de Arista?

— Não, só estou defendendo uma hipótese. Não sou o único mago do mundo, e já fui descuidado demais. Na pressa, corri riscos que não deveria ter corrido, atraí atenção demais, fiz o jogo dos outros. Diante do pouco tempo que resta, não mais do que alguns meses, seria tolice correr mais riscos agora. Receio que a identidade do Herdeiro já esteja comprometida, no entanto existe a possibilidade de eu estar enganado, e vou me agarrar a essa esperança. Sinto muito, Hadrian. Ainda não posso lhe revelar. Mas confie em mim, ainda o farei.

— Não se ofenda, mas você não me inspira muita confiança.

O mago sorriu.

— Talvez você *seja mesmo* um descendente de Jerish, afinal. Em breve, vou precisar que a Riyria me ajude numa missão extremamente desafiadora.

— A Riyria não existe mais. Estou aposentado.

O mago balançou a cabeça.

— Contudo, vou precisar de vocês dois, e, considerando que a missão envolve o Herdeiro, suponho que você possa abrir uma exceção.

— Eu nem sei onde vou estar.

— Não se preocupe; quando chegar a hora, encontro vocês dois. Mas, por enquanto, precisamos lidar com o probleminha do exército de lorde Dermont.

Ouviu-se uma batida à porta.

— Os cavalos estão prontos, senhor — informou o novo ajudante-general.

No momento em que saíram, Hadrian avistou Gill, que vinha em direção a eles, trazendo a bolsa.

— Bom dia, Gill — saudou Hadrian, pegando a bolsa.

— Bom dia, senhor — respondeu ele com uma aparência de doente, mas esforçando-se para sorrir. — Tudo está aí dentro, senhor.

— Estou um pouco ocupado agora, Gill, mas tenho certeza de que vamos poder conversar mais tarde.

— Sim, senhor.

Hadrian montou num capão malhado castanho e branco, segurado por Bently, e observou Esrahaddon montar numa égua negra, de porte menor, valendo-se dos cotos dos braços. Já na sela, o mago enrolou as rédeas nos mesmos cotos.

— É estranho. Sempre me esqueço que você não tem mãos — comentou Hadrian.

— Eu não esqueço — respondeu o mago com frieza.

No céu, nuvens pesadas giravam enquanto meninos corriam pelo acampamento anunciando a ordem de formação. Cavalos trotavam, lançando ao ar torrões de barro. Carroças corriam deixando na lama sulcos profundos. Homens ainda se vestindo saíam correndo das barracas, escorregando na lama. Levavam espadas nos ombros, arrastavam escudos e se apressavam em afivelar os elmos. Hadrian e Esrahaddon cavalgaram pelo meio daquela atividade alvoroçada, dirigindo-se ao topo do morro, de onde podiam avistar quilômetros do relevo da região. Ao norte, a cidade com as torres de madeira e os muros amarronzados parecia uma visão



fantasmagórica. Ao sul ficava a floresta, e entre a cidade e a floresta uma vasta planície se estendia na direção oeste. O que antes era terra arável agora era uma sopa de lama. O campo possuía o formato de uma bacia, e no ponto mais baixo um pequeno lago havia se formado, refletindo, como um espelho de aço, a luminosidade do céu sombrio e cinzento. No outro extremo, o acampamento do exército imperial mal estava visível através da cortina de água formada pela chuva torrencial. Hadrian forçou a vista, mas só podia discernir vultos e silhuetas escuras. Nada indicava que tivessem conhecimento do que estava prestes a acontecer. Abaixo, na encosta leste do morro, escondido da visão dos imperialistas, o exército nacionalista se organizava em fileiras.

— O que foi? — perguntou Esrahaddon.

Hadrian se deu conta de que estava fazendo careta.

— Não são soldados muito competentes — declarou ele, observando a movimentação dos homens, cujas fileiras apresentavam uma formação irregular. A tropa mantinha uma postura um tanto apática, ombros caídos, cabeças baixas.

Esrahaddon não se abalou.

— Alguns são bons. Conseguimos recrutar alguns mercenários e um punhado de desertores dos imperialistas. Renquist, aquele que causou boa impressão em você, era sargento das forças imperiais. Uniu-se a nós porque ouviu dizer que ser de linhagem nobre não era uma questão relevante no exército nacionalista. Temos outros como ele, mas a maioria é mesmo composta por lavradores, comerciantes ou homens que perderam a casa ou a família.

Hadrian contemplou o campo.

— Lorde Dermont conta com infantaria, arqueiros e cavalaria bem-treinados... Homens que dedicaram a vida inteira à guerra e que foram adestrados desde jovens.

— Eu não me preocuparia com isso.

— Claro que  *você*  não se preocuparia. Eu é que tenho de comandar essa ralé medonha. Eu é que tenho de enfrentar lanças e flechas.

— Eu vou com você — afirmou Esrahaddon. — É por isso que não precisa se preocupar.

Bently e três jovens portando flâmulas coloridas se aproximaram deles a cavalo.

— Os capitães informaram que estão de prontidão, senhor.

— Vamos — anunciou Hadrian, e saiu trotando, a fim de ocupar sua posição no pequeno contingente de cavalaria.

A cavalaria parecia ainda menos capaz do que a infantaria. Os homens não usavam armadura e suas roupas estavam rasgadas, além de encharcadas pela chuva. Não fossem as lanças apoiadas no regaço, a impressão seria de que se tratava de um bando de vagabundos ou de prisioneiros em fuga.

— Ergam as lanças! — bradou Hadrian. — Mantenham-se alinhados, não saiam de suas posições, avancem juntos e sigam-me! — Dito isso, ele se virou para Bently. — Acene com a flâmula azul.

Bently agitou a flâmula azul até o sinal ser imitado campo afora, então o exército começou a avançar lentamente. Os exércitos nunca se deslocavam num ritmo que fosse do agrado de Hadrian. Quando atacavam, faziam-no com uma lentidão agonizante. Mas, quando recuavam, pareciam fazê-lo com uma velocidade fora do normal. Ele acariciou o pescoço de seu cavalo, que parecia maior e mais fegoso do que Millie. Gostava de se familiarizar com sua montaria antes de uma batalha. Durante um combate, cavalo e cavaleiro precisavam atuar como uma equipe, mas ele sequer sabia o nome do animal.

Com o mago cavalgando à sua direita e Bently à esquerda, Hadrian alcançou o topo do morro, então iniciou a longa descida até o campo encharcado. Conduziu a cavalaria para a direita, avançando em direção à cidade, contornando a baixada e evitando o atoleiro, por onde seguiu a infantaria. Sua intenção era se manter em um local mais elevado, de onde

pudesse observar o flanco norte do exército. Essa tática também o posicionaria próximos aos portões da cidade, em condições de interceptar qualquer recuo dos imperialistas. Depois que a companhia fez a curva, ele viu o contingente mais numeroso, formado por lanceiros montados, separar-se e circundar o terreno, movendo-se para a esquerda no intuito de guarnecer o flanco sul. Os rabos dos cavalos, sempre abanando, logo desapareceram na chuva.

Em seguida vinham as fileiras da infantaria. Alcançaram o topo do morro, acotovelando-se, alguns ainda tentando afivelar os elmos e posicionar os escudos. As linhas estavam tortas, falhadas e oscilantes, e, quando chegaram ao lamaçal, qualquer mera semelhança com uma formação bélica desapareceu totalmente. Os soldados tropeçavam e escorregavam, avançando como uma horda. Pelo menos se mantinham em silêncio. Hadrian se perguntou se isso não era consequência do fato de a maioria deles estar cochilando.

Hadrian sentiu o estômago revirar.

*Isso não vai acabar bem. Se eu tivesse mais tempo para treinar estes homens, eles ao menos teriam a aparência de soldados.*

Numa batalha, sucesso ou fracasso dependiam, muitas vezes, das impressões apreendidas pelos combatentes antes mesmo do primeiro embate. A exemplo de valentões que trocam insultos numa taverna, uma batalha costuma ser um jogo de intimidação, esporte que os nacionalistas não sabiam praticar.

*Como eles conseguiram vencer uma batalha sequer? Como conseguiram tomar Vernes e Kilnar?*

Sem poder enxergar com clareza as fileiras dos imperialistas, Hadrian os imaginava perfeitamente alinhados, esperando, deixando as tropas nacionalistas se exaurirem na lama. Esperava uma muralha de escudos reluzentes encimados por elmos brilhantes, seus donos unidos ombro a ombro sob uma floresta de lanças. E supunha que, naquele momento,

centenas de arqueiros estivessem armando seus arcos com flechas. Lorde Dermont pouparia a cavalaria. Qualquer idiota perceberia a inutilidade de se ordenar um ataque de cavalaria num lamaçal. Com suas armaduras pesadas e portando lanças das quais pendiam flâmulas, os cavaleiros provavelmente estariam aguardando entre as árvores ou talvez perto dos muros da cidade. Ficariam escondidos até o momento mais propício. Era isso o que Hadrian faria. Quando os nacionalistas tentassem flanquear, apenas ele e seu pequeno grupo estariam no caminho. Hadrian ordenaria o avanço das tropas e torceria para que aqueles à sua retaguarda seguissem o comando.

Já haviam cruzado mais da metade do campo quando Hadrian finalmente pôde avistar o acampamento imperial. As barracas brancas foram armadas em fileiras perfeitas, os cavalos estavam nos currais, mas não se via uma pessoa sequer.

— Onde eles estão?

— Ainda é muito cedo — respondeu o mago —, e nessa chuvarada ninguém quer se levantar. É bem mais fácil ficar na cama.

— Mas onde estão as sentinelas?

Hadrian constatou, espantado, que a linha oscilante da infantaria transpusera o lamaçal e se aproximava do acampamento dos imperialistas, enquanto as fileiras pareciam um pouco mais organizadas. Então avistou as cabeças dos capitães. Ainda não havia sinal do inimigo.

— Você já percebeu que, às vezes, a chuva tem uma qualidade musical? O jeito como ela bate no telhado? É bem mais fácil dormir numa noite chuvosa. Existe algo mágico na água corrente, algo que reconforta, que relaxa.

— O que você fez?

O mago sorriu.

— Só um feitiçozinho fraco. Sem as mãos, fica difícil realizar magias de grande porte, mas...

Ouviram um grito. A lona de uma barraca se agitou, então a de outra. Mais gritos ecoaram, e em seguida um sino foi tocado.

— Está vendo? — Esrahaddon suspirou. — Não disse? O feitiço já foi desfeito.

— Mas nós conseguimos — declarou Hadrian, boquiaberto. — Nós os surpreendemos dormindo! Bently, a flâmula verde. Sinalize o ataque. Sinalize o ataque!



O delegado Vigan fez uma careta para Arista. Atrás dela, homens pegavam novamente as armas e voltavam às suas posições.

— Já disse a vocês para entregarem suas armas e ir embora! — gritou o delegado. — Somente alguns de vocês serão castigados e somente os líderes serão executados. O primeiro já tombou. Vocês vão se deixar comandar por uma mulher? Vão desperdiçar a vida por causa dela?

Ninguém se mexeu. Os únicos sons eram produzidos pela chuva, pelo cavalo do delegado e pelos metais dos arreios.

— Muito bem — disse ele. — Executarei os líderes desse levante, um por um, se é o que querem.

Em seguida, olhou por cima do ombro e voltou a erguer a mão, com um gesto ameaçador.

A princesa não se moveu e continuou firme, a espada de Emery erguida acima da cabeça, com o vestido manchado pelo sangue do rapaz e o vento açoitando o rosto dela. De olhos arregalados, desafiava o delegado.

Ouviu-se o ruído da corda de uma besta.

Um impacto abafado.

Arista sentiu um borribo de sangue no rosto, mas não sentiu dor alguma. O delegado Vigan tombou na lama. Polido estava diante da oficina do

ferreiro, segurando uma besta sem seta.

Renkin Pool agarrou Arista pelo ombro e a puxou para trás. Perdendo o equilíbrio, ela caiu. Ele se posicionou acima dela, o escudo levantado. Mais um som da corda de uma besta, e o escudo de Pool se despedaçou. A seta prosseguiu e o atingiu no peito. Uma explosão de sangue e lascas de madeira choveu sobre Arista.

Outra besta foi acionada, esta disparada por Adam. Trenchon deu um grito, pois a flecha atravessou a coxa dele e atingiu o flanco do cavalo, que tombou esmagando a perna do homem. Outro disparo, e mais outro, e Arista viu que, naquele ínterim, a mulher loura havia trazido bestas de dentro do arsenal e as distribuído pelas fileiras.

O capitão da guarnição assumiu o comando dos imperialistas. Bastou um grito e os arqueiros fizeram disparos em direção ao outro lado da praça. Vários integrantes das fileiras caíram.

— Disparem! — ordenou Adam, e as flechas dos rebeldes responderam. Soldados imperiais tombaram na lama. — Mantenham a linha fechada! — comandou Adam. — Preencham os espaços deixados pelos que já caíram!

Do outro lado do campo ecoou um brado, seguido por um alarido, e os membros da guarnição sacaram suas espadas e avançaram. Arista sentia a vibração dos homens que partiam para o ataque, uivando como feras, as fisionomias selvagens. O ataque atingiu o centro da fileira. Não houve como preparar o ponto fraco: Emery e Pool estavam mortos, e a tática se perdeu.

Arista ouviu gritos e urros, barulho de metal contra metal, o impacto seco de espadas atingindo escudos de madeira. Os soldados avançaram e a linha se partiu ao meio. O plano determinava que Perin conduzisse o flanco esquerdo numa manobra que emboscasse o inimigo. Mas ele estava caído na lama, sangue escorrendo pela face. O segmento da linha que estava sob seu comando se separou do restante e logo se perdeu. A fileira principal também fracassou, desintegrando-se, então desapareceu. Os homens passaram a lutar

em meio a um turbilhão de espadas, escudos quebrados, sangue e mutilações.

Arista permaneceu onde havia caído. Sentindo um puxão no braço, ergueu os olhos e viu a mulher loura.

— Levante-se! Você vai ser morta!

Agarrando o pulso de Arista, ela a obrigou a se levantar. Ao redor delas, os homens gritavam, uivavam e grunhiam. Água borrifava, lama voava e sangue jorrava. A mão que apertava o pulso dela a puxava para trás. Arista pensou em Emery, estirado na lama, e tentou se soltar.

— Não! — retrucou a mulher, puxando-a novamente. — Você enlouqueceu?

A mulher a arrastou até a entrada do arsenal, mas, ao chegarem à porta, Arista se recusou a entrar e ficou na soleira, vendo a batalha. A habilidade e a experiência dos guardas da guarnição subjugaram os cidadãos. Os soldados retalharam o povo de Ratibor, empurrando os rebeldes contra as paredes das construções. Todas as poças ficaram escuras por causa do sangue derramado, todas as camisas e todos os rostos ficaram manchados de vermelho. Lama e esterco se mesclavam e ainda se misturavam a membros decepados e sangue. Para todos os lados que Arista olhava havia cadáveres. Corpos com olhos abertos e vidrados, e homens feridos e agonizantes jaziam por toda a praça.

— Nós vamos perder — declarou Arista. — A culpa é minha.

O fabricante de velas, um sujeito alto e magro, com cabelos encaracolados, largou a arma e tentou correr. Arista viu que uma lâmina de 15 centímetros se projetava de dentro do estômago do homem. Ela sequer sabia seu nome. Um jovem pedreiro chamado Walter teve a cabeça esmagada. Outro homem, cujo nome ela também desconhecia, perdeu o braço.

Arista ainda segurava a espada de Emery numa das mãos, a outra se apoiando na maçaneta da porta; enquanto isso, o mundo girava em volta

dela. Nauseada, teve ânsia de vômito. Não conseguia se mexer, tampouco dar as costas àquela carnificina. Todos morreriam e a culpa era dela.

— Sou responsável pela morte de todos nós.

— Talvez não. — A mulher loura atraiu a atenção de Arista e apontou para a extremidade da praça. — Olhe só!

Arista viu uma comoção subindo pela rua do Rei e ouviu o ruído de cascos de cavalos. A visão surgiu em meio à névoa provocada pela chuva. Lado a lado, em fileiras de três ou quatro, cavaleiros entraram na praça gritando. Um deles levava a flâmula dos nacionalistas, e o que vinha à frente brandia um montante; Arista o reconheceu instantaneamente.

Lançando lama ao ar, o cavalo de Hadrian atravessou a praça. Entrando na batalha, ele comandou um ataque ao ponto onde havia maior concentração de soldados. A guarnição ouviu o clamor e se virou para confrontar a cavalaria. Sempre à frente, Hadrian os atacou como um demônio, girando a grande espada, abrindo uma fenda na fileira inimiga e os retalhando implacavelmente. A linha da guarnição se rompeu e se desfez diante do assalto. Quando não viram como recuar, entregaram as armas e suplicaram misericórdia.

Avistando Arista, Hadrian deu um salto de cima do cavalo e correu em sua direção. Mal conseguindo respirar, Arista perdeu as últimas forças que lhe restavam e, trêmula, caiu de joelhos. Hadrian se abaixou e, abraçando-a, ajudou-a a se levantar.

— A cidade é sua, Vossa Alteza — disse ele.

Arista largou a espada de Emery, lançou os braços em volta do pescoço dele e chorou.



## CAPÍTULO 17

# DEGAN GAUNT



A chuva parou. O sol, detido durante tanto tempo, voltou com força total ao céu azul. O dia logo ficou quente e Hadrian deu uma volta pela praça, caminhando entre os muitos corpos cobertos de lama, à procura de sobreviventes. Por todo lado ouvia-se o pranto de esposas, mães, pais e filhos. As famílias retiravam do lodo sangrento seus entes queridos e os levavam para casa, a fim de lavá-los e prepará-los para um sepultamento decente. Hadrian se contraiu ao ver o Dr. Gerand fechando delicadamente os olhos sem vida de Quilate. Perto dali Adam estava sentado no chão, encostado na parede do arsenal. Pelo jeito, pretendia descansar por um momento.

— Aqui!

Hadrian viu uma mulher com longos cabelos louros acenando para ele. Rapidamente se deslocou até o local onde ela estava agachada, ao lado do corpo de um soldado imperial.

— Ele ainda está vivo — avisou ela. — Ajude-me a tirá-lo da lama. Não acredito que ninguém tenha visto esse homem.

— Ah, acho que alguém o viu — comentou Hadrian, levantando o soldado nos braços.

Hadrian levou o homem até o pórtico do ferreiro e o estendeu no chão, com todo cuidado, enquanto a mulher corria até o poço a fim de buscar um balde de água. Em seguida ele tirou a própria camisa, toda ensanguentada, e a entregou à mulher.

— Obrigada — respondeu ela, pegando a camisa e enxaguando-a dentro do balde. — Tem certeza de que você não se importa se eu usar a sua camisa para ajudar um guarda imperial?

— Meu pai me ensinou que um homem só é inimigo até tombar.

Ela concordou.

— Seu pai parece ter sido um homem sábio — declarou ela, espremendo da camisa o excesso de água; em seguida, começou a limpar o rosto e o tórax do soldado, procurando o ferimento.

— Foi mesmo. Meu nome é Hadrian, a propósito.

— O meu é Miranda — apresentou-se ela. — Muito prazer. Obrigada por salvar as nossas vidas. Suponho que os nacionalistas derrotaram lorde Dermont.

Hadrian fez que sim.

— A batalha nem foi das piores. Nós os pegamos dormindo.

Retirando a malha de aço e rasgando a túnica usada pelo soldado, ela limpou a pele e localizou uma perfuração, ainda sangrando.

— Espero que você não seja muito apegado a essa camisa — disse ela enquanto a rasgava ao meio. Uma das metades foi usada para proteger o ferimento e a outra como atadura, amarrada em volta da cintura do soldado. — Espero que isso estanque o sangramento. Seria bom poder dar alguns pontos, mas duvido que consiga encontrar uma agulha agora.

Hadrian olhou bem para o homem.

— Acho que ele vai sobreviver... graças a você.

Essas palavras ensejaram um leve sorriso nos lábios da mulher. Em seguida, ela enfiou no balde as mãos ensanguentadas e jogou um pouco de água no rosto. Olhando em redor da praça, ela falou:

— Tantos mortos.

Hadrian concordou.

Avistando Quilate, ela levou uma das mãos à boca, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele nos ajudou muito — comentou ela. — Disseram que era ladrão, mas hoje ele foi um herói. Quem diria que ladrões arriscariam o próprio pescoço? Eu vi o líder deles, Polido, atirar contra o delegado.

Hadrian sorriu.

— Se você perguntar, ele vai dizer que foi engano seu.

— Ladrões com coração, quem diria? — observou ela.

— Eu não iria tão longe assim.

— Não? Então, cadê os abutres?

Hadrian olhou para o céu, mas, percebendo que tinha demorado a entender a pergunta, balançou a cabeça.

— Você está se referindo aos saqueadores? — perguntou ele olhando ao redor. — Você tem razão; eu ainda não havia notado.

Ela fez que sim. O medalhão de Hadrian refletiu a luz do sol, captando a atenção da mulher. Miranda apontou.

— Esse colar... Onde você o conseguiu?

— Meu pai me deu.

— Seu pai? Foi mesmo? Meu irmão mais velho tem um igual a esse.

O coração de Hadrian disparou.

— O seu irmão tem um colar igual a este?

Ela fez que sim.

Hadrian olhou em redor da praça, subitamente preocupado.

— Ele...

Ela refletiu por um instante.

— Acho que não — respondeu ela. — Ao menos o meu coração me diz que ele ainda está vivo.

Hadrian tentou controlar os pensamentos desenfiados.

— Quantos anos tem o seu irmão?

— Acho que deve estar com uns 40.

— Você *acha*?

Miranda confirmou.

— Nunca comemoramos o aniversário dele, o que é meio estranho. É que ele foi adotado pela minha mãe. Ela fez o parto da mãe dele e... — Miranda hesitou. — A coisa não correu bem. Então a minha mãe tinha um amuleto igual ao seu e o deu ao meu irmão, como herança, no dia em que ele saiu de casa.

— O que foi que não correu bem no parto? — perguntou Hadrian.

— A mãe dele morreu... Esse tipo de coisa acontece, você sabe. É comum a mãe morrer no parto. Acontece. Acho melhor continuarmos a procurar feridos...

— Você está mentindo — retrucou Hadrian.

Ela começou a se levantar, porém Hadrian a agarrou pelo braço.

— Isso é muito importante. Preciso saber tudo o que aconteceu na noite em que seu irmão nasceu.

Miranda titubeou, mas Hadrian continuou agarrado ao seu braço.

— Não foi culpa dela. Ela não pôde fazer nada. Estavam todos mortos. Ela ficou com muito medo. Quem não ficaria?

— Tudo bem. Não estou acusando a sua mãe de coisa alguma. Só preciso saber o que aconteceu — disse ele, exibindo o amuleto. — Este colar pertencia ao meu pai. Ele estava lá naquela noite.

— O seu pai... Mas ninguém... — Hadrian percebeu nos olhos dela um sinal de entendimento. — O guerreiro coberto de sangue?

— Isso mesmo — confirmou Hadrian. — A sua mãe ainda mora na cidade? Posso falar com ela?

— Minha mãe morreu há muitos anos.

— Você sabe o que aconteceu? Eu preciso saber. É muito importante.

Ela olhou em volta e, ao se certificar de que não havia quem pudesse ouvi-la, disse:

— Certa noite, um sacerdote veio falar com a minha mãe, procurando uma parteira, e a levou até uma estalagem, onde uma mulher estava parindo. Enquanto minha mãe fazia o parto, começou uma briga na rua. Minha mãe tinha acabado de retirar a primeira criança...

— A primeira criança?

Miranda fez que sim.

— Ela viu que havia outra a caminho, mas homens vestidos de preto entraram no quarto. Minha mãe se escondeu num guarda-roupa. O marido lutou, mas mataram a mulher dele, a criança e um outro homem, que entrou para socorrê-los. O pai pegou o colar, igual a esse que você está usando, e o colocou no pescoço do bebê morto. Ainda havia luta na rua, em frente à estalagem, e o marido saiu correndo do quarto.

“Minha mãe ficou horrorizada. Ela disse que havia sangue por toda parte, e a pobre mulher e o bebê... Mas ela se encheu de coragem e saiu do guarda-roupa. Lembrou-se da segunda criança, que morreria se ela não agisse. Ela pegou uma faca e retirou o bebê.

“Da janela, viu o marido morrer e que havia pela rua uma dúzia de corpos. Um homem ensanguentado, empunhando uma espada, saiu matando todo mundo. Ela não sabia o que estava acontecendo. Ficou apavorada e achou que ele a mataria também. Com a segunda criança nos braços, pegou o colar do pescoço do bebê morto e fugiu. Então, fingiu que a criança era dela, e só no leito de morte contou o que havia acontecido... para mim.

— Por que ela pegou o colar?

— Ela disse que pegou porque viu que o pai queria que o colar ficasse com a criança.

— Mas você não acredita nisso?

Miranda deu de ombros.

— Olhe para esse colar — disse ela, apontando. — É de prata. Minha mãe era uma mulher muito pobre... mas ela não vendeu o colar. Ela acabou dando o colar a ele.

— Como é o nome do seu irmão?

Ela pareceu confusa.

— Achei que você soubesse. Você estava com os nacionalistas, não estava?

— O que tem a ver...

— O meu irmão é o líder no exército nacionalista.

— Ah... — As esperanças de Hadrian foram embora. — O seu irmão é o comandante Parker?

— Não, não... Meu nome é Miranda Gaunt. O meu irmão é Degan.



Embora não houvesse lutado nem sofrido golpes, Arista sentia-se absolutamente exausta. Agora ela ocupava o que, até aquela manhã, tinha sido o gabinete do vice-rei. O salão enorme e espalhafatoso abrigava tudo o que sobrevivera ao incêndio do velho palácio real. Caíra a noite, encerrando o dia mais longo registrado pela memória de Arista. As lembranças daquela manhã já estavam distantes, como se pertencessem a outro ano, outra vida.

Lá fora, o tremeluzir das fogueiras iluminava a praça onde Emery fora condenado à morte. De fato, ele havia morrido, mas seu sonho sobrevivera, sua promessa tinha sido cumprida. Arista ouvia os cidadãos de Ratibor cantando e via suas sombras dançando. Saudavam Emery com canecas de

cerveja e celebravam a vitória dele com carneiros assados em espetos. Uma celebração bastante diferente daquela planejada pelo delegado.

No gabinete, Arista sentava-se ao lado de uma dúzia de homens, todos com fisionomias preocupadas.

— Insistimos para que a senhorita aceite a coroa de Rhenydd — repetiu o Dr. Gerand, falando mais alto que os demais.

— Concordo — disse Perin.

Desde a batalha, o corpulento dono da mercearia, a quem tinha sido designado o comando do flanco esquerdo e que se ferira durante a ação, havia se tornado uma figura mítica. Viu-se instituído membro do conselho da cidade, composto às pressas com integrantes selecionados entre os sobreviventes mais ilustres.

Vários outros concordaram também. Ela não os conhecia, mas supunha que fossem proprietários de fazendas ou estabelecimentos comerciais, todos plebeus. Após a tomada da cidade, não sobrou um único membro da nobreza, e todos os imperialistas estavam mortos ou presos. O vice-rei Androus, despejado do gabinete, fora transferido para uma cela, a qual dividia com os guardas da cidade que se entregaram. Um grupo de funcionários da cidade, junto de Laven, o sujeito que discutira com Emery no Gnomo, seriam julgados por crimes contra a comunidade.

Depois do fim da batalha, Arista auxiliou na organização do socorro às vítimas. As pessoas vinham procurá-la a fim de obter instruções. Ela os orientou a sepultar fora dos limites da cidade os corpos daqueles que não tinham família. Houve uma cerimônia breve, presidida pelo monsenhor Bartholomew.

Os feridos e os agonizantes lotaram as dependências do arsenal, e hospitais foram improvisados no celeiro dos Dunlap e em quartos requisitados ao Gnomo. Algumas pessoas ofereceram suas casas, sobretudo aquelas que agora contavam com leitos vazios. Enquanto prosseguiam os trabalhos de sepultamento dos mortos e recuperação dos feridos, surgiu a

questão do destino do vice-rei e dos demais indivíduos que colaboraram com os imperialistas, além de diversos outros assuntos. Arista sugeriu a formação de um conselho que pudesse tomar as decisões pertinentes. O conselho foi criado e o primeiro ato oficial foi convocá-la a comparecer ao antigo gabinete do vice-rei. A decisão foi unânime. O conselho votara em favor da indicação de Arista para o trono do reino de Rhenydd.

— Não há mais ninguém aqui com sangue nobre — afirmou Perin. Sua cabeça estava envolta por uma atadura manchada de sangue. — Não há quem saiba governar.

— Mas Emery vislumbrava uma república — retrucou Arista. — Um governo autônomo, como o que existe em Delgos. Esse era o sonho dele... A razão pela qual lutava, a razão pela qual morreu.

— Mas não sabemos como fazer isso — declarou o Dr. Gerand. — Precisamos de experiência, e a senhorita a tem.

— Ele está certo — voltou a se pronunciar Perin. — Talvez dentro de alguns meses possamos realizar uma eleição, mas Sir Breckton e seu exército ainda estão a caminho. Precisamos agir. Precisamos do tipo de liderança que nos possibilitou tomar esta cidade; caso contrário, poderemos perdê-la novamente amanhã.

Arista suspirou e olhou para Hadrian, sentado perto da janela. Na condição de comandante do exército nacionalista, ele também recebera um convite.

— Qual é a sua opinião? — indagou ela.

— Não sou político.

— Não estou lhe pedindo que se torne um político. Só quero saber a sua opinião.

— Certa vez, Royce me disse que duas pessoas podem discutir uma mesma questão, e ambas podem estar certas. Achei que ele estava maluco, mas agora já não sei, pois acho que os dois lados têm razão. No momento em que se tornar rainha, a senhorita vai acabar com as chances de que aqui



seja instituída a república livre almejada por Emery, mas, se alguém não assumir o comando, e prontamente, essas mesmas chances irão perecer. E eles estão certos: se eu tivesse de escolher alguém para o comando, esse alguém seria a senhorita, princesa. Sendo uma pessoa de fora, não tem ideias pré-concebidas, não incorrerá em favoritismo... Agirá com justiça. E todos já a estimam.

— Eles não me estimam tanto assim. Sequer me conhecem direito.

— Eles acham que sim e confiam em você. Obedecem às suas instruções. E, neste momento, isso é o que se faz necessário.

— Não posso ser rainha. Emery queria uma república, e uma república ele terá. Os senhores podem me nomear prefeita interina de Ratibor e gestora do reino. Permanecerei na administração até um governo oficial poder ser estabelecido, ocasião em que me exonerarei e voltarei a Melengar.

— Dito isso, ela meneou a cabeça, num gesto mais direcionado para si do que para os conselheiros. — Assim terei condições de garantir que a transição seja feita.

Os presentes murmuraram sua anuência. Depois de tratar das questões mais urgentes, o conselho deixou as dependências da prefeitura, dirigindo-se à praça e deixando Arista e Hadrian a sós. Lá fora, o barulho constante da multidão diminuiu, e então voltou a explodir, em intensa celebração.

— Você é muito querida, Vossa Alteza — disse Hadrian.

— Querida demais. Querem até fazer uma estátua em minha homenagem.

— Já ouvi dizer. Querem que a estátua fique na Praça Oeste... Sua figura erguendo aquela espada.

— A coisa ainda não acabou. Breckton está quase chegando, e sequer sabemos se Royce conseguiu cruzar as linhas inimigas. E se não conseguiu? E se conseguiu, mas Alric não lhe deu ouvidos? Talvez ele ache impossível tomar Ratibor e se recuse a pôr o reino em risco. Precisávamos ter certeza.

— Você quer que eu vá?

— Não — retorquiu ela. — Quero você aqui. *Preciso* de você aqui. Mas, se as forças de Breckton nos sitiarem, vamos acabar cedendo, e então será tarde demais para enviá-lo. Nossa única esperança é que as forças de Alric consigam desviar a atenção de Breckton.

Hadrian concordou enquanto brincava com o amuleto pendurado no pescoço.

— Acho que não faz diferença para onde irei agora...

— Como assim?

— Esrahaddon esteve no acampamento de Gaunt. Ele está apoiando os nacionalistas.

— Você falou com ele sobre o Herdeiro?

Hadrian fez que sim.

— E você tinha razão. O Herdeiro está vivo. Acho que o Herdeiro é Degan Gaunt.

— Degan Gaunt é o Herdeiro?

— Engraçado, não? A voz do homem comum é também o Herdeiro do trono imperial. Uma segunda criança nasceu naquela noite. A parteira ficou com o gêmeo que sobreviveu. Ninguém mais soube disso. Não faço ideia de como Esrahaddon deduziu tal fato, mas isso explica por que está apoiando Gaunt.

— Onde está Esrahaddon agora?

— Não sei. Não o vejo desde que a batalha começou.

— Você não acha que...

— Hein? Ah, isso não. Tenho certeza de que está bem. Ele ficou para trás quando confrontamos as forças de Dermont. Acho que ele saiu à procura de Gaunt, e que vai entrar em contato com Royce e comigo, quando o encontrar — explicou Hadrian, e suspirou. — Eu queria que meu pai soubesse que, no final das contas, ele não fracassou.

“De qualquer forma, antes de ir vou tomar algumas providências para hoje à noite. Vou deixar um dos capitães no comando do exército. Tem um

sujeito chamado Renquist que parece inteligente. Vou mandá-lo verificar os muros, repor as pedras, aprontar defesas nos portões e posicionar sentinelas, soldados e arqueiros. Ele deve saber cuidar dessas questões. E vou preparar uma lista de medidas para a senhorita tomar, por exemplo: trazer para dentro dos muros da cidade todo o exército e os lavradores das redondezas, e então trancar os portões. Isso deve ser feito imediatamente.”

— Quer dizer que você vai partir de manhã cedo?

Ele fez que sim.

— Duvido que volte a vê-la antes de ir; portanto, vou me despedir agora. Você fez o impossível, Arista... Desculpe-me... Vossa Alteza.

— Pode me chamar de Arista — disse ela. — Vou sentir a sua falta.

Foi tudo o que ela pôde dizer. Palavras eram insuficientes para expressar tamanha gratidão.

Hadrian abriu a boca, mas hesitou. Então sorriu e disse:

— Cuide-se, Vossa Alteza.



No sonho, Thrace via o monstro vindo pegar seu pai. Com as costas voltadas para o monstro, ele sorria para a filha. Ela tentava gritar, mas só conseguia emitir um gemido abafado. Tentava acenar e avisá-lo do perigo, porém seus membros estavam pesados como chumbo e se recusavam a se mover. Tentava correr até ele, mas os pés estavam pregados no chão, paralisados.

O monstro não demonstrava a menor dificuldade para se mover.

Ele descia pela encosta do morro. Seu pobre pai não se dava conta, embora o solo tremesse sob o peso das passadas. O monstro o engoliu de uma só vez, e ela tombou, como se seu coração houvesse sido perfurado. Estirada sobre a relva, tentava respirar. Agora, o monstro vinha em sua

direção, decidido a concluir o trabalho, disposto a devorá-la viva — suas patas rangiam, cada vez mais alto, à medida que ele se aproximava.

Thrace despertou suando frio.

Estava dormindo de bruços no colchão de penas, o travesseiro dobrado em cima do rosto. Detestava dormir. Dormir sempre implicava pesadelos. Ficava acordada até não aguentar mais; muitas noites, sentava-se no chão, em frente à estreita janela, olhando para as estrelas e ouvindo os barulhos do lado de fora. Uma sinfonia de sapos coaxava no fosso e um coro de grilos cantava. Às vezes, vaga-lumes passavam diante daquela fenda aberta para o mundo. No entanto, finalmente, o sono a dominava.

O sonho era o mesmo todas as noites. Thrace estava no morro, seu pai ignorava que estava prestes a morrer e ela nada podia fazer para evitar o pior. Naquela noite, entretanto, o sonho tinha sido diferente. O final sempre acontecia quando o monstro a devorava, mas, naquela vez, ela despertara antes. Naquela noite, ao chegar, o monstro havia emitido uma espécie de rangido. Mesmo para um sonho, aquilo parecia estranho.

Então, ela voltou a ouvir o som que aparecera no sonho, entrando pela janela.

*Rangido... Rangido... Rangido!*

Havia outros sons também, sons de homens conversando. Falavam baixo, porém suas vozes se projetavam desde o pátio. Ela foi até a janela e olhou o exterior. Cerca de uma dúzia de homens carregando tochas arrastava uma carroça cujas rodas imensas rangiam a cada volta. A carroça era uma grande caixa, com uma pequena janela lateral fechada com grade de ferro, semelhante a uma carroça de circo utilizada para transportar um leão. Os homens usavam armaduras em tons de preto e vermelho. Thrace já vira aquelas armaduras antes, em Dahlgren.

Um dos homens se destacava. Era alto e magro; tinha cabelos longos e negros e barba curta, bem-aparada. A carroça parou e os cavaleiros se reuniram.

— Ele está acorrentado, não está? — Ela ouviu um deles dizer.

— Por quê? Você está com medo?

— Ele não é um mago — repreendeu o mais alto. — Ele não vai transformá-lo num sapo. Os poderes dele são políticos, não místicos.

— Ora, Luis, até Saldur disse que não deveríamos subestimá-lo. Corre por aí que ele tem habilidades estranhas, que é um semideus.

— Você acredita demais nas doutrinas da Igreja. Nós somos os protetores da fé. Não vamos chafurdar em superstições como camponeses ignorantes.

— Isso me parece blasfêmia.

— A verdade nunca pode constituir blasfêmia, desde que condicionada ao que é bom e certo. A verdade é algo poderoso, como um arco e uma flecha. Você não daria um arco e uma flecha a uma criança e diria “Pode ir brincar”, daria? Isso poderia causar mortes; tragédias podem ocorrer. A verdade precisa ser resguardada, reservada àqueles que são capazes de lidar com ela. Isso aqui, esse tesouro sacrílego, é, entre todas as verdades, a que mais precisa ser mantida em segredo. Isso jamais poderá voltar a ver a luz do dia. Vamos enterrá-lo nas profundezas do castelo. Vamos selá-lo para todo o sempre, e isso há de se tornar a pedra fundamental sobre a qual construiremos um novo e glorioso império, um império que ofuscará o anterior e lavará os pecados dos nossos antepassados.

Ela viu quando a traseira da carroça foi aberta e um homem foi retirado. Um capuz preto cobria o rosto dele. Correntes pendiam de suas mãos e de seus tornozelos, mas, mesmo assim, os homens o conduziam com extrema cautela, como se ele pudesse explodir a qualquer instante.

Escoltado por quatro homens de cada lado, ele foi levado pelo pátio, desaparecendo do campo de visão propiciado pela janela estreita. Ela viu quando a carroça foi empurrada de volta e os portões foram fechados. Modina contemplou o pátio vazio durante mais de uma hora, até finalmente voltar a dormir.



A carruagem sacolejava noite adentro pela estrada esburacada e montanhosa, guiando-se por uma nesga de céu, aberta entre a copa das árvores da floresta. O tilintar dos arreios, o som seco dos cascos e o rangido do cascalho dominavam aquele mundo. O ar estava impregnado do odor de água parada e animais notívagos.

Arcadius, professor de mitologia da Universidade de Sheridan, olhou pela janela aberta e bateu com a bengala no teto da carruagem, até que o cocheiro parasse o veículo.

— O que foi? — gritou o cocheiro.

— Aqui está bom — respondeu o professor de mitologia, pegando a bolsa e pendurando-a no ombro.

— O que está bom?

— Vou descer aqui — declarou Arcadius, que então abriu a portinhola e desceu da carruagem, pisando na estrada deserta. — Sim, aqui está bom. — Ele fechou a portinhola e deu alguns tapinhas na lateral da carruagem, como se fosse um cavalo.

O professor foi até a frente do transporte. O cocheiro estava sentado no banco alto, com o casaco abotoado até o pescoço e um chapéu amorfo, feito de pano de saco, enfiado por cima das orelhas. Entre as pernas, trazia uma pequena jarra fechada com uma rolha.

— Mas não tem nada aqui, senhor — insistiu ele.

— Não diga absurdos; é claro que tem. Você está aqui, não está? E eu também estou. — Arcadius abriu a bolsa. — E veja, há belas árvores e essa estrada excelente pela qual viemos.

— Mas estamos no meio da noite, senhor.

Arcadius levantou a cabeça.

— E veja esse céu maravilhoso, todo estrelado. É lindo, não acha? Você sabe ler os astros, meu bom homem?

— Não, senhor.

— Que pena — disse Arcadius, contando algumas moedas de prata e as entregando ao cocheiro. — Está tudo lá em cima, sabia? Guerras, heróis, monstros e vilões, o passado e o futuro se apresentam acima de nós todas as noites, como um mapa deslumbrante — comentou ele, apontando. — Aquele grupo comprido de quatro estrelas brilhantes é Perséfone, que sempre está ao lado de Novron, é claro. Se você seguir a linha que forma o braço de Novron, vai poder ver que eles quase se tocam... Amantes que querem ficar juntos.

O cocheiro ergueu os olhos.

— Para mim, parece poeira espalhada.

— E assim parece para muita gente... para gente até demais.

O cocheiro voltou a olhar para Arcadius e franziu o cenho.

— O senhor tem certeza de que quer ficar aqui? Eu posso voltar, se o senhor quiser.

— Não será necessário, mas agradeço.

— Como quiser. Boa noite.

O cocheiro sacudiu as rédeas e a carruagem partiu, fez uma volta e retornou pelo mesmo caminho que tinha vindo. O cocheiro olhou para o céu duas vezes, balançando a cabeça. A carruagem se afastou e o barulho dos cascos dos cavalos se tornou cada vez menos audível, até desaparecer, abafado pelos estridentes ruídos noturnos.

Arcadius ficou sozinho, contemplando o mundo. Fazia tempo desde que o velho professor estivera em contato com regiões selvagens. Tinha se esquecido da barulheira que ali imperava. O trinado agudo dos grilos pontuava os ecos oscilantes dos sapos, que acompanhavam a batida regular do coração humano. Os ventos farfalhavam milhões de folhas, imitando o barulho das ondas do mar.

Arcadius caminhou pela estrada, cruzando os sulcos recém-deixados pelas rodas da carruagem. O impacto de seus sapatos na terra provocava um

som surpreendentemente alto. A penumbra atraía a atenção para coisas normalmente invisíveis, silenciosas e ignoradas. Por isso as noites eram tão assustadoras. Sem a distração da luz, as portas dos demais sentidos se abriam. Para as crianças, a escuridão significava monstros embaixo da cama. Para os adultos, significava o intruso. Para os velhos, significava o anúncio da chegada da morte.

— Longa, árdua e pedregosa é a estrada pela qual caminhamos na velhice — murmurou ele, falando com os próprios pés.

Ao chegar diante de uma placa posicionada num entroncamento, ele parou. A placa sinalizava RATIBOR à direita, e AQUESTA à esquerda. Arcadius saiu da estrada, entrou num mato alto e sentou-se sobre um tronco caído. Retirando a bolsa do ombro, colocou-a no chão. Dentro dela pegou uma das três broas de mel furtadas da mesa do jantar na estalagem. Estava velho, mas a leveza de sua mão ainda era notável. Royce teria ficado impressionado. Nem tanto, se soubesse que Arcadius tinha pagado pela refeição, que, aliás, incluía as broas de mel. Em todo caso, o grandalhão de pele morena ao seu lado as teria roubado se não houvesse agido primeiro. Agora, pelo jeito, as broas seriam úteis, pois Arcadius não fazia ideia de quando...

Arcadius ouviu o ruído dos cascos muito antes de avistar o cavalo. O som vinha da direção de Ratibor. Por mais improvável que fosse a presença de alguém naquela estrada àquela hora, o coração do professor de mitologia disparou, até que, finalmente, a figura montada surgiu dentre as árvores. Uma mulher cavalgava sozinha, trajando um manto escuro e com capuz. Ela se deteve diante da placa.

— Você está atrasada — avisou ele.

Ela deu meia-volta e relaxou ao reconhecê-lo.

— Não, eu cheguei cedo. E você chegou mais cedo ainda.

— Por que veio sozinha? É perigoso demais. Essas estradas são...

— Em quem você acha que eu poderia confiar e pedir que me acompanhasse?



Ela desmontou e amarrou o cavalo à estaca que sustentava a placa.

— Você poderia ter contratado algum rapaz. Deve haver alguns na cidade, nos quais você possa confiar.

— Aqueles nos quais confio não me seriam úteis, e nos que seriam úteis não confio. Além do mais, esse ponto da estrada não fica longe. Não levei mais do que duas horas para chegar aqui. E não tem muita coisa entre Ratibor e esse lugar. — Antes que ela se aproximasse, ele começou a se levantar. — Não precisa se levantar.

— E como é que vou abraçá-la? — questionou ele, abraçando-a. — Agora, me diga: como tem passado? Fiquei preocupado.

— Você se preocupa demais. Eu estou bem — respondeu ela, baixando o capuz e revelando os longos cabelos louros presos à nuca.

— A cidade foi tomada? — perguntou Arcadius.

— Está agora nas mãos dos nacionalistas. Eles atacaram e derrotaram as forças de lordes Dermont, no campo, e a princesa comandou uma rebelião contra o delegado Vigan, na cidade. Sir Breckton e o Exército Imperial do Norte chegaram tarde demais. Com a cidade tomada e Dermont morto, o exército de Breckton bateu em retirada e voltou para o norte.

— Passei pelo pessoal responsável pelo envio de suprimentos para o exército dele. Acho que ele está se preparando para defender Aquesta. E Hadrian e Arista? Como estão?

— São e salvos — respondeu ela. — Hadrian passou o comando do exército nacionalista para um sujeito chamado Renquist, um dos capitães mais experientes, e foi embora na manhã seguinte à batalha. Não sei bem aonde foi.

— Você conseguiu falar com ele?

Ela confirmou.

— Sim, contei a ele sobre o meu irmão. Arcadius, você sabe onde está Degan?

— Eu? — Ele pareceu surpreso. — Não. Os serets o levaram, disso tenho certeza. Mas ninguém sabe o paradeiro dele. Ultimamente, eles ficaram bem mais espertos. É como se outra cabeça tivesse nascido em Guy, e essa tem cérebro.

— Você acha que eles o mataram?

— Não sei, Miranda — disse o mago; em seguida, fez uma pausa, arrependendo-se das palavras diretas, e olhou para ela com ar de solidariedade. — É difícil entender a mente dos imperialistas. Vamos torcer para que eles o queiram vivo. Agora que liberamos Hadrian, são boas as chances de que ele e Royce o salvem. Pode ser até que Esrahaddon perceba a situação e os envie.

— Esrahaddon já sabe — falou Miranda. — Faz meses que ele está do lado de Degan.

— Então ele descobriu. Excelente. Eu pensei que talvez conseguisse. Quando me visitou em Sheridan, ficou óbvio que ele sabia mais do que estava me dizendo.

— Talvez ele e Hadrian estejam procurando juntos... Será que combinaram um encontro depois da batalha?

O mago coçou o queixo, pensativo.

— É possível. Até mesmo provável. Quer dizer que aqueles dois saíram à procura do seu irmão... E Arista? O que ela está fazendo?

Miranda sorriu.

— Está governando a cidade. Os cidadãos de Ratibor queriam proclamá-la rainha de Rhenydd, mas ela só aceitou ser prefeita interina até eleições serem realizadas. A intenção dela é concretizar o sonho de Emery e criar a República de Rhenydd.

— Uma princesa criando a primeira república de Avryn — comentou Arcadius rindo. — Veja só o resultado dos eventos.

— A princesa tem chorado muito desde a batalha. Eu a tenho observado. Ela trabalha sem parar, resolvendo disputas, inspecionando os muros da

cidade, nomeando ministros. Ela chega a cochilar diante da mesa de trabalho na prefeitura. E chora quando acha que não tem ninguém olhando.

— Toda aquela violência, após uma vida tão privilegiada...

— Acho que ela estava apaixonada por um rapaz que foi morto em ação.

— Apaixonada? É mesmo? Isso é surpreendente. Ela nunca demonstrou interesse em quem quer que fosse. Quem era o rapaz?

— Ninguém importante. O filho de um guarda-costas do rei Urith que morreu.

— É uma pena — disse o mago com tristeza. — Apesar de todos os privilégios, a vida dela não tem sido fácil.

— Você não perguntou por Royce — observou ela.

— Tive notícias dele. Royce chegou a Medford pouco antes de eu sair. No dia seguinte, o exército de Melengar atravessou o Galewyr. Alric recrutou todos os homens saudáveis, e até muitos meninos. Ele entregou o comando das tropas ao conde Pickering, a Sir Ecton e ao marquês Lanaklin. Eles romperam as fracas forças imperiais e, de acordo com as informações mais recentes, avançaram para o sul, causando muita destruição. Foi mais um obstáculo do qual precisei desviar. Acho que vou levar um mês para voltar à universidade.

O mago suspirou, um olhar de preocupação surgindo em seu rosto.

— Dois fatores ainda me incomodam. Primeiro, Aquesta está ameaçada por um exército inimigo, à espreita em Ratibor, e as tropas não estão negociando nem evacuando a cidade. Segundo... Marius.

— Quem?

— Merrick Marius, também conhecido como Cutelo.

— Não foi ele o responsável pela ida de Royce a Manzant?

— Foi, e agora ele está trabalhando para o Novo Império. É um coringa com o qual eu não contava. — O velho fez uma pausa. — Tem certeza de que Hadrian acreditou em tudo o que você disse?

— Certeza absoluta. Os olhos dele quase saltaram quando falei que Degan era o Herdeiro. — Ela suspirou. — Você tem certeza de que a gente está...

— Tenho certeza, Miranda. Não se engane. Estamos fazendo o que é absolutamente correto e necessário. É crucial que Royce e Hadrian jamais descubram a verdade.

LIVRO IV

*O TEMPESTADE DE ESMERALDA*



## CAPÍTULO 1

# ASSASSINO



Merrick Marius ajustou um virote em sua pequena besta antes de esconder a arma embaixo da capa. Nuvens finas como fumaça passavam diante de um fiapo de lua, deixando Marius e a Praça Central na escuridão. À espreita, ele corria os olhos por ruas imundas e construções decrepitas em busca de qualquer movimento, sem encontrar nada. Àquela hora a cidade estava deserta.

*Ratibor pode ser um buraco, pensou ele, mas ao menos é fácil trabalhar aqui.*

As condições haviam melhorado desde a recente vitória dos nacionalistas. Os guardas imperiais tinham ido embora e, sem eles, o patrulhamento fora interrompido. A cidade agora carecia até de um delegado experiente, pois a nova prefeita se recusava a contratar homens tarimbados, ou militares, para gerir a chamada “lei e ordem”. Em vez disso, optara por improvisar, recorrendo a merceeiros, sapateiros e leiteiros.

Merrick considerava tais opções imprudentes, mas era o tipo de equívoco esperado de uma nobre inexperiente. Contudo, ele não tinha do que se queixar — qualquer ajuda era bem-vinda.

Apesar dessa falha, ele admirava a façanha realizada por Arista Essendon. Em Melengar seu irmão governava, o rei Alric, e, na condição de princesa solteira, ela não detinha nenhum poder efetivo. No entanto, havia arquitetado uma rebelião, e os camponeses sobreviventes a recompensaram com as chaves da cidade. Era estrangeira e pertencia à realeza, e mesmo assim eles eram gratos por serem governados por ela. *Brilhante*. Ele não poderia ter feito melhor.

Um leve sorriso se formou no canto dos lábios de Merrick enquanto ele a observava da rua. Uma vela ainda ardia no segundo piso do prédio da administração da cidade, ainda que já estivessem noite adentro. A figura da jovem se movimentou detrás das cortinas, pois ela se levantou da escrivaninha.

*A coisa vai ser rápida*, pensou ele.

Merrick ajustou a empunhadura na arma. Com apenas 45 centímetros de comprimento e um arco ainda mais curto, a arma não possuía a força de penetração de uma besta comum. Mas seria o suficiente. O alvo não usava armadura e Merrick não dependia do impacto da seta. A ponta de aço estava embebida em veneno. Um veneno deplorável para levar a cabo um assassinato, pois não matava rapidamente, tampouco paralisava a vítima. É certo que a poção matava, mas somente após um período de tempo por ele considerado “amador”. Merrick nunca havia usado aquele veneno, e só recentemente tomara conhecimento de sua característica mais importante — esse veneno era imune à magia. Merrick fora informado, por fonte fidedigna, que os feitiços e os encantamentos mais potentes seriam inócuos diante daquele veneno. Considerando a natureza do alvo, isso era essencial.

Outra figura entrou no aposento de Arista, e ela se sentou abruptamente. Merrick achou que ela tivesse acabado de receber alguma notícia alvissareira

e estava prestes a atravessar a rua, a fim de escutar junto à janela, quando a porta da taverna, atrás dele, se abriu. Uma dupla de clientes saiu, e, considerando as passadas trôpegas e o volume das vozes, Merrick deduziu que beberam mais de uma caneca naquela noite.

— Nestor, quem é aquele sujeito encostado no poste? — perguntou um deles, apontando em direção a Merrick. Um homem rechonchudo, com o nariz tão vermelho que parecia um morango, semicerrou os olhos na penumbra e cambaleou para a frente.

— Como é que vou saber? — respondeu o outro. O bigode do magricelo ainda reluzia, coberto que estava com espuma de cerveja.

— O que ele está fazendo aqui a esta hora da noite?

— Repito: como é que vou saber, seu idiota?

— Bem, pergunte a ele.

O mais alto se adiantou.

— O que o senhor está fazendo, moço? Escorando o poste para o pórtico não desabar?

Nestor deu uma gargalhada abafada e se curvou, apoiando as mãos nos joelhos.

— Na verdade — disse Merrick com um tom de voz tão sisudo que era quase grave —, estava esperando para conferir o cargo de “bobo da cidade” à pessoa que me fizer a pergunta mais imbecil. Parabéns, você venceu.

O magricelo deu um tapa no ombro do amigo.

— Viu? Passei a noite toda dizendo a você que sou engraçado, e você não riu nenhuma vez. Agora vou ter um novo emprego, que, provavelmente, vai pagar melhor do que o seu.

— Ah, sim, você é mesmo uma artista — garantiu o amigo enquanto os dois cambaleavam noite adentro. — Você deveria fazer um teste para o teatro. Vão encenar *A conspiração pela Coroa* em homenagem à prefeita. O dia que eu vir você no palco... *Isso sim* vai ser engraçado.



O humor de Merrick azedou. Ele havia assistido a uma montagem da referida peça há anos. Embora os nomes dos dois ladrões representados na cena fossem diferentes, ele tinha certeza de que eram referências a Royce Melborn e Hadrian Blackwater. Royce havia sido o melhor amigo de Merrick na época em que ambos eram assassinos a serviço do Diamante. A amizade acabara havia 17 anos, naquela noite quente de verão em que Royce matou Jade.

Embora não estivesse presente, Merrick imaginara a cena inúmeras vezes. Naquele tempo, Royce ainda não possuía o punhal branco, e usava um par de facas de lâminas curvas e cabos pretos. Merrick conhecia a técnica de Royce o suficiente para imaginá-lo retalhando Jade, em silêncio, com as duas lâminas ao mesmo tempo. Merrick pouco se importava que Royce fora manipulado por alguém, ou que desconhecesse a identidade da vítima quando a atacou. Tudo o que importava a Merrick era que sua amada estava morta, assassinada por seu melhor amigo.

Quase duas décadas haviam se passado e Jade e Royce ainda o assombravam. Não conseguia pensar em um sem pensar no outro, e também não conseguia esquecer. Amor e ódio se fundiram para sempre, interligados por um nó impossível de ser desatado.

Ruídos e gritos vindos do interior do aposento de Arista trouxeram Merrick de volta ao presente. Ele apalpou a arma, então atravessou a rua.



— Vossa Alteza? — perguntou o soldado, entrando no gabinete da prefeita.

Com os cabelos embaraçados e os olhos fundos, a princesa Arista levantou a cabeça, desviando a atenção da escrivaninha entulhada. Precisou de um momento para discernir a identidade do visitante. O homem com a armadura desmazelada exibia uma expressão de evidente desagrado.

*Isso não vai acabar bem*, pensou ela.

— A senhorita mandou me chamar? — perguntou ele, mal disfarçando a irritação.

— Sim, Renquist — respondeu ela, e sua mente se tornou tão severa quanto a fisionomia dele. Mal dormira nos últimos dois dias, e sentia dificuldade para se concentrar. — Eu o chamei aqui para...

— Princesa, a senhorita não pode ficar me chamando assim. Preciso cuidar do exército e vencer uma guerra. Não tenho tempo para conversas.

— Conversas? Eu não o chamaria aqui se não fosse importante.

Renquist rolou os olhos.

— Quero que você retire o exército da cidade.

— O quê?

— É inevitável. Seus homens estão criando muita encrenca. Todos os dias recebo relatos de que soldados estão intimidando comerciantes e destruindo propriedades. Já houve até uma acusação de estupro. Você precisa levar seus homens para fora da cidade, onde será mais fácil controlá-los.

— Meus homens arriscaram a vida combatendo os imperialistas. Esta cidade infame pode ao menos alimentá-los e abrigá-los. Agora a senhorita quer que eu os prive de cama e teto?

— Se os comerciantes e os lavradores se recusam a alimentá-los, é porque não têm condições de fazê-lo — explicou Arista. — O Império confiscou as reservas da cidade quando os imperialistas assumiram o controle. A chuva e a guerra destruíram a maior parte da safra deste ano. A cidade não tem o suficiente para alimentar os habitantes, muito menos para um exército. O outono já chegou e o frio não tarda. Essa gente não sabe como vai sobreviver ao inverno. Não vão conseguir se manter com mil soldados invadindo seus estabelecimentos comerciais e suas plantações. Somos gratos pela sua contribuição na tomada da cidade, mas a permanência de vocês aqui ameaça destruir aquilo pelo qual arriscaram a vida. Vocês precisam partir.

— Se eu os forçar a acampar, com uma alimentação inadequada e barracas com goteiras, a metade vai desertar. Muitos já estão falando em voltar para casa, em virtude da colheita. Não preciso dizer à senhorita que, se o exército desaparecer, o Império vai retomar a cidade.

Arista balançou a cabeça.

— Quando Degan Gaunt estava no comando, o exército nacionalista viveu sob condições semelhantes durante meses a fio, sem qualquer problema. Os soldados estão se tornando complacentes aqui em Ratibor. Talvez esteja na hora de você avançar sobre Aquesta.

Renquist se contraiu diante da sugestão.

— A captura de Gaunt dificultou muito a tomada de Aquesta. Preciso de tempo para recolher informações e estou esperando a chegada de reforços e suprimentos vindos de Delgos. Atacar a capital não é o mesmo que tomar Vernes ou Ratibor. Os imperialistas vão lutar até o último homem para defender a imperatriz. Não. Precisamos ficar aqui até estarmos devidamente preparados.

— Esperem se for preciso, mas não aqui — respondeu ela com firmeza.

— E se eu me recusar? — questionou ele, apertando os olhos.

Arista depositou sobre a mesa os pergaminhos que estavam em suas mãos e se manteve calada.

— Meu exército conquistou esta cidade — declarou ele com veemência.

— A senhorita tem autoridade somente porque *eu* permito isso. Não recebo ordens da senhorita. Aqui, a senhorita não é princesa e eu não sou seu servo. Minha responsabilidade diz respeito às minhas tropas, não a esta cidade e certamente não à senhorita.

Arista se levantou lentamente.

— Eu sou a prefeita desta cidade — disse ela com um tom de voz cada vez mais cheio de autoridade —, designada pelo povo. Além disso, sou a administradora de todo o reino de Rhenydd, novamente por consentimento

dos habitantes daqui. O senhor e o seu exército estão aqui por permissão *minha*.

— A senhorita é uma princesa de Melengar! Eu, pelo menos, nasci em Rhenydd.

— A despeito dos seus sentimentos em relação a minha pessoa, o senhor vai respeitar a autoridade deste cargo e fazer o que eu disser.

— E se eu não fizer? — perguntou ele friamente.

A reação de Renquist não surpreendeu Arista. Ele tinha sido soldado de carreira a serviço do rei Urith e do exército imperial antes de se unir aos rebeldes nacionalistas, na ocasião da queda de Kilnar. Quando Gaunt desapareceu, Renquist foi apontado comandante-geral, um posto bem mais elevado do que poderia imaginar para si. Agora, finalmente, ele se dava conta do poder que possuía e começava a se afirmar. Arista alimentara esperanças de que ele demonstrasse o mesmo espírito de Emery, porém Renquist não era um plebeu com coração de nobre. Se não agisse agora, Arista poderia se ver diante de um golpe militar.

— Esta cidade acaba de se libertar de um tirano e não vou permitir que caia nas garras de outro. Se o senhor se recusar a me obedecer, será substituído no comando.

— E como a senhorita pretende fazer isso?

Arista exibiu um leve sorriso.

— Pense bem... Com certeza, o senhor tem condições de deduzir.

Renquist continuou a encará-la, então seus olhos se arregalaram, exprimindo uma súbita compreensão, e o medo se estampou em seu semblante.

— Sim — disse ela —, os boatos a meu respeito têm fundamento. Agora retire o seu exército da cidade, antes que eu resolva provar a veracidade dos rumores. O senhor tem um dia para levar a termo a remoção. Batedores já localizaram um vale bastante viável ao norte. Sugiro que o acampamento seja montado no ponto em que o rio atravessa a estrada. O local é distante o

suficiente para evitar mais encrencas. Dirigindo-se para o norte, seus homens terão a sensação de estar avançando rumo ao alvo, Aquesta, o que vai ajudar a levantar o moral da tropa.

— Não me diga como liderar o meu exército — retrucou ele, embora não tão alto, nem com a mesma confiança de antes.

— Minhas desculpas — falou ela, inclinando a cabeça. — Foi apenas uma sugestão. A ordem para deixar a cidade, no entanto, não é. Boa noite, senhor.

Renquist hesitou, respirando com dificuldade, cerrando os punhos.

— Eu disse boa noite, senhor.

Ele murmurou um xingamento e, ao sair, bateu a porta com força.

Exausta, Arista desabou na cadeira.

*Por que tudo tem de ser tão difícil?*

Agora todos exigiam algo dela: comida, abrigo, garantias de que tudo acabaria bem. Os cidadãos olhavam para Arista e enxergavam esperança, mas ela via pouca. Atormentada por inúmeros problemas e cercada de gente, a princesa sentia-se estranhamente sozinha.

Arista baixou a cabeça sobre a mesa e fechou os olhos.

*Um cochilozinho de poucos minutos, disse ela consigo mesma. Em seguida, eu me levanto e vou pensar num meio de lidar com a escassez de grãos e examinar os relatórios de maus-tratos de prisioneiros.*

Desde que havia se tornado prefeita, uma centena de questões exigira sua atenção, como, por exemplo, quem teria o direito de proceder à colheita de campos pertencentes a lavradores que pereceram na batalha. Com a escassez de alimentos e a ameaça imposta pela inclemência do outono, ela precisava urgentemente de uma solução. Ao menos tais problemas a impediam de pensar na própria perda. A exemplo de todos na cidade, Arista ainda vivia sob o impacto da Batalha de Ratibor. Não sofrera danos físicos, no entanto sua dor resultava de uma lembrança, um rosto que via à noite, quando seu coração doía como se estivesse partido. E seu coração jamais iria cicatrizar.

Sempre haveria uma ferida, uma deformação, uma cicatriz visível pelo resto da vida.

Quando finalmente pegava no sono, pensamentos em Emery, reprimidos enquanto estava acordada, invadiam seus sonhos. Ele sempre aparecia sentado ao pé da cama, banhado pelo luar. A respiração de Arista se tornava ofegante, ávida pelo beijo, no momento em que ele se inclinava com um sorriso nos lábios. De repente, ele se contraía, uma gota de sangue escorria do canto de sua boca e uma flecha disparada por uma besta se projetava do tórax. Ela tentava gritar, porém não conseguia produzir som algum. O sonho era sempre o mesmo, mas, naquela noite, Emery falou. “*Não há mais tempo*”, disse ele, com uma expressão intensa e urgente. “*Agora depende de você.*”

Ela se esforçava para perguntar o que ele queria dizer com aquelas palavras, quando...

— Alteza. — Arista sentiu um toque suave no ombro.

Abrindo os olhos, viu Orrin Flatly. O escrivão da cidade, o mesmo que registrara as chibatadas desferidas nos rebeldes na Praça Central, tinha se oferecido para ser seu secretário. Inicialmente, a eficiência fria do sujeito lhe causara estranheza, mas ela acabou compreendendo que o fato de ele trabalhar bem não constituía crime algum. A decisão de aceitá-lo fora acertada, e ele demonstrou ser um empregado leal e diligente. Todavia, despertar diante daquele rosto desprovido de expressão era perturbador.

— O que foi? — perguntou ela, passando as mãos pelos olhos em busca das lágrimas que deveriam estar ali.

— Chegou uma pessoa que deseja vê-la. Eu expliquei que a senhorita está ocupada, mas ele insiste. Ele é bastante... — Orrin se mostrou desconcertado — ... difícil de ser ignorado.

— Quem é ele?

— Ele se recusou a me informar seu nome, mas disse que a senhorita o conhece, e afirma que o assunto é da maior importância. Insiste em falar

com a senhorita imediatamente.

— Muito bem — concordou Arista, um tanto sonolenta. — Dê-me um momento, e então o faça entrar.

Orrin saiu e, na ausência dele, alisou as rugas do vestido, a fim de resguardar uma aparência minimamente apresentável. Tendo nos últimos tempos levado uma vida de plebeia, Arista baixara, sensivelmente, os padrões do que ela própria considerava aceitável. Verificando no espelho o estado dos cabelos, ela se perguntou onde estaria a princesa de Melengar, e se ela um dia retornaria.

Enquanto examinava a própria aparência, a porta se abriu.

— Como posso ajudá-lo...

Esrahaddon estava de pé no vão da porta, trajando o manto esvoaçante cuja cor Arista jamais conseguia identificar. Seus braços, como sempre, desapareciam nas cintilantes pregas do manto. A barba estava mais longa e havia fios brancos nos cabelos, o que lhe conferia um aspecto mais envelhecido do que ela se lembrava. Arista não via o mago desde aquela distante manhã às margens do rio Nidwalden.

— O que  *você*  está fazendo aqui? — perguntou ela com um tom de voz menos cálido.

— Para mim, também é um prazer revê-la, Vossa Alteza.

Depois de fazer o mago entrar, Orrin manteve a porta aberta. Bastou um olhar de relance, por parte de Esrahaddon, e ela se fechou.

— Pelo jeito, suas mãos já não fazem tanta falta hoje em dia — comentou Arista.

— A gente acaba se adaptando às necessidades — respondeu ele, sentando-se diante dela.

— Eu não o convidei a se sentar.

— Eu não esperei pelo convite.

A cadeira de Arista bateu nas canelas dela, obrigando-a a se sentar.

— Como você faz essas coisas sem as mãos e sem sons? — indagou ela, deixando-se levar pela própria curiosidade.

— As aulas acabaram, ou a senhorita não se recorda da afirmação que fez em nosso encontro anterior?

Arista voltou a se recompor.

— Eu me lembro. Também me lembro de ter deixado claro que não queria vê-lo nunca mais.

— Sim, sim, isso é tudo muito bom, mas preciso de sua ajuda para localizar o Herdeiro.

— Quer dizer que você o perdeu novamente?

Esrahaddon a ignorou.

— Nós podemos encontrá-lo com um simples feitiço de localização.

— Não estou interessada nas suas brincadeiras. Tenho uma cidade inteira para governar.

— Precisamos realizar o feitiço imediatamente. Podemos fazer isso bem aqui, agora mesmo. Acho que sei onde ele está, mas o tempo é curto e não posso correr o risco de me equivocar. Então limpe essa mesa para começarmos logo.

— Eu não pretendo lançar feitiço algum.

— Arista, você sabe que não posso fazer isso sozinho. Preciso de sua ajuda.

A princesa o encarou.

— Você deveria ter pensado nisso antes de tramar o assassinato do meu pai. Eu deveria é ordenar a sua execução.

— Você não está entendendo. Isso é importante. Milhares de vidas estão em jogo. Isso é maior do que a sua perda. É maior do que a perda de uma centena de reis e mil pais. Você não é a única pessoa que sofre. Você acha que eu gostei de apodrecer num cárcere durante mil anos? Sim, eu usei você e o seu pai para escapar. Eu fiz aquilo por necessidade... pois o que protejo é



mais importante do que qualquer indivíduo, isoladamente. Agora, deixe de bobagem. O tempo está se esgotando.

— É um prazer *não* servi-lo — retrucou ela em tom irônico. — Não posso trazer o meu pai de volta, e sei que jamais poderia matá-lo, assim como sei que você jamais permitirá que alguém volte a aprisioná-lo. Mas isso aqui é uma verdadeira dádiva: uma chance de lhe retribuir o que tirou de mim.

Esrahaddon suspirou e balançou a cabeça.

— Na realidade, você não me odeia, Arista. O que a está consumindo é o sentimento de culpa. É o fato de saber que teve tanto a ver com a morte do seu pai quanto eu. Mas a culpa é da Igreja. A Igreja orquestrou os eventos para que eu pudesse escapar e talvez propiciar a descoberta do Herdeiro. Foi a Igreja que a atraiu a Gutaria, sabendo que eu a usaria.

— Saia daqui! — Arista se levantou ruborizada. — Orrin! Guardas!

O escrivão lutou com a porta, que cedeu ligeiramente, mas um rápido olhar de Esrahaddon voltou a fechá-la.

— Alteza, vou buscar ajuda — avisou Orrin do outro lado da porta.

— Você precisa perdoar a si mesma, Arista.

— *Saia daqui!* — gritou ela.

Bastou que Arista acenasse com a mão para a porta do gabinete se escancarar, quase saltando fora das dobradiças.

Esrahaddon se levantou e se dirigiu à porta, acrescentando:

— Você precisa se dar conta de que não matou o seu pai, assim como eu não o matei.

Após ele sair, Arista bateu a porta e sentou-se no chão, encostada ao painel. Queria gritar: *Não foi culpa minha!* Mas sabia que isso era mentira. Nos anos subsequentes à morte do pai, ela se escondera da verdade, mas agora isso não era mais possível. Por mais difícil que fosse, era preciso admitir: Esrahaddon estava certo.



Esrahaddon saiu do prédio da prefeitura e adentrou a escuridão que envolvia a Praça Central de Ratibor. Olhando para trás, suspirou. Gostava de verdade de Arista. Gostaria de poder contar tudo a ela, mas o risco era muito grande. Embora estivesse livre do Cárcere de Gutaria, receava que a Igreja ainda escutasse suas conversas — não cada palavra, como era o caso quando ele estava encarcerado, mas Mawyndulë tinha a capacidade de ouvir a uma grande distância. Portanto, Esrahaddon precisava partir do princípio de que toda e qualquer conversa era perigosa. Um simples deslize, a menção casual de um nome, e tudo estaria perdido.

O tempo estava ficando exíguo, mas ao menos agora não restava dúvida de que Arista *se tornara* uma cenzar. Ele havia semeado e o solo se mostrara fértil. Esrahaddon tinha começado a perceber as habilidades dela na manhã da Batalha de Ratibor, quando Hadrian afirmara que a chuva *não iria parar*. Ele desconfiava de que Arista havia lançado o feitiço que desempenhara um papel crucial na vitória dos nacionalistas. Desde aquela ocasião, ele ouvira uma série de rumores a respeito dos *poderes sobrenaturais* da nova prefeita. Mas apenas quando ela quebrou o encantamento da porta trancada com um simples aceno de mão ele teve certeza de que Arista finalmente dominava a Arte.

Além de Arcadius e dele próprio, não restavam outros magos humanos, e os dois eram lastimáveis representantes do ofício. Arcadius não passava de um velho charlatão, o que os cenzares costumavam chamar de *faquin*, termo com o qual os elfos denominavam o mago mais inepto — conhecimento desprovido de talento. Os *faquins* jamais conseguiam fazer a transição entre a alquimia básica, feita a partir dos materiais, e a verdadeira versão, cinética, da Arte.

Esrahaddon não se considerava muito superior. Sem as mãos, sua atuação enquanto mago se comparava à de um deficiente físico. Agora,

entretanto, com o ingresso de Arista no mundo da magia, a humanidade voltava a contar com um artista autêntico. Ela ainda era uma iniciante, uma simples criança, mas, com o tempo, seu talento amadureceria. Um dia ela se tornaria mais poderosa do que qualquer rei, imperador ou sacerdote.

Saber que ela poderia comandar toda a humanidade era algo um tanto perturbador. Durante o Antigo Império, havia um sistema de controle. O Conselho dos Cenzares supervisionava a ação dos praticantes da Arte e vigiava o uso correto do ofício. Isso já não existia. Os outros magos, seus confrades e até praticantes menos dotados estavam mortos. Estando ele, por assim dizer, castrado, a Igreja acreditava ter eliminado a ameaça constituída pelos cenzares. Agora, ressurgia um verdadeiro praticante da Arte, e Esrahaddon tinha certeza de que ninguém percebia o perigo que aquela princesinha representava.

Ele precisava de Arista e, embora ela ainda não soubesse, ela precisava dele. Esrahaddon sabia explicar a origem da Arte e como ela começara a ser utilizada. Os cenzares foram os guardiães, os defensores. Eles haviam guardado segredos que protegeriam a humanidade quando *Uli Vermar* acabasse.

Quando ficou sabendo da verdade, tanto tempo atrás, Esrahaddon sentira-se aliviado por não ter de enfrentar o problema, considerando que ainda faltavam séculos para o dia do acerto de contas. Era irônico que sua detenção no Cárcere de Gutaria houvesse estendido a vida dele até o momento em questão. O que outrora parecia para sempre no futuro agora estava a poucos meses de acontecer. Esrahaddon se permitiu uma risada amarga, então se dirigiu ao centro da praça, a fim de se sentar e refletir.

Seus planos eram frágeis, incipientes, mas todas as peças estavam em seus devidos lugares. Arista só precisava de tempo para dominar os próprios sentimentos, então concordaria em colaborar. Hadrian sabia que era o guardião do Herdeiro e provaria ser digno de tal legado. E ainda havia o

Herdeiro, uma escolha improvável, sem dúvida, mas uma escolha que fazia muito sentido.

*Sim, tudo vai acabar bem, refletiu ele. No final, as coisas sempre se ajeitam. Ao menos era isso que Yolric sempre dizia.*

Yolric fora o mais sábio de todos os magos, e defendia apaixonadamente a hipótese de que o mundo era capaz de corrigir os próprios erros. Quando o Antigo Império ruiu, o maior receio de Esrahaddon era que Yolric se posicionasse do lado de Venlin. O fato de o descendente do imperador ainda estar vivo comprovava que o mestre de Esrahaddon não havia ajudado o patriarca a localizar o filho do imperador, quando o menino passou a viver escondido. Esrahaddon sorriu para si mesmo. Sentia saudade de Yolric. O mestre agora estaria morto. Quando Esrahaddon era menino, Yolric já era um ancião.

Ele esticou as pernas e tentou relaxar. Precisava descansar, mas o repouso o enganava havia séculos. O descanso só é desfrutado por homens cuja consciência esteja tranquila, e suas mãos estavam sujas de sangue inocente. A vida de muita gente tinha sido sacrificada, de modo que ele não poderia falhar agora.

A lembrança de Yolric abriu a porta para o passado, e pela porta atravessaram rostos de pessoas mortas havia muito tempo: sua família, seus amigos e a mulher com a qual pretendia se casar. Parecia que sua vida antes da queda tinha sido apenas um sonho, mas talvez o estado em que agora se encontrava fosse o verdadeiro sonho, um pesadelo no qual estava preso. Talvez um dia despertasse e se visse novamente no palácio, ao lado de Nevrik, Jerish e sua querida Elinya.

*Ela sobreviveu à destruição da cidade?*

Esrahaddon queria acreditar nisso, por mais improvável que fosse. A ideia de que ela teria escapado do fim o agradava, mas nem mesmo tal noção lhe propiciava grande consolo.

*E se ela acreditou no que disseram a meu respeito mais tarde? Ela se casou com outra pessoa sentindo-se traída? Elinya morreu idosa, me odiando até o fim da vida?*

Precisava parar de pensar assim. O que dissera a Arista era verdade: os sacrifícios feitos eram insignificantes se comparados ao objetivo maior. Precisava dormir um pouco. Levantou-se e voltou à taverna. Uma nuvem encobria a lua, apagando a pouca luminosidade que restava. Naquele momento, Esrahaddon sentiu uma dor lancinante nas costas. Dando um grito de angústia, caiu de joelhos. Girando o torso para trás, apalpou o manto e sentiu que o tecido, cada vez mais encharcado, colava em sua pele.

*Estou sangrando.*

— *Venderia* — murmurou ele, e imediatamente o manto brilhou, iluminando a praça. No limite da área iluminada, avistou de relance um homem trajando uma capa escura. De início, pensou ser Royce, pois o sujeito tinha o porte e o andar idênticos aos do ladrão. Mas aquele homem era mais alto e mais forte.

Esrahaddon murmurou um feitiço, e quatro vigas que sustentavam o pórtico diretamente acima da cabeça do homem explodiram em lascas. O teto pesado desabou no instante em que o sujeito saiu de onde estava. A força das vigas que ruíram provocou um deslocamento de ar que, por sua vez, causou tão somente uma ondulação em sua capa.

Com o rosto coberto de suor e uma dor aguda nas costas, Esrahaddon tentou se pôr de pé a fim de confrontar seu agressor, que seguia tranquilamente em sua direção. O mago se concentrou. Falou novamente, e a poeira da praça formou um tornado, seguindo diretamente em direção ao agressor. O tornado envolveu o homem, que explodiu em chamas. Esrahaddon pôde sentir o calor do inferno no momento em que surgiu o pilar de fogo, lançando sobre a praça um brilho amarelado. No centro do tornado, a figura podia ser vista sendo engolida por labaredas azuis, mas,

quando o fogo diminuiu, o homem continuou a avançar, absolutamente ileso.

Quando chegou perto, dirigiu a Esrahaddon um olhar curioso, como uma criança que olha para um inseto estranho antes de esmagá-lo. Ele nada disse, mas exibiu um medalhão de prata pendurado numa corrente que trazia ao pescoço.

— Você reconhece isto aqui? — perguntou o homem. — Dizem que foi você que fez. Acho que o Herdeiro não vai mais precisar disso.

Esrahaddon se assustou.

— Se você tivesse mãos, poderia tentar arrancar o medalhão do meu pescoço. Então eu estaria encarcerado, não é mesmo?

O barulho da queda do teto do pórtico e a explosão de luz haviam acordado várias pessoas que residiam em prédios próximos à praça. Velas acesas surgiram nas janelas, e portas voltadas para a praça foram abertas.

— Os regentes me mandaram avisar a você que seus serviços não são mais necessários — declarou o homem da capa escura com um sorriso frio.

Sem dizer nenhuma outra palavra, ele se afastou, desaparecendo no labirinto de ruas escuras.

Esrahaddon ficou confuso. A flecha ou a lâmina alojada em suas costas não parecia ser fatal. Ele respirava com facilidade, portanto o golpe não atingira seus pulmões, tampouco o coração. O sangramento não era profuso. A dor era forte, uma queimação intensa, mas ele não perdera a sensação das pernas e tinha certeza de que poderia caminhar.

*Por que ele me deixou vivo? Por que me deixaria... Veneno!*

O mago se concentrou e entoou um cântico. A tentativa falhou. Usando os tocos dos braços, tentou lançar um feitiço mais potente. O esforço foi em vão. Sentia o veneno se espalhando por suas costas. Sem as mãos, nada podia fazer. Quem quer que fosse, o homem da capa sabia muito bem o que estava fazendo.

Esrahaddon desviou o olhar para a administração da cidade. Ele não podia morrer — ainda não.



O barulho na rua atraiu a atenção de Arista. Ela ainda estava sentada, as costas apoiadas no painel da porta do gabinete, enquanto vozes e exclamações eram ouvidas na praça. O que havia acontecido não estava claro, mas as palavras *ele está morrendo* a fizeram se levantar.

Nos degraus em frente ao prédio da prefeitura, encontrou um grupo de pessoas. No meio do grupo, pulsava uma luminosidade sinistra, como se um fragmento da lua houvesse caído na Praça Central. Aproximando-se, Arista viu o mago. A luz emanava do manto, pulsando, forte e fraca, acompanhando a cadência lenta e sofrida de sua respiração. A luz pálida revelava uma poça de sangue. Deitado de costas no chão, com um virote cravado no corpo, Esrahaddon exibia uma palidez fantasmagórica, quase luminosa, e seus lábios estavam com um tom azul-escuro. Desgrenhadas, as mangas do manto deixavam expor os tocos carnudos dos pulsos do mago.

— O que aconteceu aqui? — indagou ela.

— Não sabemos, Vossa Alteza — respondeu uma pessoa que estava no grupo. — Ele estava pedindo para falar com a senhorita.

— Chamem o Dr. Gerand — ordenou ela, ajoelhando-se ao lado dele e baixando, com cuidado, as mangas do manto.

— Tarde demais — murmurou Esrahaddon, olhando dentro dos olhos dela. — Não há remédio... Veneno... Arista... escute, não há mais tempo. — As palavras eram pronunciadas com pressa e com grande esforço, entre uma respiração e a seguinte. Em seu semblante via-se um ar de decisão e desespero, como o de um náufrago que anseia por uma tábua de salvação. — Assuma a minha tarefa... Encontre... — O mago hesitou, correndo os olhos

pelos rostos que o cercavam. Em seguida, fez um gesto, indicando a ela que se aproximasse.

Quando Arista encostou o ouvido à boca do mago, ele prosseguiu:

— Encontre o Herdeiro... Mantenha o Herdeiro ao seu lado... Sem o Herdeiro tudo fracassará. — Esrahaddon tossiu e lutou para conseguir respirar. — Encontre o Chifre de Gylindora... Só com o Herdeiro é possível encontrar... enterrado com Novron, em Percepliquis... — disse ele, inspirando mais uma vez. — Não perca tempo... Na Festa do Inverno acaba o *Uli Vermar*... — avisou o mago, inspirando novamente. — Eles virão... sem o chifre, todos vão morrer. — Inspirou novamente. — Só você sabe agora... Só você pode salvar... O patriarca... é o mesmo... — Esrahaddon não mais inspirou. As palavras seguintes não chegaram a ser enunciadas. O brilho pulsante do manto se apagou, deixando todos na escuridão.



Arista viu a fumaça fedorenta cor de giz ser levada pelo ar, enquanto o tufo de cabelos louros fumegava. No gabinete não havia brisa, em corrente, mas a fumaça se descolava diretamente para a parede norte, onde então desaparecia no cadinho de pedra.

Feitiços de localização exigiam que algum elemento da respectiva pessoa fosse incinerado. Cabelo era a opção mais óbvia, porém unhas, ou até mesmo pele, também funcionavam. No dia seguinte à morte de Esrahaddon, ela solicitara a entrega de quaisquer objetos pessoais deixados pelo comandante ausente do exército nacionalista. Parker enviara um velho par de botas enlameadas que pertencera a Degan Gaunt, uma camisa rasgada e um manto de lã. As botas de nada serviram, no entanto a camisa e o manto continham muitos tesouros. Raspando as superfícies, ela conseguiu dezenas de fios de cabelos louros e centenas de fragmentos de pele, cuidadosamente



acondicionados por Arista dentro de uma bolsa de veludo. Ela convencera a si mesma de que desejava tão somente verificar a viabilidade do feitiço. Quando iniciou o encantamento, não tinha intenção de agir com base nos resultados. Agora já não estava certa do que faria.

Para Esrahaddon, o Herdeiro significava tudo. Desde que saiu de Gutaria, o mago dedicou a vida à tarefa de localizar o descendente do imperador, chegando a ponto de coagir Arista a colaborar com ele num feitiço lançado em Avempartha, cujo propósito era localizar o Herdeiro e o guardião. O guardião ela reconheceu imediatamente: Hadrian. O Herdeiro, entretanto, ela nunca havia visto até aquele momento. O homem alourado de meia-idade era um rosto como outro qualquer, até que, depois da Batalha de Ratibor, ela descobriu que se tratava de Degan Gaunt, o líder dos nacionalistas. Não restava dúvida de que o Novo Império fosse responsável pelo desaparecimento de Gaunt, e a cor da fumaça confirmava que ele estava vivo e mantido em algum lugar ao norte, num local situado a alguns dias de viagem para quem partisse de Ratibor. Arista fitou a parede na qual a fumaça desaparecia.

— Isso é loucura — disse ela em voz alta no gabinete vazio. *Não posso sair em busca do Herdeiro. Ele está detido pelo Império e serei morta assim que eles puserem os olhos em mim. Além disso, minha presença aqui é necessária. Por que eu haveria de me incomodar com a obsessão de Esrahaddon?*

Se Arista quisesse, poderia se intitular rainha de Rhenydd e os cidadãos a acolheriam. Ele poderia governar, permanentemente, um reino maior do que Melengar, e poderia ser rica, além de amada. Muito depois de sua morte, seu nome sobreviveria em lendas e canções — sua imagem seria imortalizada em estátuas e livros.

Ela olhou de relance para o manto cuidadosamente dobrado num canto da escrivaninha. O manto lhe fora entregue após o sepultamento de Esrahaddon. Todas as posses do mago se resumiam àquele pedaço de pano.

Ele dedicara tudo à busca e, passados novecentos anos, morreria sem terminar a missão. As especificações dessa missão a deixavam intrigada. A simples lealdade a um menino, há mil anos, não poderia ter instigado Esrahaddon de maneira tão obsessiva — havia algo que ela estava deixando passar.

*“Eles virão.”*

*O que isso significava? Quem viria?*

*“Sem o chifre, todos vão morrer.”*

*Todos? Todos quem? Não poderia ser literalmente todos, poderia? Talvez ele estivesse delirando. As pessoas costumam delirar quando estão agonizando, não é?*

Ela se lembrou dos olhos dele, claros e focados, resistindo como... Emery. *“Não há mais tempo. Agora depende de você.”*

*“Só você sabe agora... Só você pode salvar...”* Quando Esrahaddon pronunciara essas palavras, Arista não dera ouvidos, mas agora isso não saía de sua cabeça. Era impossível ignorar o fato de que o mago se valera dos últimos suspiros para revelar a ela segredos por ele guardados há mil anos. Ela agora achava que Esrahaddon a havia presenteado com pedras preciosas de valor incomensurável, mas que, sem o conhecimento por ele acumulado, não passavam de seixos comuns. Embora não conseguisse decifrar o que ele queria dizer, era impossível ignorar o que precisava ser feito. Ela tinha de partir. Assim que descobrisse onde Gaunt estava detido, poderia passar tal informação a Hadrian e deixar que ele se encarregasse do resto. Afinal, ele era o guardião, e Gaunt era problema dele, não dela.

Arista enfiou numa bolsa o único pertence ao qual era apegada: a escova de cabelos com cabo de pérolas adquirida em Tur Del Fur. Às pressas, redigiu uma carta de exoneração e a deixou sobre a escrivaninha. Ao chegar à porta, deteve-se e olhou para trás. De certo modo, seria correto, quase necessário, levar aquilo consigo. Atravessou o gabinete e pegou o manto do velho mago. Em suas mãos, o manto pendia, cinzento e inanimado. A peça

não tinha sido lavada, mas tampouco havia nela qualquer mancha de sangue. O mais surpreendente era que nenhum orifício indicava a perfuração da seta. Ficou perplexa — mesmo na morte o homem se manteve misterioso. Colocando o manto por cima do vestido, Arista se espantou, pois a peça lhe cabia perfeitamente — apesar do fato de Esrahaddon ter sido quase 30 centímetros mais alto que ela. Dando as costas para o gabinete, ela se foi noite adentro.

O ar do outono estava frio. Arista se embrulhou no manto e levantou o capuz. Jamais vira um tecido como aquele — leve, macio e, ao mesmo tempo, deliciosamente cálido e confortável. E exalava um agradável aroma de salifan.

Considerou a hipótese de pegar um cavalo no estábulo. Ninguém se incomodaria se pegasse um animal, mas era provável que o local aonde se dirigia não ficasse muito distante, e a caminhada lhe faria bem. Esrahaddon enfatizara a necessidade de agir com pressa, mas seria imprudente se precipitar rumo ao desconhecido. Seguir a pé parecia um jeito sensato de enfrentar o misterioso e o desconhecido. A caminhada lhe propiciaria tempo para pensar. Arista concluiu que Esrahaddon teria escolhido o mesmo modo de viajar. Parecia uma boa intuição.

Arista encheu de água um odre de couro no poço da praça e enfiou na bolsa algo para comer. Os mesmos lavradores que não queriam prover alimentos aos soldados costumavam deixar alguma coisa nos degraus do prédio da prefeitura. Ela encaminhava a maioria das doações aos pobres da cidade, o que resultava no aparecimento de mais e mais alimentos. Arista pegou alguns pedaços de queijo, dois pães, maçãs, cebolas e nabos. Não era um banquete real, mas seria o suficiente para mantê-la viva.

Pendurando no ombro o odre cheio de água e pegando a bolsa, partiu em direção ao portão norte. Arista se deu conta do som dos próprios passos na estrada, bem como dos ruídos da noite. Tinha sido bastante perigoso, até imprudente, sair de Medford em companhia de Royce e Hadrian. Agora,

poucas semanas mais tarde, ela saía pela noite sozinha. Arista sabia que o caminho a conduzia a território imperial, no entanto tinha esperança de que, viajando desacompanhada, não atrairia atenção.

— Vossa Alteza! — chamou o guarda a postos no portão norte, expressando surpresa quando ela se aproximou.

Arista sorriu delicadamente.

— Você pode fazer o favor de abrir o portão?

— Claro, senhorita, mas por quê? Aonde a senhorita vai?

— Vou dar uma caminhada — respondeu ela.

O guarda olhou para ela incrédulo.

— A senhorita tem certeza? Digo... — Ele olhou por cima do ombro dela.

— A senhorita está sozinha?

Ela fez que sim.

— Posso lhe garantir que não há problema algum.

O guarda hesitou durante alguns instantes, antes de obedecer e retirar a tranca. Encostando as costas nos gigantescos portões de carvalho, abriu um deles lentamente.

— Tome cuidado, senhorita. Um estranho foi visto nas redondezas.

— Um estranho?

— Um homem chegou aqui no portão poucas horas antes do pôr do sol, querendo entrar... Usava máscara e capuz. Eu logo vi que as intenções dele não eram boas, então o mandei embora. É provável que esteja por aí, esperando que eu abra os portões quando o sol raiar. Por favor, tome cuidado, Alteza.

— Obrigada, mas tenho certeza de que não haverá problema algum — declarou ela enquanto passava por ele. Depois que saiu, o portão foi fechado.

Arista se manteve na estrada, andando o mais rápido e silenciosamente possível. Agora que estava a caminho, sentia-se entusiasmada a despeito dos perigos. Sair de Ratibor sem se despedir havia sido a melhor solução. Teriam insistido para que ela apontasse um sucessor e permanecesse na cidade

durante algum tempo, instruindo o eleito. Embora não pressentisse a necessidade de um cavalo, preocupava-lhe a ideia de que a demora viesse a configurar um equívoco. E ela não queria correr o risco de ver seus planos descobertos por algum espião do Império que enviasse sentinelas para capturá-la.

Em certa medida, sentia-se mais segura na estrada do que em seu gabinete — tinha certeza de que ninguém sabia onde ela estava ou aonde se dirigia. Tal noção era tão reconfortante quanto o manto do velho mago. Nos dias subsequentes à morte de Esrahaddon, ela receou ser a próxima vítima. O assassino havia escapado, a única pista era uma besta estranhamente pequena descoberta na Praça Leste, dentro de um barril utilizado para aparar água da chuva. Arista estava certa de que o assassino era um agente do Novo Império, enviado com a missão de eliminar uma antiga ameaça. Ela era aprendiz de Esrahaddon, havia ajudado a impedir a tentativa da Igreja de tomar Melengar e ainda comandara a rebelião em Ratibor. Era certo que quem estivesse no poder queria vê-la morta também.

Passado não muito tempo, avistou uma luz trêmula, quase à beira da estrada — uma fogueira cujas chamas já estavam um tanto baixas.

*O homem que foi barrado nos portões? Seria ele o assassino?*

Arista manteve os olhos na fogueira enquanto seguia adiante, com cautela. Quando ultrapassou o topo de uma colina, não viu mais a luz. Após algumas horas, o entusiasmo da aventura diminuiu e ela começou a bocejar. Faltando ainda várias horas até o amanhecer, retirou um cobertor da bolsa e buscou um local macio onde pudesse se deitar.

*As noites de Esrahaddon foram todas assim?*

Nunca se sentira tão só. No passado, Hilfred estivera sempre junto a ela, como uma sombra, mas o guarda-costas tinha desaparecido havia mais de dois anos, depois de sofrer queimaduras ao tentar protegê-la. Sobretudo, sentia falta de Royce e Hadrian, um simples ladrão e um ex-mercenário. Para eles, Arista não passava de uma cliente rica; mas, para ela, eles eram

seus melhores amigos. Imaginava que, se estivesse ali, Royce desapareceria entre as árvores a fim de vasculhar a área, conforme fazia sempre que acampavam. Mais do que isso, queria a presença de Hadrian ao seu lado. Ela o visualizava com um sorriso meio torto, preparando aquele ensopado horrível. Hadrian sempre fazia com que ela se sentisse segura. Lembrou-se de como ele a havia tocado no morro em Amberton Lee, e no arsenal depois da Batalha de Ratibor. Ela estava encharcada de chuva, de lama e do sangue de Emery, e ele a amparara nos braços. Até aquele momento, Arista nunca havia se sentido tão mal, e abraço algum lhe fizera tão bem.

— Eu queria que você estivesse aqui agora — murmurou ela.

Deitada de costas no chão, contemplou as estrelas, espalhadas como poeira pela imensidão do firmamento. Ao ver as estrelas, sentiu-se ainda mais solitária. Fechando os olhos, acabou pegando no sono.

## CAPÍTULO 2

### O CASTELO VAZIO



Acima da cabeça de Hadrian, uma placa de madeira em que estavam estampados um galho espinhento e uma flor murcha balançava na brisa matinal. A placa estava maltratada pelo tempo e era preciso imaginação para determinar que a flor ali representada era uma rosa. A taverna anunciada pela placa apresentava o mesmo charme informal que as demais construções da rua Wayward. Toda a extensão da estreita via estava deserta. As folhas de outono espalhadas pelo vento e a placa balançando marcavam o único movimento.

A ausência de atividade surpreendeu Hadrian. Nessa época do ano, o Distrito Baixo de Medford geralmente fervilhava com comerciantes vendendo maçãs, sidra, abóboras e madeira. A atmosfera recendia à fumaça. Limpadores de chaminés deveriam estar dançando em cima dos telhados para o deleite das crianças. Em vez disso, as portas de várias oficinas estavam

seladas com tábuas e pregos — e, para a decepção de Hadrian, mesmo a taverna Rosa e Espinho se encontrava adormecida.

Ele suspirou enquanto amarrava o cavalo. Pular o café da manhã para começar mais cedo as atividades do dia o deixara ansioso por uma refeição substancial, que pudesse ser desfrutada sob um teto. Hadrian esperava que a guerra tivesse consequências danosas e que Medford fosse afetada, mas não contava que a Rosa e Espinho fosse...

— Hadrian!

Reconheceu a voz, antes mesmo de se virar para ver Gwen, a amável nativa de Cális, que, com seu vestido azul-bebê, parecia mais a esposa de um artesão do que uma cafetina. Ela desceu correndo os degraus da Casa de Medford, um dos poucos estabelecimentos abertos. Prostitutas eram sempre as primeiras a chegar e as últimas a sair. Hadrian a abraçou, levantando seu pequeno corpo.

— Estávamos preocupados com você — disse ela. — Por que demorou tanto?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Royce, aparecendo no pórtico.

O ladrão ágil e esguio estava descalço, vestindo apenas calça preta e uma túnica larga, sem cinto.

— Arista me enviou para ter certeza de que você chegou bem e consegui convencer Alric a mandar o exército para o sul.

— Demorou bastante. Eu cheguei já faz algumas semanas.

Hadrian deu de ombros.

— Aconteceu que as forças de Alric cercaram Colnora, logo após a minha chegada. Demorei um pouco para encontrar uma saída.

— Então, como...

— Royce, não é melhor deixar Hadrian entrar e comer? — interrompeu Gwen. — Você não tomou o café da manhã, tomou? Vou pegar um xale e mandar Dixon acender o fogão.



— Há quanto tempo a taverna está fechada? — perguntou Hadrian depois que Gwen entrou.

Royce levantou uma sobrancelha e balançou a cabeça.

— Não fechou. O movimento tem sido fraco; então, tem aberto só para almoço.

— Isto aqui está igual a uma cidade fantasma.

— Muita gente foi embora, prevendo a invasão — explicou Royce. — Os que ficaram foram recrutados quando o exército se mobilizou.

Gwen ressurgiu com um xale nos ombros e os conduziu para a Rosa e Espinho. Nas sombras de um beco, Hadrian percebeu movimento. Silhuetas dormiam amontoadas em meio ao lixo. Diferente de Royce, que passava facilmente por humano, essas criaturas maltrapilhas tinham as orelhas pontudas, os ossos do maxilar protuberantes e os olhos amendoados característicos dos elfos.

— Foram rejeitados pelo exército — comentou Royce ao perceber que Hadrian os fitava. — Todos os rejeitam.

Dixon, servente e encarregado da taverna, estava tirando cadeiras de cima das mesas quando Gwen abriu as portas. Homem alto e corpulento, ele perdera o braço direito anos antes, na Batalha de Medford.

— Hadrian! — exclamou ele com sua voz potente. Instintivamente, Hadrian estendeu a mão para cumprimentá-lo. — Como vai, amigo? Deu muito trabalho para eles lá em Ratibor, hein? Por onde andou?

— Eu fiquei lá para ajeitar as coisas — respondeu Hadrian, piscando o olho e sorrindo.

— Denny já chegou? — perguntou Gwen a Dixon, passando por ele e revirando uma gaveta detrás da bancada do bar.

— Não, só eu. Mas não tem problema. Vocês só querem um café da manhã? Eu mesmo preparo, se for o caso.

— Tudo bem — disse Gwen. — E pode fazer algum extra.

Dixon suspirou.

— Você não para de dar comida a eles, e eles não saem daqui.

Ela ignorou o comentário.

— Harry entregou a cerveja ontem à noite?

— Sim.

— Três barris, certo?

Enquanto Gwen falava com Dixon, Royce passou o braço em volta da cintura dela e lhe deu um aperto afetuoso. Não era segredo que a amava, porém Royce sequer segurava a mão de Gwen em público. Ao vê-lo ao lado dela, Hadrian notou que o amigo estava diferente. Foram necessários alguns instantes para perceber do que se tratava — Royce estava sorrindo.

Quando Gwen seguiu Dixon até a despensa, a fim de conversar sobre controle de estoque, Royce e Hadrian se encarregaram de afastar as cadeiras das mesas. Ao longo dos anos, Hadrian provavelmente se sentara em cada uma daquelas cadeiras e bebera de cada caneco de madeira e estanho pendurado atrás do balcão. Durante mais de uma década, a Rosa e Espinho tinha sido seu lar, de forma que era estranho estar ali *apenas visitando*.

— Então, você já decidiu o que vai fazer agora? — perguntou Royce.

— Vou encontrar o Herdeiro.

Royce se deteve, segurando uma cadeira no ar, a poucos centímetros do piso.

— Você levou alguma pancada na cabeça durante a Batalha de Ratibor? O Herdeiro está morto, lembra?

— Acontece que não está... E tem mais: eu sei quem ele é.

— Mas aquele sacerdote nos disse que ele foi assassinado por cavaleiros de Seret há quarenta anos — contra-argumentou Royce.

— E foi.

— Como assim?

— Gêmeos — explicou Hadrian. — Um foi morto, mas a parteira salvou o outro.

— Então quem é o Herdeiro?

— Degan Gaunt.

Os olhos de Royce se arregalaram e um sorriso sardônico surgiu em seu rosto.

— O líder do exército nacionalista, o homem que está decidido a destruir o Novo Império é o Herdeiro imperial destinado a governar o próprio Império? Mas que ironia! É também uma pena para você, pois os imperialistas já o agarraram.

Hadrian concordou.

— Pois é... Mas acontece que Esrahaddon o tem ajudado naquelas vitórias lá em Rhenydd.

— Esrahaddon? Como você sabe disso?

— Eu me encontrei com ele no acampamento de Gaunt, pouco antes da Batalha de Ratibor. Pelo jeito, o velho mago planejava levar Gaunt ao trono... à força.

Os dois acabaram de afastar as cadeiras e sentaram-se diante de uma mesa próxima à janela. Lá fora, uma solitária vendedora de maçãs empurrava um carrinho, supostamente seguindo para o Distrito dos Nobres.

— Espero que você não esteja se agarrando às palavras de Esrahaddon para afirmar que Gaunt é o Herdeiro. Nunca se sabe o que aquele mago pretende — precaveu Royce.

— Não... Bem... Sim, ele confirmou que o Herdeiro estava vivo, mas eu descobri a identidade por meio da irmã de Gaunt.

— Então como você pretende achá-lo? Algum dos dois lhe disse onde ele está?

— Não. Tenho quase certeza de que Esrahaddon sabe, ou ao menos desconfia, mas ele não quis me contar. E não o vejo desde a batalha. Mas ele disse que em breve precisaria de nós para realizar um trabalho. Acho que vai precisar de ajuda para resgatar Gaunt. Ele não esteve por aqui, esteve?

Royce balançou a cabeça.

— Fico feliz em dizer que não o tenho visto. Foi por isso que você veio até aqui?

— Não, não. Estou certo de que ele é capaz de me encontrar onde quer que eu esteja. Afinal, ele nos achou em Colnora quando quis nos mandar para Dahlgren. Estou a caminho da abadia, para visitar Myron. Se há alguém que conhece a história do Herdeiro, esse é ele. E também tenho uma carta para entregar a Alric.

— Uma carta?

— Quando fiquei preso em Colnora durante o cerco, seus velhos amigos me ajudaram a sair.

— O pessoal do Diamante?

Hadrian fez que sim.

— Uma noite, Price arrumou um jeito para eu escapar, desde que entregasse uma carta. Ele preferiu arriscar o meu pescoço, em vez do pescoço de um dos rapazes dele.

— O que diz a carta? Quem é o remetente?

Hadrian deu de ombros.

— Como vou saber?

— Você não leu a carta? — indagou Royce, incrédulo.

— Não, a carta é para Alric.

— Ela ainda está com você?

Hadrian balançou a cabeça.

— Deixei-a no castelo assim que cheguei.

Royce levou as duas mãos ao rosto.

— Às vezes, tenho vontade de... — disse ele balançando a cabeça. — Inacreditável.

— O que houve? — perguntou Gwen, juntando-se a eles.

— Hadrian é um imbecil — respondeu Royce com a voz abafada pelas mãos sobrepostas ao rosto.

— Isso não é verdade.

— Obrigado, Gwen. Está vendo? Ao menos *ela* sabe reconhecer o meu valor.

— Então, Hadrian, me fale de Ratibor. Royce me contou sobre a rebelião. Como foi? — perguntou Gwen com um sorriso ansioso.

— Emery foi morto. Você sabe quem ele era.

Gwen confirmou.

— E muitos outros morreram, mas tomamos a cidade.

— E Arista?

— Sobreviveu à luta, porém as consequências têm sido difíceis para ela. Ela se tornou uma espécie de heroína da cidade. E eles a encarregaram de governar o reino todo.

— Ela é uma mulher extraordinária — disse Gwen. — Você não acha, Hadrian? — Antes que ele pudesse responder, um estrondo vindo da cozinha fez com que ela suspirasse. — Com licença, preciso ajudar Dixon.

Gwen começou a se levantar, mas Royce se pôs de pé primeiro.

— Sente-se — pediu ele, beijando o topo da cabeça dela. — Vou ajudá-lo. Vocês dois precisam pôr a conversa em dia.

Gwen ficou surpresa, mas se limitou a dizer:

— Obrigada.

Royce saiu às pressas, gritando, com um tom de voz surpreendentemente bem-humorado:

— Dixon! Por que essa demora? Você ainda tem uma das mãos, não tem?

Gwen e Hadrian riram juntos, ambos exprimindo surpresa.

— Então, quais são as novidades por aqui? — perguntou Hadrian.

— Não temos muitas. Albert apareceu com um serviço para um nobre que queria que o par de brincos de uma mulher casada fosse deixado no quarto de um sacerdote, mas Royce recusou.

— É mesmo? Ele adora serviços que impliquem invadir algum lugar para deixar alguma coisa. E um sacerdote? Era dinheiro fácil.

Ela deu de ombros.

— Acho que, com você aposentado, ele...

Do lado de fora, o barulho de cascos de cavalo parou abruptamente. No instante seguinte um homem com uniforme de emissário real, visivelmente manco, entrou na taverna. Deteve-se bem diante da porta. Parecia aturdido.

— O senhor deseja alguma coisa? — perguntou Gwen, levantando-se.

— Trago uma mensagem, enviada por Sua Majestade, para os guardiões reais. Fui informado de que eles estão aqui.

— Eu posso receber a mensagem — disse Gwen, dando um passo à frente.

O emissário se contraiu e balançou a cabeça.

— Só posso entregá-la aos guardiões reais.

Gwen parou e Hadrian observou sua expressão de contrariedade.

— Você deve ser novo na função — comentou Hadrian, pondo-se de pé e estendendo a mão para o emissário. — Sou Hadrian Blackwater.

O emissário assentiu, com um gesto elegante, e retirou da pasta um pergaminho selado com cera. Entregou a mensagem e partiu. Hadrian se sentou novamente e rompeu o lacre com a imagem do falcão.

— É um serviço, não é? — A expressão de Gwen se tornou sombria e ela fitou o chão.

— Não é nada importante. Alric quer falar conosco... Só isso — expôs Hadrian. Ela ergueu a cabeça, e seus olhos revelavam sentimentos conflitantes cujo significado Hadrian não conseguiu decifrar. — Gwen, qual é o problema? — perguntou ele com um tom de voz meigo.

Finalmente, ela respondeu, quase sussurrando:

— Royce me pediu em casamento.

Hadrian se recostou na cadeira.

— Você está falando sério?

Gwen confirmou, acrescentando rapidamente:

— Acho que ele resolveu que, se você estava se aposentando da Riyria, ele também poderia se aposentar.

— Mas isso... Ora! Isso é maravilhoso! — exclamou Hadrian, dando um salto e abraçando-a. — Meus parabéns! Ele nem me disse nada! Seremos como uma família! Já estava na hora de ele tomar essa decisão. Eu teria pedido a sua mão há anos, mas sabia que, se fizesse isso, estaria morto na manhã seguinte.

— Quando ele me pediu, foi como se... Bem, como se uma bênção que eu jamais ousara pedir tivesse se concretizado. Tantos problemas resolvidos, tanta aflição aliviada. Sinceramente, nunca pensei que ele fosse me pedir.

Hadrian concordou.

— Isso porque, além de imbecil, ele também é cego.

— Não... O que eu quero dizer é que... Bem... Você sabe como Royce é.

— Eu não acabei de dizer? Mas é... Ele não faz o tipo casamenteiro, não é mesmo? É óbvio que você tem grande influência sobre ele.

— Você também — acrescentou ela, estendendo o braço e pegando a mão de Hadrian. — Às vezes ele diz coisas que sei que vieram de você. Quando fala de *responsabilidade* e *arrependimento*, palavras que nunca fizeram parte do vocabulário de Royce. Eu me pergunto se ele tem consciência de onde as encontrou. Quando conheci vocês dois, ele era reservado demais, sempre na defensiva.

Hadrian concordou.

— Ele tem problemas de confiança.

— Mas está aprendendo. A vida dele tem sido muito difícil. Eu sei disso... Ele foi abandonado e traído por aqueles que deveriam amá-lo. Royce não fala nesse assunto, pelo menos não comigo. Mas eu sei.

Hadrian balançou a cabeça.

— Nem comigo. Uma vez ou outra o assunto vem à tona, mas ele geralmente evita falar do passado. Acho que está querendo esquecer.

— Ele construiu tantas defesas... Mas a cada ano é como se mais um muro tombasse. Até já teve a coragem de me contar que tem sangue élfico. A

fortaleza está ruindo, e eu já posso vê-lo olhando para mim. Ele quer se libertar. Esse será o próximo passo... e eu me orgulho muito dele.

— Quando será o casamento?

— Estávamos pensando em nos casar dentro de algumas semanas no mosteiro, para que Myron possa presidir a cerimônia. Mas agora vamos precisar adiar, não é?

— Por que você diz isso? Alric só quer falar conosco. Isso não significa...

— Ele precisa de vocês dois para algum serviço — interrompeu Gwen.

— Não. Talvez ele *queira* nos contratar, mas estamos aposentados. Eu tenho outras coisas a fazer, e Royce... bem, Royce precisa começar uma nova vida... com você.

— Você vai, e precisa levar Royce junto — afirmou ela com a voz cheia de tristeza e um toque de decepção, emoções raras em se tratando de Gwen.

Hadrian sorriu.

— Escute aqui. Não consigo imaginar o que Alric possa me pedir que me faça concordar, mas, se for o caso, farei o serviço sozinho... como presente de casamento. Nem precisamos contar a Royce que o emissário esteve aqui.

— Não! — exclamou ela. — Ele *precisa* ir. Se não for, você vai morrer.

O primeiro impulso de Hadrian foi uma risada, mas a ideia se evaporou quando viu a expressão estampada no semblante dela.

— Não é muito fácil me matar, sabia? — disse ele, piscando o olho.

— Eu sou de Cális, Hadrian, sei do que estou falando — retrucou ela, desviando a atenção para a janela, porém com os olhos desfocados, como se vislumbrassem algum outro local. — Não quero ser responsável pela sua morte. A vida que teríamos depois... — Ela balançou a cabeça. — Não, ele *precisa* ir com você — repetiu Gwen com firmeza.

Hadrian não se convenceu, mas sabia que era inútil continuar argumentando. Gwen não se prestava a debates. A maioria das mulheres que ele conhecia gostava de discutir, mas esse não era o caso de Gwen. Havia em seu raciocínio uma objetividade que deixava claro que ela já chegara às suas



inevitáveis conclusões, e que apenas aguardava até que o interlocutor a alcançasse. A seu modo, era bastante parecida com Royce, a não ser pelo fato de que sabia usar de polidez.

— Sem vocês dois por aqui, vou ter tempo para preparar um casamento de primeira linha — disse ela com a voz embargada e piscando os olhos várias vezes. — Vai demorar algum tempo até eu conseguir decidir a cor do vestido a ser usado por uma ex-prostituta.

— Sabe de uma coisa, Gwen? — perguntou Hadrian, pegando sua mão. — Conheço muitas mulheres, mas só admiro duas. Royce é um sujeito de sorte.

— Royce é um sujeito estressado — respondeu ela, pensativa. — Ele já vivenciou muita crueldade e traição. Não sabe o que é piedade — disse ela, apertando a mão de Hadrian. — *Você* precisa levar essa coisa adiante, Hadrian. Você precisa mostrar a ele o que é piedade. Se puder fazer isso, eu sei que ele terá salvação.



Royce e Hadrian entraram no pátio do Castelo de Essendon, local onde havia ocorrido o julgamento da princesa Arista quando ela foi acusada de bruxaria. Nada restava daquele dia infeliz, exceto um montículo de terra onde o pilar e a fogueira foram armados. Aquilo acontecera três anos antes e, na ocasião, o clima começava a esfriar, tanto quanto agora. Eram tempos diferentes. Amrath Essendon havia acabado de ser assassinado, e o Novo Império não passava de um sonho para os imperialistas. Os guardas no portão menearam a cabeça e sorriram para eles.

— Detesto isso — murmurou Royce quando eles passaram.

— O quê?

— Eles nem pensaram em nos parar, e até sorriram. Já nos conhecem de vista... *de vista*. Alric costumava ter a decência de nos convocar com mais discricção. Agora, guardas uniformizados batem à porta, em plena luz do dia, acenam e dizem: “Oi, nós temos um servicinho para vocês.”

— Ele não acenou.

— É só uma questão de tempo. Logo estará acenando e sorrindo. Um dia Jeremy ainda vai pagar alguns tragos para seus parceiros da guarda lá na Rosa e Espinho. Todos estarão lá, o esquadrão inteiro sorrindo, gargalhando, nos abraçando e nos convidando a cantar cantigas de caserna com eles. “Mais uma vez, e com vontade agora!” E, em dado momento, um brutamente todo suado vai me dar um abraço e dizer que se sente *honrado* com a nossa companhia.

— *Jeremy?*

— O que foi? É o nome dele.

— Você sabe o nome do guarda que fica no portão?

Royce fez careta.

— Pois é. Você entende agora o que estou dizendo? Sim, eu sei o nome dele, e eles sabem os nossos. A gente poderia até passar a usar uniforme e se mudar para os antigos aposentos da Arista.

Subiram os degraus de pedra que davam acesso à entrada principal, onde, prontamente, um soldado abriu a porta para eles, com uma leve reverência.

— Sr. Melborn, Sr. Blackwater.

— Oi, Digby — saudou Hadrian, acenando. Ao perceber a cara feia de Royce, acrescentou: — Desculpe.

— É bom mesmo que nós dois estejamos aposentados. Sabe de uma coisa? Não é sem motivo que não há ladrões célebres *vivos*.

As batidas produzidas pelos calcanhares de Hadrian ecoavam no assoalho encerado enquanto eles seguiam pelo corredor. As passadas de Royce não faziam o menor ruído. Atravessaram a galeria oeste, passando

pela exposição de armaduras e pelo salão de baile. O castelo parecia tão vazio quanto o restante da cidade. Ao se aproximarem do saguão, Hadrian avistou Mauvin Pickering andando em direção a eles. O jovem nobre estava mais magro do que da última vez que Hadrian o vira. As maçãs de suas faces estavam fundas, e sob seus olhos havia olheiras, mas os cabelos eram o emaranhado de sempre.

— Até que enfim — saudou-os Mauvin. — Alric acaba de me mandar procurar vocês.

Dois anos tinham se passado desde a morte de Fanen, irmão de Mauvin, e ele ainda trajava vestes de luto. A expressão abatida em seus olhos talvez passasse despercebida pela maioria das pessoas. Somente aqueles que o conheceram antes da competição realizada em Dahlgren perceberiam a diferença. Naquela ocasião, a sentinela Luis Guy atacara Hadrian com um grupo de cavaleiros de Seret, e Mauvin e Fanen sacaram as espadas para defendê-lo. Os irmãos lutaram magistralmente, conforme a natureza dos Pickering. No entanto, Mauvin não pôde salvar o irmão do golpe letal. Até aquele dia, Mauvin Pickering era um homem brilhante, extrovertido e alegre. Tinha um sorriso permanente nos lábios e desafiava o mundo com uma piscadela e uma risada. Agora seus ombros estavam caídos e sua cabeça, baixa.

— Você está armado, novamente? — indagou Hadrian, gesticulando em direção à espada de Mauvin.

— Eles insistiram.

— Você já a sacou?

Mauvin olhou para os próprios pés.

— Meu pai diz que isso não importa. Se houver necessidade, ele está convicto de que não vou titubear.

— E o que você acha?

— Esforço-me para não fazê-lo.

Mauvin abriu e escancarou as portas do saguão. Em seguida, conduziu Royce e Hadrian diante do funcionário de serviço e pelos guardas a postos na entrada. Através das janelas compridas entrava a luz do final da manhã, lançando raios brilhantes pelo assoalho. As grandes tapeçarias ainda estavam enroladas e dispostas junto às paredes, guardadas à espera de dias melhores. No lugar das tapeçarias, mapas com linhas vermelhas e setas azuis apontando para o sul pendiam das paredes.

Sozinho, Alric andava de um lado para outro perto das janelas, a cabeça coroadada ligeiramente voltada para baixo e o manto esvoaçando — *como um rei*, pensou Hadrian. Alric ergueu os olhos quando eles entraram e empurrou a coroa para trás, com o polegar.

— Por que demoraram tanto?

— Nós tomamos o café da manhã, Vossa Majestade — respondeu Royce.

— Vocês tomaram o café da... Deixemos isso de lado — disse o rei, exibindo um pergaminho enrolado. — Disseram-me que vocês trouxeram esta mensagem ao castelo hoje de manhã. É isso?

— Eu não — falou Royce. Desenrolando o pergaminho, encontrou dois documentos e começou a lê-los.

— Fui eu — admitiu Hadrian. — Acabo de chegar de Ratibor. Sua irmã está controlando a situação, Majestade.

Alric franziu o cenho.

— Quem enviou isto?

— Não sei muito bem — respondeu Hadrian. — Recebi a mensagem de um homem chamado Price, lá em Colnora.

Royce acabou de ler e levantou a cabeça.

— Acho que o senhor está prestes a perder essa guerra — declarou ele, dispensando o esperado *Majestade*.

— Não seja ridículo. Isso deve ser alguma brincadeira de mau gosto. Só pode ser coisa de Ecton. Ele gosta de me ver fazendo papel de bobo. Mesmo

que o documento seja autêntico, é coisa de alguém que resolveu fazer reivindicações insanas para extorquir um pouco de ouro do Novo Império.

— Eu discordo — disse Royce, entregando a carta a Hadrian.

*Rei Alric,*

*Isto foi encontrado com um mensageiro que seguia de Cális para Aquesta. Sentinelas avançadas o encontraram em Alburn e ele deu mais trabalho do que imaginávamos. Três membros do Diamante foram mortos. Esta carta, endereçada aos regentes, foi encontrada com ele. O Joia achou que o conteúdo da carta seria de seu interesse.*

*Estimados regentes,*

A queda de Ratibor foi inesperada e lastimável, mas, como os senhores sabem, não terá sido fatal. Até o momento, desincumbi-me de Degan Gaunt e eliminei o mago Esrahaddon. Isso conclui dois terços do nosso trato, mas o melhor ainda está por vir.

O Tempestade de Esmeralda está ancorado no Porto de Aquesta, pronto para zarpar. Após receberem esta mensagem, providenciem para que o pagamento seja levado a bordo, com as ordens que deixei lacradas. Depois de carregado, o navio vai partir, o destino da guerra vai mudar e a vitória dos senhores estará garantida. Com a eliminação dos nacionalistas, os senhores poderão se apoderar de Melengar.

Embora eu disponha de todo o tempo do mundo, convém aos senhores se apressar para que a chama que os senhores denominaram Novo Império não se apague.

Merrick Marius

— Merrick? — murmurou Hadrian, olhando para Royce. — É o...?  
Royce fez que sim.

— Você conhece esse Marius? — perguntou Alric.

Novamente, Royce fez que sim.

— E é por isso que sei que o senhor tem um problema nas mãos.

— E você sabe quem enviou esta mensagem?

— Cosmos DeLur.

— Esse Cosmos não é um comerciante abastado de Colnora?

— E também é o líder de uma guilda de ladrões conhecida como Diamante Negro.

Alric parou a fim de avaliar a informação, em seguida voltou a andar de um lado para outro.

— Por que ele enviaria isso para mim?

— O Diamante quer ver os imperialistas fora de Colnora. Acho que, com Gaunt saindo de cena, Cosmos pensa que o senhor faria bom uso dessa informação.

Alric coçou a cabeça, pensativo.

— Então quem é esse tal de Merrick? Como você o conhece?

— Fomos amigos quando eu pertencia ao Diamante.

— Excelente. Encontre esse sujeito e pergunte a ele o que há por trás disso tudo.

Royce balançou a cabeça.

— Não faço ideia de onde Merrick esteja, e não somos mais amigos. Ele não vai me dizer coisa alguma.

Alric suspirou.

— Pouco me importa que não sejam mais amigos. Encontre o sujeito, resolva as suas diferenças e obtenha as informações de que preciso.

Royce se manteve calado, e Hadrian acrescentou, com hesitação:

— Merrick foi o responsável pela ida de Royce a Manzant, depois que Royce matou a amante de Merrick por engano.

Alric parou de andar e arregalou os olhos.

— Para o Cárcere de Manzant? Mas ninguém consegue sair de lá.

— A ideia era essa mesmo. Foi um prazer para mim decepcionar Merrick — respondeu Royce.

— Hoje em dia, Royce e Merrick têm um acordo tácito para um não cruzar o caminho do outro.

— Então como vou saber se esse tal de Merrick está apenas blefando ou se existe, de fato, uma ameaça contra Melengar?

— Merrick não blefa. Se ele diz que é capaz de mudar o destino da guerra favorecendo o Novo Império, é porque pode mesmo. Sugiro que o senhor leve isso a sério — recomendou Royce, então refletiu por alguns instantes. — Se fosse o senhor, providenciara para que alguém entregasse a mensagem, então embarcaria como clandestino nesse navio para ver aonde ele vai.

— Ótimo. Façam isso e me informem o que descobrirem.

Royce balançou a cabeça.

— Estamos aposentados. Faz apenas uma semana que vim aqui e expliquei que...

— Não seja ridículo! Você me disse para levar a sério esta ameaça e é por isso que preciso dos meus melhores homens, o que significa vocês.

— Escolha outras pessoas — disse Royce com firmeza.

— Muito bem... Quanto vocês querem? Dessa vez vai ser terra, certo? Pois bem... O barão Milborough, de Três Rios, foi morto durante uma batalha, algumas semanas atrás. Ele não tem filhos, e eu lhes concederei as terras dele se vocês forem bem-sucedidos. As terras, o título e tudo o mais.

— Não quero terras. Não quero nada. *Estou aposentado.*

— Pelo amor de Mar, homem! — exclamou Alric. — O futuro do reino talvez esteja em jogo. Eu sou o rei, e...

Hadrian o interrompeu:

— Eu faço o serviço.

— Como? — perguntaram Alric e Royce em uníssono.

— Eu disse que vou.



— Você não pode aceitar esse serviço — disse Royce enquanto eles caminhavam de volta para a Rosa e Espinho.

— Eu preciso aceitar. Se Esrahaddon está morto, Merrick é minha única chance de encontrar Gaunt. Você acha que ele fez mesmo o que disse?

— Merrick jamais mentiria para um cliente os termos da conclusão de um serviço.

— Mas Esrahaddon era um mago. Ele sobreviveu mil anos... Não posso imaginar que seja morto por um assassino comum.

— Acabei de dizer que foi Merrick. Ele não é um assassino comum.

Enquanto atravessavam a Praça dos Nobres, naquele momento totalmente vazia, até os sinos da Catedral de Mares estavam calados. Hadrian suspirou.

— Isso quer dizer que agora estou sozinho na busca do Herdeiro. Se seguir o pagamento até Merrick, estarei a caminho do encontro com Gaunt.

— Hadrian — falou Royce, tocando o braço do amigo e se detendo no meio de uma passada. — Você não está à altura desse serviço. Você não conhece Merrick. Pense um pouco. Se ele matou um mago, um mago capaz de criar pilares de fogo mesmo sem usar as mãos, que chances você acha que tem? Você é um bom, não, um grande espadachim, o melhor que conheço, mas Merrick é um gênio, e absolutamente implacável. Se você o perseguir, ele vai ficar sabendo e vai matá-lo.

Eles estavam diante da velha loja de miudezas de Lester Furl, na Vila dos Artesãos, na oficina onde o monge Myron outrora havia trabalhado. A placa que exibia o chapéu emplumado ainda pendia acima da porta, mas o estabelecimento estava vazio.



— Escute bem: não estou pedindo a você que venha comigo. Eu sei que você vai se casar com Gwen. E, por falar nisso, meus parabéns. E até já passou da hora, eu posso acrescentar. Esse problema não é seu. É meu. Eu nasci com essa missão. Foi para isso que meu pai me treinou. Proteger Gaunt e descobrir um meio de levá-lo ao trono imperial... Esse é o meu destino.

Royce arregalou os olhos.

— Eu sei que você não acredita nisso, mas eu acredito.

— Gaunt pode até já estar morto, sabia? Se Merrick matou Esrahaddon, talvez tenha cortado a garganta de Gaunt também.

— Mesmo assim, tenho de ir. A essa altura, até você já deve ser capaz de perceber isso.



Quando chegaram à Rosa e Espinho, Gwen os esperava com um olhar ansioso. De pé no pórtico, com os braços cruzados, ela se agarrava ao xale. O vento outonal roçava sua saia e seus cabelos. Atrás dela, dentro da taverna escura, clientes conversavam em voz alta ao redor do bar.

— Não se preocupe — tranquilizou-a Hadrian no momento em que se aproximaram. — Vou aceitar o serviço, mas Royce vai ficar. Com sorte, estarei de volta a tempo do...

— Vá com ele — ordenou Gwen a Royce com firmeza.

— Não, falando sério, Gwen — retrucou Hadrian. — Não é nada...

— Você tem de ir com ele.

— Qual é o problema? — perguntou Royce. — Achei que a gente fosse se casar. Você não quer mais?

Gwen fechou os olhos, trêmula. Então suas mãos formaram punhos fechados e ela se contraiu.

— Você *precisa* ir. Hadrian vai ser morto se você não for... E então, você... você...

Royce a abraçou nos degraus da taverna e ela irrompeu num pranto.

— Você precisa ir — disse Gwen com a voz abafada pelo ombro de Royce. — Se você não for, tudo vai dar errado. Eu não posso me casar com você... Eu *não vou* me casar com você se você não for. Diga-me que vai, por favor, Royce, por favor...

Royce dirigiu a Hadrian um olhar atordoado e sussurrou:

— Tudo bem.



— Olhe só, fiz isto para você — disse Gwen a Royce, mostrando-lhe uma peça dobrada, confeccionada em tricô.

Estavam no quarto de Gwen, no topo da escada da Casa de Medford, e ele acabava de empacotar seus pertences.

Royce ergueu a peça.

— Um cachecol?

Gwen sorriu.

— Visto que vou me casar, achei que fosse bom aprender a fazer tricô. Ouvi dizer que é isso que as esposas dedicadas fazem para os maridos.

Royce começou a rir, mas parou ao ver a expressão estampada no rosto dela.

— Isso é importante para você, não é? Mas você sabe que é melhor do que todas aquelas senhoras do Distrito dos Comerciantes. O fato de terem marido não as torna especial.

— Não é isso. É que... Eu sei que a sua infância deixou muito a desejar, e a minha também. Quero algo *melhor* para os nossos filhos. Quero que a vida

deles e o nosso lar sejam perfeitos, até onde isso for possível para um casal como nós.

— Eu tenho as minhas dúvidas. Conheço dezenas de aristocratas que tiveram infâncias ideais e se tornaram pessoas medonhas. Você, por outro lado, é a melhor pessoa que conheci na vida.

Gwen sorriu.

— É bom ouvir isso, mas duvido muito que você deixaria a nossa filha trabalhar aqui. E gostaria que o nosso filho tivesse uma infância como a sua? Nós podemos criá-los bem. O fato de serem criados num lar digno não significa que vão se tornar *medonhos*. Você vai ser firme e eu serei meiga. Você vai dar umas boas palmadas no Elias quando ele for desrespeitoso, e eu vou beijar as lágrimas dele e lhe oferecer biscoitos.

— Elias? Você já escolheu o nome do nosso filho?

— Você prefere Sterling? Estou em dúvida entre os dois. Mas o nome da menina é inegociável. Será Mercedes. Sempre adorei esse nome. Vou vender esta casa e os meus outros bens. A importância obtida com as vendas, somada ao dinheiro que guardei para você, será suficiente para jamais passarmos necessidade. Poderemos levar uma vida tranquila, feliz e simples... Isto é, se você quiser viver assim. Você quer?

Royce olhou nos olhos dela.

— Gwen, para estar ao seu lado, pouco me importa onde vou estar nem o que vou fazer.

— Então está decidido. — Gwen sorriu e seus olhos faiscaram. — Foi o que sempre sonhei. Nós dois, morando num chalé seguro e bem aquecido, criando os nossos filhos.

— Do jeito como você fala, parece que somos esquilos.

— Isso mesmo! Uma família de esquilos, vivendo no nosso ninho aconchegante, no oco de uma árvore, enquanto os problemas do mundo passam diante de nós — disse ela com o lábio inferior tremendo.

Royce a abraçou com força enquanto Gwen pressionava o rosto contra o ombro dele. Ela acariciou a cabeça dele, correndo os fios de cabelo pelas pontas dos dedos. A despeito da força e da coragem de Gwen, Royce sempre se admirava com a fragilidade dela. Jamais conhecera alguém como ela, e resolveu dizer a Hadrian que tinha mudado de ideia.

— Gwen...

— Nem pense nisso — interrompeu ela. — Não podemos construir uma nova vida enquanto você não concluir a atual. Hadrian precisa de você e não quero ser culpada pela morte dele.

— Eu jamais a culparia.

— Se um dia você vier a me odiar, Royce, eu não vou aguentar. Prefiro morrer a deixar que isso aconteça. Prometa que vai. Prometa que vai cuidar de Hadrian. Prometa que não vai se desesperar, e que vai corrigir o que precisar ser corrigido.

Royce baixou a cabeça até encostar a sua na dela. Ficou ali, sentindo o cheiro conhecido daqueles cabelos, respirando com certa dificuldade.

— Tudo bem... Mas você precisa concordar em ir para a abadia se a coisa por aqui ficar ruim como ficou antes.

— Eu vou — prometeu ela, abraçando-o com vigor. — Estou com tanto medo — murmurou ela.

Surpreso, Royce disse:

— Você sempre me dizia que nunca sentia medo quando eu saía em missões.

Gwen olhou para ele com lágrimas nos olhos e uma expressão de culpa no semblante.

— Eu mentia.

## CAPÍTULO 3

### O MENSAGEIRO



Hadrian fez fila numa antessala, aguardando para entregar a mensagem. O funcionário era um baixinho gorducho e calvo; tinha os dedos sujos de tinta e guardava uma pena sobressalente presa detrás de cada orelha. Sentava-se diante de uma escrivaninha imensa, despachando documentos e falando consigo mesmo, sem se preocupar com a fila cada vez maior.

Hadrian e Royce cavalgaram até Aquesta, e Hadrian se oferecera para entregar a mensagem, enquanto Royce, com os cavalos a postos, esperava num local previamente combinado. Embora Hadrian houvesse realizado trabalhos para muitos nobres, poucos ali o reconheceriam de vista. A Riyria sempre conduzira seus negócios anonimamente, recorrendo a terceiros, como, por exemplo, o visconde Albert Winslow, que representava a organização e sabia preservar o anonimato. Hadrian duvidava de que Saldur o reconhecesse, mas Luis Guy certamente o faria. Por conseguinte, Hadrian

sempre mantinha em vista a saída mais próxima, bem como o número de guardas imperiais interpostos entre ele e a liberdade.

A sede do Novo Império estava agitada. Integrantes do quadro de funcionários do palácio entravam e saíam das muitas portas que o cercavam. Corriam ou caminhavam com a pressa exigida pela necessidade e sancionada pela compostura. Alguns olhavam para ele, mas apenas brevemente. Por experiência, Hadrian sabia que o grau de atenção que uma pessoa dedica a outra é inversamente proporcional à posição da pessoa que olha. O lorde camareiro, que acumulava a função de alto conselheiro, passou sem desviar o olhar, enquanto um servente arriscou um olhar detido e um jovem pajem o fitou com bastante curiosidade durante quase um minuto. Embora fosse invisível aos escalões superiores, Hadrian começava a sentir certo desconforto.

*Isto está demorando demais.*

Dois emissários chegaram ao início da fila, deixaram suas bolsas de couro e partiram. Na sequência, um comerciante da cidade registrou uma queixa. O registro demorou bastante, pois o funcionário fez várias perguntas e anotou meticulosamente cada resposta.

Em seguida, foi a vez da jovem de aparência simplória que ocupava um lugar à frente de Hadrian.

— Diga ao lorde camareiro que quero uma audiência — anunciou ela, dando um passo para a frente.

A jovem não usava maquiagem, o que lhe emprestava um ar inexpressivo. Os cabelos, penteados para trás e presos com uma rede, em nada favoreciam a aparência dela. Seu corpo tinha formato de pera, característica acentuada pelo vestido, cuja saia rodada se projetava dos quadris.

— O lorde camareiro está numa reunião com os regentes e não pode ser interrompido, *baronesa*.

As palavras eram polidas, mas o tom era desrespeitoso. A ênfase na palavra *baronesa* soava particularmente sarcástica. A jovem não notou, ou preferiu ignorar o tom da resposta.

— Ele está me evitando há mais de uma semana — declarou a mulher em tom acusatório. — É necessário tomar certas providências. Preciso de tecido para o novo vestido da imperatriz.

— Os meus registros indicam que uma boa soma foi gasta num vestido para Modina recentemente. Estamos em guerra e temos alocações mais prementes.

— Aquele vestido foi para a apresentação dela na sacada. Ela não pode andar por aí com ele. Estou falando de um vestido para ela usar durante o dia.

— É, mas aquele vestido foi muito caro. Você não quer privar soldados de suas refeições só para que a imperatriz possa ter mais um belo vestido, quer?

— Mais um? Ela só tem dois vestidos, e de segunda mão!

— E isso é mais do que muitas das súditas dela possuem, não é?

— O Império gastou uma fortuna reformando este palácio. É claro que a economia imperial não vai à bancarrota se comprar um pedaço de tecido. Ela não precisa de seda. Pode ser linho. Eu mando a costureira...

— Estou certo de que, se o lorde camareiro achasse que a imperatriz precisava de outro vestido, ele tomaria as providências cabíveis. Visto que não tomou, é porque ela não precisa. Agora, *Amilia* — disse ele com atrevimento —, se me der licença, tenho mais o que fazer.

Os ombros da jovem murcharam em sinal de derrota.

Passos ecoaram atrás deles e a expressão de arrogância do baixinho se desfez. Hadrian se virou e viu surgir a camponesa que ele conhecera como Thrace escoltada por um guarda armado. O vestido estava desbotado e gasto, conforme Amilia dissera, mas a jovem exibia um porte altivo, ereto e imperturbável. Ela fez um gesto para o guarda, indicando-lhe que

aguardasse, então avançou até o início da fila, pondo-se diante do funcionário.

— Lady Amilia fala em meu nome. Por gentileza, faça o que ela pede — disse Thrace.

O funcionário pareceu confuso. Seus olhos brilhantes e nervosos corriam de Amilia para a imperatriz e de volta a Amilia.

Thrace prosseguiu:

— Estou certa de que o senhor não pretende desobedecer a uma ordem dada por sua imperatriz, não é?

O escriba baixou o tom de voz, mas a irritação ainda era perceptível no momento em que ele se dirigiu a Amilia:

— Se você pensa que vou me ajoelhar diante da sua cadelinha adestrada, saiba que é engano seu. Ela é tão maluca quanto dizem por aí. Não sou ignorante como o resto dos funcionários do castelo e não vou ser manipulado por gentalha. Saiam já daqui, vocês duas. Não tenho tempo para bobagens agora.

Amilia se intimidou visivelmente, mas Thrace se manteve firme:

— Diga-me, Quail, você acha que os guardas do palácio têm a mesma opinião que você a meu respeito? — questionou ela olhando para um dos soldados. — Se eu o chamasse e acusasse você de... digamos... traição, e... digamos... ordenasse sua execução sumária, aqui mesmo, o que você acha que ele faria?

O funcionário dirigiu a Thrace um olhar desconfiado, como se pretendesse enxergar o que havia detrás de uma máscara.

— Você não ousaria — falou ele, correndo o olhar entre as duas mulheres.

— Não? Por que não? — respondeu Thrace. — Você acabou de dizer que sou maluca. Quem vai saber o que sou capaz de fazer, ou as minhas motivações? De agora em diante, você vai tratar Lady Amilia com respeito e



obedecer às ordens dela, como se partissem da autoridade mais alta. Entendeu?

O funcionário meneou a cabeça lentamente.

No momento em que deu meia-volta, com o propósito de ir embora, Thrace avistou Hadrian e estancou, como se houvesse se chocado contra uma parede invisível. Os olhos dela fitaram os dele e ela cambaleou, trêmula.

Amilia estendeu a mão a fim de ampará-la.

— Modina, o que houve?

Thrace se manteve calada e manteve o olhar fixo em Hadrian, os olhos cheios de lágrimas e os lábios tremendo. A porta do gabinete se abriu.

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra a esse respeito! — esbravejou Ethelred, enquanto ele, Saldur e Archibald Ballentyne entraram juntos na antessala.

Hadrian olhou para a janela do corredor, calculando o número de passos necessários para chegar até lá. O velho clérigo olhou para Thrace.

— O que está acontecendo aqui?

— Estou levando Sua Eminência de volta a seus aposentos — respondeu Amilia. — Acho que ela não está se sentindo bem.

— Elas estavam pedindo tecido para um novo vestido — explicou o funcionário com um tom de voz acusatório.

— Bem, é óbvio que ela precisa de um vestido. Por que ainda está usando esses farrapos? — indagou Saldur.

— O lorde camareiro se recusa a...

— Por que você precisa dele? — perguntou Saldur, fazendo careta. — Basta dizer ao funcionário que providencie o que está pedindo. Não é preciso incomodar Bernard com essas trivialidades.

— Obrigada, Vossa Excelência — falou Amilia, passando um braço pela cintura de Thrace e segurando o cotovelo dela com a outra mão, enquanto a conduzia para fora do recinto.

Os olhos de Thrace continuaram fixos em Hadrian, e ela virou a cabeça para olhar para ele no momento em que deixaram a antessala. Saldur seguiu o olhar dela e contemplou Hadrian, com curiosidade.

— Tenho a impressão de que o conheço — disse ele, dando um passo à frente.

— Sou um emissário — respondeu Hadrian com o coração acelerado; fazendo uma mesura, ergueu a mensagem, como se fosse um escudo.

— Ele já deve ter vindo aqui dezenas de vezes, Saldur — comentou Ethelred, agarrando e examinando o pergaminho dobrado. — Isso foi enviado por Merrick!

Os três se desinteressaram de Hadrian enquanto Ethelred abria a carta.

— Meus senhores — disse Hadrian, curvando-se, e então deu meia-volta e se retirou, sem mais demora, passando por Amilia e Thrace.

Hadrian sentiu em suas costas o olhar fixo de Thrace, até dobrar o corredor, saindo do campo de visão da jovem.



— Algum problema? — perguntou Royce quando Hadrian o encontrou, do lado de fora.

— Quase. Vi Thrace — disse Hadrian enquanto caminhavam. — A aparência dela não está boa. Ela está magra, muito magra, e pálida. Estava implorando roupa a um funcionáriozinho nojento.

Royce olhou para trás, preocupado.

— Ela reconheceu você?

Hadrian fez que sim.

— Mas não disse nada. Só ficou me olhando.

— Acho que se quisesse nos prender já teria feito isso agora — falou Royce.

— Nos prender? Estamos falando de Thrace, pelo amor de Maribor!

— Ela está em poder deles há mais de um ano, e agora é a imperatriz Modina.

— Sim, mas...

— O quê?

— Sei lá... — disse Hadrian, lembrando-se do olhar estampado no rosto de Thrace. — Ela não está bem. Não sei o que está acontecendo nesse palácio, mas não é coisa boa. E prometi ao pai de Thrace que cuidaria dela...

Royce balançou a cabeça em sinal de frustração.

— A gente pode se concentrar em um resgate de cada vez? Para um aposentado, você está bastante ativo. Além disso, para Teron, a definição de sucesso era conseguir montar para o primogênito uma oficina de tanoeiro. Acho que ele *talvez* fosse gostar do fato de a filha ser coroada imperatriz. Agora, vamos abrigar estes cavalos e descer até o porto. Precisamos achar o *Tempestade de Esmeralda*.

## CAPÍTULO 4

### A CORRIDA



Embora não fosse tão grande e rica quanto Colnora, Aquesta, capital do império, era a cidade mais poderosa de Avryn. O palácio remontava a um tempo anterior à Era de Glenmorgan, e servira de residência oficial do governante na época do antigo Império novroniano. Com orgulho, estudiosos apontavam para a pedra cinzenta que servia de fundação ao castelo e se gabavam de que ela fora instalada pelos engenheiros que construíram Percepliquis. Ali, em campos da Alta Corte, grandes torneios eram realizados por ocasião da Festa do Inverno. Os melhores cavaleiros, egressos de todas as regiões de Apeladorn, iam até lá competir em justas, esgrima e outros testes de habilidades físicas. Tais eventos, cuja duração costumava ser de uma semana, incluíam um banquete permanente para a nobreza e propiciavam saudáveis rendimentos aos comerciantes, que exibiam suas mercadorias pelas ruas. A cidade se tornava um festival de encantos e sons, atraindo visitantes num raio de centenas de quilômetros.

Em grande medida, a prosperidade de Aquesta decorria do fato de a cidade possuir o maior e mais movimentado porto marítimo do reino de Avryn. As docas estavam sempre apinhadas de todo tipo de embarcação. Veleiros de dois mastros, rebocadores, cargueiros, navios mercantes e de guerra ancoravam no porto. Ao sul ficava o imenso estaleiro, ao lado de fabricantes de cabos e cordas, redes e velas. O extremo norte da baía abrigava o embarcadouro e os depósitos para armazenar peixes, animais e madeira. Todos os setores marítimos eram representados lá.

— Qual dessas embarcações será o *Tempestade de Esmeralda*? — perguntou Hadrian, olhando para a floresta de mastros e velas enfileirados nas docas.

— Vamos perguntar no setor de informações — indicou Royce, apontando com o polegar para uma taverna localizada no limite das docas.

As paredes de madeira estavam desbotadas, quase brancas, em consequência do sal, as tábuas do assoalho tão empenadas que lembravam ondas do mar. A porta pendia torta, presa por dobradiças de couro, e acima dela uma velha placa em formato de peixe anunciava: A CAVALINHA SALGADA.

A taverna tinha poucas janelas, o que deixava o interior escuro e esfumaçado. Sobre cada mesinha havia uma vela derretida, e um fogo fraco ardia numa lareira arredondada, no centro do recinto. Homens trajando calças largas, camisas xadrez e chapéus de aba larga lotavam o local. Muitos fumavam cachimbo e sentavam-se com os pés apoiados nas mesinhas. Alguns estavam de pé, encostados em pilastras. Todas as cabeças se voltaram quando Hadrian e Royce pisaram no interior do estabelecimento, e Hadrian percebeu o quanto, com suas túnicas e capas, eles destoavam dos presentes.

— Olá — saudou Hadrian sorrindo enquanto tentava fechar a porta. O vento soprou e apagou as três velas que estavam mais perto deles. — Desculpem, mas essas dobradiças poderiam estar em melhor estado.

— Aqui, dobradiças de ferro ficam oxidadas da noite para o dia — explicou o servente. O sujeito, magro e corcunda, limpava a bancada com

uma das mãos, enquanto recolhia canecas vazias com a outra. — O que querem?

— Estamos procurando o navio *Tempestade de Esmeralda* — respondeu Royce.

Nenhum dos dois dera mais do que um passo dentro da taverna. Nenhum daqueles rostos abatidos aparentava ser amigável, e Hadrian se tranquilizou ao localizar uma saída próxima.

— O que querem com ele? — perguntou outro homem.

— Ouvimos dizer que é um bom navio, e queremos saber se há vagas para marujos.

Tais palavras provocaram uma gargalhada geral.

— E onde estão os marujos que buscam emprego? — gritou uma voz saída do meio da penumbra. — Não podem ser dois marias-farinha como vocês!

Mais gargalhadas.

— Então você quer dizer que não sabe nada a respeito do *Tempestade de Esmeralda*, certo? — retrucou Royce com um tom de voz cortante que calou o ambiente.

— O *Tempestade* é um navio imperial, meu rapaz, e já está tripulado. Eles agora só estão embarcando sal temperado... Se é que ainda há espaço a bordo — respondeu o corcunda. — Se estão procurando trabalho, os pesqueiros sempre precisam de gente disposta a limpar peixe. Isso é o máximo que vocês dois vão conseguir, em termos de atividade relacionada à navegação.

Mais uma vez, as gargalhadas ecoaram pelo recinto.

Hadrian olhou para Royce, que escancarou a porta e, franzindo o cenho, saiu da taverna.

— Obrigado pela sugestão — disse Hadrian, dirigindo-se aos presentes antes de seguir o parceiro.

Sentaram-se nos degraus da Cavalinha, contemplando a fileira de navios ancorados do outro lado da rua. Mastros de madeira, dos quais pendiam peças de tecido, pareciam mulheres se preparando para um baile.

— E agora? — perguntou Hadrian, falando baixo.

Royce sentou-se e apoiou o queixo nas mãos.

— Estou pensando — foi tudo o que ele disse.

Atrás deles, a porta rangeu, abrindo-se, e a primeira coisa que Hadrian notou foi um chapéu de aba larga, com a lateral presa por uma exuberante pluma azul. O rosto embaixo do chapéu parecia conhecido, e Royce reconheceu o homem imediatamente:

— Wyatt Deminthal.

Wyatt hesitou no momento em que olhou nos olhos de Royce. Ele parou, um dos pés ainda dentro da taverna. Não aparentou surpresa ao vê-los e parecia estar apenas questionando se seria prudente avançar, como uma criança que se aproxima de um cão que, de repente, começa a rosar. Durante um segundo, ninguém disse coisa alguma, então Wyatt trincou os dentes e fechou a porta atrás de si.

— Eu posso embarcar vocês no *Tempestade* — declarou ele, falando rapidamente.

Royce apertou os olhos.

— Como?

— Sou o timoneiro. Estão precisando de um cozinheiro, e é sempre bom ter mais de um homem no tombadilho. O navio vai zarpar assim que chegar uma carga que vem do palácio.

— Por quê?

Wyatt engoliu em seco e, inadvertidamente, levou a mão à garganta.

— Eu sei que vocês me viram. Vocês estão aqui para fazer a cobrança, mas eu não tenho o dinheiro para pagar o que devo. Aquilo que fiz com vocês lá em Medford não foi nada pessoal. Estávamos morrendo de fome, e Trumbul pagou em ouro. Eu não sabia que eles iam prender vocês pelo

assassinato do rei. Meu trabalho era contratar vocês para roubar a espada, só isso. Cem moedas de ouro é muito dinheiro. E, sinceramente... Bem, nunca tive tanto dinheiro assim na vida, e duvido que um dia volte a ter.

— Então, você acha que nos embarcar no *Tempestade de Esmeralda* vale cem moedas de ouro?

Wyatt passou a língua pelos lábios, correndo os olhos de Royce a Hadrian.

— Eu não sei. Vale?



Royce e Hadrian atravessaram a rua movimentada, esquivando-se das carroças, e caminharam por uma velha passarela suspensa por cordas. As pranchas oscilavam sob seus pés. Os dois usavam calças largas de brim, camisões de linho, chapéus de lona enfeitados com uma fita e lenços amarrados de um jeito estranho, cujo estilo Wyatt demorou um bom tempo para acertar. Ambos carregavam grandes bolsas de lona, dentro das quais empacotaram suas roupas comuns. Hadrian escondera suas três espadas ali também. Desarmado, sentia-se inseguro e despido.

Serpenteando pelo embarcadouro lotado de gente, seguiram as instruções de Wyatt até o fim do cais. O *Tempestade de Esmeralda* era um belo navio, recentemente pintado, com três mastros, quatro tombadilhos e a figura de uma mulher dourada e com asas ornamentando a proa. As velas estavam recolhidas e flâmulas verdes pendiam de cada mastro. Um pequeno exército de homens carregava sacos de farinha e barris de carne de porco salgada para o tombadilho, onde a tripulação acondicionava os suprimentos. Um homem que parecia ser um oficial gritava ordens, comandando os trabalhos, e outro homem, manejando uma bengala de ratã, reforçava as ordens expedidas. Dois soldados imperiais guardavam a rampa de acesso.



— Vocês querem alguma coisa aqui? — indagou um dos guardas quando eles se aproximaram.

— Queremos — respondeu Hadrian com um tom de voz inocente e esperançoso. — Estamos procurando trabalho. Ouvimos dizer que esse navio está precisando de tripulantes. Mandaram a gente falar com o Sr. Temple.

— O que está havendo aí? — perguntou um baixinho troncudo, usando roupas esfarrapadas e exibindo sobrancelhas espessas e uma voz rouca, gasta pelos anos passados berrando ordens no ar marítimo. — Eu sou Temple.

— Ouvi dizer que vocês estão procurando um cozinheiro — disse Hadrian, com um tom de voz amigável.

— Estamos mesmo.

— Pois, então, hoje é um dia de sorte para vocês.

— Sei, sei... — Temple assentiu com um olhar azedo.

— E esse meu amigo aqui é marujo.

— Ah, é mesmo? — perguntou Temple, olhando para Royce. — A gente tem vaga... Mas só para marinheiros *experientes*. Geralmente não me importo de contratar principiantes, porém não podemos ter marinheiros de primeira viagem desta vez.

— Mas nós somos marinheiros... Trabalhamos no *Endeavor*.

— São mesmo? — perguntou o contramestre, cheio de dúvida. — Deixem-me ver as mãos de vocês.

O contramestre examinou as palmas das mãos de Hadrian, verificando os calos e a pele grossa, e resmungando algumas palavras:

— Você deve ter ficado a maior parte do tempo na cozinha. Nunca pegou firme nos cabos. — Em seguida, examinou as mãos de Royce e ergueu uma sobrancelha. — Você *já esteve* em um navio na vida? É óbvio que nunca operou um cabrestante.

— Royce é, o senhor sabe... — Hadrian apontou para o topo do mastro. — O cara que vai lá em cima...

O contramestre balançou a cabeça e riu.

— Se vocês forem marujos, então eu sou o príncipe de Percepliquis!

— Ah, mas eles são, Sr. Temple — declarou uma voz. Wyatt saiu do castelo de proa e se aproximou correndo. Uma camisa de um branco brilhante contrastava com a pele morena e os cabelos negros. — Conheço esses homens. São velhos companheiros meus. O mais baixo é Royce Melborn, marujo melhor não pode haver. E o grandão é... Bem...

— Hadrian — disse Royce.

— Isso mesmo, é claro. Hadrian é um ótimo cozinheiro, de fato, Sr. Temple.

Temple apontou para Royce.

— Esse aqui é marinheiro? Você está brincando, Wyatt?

— Não, senhor... Ele é um dos melhores.

Temple permanecia cético.

— Pode pedir uma prova, senhor — sugeriu Hadrian. — Ele pode desafiar o seu melhor marujo na escalada das cordas.

— Você quer dizer dos *cabos* — interveio Wyatt, corrigindo-o.

— Isso mesmo.

O contramestre não notou o deslize, pois prestava atenção em Royce. Depois de olhá-lo de cima abaixo, gritou:

— Dering! — A voz potente e rouca se projetou contra o vento marinho.

Imediatamente um sujeito alto e magro, com a pele curtida, apresentou-se.

— Sim, senhor — respondeu ele com todo respeito.

— Esse sujeito diz que ganha de você subindo pelo cabo, soltando a bujarrona e voltando ao tombadilho. O que acha?

— Acho que ele está enganado, senhor.

— Então, a gente vai descobrir — disse o contramestre, e se voltou para Royce. — Na realidade, não espero que você ganhe de Dering. Ele é um

dos melhores marujos que conheço, mas, se você se sair bem, você e seu parceiro terão trabalho a bordo. Se estiverem me fazendo perder tempo, vão ter de nadar de volta ao cais. Dering, você fica a estibordo. Royce, você em bombordo. Assim que o capitão-tenente Bishop autorizar a nossa partida, vocês sobem.

O Sr. Temple prosseguiu até o convés principal e Wyatt desceu e se posicionou ao lado de Royce.

— Lembre-se do que eu lhe disse ontem à noite... e do que o Temple disse. Você não precisa ganhar de Dering.

Hadrian deu um tapinha nas costas de Royce, sorrindo, e falou:

— Então... É só você soltar a vela e descer, sem se matar.

Royce fez que sim e olhou apreensivo para o topo do grande mastro.

— Espero que não tenha medo de altura. — Wyatt sorriu.

— A postos, homens! — gritou o Sr. Temple, dirigindo-se à tripulação, do local onde se posicionara no convés. — Vamos ter uma competição.

Ele explicou os detalhes à tripulação enquanto Royce e Dering se deslocavam até a base do mastro principal. Royce olhou para cima, com uma careta que provocou uma gargalhada geral.

— Falando sério, ele não tem medo de altura, tem? — perguntou Wyatt com preocupação. — Parece assustador, e, bem... de fato é, nas primeiras vezes que a gente sobe; mas não é tão difícil se a pessoa tomar cuidado e não tiver medo de altura.

Hadrian sorriu para Wyatt, mas se limitou a dizer:

— Acho que você vai gostar do espetáculo.

Um oficial apareceu no convés e se posicionou ao lado do contramestre.

— Já pode zarpar, Sr. Temple.

O contramestre se virou para o tombadilho principal e rugiu:

— Soltem a bujarrona!

Royce pareceu pego de surpresa, não se dando conta de que se tratava da ordem para o início da competição. Por conseguinte, Dering saiu na frente,

subindo pelo cabo como um macaco. Royce se virou, mas não começou a subir. Em vez disso, observou a escalada de Dering durante vários segundos. A maioria da tripulação torcia por Jacob, mas alguns, talvez os que ouviram que um cozinheiro seria contratado caso o estranho vencesse, instavam Royce a começar a subir, incentivando-o como se ele fosse um cachorro:

— Vamos! Suba, seu idiota! — Alguns riam e outros faziam comentários maldosos sobre a mãe de Royce.

Finalmente, como se Royce tivesse criado uma tática, ele partiu. Com um salto, avançando acima do tombadilho já na saída, começou a correr, em vez de escalar, cabo acima. Royce parecia desafiar a lei da gravidade, vencendo os cabos com a mesma facilidade de quem sobe uma escada. Quando alcançou os cabos da arreigada, já estava quase ao lado de Dering. Ali, os cabos se afastavam do mastro, ligando-se a uma pequena plataforma de madeira conhecida como topo do mastro. Os dois homens foram obrigados a se pendurar de cabeça para baixo, valendo-se da escada de cordas, e Royce perdeu velocidade, uma vez que não pôde usar as mãos.

Dering deu a volta no topo do mastro e pulou sobre a bujarrona, voltando a escalar rapidamente, como um macaco. Quando conseguiu passar pelo topo do mastro, Royce estava muito atrás dele. Mas, sem precisar prosseguir de cabeça para baixo, Royce voltou a ganhar tempo. Chegaram juntos à verga e correram pela prancha estreita, como artistas de circo. Ao vê-los se equilibrando dezenas de metros acima do tombadilho, alguns integrantes da tripulação, absolutamente boquiabertos, prenderam a respiração. Royce parou e deu meia-volta para observar o adversário. Dering se lançou sobre a verga, deitando-se de frente. Esticando os braços, apressou-se em soltar as amarras. Sem perder tempo, Royce o imitou, e juntos avançaram pela verga. Enquanto procediam, a vela se soltou, exibindo a sua superfície reluzente e a imagem da coroa verde-escura. A bujarrona se desfraldou, sacudindo-se ao vento. Royce e Jacob se levantaram e

prosseguiram até o fim da verga. Ali chegando, agarraram o cabo que pendia da extremidade e escorregaram até o tombadilho, sob os aplausos da tripulação. Os dois tocaram o piso do tombadilho no mesmo instante.

O Sr. Temple gritou, exigindo que a tripulação restabelecesse a ordem. Não importava quem havia vencido. A demonstração de habilidade feita pelos dois homens tinha sido convincente o bastante para merecer a aprovação geral. Até Hadrian se flagrou aplaudindo, e notou que Wyatt estava boquiaberto. Temple meneava a cabeça para Hadrian e Wyatt, sinalizando aprovação.

— Atenção com o cabrestante! — gritou o capitão-tenente Bishop. — Soltem as velas de proa, vamos logo com isso, ajustem a bujarrona, na frente e atrás!

A tripulação se espalhou, a fim de realizar as diversas tarefas. Um grupo de homens cercava a roda de madeira do cabrestante, prontos para levantar a âncora. Wyatt avançou rapidamente até o timão, enquanto os demais, inclusive Darning, subiam pelos cabos dos três mastros.

— E o que vocês estão esperando? — perguntou o Sr. Temple quando Hadrian se posicionou ao lado de Royce. — Vocês ouviram o capitão-tenente: ajustar as velas. Hadrian, fique no cabrestante.

Enquanto eles corriam para realizar as tarefas, o Sr. Temple gesticulou em direção a Royce, e comentou com Wyatt:

— Não é de estranhar que ele não tenha mãos ásperas. Ele não usa as mãos!

O capitão do navio apareceu no convés principal, ao lado do capitão-tenente, com as mãos cruzadas nas costas, o peito inflado e o queixo confrontando o vento salgado que roçava nas pontas de seu uniforme. Com estatura um pouco abaixo da média, parecia o oposto do capitão-tenente. Enquanto Bishop era alto e magro, o capitão era baixo e gorducho, com queixo duplo e bochechas caídas que logo ficaram avermelhadas por causa

do vento. Ele observou os trabalhos da tripulação e em seguida meneou a cabeça, voltando-se para o primeiro oficial.

— Vamos zarpar, Sr. Bishop.

— Levantar âncora! — berrou o capitão-tenente. — Força total!

Hadrian se colocou entre os homens que operavam o cabrestante, puxando com força os pinos de madeira que faziam girar a roda que, por sua vez, levantava a âncora do fundo do porto. Com a âncora levantada e a tripulação no castelo de proa ajustando as velas, o *Tempestade de Esmeralda* começou a se mover. Ganhando rumo, o navio se afastou do ancoradouro e se dirigiu ao canal central, enquanto a tripulação soltava as velas restantes. As grandes lonas se agitavam e vibravam, estalando ao vento, como três violentas feras brancas.

— Segurem os cabos! — rosou o Sr. Temple, e os homens agarraram as cordas, puxando as vergas a uma posição favorável ao vento. As velas se inflaram à medida que a brisa marinha as esticava sob tensão. Hadrian sentiu o convés oscilar sob seus pés enquanto o *Tempestade de Esmeralda* deslizava sobre a água, o leme firmado pela pressão das velas.

Seguiram margeando o litoral, passando por camponeses e trabalhadores que faziam uma breve pausa, a fim de contemplar o belo veleiro. Wyatt girava o timão, manobrando o navio em direção ao alto-mar. Os homens responsáveis pelos cabos ajustavam as vergas para que as velas jamais afrouxassem, e o barco seguiu célere através das ondas, deixando a costa para trás.

— O curso é sudoeste, senhor — indicou Wyatt, atualizando os dados para Temple, que, por sua vez, repetiu a informação para o capitão-tenente, que a transmitiu ao capitão, que, em resposta, meneou a cabeça em sinal de aprovação.

Os homens que haviam manejado o cabrestante se dispersaram, e Hadrian ficou à procura de algo para fazer. Royce veio a seu encontro no convés. Nenhum dos dois sabia ao certo quais seriam suas atribuições, agora

que o navio estava em curso. Isso não teve muita importância, pois o capitão-tenente, o capitão e Temple estavam ocupados no convés principal. O restante da tripulação se movia lentamente, limpando cabos, acabando de armazenar suprimentos e, de modo geral, se aquietando.

— Por que nunca pensamos na navegação como uma profissão? — perguntou Hadrian a Royce, deslocando-se para o lado e encarando o vento. Em seguida respirou fundo, com satisfação, e sorriu. — Isso é muito bom. Bem melhor do que um cavalo suado e atormentado por moscas. E veja só como a paisagem está voando! A que velocidade você acha que a gente está?

— O fato de estarmos presos aqui, sem chance de escapar, a não ser pelo oceano, não o incomoda?

Hadrian olhou para as ondas oscilantes.

— Bem, não até agora. Por que você sempre acaba estragando tudo? Você não poderia ter me deixado desfrutar este momento?

— Você me conhece. Só estou querendo manter as coisas sob a perspectiva certa.

— Nosso rumo é sul. Você faz alguma ideia do nosso destino?

Royce balançou a cabeça.

— Só sei que isso significa que não vamos invadir Melengar, mas podemos estar a caminho de qualquer outro local. — Uma pessoa se aproximando pelo convés atraiu a atenção de Royce. — Quem é esse agora?

Um homem trajando preto e vermelho subiu a escada de acesso ao convés principal. Ele se destacava do restante da tripulação em virtude da tez pálida e das vestes de seda, elegantes demais para o contexto e açoitadas pelo vento, como fitas em barracas de feira. Ele andava com o corpo curvado; os ombros caídos fizeram Hadrian se lembrar de um corvo se arrastando em cima de um galho. Ele viu um bigode e um pequeno cavanhaque. Os cabelos pretos, penteados para trás, enfatizavam a testa larga e a calvície já visível.

— Brasão da coroa quebrada — comentou Hadrian. — Seret.

— Batina vermelha — acrescentou Royce. — Sentinela.

— Ao menos não é Luis Guy. Eu teria grande dificuldade para me esconder num barco deste tamanho.

— Se fosse Guy — Royce exibiu um sorriso esperto —, a gente não precisaria se esconder.

Hadrian viu Royce olhar pela lateral do navio, em direção à água, que espumava e borbulhava enquanto a embarcação se deslocava rapidamente.

— Se há uma sentinela a bordo — prosseguiu Royce —, haverá serets também. Sentinelas nunca viajam sozinhas.

— Talvez lá embaixo.

— Talvez disfarçados entre a tripulação — advertiu Royce.

A estibordo, um marinheiro depositou sua carga no tombadilho e, com um trapo, enxugou o suor da testa. Notando que os dois estavam ociosos, ele se aproximou.

— Você é bom — elogiou ele, dirigindo-se a Royce. — Até hoje ninguém conseguiu ganhar de Jacob lá em cima.

O marujo era magro, tinha a pele bronzeada, a tatuagem de uma mulher no antebraço e uma argola de prata na orelha.

— Não ganhei dele. A gente chegou junto — afirmou Royce, corrigindo o marujo.

— É, você foi esperto. Meu nome é Grady. E o seu?

— Royce, e esse aqui é o Hadrian.

— Ah, sim, o cozinheiro. — Grady meneou a cabeça, em seguida voltou-se. — Royce, hein? Estou surpreso por nunca ter ouvido falar de você. Com suas habilidades, era para você ser famoso. Em que navios já trabalhou?

— Em nenhum por estas águas — respondeu Royce.

Grady olhou para ele com curiosidade.

— Onde, então? No Estreito? Em Dagastan? No Sharon? Pode me testar; já estive em muitos lugares.

— Desculpe, mas tenho péssima memória para nomes.



As sobrancelhas de Grady se ergueram.

— Você não se lembra dos nomes dos navios em que trabalhou?

— Prefiro não falar desse assunto.

— Claro. Não se fala mais nisso — disse ele, e olhou para Hadrian. — Quer dizer que você estava com ele?

— A gente trabalha junto há algum tempo.

Grady fez que sim.

— Esqueçam o que eu disse. Não vou ficar no caminho de vocês. E podem confiar na minha palavra — concluiu ele, piscando o olho. Em seguida, afastou-se, olhando algumas vezes por cima do ombro e sorrindo.

— Parece um cara legal — falou Hadrian. — Estranho e confuso, mas legal. Você acha que ele sabe por que estamos aqui?

— Seria bom se soubesse — respondeu Royce observando Grady, que voltara ao trabalho. — Nesse caso, ele poderia nos dizer. O que eu sei é que, quando se está caçando Merrick, coisas bem mais estranhas acontecem. Uma coisa é certa: esta viagem vai ser interessante.

## CAPÍTULO 5

# SILÊNCIO ROMPIDO



Embora fosse cedo, Nimbus já aguardava diante da porta fechada do gabinete de Amilia, tendo consigo braçadas de pergaminhos. Abriu um largo sorriso quando ela se aproximou.

— Bom dia, Lady Amilia — saudou-a ele, fazendo a reverência mais acentuada possível sem derrubar os pergaminhos. — Belo dia, não?

A resposta de Amilia veio em forma de grunhido. As manhãs eram difíceis para ela, e a agenda daquela manhã incluía uma reunião com o regente Saldur. Se havia algo capaz de estragar seu dia, era uma reunião dessas. Ela abriu a porta do gabinete com uma chave que ficava pendurada em seu pescoço. O gabinete tinha sido uma recompensa pelo sucesso da apresentação da imperatriz, quase um mês antes.

Modina estava quase morrendo quando Saldur nomeou Amilia para o cargo de secretária imperial. Àquela época a jovem imperatriz não pronunciava uma palavra sequer, estava extremamente magra e mantinha

no semblante uma expressão imutável, um olhar sempre vazio. Amilia providenciara melhores acomodações para a imperatriz e se empenhara bastante para que ela se alimentasse. Passados vários meses, a jovem começou a melhorar. Conseguiu memorizar um breve discurso, a ser proferido no dia da apresentação oficial, mas se afastou do texto preparado e reconheceu publicamente o trabalho de Amilia, proclamando-a heroína.

Ninguém tinha ficado mais surpreso do que a própria Amilia, mas Saldur achou que ela havia sido a responsável pelo incidente. Porém, em vez de explodir de ódio, ele a parabenizou. Desde aquele dia, a atitude dele em relação a Amilia mudou — como se ela houvesse sido admitida ao exclusivo clube dos ladinos ambiciosos. Aos olhos de Saldur, ela não apenas fora capaz de cooptar a imperatriz mentalmente desequilibrada, mas o fizera de bom grado. A opinião favorável foi seguida por novas responsabilidades e um novo título: secretária imperial.

Inicialmente, ela recebia orientações de Saldur, pois Modina permanecia presa nos sombrios confins de sua insanidade. Um dos novos encargos de Amilia era ler e responder a correspondência endereçada à imperatriz. Saldur lhe atribuía a tarefa assim que soube que ela sabia ler e escrever. Amilia ficou encarregada também de atuar como guardiã oficial da imperatriz. Era ela que decidia quem teria ou não audiência com Modina. Sob circunstâncias normais, seria uma posição de extremo poder, mas tudo não passava de uma farsa, pois *ninguém* era recebido por Modina.

A despeito da imponência do novo título de Amilia, seu gabinete era um ambiente pequeno, mobiliado com apenas uma velha escrivaninha e duas prateleiras. O recinto era frio, úmido e simplório — mas era dela. Todas as manhãs, quando se sentava à escrivaninha, ela se enchia de orgulho, e orgulho era algo com o que Amilia não estava habituada.

— Mais cartas? — perguntou Amilia.

— Sim, receio que sim — respondeu Nimbus. — Onde a senhorita quer que as deixe?

— Deixe-as na pilha, em cima das outras. Agora vejo por que Saldur me deu este emprego.

— Trata-se de uma tarefa de grande prestígio — afirmou Nimbus. — A senhorita é, de fato, a voz do Novo Império, no que concerne ao povo. O que a senhorita escreve é recebido como a palavra da imperatriz, portanto a voz de uma divindade encarnada.

— Então, quer dizer que agora sou a voz de uma divindade?

Nimbus sorriu, pensativo.

— Em certa medida, sim.

— Você tem um jeito excêntrico de ver as coisas, Nimbus. Tem mesmo.

Ele sempre conseguia animá-la. Aquelas roupas em cores berrantes e a perucazinha empoada a faziam sorrir mesmo nos dias mais difíceis. Além disso, o estranho cortesão tinha a bizarra tendência de enxergar sempre o lado positivo das coisas, mantendo-se cego diante dos desastres inevitáveis que Amilia esperava encontrar em cada esquina.

Nimbus deixou as cartas numa prateleira, ao lado da escrivaninha de Amilia; em seguida, pegou um bloco de papel, examinou o conteúdo e falou:

— A senhorita tem uma reunião agora de manhã com Lady Rashambeau, a baronesa Fargal e a condessa Ridell. Elas insistem em lhe falar pessoalmente sobre as tentativas frustradas de serem recebidas por Sua Eminência Suprema. Ao meio-dia, a senhorita precisa inaugurar, em nome da imperatriz, o novo memorial na Praça da Capital. E o tecido chegou, mas a senhorita precisa definir para a costureira os detalhes do novo vestido. E, é claro, ainda tem a reunião com o regente Saldur, hoje à tarde.

— Você faz ideia do que ele quer comigo?

Nimbus balançou a cabeça.

Amilia desabou na cadeira. Sem dúvidas a convocação feita por Saldur tinha a ver com a reprimenda que Modina dirigira ao funcionário no dia anterior. Ela não sabia como explicar as ações da imperatriz. Aquela fora a

única vez, desde o discurso, que Modina havia se expressado por meio de palavras.

— A senhorita quer que eu ajude na resposta a essas cartas? — perguntou Nimbus com um sorriso simpático.

— Não, pode deixar que faço isso. Não vamos agora nós dois fazer papel de divindade, não é? Além disso, você tem suas obrigações. Diga à costureira que me encontre nos aposentos de Modina dentro de quatro horas. Nesse ínterim, pretendo dar uma boa baixa nessa pilha. Mude o horário da reunião com as damas da corte para um pouco antes do meio-dia.

— Mas a senhorita tem a inauguração ao meio-dia.

— Exatamente.

— Ótimo plano — disse Nimbus, elogiando Amilia. — A senhorita precisa de algo mais, antes que eu me retire para cuidar de meu trabalho?

Amilia balançou a cabeça. Nimbus fez uma reverência e saiu.

A pilha de cartas ficava maior a cada dia. Ela pegou a carta que estava em cima e começou a trabalhar. Embora não fosse difícil, a tarefa era repetitiva e entediante, pois ela escrevia a mesma coisa, em todas as respostas:

*O gabinete da imperatriz lamenta informar que Sua Grande Eminência Imperial, a imperatriz Modina Novronian, não poderá recebê-lo por exiguidade de tempo, causada por importantes e urgentes questões de Estado.*

Respondera a apenas sete cartas quando se ouviu uma leve batida à porta do gabinete. Hesitantemente, uma faxineira enfiou a cabeça pela fresta. Era uma novata. A moça havia começado um dia antes e trabalhava em silêncio, para satisfação de Amilia. Amilia meneou a cabeça, convidando-a a entrar, e a criada, sempre calada, entrou no gabinete, portando um balde, um esfregão e outros apetrechos de limpeza, cuidando para não batê-los contra a porta.

Amilia se lembrou dos dias em que era serviçal no castelo. Na condição de ajudante de cozinha, raramente arrumava quartos, mas, de vez em quando, era chamada para substituir uma camareira doente. Detestava

trabalhar num aposento no qual um nobre estivesse presente. Isso sempre a deixava insegura e assustada. Não era possível prever o que o nobre faria. Em dado momento, ele podia parecer amável. No momento seguinte, podia ser capaz de mandar açoitar o criado. Amilia jamais conseguiu entender como podiam ser tão instáveis e cruéis.

Ela observou a jovem trabalhando. De quatro, a moça esfregava o chão com uma escova, e a saia de seu uniforme já estava encharcada de água ensaboada. Amilia tinha de examinar uma pilha de solicitações de audiência, mas a faxineira lhe distraía. Amilia sentia-se culpada por ignorar a presença da jovem. Parecia-lhe uma atitude indelicada.

*Vou falar com ela.* No mesmo instante em que pensou isso, Amilia se deu conta de que seria um equívoco. Para a nova criada ela era uma nobre, a secretária imperial, e a jovem ficaria apavorada se Amilia lhe dissesse algo tão simples como um *bom dia*.

Talvez poucos anos mais velha do que Amilia, a criada era esbelta e bonita, embora não fosse possível avaliar bem sua aparência física devido à roupa que usava. Com um vestido largo e um avental de lona, o corpo da moça estava camuflado, um mistério perdido embaixo de pregas de tecido. Todas as serviçais adotavam esse estilo, exceto as tolas ou as ambiciosas. Quando se trabalhava nos aposentos de pessoas capazes de obter tudo o que quisessem, o melhor era evitar ser notado.

Amilia se perguntou se a jovem seria casada. Após o discurso de Modina, a proibição para criados saírem do castelo foi suspensa, e talvez a moça tivesse família na cidade. Amilia gostaria de saber se ela voltava todas as noites para o seio da família, ou se, a exemplo da própria Amilia, teria deixado tudo e todos para trás e passado a residir no castelo. Era provável que tivesse muitos filhos; as camponesas mais belas se casavam cedo.

Amilia se autocensurou por estar observando a criada, em vez de trabalhar, mas algo na jovem atraía sua atenção. O modo como caminhava e erguia a cabeça era um tanto incongruente. Ela molhava a escova na água e

esfregava o piso, manuseando a escova lateralmente como um pincel. A água se espalhava, porém pouca sujeira se despregava do chão. Edith Mon mandaria açoitá-la por aquilo. A governanta era uma supervisora cruel. Em diversas ocasiões, e por infrações menores que aquela, Amilia fora vítima da severidade de Edith. Esse simples fato fazia Amilia sentir pena da pobre jovem. Ela sabia o que a outra precisava enfrentar.

— Você está sendo bem-tratada aqui? — viu-se perguntando Amilia, apesar de haver decidido ficar calada.

A moça ergueu a cabeça e olhou em redor do recinto.

— Sim, você mesma — afirmou Amilia.

— Sim, minha senhora — respondeu a faxineira, levantando a cabeça.

*Ela está olhando diretamente para mim*, pensou Amilia, atônita. Mesmo com o título de baronesa, Amilia ainda tinha dificuldade em olhar nos olhos até dos nobres cuja posição era hierarquicamente inferior, mas aquela jovem a encarava.

— Você pode me dizer se não estiver sendo bem-tratada. Eu sei o que é ser... — Ela interrompeu a frase, sabendo que a criada não acreditaria. — Eu sei que novos criados podem ser perseguidos e humilhados pelos demais.

— Estou me dando bem, minha senhora — disse ela.

Amilia sorriu, tentando deixá-la à vontade.

— Não quis insinuar que não esteja. Estou bastante satisfeita com seu trabalho. Acontece que sei que, às vezes, pode ser difícil começar a trabalhar num novo lugar. Quero que você saiba que, se houver algum problema, posso ajudar.

— Obrigada — falou ela, mas Amilia percebeu um tom de desconfiança na voz da moça.

Provavelmente o fato de uma nobre se oferecer para ajudá-la a enfrentar o assédio moral dos colegas assustou a jovem. Se estivesse no lugar dela, Amilia teria achado que se tratava de alguma armadilha, uma prova para ver se ela falaria mal dos outros. Se admitisse a existência de problemas, talvez a

nobre determinasse sua remoção do palácio. Em hipótese alguma Amilia admitiria para uma nobre fosse lá quem fosse, a despeito de toda a amabilidade demonstrada.

De súbito, Amilia se sentiu uma tola. Havia uma divisão entre nobres e plebeus, e, para o bem ou para o mal, ela agora estava do outro lado. As condições que as separavam eram arraigadas demais para serem removidas por ela. Decidiu parar de importunar a pobre moça e retomar o próprio trabalho. Naquele momento, contudo, a faxineira depôs a escova e se levantou.

— A senhora é Lady Amilia, certo?

— Sim — respondeu ela, surpresa diante da repentina ousadia.

— A senhora é secretária imperial da imperatriz?

— Você está bem-informada. É bom que já saiba de algumas coisas. Eu levei bastante tempo para descobrir...

— Como ela vai?

Amilia hesitou. A interrupção era completamente indevida e constituía grande atrevimento indagar sobre Sua Eminência de modo tão direto. No entanto, Amilia se comoveu com a preocupação pelo bem-estar de Modina. Talvez aquela jovem não estivesse acostumada a interagir com a nobreza. Era provável que fosse de algum vilarejo longínquo, jamais visitado por nobres. O jeito ousado com que encarava Amilia revelava inexperiência com etiqueta social. Edith Mon logo ensinaria, por meio da força, lições de etiqueta àquela jovem.

— Ela está bem — respondeu Amilia. Em seguida, por questão de hábito, acrescentou: — Ela esteve doente, e ainda está, mas melhora a cada dia.

— Eu nunca a vejo — prosseguiu a criada. — Vejo a senhora, o conselheiro, os regentes e o lorde camareiro, mas nunca a vejo nos salões, nem à mesa de banquete.

— Ela gosta de privacidade. Você sabe. Todos querem ser recebidos pela imperatriz.



— Será que ela anda pelo palácio usando passagens secretas?

— Passagens secretas? — Amilia riu diante da imaginação da jovem. — Não, ela não usa passagens secretas.

— Mas ouvi dizer que este palácio é muito velho e cheio de escadas e corredores secretos que levam a todo tipo de lugar secreto. É verdade?

— Nada sei sobre isso — respondeu Amilia. — Que ideia é essa?

Imediatamente, a criada levou uma das mãos à boca, encabulada. Baixando os olhos, em sinal de submissão, ela disse:

— Desculpe-me, senhora. Não tive intenção de ser atrevida. Vou voltar ao meu trabalho.

— Tudo bem — respondeu Amilia enquanto a faxineira enfiava a escova no balde. — Qual é o seu nome, minha cara?

— Ella, minha senhora — respondeu a criada em voz baixa, sem se deter ou erguer os olhos.

— Muito bem, Ella. Se houver algum problema, ou qualquer outra pergunta, você tem permissão para falar comigo.

— Obrigada, minha senhora. É muita bondade sua.

Amilia voltou a seu trabalho e deixou a criada cuidar do dela. Pouco tempo depois, a moça concluiu o serviço e juntou os apetrechos para ir embora.

— Até logo, Ella — despediu-se Amilia.

A criada sorriu ao ouvir seu nome e meneou a cabeça, em sinal de gratidão. No momento em que ela saiu, Amilia olhou para suas mãos, que seguravam a alça do balde e o esfregão, e surpreendeu-se ao ver unhas compridas. Ella percebeu o olhar, ajeitou a empunhadura para esconder as unhas e se retirou.

Amilia ficou olhando durante alguns instantes, perguntando-se como era possível uma faxineira ter unhas tão belas quanto as dela. Em seguida, desviando o pensamento, voltou às cartas.



— A senhorita sabe que eles são espertos — comentou Amilia depois que a costureira acabou de tirar as medidas de Modina e saiu do quarto.

A secretária imperial percorria os aposentos da imperatriz, arrumando uma coisa e outra. Modina sentava-se à janela estreita, na única nesga de sol que entrava no ambiente. Era ali que Amilia costumava encontrá-la. A jovem ficava sentada ali durante horas, olhando as nuvens e os pássaros. Ao ver Modina ansiando por um mundo que lhe era proibido, Amilia sentia uma dor no coração. A imperatriz não esboçou reação ao comentário de Amilia. A lucidez exibida no dia anterior havia desaparecido. No entanto, a imperatriz ouvira o comentário. Disso Amilia tinha certeza.

— Eles não são tolos — prosseguiu ela, enquanto afofava um travesseiro. — Depois do seu discurso e daquele incidente ontem com o funcionário, acho que é só uma questão de tempo. Teria sido melhor se a senhorita tivesse ficado nos seus aposentos e deixado que eu lidasse com a situação.

— Ele não lhe daria ouvidos — falou a imperatriz.

Amilia deixou o travesseiro cair.

Voltando-se com a maior naturalidade possível, ela olhou por cima do ombro e viu Modina ainda olhando pela janela, com a expressão vazia e distante de sempre. Devagar, Amilia pegou o travesseiro e continuou a arrumação. Então arriscou:

— Talvez demorasse um pouco, mas tenho certeza de que o convenceria a nos dar o tecido.

Amilia aguardou, prendendo a respiração, com os ouvidos atentos.

Silêncio.

Assim que Amilia concluiu que a observação não passava de um dos raros rompantes de coerência, Modina voltou a falar:

— Ele nunca teria lhe dado o tecido. Você tem medo dele, e ele sabe disso.

— E a senhorita não tem?

Novamente, silêncio. Amilia esperou.

— Já não tenho medo de coisa alguma — respondeu finalmente a imperatriz, com uma voz distante e fraca.

— Talvez a senhorita não tenha medo, mas ficaria aborrecida se eles a privassem dessa janela.

— Sim — anuiu Modina simplesmente.

Amilia viu a imperatriz fechar os olhos e virar o rosto em direção ao sol.

— Se Saldur descobrir a sua farsa... Se achar que a senhorita tem se feito de louca e enganado os regentes há mais de um ano... Talvez ele resolva trancafiá-la em algum local onde a senhorita não poderá fazer algo que possa prejudicá-lo. Ele pode colocá-la em algum buraco escuro e esquecê-la.

— Eu sei — afirmou Modina com os olhos fechados e a cabeça voltada para cima. Banhada pela luz do sol, ela parecia brilhar. — Mas não vou deixar que façam mal a você.

Foi preciso um momento para Amilia assimilar aquelas palavras. Ela as ouvira muito bem, mas o sentido foi tão inesperado que ela ficou sentada na cama, sem se dar conta. Olhando em retrospectiva, percebeu a obviedade da questão, mas só naquele momento constatou o que Modina havia feito. O discurso da imperatriz visara ao bem de Amilia — o objetivo era impedir que Ethelred e Saldur a banissem ou a matassem. Poucas pessoas tinham pensado no bem de Amilia. A noção de que Modina — a imperatriz louca — arriscara-se daquele jeito era inacreditável. Um incidente daquele era como se o vento subitamente mudasse de rumo em seu benefício, ou se o sol lhe pedisse permissão para brilhar.

— Obrigada — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Pela primeira vez sentiu-se desconcertada na presença de Modina. — Vou dar uma saidinha...

Dirigiu-se à porta. No momento em que sua mão tocou a maçaneta, Modina voltou a falar:

— Não é tudo fingimento, se você quer saber.



Enquanto aguardava no gabinete do regente, Amilia se deu conta de que não assimilara uma única palavra durante a reunião com as damas nem durante a inauguração no final da manhã. Pasma com a conversa que tivera com Modina — pelo simples fato de *ter tido* uma conversa com Modina —, ela não fora capaz de se concentrar. No entanto, sua distração desapareceu no momento em que Saldur chegou.

O regente, como sempre, mostrava-se imponente, com seus elegantes paramentos e o manto preto e roxo. Os cabelos brancos e o rosto enrugado lhe conferiam o aspecto característico de um avô, mas o olhar não expressava afeto.

— Boa tarde, Amilia — saudou ele, passando por ela e sentando-se à escrivaninha.

O gabinete do regente era de uma opulência dramática. Dez vezes maior do que a dela, a sala era finamente decorada. Um tapete raro cobria o assoalho de madeira encerada e várias mesinhas laterais estavam dispostas ao lado de sofás e poltronas. Sobre uma das mesas havia um tabuleiro de xadrez, ricamente talhado. A lareira era impressionantemente ampla, com acabamento de mármore cinzelado. Havia garrafas de bebidas alcoólicas em prateleiras, ao lado de livros espessos. Pinturas com motivos religiosos pendiam nos espaços entre as estantes e as janelas. Um dos quadros ilustrava a célebre cena de Maribor ungindo Novron. A mesa gigantesca, detrás da qual Saldur se sentava, era de mogno escuro finamente polido e ornamentada com um buquê de flores naturais. O gabinete exalava um forte aroma de incenso, do tipo que Amilia só sentira uma vez antes, quando visitou uma catedral.

— Vossa Excelência — respondeu Amilia respeitosamente.

— Sente-se, minha cara — disse Saldur.

Amilia se dirigiu a uma cadeira e sentou-se mecanicamente. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos. Desejava que Modina não houvesse falado com ela naquela manhã — nesse caso, poderia honestamente alegar ignorância. Amilia não sabia mentir e não fazia ideia de como responder ao interrogatório de Saldur, de modo que atraísse a si e à imperatriz a menor punição possível. Ainda pensava no que diria, quando Saldur falou:

— Tenho uma notícia para você — começou ele, cruzando as mãos sobre o tampo da escrivaninha e inclinando-se para a frente. — A notícia só irá a público daqui a algumas semanas, mas você precisa saber logo para dar início aos preparativos. Quero que isso fique entre nós até eu fazer o anúncio oficial, entendido?

Amilia fez que sim, como se houvesse entendido.

— Dentro de quatro meses, durante as celebrações da Festa do Inverno, Modina vai se casar com o regente Ethelred. Acho que não preciso enfatizar a importância da ocasião. O patriarca virá pessoalmente presidir a cerimônia. Todos os olhares estarão dirigidos a este palácio... e à imperatriz.

Amilia se manteve calada e mal conseguiu menear novamente a cabeça.

— É responsabilidade sua cuidar para que nada constrangedor aconteça. Estou bastante satisfeito com seu trabalho até agora, por isso vou lhe oferecer uma oportunidade para se destacar ainda mais. *Você* ficará responsável pelos preparativos da cerimônia. Serão encargos seus organizar a lista de convidados e preparar os convites. Procure o lorde camareiro para ajudá-la. Você também vai precisar interagir com os cozinheiros do palácio, no que diz respeito ao cardápio. É verdade que tem um bom relacionamento com o cozinheiro-chefe?

Mais uma vez, ela meneou a cabeça.

— Ótimo. É preciso providenciar decoração, entretenimento... música, certamente... e talvez um mago, ou uma trupe de acrobatas. A cerimônia será realizada aqui, no salão principal. Isso vai facilitar as coisas para você. Vai ser preciso providenciar também um vestido de noiva... um vestido

digno da imperatriz. — Vendo a tensão estampada no semblante da jovem, Saldur disse: — Relaxe, Amilia. Dessa vez você só precisa ensiná-la a dizer uma palavra... *Sim*.

## CAPÍTULO 6

# O TEMPESTADE DE ESMERALDA



Quando o navio balançou novamente, Hadrian tropeçou e quase bateu a cabeça numa viga superior. Teria sido a terceira vez naquele dia. O porão do *Tempestade de Esmeralda* oferecia pouco espaço acima da cabeça e também pouca luz. Uma pista de obstáculos apinhava o dormitório com baús, bolsas, bancos de madeira tosca, mesas amarradas com cordas, além de cerca de 130 homens. Hadrian avançou em direção à popa, esquivando-se da tripulação que, em sua maioria, cochilava em redes penduradas nas mesmas vigas de madeira nas quais ele quase partira o crânio. A falta de espaço e o balanço do navio não eram os únicos responsáveis pelos tropeços de Hadrian. Ele estava enjoado desde o pôr do sol.

O *Tempestade de Esmeralda* zarpara havia quase 15 horas e o enigma da vida em uma embarcação lentamente se revelava. Hadrian tinha passado vários anos em companhia de soldados e sabia que cada corporação militar mantinha seu próprio jargão, suas próprias tradições e idiossincrasias, mas

nunca pusera os pés num navio. De duas coisas podia ter certeza: havia muito que aprender e pouco tempo para fazê-lo.

Já recolhera informações importantes, como, por exemplo, de que modo e onde fazer as necessidades fisiológicas: para sua surpresa, era na proa do navio. Experiência precária, pois ele precisou se pendurar acima do mar, na base do mastro de proa. Para os marujos aquilo poderia ser perfeitamente natural e para Royce não seria problema, mas para Hadrian era algo preocupante.

Outra descoberta bastante útil foi a noção básica da cadeia de comando. Hadrian constatou que os oficiais — em sua maioria, nobres — eram comerciantes hábeis e gozavam de posição mais elevada do que os marujos comuns, mas pôde constatar também a existência de níveis hierárquicos dentro dessas classes genéricas. Havia diversas patentes entre os oficiais e distinções sutis, tais como tempo de serviço, influência e jurisdição. Não seria possível decifrar uma hierarquia tão complexa logo no primeiro dia, mas conseguiu entender que o contramestre e seus subordinados eram responsáveis pelo cumprimento das tarefas por parte dos marinheiros. Eram bem convincentes, com seus chicotinhos de corda, e vigiavam a tripulação o tempo inteiro. Por isso, ele os vigiava.

A tripulação se dividia em dois turnos. Enquanto um grupo tocava o navio, o outro dormia, descansava ou comia. O capitão-tenente Bishop designara Royce para o grupo de estibordo, na gávea maior. A tarefa de Royce era cuidar dos cabos do mastro principal. Para essa função ele se reportava ao contramestre Bristol Bennet e seus três subordinados. Hadrian conhecia aquela laia. Bêbados, vagabundos e marginais, não chegariam muito longe em terra. Mas, a bordo de um navio, detinham poder e importância. A chance de descontar em terceiros os maus-tratos sofridos os tornava cruéis e rápidos na aplicação de punições. Hadrian ainda não havia sido informado sobre o turno que lhe caberia, mas esperava que fosse o mesmo de Royce.



Até o momento, tivera sorte. Sendo aquele o primeiro dia de viagem, a preparação das refeições envolvera pouco mais do que oferecer alimentos frescos, recém-obtidos no porto. Frutas, pão fresco e carnes salgadas eram servidos sem precisar de preparo prévio. Por consequência, as habilidades de Hadrian não tinham sido testadas, mas o tempo urgia. Era certo que ele sabia cozinhar. Durante anos havia preparado refeições sem maiores recursos além de uma fogueira, porém tais refeições, em sua grande maioria, foram apenas para ele e Royce. Não saberia cozinhar para a tripulação de todo um navio. Precisando descobrir o que se esperava dele, Hadrian saiu andando pelo barco na esperança de encontrar Wyatt.

— A princesa de Melengar está reinando lá agora. — Hadrian ouviu um rapaz dizer.

Ele não teria muito mais do que 16 anos. Era magricelo e tinha costeletas finas, sardas escurecidas pelos dias passados ao sol e cabelos cacheados, cortados em formato de cuia, exceto por um pequeno rabo de cavalo amarrado com um barbante preto. Sentava-se ao lado de Wyatt, Grady e alguns outros indivíduos, ao redor de uma mesa oscilante iluminada por um toco de vela derretida no centro de um prato de cobre. Jogavam cartas e as sombras gigantescas projetadas por seus corpos tornaram a aproximação de Hadrian menos perceptível.

— Ela não reina em Ratibor, ela é prefeita — corrigiu Wyatt, baixando uma carta.

— Qual é a diferença?

— Ela foi designada, rapaz.

— O que isso significa? — perguntou o rapaz enquanto decidia o que descartar, mantendo as cartas tão próximas ao peito que mal conseguia enxergá-las.

— Significa que ela não tomou o poder. A população da cidade *a convidou* a governar.

— Mas ela ainda pode ordenar execuções, certo?

— Suponho que sim.

— Então, para mim, isso tem jeito de reinado — disse o rapaz. Em seguida, com um largo sorriso, fez um descarte, indicando que achava se tratar de uma jogada fora do comum.

— Parece que aquele povo de Ratibor é muito burro — comentou Grady com rispidez. A expressão dele revelava irritação diante da jogada do rapaz. — Quando finalmente se livram de um tirano, convidam outro.

— Grady! — exclamou um homem com um lenço branco na cabeça. — Eu sou de Ratibor, seu imbecil!

— Exatamente! Obrigado por comprovar meu argumento, Bernie — respondeu Grady, batendo com as cartas sobre a mesa com tanta força que vários marujos deitados nas redes resmungaram. Grady riu da própria piada, e o restante da mesa deu uma boa gargalhada, exceto Bernie, o sujeito de Ratibor.

— Hadrian! — saudou Wyatt afetuosamente no momento em que o novo cozinheiro, trôpego como um bêbado, aproximava-se do grupo. — Estávamos falando de eventos ocorridos em terra. A maioria desses infelizes não põe o pé em terra firme há mais de um ano e estávamos dando a eles algumas notícias da guerra.

— E foi uma grande novidade, pois nem sabíamos que havia uma guerra! — falou Grady, fingindo indignação.

— Mas acabamos de sair do porto — comentou Hadrian. — Achei que...

— Isso não quer dizer nada — interrompeu outro homem. Quase sem cabelo e com poucos dentes, ele parecia ser o mais velho da mesa, e talvez do navio inteiro. Usava um brinco de prata, que brilhava à luz da vela, e a tatuagem de uma sereia dava a volta em seu antebraço. Ele também tinha um lenço branco amarrado à cabeça. — A maioria da nossa tripulação está matando cachorro a grito. O capitão seria maluco se deixasse esses homens pisarem num porto. Só sobrariam ele e o Sr. Bishop para tripular este barco!

O comentário produziu uma gargalhada geral e ensejou resmungos por parte dos que tentavam dormir.

— Seu aspecto não está nada bom — disse Wyatt a Hadrian.

Ele balançou a cabeça com um ar de infelicidade.

— Faz muito tempo que não viajo de navio. O *Tempestade* sempre balança tanto assim?

— Hein? — Wyatt olhou de relance para ele, então sorriu. — Isso? Isso não é nada! Daqui a um ou dois dias você nem vai mais perceber o balanço — garantiu ele, observando a jogada do sujeito que estava a sua direita na mesa. — Ainda estamos no estreito. Espere até chegarmos a mar aberto. É melhor você se sentar, você está suando.

Hadrian tocou o rosto e sentiu a umidade.

— O mais engraçado é que estou sentindo um pouco de frio.

— Sente-se — indicou Wyatt. — Poe, ceda seu lugar a ele.

— Por que eu? — perguntou o rapazola, ofendido.

— Porque estou mandando. — A expressão de Poe revelava que a afirmação não era suficiente para fazê-lo ceder um dos poucos assentos disponíveis. — E porque eu sou o contramestre e você é um marujo. E, mais do que isso, porque o Sr. Bishop o designou ajudante do cozinheiro.

— É mesmo? — perguntou Poe, piscando os olhos e exibindo um sorriso nos lábios.

— Parabéns — disse Wyatt. — Agora cause uma boa impressão no seu novo chefe e se mexa de uma vez!

Imediatamente o rapaz se levantou e, como se tivesse na mão um espanador invisível, fingiu limpar o banco.

— Por gentileza, senhor! — disse ele com uma reverência exagerada.

— Ele sabe alguma coisa de culinária? — perguntou Hadrian com ceticismo, enquanto ocupava o assento.

— Claro, claro! — declarou Poe enfaticamente. — Sei muita coisa. O senhor vai ver.

— Bom, ainda não estou em condições de trabalhar com comida — comentou Hadrian, apoiando a cabeça com as duas mãos.

O velho que estava ao lado de Wyatt fez seu descarte e a mesa toda gemeu, em agonia.

— Drew, seu filho da mãe! — rosnou Grady, atirando suas cartas sobre a mesa. Os demais fizeram o mesmo.

Drew sorriu, exibindo seus poucos dentes, todos amarelados, e recolheu a pequena pilha de moedas de prata.

— Isto aqui é meu, rapazes. Boa noite.

— Boa noite, Drew. Vocês de Lanksteer são mesmo uns safados! — exclamou Grady, enxotando-o como se ele fosse um inseto. — A gente se fala no café da manhã, certo?

— Claro, Grady — afirmou Drew. — Ah, já ia me esquecendo. Hoje à noite, enquanto estava amarrando a bujarrona, ouvi uma coisa meio engraçada. A gente vai pegar um passageiro que nos ajudará a encontrar o chifre. Esses marinheiros de primeira viagem são mesmo uns idiotas. É o ponto mais conhecido do Sharon! Lembre-me de contar tudo a vocês no café da manhã. É uma palhaçada. Boa noite.

A maioria dos demais foi embora, ficando apenas Wyatt, Grady, Poe e Hadrian.

— É melhor você ir dormir também — disse Wyatt, dirigindo-se a Poe.

— Não estou com sono — protestou ele.

— Eu não perguntei se você estava com sono, perguntei?

— Quero ficar acordado e comemorar a minha promoção.

— Caia fora, antes que eu reporte você por desobediência a um superior.

Poe fez careta e saiu batendo pé, à procura de sua rede.

— Você também, Grady — falou Wyatt.

O velho marinheiro olhou para Wyatt com ar desconfiado; em seguida, inclinou-se e perguntou, falando baixo:

— Por que você está me despachando, Deminthal?

— Porque estou farto de olhar para essa sua cara feia, é por isso.

— Bobagem! — exclamou ele. — Você quer ficar sozinho para falar sobre... sobre aquilo, não é? Vocês dois estão sabendo. Já percebi. E o tal de Royce, ele também sabe. Quantos já estão com você, Wyatt? Tem lugar para mais um? Sou bom de briga.

— Cale a boca, Grady — disse Wyatt. — Esse tipo de conversa pode levar você à forca.

— Tudo bem, tudo bem — respondeu Grady com um breve aceno de mãos. — Só quero que você saiba disso... Nada mais.

Então ele se levantou e seguiu para sua rede, olhando várias vezes para trás, até desaparecer em meio à floresta de homens balançando.

— Do que ele está falando? — perguntou Hadrian, apontando para a figura de Grady com o polegar.

— Não sei — respondeu Wyatt. — Em todo navio tem sempre um marujo falando em motim. No *Tempestade de Esmeralda* parece que é Grady. Desde que embarcou, ele age como se houvesse uma conspiração em curso... Acho que é porque ele realmente quer isso. Grady tem problemas com autoridade. — Wyatt começou a recolher o baralho. — Então, qual é a história de vocês?

— Como assim? — perguntou Hadrian.

— Por que você e Royce estão aqui? Arrisquei o pescoço para embarcar vocês. Acho que tenho o direito de saber.

— Achei que você tinha nos embarcado para pagar uma dívida.

— É verdade, mas ainda estou curioso para saber por que vocês queriam embarcar no *Tempestade*.

— Estamos procurando uma área de atuação mais segura e resolvemos tentar a navegação — disse Hadrian. O semblante de Wyatt expressou descrença. — A gente está trabalhando numa missão, mas isso é tudo o que posso dizer.

— Tem a ver com a carga secreta?

Hadrian piscou.

— É possível. Qual é a carga secreta?

— Armas. Espadas de aço, escudos pesados, bestas fabricadas pelo Império, armaduras... O suficiente para equipar um exército de boas dimensões. Chegou na última hora e foi carregada durante a noite, pouco antes de zarparmos.

— Interessante. — Hadrian refletiu. — Você tem ideia do nosso destino?

— Não, mas isso não é raro. Geralmente, os capitães mantêm tal informação em sigilo, e o capitão Seward não me falou nada a esse respeito... e eu sou o contramestre.

— Contramestre? Pensei que você fosse o timoneiro.

— Pelo jeito você serviu em exércitos, não foi?

— Em alguns, e o contramestre é o oficial intendente responsável por provisões neles.

— Mas no mar o contramestre manobra o navio; e, conforme eu disse, o capitão não disse aonde vamos, nem mesmo a mim. — Wyatt embaralhou as cartas, distraidamente. — Quer dizer que você não sabe o destino do navio, tampouco sabia da existência da carga. Vocês não têm muita informação a respeito desse serviço, não é mesmo?

— E você? — perguntou Hadrian, devolvendo a pergunta. — O que está fazendo aqui?

— Eu poderia dizer que estou ganhando a vida, e, no meu caso, a resposta faria sentido; mas, tanto quanto você, estou em busca de respostas.

— Sobre o quê?

— Sobre o paradeiro da minha filha — contou Wyatt, fazendo uma breve pausa e desviando o olhar para a vela. — Allie foi levada uma semana atrás. Saí para procurar trabalho e, enquanto estive fora de casa, os imperialistas a levaram.

— Eles levaram sua filha? Por quê?

Wyatt baixou a voz:

— Allie tem sangue élfico e o Novo Império não vê a raça com olhos muito favoráveis. De acordo com a nova legislação, qualquer indivíduo que tenha uma gota de sangue élfico está sujeito a ser preso. Eles estão recolhendo essas pessoas e embarcando-as em navios, mas ninguém sabe aonde são levadas. É por isso que estou aqui.

— Mas o que o leva a pensar que este navio se destina ao mesmo lugar aonde essas pessoas estão sendo levadas?

— Imagino que você ainda não tenha descido ao porão de carga — disse ele, então fez uma pausa e acrescentou: — O porão de carga fica no fundo do navio, abaixo do nível da água. Os suprimentos são armazenados lá, assim como os animais, como, por exemplo, cabras, galinhas e vacas. A punição para marinheiros que cometem alguma infração é bombear a água que vaza dentro do porão. É um trabalho infame, pois o esterco se mistura à água do mar. E, neste exato momento, mais de uma centena de elfos está acorrentada lá embaixo, numa área que corresponde à metade desta aqui.

Hadrian meneou a cabeça e franziu o cenho ao imaginar a cena.

— Naquela vez, você e Royce me deixaram escapar por causa da minha filha. Por que fizeram aquilo?

— Foi decisão de Royce. Você precisa perguntar a ele. Mas eu não faria isso por enquanto. Ele está mais mareado do que eu. Nunca o vi tão mal e essa aventura marítima o está deixando irritado. Digamos que mais irritado que o normal.

Wyatt concordou:

— Minha filha também passa muito mal no mar. A coitada é como um gato em cima de uma tora de madeira boiando. Demora muito até que se acostume ao balanço das ondas. — Ele fez uma breve pausa, olhando para a vela.

— Tenho certeza de que você vai encontrá-la, não se preocupe — consolou Hadrian, olhando para o bando de homens que o cercava e baixando a voz, a um sussurro: — Nosso serviço é importante e não

podemos perder o foco, mas, se surgir uma oportunidade, vamos ajudá-lo no que pudermos. Algo me diz que não terei grande dificuldade em convencer Royce.

Mais uma vez, Hadrian sentiu o estômago revirar. Sua expressão facial revelou o grande mal-estar.

— Não se preocupe. O enjoo costuma durar apenas três dias — garantiu Wyatt enquanto enfiava o baralho no bolso da jaqueta. — Depois disso, vocês dois vão se sentir melhor.

— Se conseguirmos permanecer a bordo tanto tempo. Não tenho a menor experiência como cozinheiro de navio.

Wyatt sorriu.

— Não se preocupe. Já cuidei disso. Poe vai fazer a maior parte do trabalho. Eu sei que ele parece inexperiente, mas vai surpreendê-lo.

— Como consegui um ajudante?

— Na condição de cozinheiro do navio, você é um suboficial. Mas não se empolgue muito. Sua posição ainda é inferior ao do contramestre e seus subordinados diretos, mas você tem direito aos serviços do marinheiro Poe. Isso também o livra das vigílias. Isso quer dizer que, se as refeições forem servidas na hora certa, o resto do seu tempo é livre. O que você precisa saber é que o café da manhã é servido exatamente quando soa o sino da primeira vigília. — Wyatt fez uma pausa. — É a primeira vez que você ouve uma única badalada, depois de oito badaladas, logo após o sol surgir no horizonte. Então mande Poe acender o fogo logo após o início da última vigília. Mande-o preparar mingau de aveia. Não se esqueça das broas. Em toda refeição é preciso ter broa. Ao ouvirem as oito badaladas, os homens só pensam no café da manhã. Cada grupo de trabalho vai enviar alguém com um balde de madeira a você. Sua função é servir a comida. E mande Poe fazer chá também. Os homens bebem cerveja e rum no almoço e no jantar, mas não no café, e ninguém a bordo vai se arriscar a beber água pura.

— Se arriscar?



— A água fica parada dentro de barris durante meses, ou até anos se o navio estiver fazendo uma viagem longa. E fica rançosa. Chá e café não têm problema, porque a água ferve, disfarçando o sabor. Mas café é caro, então é reservado para os oficiais. A tripulação e os aspirantes comem primeiro. Depois Basil, que é o cozinheiro dos oficiais, vai chegar para preparar a comida dos capitães-tenentes e do capitão. Sugiro que você não o atrapalhe.

“Para o almoço, prepare carne de porco cozida. Mande Poe começar a cozinhar a carne logo depois que Basil for embora. A carne salgada vai soltar muita gordura. Metade dessa gordura é levada para os capitães e utilizada para lubrificar os cabos. A outra metade você pode guardar. E pode vender aos vendedores de velas no próximo porto, para ganhar umas moedas. Mas não dê essa gordura à tripulação. Se você der, eles vão gostar, porém vão correr o risco de desenvolver escorbuto e o capitão não vai gostar disso. Mande Poe cozinhar legumes e servir como ensopado, e não esqueça as broas.”

— Quer dizer que eu digo a Poe o que deve ser feito e sirvo a comida. Mas, na verdade, não cozinho?

Wyatt sorriu.

— Eis o privilégio de ser suboficial. Mas infelizmente você ganha o mesmo que qualquer marujo. Para o jantar, sirva o que sobrar do almoço, mais alguma bebida alcoólica e, é claro, broas. Depois, mande Poe limpar a cozinha e, como eu disse, o resto do tempo é livre. Parece fácil?

— Talvez, sim... Se eu pudesse ficar em pé sem cambalear e se meu estômago parasse de dar saltos mortais.

— Ouça, Poe. Ele vai cuidar de você. Agora, volte para a rede. Acredite: deitar sempre ajuda. Ah, só para sua informação, você ficaria decepcionado.

— Em relação ao quê? — perguntou Hadrian.

— Ao constatar que o trabalho na marinha mercante não é mais seguro.



Ainda estava escuro quando o capitão bradou:

— Todos a postos!

Soprava um vento frio e, tendo começado nas horas escuras que precederam o alvorecer, uma chuva fina borrifava o tombadilho, acrescentando uma friagem úmida ao desconforto e ao enjoo que haviam atrapalhado o sono de Hadrian. Durante a noite, o *Tempestade de Esmeralda* havia passado ao largo da ilha de Niel e agora se aproximava do Cabo de Man. O cabo era um traiçoeiro banco de areia que demarcava o ponto extremo da baía de Avryn e o início do mar de Sharon. No escuro, era difícil avistar o braço de terra, mas o som era inconfundível. De algum ponto à frente vinha o ruído trovejante das ondas quebrando na areia. O porão ficou vazio, pois, usando seus chicotinhos, o contramestre e seus subordinados recrutaram todos os homens de ambos os turnos, empurrando-os a seus respectivos postos.

— Manobrem o navio! — gritou o capitão de seu posto de observação no convés principal. A figura grave do capitão-tenente Bishop repetiu a ordem, que por sua vez foi repetida pelo Sr. Temple.

— Leme a sota-vento! — ordenou o capitão. Mais uma vez, a ordem ecoou pelo tombadilho.

Wyatt girou o grande timão do barco.

— Fixem as amarras! — exclamou o capitão-tenente Bishop, dirigindo-se à tripulação.

Na vela de popa, na bujarrona e nas velas de proa, os demais capitães-tenentes gritavam ordens, todas reiteradas pelos contramestres.

Hadrian permaneceu no convés principal, na penumbra e na chuva fina, sem saber qual seria seu posto, ou mesmo se haveria um posto para ele. Era cozinheiro, mas supunha-se que até um cozinheiro ajudasse no convés quando necessário. Hadrian ainda estava mareado, mas o estado de Royce era pior que o dele. Hadrian viu o contramestre Bristol, homem grande e forte, acenar-lhe com o chicote, mandando-o subir pelos cabos. Desprovidas

de cor, as faces e as mãos de Royce se destacavam na penumbra. Seu olhar estava desfocado e vazio. Relutante, ele subia pelos cabos do mastro principal sem exibir as acrobacias do dia anterior. Em vez disso, avançava sofregamente e, no meio da subida, titubeou. Pendurado nos cabos molhados, ele oscilou como se fosse despencar. Lá embaixo, Bristol o xingava, até que, finalmente, ele voltou a subir. Hadrian deduziu que, quanto mais alto Royce subisse, mas intenso seria o balanço do navio. Considerando o balanço do barco, os cabos úmidos e escorregadios, o vento frio e a chuva, Hadrian não invejava o amigo.

Vários homens trabalhavam nos cabos que controlavam as velas, mas outros, a exemplo dele, permaneciam ociosos, aguardando em filas organizadas pelos contramestres. No silêncio da tripulação havia uma ansiedade evidente. O barulho das ondas quebrando no pontal se tornava cada vez mais audível, fazendo lembrar as batidas do martelo de um gigante, ou do coração de um deus. Pareciam estar num voo cego, indo diretamente para as mandíbulas de algum monstro enorme e invisível que os engoliria inteiros. A realidade, Hadrian imaginou, não seria muito diferente caso se chocassem contra o banco de areia.

Aprensivos, todos os olhares observavam a figura do capitão Seward. Pela sensação do vento e pela direção da chuva, Hadrian pôde perceber que o navio estava mudando de curso. As velas, até então tensas, começaram a tremular e murcharam quando a proa se alinhou contra o vento.

— Içar a bujarrona! — gritou o capitão, subitamente, e a tripulação soltou as bolinas e as amarras.

Ao ver as manobras, Hadrian se deu conta da estratégia. A intenção era contornar o perigoso pontal a barlavento, mas isso significava que o vento estaria empurrando o navio em direção às pedras, enquanto tentavam posicionar as velas a fim de captar o vento que vinha do outro lado. O risco decorria da falta de capacidade de manobra verificada durante os momentos em que as velas perdiam tensão. Se não fosse impulsionado pelo vento, o

leme não trabalharia para empurrar a água e direcionar o barco. Se não completasse a manobra, o navio não voltaria a aproveitar o vento e seria levado a se chocar contra o banco de areia, rachando o casco como a casca de um ovo e lançando a carga e a tripulação ao mar escuro e raivoso.

Hadrian agarrou o cabo e, ao lado de vários homens, puxou as vergas, reposicionando as velas para que captassem o vento tão logo fosse possível. O cabo estava escorregadio e o vento estava tão intenso que foi preciso o esforço coletivo para que as vergas se alinhassem com segurança.

Ouviu-se outro estrondo ensurdecador e a explosão de um borrifo esbranquiçado subiu ao céu no momento em que mais uma onda se chocava contra a proa. A embarcação agora começava a girar com vigor, afastando-se da espuma e avançando na tentativa de escapar das rochas. Assim que a proa captou o vento, Hadrian ouviu as ordens do capitão:

— Agora! Aguentem firme! Mantenham o curso!

A voz dele quase se perdeu, pois mais uma onda violenta explodiu contra as rochas, bem ao lado do barco, lançando para cima a proa do *Tempestade de Esmeralda* com um solavanco que fez com que todos cambaleassem. No convés principal, Wyatt seguiu as ordens, girando o timão, certificando-se de que a popa do navio não atingisse as pedras.

Hadrian ouviu um grito vindo do alto.

Olhando para cima, viu a figura de um homem despencar dos cabos da bujarrona. O corpo do sujeito caiu a cerca de dez passos do local onde ele estava, produzindo um baque surdo. Todos os olhares se concentraram na figura deitada de bruços, como uma mancha escura no tombadilho, mas ninguém ousou deixar o próprio posto. Hadrian tentou ver de quem se tratava. Com o rosto voltado para baixo e a pouca iluminação, era difícil discernir.

*Será Royce?*

Sob circunstâncias normais, Hadrian jamais duvidaria das habilidades físicas do amigo, no entanto, considerando que Royce estava enjoado, que

era inexperiente naquele tipo de trabalho e que o navio balançava muito, era possível ele ter escorregado.

— Aguentem firme, todos! — gritou o Sr. Temple, ignorando o corpo caído. As velas se enfunaram e Hadrian sentiu sob os pés um forte solavanco no momento em que a embarcação voltou a avançar adiante, rompendo as ondas e se direcionando ao mar aberto.

— Dr. Levy, ao tombadilho! — bradou Bishop.

Hadrian correu assim que pôde se mexer, mas se deteve ao ver a tatuagem de sereia no antebraço do homem.

— É Edgar Drew, senhor. Está morto, senhor! — gritou Bristol em direção ao convés principal enquanto se ajoelhava ao lado do corpo.

Vários marujos se aglomeraram em torno do morto, olhando para a bujarrona acima, até que os subordinados do contramestre os repreenderam. Hadrian achou ter visto Royce lá no alto, perto da verga superior, mas, na escuridão, não era possível ter certeza. Porém, o fato era que ele devia estar perto de Drew quando ele despencara.

O contramestre dispersou a aglomeração e Hadrian, novamente sem saber o que fazer, permaneceu ocioso. Surgiu então a primeira luz da manhã, revelando um céu cinzento e pálido acima de um mar cinzento e pálido, que se sacudia e rolava como um monstro horrendo e escuro.

— Cozinheiro! — gritou uma voz asperamente.

Hadrian se voltou e se deparou com um menino pouco mais velho que Poe, mas trajando uma jaqueta com galões de oficial. Tinha o maxilar firme e um porte tão ereto que parecia feito de madeira. As faces estavam avermelhadas por causa do ar frio da noite e gotas de chuva pingavam da ponta do nariz dele.

— Sim, senhor? — respondeu Hadrian, supondo ser essa a resposta correta.

— Já temos o plantel necessário. Você pode acender o fogo e aprontar a comida.

Sem saber exatamente o que dizer, Hadrian respondeu:

— Sim, sim. — Em seguida, virou-se e se dirigiu à cozinha.

— Cozinheiro! — retorquiu o menino-oficial em tom de repreensão.

Hadrian deu meia-volta prontamente, lembrando-se do próprio adestramento militar.

— Sim, senhor? — respondeu ele, sentindo-se meio tolo em virtude do vocabulário limitado.

— Você se esqueceu de bater continência — disse ele irritado. — Vou registrar sua insubordinação. Qual é o seu nome?

— Hadrian, senhor. Blackwater, senhor.

— Exijo o respeito dos meus subordinados, mesmo que para isso seja preciso açoitá-los! Entendido? Agora, vejamos... A continência!

Hadrian imitou a saudação que vira os demais realizar, encostando as juntas dos dedos da mão à frente.

— Agora, sim, marujo. Que isso não volte a ocorrer.

— Sim, sim, senhor.

Foi bom sair da chuva e do vento, e Poe veio a seu encontro no caminho da cozinha. O rapaz conhecia bem a rotina de trabalho, motivo pelo qual, sem dúvida, Wyatt sugerira seu nome. Acenderam o fogo e Hadrian observou Poe preparar o mingau de aveia matinal, acrescentando as quantidades certas de manteiga e açúcar mascavo e pedindo a Hadrian que provasse a mistura. Para surpresa de Hadrian, o mingau era gostoso. O mesmo já não podia ser dito das broas, que estavam duras como pedras. Não tinham sido feitas por Poe. O rapaz simplesmente apanhara as pedras arredondadas na despensa, onde ficavam armazenadas dentro de caixas. Nos anos em que trabalhara como soldado, Hadrian havia se habituado a comer pão duro. Aquelas broas duravam para sempre, mas não eram muito nutritivas. De tão duras, muitas vezes era necessário amolecê-las dentro de chá ou sopa antes de comê-las. Após a refeição ficar pronta, os homens

vieram pegar suas porções e levá-las para o porão. Hadrian entrou no convés que servia de dormitório, ajudando na distribuição das refeições.

— O exibido nem conseguiu subir pelos cabos — dizia Jacob Dering em voz alta.

Os homens responsáveis pelas velas altas e os suboficiais sentavam-se juntos, conforme convinha a sua posição na hierarquia de bordo, enquanto outros, segurando seus pratos de cobre, espalhavam-se em meio às sacas e aos baús. Sentado à mesa que ficava no centro, Jacob parecia presidir um tribunal. Todos os olhares se concentravam nele, que falava com gestos teatrais. Na cabeça, usava um lenço azul, a exemplo de todos os tripulantes que trabalhavam na gávea maior.

— Ele não é o mesmo quando o mar está agitado e os cabos, escorregadios — prosseguiu Jacob. — Ninguém o vê se exibindo quando as condições estão adversas.

— Achei que ele estava com medo — acrescentou Bristol, o contramestre. — Pensei que talvez precisasse ir lá em cima e lhe dar umas boas chicotadas para que ele se mexesse.

— Royce se comportou bem — comentou um sujeito magro e desengonçado, com um pano branco amarrado na cabeça e um espesso bigode louro de leão-marinho. Hadrian desconhecia o nome do sujeito, mas sabia que se tratava do capitão responsável pela gávea maior. — Ele estava um pouco mareado, só isso. Depois que subiu, manejou bem a bujarrona, embora de um jeito meio estranho.

— Pode inventar as desculpas que quiser, Dime — disse Jacob apontando o dedo —, mas aquele cara é estranho, isso ele é, e me parece suspeito que, logo no primeiro dia que ele trabalha lá em cima, seu parceiro despenca e morre.

— Você está insinuando que Royce matou Drew? — perguntou Dime.

— Não estou insinuando nada. Só acho que foi estranho. Mas é claro que você sabe muito bem o que aconteceu lá em cima, não é, Dime?

— Eu não vi nada. Bernie estava com Drew na verga da bujarrona quando ele caiu. Ele disse que Drew se descuidou. Já vi esse tipo de coisa acontecer antes. Bobos como ele brincando lá por cima. Bernie disse que ele estava andando pela verga quando o navio balançou, com a proximidade do banco de areia. Ele perdeu o equilíbrio. Bernie tentou segurá-lo enquanto ele se pendurava na verga, mas a umidade fez com que escorregasse.

— Drew andando pela verga durante uma tempestade? — indagou Jacob, rindo. — É improvável.

— E onde estava Royce enquanto isso? — perguntou Bristol.

Dime balançou a cabeça.

— Não sei; só o vi depois, quando ele apareceu no topo do mastro.

— Bernie jogou cartas com ele ontem à noite, não foi? Ouvi dizer que Drew ganhou um bom dinheiro.

— Agora você está insinuando que Bernie o matou? — perguntou um terceiro sujeito, usando um pano vermelho amarrado na cabeça. Hadrian ainda não tinha visto aquele marujo, mas deduziu que fosse o capitão responsável pelo mastro da mezena, pois, segundo parecia, os capitães e os contramestres responsáveis pelas velas principais jantavam à mesma mesa.

— Não, mas estou dizendo que o cozinheiro estava lá, e ele e Royce são parceiros, não são? Acho que... — Dering parou assim que viu Hadrian. — Que bom que você é melhor cozinheiro do que seu parceiro é gajeiro, ou o Sr. Temple acabaria jogando vocês dois ao mar.

Hadrian se manteve calado. Correu os olhos pelo recinto à procura de Royce, mas não o viu, o que não era surpresa, pois ele supunha que o amigo não quisesse chegar nem perto de comida.

— Pode avisar ao seu parceiro que pedi a Bristol aqui que tenha uma conversinha com o Sr. Beryl sobre ele.

— Beryl? — questionou Bristol, confuso. — Eu ia falar com Wesley.

— Esquece — disse Jacob. — Wesley é um inútil. Ele é uma piada, não é mesmo?



— Não posso passar por cima dele e falar diretamente com Beryl — afirmou Bristol defensivamente. — Wesley era o oficial em serviço quando a coisa aconteceu.

— Você ficou maluco? Está com medo? Você acha que Wesley vai partir para cima se você for falar com Beryl? O máximo que vai fazer é registrar algo contra você. Isso é o máximo que ele sempre faz. Ele é um menino, e ainda não faz jus àquele uniforme de aspirante. Ele só está no *Tempestade* porque o pai dele é o lorde Belstrad.

— Precisamos agora servir os aspirantes — lembrou Poe a Hadrian, puxando a manga da camisa dele. — Eles comem na sala de oficiais, perto da popa.

Antes de sair, Hadrian olhou de relance para Jacob mais uma vez e o viu sorrindo maldosamente.

Bem menor e pouco mais confortável do que o ambiente ocupado pela tripulação, o refeitório dos aspirantes era uma saleta localizada na parte traseira do dormitório, cujo madeirame rangia alto quando o navio balançava sobre as ondas. Normalmente, Basil servia a comida preparada por ele próprio para os oficiais, mas naquela manhã ele havia se ocupado com a refeição dos capitães-tenentes e dos capitães e tinha pedido a Poe e Hadrian que o auxiliassem, servindo o refeitório dos aspirantes.

— O que está havendo? — perguntou abruptamente o maior aspirante no momento em que Hadrian e Poe entraram. Hadrian quase respondeu, mas notou que a pergunta não era dirigida aos dois. Atrás deles, chegando atrasado, estava o jovem oficial que mais cedo ameaçara registrar uma ocorrência contra Hadrian. — Você está em serviço agora, Wesley!

— O capitão-tenente Green me rendeu um pouco antes da hora para que eu pudesse comer enquanto a comida ainda está quente.

— Quer dizer que você veio impor sua presença entre seus superiores, é isso? — perguntou o grandalhão, provocando uma gargalhada geral. Aquele devia ser Beryl, supôs Hadrian. Era, sem dúvida, ao menos dez anos mais

velho que os demais aspirantes. — Você vai nos encher a paciência nesta viagem, não é, menino? Nós pensamos que pudéssemos fazer uma refeição tranquila, sem que você nos incomodasse. O que você fez? Ficou choramingando, dizendo a Green que estava com dor de estômago porque não deixamos você comer ontem à noite?

— Não, eu... — começou a dizer Wesley.

— Cale a boca! Não quero ouvir sua voz fanhosa. Ei, cozinheiro! — exclamou Beryl. — Não sirva o aspirante Wesley. Nem uma migalha de broa, entendido?

Hadrian fez que sim, supondo que Beryl fosse hierarquicamente superior a Wesley, embora ambos usassem uniformes de aspirantes. Wesley fez cara feia, mas nada disse. Em seguida, afastou-se da mesa, encaminhando-se ao seu baú.

— Ah, sim — disse Beryl, levantando-se da mesa e atravessando a saleta, em direção a Wesley. Enquanto ele andava, Hadrian notou a presença de uma velha cicatriz na face de Beryl, um corte que quase lhe custara a visão. — Faz tempo que estou querendo dar uma olhada nos seus pertences, para ver se acho alguma coisa que me agrada.

Wesley se virou, fechando o baú subitamente.

— Abra o baú, menino, e deixe-me dar uma olhada.

— Não, você não tem o direito!

Os bajuladores de Beryl, sentados à mesa, zombaram e riram do menino.

Beryl deu um passo adiante e, observando sua postura, Hadrian percebeu o que aconteceria em seguida, embora Wesley nada notasse. O aspirante troncado deu uma violenta bofetada no rosto de Wesley. O menino caiu de costas no chão, por cima do baú. Ele girou de lado, o rosto vermelho de raiva, mas mal chegou a se ajoelhar, pois Beryl voltou a esbofeteá-lo, dessa vez com tamanha violência que sangue jorrou pelo nariz dele. Wesley desabou novamente, gemendo de dor, e ficou todo encolhido

com as mãos sobre o rosto. Os demais aspirantes aplaudiram. Beryl vasculhou o conteúdo do baú de Wesley.

— É só isso? Pensei que você fosse filho de um lorde. Isso é ridículo. — Ele retirou e examinou uma camisa branca de linho. — Ora! Nada mal... Eu bem que preciso de uma nova camisa — declarou ele, baixando com força a tampa do baú e voltando à mesa do café da manhã.

Enojado, Hadrian esboçou uma ajuda a Wesley, mas parou ao ver que Poe balançava a cabeça com ar grave. O jovem marinheiro pegou Hadrian pelo braço e quase o arrastou de volta ao convés principal, onde o sol já estava alto o bastante para obrigá-los a semicerrar os olhos.

— Não se meta nas questões dos oficiais — disse Poe, falando seriamente. — Eles são como os nobres. Se você atacar um oficial, vai ser enforcado. Acredite, eu sei do que estou falando. Meu irmão mais velho, Ned, é timoneiro no *Imortal*. As histórias horríveis que ele me contou são de revirar o estômago. Ora! Parece até que você nunca esteve a bordo de um navio!

Hadrian se manteve calado enquanto seguia Poe de volta à cozinha.

— Você nunca esteve, não é verdade? — perguntou Poe repentinamente.

— Então, quem é o grandalhão? É o tal de Beryl? — perguntou Hadrian, mudando de assunto.

Poe franziu o cenho, então suspirou.

— É. Ele é o mais veterano entre os aspirantes.

— Quer dizer que Beryl é um nobre?

— Não sei se é ou não. A maioria deles é o terceiro ou quarto filho, aqueles que não têm direito nem a participar de justas nem a ingressar na vida monástica, e que optam pela navegação na esperança de um dia chegar a capitão, comandar o próprio navio e ganhar algum dinheiro. A maioria dos aspirantes serve durante cerca de cinco anos antes de se tornar capitão-tenente, mas acho que Beryl é aspirante há mais ou menos dez anos. Acho que ser esquecido desse jeito torna o sujeito meio mal-humorado. Mesmo

que não seja um nobre de sangue azul, ele é um oficial, o que neste navio é a mesma coisa.



— Royce? — sussurrou Hadrian.

Royce estava deitado em sua rede, perto da proa do navio, ainda com o pano branco amarrado na cabeça, o pano que identificava a tripulação encarregada da gávea maior. Royce tremia de frio e suas roupas estavam encharcadas.

— Royce — repetiu ele, desta vez sacudindo o ombro do parceiro.

— Se você fizer isso de novo, corto sua mão fora — rosnou ele com uma voz engrolada e rouca.

— Eu trouxe café e um pedaço de pão para você. E enfiei umas passas dentro do pão. Você gosta de passas.

Royce espiou pela borda da coberta, exibindo um olhar cruel. Ao ver a comida, desviou imediatamente os olhos, fazendo careta.

— Desculpe, mas sei que você não come desde ontem — comentou Hadrian, afastando a bandeja da frente dele. — Eles deram trabalho extra para você, não foi? Você ficou lá em cima mais tempo do que os outros.

— Bristol me manteve mais tempo no posto como castigo por eu ter sido lento ontem. Quanto tempo fiquei lá em cima?

— Doze horas, pelo menos. Escute, acho que a gente deveria dar uma olhada no porão da proa. Wyatt me disse que os serets estão guardando uma carga especial lá. Se conseguir controlar o enjoo, você poderia abrir algumas fechaduras para mim?

Royce balançou a cabeça.

— Só depois que esse navio parar de chacoalhar. Quando me levanto, o mundo começa a girar. Preciso dormir. Como você não está enjoado?

— Eu estou, mas não tanto quanto você. Acho que sangue élfico não se mistura bem com água.

— É possível — disse Royce, voltando a desaparecer embaixo da coberta.  
— Se eu não melhorar logo, corto meus pulsos.

Hadrian pegou a própria coberta e a estendeu sobre o corpo trêmulo de Royce, e estava prestes a voltar para o convés principal quando parou e perguntou:

— Você sabe dizer o que aconteceu com Edgar Drew?

— O cara que caiu?

— É... Tem gente na tripulação que acha que ele foi assassinado.

— Não vi nada. Fiquei a maior parte do tempo abraçado ao mastro. Eu estava muito enjoado. Ainda estou. Vá embora e me deixe dormir.

Era tarde e um dos dois grupos estava em serviço, embora a maioria dos marujos cochilasse no tombadilho ou em seus respectivos postos. Apenas alguns marinheiros tinham de permanecer alertas durante aquele turno: três vigias no topo do mastro, o ajudante do contramestre, que na ausência de Wyatt manejava o timão, e o oficial responsável pelo turno em si. Hadrian quase esbarrou nesse oficial ao chegar ao tombadilho.

— Sr. Wesley — saudou Hadrian, trocando a mão que segurava a bandeja, a fim de bater continência.

O rosto de Wesley estava inchado e no nariz e nos olhos havia manchas roxas. Hadrian sabia que Wesley estava fazendo serviço extra. Quando seguia ao encontro de Royce, Hadrian ouvira o capitão-tenente Bishop interrogando o suboficial a respeito da briga, mas, uma vez que Wesley havia se recusado a revelar o nome de seu agressor, a punição fora imputada apenas a ele.

— Sr. Wesley, achei que o senhor fosse aceitar algo para comer. Suponho que o senhor não tenha se alimentado bem hoje.

O suboficial arregalou os olhos durante um instante, então olhou para a bandeja. Ao ver o vapor que exalava da caneca de café, abriu a boca, mas a

fechou abruptamente.

— Quem o mandou aqui? Foi Beryl? Isso é alguma brincadeira?

— Não, senhor. É que sei que o senhor não tomou o café da manhã e estava em serviço nas horas das refeições hoje. O senhor deve estar com fome.

— Você recebeu ordens para não me servir.

Hadrian deu de ombros.

— Mas também recebi ordens do próprio capitão para manter a tripulação alimentada e apta para o trabalho. Faz muito tempo que o senhor não dorme. Se não se alimentar direito, qualquer pessoa pode pegar no sono durante a vigília.

Wesley olhou para a bandeja.

— Isso aí é café, não é? — perguntou o jovem aspirante, surpreso. — Não há mais do que poucos quilos a bordo, e café é para o capitão.

— Agora à tarde fiz uma troca com o chefe de cabine e consegui algumas xícaras de café.

— Por que você está oferecendo café a mim?

Hadrian olhou para o céu noturno.

— A noite está fria e a punição para quem dorme em serviço pode ser severa.

Wesley concordou com um ar grave.

— Neste navio, aspirantes são chicoteados.

— O senhor acha que isso é ideia de Beryl, senhor? O senhor sabe... Pelo fato de tê-lo desafiado diante dos demais suboficiais...

— Talvez. Beryl é um tirano da pior espécie, um devasso que jogou fora a fortuna da família. Acho que ele nem olharia para mim se não fosse pelo meu irmão. Batendo em mim, ele se sente superior a minha família.

— Seu irmão é Sir Breckton Belstrad?

Wesley fez que sim.

— Mas ele está fazendo papel de bobo. Não sou como o meu irmão; portanto bater em mim não significa grande coisa. Se fosse como o meu irmão, eu jamais permitiria que um boçal como Beryl abusasse de mim.

— Aceite o café e o pão, senhor — disse Hadrian. — Não gosto muito de Beryl e, se o fato de manter o senhor acordado esta noite for irritá-lo, amanhã para mim vai ser um dia mais feliz. As ordens do capitão têm mais valor do que as de um aspirante veterano.

— No entanto, preciso registrar a queixa contra você. Sua bondade não vai alterar a situação.

— Eu não esperava o contrário, senhor.

O aspirante examinou Hadrian com o semblante expressando certa curiosidade.

— Nesse caso, obrigado — agradeceu ele, aceitando o lanche.



Dovin Thranic caminhava pelo porão. Escuro e apertado, o fundo do navio fedia a esterco e água salgada. Cerca de 10 centímetros de lodo escorriam pela vala central, forçando-o a seguir pelas laterais, por cima das vigas das alhetas, a fim de manter os pés secos. No dia seguinte, ele diria ao capitão-tenente Bishop que determinasse ao grupo de trabalho que operasse a bomba d'água no final da tarde, para que não precisasse fazer aquela ronda à noite. Thranic era sentinela da Igreja de Nyphron, naquela ocasião um dos dois únicos indivíduos autorizados a falar pessoalmente com Sua Santidade, o patriarca, e, no entanto, lá estava ele chafurdando no esgoto.

A náusea tornava a provação ainda mais árdua. Após vários dias dormindo no *Tempestade de Esmeralda* enquanto o navio estava atracado, Thranic pensou que houvesse se habituado ao movimento do mar. O enjoo inicial havia diminuído, mas recomeçara agora que o barco balançava em

alto-mar. Embora menos intensa do que antes, a náusea ainda o incomodava e tornava seu trabalho bem menos agradável.

Thranic não levava consigo luz alguma, mas tampouco precisava dela. A luz emitida pelas lanternas do posto de vigília, na extremidade do porão, era suficiente para ele enxergar. Passou por diversas sentinelas, serets que se mantinham firmes em seus postos, ignorando a aproximação dele.

— Eles parecem calmos hoje. Têm se comportado bem? — perguntou Thranic ao se aproximar das celas.

— Sim, senhor — respondeu um guarda veterano, abandonando momentaneamente a posição de sentido. — Enjoo. Estão todos mareados.

— Sim — disse Thranic com um toque de repulsa. Em seguida, observando-os, falou: — Eles podem me ver, você sabe, mesmo no escuro. Têm ótima visão.

Uma vez que a resposta não era necessária, o seret permaneceu calado.

— Vejo na fisionomia deles sinais de que me reconhecem. Vejo também sinais de medo. É a primeira vez que venho vê-los, e eles já sabem quem sou. Eles sentem a força de Novron em mim e, instintivamente, o mal que neles habita se acovarda. É como se eu fosse uma vela cuja luz contém as trevas.

Thranic se aproximou das celas, tão apinhadas que os elfos eram obrigados a se alternar, deitando ou ficando de pé. Os que estavam de pé encostavam os corpos nus e imundos uns nos outros a fim de obter apoio. Homens, mulheres e crianças estavam amontoados, formando uma massa de carne trêmula e repugnante. Com satisfação, Thranic os contemplava enquanto a massa gemia e choramingava, tentando se afastar dele.

— Está vendo? Eu sou a luz, e a negritude pútrida da alma deles recua quando me vê. — Thranic observou a aparência deles; estavam todos esqueléticos e abatidos, em consequência da fome. — São criaturas nojentas... Abominações não naturais que não deveriam existir. A mera existência deles é um ultraje. Você sente isso, não sente? Precisamos livrar o



mundo da mácula que representam. Precisamos fazer o possível para expurgar esse insulto. Precisamos provar a nossa dignidade.

Thranic já não olhava para os elfos. Fitava as próprias mãos.

— A purificação nunca é fácil, mas é sempre necessária — murmurou ele, pensativo. — Traga-me aquele mais alto, com a falha nos dentes — ordenou Thranic. — Vou começar por ele.

Atendendo à ordem da sentinela, os guardas retiraram o elfo da cela e amarraram suas mãos às costas. Usando um cabo e uma polia sobressalente, eles suspenderam o infeliz prisioneiro pelos braços, por cima de uma viga superior. O esforço deslocou os membros do elfo, que gritou de agonia. Os uivos e a expressão de horror estampada no rosto da criatura fizeram o seret desviar o olhar, mas Thranic se manteve estoico, contraindo os lábios em sinal de aprovação.

— Balance o corpo dele — ordenou Thranic. O elfo voltou a uivar de dor.

O guarda voltou a olhar para o interior das celas, onde outros também choravam. Quando ele olhou, uma mulher perguntou:

— Por que vocês não nos deixam em paz?

Thranic localizou a criatura e, com uma expressão de piedade sincera, respondeu:

— Maribor exige que o mal feito a seu irmão seja reparado. Sou apenas o instrumento dele.

— Então, por que... por que não nos matam logo e acabamos com isso? — gritou ela com os olhos arregalados. Thranic fez uma pausa. Então voltou a fitar as próprias mãos, tanto as palmas quanto as costas, com um olhar distante. O silêncio foi tão longo que até o seret se virou para ele. Com o olhar embaçado e os lábios trêmulos, Thranic voltou a encará-la.

— É preciso esfregar com força para se remover *determinadas* manchas. Ela vai ser a próxima.

## CAPÍTULO 7

# OVOS PODRES



Para a imperatriz Modina, tudo havia mudado um mês antes, depois que ela se apresentou na sacada e discursou para os cidadãos do Novo Império. Em consequência da erosão provocada por Amilia na autoridade dos regentes, a imperatriz agora desfrutava de um grau de liberdade sem precedentes e caminhava livremente pelo palácio, sempre usando trajes novos.

Modina não costumava ir a locais específicos e, com frequência, sequer se recordava de onde havia ido. Embora ansiasse pela sensação da relva sob seus pés, não tinha permissão para transpor os muros do palácio. Estava certa de que guarda algum a impediria de sair, mas temia que Amilia se tornasse vítima da ira dos regentes caso ela desrespeitasse os limites; portanto, permanecia dentro da área do palácio.

Com o vestido novo, Modina caminhava calada e reflexiva, conforme era esperado de uma imperatriz. Ao descer a escadaria que fazia uma curva, sentiu a barra do vestido arrastando sobre os degraus de pedra. Os novos

vestidos também haviam sido obtidos por intermédio de Amilia. A secretária supervisionara pessoalmente o trabalho da costureira imperial, e reprimira toda e qualquer tentativa de empetecar as roupas com rendas ou bordados. Todos os vestidos eram absolutamente brancos e seguiam um modelo simples, mas marcante. Amilia havia instruído a costureira para que o objetivo principal fosse criar roupas que propiciassem a Modina o máximo de conforto possível; sendo assim, a costureira confeccionou trajes singelos, porém bem-cortados, dispensando colarinhos altos, corpetes apertados e espartilhos.

Embora a liberdade e os vestidos novos constituíssem mudanças agradáveis, a diferença mais dramática estava relacionada à maneira como as pessoas reagiam ao ver a imperatriz. Desde que saíra de seus aposentos, Modina tinha passado por duas jovens, que carregavam uma pilha de roupa de cama, e um pajem, que portava diversos pares de botas. O pajem derrubou uma bota assim que a viu, e as duas jovens cochicharam, demonstrando intensa emoção. No semblante daqueles indivíduos, Modina havia visto a expressão que todos agora exibiam: a crença de que ela era a eleita de Maribor.

Logo que chegara ao palácio, todos a evitavam, como se evita um cão feroz. Após o discurso, os poucos funcionários que ela porventura encontrasse a olhavam com afeto, admiração e uma empatia tácita, como se admitissem compreender seu comportamento prévio. Os vestidos novos produziram um efeito inesperado, transformando admiração em idolatria, uma vez que a pureza do branco e a discreta simplicidade dos trajes conferiam a Modina certa aura angelical. Ela se transformara de imperatriz louca em sagrada — embora sofredora — sacerdotisa.

Todos atribuíam a recuperação de Modina aos poderes de cura de Amilia. O que ela dissera no terraço era verdade. Amilia a salvara, se é que *salvar* seria o termo adequado. Modina não se sentia salva.

Desde Dahlgren ela se afogava em horrores inomináveis, horrores que não conseguia enfrentar. Amilia a havia resgatado desse mar, por assim dizer, mas ninguém poderia definir sua existência como vida. Houve uma época, muito, muito tempo atrás, em que ela afirmava que a vida prenunciava a esperança de um futuro melhor, no entanto agora, para ela, esperança era um sonho desfeito numa noite de verão. Restavam apenas os horrores, horrores que a incitavam, ameaçando sufocá-la novamente. Seria fácil se entregar, fechar os olhos e voltar a submergir; porém, se fingir estar viva significasse a prosperidade de Amilia, ela então fingiria. Amilia se tornara um pequeno ponto luminoso em meio a um oceano de trevas, a estrela solitária que guiava Modina, e não importava aonde aquela luz a conduziria.

A exemplo do que acontecia na maioria das tardes, Modina perambulou por corredores e salas como um fantasma em busca de algo esquecido no passado. Ouvira dizer que amputados sentem coceira no braço ou na perna “fantasma”. Talvez algo assim ocorresse com ela, que sentia muita vontade de coçar uma vida que já não existia.

Um cheiro de comida indicou a proximidade da cozinha. Modina não se lembrava da última vez que havia comido, mas não tinha fome. Fantasmas não sentem fome, ao menos não no sentido de apetite por comida. Ela chegara ao pé da escadaria. À direita, armários contendo pratos, taças, velas e utensílios forravam as paredes de uma saleta. À esquerda havia roupa de mesa limpa, empilhada sobre prateleiras. Repleto de criados e cheio de vapor, o local era quente e barulhento.

Modina viu o grande elkhound dormindo no canto da cozinha, e imediatamente se lembrou de que seu nome era Ruivo. Fazia tempo que não descia até ali, desde o dia em que Saldur a surpreendera alimentando o cão. Desde a morte de seu pai, aquele era o primeiro dia do qual se recordava com clareza. Antes daquele dia nada — nada —, exceto... *ovos podres*.

Ela percebeu o fedor rançoso assim que chegou ao pé da escadaria. Então olhou ao redor, com grande interesse. Aquele cheiro horrível aguçava a memória de Modina. Um local pequeno, um quarto minúsculo, frio, escuro e sem janelas. Ela quase sentia o gosto.

Modina se aproximou de uma pequena porta de madeira. Com a mão trêmula, abriu-a. Era uma pequena despensa, cheia de sacas de farinha e grãos. Não era aquele o local, mas o cheiro ali era mais forte.

Havia outro local — pequeno como aquele — minúsculo, escuro e pavoroso. A lembrança voltou com a força de um pesadelo esquecido. Negro, cheio de terra e frio, com uma barulheira que ecoava assustadoramente, uivos de almas perdidas implorando em vão por misericórdia. Ela fora uma daquelas almas. Gritara no escuro até não poder mais, e sempre o cheiro de terra penetrava em suas narinas, a umidade do chão batido encharcando sua pele. De repente constatou algo:

*Estou me lembrando do meu túmulo! Sou um fantasma.*

Olhou para as próprias mãos... Aquilo não era vida. A escuridão se fechou em torno dela, tornando-se mais profunda, engolindo-a, sufocando-a.



— A senhorita está bem, Vossa Eminência?

— Você acha que ela está doente de novo?

— Não seja idiota. Ela só está aborrecida. Você não está vendo?

— Pobrezinha... É tão frágil.

— Lembre-se de quem você está falando. Essa garota exterminou o monstro que deu cabo do Rufus!

— *Você* que se lembre de quem *você* está falando... *Essa garota*... Pelas barbas de Maribor! Ela é a imperatriz!

— Saíam do meu caminho — rosnou Amília, enxotando os criados como quem enxota um bando de galinhas.

Não estava com humor para mesuras. O medo fez com que sua voz ficasse rouca e carecesse do tom amigável de uma ex-colega de cozinha; era o tom de voz de uma nobre zangada. A criadagem se espalhou. Modina estava sentada no chão, encostada à parede. Chorava baixinho, as mãos cobrindo o rosto.

— O que vocês fizeram com ela? — perguntou Amília em tom de acusação, arregalando os olhos.

— Nada! — respondeu Leif, defendendo o grupo.

Leif, que trabalhava como açougueiro e ajudante de cozinha, era um homenzinho mirrado, com muitos pelos espessos e escuros nos braços e no peito, mas sem cabelos na cabeça. Amília jamais se afeiçoara a ele, e a ideia de que ele, ou qualquer um deles, houvesse magoado Modina fazia seu sangue ferver.

— Ninguém sequer chegou perto dela. Eu juro!

— É isso mesmo — confirmou Cora. A moça que trabalhava com laticínios era meiga e simplória; todas as manhãs preparava manteiga, sempre acrescentando sal demais. — Ela se sentou ali e começou a chorar.

Amília sabia que não podia dar ouvidos a Leif, mas Cora era confiável.

— Muito bem — disse ela. — Deixem-na em paz. Voltem ao trabalho, todos vocês.

Uma vez que eles demoraram a reagir, Amília lhes lançou um olhar ameaçador.

— Você está passando mal? O que houve? — perguntou ela, ajoelhando-se ao lado de Modina.

A imperatriz ergueu a cabeça, lançou os braços em volta do pescoço de Amília e continuou em prantos. Amília a abraçou, acariciando os cabelos de Modina. Ela não fazia ideia de qual seria o problema, mas era preciso levar a

imperatriz de volta ao quarto. Se Saldur ficasse sabendo, ou pior, se entrasse ali naquele momento... Ela nem queria pensar em tal possibilidade.

— Está tudo bem... tudo bem. Eu estou aqui com você. Tente se acalmar.

— Eu estou viva? — indagou Modina com um olhar suplicante.

Por uma fração de segundo, Amilia pensou que ela estivesse brincando, mas havia dois problemas com tal hipótese. Primeiro, aquela expressão nos olhos de Modina e, segundo, a imperatriz *já* brincava.

— É claro que está — garantiu ela. — Agora, vamos. Vamos para a cama.

Ela a ajudou a se levantar. Modina se pôs de pé como um cervo recém-nascido, fraco e inseguro. Enquanto saíam, surgiu no ar um crescente burburinho. *Preciso lidar com isso imediatamente*, pensou Amilia.

Amilia conduziu Modina escada acima. Gerald, guarda-costas da imperatriz, olhou-as com preocupação ao abrir a porta dos aposentos imperiais.

— Ela está passando mal? — perguntou Gerald.

— Ela está cansada — disse Amilia, fechando a porta e deixando-o do lado de fora.

A imperatriz sentou-se à beira da cama com um olhar vazio. Aquele não era o mesmo olhar vazio de sempre. Amilia percebeu que ela estava em profunda reflexão.

— Você teve um momento de sonambulismo? Um pesadelo?

Modina pensou durante um momento, então balançou a cabeça.

— Eu me lembrei de uma coisa — disse ela com uma voz fraca e rouca.  
— Uma coisa ruim.

— Foi algo sobre a batalha?

Era a primeira vez que Amilia tocava nesse assunto. Detalhes sobre o combate lendário entre Modina e o monstro que destruíra Dahlgren eram sempre tão vagos e encobertos por tantos dogmas e tanta propaganda que se tornava impossível discernir entre verdade e ficção. Tanto quanto qualquer outro cidadão do Império, Amilia sentia-se curiosa. Segundo os relatos,

Modina aniquilara um dragão poderoso com uma espada quebrada. Bastava olhar para a imperatriz para saber que aquilo não poderia ser verdadeiro, mas Amilia tinha certeza de que algo terrível havia acontecido.

— Não — respondeu Modina, falando baixo. — Foi depois. Eu acordei dentro de um buraco. Um lugar medonho. Acho que era o meu túmulo. Não gosto de me lembrar. É melhor para nós duas se eu não me lembrar.

Amilia concordou. Desde que Modina começara a falar, a maioria das conversas entre as duas havia se centrado na vida de Amilia, da época em que ela morara em Tarin Vale. Nas poucas ocasiões em que perguntou a Modina sobre o passado dela, a expressão no rosto da imperatriz se tornara sombria e a luz dos seus olhos apagara. Depois disso, ela se calava, às vezes durante vários dias. Os mistérios da vida de Modina eram muitos.

— Então não vamos falar nisso — disse Amilia com um tom de voz afável. Sentou-se à beira da cama, ao lado de Modina, passando os dedos pelos cabelos da imperatriz. — Seja lá o que tenha acontecido, já passou. Agora a senhorita está aqui comigo. Já é tarde. A senhorita acha que consegue dormir?

A imperatriz fez que sim, mas seu olhar permaneceu conturbado.

Quando teve certeza de que a imperatriz repousava serenamente, Amilia se retirou do quarto. Ignorando o olhar curioso de Gerald, desceu correndo a escadaria até a cozinha. Se não fossem contidas, os ajudantes de cozinha deflagrariam uma onda de boatos que certamente tomaria conta de todo o palácio, e ela não poderia deixar que tais rumores chegassem aos ouvidos de Saldur.

Fazia tempo que Amilia não visitava as dependências da cozinha. A nuvem úmida e densa, com cheiro de cebola e gordura, outrora tão familiar, agora parecia opressiva. Oito pessoas trabalhavam no turno da noite. Havia diversos novos rostos, a maioria meninos recrutados nas ruas e meninas recém-chegadas do campo. Todos trabalhavam sem atenção, pois conversavam animadamente com um tom de voz que superava o som das



chaleiras fervendo e das panelas batendo. Mas tudo se calou quando ela apareceu.

— Amilia! — exclamou Ibis Thinly no instante em que a viu. O velho cozinheiro era um homem grande de peito largo, com olhos de um azul intenso e uma barba que emoldurava o queixo. Seu avental estava manchado de sangue e gordura. Numa das mãos segurava uma toalha e na outra uma colher. Deixando uma caçarola em cima do fogão, ele foi ao encontro da jovem, sorrindo. — Que bela visão para estes olhos cansados, garota! Como a vida tem tratado você, e por que não tem nos visitado mais vezes?

Ela correu em direção a ele. Ignorando o avental imundo e quebrando o protocolo da corte, abraçou-o com vigor. O menino responsável pelo abastecimento de água largou no chão os dois baldes que trazia e prendeu a respiração.

Ibis deu uma risadinha.

— É como se eles tivessem esquecido que você trabalhava aqui. Parece que acham que a Amilia que conheciam morreu, ou sei lá o que, e que a secretária imperial surgiu do nada. — Ibis depôs a colher e pegou a mão de Amilia. — Então, como vai você, garota?

— Muito bem, para falar a verdade.

— Ouvi dizer que tem um belo quarto lá em cima, na ala leste, com toda pompa. Isso é motivo de orgulho, é mesmo. Você está subindo na vida. Quanto a isso não resta dúvida. Espero que não se esqueça da gente aqui embaixo.

— Se eu me esquecer, queimem o meu jantar para que me lembre daqueles que são realmente importantes.

— Ah, por falar nisso! — exclamou Ibis, e rapidamente usou a toalha para remover do fogão a panela fervente. — Não quero estragar o molho da codorna do lorde camareiro.

— Como vão as coisas por aqui?

— O mesmo de sempre — respondeu ele, levando a panela até a bancada de pedra, retirando a tampa e deixando escapar uma nuvem de vapor. — Nada muda aqui na copa e na cozinha, e você veio em boa hora. Edith não está aqui. Ela está lá em cima, gritando com a nova arrumadeira.

Amilia arregalou os olhos.

— Aquela mulher deveria ter sido demitida há muitos anos.

— Eu que o diga! Mas só mando na cozinha, e não tenho autoridade sobre ela. É claro que, agora que você ficou importante, talvez...

Ela balançou a cabeça.

— Eu não tenho poder algum. Apenas cuidado da imperatriz Modina.

Ibis usou a colher para provar o molho antes de repor a tampa.

— Então, sei que você não veio aqui só para falar de Edith Mon. Veio falar sobre o choro da imperatriz? Ela não chorou por causa da sopa de ervilha que fiz para ela, chorou?

— Não — garantiu Amilia. — Ela adora a sua comida; mas, sim, eu queria explicar algumas coisas — disse ela, voltando-se para os demais empregados e elevando a voz: — Só quero que todos saibam que a imperatriz está bem. Ela recebeu uma notícia ruim hoje e ficou triste. Mas já está bem.

— A notícia foi sobre a guerra? — perguntou Nipper.

— Aposto que tem a ver com os prisioneiros em Ratibor — especulou Knob, o padeiro. — A princesa de Melengar executou todos eles, não foi? Todo mundo sabe que ela é uma bruxa assassina. Para ela, matar gente indefesa não é nada de mais. Foi por isso que a imperatriz chorou, não foi? Porque não pôde salvar aquela gente, não é?

— A pobrezinha — declarou a esposa do açougueiro. — Ela se preocupa tanto... São tantas responsabilidades; é por isso que ela se incomoda tanto. Graças a Maribor a senhorita cuida dela, Lady Amilia. A senhorita é mesmo uma graça dos céus.

Amilia sorriu e se virou para Ibis.

— Ela não gritava comigo sempre, reclamando do jeito como eu lavava as facas do marido?

Ibis deu uma risada.

— E também acusou você de roubar aquele lombinho de porco, na primavera passada. Disse que você precisava de umas boas chibatadas. Acho que ela já se esqueceu disso. Acho que todos já se esqueceram. Deve ser o vestido. Vendo você com um vestido desses, até eu preciso me controlar para não fazer reverência.

— Não me venha com reverências — disse ela —, ou nunca mais volto aqui.

Ibis sorriu.

— É bom ver você de novo.



No sonho, Modina via o monstro surgindo detrás de seu pai. Ela tentava gritar, mas só conseguia emitir um gemido abafado. Tentava correr até o pai, porém tinha os pés presos na lama, uma lama espessa, verde e fedorenta. O monstro não demonstrava a menor dificuldade de locomoção e corria pela encosta do morro, em direção ao pai dela. Para desespero e surpresa de Modina, Theron não percebia o solo estremecendo em consequência do peso do monstro, que o engolia inteiro. Modina desabou no chão. Um cheiro de bolor invadia suas narinas e ela respirava com dificuldade. A terra úmida tocava o corpo dela. Na escuridão, o ruído das passadas indicava que o monstro vinha em seu encalço. Por todos os lados, homens e mulheres choravam e uivavam de infelicidade e medo. O monstro daria cabo de todos. Com suas passadas barulhentas, ele seguia para terminar o serviço, para devorá-la também.

O monstro estava com fome. Muita fome. E precisava comer.

Todos precisavam comer, mas a comida nunca era suficiente. Tudo o que restava era um mingau pútrido e malcheiroso — como ovos podres. Ela tremia de frio e chorava. Chorava com tamanha intensidade e há tanto tempo que seus olhos já não vertiam lágrimas. Já não havia motivo para viver... ou havia?

Modina despertou em seu quarto escuro, tremendo e suando frio.

O mesmo sonho a assombrava todas as noites, a ponto de ela temer fechar os olhos. Levantou-se e buscou o luar que entrava pela janela. Quando chegou à janela, a maior parte do sonho já estava esquecida e ela notou que havia algo diferente. Sentada no local de sempre, olhou para o pátio lá embaixo. Era tarde e todos haviam se recolhido, exceto os guardas que estavam em vigília. Tentou se lembrar do pesadelo, mas só conseguiu se recordar do cheiro de ovos podres.

## CAPÍTULO 8

### O CHIFRE



Depois dos primeiros dias um tanto conturbados, a rotina no *Tempestade de Esmeralda* se instalou com rigidez. Todas as manhãs começavam com a limpeza do convés superior, ainda que ele jamais se sujasse de um dia para outro. Na sequência era servido o café da manhã. Os turnos se alternavam e a limpeza prosseguia, agora no porão. Ao meio-dia, o capitão-tenente Bishop ou algum outro oficial determinava a localização do navio, valendo-se do posicionamento do sol e confirmando a informação junto ao capitão. Em seguida, a tripulação se exercitava nos mastros e nas vergas, lançando botes ao mar, descendo em cordas e embarcando, praticando disparos com arco e flecha e com catapulta, além de luta corporal. Como seria de esperar, Hadrian se saiu muito bem em esgrima e no arco e flecha, e essa demonstração de habilidade não passou despercebida por Grady, que meneava a cabeça, confirmando as próprias expectativas.

De vez em quando, o tambor convocava os homens ao convés principal para testemunhar punições. Até ali haviam ocorrido quatro açoites, mas Hadrian só conhecia as vítimas de nome. À tarde, os homens recebiam sua dose de bebida alcoólica, uma mistura de rum com água açucarada, e à noite o mestre de armas circulava pelo navio, certificando-se de que não havia fogo aceso.

Em sua maioria, os dias eram idênticos, com poucas exceções. Nos chamados “dias de fazer e consertar”, o capitão concedia aos homens um tempo extra, à tarde, para costurar rasgos nas roupas ou se dedicar a passatempos, como entalhes ou gravação. Nos “dias de lavagem”, os marujos lavavam suas roupas. Como era proibido usar água potável e não havia sabão, camisas e calças ficavam mais confortáveis após um dia de chuva do que um dia de lavagem.

Àquela altura, todos já sabiam quais eram suas responsabilidades e as desempenhavam razoavelmente bem. Hadrian e Royce gostaram de saber que não eram os únicos novatos a bordo. Recrutados recentes constituíam quase um quarto da tripulação. Muitos vieram de longe, como, por exemplo, de Alburn e Dunmore, e a maioria nunca tinha visto o mar. A ação meio desastrada desses novatos e a ajuda prestada por Wyatt disfarçavam a falta de experiência de Hadrian e Royce. Agora, ambos já dominavam suas rotinas e tarefas o bastante para passar despercebidos.

O *Tempestade de Esmeralda* continuou rumando para o sul, e o vento a bombordo empurrava o navio com elegância mar afora. O dia estava deliciosamente cálido. Ou tinham chegado tão ao sul que a estação ainda não havia mudado, ou o outono os abençoara com uma derradeira lufada de clima perfeito. O primeiro sino dobrou e o ajudante do contramestre e o escrevente responsável pelo porão de carga surgiram no tombadilho para servir a bebida alcoólica.

Após quatro dias de viagem, Royce finalmente se aprumou. Sua cor normal voltou às faces, mas, mesmo depois de uma semana, seu humor

ainda estava azedo. Um fator que contribuía bastante para isso eram as constantes acusações feitas por Jacob Darning quanto à suposta culpa de Royce na morte de Drew.

— Depois que eu cortar a garganta dele, posso simplesmente jogar o corpo no mar — declarou Royce a Hadrian casualmente. A bebida já havia sido servida e a tripulação se espalhava pelo convés, relaxando ao sol. Royce e Hadrian encontraram um local aconchegante e isolado no convés do meio, entre o barco salva-vidas e a antepara sobre a qual o fabricante de velas e seus ajudantes deixaram uma pilha de lonas sobressalentes. As lonas empilhadas podiam ser usadas como uma cama confortável, de onde era possível observar o céu claro com seus flocos de nuvens brancas.

— Eu o jogo na calada da noite e ele some para sempre. O corpo nem vai aparecer na praia, pois será comido pelos tubarões.

— Certo, vou repetir. — Hadrian estava cansado daquela conversa. — Você não pode matar Jacob Darning. Ainda não sabemos o que está acontecendo. E se ele for o contato de Merrick? Então, enquanto não descobirmos alguma coisa, qualquer coisa, você não pode matar ninguém.

Royce fez careta e cruzou os braços, em sinal de frustração.

— Vamos rever o que já sabemos — prosseguiu Hadrian.

— Como, por exemplo, o fato de que Bernie Defoe já foi integrante do Diamante Negro? — perguntou Royce.

— É mesmo? Ora! Isso é interessante. Então, vejamos... Temos um porão de carga cheio de elfos, armamento suficiente para suprir um exército, uma sentinela com um destacamento de serets, um tenkin e um ex-Diamante. Eu acho que Thranic está envolvido na coisa. Duvido que uma sentinela esteja aqui apenas para fazer um cruzeiro de lazer.

— Ele está tão à mostra quanto uma faca cravada nas costas de um homem, motivo pelo qual duvido que esteja envolvido.

— Certo. Vamos então colocá-lo na categoria “talvez”. Nesse caso, Bernie vai para o topo da lista. Ele esteve na guilda na mesma época que você e

Merrick?

Royce confirmou.

— Mas a gente nunca trabalhou com ele. A gente raramente o via. Bernie gostava de cavar. Era especialista no roubo de criptas; depois, começou a procurar tesouros enterrados. Aprendeu a ler sozinho, para poder pesquisar mapas e pistas em livros antigos. Foi ele quem encontrou o canto de Gable e a cripta de Lyrantian, segundo dizem, soterrados em algum ponto das colinas Vilan. Ele voltou de lá com algumas coisas valiosas e cheio de histórias de fantasmas e goblins. Acabou se desentendendo com o Joia, e pouco tempo depois começou a trabalhar por conta própria. Depois disso, nunca mais ouvi falar dele.

— Mas Merrick o conhecia, certo?

— Sim.

— Você acha que ele o reconheceu?

— Não sei. Talvez. Ele não deixaria transparecer. Não é bobo.

— Alguma chance de ele ter virado a página e estar mesmo trabalhando como marinheiro?

— Tanto quanto eu o faria...

Hadrian olhou para Royce por um instante e disse:

— Ele está no topo da minha lista.

— E o tenkin?

— Aquele é outro cara estranho. Ele...

— Terra à vista! — gritou o vigia que estava no mastro da proa, apontando para a popa a bombordo.

Royce e Hadrian se levantaram e olharam para a direção indicada. Hadrian não pôde ver muito, apenas uma linha cinzenta, mas percebeu a presença de duas torres gêmeas projetando-se ao longe. — Aquilo é...

— Drumindor — confirmou Royce, olhando por cima do ombro e voltando a se sentar, sempre com sua caneca de rum.



— É mesmo? Estamos tão ao sul assim? Faz tempo que a gente não vem por estas bandas.

— Não me lembre.

— Tudo bem... A experiência na fortaleza não foi das mais divertidas, mas a cidade é agradável. Você há de convir que Tur Del Fur é bem melhor do que Colnora. Ótimo clima, prédios pintados em cores vivas, à beira de um mar turquesa e, ainda por cima, se trata do porto de uma república. Não tem como não gostar de uma cidade aberta.

— Ah, é? Você se lembra de quantas vezes bateu com a cabeça?

Hadrian franziu o cenho.

— Você odeia anões, não é mesmo? Sinceramente, fico até surpreso que tenha deixado Magnus ficar na abadia. Tudo bem, talvez haja um excesso de arquitetura anã na cidade, mas não resta dúvida de que tudo é muito bem construído. Isso você tem de admitir. E você gostou do vinho, lembra?

Royce deu de ombros e perguntou:

— O que você ia dizer sobre o tenkin?

— Ah, sim. O nome dele é Staul.

— Ele não tem cara de marinheiro.

— Não — concordou Hadrian, balançando a cabeça. — Ele é um guerreiro. A maioria dos tenkin é. A questão é que os tenkin nunca saem de Gur Em.

— De onde?

— Você nunca esteve em Cális, não é? Toda a parte leste é uma floresta tropical, e a região mais densa é uma selva chamada Gur Em. Essa foi a primeira vez que vi um tenkin fora de Cális, o que me faz pensar que Staul tenha sido expulso de lá.

— Não me parece o tipo de sujeito com o qual Merrick se associaria.

— Quer dizer que Bernie continua no topo da nossa lista — declarou Hadrian, e refletiu por um momento. — Você acha que ele teve algo a ver com a morte de Drew?

— Talvez — respondeu Royce, dando um gole no rum. — Ele estava no mastro principal naquela noite, mas eu estava enjoado demais e não pude prestar atenção. Eu não diria que Bernie não fosse capaz de dar um empurrãozinho em Drew. Mas ele precisaria de um motivo.

— Drew e Bernie tinham jogado cartas naquela noite. Drew limpou a mesa, e se Bernie for um ladrão...

Royce balançou a cabeça.

— Bernie não o mataria por causa de um desentendimento num carteadado. A menos que fosse por muito dinheiro. As moedas de cobre e prata que provavelmente estavam sobre a mesa não justificam tal atitude. Isso não quer dizer que ele não o tenha matado. Só não teria sido por causa do jogo. Aconteceu alguma coisa a mais durante o jogo?

— Não, mas Drew disse que na manhã seguinte, durante o café, falaria com Grady sobre um passageiro que embarcaria com o propósito de ajudar a encontrar um chifre. Na verdade, Drew achou a coisa meio engraçada. Ele disse que daria mais detalhes durante o café da manhã.

— Talvez Drew tenha ouvido algo que Defoe não quisesse que ele ouvisse. Isso seria um motivo mais plausível. Mas um chifre?



Eles encontraram Wyatt ao timão do navio. Estava sem o chapéu emplumado e a camisa branca de linho esvoaçava sobre sua pele bronzeada como uma vela particular. Ele controlava o *Tempestade* com firmeza, valendo-se do vento para manter o leme sob pressão e olhando fixamente para o promontório, com um olhar vidrado. Mas baixou a cabeça quando os viu com um gesto súbito em direção à bússola e passou a manga da camisa no rosto.

— Está tudo bem com você? — perguntou Hadrian.

— Está, sim... — respondeu Wyatt, então pigarreou. — Estou bem — disse ele, fungando e limpando o nariz.

— Você tem boas chances de encontrá-la — afirmou Royce.

— Viu? — disse Hadrian. — Você conseguiu que até o Sr. Cínico ficasse otimista em relação às suas chances. Isso já é alguma coisa.

Wyatt forçou um sorriso.

— Ei! A gente tem uma pergunta para você — falou Royce. — Você faz ideia do que seja esse tal *chifre*?

— Claro, vocês estão olhando para ele — declarou Wyatt, gesticulando em direção a terra. — Aquele é o chifre de Delgos. Assim que passarmos por ele, o capitão vai dar ordens para que o navio prossiga a barlavento.

Royce franziu o cenho.

— Suponhamos, só por um instante, que eu não seja um marinheiro experiente. Pode ser?

Wyatt deu uma risada.

— Nós vamos virar para a esquerda e seguir para o leste.

— Como você sabe disso?

Wyatt deu de ombros.

— O chifre é o ponto extremo sul. Se mantivermos o curso atual, vamos sair para o mar aberto, onde nada existe além de redemoinhos, dacca e serpentes-marinhas. Se virarmos à esquerda, vamos subir a costa leste de Delgos.

— E o que há por lá?

— Não muita coisa. Esses penhascos que vocês estão vendo continuam até Vandon, que é o único outro porto marítimo de Delgos. Além de ser a sede da Companhia Vandon de Especiarias, é um refúgio de piratas, ou, melhor dizendo, é o refúgio de piratas. Mas não estamos indo para lá. O *Tempestade* é um excelente navio, porém os larápios se juntariam como um bando de lobos e nos perseguiriam até nos rendermos, ou então nos afundariam.

— Como a companhia de especiarias consegue funcionar, cercada por piratas?

— Quem você acha que dirige a companhia de especiarias?

— Ah...

— E depois de Vandon? — perguntou Royce.

— A baía de Dagastan e todo o litoral de Cális, com portos em Wesbaden e Dagastan. A partir dali acaba a civilização e temos o arquipélago de Ba Ran, onde ninguém vai, nem mesmo os piratas.

— E você tem certeza de que aquilo ali é o chifre?

— Tenho. Todo marujo que já singrou o Sharon sabe disso. É impossível não ver o velho Drumindor.

Embora a costa ainda estivesse a várias léguas de distância, o velho edifício dos anões estava agora claramente visível, mais alto que qualquer outra edificação que Hadrian conhecia. Ele sorriu diante da ironia, sabendo que o prédio fora construído por anões. As torres tinham quase 250 metros de altura, erigidas sobre uma base rochosa contra a qual as ondas se chocavam. A construção parecia ser, ao mesmo tempo, fortaleza e monumento. Em certos aspectos, assemelhava-se a dois cilindros imensos, com dentes que se projetavam em direção ao mar. Do topo de cada torre escapava fumaça. Mais ou menos no meio de cada torre havia algo parecido com nadadeiras — aberturas arqueadas como gigantescos bicos de bule de chá que apontavam para o oceano. Entre as duas torres havia uma única ponte de pedra, como um lintel acima da entrada do porto.

— Nem de noite é possível deixar de ver as torres, que ficam iluminadas. Vocês precisam vê-las em noite de lua cheia, quando a ventilação é acionada. É um verdadeiro espetáculo. Foram construídas em cima de um vulcão, e o sistema de ventilação evita o excesso de pressão. Navios que trafegam por aqui tentam passar pelo pontal em noite de lua cheia só para ver a cena. Mas sempre se mantêm distantes. Os anões que construíram essa fortaleza sabiam muito bem o que estavam fazendo. Navio algum pode entrar na baía

de Terlando sem a autorização dos mestres de Drumindor. Eles fazem jorrar lava a centenas de metros de altura, reduzindo a cinzas qualquer frota de navios em questão de minutos.

— Nós conhecemos esse processo — disse Royce friamente.

Wyatt ergueu uma sobrancelha.

— Alguma experiência negativa?

— Já fizemos um trabalho lá — respondeu Hadrian. — Um anão chamado Gravis estava indignado porque seres humanos haviam profanado algo que ele considerava uma obra-prima dos anões. Foi necessário entrar lá para impedir uma sabotagem tramada por ele.

— Vocês entraram em Drumindor? — indagou Wyatt, impressionado. — Pensei que fosse impossível.

— Praticamente — respondeu Royce —, e não fomos devidamente remunerados, considerando as dificuldades que enfrentei.

Hadrian deu uma risada.

— *Você?* Fui eu que quase morri dando aquele pulo. Você ficou lá, pendurado e rindo.

— Como conseguiram entrar? Ouvi dizer que aquilo lá é mais fechado que o bolso de Cornelius DeLur — insistiu Wyatt.

— Não foi fácil — afirmou Royce, resmungando. — Foi naquele serviço que aprendi a odiar os anões. Bem, naquele serviço e... — Ele se calou e esfregou o ombro esquerdo, um tanto absorto.

— Dentro de algumas semanas vai ser lua cheia. Talvez a gente consiga assistir ao espetáculo na volta — comentou Wyatt.

O vigia anunciou velas à vista. Vários navios se agrupavam, valendo-se da segurança da fortaleza, mas estavam tão longe que somente as bujarronas eram visíveis.

— O capitão já deveria ter ordenado a mudança de curso. Estamos chegando perto demais...

— O poder de fogo de Drumindor não chega até aqui, chega? — perguntou Hadrian.

— Não, mas a fortaleza não é o único perigo — observou Wyatt. — Não é seguro, para uma embarcação imperial, navegar por estas águas. Oficialmente, Delgos não está em guerra conosco, mas todo mundo sabe que os DeLurs apoiam os nacionalistas e... bem... acidentes acontecem.



Foi mantido o rumo ao sul. Apenas quando o pontal foi ultrapassado e já estava quase fora do campo de visão o capitão surgiu no convés. Agora sim, ficaria patente o curso do *Tempestade de Esmeralda*.

— Vamos parar, Sr. Bishop! — ordenou ele.

— Inverter a bujarrona! — gritou o capitão-tenente, e os homens entraram em ação.

Era a primeira vez que Hadrian ouvia aquelas ordens, e sentiu-se aliviado porque, na condição de cozinheiro do navio, não lhe cabia executá-las. Não demorou muito até perceber o que estava acontecendo. A inversão fez com que a bujarrona captasse o vento na sua parte anterior. Se as velas da proa e a mezena também fossem invertidas, o navio se deslocava para trás. Visto que elas se mantinham inalteradas, a força do vento se equilibrava entre as velas, e o navio permanecia imóvel sobre a superfície da água.

Após o navio parar, o capitão pediu para ser informado sobre a posição atual da embarcação, em seguida voltou a desaparecer em sua cabine, deixando o capitão-tenente Bishop no convés principal.

— Continuamos sem saber o curso — murmurou Hadrian consigo mesmo.

Ficaram ali parados o resto do dia. Ao pôr do sol, o capitão Seward mandou que tochas fossem acesas no tombadilho; porém, nada mais

escapou dos lábios dele.

Hadrian serviu o jantar: ensopado de carne de porco salgada novamente. Até ele próprio já estava cansado do cardápio, mas as únicas reclamações partiram dos recrutas novatos, ainda não habituados às agruras da vida no mar. Hadrian achava que a maioria dos veteranos devia comer carne de porco salgada e broa até em terra, para não sair da rotina.

— Porque ele é um assassino, é por isso!

Hadrian ouviu Staul gritar quando entrou no porão para servir a última refeição da noite. O tenkin estava meio agachado no centro do dormitório da tripulação. O corpo moreno e tatuado e os músculos definidos ficaram expostos quando ele tirou a camisa. A mão direita segurava uma faca. O punho esquerdo estava envolto num pedaço de pano. O peito arfava, tamanho era seu nervosismo, e ele exibia um sorriso ensandecido nos lábios e um brilho sinistro no olhar.

Diante de Staul estava Royce.

— Ele matou Edgar Drew. Todo mundo sabe disso. Agora ele é que deve morrer, certo?

Royce mantinha uma postura descontraída, as mãos entrelaçadas à frente do corpo como se fosse um dos espectadores, a não ser pelo fato de que seus olhos não se desviavam da faca. Royce seguia a faca como um gato segue o movimento de um pedaço de barbante. Hadrian não precisou de mais que um segundo para descobrir por quê. Staul segurava a faca pela lâmina. Por intuição, Hadrian correu os olhos pelo recinto e viu Bernie Defoe atrás e à esquerda de Royce, com uma das mãos escondida nas costas.

Por uma fração de segundo, Staul desviou a atenção que Hadrian mantinha em Royce, mas Hadrian percebeu quando ele transferiu o peso do corpo para a perna de trás e alimentou a esperança de que seu amigo também houvesse percebido. No segundo seguinte, Staul lançou a faca. A lâmina voou com perfeita exatidão, no entanto Royce já não estava no

mesmo local quando ela chegou, e a ponta ficou cravada num dos pilares do convés.

Todos os olhares se voltaram para Staul, que se contraiu de raiva e se pôs a praguejar. Hadrian se forçou a ignorar o tenkin e buscou Bernie, que já se deslocara. Detectando o cintilar de uma lâmina em meio ao grupo, Hadrian voltou a localizar Bernie, que, esgueirando-se por trás de Royce, atacou. Royce deu meia-volta. Escapando da armadilha, confrontou o velho companheiro de guilda com a lâmina fornecida por Staul. Bernie estancou, hesitou, então recuou, desaparecendo no meio das pessoas. Hadrian duvidava de que qualquer um dos presentes houvesse notado a participação de Bernie.

— Ah! Você dança bem! — exclamou Staul, rindo. — Isso é ótimo. Quem sabe na próxima vez você não escorrega, hein?

Passado o momento de tensão, o grupo começou a se dispersar. Enquanto o faziam, Jacob Dering murmurou, num tom de voz suficientemente alto para todos ouvirem:

— É bom saber que não sou o único que acha que ele matou o pobre Drew.

— Royce — chamou Hadrian, mantendo o olhar fixo em Jacob. — É melhor você ir comer no convés, porque lá está um pouco mais fresco.



— Foi interessante — comentou Hadrian depois que os dois chegaram à cozinha e fecharam a porta.

— O quê? — perguntou Poe, retirando da caçarola o restante do ensopado, a ser servido aos aspirantes.

— Ah, nada, não. É que alguns marujos tentaram matar Royce.

— O quê? — Poe quase deixou a chaleira cair no chão.



— Agora já posso matar alguém? — perguntou Royce, indo até o canto e encostando as costas à parede. A expressão em seu semblante era maldosa.

— Quem tentou matá-lo?

— Bernie — respondeu Royce. — Então, o que devo fazer agora? Ficar acordado a noite toda, esperando que ele e os parceiros venham me esfaquear?

— Poe, é possível Royce e eu dormirmos aqui?

— Na cozinha? Acho que sim. Não vai ser muito confortável, mas, se Royce não se atrasar para a vigília, e se você disser ao Sr. Bishop que Royce vai ajudá-lo no preparo do que vai ser servido, talvez ele deixe.

— Ótimo, vou fazer isso. Enquanto vou falar com ele, Poe, você pode ir lá embaixo e pegar duas redes para a gente pendurar aqui? Royce, você pode improvisar uma fechadura para essa porta?

— É melhor do que servir de isca.



Royce trabalhou em duas vigílias seguidas, o que o manteve no tombadilho superior, desde o pôr do sol até a meia-noite. Quando voltou, Hadrian já havia obtido permissão para que dormissem na cozinha. Poe trouxera para cima os poucos pertences da dupla e pendurara duas redes entre as paredes do pequeno recinto.

— Como ficou isso aí? — perguntou Royce, entrando na cozinha escura e se deparando com Hadrian deitado numa das redes.

— Hein? — perguntou ele, acordando. — Ah, ficou bom, eu acho. Mas o espaço é estreito demais para mim. Tenho a sensação de estar sendo dobrado ao meio; mas para você acho que vai ficar melhor. Como foi a vigília? Você viu Defoe?

— Não desgrudei os olhos do velho Bernie — declarou ele, com um sorriso forçado e se esquivando de uma panela pendurada numa viga do teto.

Hadrian sabia que Royce tinha arrumado um jeito de se vingar de Bernie. Se havia um lugar no qual Royce desfrutaria de franca vantagem, esse lugar seria a 30 metros de altura, quando ele estivesse pendurado em vigas e cabos na escuridão da noite. Hadrian mudou de posição e sua rede balançou.

— O que você fez?

— Na verdade, não fiz nada, e foi isso que deixou Bernie maluco. Ele deve estar suando até agora.

— Quer dizer que ele reconheceu você?

— Ah, sim, e parecia que havia duas luas esta noite, de tão pálida que estava a cara dele.

Royce verificou as cordas e os ganchos da rede armada por Poe e pareceu aprovar o trabalho.

— Para ser sincero, estou surpreso com o fato de Bernie não ter caído lá de cima... acidentalmente — comentou Hadrian.

Royce balançou a cabeça.

— Dois acidentes no mastro em que eu trabalho seriam um erro de planejamento. Além disso, Bernie não estava tentando me matar.

— Não foi o que pareceu do meu ponto de vista. E a coisa teve jeito de ter sido premeditada.

— Você acha? — perguntou ele, sentando-se no caixote de broas que Poe trouxera para o café da manhã a ser servido no dia seguinte. — Eu não teria feito desse jeito. Primeiro, por que provocar a briga num local cheio de testemunhas? Se eles tivessem me matado, seriam enforcados. Segundo, por que me atacariam lá embaixo? Como já disse, o mar é o local perfeito para se livrar de um corpo, e quanto mais perto da amurada você levar a vítima, mais fácil a coisa se torna.

— Então o que acha que eles pretendiam?

Royce contraiu os lábios e meneou a cabeça.

— Não faço a menor ideia. Se fosse para nos distrair enquanto alguém roubava os nossos pertences, por que não teriam nos mantido lá em cima, no convés? Aliás, por que tentariam nos distrair? Não faltaram oportunidades para mexer nas nossas coisas quando estávamos no convés principal.

— Você acha que foi só para nos intimidar?

— Se foi, não foi ideia de Bernie. Ameaçar me matar e não cumprir a ameaça seria notoriamente fatal. Ele saberia disso.

— Então foi Dering que os instigou?

— Talvez, mas... Não sei. Dering não me parece o tipo de pessoa de quem Bernie receberia ordens, sobretudo ordens tão idiotas.

— Faz sentido. Então, nesse caso...

Um baque surdo, como o de mais um corpo se chocando contra o tombadilho, fez com que os dois se levantassem. Hadrian abriu a porta da cozinha e, com toda cautela, olhou o exterior. Havia um grupo de vigília; mas, em vez da típica rotina de vigiar e cochilar, eles estavam trabalhando com afinco, participando de um exercício. Tinham retirado o escaler e já o baixavam pela lateral do navio, onde ele voltou a se chocar contra a amurada antes de atingir o mar.

— Que hora estranha para um exercício com o barco salva-vidas — disse Wyatt, saindo do abrigo do castelo de proa e indo em direção a eles.

— Não conseguiu dormir? — perguntou Royce.

Wyatt fez brilhar um sorriso.

— Vejam só quem mais está na vigília — falou ele, apontando para o convés, onde a sentinela Thranic, o Sr. Beryl, o Dr. Levy e Bernie Defoe conversavam.

Circundando o castelo, correram até a proa. Olhando por cima da amurada, Hadrian viu seis homens remando em direção a uma luz próxima.

— Outro navio — murmurou Royce.

— É mesmo?

— Uma escuna pequena, de um mastro. Sem bandeira.

— Tem alguma coisa dentro do escaler? — perguntou Hadrian. — Se aquele pagamento estiver indo para...

Royce balançou a cabeça.

— Só os remadores.

Eles se mantiveram calados enquanto o barulho dos remos diminuía, então aguardaram. Hadrian se esforçava para enxergar na escuridão, mas via somente a luz oscilante do pequeno barco e outra luz, que sinalizava o rumo dele.

— O barco já está voltando — anunciou Royce. — E agora tem uma cabeça a mais.

Wyatt semicerrou os olhos.

— Quem seria esse passageiro, embarcando em Delgos na calada da noite?

Observaram o regresso do escaler. Conforme Royce dissera, havia mais um homem. Embrulhado num cobertor, era um sujeito baixo e magro com rosto comprido e pálido e uma desgrenhada cabeleira branca. Parecia muito velho, velho demais para ser útil como marinheiro. Subindo a bordo, ele conversou, durante bastante tempo com Thranic e o Dr. Levy. Os pertences do idoso foram trazidos e depositados ao lado dele. Um dos sacos virou e dois livros pesados, encadernados em couro, escorregaram pelo tombadilho.

— Cuidado, menino — disse o velho, advertindo o marujo. — Esses livros são únicos e, assim como eu, são muito velhos e frágeis.

— Pegue as coisas dele e leve tudo para a cabine do Dr. Levy — ordenou Thranic. Olhando de relance para a proa, ele parou de súbito. Em seguida, de olhos arregalados, aproximou-se lentamente, embrulhado na capa preta e com os ombros erguidos para proteger o pescoço diante do vento. A

postura, somada às costas encurvadas, emprestava-lhe a aparência de uma ave de rapina.

— O que vocês estão fazendo no convés? Nenhum de vocês está de vigília.

— De fato, estamos fora de serviço, senhor — respondeu Wyatt em nome de todos. — Aproveitando o ar fresco.

Thranic olhou para Hadrian e deu um passo em sua direção.

— Você é o cozinheiro, não é?

Sem se dar conta, Hadrian apalpou o quadril, em busca do cabo da espada ausente. Algo na sentinela o deixava tenso. Sentinelas eram sempre assustadoras, mas Thranic era de gelar os ossos. Encará-lo era como olhar nos olhos de uma loucura contida.

— Você embarcou com... — Os olhos de Thranic se desviaram para Royce. — Esse aí... sim... o sujeitinho ágil... o que é bom de subir pelos cabos. Como é o seu nome? Melborn, não é? Royce Melborn? Ouvi dizer que você estava mareado. Que estranho...

Royce ficou calado.

— Muito estranho mesmo.

— Sentinela Thranic? — chamou o velho, sua voz fraca mal cruzando o convés. — Eu gostaria de sair logo desse vento úmido, se possível — disse ele, tossindo.

Thranic encarou Royce por mais um instante, então deu uma brusca meia-volta e se retirou.

— É o tipo de sujeito pelo qual ninguém deseja ser notado, não é? — comentou Wyatt.

Após o escaler ser içado de volta a bordo, o capitão apareceu no tombadilho e determinou o novo curso — direto a leste, contra o vento.

## CAPÍTULO 9

### ELLA



– Mais uma mensagem de Sir Breckton, senhor — anunciou o funcionário, entregando um pequeno pergaminho ao conselheiro imperial.

O ancião voltou à escrivaninha em seu pequeno gabinete e leu a nota. Uma careta surgiu em seu rosto.

— O homem é incorrigível! — exclamou o conselheiro consigo mesmo, então pegou um pergaminho novo e molhou o bico da pena.

A porta se abriu repentinamente e ele deu um salto.

— Você não sabe bater?

— Desculpe, Biddings. Eu o assustei? — perguntou o conde de Chadwick, entrando com seu belo e esvoaçante manto comprido. Ele trazia um par de luvas brancas pendurado sobre o antebraço e mordida uma maçã vermelha.

— Você está sempre me dando sustos. Acho que você sente um prazer sádico com isso.

Archibald sorriu.

— Eu vi a mensagem chegar. Alguma notícia do *Tempestade de Esmeralda*?

— Não, esta aqui veio de Breckton.

— De Breckton? O que ele quer? — questionou Archibald, sentando-se numa poltrona em frente ao conselheiro e apoiando os pés sobre uma banquetta.

— Não importa quantas vezes eu disser para esperar e ter paciência, ele se recusa a assimilar que nós sabemos mais do que ele. Breckton solicita permissão para atacar Ratibor.

Archibald suspirou.

— De novo? Acho que agora você está vendo o que tenho enfrentado nesses últimos anos. Ele e Enden são tão teimosos que eu...

— Eram — corrigiu o conselheiro. — Sir Enden morreu em Dahlgren.

Ballentyne fez que sim.

— E não foi uma pena a morte de um homem tão bom? — Ele deu mais uma mordida e, com a boca ainda cheia, prosseguiu: — Você quer que eu escreva a ele? Afinal, é um dos meus cavaleiros.

— Seria útil poder dizer *por que* ele não precisa atacar.

Archibald balançou a cabeça.

— Saldur e Ethelred ainda fazem questão de manter sigilo a respeito do...

O conselheiro ergueu a mão, interrompendo-o. Archibald ficou um tanto confuso e o conselheiro apontou para a faxineira, que naquele momento estava ajoelhada, esfregando o piso próximo às janelas do gabinete.

Archibald arregalou os olhos.

— Ah, por favor. Você acha mesmo que a faxineira é uma espiã?

— Prefiro sempre errar por excesso de cautela. Ela não precisa ser uma espiã para fazer com que você acabe enforcado por traição.

— Ela nem sabe do que estamos falando. Além disso, olhe só para ela. É improvável que saia pelas tavernas contando vantagem. Você não costuma

sair à noite, contando vantagem, de taverna em taverna, não é, garota?

Ella balançou a cabeça, sequer erguendo os olhos, por isso seus cabelos castanhos, molhados de suor e embaraçados continuaram a esconder o rosto dela.

— Viu? — disse Archibald em tom de acerto de contas. — É o mesmo que se preocupar com a poltrona ou com o sofá daqui do gabinete.

— Estava me referindo a um perigo mais sutil — disse Biddings. — Se acontecer alguma coisa, algo que atrapalhe e faça o plano fracassar, alguém vai ser o bode expiatório. Nesse caso, seria uma sorte descobrir que um conde falastrão havia revelado detalhes diante de uma reles faxineira.

O sorriso forçado de Archibald desapareceu imediatamente.

— O terceiro filho de um barão desonrado não alcança o cargo de conselheiro imperial se for um imbecil — afirmou Biddings.

— Você tem razão — concordou Archibald, agora olhando para a faxineira com uma expressão de asco. — É melhor eu voltar logo para o gabinete de Saldur antes que ele procure por mim. Francamente, Biddings, estou começando a detestar a estadia neste palácio.

— Ela ainda não o recebeu?

— Não. Eu não consigo passar pela secretária. Aquela Lady Amilia é muito esperta. Ela se faz de inocente e de mansa, mas protege a imperatriz com uma obstinação implacável. E Saldur e Ethelred têm sido imprestáveis. Insistem que ela pretende se casar com Ethelred. Só pode ser mentira. Não consigo imaginar Modina querendo aquele burro velho.

— Sobretudo quando pode ter um potro como você?

— Exatamente.

— E suas intenções decorrem de puro amor, é claro. Nem passa pela sua cabeça o fato de que, desposando Modina, você seria imperador?

— Para o terceiro filho de um barão que chegou ao cargo de conselheiro imperial, você me surpreende com essa pergunta.



— Archie! — ecoou a voz do regente Saldur pelo corredor de acesso ao gabinete.

— Estou aqui, com Biddings! — gritou Archibald através da porta aberta. — E não me chame de... — Archibald foi interrompido pelo movimento brusco da faxineira, que saiu correndo de dentro do gabinete com o balde na mão. — Pelo jeito ela gosta tão pouco de Saldur quanto eu.



Arista havia derramado a água suja do balde na saia, e o tecido áspero agora grudava em suas pernas. As solas dos sapatos de pano provocavam uns estalidos desagradáveis enquanto ela avançava pelo corredor. O som da voz de Saldur fez com que corresse mais rapidamente.

Tinha sido por pouco, mas ela se perguntava se Saldur, que a conhecia desde que nascera, seria capaz de reconhecê-la agora. Não havia qualquer magia envolvida em sua transformação, mas isso não a tornava menos convincente. Ela vestia farrapos sujos, não usava maquiagem alguma e seus cabelos, outrora lustrosos, viviam desgrenhados. Tinham ficado mais claros, descoloridos pelo mesmo sol que bronzeara a pele dela. Contudo, a transformação ia além da aparência física. Arista havia mudado. Às vezes, ao contemplar o próprio reflexo, era preciso um instante para ela se dar conta de estar vendo a si mesma, e não uma pobre lavradora. A jovem de olhar cintilante havia desaparecido, e um espírito sombrio e melancólico possuía seu corpo sofrido.

Mais do que qualquer outra coisa, o mero absurdo da situação era a melhor defesa. Ninguém acreditaria que uma princesa superprotegida e mimada se prestasse a esfregar o chão do palácio do inimigo. Ela achava que nem mesmo a mente de Saldur teria a amplitude necessária para expor a ilusão. Mesmo que algumas pessoas pensassem que seu rosto era familiar —

o que parecia ser o caso de muita gente —, a imaginação delas simplesmente não abarcaria tal suposição. Pensar que Ella, a faxineira, fosse a princesa de Melengar era tão ridículo quanto a ideia de que porcos falavam ou que Maribor não fosse deus. Tal suposição exigia uma mente aberta a novas possibilidades, e ninguém no palácio se encaixava nessa descrição.

A única pessoa com a qual ela se preocupava, além de Saldur, era a secretária da imperatriz. Ela não era como os demais. Prestava atenção em Arista. Amilia olhava para ela com desconfiança. Evidentemente, Saldur havia cercado a imperatriz com o que havia de melhor e de mais sagaz, e Arista fazia o possível para evitá-la.

Na estrada ao norte de Ratibor, Arista havia se deparado com um bando de fugitivos que seguiam para Aquesta e que ali tinham chegado havia quase um mês. Um feitiço de localização a levava diretamente ao palácio. Depois disso, as coisas ficaram mais complicadas. Se confiasse mais na própria magia, em sua habilidade de fazer uso dela, talvez houvesse regressado imediatamente a Melengar, levando a notícia de que Gaunt estava preso no palácio imperial. Mas a questão era que queria vê-lo. Então conseguiu o trabalho de faxineira, na esperança de recorrer novamente ao feitiço de localização quando estivesse no interior dos muros do palácio, mas a coisa não estava funcionando. Sempre vigiada pela governanta, Edith Mon, Arista raramente dispunha de tempo livre e privacidade suficientes para lançar a magia. Nas poucas vezes em que conseguira tentar, a fumaça tinha indicado uma direção, mas o labirinto de corredores a impedia de prosseguir. Frustrada em suas tentativas de empregar magia, Arista passou a escutar atrás de portas e janelas, no intuito de descobrir o paradeiro de Gaunt, ao mesmo tempo que aprendia a se deslocar pelo palácio.

— O que você fez agora? — gritou Edith Mon, ao entrar na copa.

Arista não fazia ideia de como era um diabrete, mas imaginava que fosse algo semelhante a Edith Mon. Era baixinha e troncuda. Sua cabeçorra se apoiava sobre os ombros como um grande seixo, esmagando qualquer

resquício de pescoço que ainda lhe sobrasse. Seu rosto, manchado e marcado pela varíola, era o fundo perfeito para o nariz achatado e as narinas arreganhadas através das quais ela respirava ruidosamente, sobretudo quando estava enfurecida, o que era o caso naquele momento.

Edith arrancou o balde da mão de Arista.

— Mulherzinha desastrada! Reze para só ter derramado água em você. Se eu souber que deixou uma poça de água suja no corredor...

Edith ameaçara espancá-la em três ocasiões, mas fora impedida em todas elas — duas vezes pelo cozinheiro. Arista não sabia qual seria sua reação se a coisa chegasse a tal ponto. Esfregar o chão era diferente de se deixar espancar por uma velha rabugenta. Se Arista fosse provocada, Edith talvez descobrisse que a nova faxineira era mais do que ela pensava. De vez em quando, Arista se divertia, perguntando-se que feitiço seria mais adequado à velha Edith. Naquele momento, ela ponderava sobre as vantagens de vermes subcutâneos, mas se limitou a perguntar:

— A senhora ainda vai precisar de mim hoje?

A velha arregalou os olhos.

— Ah! Mas você se acha mesmo importante, não é? Você se acha melhor do que a gente, que o seu traseiro tem aroma de rosas! Pois saiba que não tem! Você nem tem família. Eu sei que você mora naquele beco com os outros refugiados. Basta um sorrisinho para você começar a ganhar a vida como prostituta; portanto, se estivesse no seu lugar, tomaria cuidado, doçura!

Risadinhas soaram de várias outras criadas presentes na cozinha. Alguns empregados desafiavam a ira de Edith, ousando interromper o trabalho para assistir à cena. Todas as copeiras, faxineiras e arrumadeiras se reportavam a Edith. Os demais, como o açougueiro, o padeiro e o copeiro, reportavam-se a Ibis Thinly, mas ficaram do lado de Edith; afinal, Ella era a *novata*. Na rotina de quem trabalhava naquela copa, assistir à punição dos outros significava entretenimento.

— Isso quer dizer sim ou não? — indagou Arista com toda a calma.

Os olhos de Edith se apertaram com uma expressão ameaçadora.

— Não. Mas amanhã você vai começar limpando todos os penicos deste palácio. E preste atenção: não é só esvaziar; quero que esfregue um por um.

Arista fez que sim e se adiantou, passando por ela. Ao fazê-lo, sentiu sobre a cabeça um jato de água fria, pois Edith despejara o balde sobre ela.

Todos na copa caíram na risada.

— Pena não ser água limpa. Você bem que precisava de um banho — disse Edith em meio a uma gargalhada.

A baderna foi interrompida abruptamente, pois Ibis surgiu, vindo do porão.

— O que está havendo aqui? — A voz retumbante do cozinheiro atraiu a atenção geral.

— Nada, Ibis — respondeu Edith. — Estou treinando uma das minhas meninas, só isso.

O cozinheiro viu Arista no meio de uma poça de água, encharcada da cabeça aos pés. Os cabelos escorriam pelo rosto dela, pingando água suja. O vestido estava ensopado, e o tecido colara em seu corpo indecentemente, obrigando-a a cruzar os braços por cima dos seios. Ibis franziu o cenho para Edith.

— O que foi, Ibis? — disse Edith com um sorriso falso. — Não gostou do meu método de treinamento?

— Não, não gostei, não. Por que você sempre trata as moças desse jeito?

— O que você vai fazer? Pôr Ella embaixo da asa, como fez com aquela vadia, Amilia? Quem sabe essa aqui não se torne arcebispa!

Outra gargalhada geral.

— Cora! — bradou Ibis. — Pegue uma toalha de mesa para Ella se cobrir.

— Cuidado, Ibis. Se ela estragar a toalha, o lorde camareiro vai vir em cima de você.

— E se Amilia souber que você a chamou de vadia, talvez você seja decapitada.

— Aquela impostorazinha não tem coragem de me fazer mal.

— É possível — ponderou o cozinheiro —, mas agora ela é um *deles*, e aposto que, se algum nobre souber que você insultou alguém da nobreza... Bem, a coisa pode ser levada como algo pessoal.

O sorriso falso de Edith desapareceu, assim como desapareceram as risadas. Cora voltou com uma toalha de mesa, a qual foi dobrada por Ibis duas vezes antes de cobrir os ombros de Arista.

— Espero que você tenha outro vestido em casa, Ella. Vai fazer frio esta noite.

Arista agradeceu antes de se retirar da copa. Já estava escuro e, conforme Ibis previra, fazia frio. O outono havia avançado, e o ar noturno provocou um choque em seu corpo molhado. O pátio do castelo estava quase vazio, e apenas alguns carroceiros arrastavam seus veículos através do portão principal. Um pajem passou correndo entre os estábulos e a torre, levando uma braçada de lenha, porém a maioria das atividades típicas do pátio havia cessado. Ela passou pelos portões, sendo ignorada pelos guardas conforme ocorria todas as noites. No instante em que chegou à ponte e deixou a proteção das muradas da torre, a força total do vento se fez sentir. Arista trincou o maxilar para conter o choro, envolvendo o corpo com os braços, já vermelhos de frio, e tremendo tanto que mal conseguia andar.

*Não, vermes subcutâneos, não. Algo muito pior.*

— Ah, minha querida! — exclamou a Sra. Barker, correndo ao encontro de Arista quando ela entrou no beco Brisbane. — O que aconteceu, menina? Não me diga que foi aquela Edith Mon, novamente?

Arista fez que sim.

— O que foi dessa vez?

— Eu derramei um pouco da água do balde.

A Sra. Barker balançou a cabeça e suspirou.

— Ora! Venha para perto do fogo e tente se secar, antes que pegue um resfriado mortal.

Ela levou Arista até o fogão. Em Aquesta, o beco Brisbane era literalmente o fim da estrada, uma ruela de terra situada atrás do curtume que pertencia a Breckton, onde o fedor do couro curtido mantinha todos a distância, exceto os mais desesperados. Os recém-chegados que não possuíam dinheiro, parentes ou conhecidos costumavam se alojar ali. Os mais sortudos se amontoavam embaixo de lonas, ou das carroças nas quais haviam chegado. Os demais simplesmente se encostavam à parede do curtume, tentando se proteger do vento enquanto dormiam. Esse tinha sido o caso de Arista — isto é, até ser adotada pelos Barker.

Brice Barker trabalhava nas ruas da cidade, anunciando produtos por sete moedas de cobre por dia. Tudo o que ele ganhava era destinado à compra de alimentos para os três filhos e a esposa. Lynnette Barker aceitava toda e qualquer costura que aparecesse. Quando o tempo esfriou, ofereceram a Arista um lugar embaixo da carroça. Ela os conhecia havia poucas semanas, mas já os estimava como a própria família.

— Tome, Ella — ofereceu Lynnette, trazendo-lhe um velho vestido, pouco mais do que um farrapo, gasto e roto ao longo da barra.

Lynnette trouxe também o manto de Esrahaddon. Arista dobrou a esquina e trocou a roupa molhada. O vestido emprestado por Lynnette não isolou o frio, mas o manto eliminou a friagem instantaneamente, propiciando um calor constante.

— Esse manto é mesmo maravilhoso, Ella — comentou Lynnette, admirada pela luz da fogueira fazer o manto brilhar e refletir cores. — Onde você o conseguiu?

— Um... amigo deixou este manto para mim quando morreu.

— Ah, lamento — disse ela com tristeza. Em seguida, sua expressão se alterou, passando da tristeza à preocupação. — A propósito, um homem esteve aqui procurando por você.

— Um homem? — perguntou Arista enquanto dobrava a toalha de mesa. Se qualquer coisa acontecesse com a toalha, Edith obrigaria Ibis a pagar pelo prejuízo.

— Sim, hoje mais cedo. Ele encontrou Brice trabalhando na rua e falou com ele. Disse que estava procurando uma jovem. Ele descreveu você com perfeição, embora, por mais estranho que pareça, não soubesse o seu nome.

— Como ele era? — Arista tinha esperança de que a preocupação não transparecesse em sua voz.

— Pois é... — Lynnette hesitou. — Essa é a questão. Ele usava um capuz escuro e tinha um cachecol enrolado no rosto; por isso Brice não conseguiu ver muito bem.

Arista se embrulhou no manto.

*Ele está aqui? O assassino conseguiu me localizar?*

Lynnette percebeu a mudança no semblante de Arista e indagou:

— Você está metida em alguma encrenca, Ella?

— Brice disse a ele que moro aqui?

— Não, claro que não. Brice é muita coisa, mas não é bobo.

— Ele disse como se chamava?

Lynnette balançou a cabeça.

— Você pode perguntar a Brice quando ele voltar. Ele e Wery saíram para comprar farinha. Vão voltar logo.

— Por falar nisso — falou Arista, pescando algumas moedas de um bolso do vestido molhado —, tenho aqui três moedas de cobre. Fui paga hoje de manhã.

— Ah, não. Não podemos...

— Claro que podem! Vocês me deixam dormir embaixo da carroça e vigiam as minhas coisas enquanto estou trabalhando. Vocês até me alimentam.

— Mas três! Isso é todo o seu pagamento, Ella. Você não vai ficar com nada.

— Eu me viro. Eles às vezes me servem uma refeição lá no palácio, e minhas necessidades são muito simples.

— Mas você vai precisar de um novo vestido, e de sapatos quando o inverno chegar.

— E os filhos de vocês também... e vocês não vão conseguir comprar roupas e sapatos sem essas três moedas de cobre toda semana.

— Não, não... não podemos aceitar. É muita bondade sua, mas...

— Mãe! Mãe! Depressa! É Wery! — Finis, o primogênito dos Barker, surgiu correndo e gritando pela rua.

Ele parecia assustado e estava com os olhos cheios de lágrimas. Lynnette levantou a barra da saia e correu; Arista foi atrás dela. Seguiram até a avenida Coswall, onde uma pequena multidão tinha se formado em frente à padaria. Abrindo caminho entre os curiosos, elas viram um menino inconsciente, estirado sobre o calçamento de pedras.

— Ah, meu bom Maribor! — gritou Lynnette, caindo de joelhos ao lado do filho.

Brice estava ajoelhado no chão, segurando Wery nos braços. As mãos e a túnica de Brice estavam encharcadas de sangue. Os olhos do menino estavam fechados e os cabelos emaranhados pareciam ensopados de tinta, tinta vermelha.

— Ele caiu do sótão da padaria — respondeu Finis, com voz trêmula, à pergunta que não tinha sido formulada. — Estava descendo com uma daquelas sacas pesadas, porque o padeiro disse que nos venderia duas xícaras pelo preço de uma se ele trouxesse a saca. O pai e eu dissemos para ele esperar pela gente, mas ele correu lá para cima, como sempre faz... Ele fez *muita* força. O máximo que pôde, então as mãos dele escorregaram. Ele tropeçou para trás e... — Finis falava com pressa, elevando o tom aos poucos, até que a voz falhou e ele se deteve.

— Bateu a cabeça nas pedras do calçamento — declarou um estranho, de avental branco e segurando uma lanterna. Arista achou que talvez fosse o



padeiro. — Sinto muito. Nunca pensei que o menino fosse se machucar.

Lynnette ignorou o homem e arrancou o filho dos braços do marido, apertando Wery contra os seios. Começou a niná-lo, como se fosse um recém-nascido.

— Acorde, querido — sussurrou ela com ternura. Lágrimas caíram nas faces ensanguentadas de Wery. — Por favor, filho, pelo amor de Maribor... Por favor, acorde! Por favor, ah, por favor...

— Lynn, querida... — começou a dizer Brice.

— *Não!* — gritou ela, e abraçou o menino com mais vigor.

Perplexa, Arista contemplava a cena, a garganta apertada e os olhos tão cheios de lágrimas que mal conseguia enxergar. Wery era um menino maravilhoso, brincalhão e amável. Fazia com que ela se lembrasse de Fanen Pickering, o que tornava a situação ainda pior. Mas Fanen morrera com a espada na mão, e Wery tinha apenas 8 anos e, em sua curta vida, provavelmente jamais tocara numa arma. Ela não conseguia entender por que coisas assim aconteciam com pessoas boas. Lágrimas escorriam por suas faces enquanto ela via a pequena figura do menino morrendo nos braços da mãe.

Arista fechou os olhos para conter as lágrimas. Quando voltou a abri-los, notou que diversas pessoas que estavam na aglomeração se afastavam dela.

Seu manto cintilava.

Emitindo uma luz pálida, o tecido brilhante irradiava sobre as pessoas ao redor uma luminosidade branca e misteriosa. Lynnette viu a luz e seu rosto se encheu de esperança.

Ela olhou para Arista, um olhar suplicante.

— Você... Você pode salvá-lo? — perguntou ela, com lábios trêmulos e olhos desesperados. Arista começou a pronunciar a palavra *não*, mas Lynnette prosseguiu: — Você pode! — insistiu ela. — Eu sei que pode! Sempre notei que havia algo diferente com você. O jeito como fala, o jeito como age. O fato de você se esquecer do próprio nome, e esse... *esse manto!*

Você pode salvá-lo. Eu sei que pode. Ah, por favor, Ella. — Lynnette fez uma pausa e engoliu em seco, tremendo com tamanha intensidade que a cabeça de Wery chegava a balançar. — Ah, Ella, eu sei... eu sei que isso vale muito mais do que três moedas de cobre, mas é o meu filhinho! Você vai ajudá-lo, não vai? Por favor... Ah, por favor, Ella!

Arista não conseguia respirar. Sentia a pressão do sangue pulsando nos ouvidos e seu corpo inteiro tremia. Todos a observavam em silêncio. Até Lynnette parou com suas súplicas. Arista se surpreendeu dizendo, através dos lábios trêmulos:

— Estire o menino no chão.

Com cuidado, Lynnette estendeu o menino, os membros inertes e a cabeça caída de lado. O sangue continuava a verter do ferimento.

Arista se ajoelhou ao lado dele e encostou uma das mãos sobre seu peito. Ele ainda respirava, mas era uma respiração curta, extremamente débil. Fechando os olhos, ela começou a entoar um cântico. Ouviu murmúrios de preocupação vindos de alguns dos presentes, mas, um a um, ela se abstraiu deles. Podia sentir a pulsação do coração dos homens e das mulheres que a cercavam, e também se abstraiu de tal percepção. Concentrou-se no barulho do vento, que soprava com serenidade e ternura, rodopiando entre as construções do outro lado da rua, correndo pelas pedras. Sentiu o cintilar das estrelas e o sorriso da lua acima. Sua mão tocava o corpo do menino, mas seus dedos sentiam as cordas do instrumento que ela queria tocar.

A brisa leve se tornou mais forte. O rodopio se transformou em redemoinho; o redemoinho, em vendaval; e o vendaval, em tornado. Seus cabelos se agitavam loucamente, mas ela mal percebia. Diante dela surgiu um vazio e, mais ao longe, uma luz. Ela pôde vê-lo em meio à escuridão, uma silhueta opaca contra a luz forte, cada vez menor à medida que se afastava. Ela o chamou pelo nome. Ele parou. Ela tangeu algumas cordas e a silhueta se voltou. Então, com todas as suas forças, Arista bateu palmas e ouviu-se o som de uma trovoadas.

Quando abriu os olhos, a luz que emanava do manto havia apagado e a multidão irrompera em aplausos.

## CAPÍTULO 10

# ESTRELA CADENTE



– Vela à vista! — gritou o vigia, do topo do mastro principal.

O *Tempestade de Esmeralda* estava fora de Aquesta havia duas semanas, singrando as águas plácidas do mar de Ghazel. O vento seguia soprando do sudoeste. Desde o momento em que contornaram o chifre de Delgos, a jornada tinha sido lenta. O navio lutava para avançar contra o vento de proa. O Sr. Temple mantinha a tripulação do convés ocupada, cuidando dos cabos, lutando com o vento e mantendo o curso por meio de um leve zig-zague, mas Hadrian achava que, se caminhasse com rapidez, um homem poderia avançar mais rápido.

Era o meio da manhã e os marinheiros que não estavam em serviço junto às velas ou trabalhando na navegação do barco se ocupavam esfregando o tombadilho, usando blocos de arenito, ou então enxugando as tábuas recém-esfregadas. Todos os aspirantes estavam no convés principal, sendo instruídos sobre navegação pelo capitão-tenente Bishop. Hadrian ouviu o

grito do vigia no momento em que voltava para a cozinha, depois de servir a carne de porco que fora cozida na noite anterior. Caminhando a bombordo, avistou um pequeno quadrado branco na linha do horizonte. Imediatamente, Bishop interrompeu a instrução e pegou uma luneta a fim de fazer a própria observação, em seguida enviou um aspirante à cabine do capitão. Ele veio tão prontamente que ainda ajustava o chapéu quando surgiu no convés. Deteve-se por um instante, ajeitou o uniforme e farejou o ar, enrugando o nariz.

— Fale, vigia! — gritou ele, voltando-se para o topo do mastro.

— Dois navios, à proa e à bombordo, senhor!

Hadrian olhou novamente e, conforme a informação do vigia, uma segunda vela era agora visível acima da linha do horizonte.

— O dianteiro tem duas velas quadradas... Parece ser um lúgar. O mais distante... Estou vendo duas velas triangulares, um tombadilho só; é possível que seja uma tartana. Velejam a favor do vento e se aproximam com velocidade, senhor.

— Qual é a bandeira deles?

— Não dá para ver, senhor. O vento está soprando as bandeiras apontadas para nós.

Hadrian viu os navios se aproximando e ficou impressionado com a velocidade desenvolvida por eles. Já estavam completamente visíveis.

— Isso pode ser encrenca — comentou Poe.

Hadrian estava tão atento aos navios que não notara a chegada do assistente. Magro como um caniço, ele amarrava a fita preta no rabo de cavalo e contemplava as embarcações.

— O que você disse?

— Aquelas velas vermelhas...

Hadrian voltou a olhar para o oceano.

— Qual seria o problema?

— Só os dacca têm velas vermelhas, e são piores do que qualquer pirata.

— Toque de reunir, Sr. Bishop — ordenou o capitão.

— Todos a postos! — gritou o capitão-tenente. — Toque de reunir!

Hadrian ouviu o rufar de um tambor, enquanto o contramestre e seus subordinados percorriam o convés. Os aspirantes, cada um em seu posto, gritavam ordens aos seus inferiores.

— Vamos! — disse Poe a Hadrian.

Havia uma pilha de briquetes de carvão no centro coberto do castelo de proa. Hadrian os acendeu, utilizando brasas retiradas do fogão da cozinha assim que o tombadilho foi encharcado com água do mar. Em volta do convés, arqueiros passavam óleo em suas flechas. Marujos trouxeram dezenas de baldes contendo água do mar, e dezenas de baldes com areia, posicionando-os em torno do navio. Em poucos minutos tudo estava pronto para a batalha; então ficaram à espera.

Os navios agora estavam mais perto, e maiores, porém suas bandeiras continuavam indecifráveis. O *Tempestade* permaneceu num silêncio sepulcral, os únicos sons produzidos pelo vento, pelas ondas e pelo ranger do casco. Uma lufada aleatória estendeu a bandeira do lúgar.

— É o galhardete de Cális, senhor! — gritou o vigia.

— Sr. Wesley — disse o capitão, dirigindo-se ao aspirante, posicionado no convés principal. — O senhor estudou a linguagem de sinais?

— Sim, senhor.

— Pegue um espelho e suba. Sr. Wesley, informe o nosso nome e solicite o deles.

— Pois não, senhor.

Ninguém mais se mexia ou falava. Todos os olhares se concentravam na embarcação que se aproximava.

— O barco dianteiro é o *Estrela Brillhante*. O de trás é... — Wesley titubeou. — O de trás não está respondendo, senhor.

— Dois pontos a bombordo! — gritou o capitão, bruscamente, e Wyatt girou o timão, captando o máximo de vento possível e seguindo direto em

direção ao lúgar. Os homens que manejavam os cabos superiores entraram em ação como uma centena de aranhas, escalando pelos mastros na tentativa de tirar o maior proveito possível do vento.

— Novo sinal do *Estrela Brilhante!* — gritou Wesley. — Navio hostil à popa!

Leves riscos de fumaça cruzaram o céu limpo. A tartana disparou flechas contra o *Estrela Brilhante*, mas os disparos foram muito curtos e caíram no mar, a quase 200 metros da popa.

— Preparar a catapulta da proa! — ordenou o capitão.

Um grupo de homens que estava no castelo de proa começou a girar uma pequena catraca, que por sua vez ergueu uma grande estrutura, colocando-a em posição de disparo. Acenderam mais um braseiro, este diante da balaustrada, e armaram uma flecha incendiária. Voltaram então a esperar, sempre observando a aproximação dos navios.

Todos os detalhes do navio dos dacca eram exóticos. Construído de madeira escura, o casco da embarcação reluzia com arabescos artisticamente pintados com tinta dourada. Havia também uma série de pingentes de cores berrantes. A imagem estilizada de um dragão negro em pleno voo enfeitava a bujarrona vermelha, e o gurupés exibia a cabeça de um monstro aterrador com olhos verde-esmeralda. A tripulação era tão exótica quanto o barco, todos morenos, verdadeiros brutamontes usando apenas trapos vermelhos amarrados à cintura.

Manobrando mal, o *Estrela Brilhante* perdeu o vento e a velocidade. À popa, a tartana se aproximava. Outra saraivada de flechas disparadas pelos dacca riscou o céu fazendo fumaça. Dessa vez, diversas setas atingiram a popa do *Estrela Brilhante*, porém uma flecha certa atingiu a bujarrona, que pegou fogo instantaneamente.

Embora derrotasse o lúgar, a tartana, diante da aproximação do *Tempestade de Esmeralda*, optou por fugir. A embarcação deu meia-volta e Hadrian viu o capitão Seward avaliando a distância, enquanto o *Tempestade*

avançava. A despeito do tempo perdido durante o giro, o barco dos dacca continuou fora do alcance da catapulta.

— Leme a sota-vento! Mantenham o curso! — gritou o capitão. — Atenção com os cabos e as velas!

O *Tempestade de Esmeralda* saiu no encalço da tartana, mas não conseguiu desenvolver a velocidade necessária, carecendo da agilidade da embarcação menor. A tartana era, de fato, mais veloz, e a tripulação do *Tempestade de Esmeralda* teve de se contentar em assistir à fuga da embarcação dos dacca.

Ao constatar que a oportunidade havia sido perdida, o capitão Seward ordenou que o *Tempestade* parasse e que escaleres fossem lançados ao mar. A bujarrona e o mastro do *Estrela Brilhante* ardiam em uma tocha gigantesca. As amarras se romperam, e os gritos dos homens anunciaram a queda da lona em chamas sobre o convés. Ainda assim, o impulso do *Estrela* o manteve distante do *Tempestade*. Os tripulantes do segundo viram os marujos apavorados, lutando para extinguir as labaredas que envolviam o convés. Antes que os escaleres tocassem a superfície da água, o *Estrela Brilhante* já se transformara num inferno e a maioria da tripulação já havia se lançado ao mar.

Os botes voltaram lotados de homens desesperados. A maioria era de pele morena e olhos castanhos, vestindo roupas brancas e cinzentas. Eles se estiraram pelo tombadilho, tossindo, cuspidando água e agradecendo a Maribor e à tripulação do *Tempestade*.



O *Estrela Brilhante* era um navio mercante independente, originário de Wesbaden, voltando de Dagastan para o oeste de Cális, carregado de café, cana-de-açúcar e anil. Apesar da oportuna intervenção do *Tempestade*, mais



de um terço da pequena tripulação pereceu. Alguns perderam os sentidos em meio à fumaça, enquanto combatiam as chamas, e outros ficaram presos abaixo do convés. O capitão do *Estrela Brilhante* morreu, atingido por uma das flechas incendiárias disparadas pelos dacca contra o navio. Restaram apenas 12 homens, cinco dos quais haviam sofrido queimaduras e estavam sendo atendidos pelo Dr. Levy.

O Sr. Temple examinou os sobreviventes saudáveis e os acrescentou à tripulação do *Tempestade*. Royce voltara ao trabalho nos cabos superiores, e Hadrian acabara de servir mais uma refeição. O desprendimento e a generosidade de Hadrian em relação às porções servidas lhe conquistaram muitos amigos. Não houve mais atentados contra a vida de Royce e eles ainda não sabiam por que ele tinha sido visado, ou por quem. Por ora, bastava o fato de que Bernie, Dering e Staul se mantinham distantes.

— Pois é. Estamos em Cális, não em Avryn. — Hadrian ouviu um dos novos recrutas dizer com uma voz grave e rouca, enquanto servia mais uma refeição. — A luz da civilização enfraquece como uma vela em meio a um vento forte. Quanto mais para o leste, mais forte é o vento, até que a vela se apaga e ficamos nas trevas!

Vários dos marujos que não estavam em serviço se reuniram em torno de uma mesa próxima à popa, onde três dos novatos estavam sentados.

— E então a gente se vê no mundo dos selvagens — prosseguiu o marinheiro caliano. — Lugar estranho, lugar muito estranho, meus amigos. Mares agitados, violentos, e enseadas cheias de rochas negras e pontiagudas, cercadas por uma selva densa. O submundo dos ba ran ghazel, o coração das trevas, é um lugar de sofrimento e desespero, a prisão onde Novron confinou as criaturas em seu castigo eterno. Elas estão sempre tentando escapar. Contemplam o litoral de Cális com olhos ávidos e encontram locais para se fixar. Como líquen, se infiltram e se proliferam em qualquer lugar. Os calianos tentam reprimi-los, mas é como combater nuvens de moscas ou

conter água nas mãos — declarou ele, virando as mãos para cima, como se fossem conchas, e fingindo que algo escorria entre os dedos delas.

— Goblins e humanos vivendo em proximidade não é natural — comentou outro.

O primeiro marujo concordou, com ar grave.

— Mas nada naquela selva é natural. E eles vivem próximos há muito tempo. Os filhos de Maribor e as crias de Uberlin brigam num momento e negociam no seguinte. Para sobreviver, os chefes guerreiros de Cális assimilaram o modo de vida dos goblins e transmitiram as práticas dos barões às próprias famílias. Hoje em dia, alguns são mais goblin do que humanos. Chegam a adorar o deus das trevas, queimando ervas e fazendo oferendas. Vivem como feras. À noite a lua os deixa enlouquecidos, e no escuro os olhos deles ficam vermelhos!

Diversos dos presentes emitiram sons expressando descrença.

— É verdade, meus amigos! Séculos atrás, quando o Antigo Império ruiu, os senhores do leste foram abandonados à própria sorte. Sozinhos nas trevas das selvas calianas, eles perderam o sentido de humanidade. Agora as grandes fortalezas de pedra, construídas ao longo do mar dos Goblins, e que outrora serviam de proteção contra invasões, abrigam chefes guerreiros tenkin... Monstros metade humanos, metade goblins. Eles rejeitaram Maribor e adotaram o modo de vida dos ghazel. É, meus amigos, o estado de Cális é assustador. Por isso somos gratos ao seu ato de bravura e coragem, pois dependeríamos da misericórdia do destino se não nos tivessem retirado do mar. Se não fosse a coragem de vocês, agora estaríamos mortos... ou pior.

— Não foi preciso tanta coragem assim — comentou Daniels. — O *Tempestade* poderia dar uma surra naqueles vagabundos, mesmo numa calmaria, com a metade da tripulação bêbada e a outra metade com febre.

— É isso o que você acha? — indagou Wyatt. Hadrian não havia percebido a presença dele, sentado na penumbra, fora do alcance da luz da vela. — É o que vocês *todos* acham? — Seu tom de voz estava estranhamente

áspero e desafiador. Wyatt suspirou e, balançando a cabeça em sinal de grande indignação, levantou-se e subiu a escada de acesso ao tombadilho.

Tendo acabado de servir as refeições, Hadrian o seguiu. Encontrou o timoneiro no castelo de proa. Com as mãos apoiadas na balaustrada, ele contemplava o brilho da lua nova na superfície do mar negro.

— O que houve?

— A gente está na maior encrenca, e... — Ele fez uma pausa, gesticulando, com raiva, em direção ao convés principal. Contendo-se, trincou os dentes, como se assim pudesse impedir que as palavras escapassem de sua boca.

— Que tipo de encrenca? — quis saber Hadrian, olhando para o convés.

— O capitão não quer que eu fale. É um idiota que não dá ouvidos à razão. Eu deveria desobedecê-lo e alterar o curso do navio neste instante. Eu poderia substituir Bliden no timão mais cedo e corrigir o nosso curso. Ninguém perceberia, até a verificação de rotina ser feita, amanhã, ao meio-dia.

— Wesley perceberia — afirmou Hadrian, apontando para o jovem que surgia no convés, fazendo a ronda noturna, na condição de responsável pela primeira vigília. — Ele o arrastaria até o Sr. Bishop antes que você pudesse piscar os olhos.

— Eu poderia cuidar de Wesley, se fosse o caso. O tombadilho é escorregadio, você sabe...

— Agora você está falando como Royce. O que está acontecendo?

— Acho que, se estou considerando a possibilidade de matar um aspirante, pouco importa se eu desobedecer às ordens do capitão para ficar de bico calado. — Wyatt voltou a olhar para o mar. — Eles vão voltar.

— Quem?

— Os dacca. Eles não fugiram. Estão se organizando — disse ele, olhando para Hadrian. — Eles tingem as velas com o sangue dos inimigos, sabia disso? Centenas de pequenos barquinhos vermelhos se amontoam nas

enseadas e nos portos da ilha deles. Eles sabem que estamos perto da costa, velejando contra o vento. Vão nos caçar como lobos. Dez, vinte tartanas de velas triangulares vão captar o vento que nos escapa. O *Tempestade* não vai ter a menor chance.

— Como você sabe? Você pode estar enganado. O capitão deve ter um bom motivo para manter o curso atual.

— Eu não estou enganado.

## CAPÍTULO 11

# O ENCAPUZADO



O encapuzado voltou a se afastar.

Arista se escondeu à sombra dos degraus de acesso à taverna. Queria desaparecer, tornar-se invisível. O manto assumira um tom marrom escuro, mesclando-se à tonalidade da madeira encardida. Cobrindo a cabeça com o capuz do manto, ela esperou. Era *ele* — o sujeito que Lynnette havia descrito. Estava procurando por ela. Arista ouviu o som das botas sobre o calçamento de pedras. As passadas se tornaram mais lentas, hesitaram, então aumentaram de intensidade.

*Ele está voltando!*

A figura alta e escura surgiu no fundo do beco pela terceira vez. Deteve-se. Ela prendeu a respiração. A iluminação da rua revelava uma figura assustadora, vestida num manto preto, com capuz e um cachecol que escondia o rosto. Ele carregava consigo uma espada, pois Arista podia ouvir o tinido do metal.

Ele arriscou um passo em direção ao local onde ela se escondia, e mais outro, então parou. A luz da rua revelou pompons brancos em seu cachecol. A cabeça dele girou para um lado e para outro. Após permanecer parado durante vários segundos, ele deu uma volta tão brusca que o salto da bota cavou uma pequena depressão no cascalho, e em seguida se afastou. Depois de vários minutos de tensão, Arista, com toda cautela, deixou o esconderijo.

A primeira luz da aurora surgiu a leste. Bom seria se ela pudesse voltar ao palácio. Ao menos estaria a salvo do assassino e longe das perguntas inevitáveis: “Quem é ela? Como fez aquilo? Seria uma bruxa?”

Arista tinha deixado o beco Brisbane antes que quaisquer perguntas lhe fossem dirigidas, mas e depois? Havia atraído muita atenção e — embora duvidasse de que alguém fosse capaz de chegar a conclusões definitivas — a demonstração de seus poderes ocultos iria causar comoção.

Ela despiu o manto, escondeu-o cuidadosamente embaixo dos degraus da taverna e seguiu em direção ao palácio. Como sempre, os guardas a ignoraram e ela prosseguiu com suas tarefas, sem qualquer incidente. Ao longo do dia, teve a sorte de trabalhar sem ser notada, mas, ao meio-dia, a notícia dos eventos da noite anterior já chegara ao palácio. Todos comentavam a ocorrência registrada na avenida Coswall. Um menino fora ressuscitado. À noite, boatos apontavam a Bruxa de Melengar como culpada. Felizmente, Ella, a faxineira, não era acusada de qualquer outro delito, a não ser o fato de não ter devolvido a toalha de mesa.

Arista estava exausta, não apenas por ter passado a noite acordada na tentativa de se manter longe do assassino. Salvar Wery roubara todas as forças dela. Depois do expediente, voltou ao beco e pegou o manto mágico. Não o vestiu, com receio de que alguém o reconhecesse. Enrolando-o e o mantendo junto ao peito, foi até a beira da avenida, sem saber o que fazer em seguida. Permanecer ali seria uma grande besteira. Olhando para o ponto extremo da Grande Avenida, pôde avistar os portões da cidade. Parecia-lhe que toda uma vida havia se passado desde que saíra de casa, e

como seria bom encontrar um rosto conhecido, ouvir a voz do irmão — descansar.

Ela sabia que deveria ir embora. Deveria ir embora naquele instante, mas estava cansada demais. A ideia de sair no escuro e no frio, sozinha e com fome, era intolerável. Precisava desesperadamente de um local para dormir, uma refeição quente e um rosto amigo — em outras palavras, precisava dos Barker. Além disso, não poderia partir sem pegar a escova de cabelos com o cabo perolado, a última lembrança que recebera do pai.

Nada havia mudado no beco Brisbane. De uma ponta a outra, havia as fogueiras e as sombras de tendas improvisadas, carroças e tonéis. As pessoas perambulavam em meio à penumbra crescente. Algumas olhavam enquanto ela passava, mas ninguém se aproximou, tampouco lhe dirigiu a palavra. Ela encontrou a carroça dos Barker e, como sempre, da lateral dela uma lona se estendia, como o toldo de um pórtico. Um dos meninos a viu e, no instante seguinte, Lynnette apareceu correndo. Sem dizer palavra, deu um forte abraço em Arista.

— Venha comer alguma coisa — disse ela, passando a mão no rosto de Arista e conduzindo-a pela mão. Lynnette levou uma panela ao fogo. — Guardei um pouco de comida. Precisei esconder, é claro, ou os abutres teriam devorado tudo. Fiquei na dúvida se você voltaria...

Os outros Barker se reuniram em torno do fogo. Finis e Hingus se sentaram do outro lado. Brice Barker, trajando a camisa branca e a calça cinza de sempre, sentou-se sobre um caixote emborcado, talhando um pedaço de madeira. Ninguém falou. Arista se sentou sobre uma caixa, um tanto desconcertada.

*O que vejo nos olhos deles é apenas apreensão ou medo?*

— Ella? — finalmente perguntou Lynnette, com um tom de voz hesitante.  
— Quem é você?

— Não posso responder essa pergunta — disse ela após uma longa pausa. Imaginou que fossem se queixar, ou pressioná-la. Em vez disso, todos

menearam a cabeça, em silêncio, como se já esperassem aquela resposta, tanto quanto ela havia esperado a pergunta.

— Seja lá quem for, você sempre será bem-vinda nessa fogueira — afirmou Brice.

Ele manteve os olhos fixos nas labaredas, porém as palavras revelaram uma emoção que ela não esperava. Brice, que ganhava a vida gritando o dia inteiro pelas ruas, raramente falava. Lynnette serviu o pouco de ensopado que havia esquentado.

— Eu gostaria de ter mais. Foi pena eu não ter certeza de que você voltaria.

— Como está Wery? — perguntou Arista.

— Dormiu a noite inteira, mas passou o dia todo correndo e fazendo as estripulias de sempre. Todo mundo está dizendo a mesma coisa... Foi um milagre.

— Todo mundo? — indagou Arista, preocupada.

— Durante o dia inteiro veio gente aqui para ver Wery e perguntar sobre você. Muitos disseram que têm filhos doentes, ou entes queridos à beira da morte. Um sujeito estava tão exaltado que quase virou a carroça, e Finis precisou chamar Brice para enxotar o cara daqui.

— Sinto muito.

— Ah, não se desculpe! Por favor, não, nunca se desculpe — suplicou Lynnette. Em seguida, fez uma pausa, com os olhos lacrimejantes. — Você não vai mais poder ficar conosco, não é?

Arista balançou a cabeça.

— O encapuzado?

— E outros.

— Eu gostaria de poder ajudar — declarou Lynnette.

Arista se inclinou para a frente e a abraçou.

— Você já ajudou... Mais do que pode imaginar. Se eu puder ter uma boa noite de sono...



— Claro que pode. Durma na carroça. É o mínimo que podemos fazer.

Arista estava cansada demais para debater a questão. Subiu e, na privacidade da carroça, vestiu o manto para se proteger da friagem da noite. Estirando-se sobre um colchão roto e granuloso que cheirava a batata e cebola, finalmente repousou. Foi um grande alívio poder fechar os olhos e relaxar os músculos e a mente. Podia ouvi-los sussurrando do lado de fora, para não incomodá-la.

— Ela é serva de Maribor — comentou um dos meninos, cuja voz ela não reconheceu. — É por isso que não pode ficar. Os deuses nunca deixam os servos ficarem.

— Ou vai ver ela é Kile... Um deus disfarçado, que faz boas ações — acrescentou o outro. — Ouvi dizer que ele ganha uma pena do manto de Muriel de cada boa ação que pratica.

— Quietos! Ela está ouvindo o que vocês estão falando — disse Lynnette em tom de reprimenda. — Vão limpar essa panela.

Arista pegou no sono ouvindo sussurros e despertou ouvindo vozes exaltadas.



— Eu já disse. Não sei do que você está falando! Não sei de bruxa nenhuma.

— Era a voz de Brice, e ele parecia assustado.

Arista espiou pela lateral da carroça. Um soldado imperial segurava uma tocha e Brice tentava impedi-lo de avançar. Por trás dele, beco acima, outros soldados batiam à porta do curtume e invadiam outras tendas.

— Sargento! — bradou o homem que estava diante de Brice. — Venha aqui!

Três soldados se aproximaram às pressas, as armaduras rangendo e as botas estalando sobre o calçamento de pedras.

— Destruam esse pardieiro e revistem tudo! — ordenou o sargento. — E façam o mesmo com todas as outras tendas. São uma afronta à visão, e devem ser removidas de qualquer jeito.

— Deixem-nos em paz! — exclamou Arista, saindo do interior da carroça. — Eles não fizeram nada!

— Ella! — retorquiu Brice. — Não se meta nisso!

O sargento avançou sobre Arista, porém Brice o interceptou!

— Deixe a minha filha em paz — falou ele, em tom ameaçador.

— Brice, não... — sussurrou Arista.

— Só vim aqui por causa da bruxa — disse o soldado. — Mas, se for o caso, será um prazer colocar fogo em todas as tendas do beco.

— Ela não é bruxa! — gritou Lynnette, abraçada a Wery. — Ela salvou o meu filho. É uma serva de Maribor!

Sugando os dentes da frente, o sargento examinou Arista durante alguns segundos.

— Amarrem-na! — ordenou ele.

Dois soldados deram um passo à frente, segurando um pedaço de corda, e agarraram Arista pelos braços. Ao fazê-lo, deram um grito de dor, soltaram-na e cambalearam para trás. O manto de Esrahaddon cintilou com uma luminosidade rubra e pulsante. Os guardas arregalaram os olhos, com medo, e sacudiram as mãos doloridas. Aproveitando a oportunidade, Arista fechou os olhos e se concentrou. Tentou se isolar dos ruídos da rua e...

Uma dor explodiu em seu rosto.

Caindo de costas no chão, ficou aturdida. A visão se tornou turva. Os ouvidos zumbiam.

— Não admitiremos esse tipo de coisa! — declarou o sargento.

Fixando a vista através das lágrimas, ela o viu de pé, esfregando as juntas dos dedos. Em seguida, ele sacou a espada e a apontou contra Brice.

— Não vou deixar que você lance seus feitiços, sua bruxa. Não abra o bico e retire esse manto. Agora! Vou deixá-la nua, se necessário. Se você se

mexer ou emitir o menor som, eu parto ao meio a cabeça desse homem, aqui e agora!

Lynnette estava em algum ponto à direita e Arista ouviu uma exclamação de pavor.

— O manto. Tire o manto!

Arista despiu o manto e seu corpo ficou coberto apenas pelo velho vestido de Lynnette. O sargento voltou a sugar os dentes da frente e se aproximou.

— Você vai causar mais algum problema aos meus soldados? — questionou ele, voltando a elevar a ponta da espada em direção a Brice.

Arista balançou a cabeça negativamente.

— Ótimo. Amarrem-na com força. Amarrem os pulsos e os dedos, e amordacem-na também.

Os guardas se aproximaram dela novamente e puxaram os braços de Arista para trás, com um gesto tão brusco que ela gritou de dor.

— Por favor, não machuquem a moça — implorou Lynnette. — Ela não fez nada errado!

Amarraram os pulsos dela, passando a corda pelos dedos, apertando tanto que a pele ficou comprimida, causando grande dor. Enquanto os soldados se encarregavam de Arista, o sargento disse a Lynnette que pegasse e lhe entregasse o manto. Um dos guardas agarrou Arista pelos cabelos e a obrigou a se levantar. Outro rasgou uma das mangas do vestido dela.

— Abra a boca — ordenou ele, puxando para trás a cabeça de Arista. Quando ela hesitou, ele desferiu uma violenta bofetada em seu rosto. Novamente ela cambaleou, e teria caído se o outro guarda não a sustentasse pelos cabelos. A bofetada não tinha doído tanto quanto o golpe aplicado pelo sargento, mas fez com que os olhos dela voltassem a lacrimejar. — Abra a boca, agora!

Ele enfiou a manga do vestido dentro da boca de Arista, com tamanha violência que ela teve medo de sufocar. Então ele fixou a mordaca com uma

corda, enrolada na cabeça e encaixada entre os dentes da jovem. Quando a ponta da corda foi amarrada ao seu pescoço, Arista achou que seria enforcada ali mesmo.

— Agora, sim. Isso vai nos manter em segurança — declarou o sargento. — Vamos decepar as suas mãos quando chegarmos ao palácio, e depois que você nos responder algumas perguntas, vamos cortar a língua também.

Uma pequena multidão se reuniu no momento em que ela foi levada, e Arista pôde ouvir o pranto de Lynnette. Quando chegaram à avenida Coswall, os frequentadores da taverna, com canecas nas mãos, se puseram a observar a cena. Mais de uma vez, enquanto ela passava, a palavra *bruxa* foi pronunciada.

Quando alcançaram a praça, ela já estava sem fôlego e se engasgava com a manga do vestido enfiada dentro da boca. Vendo que ela se detinha, o guarda que segurava a corda deu um violento puxão e Arista tombou. Seu joelho esquerdo bateu no calçamento de pedras da Praça Bingham e ela soltou um grito, mas o som não passou de um gemido abafado. Torcendo o corpo, Arista rolou e caiu de ombro para não bater com o rosto no chão. Deitada de lado, gritou de agonia em consequência da dor que subia por sua perna.

— De pé! — ordenou o soldado. A corda apertava a garganta de Arista, quase cortando a pele. O guarda rosnou: — De pé, sua preguiçosa! — Então puxou-a com mais força, arrastando-a alguns centímetros sobre as pedras. A corda se retesou. Ela sentia o sangue pulsando em seus ouvidos. — De pé, sua maldita!

A corda cortava o pescoço dela. Arista mal conseguia respirar. A pulsação em seus ouvidos parecia um tambor e a pressão aumentava.

— Bruce! — chamou um dos guardas. — Levante a prisioneira!

— Estou tentando!

Mais um puxão e Arista conseguiu se sentar, mas sentia-se um tanto zozna. A rua parecia se inclinar e oscilar. Sua visão se tornava cada vez mais

turva, e ela quase já não enxergava. Queria dizer a eles que estava sufocada, porém só conseguiu emitir um gemido de dor. Lutou para se ajoelhar, mas a tontura piorou. O solo se movia e afundava. Novamente ela caiu, batendo com o ombro no chão, e rolou de costas. Olhando para o soldado que segurava a corda, Arista suplicou com os olhos, mas viu apenas ódio e desprezo.

— Levante-se, ou então... — Ele parou e olhou subitamente para a direita. Parecia aturdido. Largou a corda e deu um passo para trás.

A corda afrouxou, a pulsação nos ouvidos diminuiu e ela voltou a respirar. Deitada no chão, de olhos fechados, sentia-se aliviada por ainda estar viva. Um ruído de metal e de passadas captou sua atenção. Arista ergueu os olhos e viu seu quase estrangulador tombar na rua, ao seu lado.

À distância de um braço, o encapuzado empunhava uma espada ensanguentada. Retirando do cinto um punhal, ele o lançou. Atrás dela, ouviu-se um gemido e um barulho semelhante ao de um saco de farinha caindo no chão. O encapuzado passou correndo por ela. Metal se chocou contra metal, então ouviu-se outro gemido, seguido de uma voz borbulhante pronunciando palavras engroladas. Mais um embate, mais um gemido. Arista se contorceu e se pôs de joelhos. Voltou a ver o encapuzado. No centro da Praça Bingham, ele segurava uma espada numa das mãos e um punhal na outra. Três corpos jaziam no solo. Sobravam dois soldados.

— Quem é você? — gritou o sargento. — Somos soldados do Império cumprindo ordens oficiais!

O encapuzado nada dizia. Ele avançou, brandindo a lâmina. Esquivando-se para a direita e interceptando no ar a espada do sargento, atingiu-o no pescoço com o punhal. Naquele exato momento, o último guarda o atacou. O encapuzado deu um grito e se virou, cheio de ódio. Avançando sobre o derradeiro combatente, sua fúria foi tamanha que o soldado recuou e saiu correndo. O encapuzado correu atrás. O guarda quase chegou ao fim da rua, mas foi atingido nas costas. Mesmo depois que o soldado tombou, o homem

continuou a atacar a vítima, que gritava de desespero, e seguiu apunhalando-a até ela se calar.

Impotente e amarrada, Arista ficou no meio da praça, e o encapuzado se virou. Com a espada e a capa pingando sangue, foi em sua direção. Levantou-a e levou-a até um beco.

Ele ofegava, respirando através do cachecol umedecido. Carecendo de força física e mental, Arista não resistiu. O mundo girava e a noite começou a parecer irreal. Ela não sabia o que estava acontecendo nem por que, e desistiu de tentar compreender.

Ele a arrastou até um estábulo e a empurrou contra uma parede tosca. Uma parelha de cavalos se agitou, assustada com o cheiro de sangue. Ele a segurou com força e encostou a faca na garganta dela. Arista fechou os olhos e prendeu a respiração. Sentiu o aço frio pressionar sua pele, então ele puxou a faca e cortou a corda. Em seguida, virou-a de costas, libertou seus pulsos e a corda que prendia a mordaca cedeu.

— Siga-me, depressa — murmurou ele, puxando-a pela mão.

Confusa, tropeçando, ela o seguiu. Havia algo familiar naquela voz.

Ele a conduziu por um labirinto de becos, contornando prédios escuros e pulando cercas de madeira. Arista não fazia ideia de onde estavam. Parando numa esquina sombria, ergueu um dedo sobre os lábios encobertos pelo cachecol. Aguardaram um momento, então prosseguiram. O vento aumentou, trazendo consigo um cheiro de peixe, e Arista ouviu barulho de ondas. Adiante, pôde ver mastros de navios ancorados ao longo do cais. Quando chegaram a uma construção caindo aos pedaços, ele a conduziu, pela escada de trás, a um pequeno quarto e fechou a porta.

Ela ficou petrificada ao lado da porta, observando-o acender um fogo na fornalha de ferro. Aquelas mãos, aqueles braços e aquela cabeça inclinada — aquilo tudo parecia muito familiar. Depois que o fogo foi aceso, ele se voltou e deu um passo na direção dela. Arista recuou até suas costas tocarem a

porta. Ele hesitou, então meneou a cabeça. Ela reconheceu algo naqueles olhos.

Então ele baixou o capuz e desenrolou o cachecol. Era difícil encarar o rosto que estava diante dela. Desfigurado, cheio de cicatrizes, o rosto parecia ter se derretido, formando uma colcha de retalhos vermelhos. Faltavam uma orelha, as sobrancelhas e grande parte dos cabelos. A boca não exibia o rosado pálido dos lábios. A aparência do homem era, ao mesmo tempo, tão pavorosa e bem-vinda que ela não encontrava palavras para se expressar. Arista irrompeu em lágrimas de alegria e o abraçou, com todo o vigor que suas forças permitiam.

— Espero que essa experiência lhe ensine a não sair por aí sem mim, Alteza — disse Hilfred.

Ela continuou a chorar abraçando-o, a cabeça encostada em seu peito. Lentamente, os braços dele se ergueram, envolvendo-a também. Arista ergueu o rosto e ele retirou do rosto dela fios de cabelo encharcados de lágrimas. Em mais de uma década em que trabalhara como seu guarda-costas, jamais a tocara tão intimamente. Como se percebesse tal fato, Hilfred se empertigou e carinhosamente a conduziu até uma cadeira, em seguida voltando a fazer uso do cachecol.

— Você vai sair? — perguntou ela, receosa.

— Não — respondeu ele, baixando o tom de voz. — A cidade vai estar cheia de soldados. Durante algum tempo, vai ser arriscado sair em público, tanto para a senhorita quanto para mim. Aqui estaremos a salvo. Não há prédios ocupados em volta e aluguei este apartamento de um cego.

— Então por que você está se escondendo?

Ele fez uma pausa, olhando para o cachecol.

— O meu rosto... deixa as pessoas... constrangidas, e é importante que a senhorita se sinta segura e à vontade. Essa é a minha função, lembra-se?

— E você a desempenha muito bem, mas seu rosto não me deixa constrangida.

— A senhorita não sente... repulsa ao me ver?

Arista sorriu com afeto.

— Hilfred, o seu rosto é a coisa mais linda que já vi na vida.



O aposento alugado por Hilfred era bastante pequeno, com apenas um cômodo provido de um armário. O piso e as paredes eram de tábuas de pinho, já acinzentadas e gastas. Havia uma mesa bamba, três cadeiras e uma rede. O vidro da única janela estava sempre embaçado devido ao acúmulo de sal marinho, deixando passar apenas uma luminosidade pálida. À noite, Hilfred não acendia uma vela sequer, com receio de atrair atenção. O pequeno fogão mantinha o local, que era repleto de correntes de ar, razoavelmente aquecido, porém, antes do alvorecer, o fogo era apagado para evitar que alguém visse a fumaça.

Durante dois dias, permaneceram na pequena choça, ouvindo o vento açoitar as telhas e uivar em torno do tubo de exaustão. Hilfred preparou sopa com moluscos e peixe comprado do velho cego. Tirando a vez em que Hilfred saiu para fazer essa compra, nenhum dos dois deixou o local. Arista dormiu bastante. Tinha a impressão de que há anos não se sentia segura, e seu corpo se rendeu à exaustão. Hilfred a mantinha coberta e perambulava pelo cômodo, praguejando quando fazia algum barulho. Na segunda noite, ela despertou quando ele deixou cair uma colher. Hilfred olhou para ela com ar submisso e se contraiu ao ver seus olhos abertos.

— Desculpe. Eu estava esquentando um pouco de sopa. Achei que a senhorita talvez estivesse com fome.

— Obrigada — disse ela.

— Obrigada?

— Sim, não é isso que se diz quando alguém nos faz uma gentileza?



Ele ergueu o que seriam suas sobrancelhas.

— Fui seu criado por mais de dez anos, e a senhorita nunca me disse um único *obrigada*.

Era verdade, e ouvir isso doeu. Que monstro ela tinha sido!

— Já passa da hora, então, não acha? Deixe-me ver esse curativo.

— Depois que a senhorita se alimentar, Alteza.

Arista olhou para ele e sorriu.

— Senti muito a sua falta — disse ela. Uma expressão de surpresa passou pelo rosto de Hilfred. — Sabe, houve momentos, quando eu estava crescendo, que odiei você. Principalmente depois do incêndio... por você não ter salvado a minha mãe. Depois, eu odiava o jeito como você sempre me seguia. Eu sabia que você informava todos os meus movimentos. É terrível, para uma adolescente, ter sempre um rapaz mais velho seguindo cada passo que ela dá, vigiando enquanto come, enquanto dorme, tomando conhecimento dos seus segredos mais íntimos. Você ficava sempre calado, sempre atento. Você sabia que, quando eu tinha 14 anos, achava você atraente?

— Não — respondeu ele, sucintamente.

— Você tinha o que, uns 17 anos? Eu fazia de tudo para provocar ciúme em você. Eu perseguia todos os escudeiros da corte, fingindo que eles me queriam, mas nenhum deles me queria. E você... você era sempre um cavalheiro tão perfeito que chegava a ser irritante. Você tolerava tudo estoicamente, o que me deixava furiosa. Eu ia para a cama me sentindo humilhada, sabendo que você estava logo ali, do outro lado da porta.

“Quando fiquei mais velha, eu tratava você como se fosse uma peça do mobiliário, mas, mesmo assim, você me tratava como sempre havia me tratado. Durante o julgamento... — Ela percebeu que Hilfred ficou tenso, de forma que resolveu não concluir o pensamento. — E mais tarde achei que você acreditava nos boatos e que me odiava.”

Hilfred baixou a colher e suspirou.

— O que foi? — perguntou ela com uma súbita sensação de medo.

Ele balançou a cabeça, e uma risadinha tristonha escapou pelos lábios dele.

— Não é nada, Alteza.

— Hilfred, me chame de Arista.

Ele voltou a erguer a fronte.

— Não posso. A senhorita é minha princesa e eu sou seu criado. Sempre foi assim.

— Hilfred, você me conhece desde quando eu tinha 10 anos. Você me seguia de noite e de dia. Você me via de manhã cedo, quando eu acordava. Você me via encharcada de suor quando eu tinha febre. Acho que pode me chamar pelo meu primeiro nome.

Ele pareceu quase assustado e voltou a mexer a panela.

— Hilfred?

— Desculpe, Alteza. Não posso chamá-la pelo primeiro nome.

— E se eu lhe der uma ordem para isso?

— A senhorita vai dar?

— Não — respondeu Arista, suspirando. — Por que certos homens se recusam a me chamar pelo primeiro nome?

Hilfred olhou para ela.

— Eu mal o conheci — explicou ela sem saber por quê. Jamais falara de Emery com quem quer que fosse. — Vivi tanto tempo sozinha. Isso nunca me incomodava, e nunca tive ninguém... até recentemente.

Hilfred olhou para baixo e voltou a mexer a sopa.

— Ele foi morto. Desde aquele momento, sinto um vazio dentro de mim. Naquela noite senti tanto medo! Pensei... Não, tive certeza de que ia morrer. Perdi as esperanças, então você apareceu. Estou precisando de um amigo... e se você me chamasse pelo...

— Não posso ser seu amigo, Alteza — declarou Hilfred friamente.

— Por que não?

Seguiu-se uma longa pausa.

— Não posso dizer.

Um silêncio eloquente tomou conta do recinto.

Arista se levantou, segurando o cobertor por cima dos ombros. Fitou as costas de Hilfred, até que seu olhar parecesse tê-lo forçado a se virar. Quando o fez, ele evitou olhar nos olhos dela. Ele colocou os pratos sobre a mesa. Arista se colocou diante dele, interceptando seu caminho.

— Hilfred, olhe para mim.

— A sopa está pronta.

— Não estou com fome. Olhe para mim.

— Não quero que a sopa queime.

— Hilfred.

Ele nada disse e manteve os olhos cravados no chão.

— O que você fez que o impede de me encarar?

Hilfred não respondeu.

A constatação era devastadora. Ele não estava ali para salvá-la. Não era um amigo. A traição era quase insuportável.

— É verdade — disse ela com a voz trêmula. — Você acredita nos boatos que correm a meu respeito: que sou uma bruxa, que sou do mal, que matei meu pai por ambição ao trono. Você está trabalhando para Saldur ou para outra pessoa? Você me sequestrou dos guardas do palácio por algum benefício político? Ou será um plano para... para me controlar, para que eu confie em você e revele algo?

Tais palavras o atingiram de verdade. Hilfred parecia estar sofrendo, como se tivesse levado uma surra. Seu semblante ficou tenso, o maxilar contraído.

— Você poderia ao menos me contar a verdade — disse ela. — Acho que deve isso ao meu pai, senão a mim. Ele confiou em você. Ele o nomeou meu guarda-costas, deu a você a chance de ser alguma coisa na vida. Você

desfrutou do privilégio da vida na corte por causa da confiança que ele tinha em você.

Hilfred respirava com dificuldade. Ele se virou de costas e, pegando o cachecol, dirigiu-se à porta.

— Vai... Pode ir! — gritou ela. — Diga a eles que a coisa não funcionou. Diga que não caí na armadilha. Diga a Sauly e àqueles outros filhos da mãe que... que não sou a garota bobinha que eles pensavam que eu era! Você deveria ter me deixado amarrada e amordaçada, Hilfred. Você vai ver que é mais difícil me arrastar para a forca do que pensa!

Hilfred esmurrou o batente da porta, provocando um sobressalto em Arista. Ele avançou até ela, com um olhar feroz, selvagem, um olhar que ela jamais vira nele; Arista retrocedeu.

— *A senhorita sabe por que eu a salvei?* — gritou ele, a voz embargada e trêmula. — Sabe? Sabe?

— Para... Para me entregar, e obter...

— Não! Não! Não agora. *Antes!* — berrou ele, abanando os braços. — Há anos, quando o castelo pegou fogo. A senhorita sabe por que eu a salvei naquele momento?

Ela não falou. Tampouco se mexeu.

— Eu não era o único que estava lá, sabe? Havia outras pessoas. Soldados, sacerdotes, criados... Todos se limitaram a ficar olhando. Sabiam que a senhorita estava lá dentro, mas ninguém se mexeu. Ficaram vendo tudo arder em chamas. O bispo Saldur me viu correndo em direção ao castelo e chegou a ordenar que eu parasse. Disse que era tarde demais, que eu morreria. Eu acreditei nele... Acreditei, de verdade, mas entrei no castelo mesmo assim. Sabe por quê? *Sabe?* — gritou ele.

Arista balançou a cabeça.

— Porque eu pouco me importava! Eu não queria viver... se a senhorita morresse. — Lágrimas rolavam pelo rosto mutilado de Hilfred. — Mas não me peça para ser seu amigo. Isso é uma tortura cruel demais. Enquanto eu

conseguir manter uma distância segura, enquanto... enquanto houver uma parede entre nós dois... mesmo que seja apenas uma parede de palavras... posso tolerar... a situação — disse Hilfred, e enxugou os olhos com o cachecol. — O pai da senhorita sabia o que estava fazendo... Ah, sim, sabia *exatamente* o que estava fazendo, quando me nomeou seu guarda-costas. Eu morreria mil vezes para protegê-la. Mas não me peça gratidão pela vida que ele me concedeu, pois foi uma vida de dor. Eu queria ter morrido naquela noite, tantos anos atrás, ou então em Dahlgren. Nesse caso, tudo isso teria acabado. Eu não teria de olhar para a senhorita. Eu não teria de acordar, todos os dias, desejando ter sido o filho de algum eminente cavaleiro, ou que a senhorita fosse a filha de algum pobre pastor.

Ele cobriu os olhos e encostou a cabeça no batente da porta. Arista não se dera conta, mas havia atravessado o pequeno recinto. Segurando o rosto de Hilfred com as duas mãos e se pondo nas pontas dos pés, beijou os lábios dele. Hilfred não se mexeu, mas seu corpo ficou trêmulo. Ele não respirou, mas emitiu um som ofegante.

— Veja o meu estado — disse ela, estendendo os braços para exhibir o vestido manchado e roto. — A filha de um pastor teria pena de mim, você não acha? — Ela pegou a mão dele e a beijou. — Você poderá algum dia me perdoar?

Ele olhou para Arista, confuso.

— Pelo quê?

— Por ter sido tão cega.

## CAPÍTULO 12

# LOBOS DO MAR



Há vários dias o *Tempestade de Esmeralda* vinha mantendo um curso a leste, avançando lentamente contra um vento de proa que se recusava a ceder. Para que o curso fosse mantido, manobras constantes eram necessárias, o que implicou o trabalho da tripulação durante a noite inteira. Royce, como sempre, integrava o turno da madrugada. A designação desse horário não era culpa de Dime. Royce concluía que o capitão responsável pelo mastro principal era um homem justo; ocorria que Royce era o novato de uma tripulação que recompensava pelo tempo de serviço prestado. Ele não se incomodava com o horário e gostava de passar a noite nas alturas. O ar era mais fresco e, no escuro, entre os cabos, sentia-se tão à vontade quanto uma aranha em sua teia. Royce aproveitava para relaxar, pensar e, às vezes, se divertir com Bernie, que entrava em pânico sempre que seu velho companheiro de guilda perdia a noção do paradeiro do próprio Royce.

Royce gostava de se sentar na junção da arreigada, os pés pendurados em pleno ar — uma queda de aproximadamente 30 metros. Acima ficavam as estrelas e no horizonte surgia a lua, um filete, um olho de gato que o fitava através das águas. Embaixo, lanternas tremeluziam na proa, no convés principal e na popa, contornando o *Tempestade de Esmeralda*. À esquerda, ele avistava o litoral de Cális, ainda escuro. Em determinados trechos, a densa vegetação costeira era interrompida por um rochedo ou pela plumagem brilhante e branca de uma cachoeira refletindo o luar.

Ele já não sofria de náusea. Não se lembrava de ter passado mais mal do que naquela primeira semana a bordo. O enjoo e a tontura o remetiam à embriaguez — sensação que ele abominava. Na primeira noite a bordo, ficara quase o tempo todo abraçado à carranca do navio, vomitando. Depois de quatro dias, seu estômago se estabilizara, porém suas energias haviam se esgotado e ele se cansava à toa. Somente depois de algumas semanas a lembrança daquele sofrimento começara a se apagar, e ali, nos cabos superiores, contemplando a escuridão do mar, esquecia-se de tudo. Surpreendia-se com a beleza das ondas negras, com a graciosa ondulação, com a espuma beijada pela lua incontestemente, tudo isso abaixo de uma poeira de estrelas. Só mesmo uma visão poderia superar aquela...

*O que ela está fazendo neste momento? Está olhando para essa mesma lua e pensando em mim?*

Royce enfiou a mão dentro da túnica, retirou a echarpe e a fez correr entre os dedos. Em seguida a levou até o rosto e respirou fundo. A echarpe tinha o cheiro dela. Ele a mantinha escondida, seu pequeno tesouro, macio e cálido. Nas noites em que padecera de enjoo, deitado na rede, mantivera a echarpe colada à face como um talismã que o protegia do sofrimento. Somente por causa da echarpe conseguira pegar no sono.

A porta de acesso ao tombadilho dos oficiais se abriu e Royce viu Beryl sair para respirar o ar noturno. Beryl gostava de dormir e, na condição de aspirante veterano, raramente era designado para integrar a vigília da

madrugada. Ele olhou em redor, examinando todo o tombadilho. Ergueu os olhos para o topo do mastro principal, mas Royce sabia que estava invisível na escuridão e entre as velas. Beryl avistou Wesley fazendo a ronda pelo castelo de proa e a ele se dirigiu. Wesley parecia preocupado com a aproximação de Beryl, mas se manteve firme. Talvez naquela noite o rapaz fosse espancado novamente. A perseguição que Beryl impunha a Wesley não era problema de Royce, mas ele pensou que aquela seria uma boa oportunidade para voltar a assustar Bernie.

— Eu não vou fazer isso — afirmou Wesley, atraindo a atenção de Royce. Mais uma vez, demonstrando nervosismo, Beryl olhou para cima.

*Quem o senhor está procurando, Sr. Beryl?*

Royce se soltou dos cabos e também olhou para cima. Como sempre, Bernie se mantinha distante.

*Nenhuma ameaça ali.*

Royce subiu e andou até a ponta da verga; então, conforme fizera durante a corrida com Dering, desceu pela corda a fim de escutar a conversa.

— Posso tornar a vida a bordo deste navio bastante difícil para você — disse Beryl, ameaçando Wesley. — Ou você já se esqueceu dos dois dias que passou sem dormir? Corre por aí que serei capitão-tenente interino, e, se você acha que sua vida está difícil com a minha patente atual, depois da minha promoção ela vai se tornar um pesadelo. E vou mexer uns pauzinhos para que qualquer transferência seja negada.

— Eu não estou entendendo.

— E não precisa entender. Na verdade, é melhor que não entenda. Assim você vai parecer sincero se o capitão o questionar. Basta culpá-lo de alguma coisa. Mau comportamento, desrespeito, pouco me importa. Você registrou queixa contra o amigo dele por não ter batido continência. Faça algo parecido. Mas, dessa vez, que seja uma infração punível com açoite.

— Mas por que eu? Por que *o senhor* não inventa a acusação?



— Porque, se a acusação partir de você, o capitão e o Sr. Bishop não vão questioná-la — disse ele com um sorriso amarelo. — E, se questionarem, é o seu pescoço, e não o meu...

— E essa perspectiva é algo que possa me interessar?

— Não, mas vou parar de perseguir você. Se você se recusar, não vai mais comer, não vai mais dormir, e vai se tornar propenso a acidentes... O mar pode ser perigoso. O aspirante Jenkins perdeu os dois polegares na nossa última viagem, descendo por uma corda... O que é estranho, pois ele não usava os polegares para descer. Invente uma acusação, mantenha-se firme e faça com que ele seja açoitado.

— E por que o senhor quer que ele seja açoitado?

— Eu já disse. Meus amigos querem ver sangue. Então, estamos de acordo?

Wesley encarou Beryl e respirou fundo.

— Não posso acusar um homem injustamente, e jamais faria isso na minha ronda apenas para evitar qualquer desconforto pessoal.

— Vai ser muito mais do que desconforto, seu fedelho idiota!

— O máximo que posso fazer é esquecer que tivemos essa conversa. Evidentemente, se alguma acusação estranha ou circunstancial for imputada contra o marinheiro Melborn, talvez eu precise informar o capitão a respeito desse incidente. Creio que ele verá com maus olhos o seu empenho em promover insubordinação a bordo. Isso poderia ser interpretado como incitação a motim, e nós dois sabemos qual é o castigo nesse caso.

— Você não sabe com quem está brincando, moleque. Por mais que queira, você não é Breckton. Se eu não puder usar você, vou descartá-lo.

— Mais alguma coisa, Sr. Beryl? Agora preciso cuidar do navio.

Beryl deu uma cusparada nos pés do jovem e em seguida se foi. Wesley se manteve paralisado, observando-o enquanto ele se afastava. Após Beryl desaparecer, Wesley se agarrou à balaustrada, retirou o chapéu e enxugou o

suor que escorria pela testa. Respirou fundo, repôs o chapéu, ajeitou a jaqueta e gritou, em alto e bom som:

— Cuidem das velas!

Royce havia lidado com muita gente na vida, desde servos até reis, e pouca gente o surpreendia. Sabia que sempre era possível contar com a ganância e a fraqueza das pessoas, e raramente se decepcionava. Wesley era a primeira pessoa, em muitos anos, que o deixara impressionado. Embora o jovem aspirante não pudesse ver, Royce lhe dirigiu a primeira continência sincera desde que havia pisado a bordo do *Tempestade*.

Royce estava subindo até a bujarrona para soltar o cabo da verga, antecipando a próxima ordem de Wesley, quando seus olhos detectaram algo irregular no horizonte. À noite, sob um luar débil, era difícil discernir onde o céu acabava e o mar começava. Royce, entretanto, era capaz de distinguir, e naquele momento percebeu uma irregularidade na linha. No mar aberto, à frente do *Tempestade*, uma silhueta negra se destacava no pano de fundo cheio de estrelas.

— Vela à vista! — gritou ele.

— O que foi? — perguntou Wesley.

— Vela a estibordo! — exclamou ele, apontando para o sudeste.

— Alguma luz?

— Não, senhor. É uma vela triangular.

Wesley se dirigiu à balaustrada de estibordo.

— Não estou vendo nada. A que distância?

— Na linha do horizonte, senhor.

— Na linha do horizonte?

Wesley pegou a luneta e examinou o mar. O restante do navio estava em silêncio, exceto pelo ranger das pranchas de carvalho. Wesley murmurou algo, guardou a luneta, correu até o convés principal e bateu à porta da cabine do capitão. Fez uma pausa e voltou a bater.

A porta se abriu e o capitão apareceu, descalço e de camisolão.

— Sr. Wesley, o navio encalhou? Há um motim?

O ajudante de ordens do capitão chegou correndo, trazendo um roupão para ele.

— Não, senhor. Trata-se de uma vela na linha do horizonte, senhor.

— Uma o quê?

— Uma vela triangular, senhor. Bem ali. — Wesley apontou, entregando-lhe a luneta.

— Na linha do horizonte, você disse? Mas como... — Seward foi até a balaustrada e olhou. — Pelo amor de Maribor! Você enxerga bem, rapaz!

— Na verdade, a tripulação do mastro principal avistou a vela primeiro, senhor. Parece que foi o marinheiro Melborn, senhor.

— Que diabo! Parece que são *três* navios, Sr. Wesley. Mande todos ficarem de prontidão.

— Imediatamente, senhor!

Wesley chamou Bristol, que acordou o restante da tripulação. Em questão de minutos, todos correram para seus postos. O capitão-tenente Bishop ainda abotoava a jaqueta quando chegou ao convés principal, seguido pelo Sr. Temple.

— O que houve, senhor?

— Os *dacca* voltaram.

Wyatt, que assumia o leme, olhou para o capitão.

— Quais são as ordens, senhor? — perguntou ele laconicamente.

— Cuidado com esse tom de voz, timoneiro! — retrucou Temple.

— Só estou perguntando, senhor.

— E a resposta vai ser um bom *açãoite*! — rugiu o Sr. Temple.

— Calem a boca, vocês dois. Preciso pensar — disse Seward, e começou a andar pelo convés de cabeça baixa. Com uma das mãos ele mexia no cinto do roupão, enquanto com a outra tocava os lábios.

— Senhor, nós só temos uma chance... uma chance em mil — declarou Wyatt.

O Sr. Temple segurou firme a bengala e avançou contra ele.

— Alto lá! Sr. Temple! — ordenou o capitão antes de voltar a atenção para Wyatt. — Explique-se, timoneiro.

— Àquela distância, com o litoral atrás de nós, os dacca não estão enxergando o *Tempestade*. O máximo que conseguem ver são as lanternas.

— Deus do céu! Você tem razão... Apaguem essas...

— Não, espere, senhor! — Wyatt o deteve. — É *bom* que eles vejam as lanternas. Mande baixar o escaler, improvise um mastro à proa e outro à popa e mande pendurar duas lanternas, uma em cada extremidade. Então, apague as nossas lanternas e afaste nosso barco daqui. Os dacca vão passar a noite toda prestando atenção às lanternas acesas. Enquanto isso, a gente manobra o *Tempestade*, busca um bom vento e chega em segurança à baía de Wesbaden.

— Mas esse não é o nosso destino.

— Para o diabo com nossas ordens, senhor! Se não pegarmos um bom vento, os dacca vão nos alcançar amanhã à noite.

— *Eu* sou o capitão deste navio! — rosnou Seward. — Mais uma insolência e não vou conter a mão do Sr. Temple!

O capitão olhou para a tripulação. Todos os olhos estavam voltados para ele, que recomeçou a andar, de um lado para outro, com a cabeça baixa.

— Senhor? — indagou Bishop. — Quais são as ordens?

— Não está vendo que estou pensando, homem?

— Sim, senhor.

As velas superiores começaram a se agitar, pois o navio perdia o melhor ângulo do vento.

— Baixem o escaler — finalmente ordenou Seward. — Equipem-no com mastros e lanternas.

— E qual será o rumo?

Seward bateu com os dedos nos lábios.

— Não preciso lembrar ao senhor, capitão Seward — disse Thranic, juntando-se ao grupo no convés principal —, que devemos chegar ao porto de Dagastan sem demora.

Seward voltou a bater com os dedos nos lábios.

— Deixem o escaler para trás, com uma tripulação de quatro marujos, e mandem-nos remar o mais rápido que puderem em direção a Wesbaden. Os dacca vão pensar que nós os vimos, e vão seguir para lá, mas o *Tempestade* vai manter o curso atual. Ninguém acende uma luz neste navio sem a minha ordem e quero silêncio absoluto. Entendido? Nenhum pio!

— Sim, senhor.

Seward olhou para Wyatt, que balançou a cabeça expressando reprovação. O capitão o ignorou e se virou para o capitão-tenente.

— Cumpra minhas ordens, Sr. Bishop.

— Sim, sim, senhor.



— Você deveria ter se apresentado para integrar a tripulação do escaler — sussurrou Wyatt para Hadrian. — Nós dois deveríamos.

Ainda estava escuro e fazia tempo que a lua crescente mergulhara no mar. Em obediência às ordens do capitão, o navio avançava em silêncio. Até o vento havia parado, e o navio balançava, imóvel e silencioso, na escuridão.

— Você não aprovou a decisão de Seward? — sussurrou Hadrian em resposta.

— Os dacca são mais espertos do que ele.

— Mas ele merece ao menos o benefício da dúvida. Pode ser que eles pensem que a gente deu meia-volta e fugiu.

Wyatt soltou uma risada abafada.

— Se você fosse capitão e resolvesse fugir de barcos mais velozes, no meio da noite, deixaria as lanternas acesas? A tática da lanterna só funciona se eles acham que nós *não* os vimos.

— Eu não tinha pensado nisso — admitiu Hadrian. — Logo saberemos se eles morderam a isca. O dia já está clareando.

— Cadê Royce com aqueles olhos de águia? — perguntou Wyatt.

— Foi dormir depois da vigília dele. Aprendemos, com o passar dos anos, que convém dormir e comer sempre que possível para não nos arrependermos depois.

À medida que a luminosidade aumentava, eles corriam os olhos pelo oceano.

— Talvez o capitão esteja certo — comentou Hadrian.

— Como assim?

— Não estou vendo os dacca.

Wyatt riu.

— Você não está vendo porque não dá para ver nada, nem mesmo o horizonte. Há neblina sobre a superfície da água. Isso costuma acontecer nesta época do ano.

O dia clareou e Hadrian constatou que Wyatt estava certo. Uma camada espessa e cinzenta de nuvens os envolvia.

O capitão-tenente Bishop subiu ao convés principal e bateu levemente à porta da cabine do capitão.

— O senhor pediu para ser acordado quando o dia clareasse, senhor — murmurou ele.

O capitão saiu da cabine, desta vez vestido, e caminhou com altivez até o passadiço.

— Neblina, senhor.

O capitão franziu o cenho.

— Estou vendo, Sr. Bishop. Não sou cego.

— Não, senhor.

— Mande um marujo com uma luneta subir no mastro principal.

— Sr. Wesley — chamou Bishop, em voz baixa. O aspirante veio correndo. — Leve esta luneta ao topo do mastro e fique de vigília.

— Sim, senhor.

O capitão Seward, balançando-se nos calcanhares com as mãos para trás e contemplando a neblina, disse:

— Até aqui a coisa parece promissora, não é, Sr. Bishop?

— Parece mesmo, senhor. A neblina vai ajudar a nos esconder.

— O que você acha agora, timoneiro? — perguntou o capitão a Wyatt.

— Acho que vou esperar o resultado da vigília do Sr. Wesley, se o senhor não se importar.

Seward cruzou os braços em sinal de irritação e recomeçou a andar de um lado para outro, com pernas curtas e uma pança que pouco contribuíam para construir a imagem de um capitão.

Wesley chegou ao topo do mastro e abriu a luneta.

— Então? — perguntou Seward em voz alta, sendo vencido pela impaciência.

— Não dá para ver, senhor. A neblina está espessa demais.

— Dizem que os dacca usam magia para fazer neblina — sussurrou Poe para Hadrian enquanto olhavam para o mar. — É provável que estejam fazendo isso para nos surpreender.

— Ou talvez a neblina resulte do fato de o ar estar mais frio hoje de manhã — respondeu Hadrian.

Poe deu de ombros.

A tripulação permaneceu calada e ociosa durante uma hora, até que o Sr. Temple ordenou a Hadrian que servisse a refeição matinal. Os homens comeram, então perambularam pelo tombadilho em silêncio, como fantasmas num mundo branco e nebuloso. A refeição do meio-dia foi servida sem que a neblina que os envolvia diminuísse.

Hadrian tinha acabado de limpar a cozinha, quando ouviu a voz de Wesley, do topo do mastro:

— Velas à vista!

Subindo ao convés, Hadrian sentiu uma brisa fresca e o vento que dissipava a neblina, removendo os véus brancos, um após o outro. As três palavras deixaram todos tensos.

— Pelo amor de Maribor, homem! — gritou Seward. — Que tipo de velas?

— Velas triangulares e vermelhas, senhor!

— Maldição! — praguejou Seward. — Quantas?

— Cinco!

— Cinco? Cinco! Como é possível... Cinco?

— Não, espere! — gritou Wesley. — São seis! E mais três a bombordo.

As faces do capitão perderam a cor.

— Pelo amor de Maribor!

No momento em que ele falou, Hadrian avistou as velas amontoadas sobre a superfície da água.

— Ordens, capitão? — perguntou Wyatt.

Seward olhou ao redor, desesperado.

— Sr. Bishop, manobre o navio a bombordo.

Wyatt balançou a cabeça com ar desafiador.

— Nós precisamos pegar o vento.

— Maldito! — disse Seward, hesitando um instante; em seguida, gritou: — Está bem! À esquerda, timoneiro. Manobre o navio, vamos!

Wyatt girou o timão e as correntes puxaram o leme, de modo que o navio começou a virar à esquerda. O Sr. Temple gritava ordens à tripulação. O *Tempestade de Esmeralda* era preguiçoso e demorou a pegar o vento, perdendo velocidade até ficar quase à deriva. Finalmente, a vela dianteira tremulou, inflou-se e fez seu papel. As vergas se ajustaram e os homens



correram para fixar as amarras. A bujarrona captou a brisa e se inflou plenamente. O navio rangia alto enquanto os mastros suportavam a pressão.

O *Tempestade* ganhou velocidade, apontando em direção à costa. Wyatt se mantinha firme ao timão. O vento pressionava as velas e fazia o navio adernar, afundando perigosamente o casco. A crista das ondas se quebrava contra a balaustrada e os homens se agarravam ao que podiam para se manter de pé no convés inclinado. Segurando os cabos da mezena, de olhos arregalados, o capitão fitava Wyatt, mas nada dizia. Deixando o vento atingir em cheio o barco com todas as velas infladas, Wyatt mantinha o timão firme. Bishop e Temple corriam o olhar, de Wyatt para o capitão, do capitão para Wyatt, mas ninguém se atrevia a expedir uma ordem na presença de Seward.

Hadrian também se agarrou à balaustrada para não escorregar tombadilho abaixo. Enquanto se sustentava, chegou a temer que Wyatt virasse o navio. O casco gemia sob o peso, os mastros rangiam sob a pressão, mas o barco ganhou velocidade. Inicialmente chocando-se contra os vagalhões que explodiam sobre o convés, o *Tempestade* logo passou a deslizar pela crista das ondas, impulsionado por um belo vento de proa. O navio completou a manobra e finalmente Wyatt relaxou a tensão sobre o leme, voltando a nivelar o tombadilho. O barco se alinhou e correu impulsionado pelo vento, a proa elevada.

— Ajustem as velas! — ordenou o capitão-tenente.

Os homens voltaram ao trabalho, de vez em quando olhando para trás, a fim de ver a aproximação dos navios.

— Sr. Bishop! — chamou Seward. — Entregue armas aos homens e providencie mais uma porção de grogue.

Royce subiu ao convés no momento da troca de turnos de vigília.

— Daqui a quanto tempo você acha que eles vão nos alcançar? — perguntou ele a Hadrian, olhando para a pequena frota de velas vermelhas no encaço do *Tempestade*.

— Não sei. Nunca estive numa situação como esta. O que você acha?

Royce deu de ombros.

— Algumas horas, talvez.

— A coisa não está nada boa, não é?

— E você queria ser marinheiro.



Hadrian se concentrou no preparo da refeição noturna, ciente de que talvez fosse a última da qual os homens desfrutariam. Poe, cuja ausência já havia sido notada, entrou na cozinha todo apressado.

— Onde você se meteu?

Poe exibiu uma expressão submissa.

— Eu estava falando com Wyatt. Os barcos dos dacca estão se aproximando. Vão nos alcançar ainda esta noite, com certeza.

Hadrian meneou a cabeça com ar sombrio.

Poe se adiantou para ajudar no corte da carne de porco salgada, então acrescentou:

— Wyatt tem um plano. Não vai dar para salvar todo mundo... na verdade, só alguns... e talvez nem funcione, mas é melhor que nada. Ele quer saber se você quer participar.

— E Royce?

— Ele também.

— Qual é o plano?

— Vela à vista! — Eles ouviram, lá dentro da cozinha, o grito do Sr. Wesley. — Mais duas tartanas... à proa!

Poe e Hadrian, a exemplo de todos os que estavam a bordo, correram para o convés e viram o Sr. Wesley apontando em direção à proa. Duas velas vermelhas saíam de uma enseada com o objetivo de impedir a fuga deles.

Velejando velozmente contra o vento, elas avançavam para interceptar o *Tempestade*.

— Preparem o convés para ação! — gritou Seward de cima do convés principal, enxugando o suor da testa.

Homens correram pelo tombadilho, mais uma vez carregando baldes com areia e água. Arqueiros se posicionaram no castelo de proa, retesando os arcos. Óleo e carvão em brasa foram postos ao alcance da mão.

— Precisamos nos manter longe deles — disse o capitão. — Timoneiro, manobre o navio em...

— Nós precisamos de velocidade, *senhor* — interrompeu-o Wyatt.

O capitão fez careta diante da interrupção.

— Cuidado, Deminthal, ou eu esqueço o açoitite que estou lhe devendo e o mando direto para a forca!

— Com o devido respeito, o senhor cedeu esse privilégio aos *dacca* ontem à noite. E a coisa vai acontecer antes do previsto, se eu alterar o curso agora.

— Pelo amor de Maribor! Sr. Temple, assumo o... — O capitão parou ao ver que as tartanas começavam a manobrar.

— Está vendo? Eles contavam com a nossa manobra — comentou Wyatt.

Percebendo a precipitação, os *dacca* tentaram desfazer a manobra, mas era tarde demais. Um espaço havia se formado.

Seward resmungou e fez careta para Wyatt.

— Senhor? — perguntou Temple.

— Esqueça. Deixe o navio no curso atual, Sr. Bishop. Diga aos arqueiros que mirem no navio que está a bombordo! Talvez possamos desacelerá-los se conseguirmos incendiar um dos barcos deles.

— Sim, sim, senhor!

Hadrian correu até o castelo de proa. Tendo dado provas de ser um dos melhores arqueiros do navio, ele foi posicionado no centro da linha. Pegando um arco sólido e forte, testou a tensão da corda.

— O vento vai desviar as flechas um pouco em direção à proa — mencionou Poe, preparando um balde com carvão em brasa. — Talvez seja bom mirar um pouco fora do alvo, não é?

— Agora você é meu escudeiro também?

Poe sorriu e balançou a cabeça.

— Eu já o vi treinando. Acho que o lugar mais seguro deste navio agora é aqui mesmo. Eu passo as flechas com óleo para você. É só disparar.

As tartanas dos dacca deslizavam sobre as ondas, as velas vermelhas triangulares infladas na tentativa de obter a melhor vantagem possível do vento de proa. Figuras escuras corriam como formigas pelo tombadilho e pelo cordame dos barcos menores.

— Preparar flechas! — gritou o capitão-tenente Bishop.

Hadrian posicionou a primeira flecha na corda do arco.

À medida que se aproximavam do *Tempestade*, os dacca começaram a manobrar. As vergas correram e as canas dos lemes se retesaram seguindo a manobra feita por Wyatt, embora de modo bem mais impressionante, considerando que os dois navios reagiam em perfeito uníssono, como bailarinos realizando piruetas simultâneas.

— Acender as flechas!

Hadrian encostou a bucha embebida em óleo no balde cheio de brasas e uma labareda explodiu na ponta da flecha. Uma fileira de homens a bombordo se preparou para disparar enquanto uma nuvem de fumaça negra subia ao céu.

— Apontar! — ordenou Bishop no momento em que os navios dos dacca entraram no alcance dos disparos. No convés das tartanas, uma fileira de flechas incendiárias também apontava. — Fogo!

Um arco de fogo rasgou o céu azul, deixando atrás de si um rastro de fumaça negra. Ao mesmo tempo, os dacca dispararam suas flechas, e as setas se cruzaram em pleno ar. Em torno de si, Hadrian ouviu o ruído das flechas atingindo seus alvos. A brigada de combate ao fogo correu para apagar as

chamas; acima deles Royce desceu por um cabo e, com um pontapé, lançou ao mar uma flecha encravada no mastro principal antes que a bujarrona se incendiasse.

Poe preparou outra flecha. Hadrian posicionou-a no arco, acendeu-a, apontou e a disparou em direção à verga inferior da bujarrona dos dacca. À direita, ele ouviu o estalo da catapulta sendo acionada, disparando um imenso petardo em chamas. O disparo atingiu a lateral da tartana, lascando uma parte do casco e se alojando lá. Hadrian ouviu um zumbido junto à orelha. Atrás dele, o balde com óleo virou e o líquido pegou fogo. Poe deu um salto para trás, a calça em chamas. Pegando um balde próximo, Hadrian apagou o fogo com areia.

Outra saraivada de flechas choveu sobre o tombadilho. Enquanto armava a catapulta para um segundo disparo, o contramestre Bristol caiu morto, uma seta encravada no pescoço e os cabelos em chamas. Basil, o cozinheiro dos oficiais, foi flechado no peito, e o marinheiro Bliden deu um grito quando duas setas o atingiram, uma na coxa e outra na mão. Erguendo os olhos, Hadrian viu que a segunda saraivada havia partido do outro barco.

Trêmulo, mas sem ferimentos graves, Poe localizou outro balde com óleo e o levou até Hadrian. No momento em que os dois navios emparelharam, Hadrian achou o que procurava: um balde ao pé dos arqueiros. Mirando no alvo, prendeu a respiração, apontou e disparou. O balde que estava na tartana explodiu. Hadrian viu um jovem dacca tentando apagar as labaredas com água. Instantaneamente o fogo varreu o convés. Naquele momento, a equipe encarregada de operar a catapulta do *Tempestade*, após carregar a arma com diversas flechas, disparou implacavelmente contra os inimigos. Gritos preencheram o espaço entre os dois navios e o *Tempestade* avançou, deixando para trás os barcos incendiados.

Mais uma vez, a tripulação comemorou a vitória, mas foi uma comemoração insípida. Em meio às marcas chamuscadas produzidas pelo grande número de flechas, uma dezena de corpos jazia pelo tombadilho.

Eles ainda não haviam escapado da emboscada, e as velas vermelhas que os seguiam agora estavam mais perto.



Quando a noite caiu, o capitão ordenou à tripulação que não estava em serviço, incluindo Hadrian e Royce, que descesse ao porão para descansar. Na descida, eles pegaram seus pertences, que estavam na cozinha, e aproveitaram a oportunidade para vestir suas túnicas e capas. Hadrian afivelou as espadas no cinto. O gesto provocou alguns olhares curiosos, mas ninguém abriu a boca.

Nenhum tripulante dormia e poucos sequer estavam sentados. A maioria andava de cabeça inclinada para não bater no teto baixo, porém, naquele momento, talvez alguns estivessem rezando. Muitos homens pareciam ser supersticiosos, mas não religiosos — até aquele momento.

— Por que não buscamos terra firme? — perguntou o marinheiro Davis aos companheiros. — O litoral está a apenas alguns quilômetros. A gente poderia ancorar e fugir pela selva.

— A costa de Cális é cercada de bancos de corais — retrucou Banner, raspando o tampo da mesa com uma faca. — A gente racharia o fundo do *Tempestade* e os dacca se dariam muito bem. Além disso, o capitão não vai abandonar o navio e fugir.

— O capitão Seward é um asno!

— Cuidado com a língua, rapaz!

— Por quê? Ele pode nos fazer algo pior que os dacca?

Banner não tinha resposta para a pergunta. Ninguém tinha. O medo se espalhou pela tripulação, medo da morte iminente, agravado pelo veneno decorrente da espera ociosa pelo momento final. Com base na experiência acumulada em inúmeras batalhas, Hadrian sabia que era estupidez deixar

homens inativos, com a mente desocupada. A porta do porão se abriu e todos olharam para Wyatt e Poe, que acabavam de chegar.

— Qual é a palavra de ordem? — perguntou Davis.

— Agora falta pouco, rapazes. Preparem-se. Acho que o capitão já vai fazer soar o alarme geral.

Wyatt parou ao pé da escada e falou com Grady e Darning, em voz baixa. Eles menearam a cabeça em sinal de concordância e se dirigiram à popa. Com os olhos, Wyatt fez um sinal para Hadrian e Royce o seguirem. Na apertada parte de trás do porão havia apenas redes vazias, propiciando bastante privacidade à conversa que teriam.

— Então, que plano é esse? — sussurrou Royce.

— Não temos como ganhar essa briga — declarou Wyatt. — Só nos resta fugir.

— Você disse que o *Tempestade* não tem condições de escapar deles — lembrou-o Hadrian.

— Não pretendo escapar deles no *Tempestade*.

Hadrian e Royce trocaram olhares.

— Os dacca querem o navio e a carga. Foi por isso que furamos o bloqueio com tanta facilidade. Eles queriam que perdêssemos velocidade, mas não queriam nos interceptar. Se eu tivesse seguido as ordens de Seward, todos estaríamos mortos agora. Nas atuais circunstâncias, o máximo que consegui foi ganhar algumas horas, mas essas horas foram necessárias.

— Necessárias para o que, exatamente? — perguntou Royce.

— Para escurecer. Os dacca não enxergam melhor à noite do que nós, e, enquanto tomam o *Tempestade*, a gente foge. Eles vão emparelhar o maior número de barcos ao nosso navio, para nos dominar com base na simples superioridade numérica. Quando pularem para o nosso barco, um grupo de homens que selecionei a dedo vai ocupar uma das tartanas. Com um pouco de sorte, a gente sai do *Tempestade* antes que nos vejam. No escuro e na confusão da luta, o plano pode dar certo.

Ambos concordaram.

Wyatt apontou para Hadrian e falou:

— Quero que você lidere o grupo que vai ocupar a tartana. Eu vou ficar no convés principal, e de lá dou o sinal.

— O que você vai fazer? — indagou Royce.

— Você quer dizer o que *nós* vamos fazer? Não cheguei até aqui para não encontrar Allie. Você e eu vamos nos valer do alvoroço para entrar na cabine do capitão e roubar todas as ordens e pergaminhos que encontrarmos. Fique de olho em mim, para saber o momento exato de agir.

— E os elfos que estão lá embaixo? — quis saber Royce.

— Não se preocupe com eles. Os *dacca* querem o navio intacto. É provável que tratem os elfos melhor do que o Novo Império.

— Quem está nesse grupo que você selecionou? — indagou Hadrian.

— Poe, é claro, Banner, Grady...

— Todos a postos! — gritou Temple lá em cima enquanto os tambores rufavam.

— A gente se vê lá em cima, senhores — disse Wyatt, dirigindo-se à porta do porão.

O céu estava negro. Nuvens invisíveis encobriam as estrelas e a lasca de lua. A escuridão envolvia o mar, um abismo sombrio onde apenas a espuma das ondas que quebravam na proa revelava a presença de água. Hadrian não enxergava coisa alguma.

— Arqueiros para a plataforma da popa!

Hadrian se juntou aos demais ao longo da balaustrada, ombro a ombro, olhando para o rastro do *Tempestade de Esmeralda*.

— Setas leves! — foi dada a ordem.

Ouviu-se um ruído, projetado pela superfície da água, e no instante seguinte homens que estavam em volta de Hadrian gritaram, pois flechas choveram sobre a popa.

— Fogo! — ordenou Bishop.



Todos ergueram os arcos e dispararam no mesmo instante, lançando às cegas flechas incendiárias dentro da escuridão. Uma cauda de fogo desenhou um longo arco, algumas flechas caindo com um chiado no mar, outras atingindo madeira, a luz do fogo revelando um navio a pouco menos de 300 metros atrás deles.

— Lá! — gritou Bishop. — Eis o alvo, rapazes!

A troca de saraivadas foi intensa. Homens tombaram em ambos os lados, diminuindo o contingente de arqueiros. Pequenos incêndios surgiram na tartana, iluminando o barco e a tripulação. Os dacca eram homens de baixa estatura, troncados, com musculatura definida; tinham barba longa e cabelos desgrenhados. A luminosidade do fogo produzia em seus corpos suados e desnudos um brilho demoníaco.

Quando a tartana se achava a menos de 50 metros à popa, o mastro principal dela pegou fogo e ardeu como uma árvore seca. A luminosidade expôs o mar, em todas as direções, e calou a celebração dos tripulantes do *Tempestade* ao revelar a posição do restante da frota dos dacca. Quatro navios já haviam se emparelhado ao *Tempestade de Esmeralda*.

— Preparar para impedir o embarque dos invasores! — gritou Seward. Em seguida, ele sacou a espada, brandiu-a acima da cabeça e correu para se proteger junto às paredes do castelo de proa.

— Suspende os cordames! — ordenou Bishop.

A tripulação encarregada dos cordames suspendeu os cabos em ambos os lados do tombadilho, criando uma barreira de cordas emaranhadas. Sob o comando dos oficiais, os homens se posicionaram no convés, os sabres em punho.

— Cortar as amarras! — gritou o Sr. Wesley no momento em que ganchos se prendiam na balaustrada.

O convés foi sacudido quando as tartanas se chocaram contra o casco do *Tempestade de Esmeralda*. Uma enxurrada de homens baixos e troncados, vestidos apenas com armaduras de couro e pintados de vermelho, pulou por

cima da balaustrada. Gritavam, enfurecidos, enquanto as espadas se cruzavam.

— Agora! — Hadrian ouviu o grito de Wyatt.

Hadrian se virou e viu o timoneiro apontando para a tartana amarrada a bombordo do *Tempestade*, próxima à popa, tendo sido o primeiro barco dos dacca a alcançá-los. A maior parte dos tripulantes da tartana já embarcara no *Tempestade*. Poe, Grady e os demais integrantes do grupo selecionado por Wyatt aguardavam Hadrian.

— Vamos! — gritou Hadrian e, agarrando um dos cabos da mezena, lançou-se por cima da água, caindo na popa da tartana.

Surpreendido, o timoneiro do navio dos dacca tentou sacar um punhal, mas Hadrian cortou sua garganta. Outros dois dacca o cercaram. Hadrian se esquivou ao mesmo tempo que desferiu um golpe. O montante penetrou profundamente no estômago do primeiro dacca. O segundo, valendo-se da oportunidade, atacou, porém Hadrian tinha a espada bastarda na mão esquerda, e com ela desviou um golpe ensandecido. Retirando a espada de dentro do estômago do dacca, Hadrian desferiu um golpe lateral, decepando a cabeça do indivíduo.

Com três cadáveres sobre a plataforma da popa, Hadrian viu que Poe e os demais já haviam ocupado a tartana e naquele momento cortavam as amarras. Assim que o fizeram com a última, Poe usou uma vara para empurrar a tartana para longe do *Tempestade*.

— Onde estão Royce e Wyatt? — perguntou Hadrian, chegando ao convés de baixo.

— Eles vão nadar e a gente vai resgatá-los do outro lado — explicou Poe, enquanto passava correndo por Hadrian em direção à popa. — Agora precisamos sair da luz!

Poe subiu os poucos degraus de acesso ao pequeno convés principal da tartana e assumiu o timão.

— Girar o pau de carga! — ordenou ele aos sussurros. — Preparar as velas!

— A gente sabe o que fazer, rapaz, bem melhor do que você! — resmungou Dering. Ele e Grady já se ocupavam em içar a bujarrona, lutando para conter a lona, que se contorcia como uma serpente, fazendo com que as argolas do cordame se chocassem contra o mastro. — Banner! Davis! Ajustem a bujarrona para um curso a estibordo.

Hadrian não tinha aprendido a manejar os cabos e ficou de lado, sem poder ajudar, enquanto os demais corriam pelo tombadilho. Mesmo que houvesse aprendido algo sobre o cordame, de nada adiantaria. A tartana dos dacca era totalmente diferente do *Tempestade*. Além de ser menor, o casco era abaulado, como um barco pesqueiro, e com dois tombadilhos. E havia apenas duas velas: uma de proa, sustentada por um mastro dianteiro, e a bujarrona. Ambas eram triangulares e pendiam de vergas compridas e curvas que, ao cruzar os mastros, formavam ângulos que emprestavam ao perfil do barco a aparência da cabeça de dois machados rachando o vento. O convés era de madeira escura. Olhando em torno, Hadrian se perguntou se os dacca não tingiam o convés com o mesmo sangue usado para as velas. Após ver o cordame enfeitado por crânios humanos, a conclusão parecia lógica.

A bordo do *Tempestade*, a luta parecia inglória. Ao menos metade da tripulação jazia morta ou agonizava. Não havia qualquer sinal das velas, pois ao tomar o navio os invasores priorizaram sua destruição. O convés estava repleto de homens troncudos e seminus que cercavam o castelo de proa, empunhando tochas e se esquivando de flechas, na tentativa de assumir o comando da embarcação.

Poe empurrou o leme da tartana, afastando a proa da embarcação dacca do *Tempestade*. O vento inflou as velas, e o pequeno barco deslizou serenamente. Com a destruição das velas do *Tempestade de Esmeralda*, o navio flutuou inerte sobre a água e foi fácil circundá-lo. Poucos tripulantes

permaneceram nos outros barcos dos *dacca*, mas sua presença não importava, pois toda atenção se voltava para o *Tempestade*. Até onde Hadrian pôde perceber, ninguém os notara.

— Vou dar a volta — anunciou Poe. — Hadrian, fique a postos com aquela corda ali, e que todo mundo fique de olho na água, pois Wyatt e Royce vão aparecer a qualquer momento.

— Royce? — indagou Dering, de má vontade. — Por que vamos resgatar o assassino? Posso cuidar do cordame sozinho.

— Porque foi ordem de Wyatt — respondeu Poe.

— E se a gente não os achar? E se eles morrerem antes de conseguir sair do navio? — perguntou Davis.

— Se isso acontecer, eu resolvo o que vamos fazer — retrucou Poe.

— Você? Você é mesmo muito bobo, rapaz. Eu vou estar ferrado se começar a receber ordens de um fedelho como você! E Davis aqui tem mais anos de mar do que você, mas é um idiota também. Se a gente não encontrar logo Deminthal, você vai é receber ordens de mim.

— Como eu falei — repetiu Poe —, se isso acontecer, eu resolvo o que vamos fazer.

Dering exibiu um sorriso ameaçador, no entanto Hadrian achou que Poe, por estar na popa e no escuro, não teria visto a reação do companheiro.



Ao receber o sinal, Royce não tardou.

— Não temos muito tempo — declarou Wyatt. — A cabine do capitão é a prioridade.

Ele arrombou a porta com um pontapé, rachando a moldura.

Inteira e acarpetada, a parte traseira do navio compreendia uma suíte de luxo. Seda, em tons de dourado e marrom, cobria as paredes,

combinando com a mobília estofada e uma colcha do mesmo material. Pendurado numa das paredes havia um quadro, retratando um homem banhado pela luz do sol, exibindo no rosto uma expressão de enlevo, enquanto uma pena branca flutuava em direção às suas mãos erguidas. Lanternas de prata balançavam acima de janelões ao longo da parede oposta à entrada. A cama ficava de um lado e uma espaçosa escrivaninha ocupava o outro.

Wyatt examinou rapidamente a cabine, então se dirigiu à escrivaninha, onde revirou as gavetas.

— Ele deve ter posto as ordens em um lugar seguro.

— Que tal em um cofre? — sugeriu Royce, abrindo a cortina de uma das janelas e revelando um compartimento, do tamanho de uma escotilha, trancado com um cadeado. — O cofre sempre é escondido atrás da cortina.

— Você consegue abri-lo?

Royce deu uma risadinha sarcástica. Ele retirou do cinto uma pequena ferramenta e, em questão de segundos, a portinha se abriu. Wyatt introduziu a mão no cofre, pegou a pilha de documentos ali guardados e os enfiou numa bolsa.

— Vamos dar o fora daqui — disse ele, dirigindo-se à porta. — Pule pela balaustrada a estibordo. Poe vai nos resgatar.

Quando saíram da cabine do capitão, eles se depararam com um caos. Homens troncudos, pintados de vermelho, subiam pelas laterais do navio. Cada um portava espadas de lâminas curtas ou machados que cortavam tudo que cruzasse o caminho deles. Sobre o convés da popa havia um pequeno grupo de indivíduos. Os demais tinham recuado à suposta segurança do castelo de proa. Os que tentavam resistir morriam. No instante em que pisou no convés, Royce viu Dime, capitão encarregado da bujarrona, ser praticamente cortado ao meio pelo golpe dilacerante do machado de um dacca.

O capitão-tenente Bishop e os outros oficiais resistiram ao máximo, mas agora, perante a inundação de dacca por todo o tombadilho, corriam desesperadamente em direção ao castelo de proa. Apunhalado nas costas, o capitão-tenente Green tombou. Enquanto caía, estendeu os braços na tentativa de se agarrar em algo. Suas mãos encontraram o aspirante Beryl, que passava correndo, e o levaram ao chão também. Beryl praguejou e deu um chute em Green, porém se levantou tarde demais. Os dacca o cercavam.

— Socorro! — gritou ele.

Royce viu que os outros tripulantes o ignoravam e seguiam correndo — a exceção de um. O aspirante Wesley se voltou a tempo de estocar um dacca, pego de surpresa pela súbita reação de sua presa em fuga. Segurando a espada com ambas as mãos, Wesley desferiu um golpe no sentido horizontal, de um lado ao outro do peito do selvagem que substituiu o outro e, com um pontapé, empurrou-o de lado.

— Beryl! Por aqui... Corra! — gritou ele.

Beryl golpeou o dacca e correu em direção a Wesley. Eles logo se viram cercados, e dois dacca os empurravam cada vez mais longe do castelo de proa. Uma flecha perdida salvou Wesley de uma decapitação, e ambos lutavam para se defender. Em grande inferioridade numérica, recuaram, até que suas costas tocaram na balaustrada.

A lâmina de um dacca retalhou o braço e o quadril de Beryl, que deu um grito, largando a espada. Wesley se lançou entre Beryl e o agressor. O jovem aspirante brandia a espada enlouquecidamente, lutando para defender o companheiro mais velho. Então, Wesley foi ferido. Cambaleando para trás, tentou se agarrar às correntes do cordame, mas não conseguiu e caiu no mar. Sozinho e desarmado, Beryl gritou enquanto os dacca o acossavam, até que por fim o decapitaram.

Ninguém percebeu Wyatt e Royce se arrastando pelas sombras na popa, buscando um local de onde pudessem pular no mar. Agacharam-se logo acima das janelas da cabine do capitão. Royce estava prestes a saltar quando

viu Thranic saindo do porão. A sentinela surgiu empunhando uma tocha, como se quisesse simplesmente descobrir o motivo da barulheira. Em seguida, conduziu os serets até o convés principal, que prontamente formaram uma espécie de parede em torno da sentinela. Percebendo a chegada do reforço, os dacca se prepararam para o ataque, e avançaram, mas morreram nas pontas das espadas dos serets. Os cavaleiros de Nyphron não eram marujos nem escravos forçados a trabalhar na cozinha. Conheciam o manejo de armas e sabiam lutar em formação.

Abraçado à bolsa, Wyatt pulou do navio.

— Royce! — gritou Wyatt, já no mar.

Royce observava a cena, impressionado com a coragem e a habilidade dos cavaleiros, que naquele momento enfrentavam os dacca. Parecia até que a ação dos cavaleiros começava a mudar o destino da luta. Então Thranic lançou a tocha acesa dentro do porão do navio. Ouviu-se o barulho de uma lufada de ar, como se o barco tivesse prendido a respiração. Seguiu-se uma explosão. Um rugido profundo, ressoante, sacudiu o piso de madeira sob os pés de Royce. Labaredas surgiram de todas as escotilhas e o ar se encheu de gritos de desespero. À luz cintilante de carne humana e madeira em chamas, Royce viu o sorriso da sentinela.



Hadrian e a diminuta tripulação do barco roubado dos dacca acabavam de se posicionar a estibordo do *Tempestade* quando tudo se iluminou. O *Tempestade de Esmeralda* ardia em chamas. Em pouco mais de um minuto o fogo se alastrara pelo convés. Os homens que estavam nos cordames superiores não tiveram alternativa, senão pular fora. Daquela altitude, ao se chocarem contra a superfície da água, os corpos produziram o som de algo que se quebrava. O cordame pegou fogo, os cabos cederam e as vergas se

soltaram, caindo como troncos de árvore em chamas. A escuridão do mar diminuiu, pois o *Tempestade de Esmeralda* se tornou uma fogueira no oceano. Quem estava perto da balaustrada pulou no mar. Gritos, uivos e o chiado e o crepitar do fogo encheram a noite. Olhando para a água negra, cuja superfície formigava com reflexos vivos, Hadrian avistou um chumaço de cabelos louros e um uniforme escuro.

— Sr. Wesley, aguento firme! — chamou Hadrian, lançando uma corda.

Ao ouvir seu nome, Wesley se virou, com uma expressão aturdida, como alguém que desperta de um sonho, e viu Hadrian segurando a ponta da corda. Ele a pegou e foi pescado e içado ao convés como um peixe.

— É bom tê-lo a bordo, senhor — declarou Hadrian.

Wesley se engasgou, tentando respirar, e se virou de lado, vomitando água salgada.

— Pela sua reação, suponho que o senhor esteja igualmente satisfeito.

— Wyatt! — gritou Poe.

— Royce! — chamou Hadrian.

— Ali! — indicou Dering, apontando.

Poe virou o leme e o barco avançou em direção ao barulho de braços batendo sobre a água.

— São Bernie e Staul — anunciou Grady, de sua posição à proa.

Os dois não perderam tempo, subindo pelos cabos do navio.

— Tem mais barulho de braçadas ali! — apontou Davis.

Poe não precisou alterar o curso, pois os nadadores avançavam em direção ao barco. Davis foi o primeiro a acudi-los. Quando estendeu o braço, uma lâmina o atingiu no peito, antes de ele ser puxado para fora do barco.

Hadrian agora podia vê-los: morenos, selvagens, com os corpos pintados, punhais compridos e peles molhadas que refletiam a luz das labaredas. Agarrados aos cabos, subiam pela lateral da tartana como ratos. Hadrian sacou a espada e atacou o que estava mais próximo, porém o homem se esquivou e continuou subindo. O guerreiro tenkin, Staul, apunhalou outro



no rosto, que recuou, emitindo um grito e espalhando água. Bernie e Wesley se juntaram a ele, desferindo golpes frenéticos, até que o dacca desistiu e desapareceu na escuridão.

— Atenção com o outro lado! — gritou Wesley.

Staul e Bernie se posicionaram junto à balaustrada de estibordo, mas nada se movia.

— Algum sinal de Davis? — perguntou Hadrian.

— Ele já está morto — anunciou Staul. — Precisamos tomar mais cuidado ao nos aproximarmos de alguém dentro d'água, certo?

— Bulard! — exclamou Bernie, indicando mais homens nadando.

— E aqui tem mais três — anunciou Wesley, identificando rostos dentro da água turbulenta. — Um é Greig, o marceneiro, o outro é o Dr. Levy, e o outro é...

Hadrian não precisava ter os olhos de Royce para identificar o outro homem. A luz infernal que emanava do navio incinerado calhava bem com a fisionomia da sentinela. Thranic nadava em direção à tartana, o capuz caído e o rosto pálido reluzente. Já não bastavam Dering, Bernie e Staul. Agora teriam a bordo ninguém menos que Dovin Thranic.

Para subir pela lateral do barco, Thranic não precisou de qualquer ajuda, o manto encharcado e o semblante fechado. Se fosse um cão, Hadrian sabia que estaria rosnando, e esse pensamento o deixava bastante satisfeito. Bulard, o sujeito que embarcara no meio da noite, parecia mais pálido que nunca. O motivo ficou óbvio no momento em que ele pisou no convés, e o sangue se misturou à água salgada. O Dr. Levy se aproximou e aplicou pressão ao ferimento.

— Hadrian... Poe! — Ouviu-se a voz de Wyatt, vinda do mar, abaixo.

Poe manobrou em direção à voz enquanto os demais se mantinham atentos. Mas dessa vez não havia o que temer. Wyatt e Royce nadavam sozinhos, aproximando-se do barco.

— Onde vocês se meteram? — perguntou Wyatt, subindo na tartana.

— Desculpe, chefe, mas o oceano é vasto.

— Mas não o suficiente — comentou Dering, contemplando o que restava do *Tempestade* enquanto o clarão do fogo iluminava o rosto dele. — Finalmente os dacca nos viram.

O mastro principal do *Tempestade de Esmeralda*, ardendo como uma tocha do tamanho de uma árvore, rachou e ruiu. As paredes do castelo de proa queimavam. Seward, Bishop e os demais tinham morrido pela espada ou pelas chamas. O *Tempestade* havia rachado, e agora mergulhava. O casco adernara e já afundava na proa. Enquanto o navio submergia, o brilho do fogo ainda era suficiente para revelar a presença de vários dacca a bordo da tartana mais próxima apontando para eles e gritando.

— Firmeza no leme! — gritou Wyatt, correndo para pegar a cana do leme. — Dering, Royce, subam pelos cabos! Hadrian, Banner... cuidem das amarras da bujarrona. Grady, cuide das amarras da vela da proa! Quem mais está aqui? Bernie, junte-se a Dering e Royce. Staul, ajude com a bujarrona. Sr. Wesley, se não for muito incômodo, talvez o senhor possa ajudar Grady com as amarras dianteiras. Vamos manobrar e seguir o curso leste-nordeste!

— Isso vai nos colocar novamente contra o vento! — exclamou Grady no momento em que Wyatt manobrava o barco.

— Isso mesmo, com o vento a bombordo. Neste barco, com menos tripulantes, estaremos mais leves e avançaremos com mais velocidade.

Eles manobraram o barco e tomaram o máximo proveito possível do vento.

— Aqui, Banner, assumo o leme — disse Wyatt enquanto examinava o convés. — Podemos nos livrar de um pouco de peso jogando ao mar aquilo que não precisarmos. Quem é esse aí ao seu lado?

Wyatt parou abruptamente, quando Thranic ergueu os olhos.

— O que ele está fazendo a bordo? — perguntou Wyatt.

— Algum problema, timoneiro? — questionou Thranic.

— Você ateou fogo no barco! — acusou Wyatt. — Royce me disse que o viu jogar uma tocha acesa dentro do porão. Quantos barris de óleo você rachou para provocar uma explosão daquelas?

— Cinco, eu acho... Talvez seis.

— Havia elfos. Eles estavam trancados no porão, presos lá embaixo.

— Precisamente — respondeu Thranic.

— Seu filho da mãe! — xingou Wyatt, avançando sobre a sentinela de sabre em punho.

Thranic se moveu com uma agilidade surpreendente, esquivando-se do ataque, lançando o manto sobre a cabeça de Wyatt e o empurrando para o tombadilho, ao mesmo tempo que sacava um punhal comprido.

Hadrian sacou as espadas, mas imediatamente Staul se adiantou a fim de interceptá-lo. Poe sacou o sabre e Grady fez o mesmo, seguido prontamente por Defoe e Dering. Descendo do cordame superior, Royce entrou no meio do conflito, caindo exatamente entre Thranic e Wyatt. Os olhos da sentinela se fixaram nele, queimando de ódio.

— Sr. Wesley! — gritou Royce sem desviar os olhos de Thranic. — Quais são as suas ordens, senhor?

Diante disso, todos pararam. A embarcação seguia velejando com o vento, no entanto a tripulação fez uma pausa. Vários olharam para Wesley. O aspirante ficou petrificado, assistindo ao desenlace da situação.

— As ordens *dele*? — disse Thranic em tom de zombaria.

— Capitão Seward, os capitães-tenentes Bishop e Green e os outros aspirantes estão mortos — explicou Royce. — O Sr. Wesley é o oficial mais antigo. Por direito, ele vai comandar este barco.

Thranic riu.

Wesley fez que sim e disse:

— Ele tem razão.

— Cale essa boca, menino! — retorquiu Staul. — Está na hora de fazer o que tem de ser feito por aqui.

As palavras de Staul fizeram Wesley se virar.

— Eu não sou um menino! — Voltando-se para Thranic, ele acrescentou: — O que eu sou, *senhor*, é o capitão deste barco, e assim o senhor e todos os demais — ele olhou de relance para Staul — *vão* acatar as minhas ordens!

Staul deu uma risada.

— Posso garantir que isso não é uma piada, marujo. E também garanto que não hesitarei em cortá-lo ao meio, aí mesmo onde você está, e qualquer outro tripulante que não me obedecer.

— E como você pretende fazer isso? — perguntou Staul. — Este barco não é o *Tempestade de Esmeralda*. Aqui você não manda em ninguém.

— Eu não diria isso — retrucou Hadrian, dirigindo seu clássico sorriso a Staul.

— Nem eu — acrescentou Royce.

— E nem eu. — Dering se juntou a eles, e suas palavras foram prontamente repetidas por Grady.

Wyatt se levantou devagar. Arregalando os olhos para Thranic, ele disse:

— Isso mesmo, o Sr. Wesley agora é o capitão.

Poe, Banner e Greig concordaram, com um “isso mesmo” coletivo.

Seguiu-se um silêncio tenso. Staul e Bernie olharam para Thranic, que mantinha os olhos cravados em Royce.

— Muito bem, *capitão* — disse finalmente a sentinela. — Quais são as suas ordens?

— Promovo o Sr. Deminthal a capitão-tenente. Todos devem obedecer à risca às instruções que ele der. Sr. Deminthal, suas ordens estão limitadas à preservação da segurança deste barco, no que diz respeito a qualquer ataque dos dacca e à manutenção da ordem e da disciplina. Não haverá execuções ou ações disciplinares de qualquer natureza sem a minha autorização. Fui claro?

— Sim, senhor.

— Suboficial Blackwater, o senhor agora é mestre de armas. Recolha as armas, mas as mantenha prontas para serem utilizadas. Cuide para que as ordens expedidas pelo Sr. Deminthal e por mim sejam cumpridas. Entendido?

— Sim, senhor.

— Sr. Grady, o senhor agora é contramestre. Dr. Levy, por favor, leve o Sr. Bulard para o porão e tome as providências médicas necessárias. O Sr. Dering ficará encarregado do mastro principal. Marinheiros Defoe e Melborn, reportem-se diretamente ao capitão. Vejamos então, Sr. Deminthal.

— A sua espada... — pediu Hadrian a Staul. O tenkin hesitou, mas, após um meneio de cabeça por parte de Thranic, entregou a lâmina. Ao fazê-lo, riu e praguejou no idioma tenkin. — A coisa seria um pouco mais difícil do que você imagina — respondeu Hadrian a Staul, sendo recompensado pela expressão de perplexidade estampada no rosto do tenkin.

Wyatt mandou lançar ao mar tudo que fosse dispensável ao navio. Em seguida, ordenou silêncio e murmurou a ordem para ajuste do curso. A verga deslizou, captando o vento e angulando o barco em direção ao alto-mar. Ao longe, atrás deles, a última luminosidade referente ao *Tempestade de Esmeralda* desapareceu, engolida pelas ondas. Mais perto, viam lanternas oscilando nos barcos que os seguiam. A julgar pela gritaria, era grande a consternação pela perda da presa. Todos os olhos se voltavam para a popa da tartana, fixados nas lanternas, pois os *dacca* mantinham seu curso anterior. Passado algum tempo, dois dos barcos alteraram o curso, seguindo para oeste. Finalmente, as lanternas sumiram.

— Eles foram embora? — Hadrian ouviu Wesley sussurrar para Wyatt.

Ele balançou a cabeça.

— Eles apenas apagaram as lanternas. Mas, se dermos sorte, vão pensar que buscamos terra firme. O porto mais próximo é Wesbaden, a oeste.

— Você pode ser um timoneiro, mas também é um excelente capitão — comentou o jovem.

— Já fui capitão — admitiu Wyatt. — Eu perdi o meu navio.

— É mesmo? A serviço do Império ou no comando de uma frota da monarquia?

— Não foi a serviço de ninguém. O navio era *meu*.

Wesley ficou atônito.

— Você foi um... pirata?

— Oportunista, senhor. Oportunista.



Hadrian despertou num amanhecer repleto de névoa. Uma brisa contínua empurrava a tartana pelas ondas. Em torno deles se estendia um mar vasto e vazio.

— Eles se foram — comentou Wesley, respondendo à pergunta não verbalizada. — Nós os despistamos.

— Alguém faz ideia de onde estamos?

— A cerca de três dias de viagem de Dagastan — respondeu Wyatt.

— Dagastan? — murmurou Grady, olhando para cima. — Não estamos indo para lá, estamos?

— Era a minha intenção — respondeu Wyatt.

— Mas Wesbaden fica mais perto.

— Lamento dizer que desconheço este litoral — informou Wesley. — O senhor conhece esta região, Sr. Deminthal?

— Intimamente.

— Bom. Então nos diga: o Sr. Grady tem razão?

Wyatt fez que sim.

— Wesbaden fica mais perto, mas os dacca sabem disso e estarão à espreita. Contudo, sendo impossível que estejam à nossa frente, o curso atual é o mais seguro.

— Apesar das nossas desavenças, concordo com o Sr. Deminthal — observou Thranic. — Na verdade, Dagastan era o destino inicial do *Tempestade*, e portanto devemos seguir para lá.

— Mas Dagastan fica ainda mais distante de Avryn — comentou Wesley. — A missão do *Tempestade* se perdeu com o naufrágio. Não tenho como saber o destino inicial do *Tempestade* e, mesmo se soubesse, não tenho mais carga a ser entregue. Seguir mais para o leste vai aumentar os nossos problemas. Preciso pensar no estoque de provisões.

— Mas o senhor tem a carga — anunciou Thranic. — O *Tempestade* tinha ordens para levar o Sr. Bulard, o Dr. Levy, Bernie, Staul e eu até Dagastan. A carga principal foi perdida, mas, na condição de oficial do reino, o senhor tem o dever de levar a termo, ao menos em parte, a missão do capitão Seward.

— Com todo respeito, Vossa Excelência, não tenho como verificar a veracidade de suas palavras.

— Na realidade, tem sim — comentou Wyatt, retirando da bolsa um pergaminho todo amassado. — Eis as ordens do capitão Seward.

Wesley pegou o pergaminho molhado e indagou:

— Mas como o senhor encontrou isto?

— Eu sabia que precisaríamos de mapas para navegação. Antes de deixar o *Tempestade*, entrei na cabine do capitão; na pressa, peguei tudo o que havia sobre a escrivaninha dele. Ontem à noite me dei conta de que tinha em mãos mais do que apenas mapas.

Wesley fez que sim, aceitando a resposta e, Hadrian achou, optando por não fazer mais perguntas. Deteve-se um instante antes de ler as ordens. Àquela altura, a maioria dos homens estava desperta e, tendo ouvido a

conversa, a tripulação observava Wesley com ansiedade. Ao concluir a leitura, ele olhou para Wyatt.

— Havia uma carta também?

— Sim, senhor — respondeu ele, entregando um pergaminho selado.

Wesley guardou o pergaminho no interior da jaqueta sem abri-lo.

— Vamos manter o curso em direção a Dagastan. Em obediência às leis navais do Império, preciso fazer o possível para garantir o cumprimento da missão do *Tempestade*.



## CAPÍTULO 13

# A BRUXA DE MELENGAR



Como de hábito, Modina contemplava o mundo através da janela sem grande interesse. Era tarde e ela não queria dormir. O sono sempre acarretava sonhos, pesadelos sobre o passado, sobre o pai e aquele lugar escuro. Ela costumava passar a maioria das noites em claro, olhando as sombras e as nuvens que cruzavam as estrelas. Lá embaixo, um raio de luar atravessava o pátio interno. Ela notou que o raio subia pelas estátuas e pelo portão, no outro extremo do jardim, assim como a hera. Antes verde, a trepadeira agora exibia um vermelho lúgubre, hibernando, aparentemente morta, mas ainda presa ao muro. A planta se mantinha desesperadamente agarrada ao muro, mesmo enquanto murchava. Ao menos para a trepadeira haveria uma primavera.

Batidas violentas à porta de seus aposentos atraíram sua atenção. Modina se virou, um tanto perplexa. Ninguém batia à sua porta, exceto Gerald, que

sempre o fazia com discrição. Amília entrava e saía com frequência, mas nunca batia. Quem quer que fosse, parecia enfurecido.

As batidas eram tão violentas que a tranca tremia, produzindo um som metálico e ameaçando estourar. Não lhe ocorreu indagar quem era. Não lhe passou pela mente qualquer sensação de medo. Ela destravou o ferrolho, deixando a porta ser aberta.

Do lado de fora havia um homem que ela reconheceu vagamente. Seu rosto estava enrubescido, os olhos vidrados e o colarinho da camisa aberto.

— Eis que a encontro! — exclamou ele. — Finalmente sou recompensado com a presença da senhorita. Permita que eu me apresente, mais uma vez, caso a senhorita tenha se esquecido. Sou Archibald Ballentyne, o 12º conde de Chadwick — anunciou-se, fazendo uma reverência e dando um passo desajeitado, perdendo o equilíbrio. — Posso entrar?

Visto que a imperatriz nada respondeu, o conde entendeu a reação como um convite e entrou nos aposentos. Em seguida, levou um dedo aos lábios.

— Shhh, precisamos ficar quietinhos para ninguém descobrir que estou aqui — avisou o conde, com um olhar vítreo que percorria todo o corpo pequenino de jovem. A boca do homem estava entreaberta e a cabeça se mexia, para cima e para baixo, como se pretendesse poupar o movimento dos olhos.

Modina vestia apenas uma camisola, e não lhe ocorreu cobrir melhor o corpo.

— A senhorita é linda. Constatei isso desde o primeiro momento. E quis dizer isso antes, mas eles não me deixavam vê-la — declarou o conde, retirando do bolso da túnica um pequeno frasco contendo bebida alcoólica e dando um gole. — Afinal, eu sou o herói do seu exército e não é justo que a senhorita seja de Ethelred. A senhorita deve ser minha. Eu a conquistei! — gritou o conde, erguendo o punho.

Detendo-se, ele olhou para a porta aberta. No instante seguinte, prosseguiu.

— O que Ethelred já fez na vida? Foi o meu exército que salvou Aquesta, e teria esmagado Melengar se eles tivessem me autorizado. Mas eles não quiseram. A senhorita sabe por quê? Eles sabiam que, se eu tomasse Melengar, ficaria tão fortalecido que seria impossível me conter. Eles sentem inveja de mim, sabe? E agora Ethelred pretende ficar com a senhorita, mas a senhorita é minha. *Minha*, eu afirmo! — Depois desse último grito, ele se contraiu e levou novamente um dedo aos lábios. — Shhh.

Modina observava o conde sem grande curiosidade.

— Como é possível a senhorita preferir *Ethelred*? — Em seguida, esmurrando o próprio peito, perguntou: — Eu não sou atraente? Não sou jovem? — Então girou em torno de si mesmo, com os braços abertos, até cambalear. Firmando-se no espaldar da cama, acrescentou: — Ethelred é velho, gordo e tem espinhas. É isso que a senhorita quer? Ele não gosta da senhorita. Só está interessado na coroa.

O conde parou um instante, a fim de correr os olhos pelo quarto vazio.

— Não me interprete mal — disse ele em um murmúrio áspero, inclinando-se tanto que foi obrigado a apoiar uma das mãos no ombro dela para recuperar o equilíbrio. — Eu também quero a coroa... Quem dissesse o contrário seria um mentiroso. Quem não gostaria de ser imperador do mundo, mas... — ele ergueu um dedo trêmulo — ... *eu* a teria amado.

Então o conde fez uma pausa, respirando com um hálito quente, próximo ao rosto dela. Passou a língua pelos próprios lábios e acariciou a pele dela por cima da camisola. Sua mão se afastou do ombro de Modina e subiu pelo pescoço, enquanto os dedos entreabertos escorriam entre os cabelos dela.

— Ethelred nunca vai olhar para a senhorita desse jeito. — Archibald pegou a mão dela e a encostou em seu peito. — O coração dele nunca vai pulsar como o meu só por estar ao seu lado. Eu quero o poder. Eu quero o trono, mas também quero você — declarou ele, olhando nos olhos dela. —

Eu te amo, Modina. Eu te amo e quero você para mim. Eu a quero como *minha* esposa.

Ballentyne a puxou e beijou sua boca, abraçando-a com força, espremendo os lábios dela contra os dentes. Modina não resistiu. Pouco se importava. Ele se afastou e examinou o semblante dela. Ela não reagiu, apenas piscou os olhos.

— Modina? — chamou Amilia, entrando nos aposentos. — O que está acontecendo?

— Nada — respondeu Ballentyne com tristeza. Olhando para Modina, voltou a examinar o semblante dela. — Absolutamente nada.

Em seguida, deu meia-volta e se retirou do quarto.

— A senhorita está bem? — perguntou Amilia, correndo para o lado da imperatriz, ajeitando os cabelos dela e examinando seu corpo. — Ele a machucou?

— Querem que eu me case com o regente Ethelred?

Amilia prendeu a respiração e mordeu o lábio.

— Entendo. Quando você pretendia me dizer? Na minha noite de núpcias?

— Eu... Eu fiquei sabendo há pouco tempo. A senhorita teve aquele incidente na cozinha e não quis aborrecê-la.

— Isso não me aborrece, Amilia, e obrigada pela visita.

— Mas eu... — Amilia hesitou.

— Mais alguma coisa?

— Ah... não... mas é que... a senhorita está diferente. Precisamos conversar a respeito desse assunto.

— Conversar sobre o quê? Vou me casar com Ethelred para que ele possa ser o imperador.

— A senhorita será sempre a imperatriz.

— Sim, sim, não há motivo para preocupação. Estou bem.

— A senhorita jamais está *bem*.

— Não? Deve ser a boa notícia de que em breve serei uma noiva.

Amilia se apavorou.

— Modina, o que está acontecendo? O que está se passando nessa sua cabecinha?

Modina sorriu.

— Não se preocupe, Amilia. Tudo vai acabar *bem*.

— Pare de usar essa palavra! Você está me assustando — disse Amilia, aproximando-se dela.

Modina se esquivou, dirigindo-se à janela.

— Peço desculpas por não ter lhe contado antes. Peço desculpas pela ausência do guarda diante da porta. E peço desculpas por você ter ouvido uma coisa dessas da boca encharcada de *brandy* do...

— A culpa não é sua, Amilia. É importante para mim que você saiba disso. Você é tudo o que importa para mim. É impressionante como a vida parece inútil quando não se tem alguém que nos seja importante. Meu pai sabia disso. Naquela época eu não sabia, mas agora sei.

— Sabia o quê? — perguntou Amilia, trêmula.

— Que a vida não tem valor. É o que a gente faz com a vida que a torna valiosa.

— E o que você pretende fazer com a sua vida, Modina?

Modina tentou simular mais um sorriso. Em seguida, segurou a cabeça de Amilia entre as mãos e a beijou, carinhosamente.

— Já é tarde. Adeus, Amilia.

Os olhos de Amilia se arregalaram de pavor. Ela começou a balançar a cabeça, cada vez mais rapidamente.

— Não, não, não! Vou ficar aqui. Não quero que você fique sozinha esta noite.

— Como quiser.

Por um instante, Amilia esboçou uma expressão de contentamento, então o medo voltou a se instalar.

- Amanhã vou designar um guarda para observá-la de perto.
- Claro que sim — respondeu Modina.



Cumprindo o prometido, Amilia passou a noite inteira nos aposentos de Modina, saindo de lá somente pouco antes do alvorecer, enquanto a imperatriz ainda dormia. Ela foi até o gabinete do mestre de armas e se apresentou diante do soldado que estava de guarda, sem ser previamente anunciada.

— Por que não havia um guarda à porta da imperatriz ontem à noite? Onde estava Gerald?

— Não pudemos dispensá-lo, minha senhora. A guarda imperial está com deficiência de contingente. Estamos procurando a bruxa, a princesa de Melengar. O regente Saldur deu ordens para que eu mobilize todos os homens na busca à bruxa.

— Isso não me interessa. Quero Gerald guardando a porta da imperatriz. Entendido?

— Mas, minha senhora...

— Ontem à noite, o conde de Chadwick invadiu os aposentos da imperatriz. Ele chegou ao quarto dela! E já ocorreu a você ou a qualquer um a possibilidade de a bruxa ter vindo matar a imperatriz?

Seguiu-se uma longa pausa.

— Não, acho que não pensou. Agora, mande Gerald voltar ao seu posto imediatamente.

Deixando o gabinete do mestre de armas, Amilia foi despertar a camareira de Modina, que ressonava em seu beliche, no dormitório. Após a jovem se vestir, ela a conduziu diretamente aos aposentos de Modina.

— Anna, quero que você permaneça ao lado da imperatriz e fique bem atenta.

— Atenta a que, minha senhora?

— Cuide para que a imperatriz não faça nada contra si própria.

— Como assim?

— Fique de olho nela. Se ela fizer algo estranho ou fora do comum, mande me chamar imediatamente.



Modina ouviu Anna entrar no quarto silenciosamente. E fingiu continuar dormindo. Quando estava prestes a amanhecer, ela se espreguiçou, bocejou e foi até o lavatório para jogar água no rosto. Anna se apressou em lhe entregar uma toalha e exibiu um largo sorriso, feliz por poder assisti-la.

— Seu nome é Anna, não é? — perguntou Modina.

O rosto da jovem ruborizou e seus olhos se iluminaram de alegria. Ela meneou a cabeça, várias vezes, em sinal de afirmação.

— Anna, estou morrendo de fome. Você poderia fazer o favor de correr na cozinha e pedir que me preparem logo o café da manhã? E faça a gentileza de me trazer o café você mesma, assim que estiver pronto.

— Mas eu... eu...

Modina fez biquinho e baixou os olhos.

— Desculpe. Peço desculpas por lhe pedir tanto.

— Ah, não, Vossa Eminência, já vou buscar o seu café.

— Obrigada.

— Não há de que, Vossa Excelência.

Modina se perguntou quantas outras formas de tratamento a moça pronunciaria se ali permanecesse mais tempo. Assim que Anna saiu dos aposentos, Modina foi até a porta, fechou-a e correu o ferrolho. Enquanto se

dirigia ao espelho alto que pendia da parede, pegou uma jarra que estava sobre a pia. Sem titubear, golpeou o espelho, espatifando tanto ele quanto a jarra. Em seguida, pegou um caco e foi até a janela.

— Vossa Eminência? — chamou Gerald do outro lado da porta. — A senhorita está bem?

Lá fora, o sol começava a nascer. A luz matinal do outono refletia sobre o pátio em ângulos inclinados. Modina adorava o sol e achava que a luz e o calor dele seriam as únicas coisas das quais sentiria falta, sem falar em Amilia.

Com a barra da camisola, segurou a ponta do caco de espelho. Ele estava frio. Tudo lhe parecia frio. Olhando para o pátio lá embaixo, respirou fundo e sentiu no ar o cheiro das folhas mortas do outono.

O guarda continuava a bater à porta.

— Vossa Eminência? — repetia ele. — A senhorita está bem?

— Sim, Gerald — respondeu ela. — Estou *bem*.



Arista entrou no pátio do palácio, passando pelos guardas posicionados nos portões, fazendo votos para que não escutassem as batidas de seu coração.

*Esse é o tipo de sensação que Royce e Hadrian devem ter o tempo todo. É surpreendente que não bebam mais.*

Ela tremia, tanto de medo quanto em consequência da friagem matinal. O manto de Esrahaddon se perdera naquela noite do resgate de Hilfred, e ela tinha agora apenas o vestido cedido por Lynnette.

*Hilfred vai ficar furioso quando ler o bilhete.*

Doía-lhe o coração só em pensar nele. Durante anos Hilfred atuara como sua sombra, atendendo a todos os seus caprichos, tolerando suas grosserias, preso numa armadilha de sentimentos que jamais poderia revelar. Em duas



ocasiões, quase havia morrido por causa dela. Era um bom homem — um grande homem. Ela queria fazê-lo feliz. Ele merecia ser feliz. Arista queria lhe propiciar algo que ele considerava impossível, consertando o que ela própria tinha quebrado.

Ficaram escondidos três noites, e durante todo esse tempo Hilfred tinha tentado convencê-la a regressar a Melengar. Finalmente Arista concordara, e dissera a ele que partiriam juntos no dia seguinte. Mas ela havia escapulado quando ele saiu para providenciar suprimentos. Se tudo corresse bem, estaria de volta antes que Hilfred retornasse, e então poderiam partir, conforme planejado. Caso contrário — se algo acontecesse —, o bilhete explicaria tudo.

Somente na noite anterior, Arista se dera conta de que não havia praticado o feitiço de localização no pátio. De lá, a fumaça certamente indicaria a ala e, com sorte, talvez fosse até possível identificar a janela do cômodo em que Gaunt se encontrava. A informação seria crucial para Royce e Hadrian e poderia significar a diferença entre uma missão de resgate e uma suicida. Por mais que não quisesse admitir, ela devia algo a Esrahaddon. Se aquele pequeno gesto pudesse salvar Gaunt, um homem bom, injustamente encarcerado, aliviar o peso causado pela morte do mago e eliminar seu sentimento de culpa, tudo valeria a pena.

Os guardas dos portões não prestaram muita atenção quando ela entrou. Arista interpretou como um bom sinal o fato de ninguém ter relacionado Ella, a faxineira, com a Bruxa de Melengar. Bastava apenas lançar o feitiço e ir embora.

Arista atravessou a alameda interna da horta. A colheita já fora realizada, as plantas já não tinham legumes e o solo já havia sido arado na expectativa da primavera. A terra fofa facilitaria o trabalho de desenhar o círculo e os símbolos necessários. Ela segurou a bolsinha com fios de cabelo, guardada dentro do bolso do vestido, e olhou em redor. Tudo parecia calmo. Os poucos guardas em serviço a ignoravam.

Agindo com a maior naturalidade possível, começou a desenhar um círculo, arrastando o pé na terra. Quando terminou, deu início à tarefa mais entediante, a das runas, que exigiam mais tempo para serem desenhadas com o dedão do pé do que seria o caso com a mão e um pedaço de giz. Preocupava-se constantemente que os desenhos ficassem óbvios para quem os olhasse de uma das janelas dos andares superiores.

Arista concluíra a penúltima runa quando um guarda saiu do palácio e veio em sua direção. Imediatamente ela se agachou, fingindo que estava cavando. Se ele a interrogasse, ela diria que Ibis a havia enviado para colher algumas batatas, ou que achava que tinha deixado cair a chave da despensa no pátio. Sua esperança era de que ele passasse sem se deter. Ela precisava fazer o papel de criada invisível só mais uma vez. Porém, logo ficou claro que ele caminhava em sua direção. Enquanto o guarda se aproximava, Arista pensava apenas em Hilfred, e lamentava não ter dado um beijo de despedida nele.



Amília estava em seu gabinete, repassando as instruções a Nimbus. Até então, tomaram poucas providências em relação às bodas. Se pudesse delegar o bastante a ele, ela poderia voltar à companhia de Modina. Uma sensação de urgência parecia puxá-la de volta a cada minuto em que se mantinha longe da imperatriz.

— Depois que você fizer isso, venha me procurar que tenho mais providências a lhe passar — declarou ela secamente. — Preciso voltar à companhia da imperatriz. Receio que ela cometa alguma tolice.

Nimbus ergueu o olhar.

— A imperatriz é, sem dúvida, um pouco excêntrica, mas, se a senhora me permite, jamais me pareceu tola.

Amilia lhe dirigiu um olhar desconfiado. Nimbus era um criado fiel, mas ela não gostou do tom daquelas palavras.

— Acho que você é um tanto enxerido, Nimbus. E isso não é muito bom quando se trabalha no palácio imperial. Talvez a ignorância seja a melhor opção por uma questão de sobrevivência.

— Eu só estava querendo animá-la — retrucou ele, um tanto magoado.

Amilia franziu o cenho e desabou numa cadeira.

— Desculpe. Estou começando a falar como Saldur, não estou?

— Para isso, a senhora vai precisar treinar muito, para tornar as suas ameaças indiretas mais intimidantes. Um tom de voz mais grave ajudaria, ou talvez, se as palavras fossem acompanhadas de um gesto dramático com um punhal, ou uma taça de vinho.

— Eu não o estava ameaçando. Só estava...

Nimbus a interrompeu.

— Estou brincando, minha senhora.

Amilia voltou a franzir o cenho, então retirou um pergaminho da escrivaninha, amassou-o em formato de bolinha e o arremessou contra ele.

— Francamente, não sei por que o contratei.

— Percebo que não foi pelo meu talento cômico.

Amilia reuniu uma pilha de pergaminhos, uma pena, um vidro de tinta e se dirigiu à porta.

— Hoje vou trabalhar nos aposentos de Modina. Procure por mim lá, se precisar falar comigo.

— Claro — disse ele no momento em que ela saiu.

Logo adiante, no corredor, Amilia viu Anna passar com uma bandeja de comida.

— Anna! — chamou ela, e correu em direção à serviçal. — Eu lhe disse para ficar ao lado da imperatriz!

— Sim, minha senhora, mas...

— Mas o quê?

— A imperatriz me mandou buscar o café da manhã.

Um arrepio percorreu a espinha de Amilia. A imperatriz tinha *falado* com ela.

— A imperatriz já havia falado com você antes?

À beira de lágrimas, Anna balançou a cabeça.

— Não, minha senhora. Senti-me muito honrada. Ela até sabia o meu nome.

Amilia correu até a escada com o coração disparado. Chegando ao topo e se aproximando dos aposentos da imperatriz, teve medo do que encontraria. Nimbus talvez tivesse razão. Modina não era tola e a mente de Amilia foi tomada pelas possibilidades mais medonhas. Ao chegar à porta, empurrou Gerald de lado e adentrou os aposentos. Tentou se conter, mas o que viu estava além de qualquer coisa que ela pudesse imaginar.

Modina e Ella estavam sentadas na cama da imperatriz, de mãos dadas, conversando.

Amilia ficou imóvel, abismada. As duas ergueram os olhos quando ela entrou. Ella demonstrou receio, mas a expressão de Modina era calma como sempre, como se já esperasse a chegada de Amilia.

— Ella? — questionou Amilia. — O que você está fazendo...

— Gerald — interrompeu Modina —, de agora em diante, ninguém, e eu disse *ninguém*, pode entrar sem a minha autorização. Entendido?

— Claro, Vossa Eminência — obedeceu Gerald, e baixou os olhos com um sentimento de culpa.

Modina acenou com a mão.

— Você não tem culpa. Eu não tinha avisado. Agora, por favor, feche a porta.

Ele fez uma reverência e puxou a porta.

Nesse ínterim, Amilia se manteve calada. Sua boca estava aberta, porém palavra alguma dela escapava.

— Sente-se antes que você desabe, Amilia. Quero apresentá-la a uma amiga. Essa é Arista, princesa de Melengar.

Amilia tentou compreender o incompreensível.

— Não, Modina, essa é Ella... a faxineira. O que está acontecendo? — perguntou Amilia, angustiada. — Eu pensei... Eu pensei que você talvez... — disse ela, desviando o olhar para a jarra quebrada e os cacos de espelho atirados no canto do quarto.

— Eu sei o que você pensou — completou a imperatriz, olhando para a janela. — E isso é mais um motivo para você receber Arista bem. Se eu não a tivesse visto no pátio e me dado conta de que... Bem... Em suma, quero que vocês duas sejam amigas.

A mente de Amilia ainda girava. Modina parecia mais lúcida do que nunca e, no entanto, suas palavras não faziam sentido. Talvez a lucidez fosse apenas aparente. Talvez a imperatriz houvesse enlouquecido de vez. A qualquer momento ela poderia apresentar Ruivo, o elkhound criado na cozinha, como embaixador de Lanksteer.

— Modina, eu sei que você acha que essa moça é uma princesa, mas na semana passada você achou que estava morta e enterrada, lembra?

— Você está insinuando que enlouqueci?

— Não, não, é só que...

— Lady Amilia — falou Ella pela primeira vez —, meu nome é Arista Essendon, e eu *sou* a princesa de Melengar. Sua imperatriz não está louca. Ela e eu somos velhas amigas.

Amilia ficou olhando para as duas, aturdida. Estariam ambas loucas? Como isso... *Ah, valei-me, Maribor! É ela!* As unhas compridas, o jeito como ela olhava nos olhos de Amilia, as perguntas ousadas a respeito da imperatriz. Ella era a Bruxa de Melengar.

— Afaste-se dela! — gritou Amilia.

— Amilia, acalme-se.

— Ela está se passando por uma criada apenas para se aproximar de você.

— Arista não veio aqui me fazer mal algum. Não é mesmo? — perguntou a imperatriz a Ella, que balançou a cabeça. — Não disse? Agora, venha se sentar conosco. Temos muito a fazer.

— Thrace... — disse Ella, olhando apreensiva para Modina.

A imperatriz ergueu uma das mãos a fim de interrompê-la.

— Vocês duas precisam confiar em mim — afirmou Modina.

Amilia balançou a cabeça.

— Mas como? Por que eu deveria? Essa... Essa mulher...

— Porque — interrompeu a imperatriz — precisamos ajudar Arista.

Amilia teria rido do absurdo se Modina não parecesse tão séria. Durante todo o tempo em que cuidara dela, jamais a vira tão concentrada, tão lúcida. Mas algo parecia estranho. A Modina confusa se fora, mas ainda dizia coisas desconexas. Era preciso fazer com que entendesse a situação, para seu próprio bem.

— Modina, essa mulher está sendo procurada. Há vários dias os guardas estão vasculhando a cidade.

— É por isso que ela vai ficar aqui. É o local mais seguro. Nem mesmo os regentes vão procurar por ela no meu quarto. E aqui vai ser muito mais fácil ajudá-la.

— Ajudá-la? Ajudá-la com o quê? — Era Amilia quem já estava quase louca, apenas por tentar seguir aquela conversa absurda.

— Vamos ajudá-la a encontrar Degan Gaunt, o legítimo Herdeiro de Novron.

## CAPÍTULO 14

### CÁLIS



O porto de Dagastan surpreendia os visitantes egressos de Avryn, que consideravam todos os demais lugares menos civilizados ou menos cultos. De modo geral, as pessoas que jamais estiveram em Cális achavam que a região era formada por um bando de tribos desorganizadas, brutas, vivendo em choupanas feitas de barro ou madeira, no meio de uma selva fechada e misteriosa. A maioria dos visitantes, contudo, ficava boquiaberta ao contemplar pela primeira vez as cúpulas imponentes e as torres elegantes que se erguiam ao longo do litoral. A cidade era impressionantemente grande e desenvolvida. Construções de pedra e tijolos cinza se concentravam num aclave que iniciava num belo porto, cujas instalações envergonhavam as docas de madeira do atracadouro de Aquesta. Em Dagastan, quatro píeres extensos se estendem baía adentro, e em cada um deles torres se erguiam em intervalos regulares, atendendo às necessidades

logísticas da intensa atividade comercial. Mastros de mais de uma centena de navios, quase todos de mercadores estrangeiros, alinhavam-se no porto.

Hadrian se lembrou da cidade no momento em que a reviu. O calor das pedras antigas, as ruas com cheiro de especiarias, as mulheres exóticas — lembranças de uma juventude impetuosa que preferia esquecer. Ele havia deixado o oriente sem arrependimento e era com muitas restrições que agora retornava para lá.

Os sinos não dobraram nas torres ao longo dos píeres no momento em que o barco entrou no porto. Nenhum alarme soou no momento em que as velas vermelho-sangue da tartana construída pelos dacca entrou no porto. Apenas um pequeno barco se aproximou para saudá-los.

— *En dil dual lon duclim?* — perguntou o piloto do barco.

— Não entendo a sua língua — respondeu Wesley.

— Qual nome barco? E nome capitão? — repetiu o piloto.

— Ah, sim, o barco não tem nome, receio, mas meu nome é Wesley Belstrad.

O piloto anotou algo numa prancheta, franzindo o cenho.

— De onde vêm vocês?

— Somos a tripulação sobrevivente do *Tempestade de Esmeralda*, o navio de Sua Eminência Imperial, oriundo da capital, Aquesta.

— O que querem e qual tempo ficam?

— Temos uma entrega para fazer. Não sei bem de quanto tempo vamos precisar.

O piloto concluiu as perguntas e lhes indicou que o seguissem até o atracadouro. Nas docas os aguardava outro funcionário, que pediu a Wesley para assinar vários documentos antes de autorizar o desembarque de quem quer que fosse.

— De acordo com as ordens do Sr. Seward, devemos entrar em contato com um tal Sr. Dilladrum. Vou desembarcar para tentar localizá-lo — anunciou Wesley. — Sr. Deminthal, o senhor e o marinheiro Staul me



acompanharão. Marinheiro Blackwater, fique no comando até a minha volta. Providencie o embarque de suprimentos e cuide bem do navio.

— Sim, senhor — respondeu Hadrian, batendo continência.

Os três desembarcaram e desapareceram no labirinto das ruas.

— Que bela sorte tivemos ao resgatar os sobreviventes, hein? — comentou Hadrian com Royce, quando encontrou o parceiro na plataforma da popa.

Os demais permaneceram na balaustrada, ou na proa, vislumbrando fascinados o porto que os cercava. Havia muito para se ver. Ruídos incomuns ecoavam da paisagem urbana. Sinos badalando, um gongo soando, gritos de mercadores num idioma estranho e melodioso e acima de tudo a voz melancólica de um homem cantando ao longe.

Trabalhadores portuários embarcavam e desembarcavam carga. A maioria trajava túnicas com listras verticais, tinha a tez morena e usava barba. Fardos de sedas lustrosas e tecidos transparentes aguardavam para ser embarcados, assim como urnas contendo incenso e tinas com óleos perfumados, cujo aroma pairava na brisa do porto. O trabalho de cantaria lavrada feito nas edificações era impressionante. Complexos desenhos de flores e formas geométricas decoravam quase todas as construções. Cúpulas constituíam o traço arquitetônico mais recorrente, algumas trabalhadas com ouro, outras com prata ou com azulejos coloridos. As construções maiores possuíam várias cúpulas, todas exibindo um pináculo central que apontava para o céu.

Era a primeira vez em três dias que eles encontravam um momento para conversar a sós.

— Achei que você demonstrou grande autocontrole e fiquei impressionado com a solução diplomática que apresentou para a nossa guerrinha civil — falou Hadrian a Royce.

— Só estou cuidando de você, conforme Gwen pediu — declarou Royce, sentando-se sobre rolos de corda empilhados.

— Designar Wesley foi um toque de mestre — observou Hadrian. — Eu queria ter tido a ideia. Gosto daquele menino. Você viu como ele determinou a Staul e a Wyatt que o acompanhassem? Wyatt conhece estas docas e Staul, o idioma e, possivelmente, a cidade também. Decisões perfeitamente sensatas, mas acontece que os dois também seriam os indivíduos capazes de criar mais problemas para ele, se ficassem para trás. Ele é muito mais parecido com o irmão do que ele mesmo pensa. É uma pena que tenham nascido em Chadwick. Ballentyne não os merece.

— A situação não parece boa. Você sabe disso, certo? — perguntou Royce. — As armas e o pagamento a Merrick afundaram com o *Tempestade*, e agora todos os encarregados estão mortos... Não estou vendo a luz no fim do túnel.

Hadrian se sentou na balaustrada, ao lado de Royce. A água batia no casco de madeira da tartana e gaivotas gritavam acima de suas cabeças.

— Mas ainda temos as ordens de Merrick e aquela carta. O que ela dizia?

— Eu não li.

— Você não me chamou de tolo porque...

— Não tive a menor chance. Wyatt pegou as ordens antes de mim. E depois teve o pequeno incidente com o navio em chamas e precisamos nadar... Agora está tudo com Wesley, e ele não para quieto nem para dormir. Ainda não tive uma chance.

— Então temos apenas a carta até você conseguir uma chance de dar uma olhada, ou até a gente resolver o dilema. Quero dizer, por que o Império está enviando armas para Cális quando precisa das armas para lutar contra os nacionalistas?

— Talvez a intenção seja cooptar Cális para lutar contra os nacionalistas?

Hadrian balançou a cabeça em negativa.

— Rhenydd poderia vencê-los sozinha. Não existe organização aqui, não existe autoridade central, apenas um bando de chefes guerreiros competindo entre si. O lugar inteiro é corrupto, e eles estão sempre lutando uns contra os

outros. Merrick nunca vai conseguir persuadir um número suficiente de líderes a lutar pelo Novo Império... A maioria desses chefes guerreiros sequer ouviu falar em Avryn. E aqueles elfos? O que pretendiam fazer com os elfos?

— Admito que também gostaria de saber — comentou Royce.

O olhar de Hadrian seguiu Thranic no momento em que ele surgiu no tombadilho e se deitou sobre as velas dobradas e empilhadas na proa com o capuz levantado, a fim de interceptar a luz, e os braços cruzados. Parecia um defunto esperando um caixão.

Hadrian fez um gesto em direção à sentinela.

— Então, qual é mesmo o problema entre você e Thranic? Parece que ele o odeia *bastante*, mais até do que a maioria das pessoas.

Royce não olhou para Thranic. Sentava-se tranquilamente, fingindo pouco se importar com o mundo, como se apenas eles dois estivessem a bordo.

— É engraçado. Eu nunca tinha visto esse sujeito, nunca tinha ouvido falar dele até esta viagem, mas o conheço muito bem e ele me conhece.

— Obrigado, Sr. Esrahaddon. O senhor não poderia me dar uma resposta ainda mais misteriosa?

Royce sorriu.

— Agora percebo por que ele age assim. É bem divertido. Estou surpreso que você ainda não tenha percebido.

— Percebido o quê?

— O nosso menino, Thranic, tem um segredinho infame. É o que o torna ao mesmo tempo tão desagradável e tão perigoso. Ele poderia ter matado Wyatt, e poderia ter feito uma ou duas surpresinhas para você. Com Staul, de quebra, e Bernie se esgueirando por aí, não achei que pudesse vencer a batalha, mesmo que não tivesse a voz de Gwen ecoando na minha cabeça.

— Você não vai me contar, vai?

— Qual seria a graça se eu contasse? Isso vai mantê-lo ocupado. Você pode tentar adivinhar e posso me divertir insultando a sua inteligência. Mas convém não demorar. Thranic vai morrer logo.



Wesley voltou e subiu correndo pela prancha de embarque, dirigindo-se direto a eles.

— Preciso de voluntários que acompanhem a mim, à sentinela Thranic, ao Sr. Bulard, ao Dr. Levy e aos marinheiros Staul e Defoe. Vamos entrar pela selva caliana. A expedição será arriscada; portanto, não vou obrigar ninguém a vir comigo. Os que optarem por ficar permanecerão no navio. Depois que voltarmos, seguiremos para casa, onde os senhores serão devidamente remunerados.

— A que parte da selva o senhor vai, Sr. Wesley? — perguntou Banner.

— Preciso entregar uma carta a Erandabon Gile, que, segundo fui informado, é um chefe guerreiro importante aqui na região. Tive um encontro com o Sr. Dilladrum, que estava a nossa espera, e ele tem uma caravana preparada para nos escoltar. No entanto, a fortaleza de Gile fica no coração da selva, e é provável que a gente se depare com os ba ran ghazel. Então, quem está comigo?

Hadrian, um dos primeiros a levantar a mão, surpreendeu-se ao constatar que fazia parte da maioria. Wyatt e Poe não o surpreenderam, mas até Jacob e Grady se apresentaram após verem a adesão dos demais. Somente Greig e Banner se abstiveram.

— Muito bem — concluiu Wesley com um toque de surpresa. — Excelente. Banner, você fica encarregado do navio.

— O que devemos fazer depois que vocês se forem, senhor? — quis saber Banner.

— Nada — respondeu ele. — Fiquem a bordo do navio e longe da cidade. E não criem encrenca.

Banner sorriu, olhando para Greig.

— Quer dizer que podemos dormir o dia todo, se quisermos?

— Vocês podem fazer o que bem quiserem, desde que protejam o navio e não envergonhem o Império.

Os dois mal conseguiam disfarçar a satisfação.

— Aposto que agora vocês se arrependeram de terem levantado a mão — falou Banner.

— Vocês sabem que os mantimentos que temos a bordo não vão durar mais do que uma semana, certo? — mencionou Wyatt. — É bom vocês racionarem.

Um olhar preocupado se instalou no semblante de Banner.

— Vocês vão voltar logo, certo?



Wesley desembarcou junto ao grupo e os conduziu à cidade, caminhando com passos apressados e atento à fila de homens. O mais velho, Antun Bulard, era sempre o retardatário, mas o fato se devia mais à idade avançada do que aos ferimentos, que eram apenas superficiais.

Tendas e toldos coloridos se alinhavam nas ruas de Dagastan, desde o porto até a praça central. Uma multidão caminhava pelas vias enquanto comerciantes gritavam para os transeuntes, acenando placas com símbolos irreconhecíveis. Velhos fumavam cachimbos, embaixo de toldos listrados e mulheres com roupas transparentes e véus sobre a face se posicionavam sobre plataformas elevadas em atitudes provocativas, rebolando ao som de uma dezena de tambores, guizos e chocalhos. Eram tantas coisas acontecendo que era difícil focar uma só. Para onde quer que olhassem,

viam cores deslumbrantes, gestos provocantes, aromas que inebriavam e música exótica. Atônita, a pequena parada de marujos acompanhava os passos do Sr. Wesley, que os levava ao suposto guia. O homem, junto à sua equipe, aguardava em uma avenida pavimentada, perto do Grande Bazar da cidade.

Dilladrum parecia um mendigo obeso. Sua túnica e seu culote escuro estavam desbotados e remendados. Cabelos compridos e sujos irrompiam por baixo de um velho chapéu de feltro, como se encenassem um protesto. A barba, igualmente rebelde e cheia de nós, exibia fragmentos de relva. A tez era parda e os dentes, amarelados, mas os olhos brilhavam, refletindo o sol da tarde. O homem estava à margem da avenida, diante de uma fauna de animais estranhos. Aparentavam ser cavalos exaustos e peludos. Os animais estavam carregados com trouxas e atrelados uns aos outros. Seis homens de baixa estatura e seminus ajudavam Dilladrum a manter a tropa de animais sob controle. Os homens usavam apenas tangas largas e colares de pedras coloridas. A exemplo de Dilladrum, sorriram abertamente quando os marujos se aproximaram.

— Sejam bem-vindos, sejam bem-vindos, cavalheiros — saudou ele calorosamente. — Eu sou Dilladrum, o seu guia. Antes de sairmos da nossa linda cidade, talvez os senhores queiram dar uma olhada nas nossas belas lojas? De acordo com o que foi combinado, meus amigos vintu e eu vamos lhes fornecer alimentos, água e abrigo, mas a jornada vai durar muitos dias e, portanto, alguns itens que podem ser adquiridos no Bazar talvez tornem a viagem mais agradável. Vejam os nossos excelentes vinhos, licores, ou até uma bela escrava para tornar os acampamentos mais divertidos.

Alguns olhares se dirigiram às lojas a título de avaliação, onde dezenas de placas anunciavam produtos num idioma estrangeiro. Música ecoava no local — exóticos sons de cordas tangidas e flautas trinadas. Hadrian sentiu o aroma de carne de cordeiro temperada com curry, prato típico do lugar, conforme bem se lembrava.

— Vamos partir imediatamente — respondeu Wesley, falando num tom mais alto do que o necessário para que Dilladrum o ouvisse claramente.

— Como quiser, senhor — disse o guia, dando de ombros e mostrando-se pesaroso. Em seguida, fez um gesto para os criados vintu, e os baixinhos usaram varetas compridas e gritos para tocar os animais da caravana.

Enquanto o faziam, um deles viu Hadrian e parou de trabalhar. Com o cenho franzido, fitou-o, até que, com um grito, Dilladrum o instou de volta a tocar os animais.

— O que foi aquilo? — perguntou Royce. Hadrian deu de ombros, mas Royce insistiu. — Você esteve aqui durante o que, cinco anos? Aconteceu alguma coisa? Algo que você queira me contar?

— Claro — respondeu ele com um risinho sarcástico. — Depois que você me contar como escapou do Cárcere de Manzant e por que não matou Ambrose Moor.

— Já me arrependi de ter perguntado.

— Eu era jovem e tolo — observou Hadrian. — Mas posso confirmar o que Wesley disse... sobre a selva ser perigosa. Vamos precisar tomar cuidado com esse Gile.

— Você o conhece?

Hadrian fez que sim.

— Eu conheço a maioria dos chefes guerreiros de Gur Em, mas tenho certeza de que, a essa altura, todos já se esqueceram de mim.

Como se tivesse escutado essas palavras, o vintu olhou por cima do ombro, novamente encarando Hadrian.



— Para quem parte de Dagastan, em direção ao interior, o terreno é sempre em aclave — dizia Dilladrum enquanto a tropa seguia por uma estreita trilha

de terra, ao longo de terras férteis salpicadas com choupanas de palha e telhados de colmo arredondados. — Assim é o mundo inteiro, não é? Partindo do mar, em direção ao interior, sempre é preciso subir. Isso torna a ida bem mais difícil, mas a volta, bem mais fácil.

Seguiam em fila dupla, com Wesley e Dilladrum, Wyatt e Poe, Royce e Hadrian na dianteira, enquanto o grupo de Thranic marchava atrás dos vintu e dos animais. Era perturbador ter Thranic e seu grupo na retaguarda, mas era melhor do que caminhar ao lado deles. Dilladrum imprimia um ritmo acelerado para um sujeito baixo e pesado, dando passadas leves e utilizando com habilidade um velho cajado. Ele mantinha a aba do amorfo chapéu baixa para se proteger do sol, o que lhe emprestava um aspecto cômico, ainda que Hadrian lamentasse não ter um também, por mais ridículo que fosse, para cobrir a própria cabeça.

— Sr. Dilladrum, quais são exatamente as suas instruções em relação a nós? — indagou Wesley.

— Fui contratado para conduzir, com segurança, a carga e a tripulação do *Tempestade de Esmeralda* ao Palácio dos Quatro Ventos, em Dur Guron.

— O palácio é a residência de Erandabon Gile?

— Ah, sim, é a fortaleza do Pantera de Dur Guron.

— Pantera? — perguntou Wyatt.

Dilladrum deu uma risadinha.

— É assim que os vintu chamam o chefe guerreiro. São uma gente simples, mas muito trabalhadora, como os senhores podem ver. O Pantera é um mito para eles.

— Um herói? — sugeriu Wesley.

— Uma pantera não é um herói. Uma pantera é um gato grande que se esconde na selva. É um fantasma para os que o buscam, implacável com os que são caçados por ela, mas apenas uma criatura digna de respeito para os que ela deixa em paz. O Pantera não mexe com os vintu, mas relatos de sua coragem, crueldade e astúcia estão sempre chegando a eles.



— Você não é vintu?

— Não. Sou erbonese. Erbon é uma região a noroeste, perto de Mandalin.

— E os tenkin? — perguntou Wesley. — O chefe guerreiro é um deles?

A expressão de Dilladrum se tornou grave.

— Sim, sim. Os tenkin estão por toda parte nesta selva — disse ele, apontando para o horizonte. — Algumas tribos são mais pacíficas do que outras. Não se preocupem, pois os meus vintu e eu conhecemos uma boa rota. Vamos passar por uma aldeia tenkin, mas eles são amigáveis e nos conhecem, como esse que os senhores chamam de Staul, certo? Vamos avançar com segurança.

Após a subida do aclave, entraram numa extensa planície coberta por um capim alto, liricamente ondulado pela brisa. Escalando uma pedra grande, contemplaram quilômetros da paisagem, em todas as direções, exceto à frente, onde havia morros cobertos por vários metros de vegetação. Acamparam pouco antes do pôr do sol. Dilladrum e os vintu quase não se falavam, mas não perderam tempo em armar as barracas enfeitadas com bordados de formas geométricas e franjas decoradas. Camas de campanha e banquetas foram dispostas em cada barraca, assim como lençóis e travesseiros.

Preparado em caçarolas sobre um fogo de chão, o jantar foi substancioso e tão temperado que fez os olhos de Hadrian se encherem de lágrimas. Ele achou a refeição saborosa e nutritiva depois de passar semanas comendo o mesmo ensopado de porco. Os vintu se alternavam promovendo entretenimento. Alguns tocavam instrumentos de corda, semelhantes ao alaúde, outros dançavam e alguns cantavam alegres baladas. Hadrian não compreendia as letras, porém as melodias eram belas. Sons produzidos por animais ecoavam na noite. Guinchos, uivos e rugidos soavam ameaçadores em meio às trevas, sempre muito alto e muito perto.



No terceiro dia de jornada, a paisagem começou a mudar. A planície deu lugar a uma serra e o número de árvores aumentou. As florestas, antes ao longe, agora estavam próximas, e pouco depois eles seguiam embaixo das copas de árvores altas, cujas raízes gigantescas se espalhavam pelo solo da mata como os dedos encalombados de um velho. De início foi bom ter escapado do sol, mas logo a trilha se tornou pedregosa, íngreme e difícil. A subida não durou muito tempo, pois logo o grupo alcançou o topo da serra e iniciou uma descida acentuada. Do outro lado dos montes, a alteração da flora era evidente. A vegetação rasteira se tornou mais espessa, assumindo um tom verde-escuro. Grandes folhas, cipós, arbustos e trepadeiras avançavam pela trilha, obrigando os vintu, em determinados momentos, a abrir caminho a machadadas.

No dia seguinte começou a chover e, embora certas vezes chovesse torrencialmente e outras vezes caísse apenas um chuvisco, a chuva não parava.

— Eles parecem estar sempre felizes, não é? — comentou Hadrian com Royce, sentados embaixo do toldo da barraca, observando os vintu preparar a refeição noturna. — Esteja fazendo um calor infernal ou chovendo, como agora, para eles não faz a menor diferença.

— Agora você está insinuando que devemos nos tornar vintu? — perguntou Royce. — Não acho que seja possível se candidatar para ingresso na tribo deles. Acho que é preciso nascer vintu.

— O que foi que você disse? — quis saber Wyatt, saindo de dentro da barraca compartilhada pelos três, enxugando com uma toalha o rosto recém-barbeado.

— Estávamos pensando nos vintu, na possibilidade de levar uma vida mais simples — explicou Hadrian.

— Por que você acha que eles são felizes? — perguntou Royce. — Na minha opinião, gente que sorri o tempo todo está escondendo algo. Esses vintu devem sofrer muito... Por questões econômicas, são obrigados a viver quase como escravos, servindo a estrangeiros abastados. Tenho certeza de que sorririam ao nos degolar, se com isso pudessem deixar de carregar as tralhas de Dilladrum por mais um dia.

— Acho que você ficou longe de Gwen tempo demais. E está voltando soar como o *velho Royce*.

Do outro lado do acampamento, avistaram Staul, Thranic e Defoe. Staul acenou para eles e sorriu.

— Está vendo? Belo sorriso — mencionou Royce.

— Que grupinho divertido, hein? — murmurou Hadrian.

— É... É um grupo e tanto, não? — disse Royce, meneando a cabeça pensativamente. — Por que uma sentinela, um guerreiro tenkin, um médico, um ladrão e... seja lá que diabos Bulard for... iriam querer entrar na selva de Cális e visitar um chefe guerreiro tenkin? E qual é a intenção de Bulard?

Wyatt e Hadrian deram de ombro simultaneamente.

— Isso não é meio estranho? Estivemos a bordo do mesmo navio por várias semanas e nada sabemos sobre o sujeito, a não ser o fato de que ele parece não ter visto a cara do sol durante uma década. Talvez, se descobríssemos alguma coisa, saberíamos também a ligação entre os demais e esse tal Erandabon.

— Bernie e Bulard estão na mesma barraca — observou Hadrian.

— Hadrian, por que você não vai bater um papo com Bulard? — sugeriu Royce. — Eu distraio Bernie.

— E eu? — perguntou Wyatt.

— Fale com Dering e Grady. Diferente do que pensei num primeiro momento, parece que eles não estão tão ligados aos outros. Tente descobrir por que eles se apresentaram para a expedição.

Os vintu serviram o jantar, e os tripulantes do *Tempestade* comeram sentados em banquetas fornecidas pelos próprios vintu. A refeição incluiu, principalmente, carne de porco desfiada e uma variedade de legumes exóticos, cozidos num caldo espesso e picante, que ardia na língua.

Após o jantar, a escuridão se abateu sobre o acampamento, e a maioria se retirou para suas barracas. Antun Bulard já havia se isolado na barraca, assim como costumava fazer a bordo do *Tempestade*, permanecendo no interior da cabine. A luz no interior da tenda de Bulard e Bernie tremulava e a silhueta de suas cabeças oscilava, ampliada na superfície da lona. Algumas horas depois que escureceu, Bernie saiu. Rapidamente Royce entrou em ação.



— Tudo bem com você, Bernie? — saudou Royce. — Saindo para uma caminhada?

— Na verdade, eu ia procurar um local onde pudesse satisfazer as minhas necessidades.

— Ótimo. Vou com você.

— Vai comigo? — perguntou ele, apreensivo.

— Tenho a fama de saber ajudar as pessoas a satisfazerem muitas das suas necessidades — declarou Royce, passando o braço por cima do ombro de Bernie enquanto o conduzia para longe das barracas. Mais uma vez, Bernie se contraiu. — Você está meio nervoso, não está? — perguntou Royce.

— E você não acha que tenho bons motivos?

Royce sorriu e fez que sim.

— Agora me pegou. Sinceramente, não sei o que você está pensando.

Os dois já estavam distante do círculo de barracas, além da luminosidade da fogueira, e Royce ainda o conduzia para mais longe.

— Não foi ideia minha. Eu só estava obedecendo a ordens. Você acha que eu não saberia que...

— De quem foi a ideia?

Bernie titubeou apenas um instante.

— De Thranic — acusou ele, e acrescentou, às pressas: — Mas ele só queria que você se ferisse. Morto, não. Só ferido.

— Por quê?

— Francamente, não sei.

Eles pararam no escuro, em meio a um círculo de árvores. Sapos coaxavam hesitantemente, alarmados com a presença deles. O acampamento agora não passava de uma luz ao longe.

— Pode me dizer o que vocês todos estão fazendo aqui?

Bernie fez careta.

— Você sabe que não posso... Nem se fosse para salvar a minha vida. Não valeria a pena.

— Mas você entregou Thranic.

— Eu não gosto de Thranic.

— Então, não é dele que você tem medo. É de Merrick?

— Merrick? — Bernie parecia estar sinceramente surpreso. — Escute aqui, eu nunca culpei você pela morte de Jade nem pela guerra que você deflagrou contra o Diamante. Merrick não deveria tê-lo traído daquele jeito, principalmente sem ter ouvido a sua versão.

Royce deu um passo à frente. Na escuridão que prevalecia sob as copas das árvores estava certo de que Bernie mal o enxergava. Royce, por outro lado, era capaz de ver todos os traços da fisionomia de Bernie.

— Qual é o plano de Merrick?

— Faz anos que eu não o vejo.

Royce sacou o punhal e, de propósito, deixou a lâmina produzir um ruído, raspando ao sair da bainha.

— Quer dizer que você não tem visto Merrick. Ótimo. Mas você está trabalhando para ele, ou para alguém que trabalha para ele. Quero saber onde ele está, e o que ele pretende, e você vai me contar.

Bernie balançou a cabeça.

— Eu... Eu não sei nada sobre Marius ou sobre o que ele anda fazendo.

Royce fez uma pausa. Todos os traços da fisionomia de Bernie revelavam que ele dizia a verdade.

— O que temos aqui? — perguntou Thranic. — Um encontro secreto? Vocês se afastaram muito do acampamento, meus rapazes.

Royce se virou, deparando-se com Thranic e Staul. Staul portava uma tocha e Thranic segurava uma besta.

— Não é seguro se afastar tanto assim dos amigos... Você não pensou nisso, Royce? — indagou Thranic e disparou a besta, mirando o coração de Royce.



— Antun Bulard? — perguntou Hadrian, enfiando a cabeça no interior da barraca.

— Hein? — Antun ergueu o olhar. Ele estava deitado de bruços, escrevendo com uma pena gasta, da qual sobravam apenas alguns centímetros. Usava óculos e olhou para Hadrian por cima das lentes. — Sim, sou eu.

O velho estava mais do que pálido — estava absolutamente branco. Os cabelos eram cor de alabastro e a pele parecia quartzo enrugado. A aparência dele fez Hadrian se lembrar de um ovo, incolor e frágil.

— Eu gostaria de me apresentar — disse Hadrian, entrando na tenda. — Durante todo o tempo em que estivemos embarcados, não tivemos a chance de nos conhecer. Foi uma pena, o senhor não acha?

— Ora... Eu... Como é mesmo o seu nome?

— Hadrian. Eu era o cozinheiro do *Tempestade de Esmeralda*.

— Ah, bem, desculpe a minha franqueza, Hadrian, mas não fiquei impressionado com seus dotes culinários. Talvez menos sal e mais vinho tivessem ajudado. Não que isso aí seja um grande banquete — disse ele, apontando para a refeição inacabada. — Estou velho demais para essa comida condimentada. Pesa no meu estômago.

— O que o senhor está escrevendo?

— Ah, isto aqui? São apenas anotações. A minha mente já não é a mesma, sabe. Logo esqueço as coisas, e então o que seria de mim? Um historiador que não se lembra do próprio nome? A coisa pode mesmo chegar a esse ponto, sabe. Supondo que eu viva até lá. Bernie está sempre me dizendo que não vou sobreviver a esta jornada. Ele deve ter razão. Afinal, é especialista nesse tipo de coisa.

— É mesmo? Que tipo de coisa?

— Ah, espeleologia. Dizem que Bernie é um veterano. A gente forma uma boa dupla, ele e eu. Ele escava o passado e eu faço as anotações, por assim dizer. — Antun riu sozinho, até tossir. Hadrian lhe serviu um copo com água, e ele aceitou gratamente.

Depois que ele se recuperou, Hadrian perguntou:

— O senhor já ouviu falar num homem chamado Merrick Marius?

Bulard balançou a cabeça.

— Não, a menos que tenha me esquecido. Trata-se de um rei, ou um herói, talvez?

— Não. Na verdade, cheguei a achar que talvez fosse ele o homem que os enviou até aqui.

— Ah, não. Nossa missão foi designada pelo próprio patriarca, embora a sentinela Thranic não me conte muita coisa. Não estou me queixando, saiba disso. Quantas vezes um sacerdote de Maribor tem a chance de servir ao patriarca? Posso responder com precisão: duas vezes. A primeira quando eu era bem mais jovem, e agora, que estou quase morto.

— Pensei que o senhor fosse historiador. Mas é sacerdote também?

— Sei que não pareço um sacerdote, não é? Minha vocação foi a pena, não o rebanho.

— Quer dizer que o senhor escreve livros?

— Ah, sim. Meu melhor livro ainda é a *História de Apeladorn*, trabalho que reviso constantemente, é claro.

— Conheço um monge, da Abadia dos Ventos, que gostaria muito de conhecê-lo.

— Essa abadia fica ao norte, em Melengar? Passei por lá uma vez, há cerca de vinte anos — comentou Antun, meneando a cabeça, reflexivo. — Eles foram muito prestativos... Salvaram a minha vida, se bem me lembro.

— Quer dizer que o senhor está nesta expedição para registrar aquilo que vê?

— Ah, não. Eu costumava fazer isso. Conforme você pode imaginar, não saio muito. Realizo a maior parte do meu trabalho em bibliotecas e porões abafados, lendo livros antigos. Eu estava em Tur Del Fur antes de partir nesta viagem maravilhosa. E tem sido uma excelente oportunidade para registrar o que vejo. O patriarca tem conhecimento das minhas pesquisas sobre a história do Império, e é por isso que estou aqui. É como se isso fosse uma versão ao vivo dos meus livros, entende? Suponho que eles achem que, se formularem as perguntas certas, as respostas corretas aparecerão como um oráculo.

Hadrian estava prestes a fazer outra pergunta, quando Grady e Poe enfiaram a cabeça no interior da barraca.

— Hadrian — chamou Poe.



— Ora! Minha barraca se tornou um ponto de encontro hoje à noite! — comentou Antun.

— Estou meio ocupado agora. Vocês não podem esperar? — perguntou Hadrian.

— Acho que não. Thranic e Staul seguiram Royce e Bernie mata adentro.



Royce ouviu o estalo do gatilho e se pôs em movimento antes que o zumbido da corda indicasse o disparo da seta. Contudo, seus reflexos não poderiam ser mais rápidos do que um virote no ar. A vareta de metal perfurou sua caixa torácica. O impacto o empurrou para trás, e ele tombou cheio de dor.

— Foi sorte termos encontrado você, Bernie — disse Thranic ao ladrão, que, assustado, afastava-se do corpo de Royce. — Ele o teria matado. Não é isso que assassinos fazem? Agora você vê que fez papel de bobo quando disse que eu não tinha como protegê-lo?

— Você poderia ter acertado em mim! — protestou Bernie.

— Deixe de drama. Você está vivo, não está? Além disso, eu ouvi a conversa. Não foi preciso muita coisa para você me entregar. Na minha profissão, falta de confiança é um pecado terrível.

— Na minha, costuma ser plenamente justificável — retorquiu Bernie asperamente.

— Volte para o acampamento antes que sua ausência seja notada.

Bernie resmungou e voltou correndo pela trilha, sob os olhos de Thranic.

— Talvez seja preciso fazer alguma coisa a respeito desse sujeito — disse a sentinela, dirigindo-se ao tenkin. — Engraçado que você, meu amigo pagão, tenha se tornado meu grande aliado nisso tudo.

— Bernie pensa demais. Quanto a mim? Sou apenas ganancioso e, portanto, confiável. Vamos abandonar o corpo aqui?

— Não, ele está perto demais da trilha que vamos seguir amanhã, e não posso confiar que os animais vão devorá-lo antes de levantarmos acampamento. Arraste-o daqui. Alguns metros bastam.

— Royce? — gritou Hadrian, subindo pela trilha.

— Ande logo, seu idiota. Eles estão vindo!

Staul se adiantou e, fincando a tocha no solo, levantou Royce e o arrastou floresta adentro. Após avançar apenas algumas dezenas de metros, ele praguejou. Royce ainda respirava.

— *Izuto!* — exclamou o tenkin, sacando o punhal.

— Tarde demais — murmurou Royce.



Hadrian os conduziu entre as árvores, seguindo o percurso que Royce fizera. Adiante, ele avistou o brilho de uma tocha e correu em direção à luz. Atrás dele vinham Wyatt, Poe, Grady e Dering.

— Tem sangue aqui — anunciou Hadrian ao chegar à tocha acesa, fincada no solo. — Royce!

— Espalhem-se! — ordenou Wyatt. — Vasculhem a grama e procurem mais sinais de sangue.

— Aqui! — gritou Dering, entrando no meio de umas samambaias. — Ali... Ali adiante. São dois... Staul e Royce!

Hadrian abriu caminho através da densa vegetação rasteira até o local onde os dois jaziam estirados. Royce respirava com dificuldade, pressionando as costelas encharcadas de sangue. Seu rosto estava pálido, no entanto o olhar se mantinha focado.

— Como você está, parceiro? — perguntou Hadrian, caindo de joelhos e enfiando um dos braços embaixo do corpo do amigo.

Royce se mantinha em silêncio, os dentes trincados, inflando as bochechas cada vez que respirava.

— Pegue os pés dele, Wyatt — ordenou Hadrian. — Agora vamos levantá-lo com cuidado. Poe, você vai na frente, segurando a tocha.

— E Staul? — perguntou Dering.

— O que tem ele? — Hadrian olhou para o tenkin grandalhão, cuja garganta estava cortada de uma orelha à outra.

Quando retornaram ao acampamento, Wesley ordenou que Royce fosse levado para a sua barraca, a maior de todas, originalmente destinada ao capitão Seward. Ele chegou a dizer a Poe que fosse buscar o Dr. Levy, mas Hadrian interveio. Wesley ficou confuso, porém, uma vez que Hadrian era o melhor amigo de Royce, não insistiu. Os vintu se mostraram surpreendentemente habilidosos em primeiros socorros, e, sob o olhar atento de Hadrian, limparam e aplicaram um curativo ao ferimento.

A seta disparada contra o coração de Royce havia entrado e saído de seu corpo. Ele perdera bastante sangue, mas nenhum órgão tinha sido atingido, e nenhum osso, fraturado. Sem maiores problemas, os vintu fecharam o pequeno orifício de entrada. Já o esgarçamento da carne no ponto em que a seta saía era outra questão. Foram necessárias uma dúzia de bandagens e várias bacias com água até o sangramento estancar e Royce poder dormir tranquilamente.

— Por que não fui informado sobre isso? Eu sou médico, pelo amor de Maribor!

Hadrian saiu da barraca por um instante e se deparou com o Dr. Levy, que discutia com Wyatt, Poe, Grady e Dering, que, a pedido de Hadrian, montavam guarda à entrada.

— Ah, Dr. Levy... O homem que eu estava procurando — disse Hadrian, dirigindo-se ao médico. — Onde está o seu chefe? Onde está Thranic?

Levy não precisou responder, pois, proveniente do outro lado do acampamento, Thranic se aproximava, ao lado de Wesley e Bernie. Hadrian sacou a espada quando eles se aproximaram.

— Guarde essa arma! — ordenou Wesley.

— Esse homem quase matou Royce esta noite — afirmou Hadrian, apontando para Thranic.

— Não foi isso que ele me disse — respondeu Wesley. — Ele disse que o marinheiro Melborn atacou e matou o marinheiro Staul por causa de acusações ligadas à morte do marinheiro Drew. O Sr. Thranic e o marinheiro Defoe alegam serem testemunhas.

— Nós não *alegamos* nada. Nós vimos tudo — expôs Thranic com frieza.

— E qual é a *alegação* de vocês? — perguntou Hadrian.

— Staul confrontou Royce, dizendo que apresentaria provas a Wesley. Royce o advertiu que ele jamais voltaria a ver o sol raiar. Então, quando Staul se virou de costas para retornar ao acampamento, Royce o agarrou por trás e cortou sua garganta. Bernie e eu esperávamos esse tipo de traição, mas não conseguimos convencer Staul a não confrontar o salafrário. Então a gente resolveu segui-lo. Eu levei uma besta, emprestada do Sr. Dilladrum, para me proteger. E disparei em defesa própria.

— Ele está mentindo — retrucou Hadrian.

— Ah, você estava lá? — perguntou Thranic. — Você viu a coisa acontecer, como nós vimos? Engraçado, não notei sua presença.

— Royce saiu do acampamento com Bernie, e não com Staul — disse Hadrian.

Thranic deu uma risada.

— Esse é o seu melhor argumento para salvar seu amigo do laço? Por que você não diz que viu Staul atacá-lo gratuitamente, ou que eu o ataquei, por exemplo?

— Eu também vi Royce sair com Bernie, e Thranic e Staul foram atrás deles — observou Wyatt.

— Isso é mentira! — respondeu Bernie, mostrando-se ofendido. — Eu vi Royce sair com Staul. Thranic e eu os seguimos. Eu trabalhava no mastro principal com Royce. Eu estava lá na noite em que Edgar Drew morreu. Royce era o único que estava perto dele. Eles tiveram uma discussão. Vocês todos viram como Royce é ágil. Drew não teve a menor chance.

— Por que você não informou isso ao capitão? — perguntou Dering.

— Eu informei — declarou Bernie. — Mas como não vi Royce empurrar Drew, o capitão se recusou a tomar qualquer atitude.

— É bem conveniente que o capitão Seward esteja morto e não possa esclarecer a questão — registrou Wyatt.

Thranic balançou a cabeça com um sorriso patético.

— Agora, Wesley, você vai dar mais crédito à palavra de um pirata e um cozinheiro, ou à palavra de uma sentinela da Igreja de Nyphron?

— Vossa Excelência — disse Wesley, voltando-se a Thranic. — Peço que me chame de Sr. Wesley, ou *senhor*. Entendido? — A expressão de Thranic se tornou azeda. — E *eu* decido qual palavra acatar. Acontece que eu sei muito bem o quanto o senhor quer se vingar do marinheiro Melborn. O aspirante Beryl tentou me convencer a fazer acusações falsas. Pois bem, senhor, não me intimidei diante das ameaças de Beryl, e vou pouco me danar se me intimidar diante de seu título.

— *Danar* é uma feliz escolha de palavra, Sr. Wesley.

— Sentinela Thranic! — rosnou Wesley. — Esteja avisado de que, se ocorrer ao marinheiro Melborn qualquer mal que pareça minimamente suspeito, eu o responsabilizarei e mandarei executá-lo sumariamente. Fui claro?

— O senhor não se atreveria a tocar num sacerdote ordenado do patriarca. Nenhum rei de Avryn... Ora! Nem mesmo os regentes ousariam fazer oposição a mim. O senhor é quem deveria se preocupar com uma execução.

Wyatt, Grady e Dering sacaram as espadas, e Hadrian deu um passo em direção a Thranic.

— Alto lá, cavalheiros! — gritou Wesley. Diante da ordem, todos pararam. — O senhor tem razão, sentinela Thranic. O seu cargo influencia a maneira como eu o trato. Se o senhor fosse um marinheiro comum, eu mandaria açoitá-lo por desacato. Sei que, depois que voltarmos a Aquesta, o senhor tem condições de arruinar minha carreira, ou talvez de conseguir minha prisão ou meu enforcamento. Mas me deixe assinalar, senhor, que Aquesta está muito distante daqui, e não é fácil para um homem morto fazer qualquer solicitação. Portanto, é do meu interesse providenciar sua execução aqui e agora. Seria simples informar que o senhor e o marinheiro Defoe sucumbiram aos perigos da selva.

Bernie pareceu ficar preocupado e deu um pequeno passo, afastando-se de Thranic.

— Pensei que pudesse confiar no célebre código de honra de sua família — disse Thranic em tom sarcástico.

— E pode, senhor, pois é só por isso que o senhor ainda está vivo. Mas, pelo mesmo motivo, saiba que o senhor será executado se voltar a ameaçar o marinheiro Melborn. Fui claro?

Thranic ficou furioso, mas calou a boca, limitando-se a dar meia-volta e se retirar, seguido por Bernie.

Wesley expirou ruidosamente e ajeitou a jaqueta.

— Como ele está? — perguntou ele a Hadrian.

— No momento, dormindo, senhor. Está fraco, mas vai se recuperar. E... obrigado, senhor.

— Pelo quê? — respondeu Wesley. — Tenho uma missão a cumprir, marinheiro Blackwater. Não posso permitir que meus tripulantes se matem uns aos outros. Marinheiros Dering e Grady, convoquem alguns marujos e tragam o corpo do Sr. Staul de volta ao acampamento. Não podemos abandoná-lo às feras desta selva medonha.

## CAPÍTULO 15

### A BUSCA



– Acho que o vi.

Arista acordou com o barulho. Aturdida de início, ela não sabia onde estava. Virando-se de lado, viu Thrace iluminada por um raio do luar. A imperatriz vestia sua camisola fina, cujo tecido se agitava com a corrente de ar. A jovem se mantinha ereta, com os cabelos soltos e o olhar perdido além da janela.

Fazia quase uma semana que Gerald convocara Arista aos aposentos da imperatriz, e ela se perguntava se sua presença ali não seria um sinal de que estava no caminho certo. Se o destino pudesse falar, definitivamente se expressaria assim.

Thrace zelava por sua segurança, protegendo-a como uma mãe faria com um recém-nascido. Do lado de fora da porta havia sempre soldados, agora em duplas, com ordens expressas de impedir o ingresso não autorizado de quem quer que fosse. Somente Amilia e Nimbus entravam nos aposentos, e

só o faziam depois de bater à porta. A pedido de Thrace, Nimbus levava mensagens a Hilfred.

De camisola, Thrace lembrava muito a jovem de Dahlgren, porém havia algo diferente nela — algo meio triste, mas que sequer possuía a paixão necessária à tristeza. Com frequência, sentava-se durante horas com o olhar vazio, e quando falava as palavras eram insípidas e careciam de emoção. Jamais ria, chorava ou sorria. Assim, parecia ter se transformado de camponesa alegre em autêntica imperatriz — serena, mas inabalável.

*Mas a qual custo?*

— Já era tarde, como agora — disse Thrace, olhando através da janela. Sua voz soava distante, como se estivesse em transe. — Eu estava sonhando, mas um grunhido me despertou. Fui até a janela e os vi. Estavam lá embaixo, no pátio. Homens portando tochas, mais ou menos uma dúzia, conduziam uma carroça fechada. Eram cavaleiros e trajavam armaduras em tons de vermelho e preto, como aquelas que vimos em Dahlgren. Falavam do homem que estava dentro da carroça como se fosse um monstro, e embora o sujeito estivesse encapuzado e acorrentado, eles ficaram com medo. Depois que o levaram, a carroça foi conduzida para fora do pátio. — Thrace se virou para ela. — Até agora eu pensava que tinha sido um sonho. Tenho muitos sonhos desagradáveis.

— Há quanto tempo isso aconteceu?

— Há três meses, talvez mais.

Tremendo de frio, Arista se sentou. O fogo já apagara e as paredes de pedra nada faziam para impedir a entrada da friagem. A janela estava aberta novamente. A despeito do horário, ou da temperatura, Thrace insistia que ficasse aberta. Não o fazia por meio de palavras, pois raramente falava, mas todas as vezes que Arista a fechava, a jovem voltava a abri-la.

— O período coincide com o desaparecimento de Gaunt. Você nunca mais soube daquele prisioneiro?



— Não, e você nem imagina o quanto se pode ouvir quando se é uma pessoa calada.

— Thrace, venha... — Um súbito meneio da cabeça de Modina e um olhar curioso em seu semblante interromperam a fala de Arista.

— Ninguém me chama assim hoje em dia.

— É uma pena. Sempre gostei de seu nome.

— Eu também.

— Volte para a cama. Você vai se resfriar.

Thrace se aproximou dela, olhando para o ponto onde o espelho costumava ficar pendurado.

— Vou precisar de um novo espelho antes da Festas do Inverno.



O amanhecer trouxe o café da manhã e notícias, por intermédio de Amilia e do tutor de Thrace. Nimbus chegou sorridente e animado, reverenciando as duas — cortesia que Amilia se recusava a estender a Arista. A secretária imperial estava fisicamente abatida. Suas olheiras se tornavam cada dia mais acentuadas. De maxilar contraído e punhos cerrados, ela fitava Arista, que tomava o café da manhã na cama de Thrace. Apesar da evidente antipatia demonstrada por Amilia, Arista não conseguia deixar de gostar dela. Em Amilia, ela reconhecia o mesmo feroz instinto de proteção observado em Hilfred.

— A busca pela Bruxa de Melengar foi suspensa — informou Amilia, olhando friamente para Arista. — Acham que ela foi para Melengar ou Ratibor. Algumas patrulhas ainda estão em ação, mas já não têm esperança de encontrá-la.

— E quanto ao cativo de Degan Gaunt? — perguntou Arista.

Amilia olhou para Nimbus, que deu um passo à frente.

— Bem, a pesquisa que eu fiz no Salão de Registros foi inconclusiva. Nos tempos do Antigo Império, Aquesta se chamava Rionillion, e existia aqui uma grande construção. Ironicamente, vários pergaminhos se referem à tal construção como um cárcere, porém o prédio foi destruído no começo da guerra civil que sucedeu à morte do último imperador. Mais tarde, em 2453, Glenmorgan I construiu aqui uma fortaleza, para se defender de rebeliões. A fortaleza se tornou este palácio onde estamos agora.

“Nenhum dos registros menciona masmorras, o que é estranho, considerando-se o clima de incerteza da época. Fiz uma busca em quase todas as dependências do palácio, interroguei camareiras, examinei velhos mapas e plantas baixas, mas não descobri uma única referência sequer.”

— O que Aquesta faz com os criminosos? — perguntou Arista.

— Há três cadeias na cidade, onde ficam aqueles que praticam delitos menos graves, e há a prisão de Warric, em Whitehead, para casos mais graves cuja sentença não seja a execução. E há também o notório Cárcere de Manzant, em Maranon, para os crimes hediondos.

— Talvez não seja uma masmorra ou uma prisão — cogitou Arista. — Talvez seja apenas uma sala secreta.

— Acho que posso investigar essa possibilidade.

— O que foi, Amilia? — perguntou Thrace, percebendo um olhar pensativo na fisionomia da secretária.

— Como? Ah, não é nada... — A expressão de Amilia mudou, assumindo um ar de consternação. — Isso é perigoso. Sair por aí fazendo tantas perguntas. Já é arriscado pedir mais comida a cada refeição. Alguém vai notar. Saldur não é tolo.

— Mas em que você estava pensando, Amilia? — repetiu Thrace.

— Em nada.

— Amilia?

A secretária franziu o centro.

— É que eu... Algumas semanas atrás você falou de um lugar escuro...

— Você acha que teria sido lá a tal masmorra?

— Não, Modina. Não pense nisso — implorou Amilia. — Você está frágil demais.

— Preciso tentar. Se conseguisse me lembrar...

— Você não *precisa* fazer coisa alguma. Essa mulher... Essa mulher chega aqui... Ela não se preocupa com você ou com o que possa acontecer. Ela só pensa em si mesma. Você já fez mais do que o necessário. Se não quer entregá-la, ao menos, deixe que eu a leve embora daqui. Nimbus e eu...

— Não — retrucou Thrace com leveza. — Ela precisa de nós... e eu preciso dela.



— Terra — disse Thrace, sentindo um calafrio.

Arista olhou para ela. A princesa tentava decidir como encerrar uma carta para Hilfred quando ouviu a palavra. Desde que Amilia e Nimbus tinham ido embora, a imperatriz se ajoelhou diante da janela aberta, mas aquela fora a primeira palavra pronunciada por ela.

— Umidade, frio... muito frio, e vozes... eu me lembro... gritos e choro, homens e mulheres, uivos e preces. Tudo escuro. — Thrace abraçou o próprio corpo e começou a se balançar. — Respingos, lembro-me de uns respingos, um barulho surdo, algo rangendo, algo girando, e então os respingos. Às vezes, ecoavam vozes distantes, vindas de cima, saindo de um túnel. Paredes de pedra, porta de madeira. Uma tigela... isso mesmo... todo dia uma tigela... a sopa cheirava mal. Pouca comida.

O corpo de Thrace oscilava cada vez mais, sua voz tremia, sua respiração falhava.

— Eu ouvia os golpes e os gritos, homens e mulheres, dia e noite, gritando por misericórdia. Então, em meio ao pranto, ouvi uma voz

diferente, e constatei que era a minha. Eu matei minha família. Matei meu irmão, a mulher dele e o pequeno Hickory. Destruí toda minha aldeia. Matei meu pai. Eu estava sendo castigada.

Thrace começou a chorar.

Arista se aproximou, porém a jovem deu um pulo ao ser tocada por ela e se encolheu. Arrastando-se pela parede e soluçando, esfregou a pedra com as mãos, umedecendo-a com suas lágrimas.

*Frágil?*, pensou Arista. Thrace sofrera um golpe que, na maioria das pessoas, teria causado a morte. A despeito do que Amilia achasse, Thrace não era frágil. No entanto, até granito racha se for golpeado com uma marreta grande o suficiente.

— Você está bem? — perguntou Arista.

— Não, continuo em busca, mas não consigo achar coisa alguma. Não compreendo os sons. Tudo é familiar, e ao mesmo tempo... — Ela interrompeu a própria fala e sacudiu a cabeça. — Sinto muito, eu queria ajudar. Eu queria...

— Tudo bem, Thrace. Tudo bem.

A imperatriz contraiu o cenho.

— Você precisa parar de me chamar assim — declarou ela, olhando para Arista. — Thrace morreu.

## CAPÍTULO 16

### A ALDEIA



O crepúsculo era eterno. As copas das árvores que compunham a floresta bloqueavam a pouca luz solar que penetrava pelas nuvens repletas de chuva. Uma névoa os cercava, tornando-se cada vez mais intensa à medida que eles se embrenhavam pela selva. Plantas exóticas, cujas hastes eram do tamanho das pernas dos homens, pendiam sobre a cabeça deles. Flores gigantes, adornadas com desenhos intrincados, e flores roxas, amarelas e vermelhas cercavam o grupo. Tudo aquilo fazia Hadrian se sentir pequeno, encolhido ao tamanho de um inseto, como se estivesse se arrastando pelo solo de uma floresta de gigantes.

A chuva era um incômodo constante. A água dançava sobre um milhão de folhas, provocando um ruído de trovão. Quando um trovão, de fato, ribombava, era a voz de um deus. Tudo ficava encharcado. As roupas colavam na pele e pesavam no corpo. As botas chapinhavam a água a cada passo. E as mãos ficavam enrugadas como se fossem de velhos.

Royce seguia no lombo de um *gunguan*, que era como os vintu denominavam os burros de carga. Ele estava consciente, mas debilitado. Um dia já havia se passado desde o ataque, pois Wesley insistiu em sepultar Staul. O novo capitão afirmara que não permitiria que feras devorassem qualquer tripulante sob sua responsabilidade, e fez questão de que abrissem uma cova profunda. Ninguém havia se queixado do trabalho exaustivo necessário para abrir caminho pelo emaranhado de raízes. Hadrian duvidava que Wesley se importasse, verdadeiramente, com o destino do cadáver de Staul, porém a abertura da cova permitiu um tempo para Royce repousar, manteve o grupo ocupado e corroborou o compromisso de Wesley em relação aos subordinados. Mais uma vez, Hadrian pensou nas semelhanças entre o aspirante e seu célebre irmão.

Royce viajava embrulhado na capa e o peso da chuva fazia com que o capuz grudasse à sua cabeça — não era um bom sinal para Thranic e Bernie. Até então, Royce fizera o papel do marinheiro bonzinho; no entanto, com o ressurgimento do capuz e a perda do lenço branco, Hadrian sabia que a encenação havia chegado ao fim. Os dois não tinham se falado muito desde o ataque. Não era surpresa que Royce não estivesse no estado de espírito ideal para jogar conversa fora. Hadrian supunha que àquela altura seu amigo já se visualizara matando Thranic uma dezena de vezes, além de alguns Bernies de quebra. Hadrian já tinha visto Royce ferido e conhecia aquele momento de casulo — mas o que iria emergir daquela capa com capuz não seria uma borboleta.

Thranic, Defoe e Levy seguiam na retaguarda, e muitas vezes Hadrian os ouviu sussurrar. Sabiamente, mantinham-se distantes e evitavam atrair atenção. Wesley seguia à frente, junto a Dilladrum, sempre cauteloso para não tomar partido ou mesmo dizer algo que pudesse sugerir qualquer opinião. Dilladrum preservou a alegria de sempre e concentrava sua atenção nos vintu.

Quem mais surpreendeu Hadrian foi Dering. No momento em que Royce se mostrara mais vulnerável, seu inimigo de bordo correu para ajudá-lo, em vez de abusar da situação. Hadrian teria apostado dinheiro que, no que dizia respeito à suposta culpa de Royce, Dering ficaria do lado de Thranic. Não havia dúvida de que Antun Bulard pertencia à tropa de Thranic, porém o velho carecia da crueldade dos demais. Ele era simplesmente um joguete. Com o tempo, Hadrian se tornou o novo melhor amigo de Bulard.

— Veja! Veja isso aqui! — exclamou Bulard, apontando para uma flor de cor vibrante, acima da cabeça deles. O velho se habituou a caminhar ao lado de Hadrian, dividindo com ele as descobertas feitas pelo caminho. — Linda, simplesmente linda. Você já viu coisa igual? Juro que *eu* nunca vi. Mas tal fato não significa grande coisa, não é mesmo?

Bulard fazia Hadrian se lembrar de um gato com pelo comprido, com o manto geralmente inflado e os cabelos brancos escorridos e encharcados de chuva, exibindo um corpo extremamente magro. Ele costumava manter a mão enrugada acima dos olhos, a fim de protegê-los enquanto examinava as árvores.

— Mais um daqueles maravilhosos pássaros de bico longo — comentou o historiador. — Adoro o jeito como pairam no ar.

Hadrian sorriu.

— O que me impressiona não é o fato de a chuva não o incomodar, mas de o senhor sequer notar que está chovendo.

Bulard fez uma careta.

— Os meus pergaminhos estão em estado de miséria. Grudam uns nos outros, a tinta borra, não consigo escrever nada, e, como disse quando nos conhecemos, minha mente não é o lugar mais adequado para registrar as lembranças dessas coisas fabulosas. Isso aqui me dá a sensação de que desperdicei a vida enclausurado em bibliotecas e gabinetes repletos de poeira. Não faça o que fiz, Hadrian. Você ainda é jovem. Siga o meu

conselho: aproveite a vida ao máximo. Respire ar puro, beba vinho, beije moças e sempre se lembre de que as histórias dos outros nunca são tão maravilhosas quanto as suas. Confesso que... bem... que estava apreensivo em relação a esta viagem. Não, vou dizer a verdade: eu estava com medo. Do que um homem da minha idade pode ter medo?, você perguntaria. De tudo. A vida se torna mais preciosa quando se tem menos tempo para vivê-la. No entanto, não estou pronto para morrer. Ora! Olhe só quanta coisa eu nunca tinha visto!

— O senhor já havia visto cavalos e mulheres também, certo? — indagou Hadrian com um sorriso irônico.

Bulard lhe dirigiu um olhar curioso.

— Sou um historiador, não um monge.

Hadrian quase tropeçou.

— Sei que não pareço, mas fui um homem bonito. A propósito, fui casado três vezes. Sobrevivi a todas elas, pobrezinhas. Até hoje sinto falta das três... você sabe como é... de cada uma delas. Minha mente enfraquecida ainda não esqueceu os rostos delas, e acho que jamais esquecerá. Você já se apaixonou, Hadrian?

— Não tenho certeza. Como a gente sabe?

— O amor? Ora! É como voltar para casa.

Hadrian analisou o comentário.

— No que você está pensando? — perguntou Bulard.

Hadrian balançou a cabeça.

— Em nada.

— Estava pensando em alguma coisa, sim. Em quê? Pode me contar. Sou um verdadeiro túmulo. É provável que eu até me esqueça, mas, se não esquecer... bem... sou um velho no meio de uma selva isolada. É provável que eu morra antes de poder dar com a língua nos dentes.

Hadrian sorriu e deu de ombros.

— Só estava pensando na chuva.





A trilha ficou mais larga, expondo uma grande queda-d'água e uma dezena de casas de taipa, no centro de uma pequena clareira. As choupanas, com telhados de colmo arredondados, apoiavam-se sobre palafitas, e as portas de entrada eram acessadas por degraus ou escadas de mão, dependendo das dimensões ou do aparente prestígio da edificação. Exatamente no centro da clareira havia uma fogueira, cercada por uma série de pedras coloridas e estacas de madeira enfeitadas com peles de animais, crânios e colares feitos com ossos, contas e penas compridas de cores vibrantes. Os habitantes eram homens e mulheres de cabelos e olhos castanho-escuros e pele âmbar que usavam panos e sedas lindamente pintados. No momento em que Dilladrum se aproximou respeitosamente, eles interromperam suas atividades. Os mais idosos esperaram por ele diante da fogueira, onde reverências foram trocadas.

— Quem você acha que são essas pessoas? — perguntou Bulard.

— Tenkin — respondeu Hadrian.

Bulard ergueu as sobrancelhas.

A aldeia parecia familiar a Hadrian, embora ele jamais tivesse estado ali. Centenas de aldeias semelhantes se espalhavam pela península, uma o reflexo da outra. Os escombros encontrados em Cális Oriental eram o último vestígio do Antigo Império. Após as guerras civis destroçarem a região ocidental, Cális ainda continuou a desfraldar a bandeira do Império, e durante séculos constituiu um bastião de resistência contra a horda ghazel. O tempo, entretanto, ficou do lado dos ghazel. O mundo antigo finalmente desapareceu quando a antiga capital, Uplineus, rendeu-se às hordas de goblins que avançaram selva adentro. Os ghazel teriam tomado toda a nação de Avryn, não fosse por Glenmorgan III.

Glenmorgan III congregara os nobres e derrotara os goblins na Batalha das Colinas de Vilan. Os ghazel recuaram, mas jamais foram expulsos da

terra. Traído logo após a vitória, Glenmorgan III não chegou a concluir a missão de restabelecer as fronteiras do reino. A tarefa caberia a homens menos ilustres que se ocuparam com a disputa dos espólios de guerra, enquanto os ghazel se fixavam na região. Urlineus, a última grande cidade do Antigo Império, permaneceu em poder dos ghazel, e a partir de então Cális nunca mais foi a mesma.

Fragmentada e isolada, a metade oriental da nação lutava contra a crescente pressão dos ghazel num turbilhão caótico e confuso. Reis-guerreiros automeados lutavam entre si. Em desespero e ávidos para derrotar seus rivais, alguns chegaram a recrutar a ajuda dos ghazel. Laços foram constituídos, linhas divisórias se apagaram e, a partir dessa frágil aliança, nasceram os tenkin — seres humanos que adotaram o modo de vida, as tradições e as crenças dos ghazel. Por tal motivo, os cidadãos de Cális desprezavam os tenkin, forçando-os a se embrenhar na selva, onde viviam em constante perigo.

Dilladrum retornou.

— Esta é a aldeia de Oudorro. Já estive aqui várias vezes. Embora sejam tenkin, é uma gente amável e generosa. Pedi que nos deixassem passar a noite aqui. Amanhã de manhã prosseguiremos em direção ao Palácio dos Quatro Ventos. A partir daqui, a viagem se torna mais difícil e mais desagradável; portanto, precisamos de uma boa noite de sono. Mas devo preveni-los: por favor, não ofendam nem provoquem essa gente. Eles são corteses, mas quando se exaltam são ferozes.

A aparência física dos tenkin sempre causava forte impressão em Hadrian. Staul era um exemplo ruim. Os homens que ali estavam o remetiam a sua verdadeira lembrança dos tenkin. Músculos definidos e bronzeados e traços faciais marcantes, que pareciam cinzelados em blocos de pedra, eram a marca do guerreiro tenkin. A exemplo dos grandes felinos da selva, seus corpos eram graciosos, tanto em termos de força quanto de simplicidade. As mulheres eram deslumbrantes. Cabelos longos e castanhos

emolduravam faces salientes e olhos amendoados. Uma pele macia como cetim envolvia curvas acentuadas. O mundo “civilizado” jamais contemplava as mulheres tenkin. Tesouros guardados a sete chaves, elas nunca saíam de suas aldeias.

Os habitantes não demonstravam medo ou preocupação diante do avanço dos estrangeiros. A maioria observou a chegada do grupo com uma curiosidade silenciosa. As mulheres pareciam mais interessadas, adiantando-se para ver melhor e trocando comentários entre si.

— Eu achava que os tenkin fossem grotescos — comentou Bulard, com a naturalidade e o tom de voz de alguém que se referia a animais. — Eu tinha ouvido dizer que eram abominações da natureza, mas essa gente é muito bonita.

— Trata-se de um engano bastante comum — explicou Hadrian. — As pessoas contam histórias, afirmando que os tenkin são resultado da miscigenação dos nativos de Cális com os ghazel, mas basta ver um goblin para saber que isso é impossível.

— Acho que não se pode acreditar em tudo que se lê nos livros. Mas não espalhe isso por aí, ou posso perder o meu emprego.

Quando chegaram ao centro da aldeia, os vintu puseram mãos à obra e começaram a descarregar. Desempenhavam suas tarefas com uma segurança estoica. O grupo ficou aguardando, ouvindo o chiado da chuva sobre o fogo e o burburinho da pequena multidão que se formava ao redor dos recém-chegados. Com um ar de expectativa, Dilladrum se esforçava para enxergar algo por cima da cabeça dos tenkin. Ele trocava olhares com Wesley, mas nada dizia. Pouco depois, um tenkin de baixa estatura e idoso, trajando uma pele de leopardo, entrou no círculo. Sua pele era semelhante a couro curtido e seus cabelos pareciam de aço. Ele andava com uma lentidão protocolar e o queixo erguido. Dilladrum sorriu, e os dois trocaram palavras rápidas. Então o tenkin idoso bateu palmas e emitiu um grito. A multidão se afastou e ele conduziu os tripulantes do *Tempestade de Esmeralda* até a maior das

edificações. A construção tinha quatro pilares, do tamanho de troncos de árvore, pilares que sustentavam uma treliça de galhos cobertos de colmo. O interior carecia de divisórias, sendo um espaço aberto, decorado com peles curtidas e almofadas feitas de couro de animais.

No interior da edificação quatro tenkin aguardavam. Três homens e uma mulher sentavam-se num montículo coberto com almofadas exuberantes. O guia vestido com pele de leopardo fez uma profunda reverência, então se retirou. Do lado de fora, a chuva aumentou, e escorria pelo telhado de colmo.

Dilladrum deu um passo adiante, curvou-se com as mãos cruzadas à frente do corpo e falou na língua tenkin, um misto entre o antigo idioma imperial e a língua ghazel. Hadrian tinha um conhecimento básico de tenkin, porém o isolamento entre as aldeias causara o surgimento de diferentes dialetos. Embora não entendesse diversas palavras pronunciadas por Dilladrum, ele percebeu que a conversa versava sobre apresentações formais.

— Este aqui é Burandu — explicou Dilladrum à tripulação do *Tempestade de Esmeralda*, falando na língua de Apeladorn. — Ele é um ancião — disse Dilladrum, então fez uma pausa, refletindo. — É parecido com um senhor de terras, mas não é a mesma coisa. Ao lado dele está Joqdan, o chefe guerreiro, algo como um chefe militar. Zulron é o oberdaza de Oudorro — disse ele, apontando para um tenkin um tanto desfigurado, o único que Hadrian vira até então com tais características. — Em Avryn, o que existe de mais próximo ao cargo dele talvez seria uma mescla de sumo sacerdote e médico, e ao lado dele está Fan Irlanu. Vocês não têm um cargo equivalente ao dela. Fan Irlanu é uma vidente.

— Sejam bem-vindos, nativos da grande nação Avryn — saudou Burandu, falando um apelanês hesitante. Apesar da idade, revelada apenas por uma cabeleira surpreendentemente branca, ele era tão forte e belo quanto qualquer outro aldeão. Usava uma tanga de seda e um saiote,

um grande colar de ouro e uma coroa formada por penas compridas e coloridas. — É um prazer receber em nossa terra.

— Nós somos gratos pelo convite, senhor — respondeu Wesley.

— Gostamos companhia de pessoas trazidas por Dilladrum. Velhos irmãos... É bom sentar, ouvir, encontrar. Venham, vamos beber e recordar.

Zulron lançou um pó sobre o braseiro. Labaredas espocaram, iluminando o recinto. Eles se sentaram entre as almofadas e as peles. Royce achou um lugar na penumbra, perto da parede do fundo. Como de hábito, Thranic e Bernie se mantiveram distante do restante do grupo. Sentaram-se perto dos quatro tenkin enquanto a sentinela observava Zulron com grande interesse. Bulard convidou Hadrian para se sentar ao lado dele.

— Isso explica muita coisa — comentou o velho, apontando para os ornamentos da choupana. — Essa gente se perdeu no tempo. Está vendo aqueles escudos trabalhados, pendurados nas vigas do teto com as lamparinas? Era assim na antiga sala do trono imperial, e os líderes seguem a tradição do poder imperial, representado por um rei e dois conselheiros, sempre um mago e um guerreiro. Mas é provável que a vidente seja resultado de alguma influência dos ghazel. Ela é linda.

Hadrian concordava. Fan Irlanu era belíssima, até para os padrões dos tenkin. O vestido de seda fina abraçava o corpo dela com a intimidade de um líquido.

Comida e vinho eram servidos, trazidos por homens em jarras e bandejas.

— Depois comer — disse Burandu a Wesley —, convido senhor, Dilladrum e assistente a se encontrar no meu *durbo*. Falar sobre novidades estrada acima. Feras soltas... Vocês precisam tomar cuidado. Vocês falam sobre estrada abaixo.

Wesley fez que sim com a boca cheia, então, após engolir, acrescentou:

— Claro, Vossa... — ele hesitou e simplesmente acrescentou: — senhor.

Bulard olhou desconfiado para a carne fatiada que estava diante dele. Hadrian deu uma risada, observando o velho empurrar a carne pelo prato.

— É carne de porco. Tem muito porco nesta selva, e os tenkin costumam caçá-los. O senhor vai perceber que a carne é um pouco mais dura e com mais gosto de caça do que a carne de porco que costuma comer, mas é boa... O senhor vai gostar.

— Como você sabe tanto sobre eles? — perguntou o velho.

— Morei em Cális durante muitos anos.

— Fazendo o quê?

— Sabe de uma coisa? Ainda hoje me faço essa pergunta — respondeu Hadrian, enfiando um pedaço de carne de porco na boca e mastigando, porém a expressão de Bulard indicava que ele não compreendia a resposta. Finalmente, Hadrian admitiu: — Eu era mercenário. Lutava a serviço de quem pagasse melhor.

— Você parece se envergonhar disso — falou Bulard, experimentando uma fruta e fazendo careta. — A profissão de mercenário tem uma história longa e ilustre. Eu bem sei.

— Meu pai nunca aprovou que eu usasse minhas habilidades para obter lucro. De certo modo, pode-se dizer que ele considerava isso um sacrilégio. Eu não entendia isso à época, mas agora entendo.

— Então você era um bom mercenário?

— Matei muitos homens.

— Às vezes, as batalhas são necessárias, e os homens perecem na guerra. Acontece. Você não tem do que se envergonhar. Ser um guerreiro sobrevivente é uma recompensa que Maribor concede aos virtuosos. Você deveria se orgulhar.

— Mas não havia guerras, apenas batalhas. Não havia causas, apenas dinheiro. Não havia virtude, apenas matança.

Bulard franziu o cenho como se quisesse decifrar essas palavras, e Hadrian se levantou antes que ele fizesse mais perguntas. Quando a refeição

chegou ao fim, meninos tenkin seguraram grandes folhas de palmeira sobre as cabeças de Burandu, Wesley, Dilladrum e Wyatt enquanto eles caminhavam na chuva. Depois que o ancião se retirou, as formalidades foram reduzidas. Os vintu retomaram os trabalhos no acampamento antes que a luz do dia acabasse. Do outro lado do recinto, Thranic e Levy conversavam, serenamente, com o oberdaza, Zulron, e os três saíram juntos. Poe, Dering e Grady se serviram de vinho e se recostaram sobre as almofadas. Hadrian foi se sentar ao lado de Royce.

— Quer provar o vinho?

— Ainda não está na hora de beber — respondeu o capuz.

— Como você está se sentindo?

— Não muito bem.

— Quer trocar o curativo do ferimento?

— Isso pode esperar.

— Se esperar demais, vai infeccionar.

— Deixe-me em paz.

— Você deve ao menos comer. A carne de porco está boa. Acho que vai ser a melhor refeição durante algum tempo. Vai ajudá-lo a se recuperar.

Não houve resposta. Eles permaneceram sentados, ouvindo o vento e a chuva batendo no telhado de colmo e as conversas pontuadas por uma risada ou outra e o tinir de canecas de louça.

— Você sabe que está sendo vigiado? — perguntou Royce. — O tenkin que estava no montículo, aquele que Dilladrum disse que se chamava Joqdan, o chefe guerreiro. Ele não tira os olhos de você desde que entramos aqui. Você conhece esse sujeito?

Hadrian olhou para o homem calvo e musculoso, com uma dezena de colares de osso ao pescoço.

— Nunca o vi. Mas a mulher ao lado dele... É estranho... Ela me parece familiar.

— Ela se parece com Gwen.

— Isso mesmo. Você tem razão. Ela se parece com Gwen. Será que Gwen é...

— Não sei.

— Eu achava que ela era de Wesbaden. Todos em Avryn acham que os egressos de Cális são de Wesbaden, mas ela poderia ser nativa de uma aldeia como esta, não é? — perguntou Hadrian, dando uma risadinha. — Que casal estranho vocês fazem. Talvez Gwen seja desta aldeia. Vai ver que aquela mulher é irmã dela, ou prima. Talvez você esteja conhecendo a família da noiva antes do casamento, como convém a um pretendente típico. Você deveria pentear os cabelos e tomar um banho. Se causar uma boa impressão, vocês dois poderão até vir morar aqui. Você ficaria bem, sem camisa e com um desses saiotes.

Hadrian esperava uma resposta curta e grossa, mas ouviu simplesmente uma respiração ofegante. Olhando para Royce, ele notou que o capuz estava meio despencado.

— Ei! Você não está bem, não é mesmo?

O capuz estremeceu.

Hadrian tocou as costas de Royce. A capa estava encharcada e quente.

— Droga! Vou convencer Wesley a adiar nossa saída. Enquanto isso, vou secá-lo e levá-lo para uma cama.



Carregando um tição, o oberdaza conduziu Thranic e Levy até a beira de um penhasco nas cercanias da aldeia, onde a grande queda-d'água rugia. De certo modo, até a água que se precipitava parecia algo malévolo, chocando-se contra as pedras, produzindo uma névoa úmida. A todo momento, Thranic enxugava o rosto. Tudo na aldeia parecia ser maligno. Em toda parte, havia sinais de que aqueles seres humanos tinham traído Novron e se



aliado ao inimigo — aquelas penas horrendas, os símbolos estampados nas almofadas, as tatuagens. Era como se tudo aquilo gritasse, declarando aliança a Uberlin. Thranic não podia imaginar blasfêmia maior; no entanto, os demais não enxergavam essas transgressões. Se tivesse uma chance, Thranic colocaria fogo naquela aldeia e ainda espalharia as cinzas. Ele bem que tentara se preparar para o que o esperava, mesmo antes de o *Tempestade de Esmeralda* zarpar, mas agora, cercado pelo veneno daquela gente, ansiava pela oportunidade de atacar em nome de Novron. Embora não pudesse destruir com uma tocha aquele ninho de vespas, poderia ao menos reprimir alguma profanação, e aqueles adoradores de Uberlin talvez pudessem até lhe prestar alguma assistência.

O pó que o oberdaza havia utilizado para atizar as brasas chamara a atenção de Thranic. O curandeiro tenkin era também alquimista. Zulron não era como a maioria daqueles pagãos. Ele carecia da aparência fascinante, do brilho da falsa beleza. Uma de suas pernas era mais curta que a outra, o que fazia com que mancasse visivelmente. Um dos ombros era mais elevado, quase tocando o queixo, enquanto do outro, que era caído, pendia um braço débil e mirrado. Zulron era singular em seu aspecto horrendo, e aquela franca demonstração de negatividade o tornava mais confiável que os demais.

Quando chegaram à base da cachoeira, Zulron os guiou por uma trilha estreita, em redor da piscina espumante, até uma fenda na face do penhasco. No interior da fenda havia uma caverna, cujo teto fervilhava com morcegos se debatendo e cujo solo estava coberto de guano.

— Aqui é o meu depósito e oficina — explicou Zulron enquanto avançava caverna adentro. — Aqui dentro é mais fresco, e fico protegido do vento e da chuva.

— E dos olhos curiosos... — acrescentou Thranic, adivinhando o verdadeiro motivo. Anos lidando com almas pecadoras lhe propiciaram uma compreensão aguda da verdadeira natureza do mal.

Zulron fez uma breve pausa, lançando um olhar por cima do ombro caído em direção à sentinela.

— O senhor enxerga com mais clareza do que seus irmãos.

— E o senhor fala apelanês melhor do que os seus.

— Não tenho físico de caçador. Dependo do estudo e muito tenho aprendido a respeito do mundo dos senhores.

— Que lugar nojento! — exclamou Levy, fazendo careta e tomando cuidado onde pisava.

— Sim — concordou o oberdaza, caminhando pelo guano como se fosse um campo de relva primaveril. — Mas esses morcegos são meus porteiros, e a sujeira deles é meu fosso de proteção.

Logo em seguida, a caverna se tornou mais larga e o solo ficou limpo. No centro dela havia um forno arredondado, construído com pedras meticulosamente empilhadas. Em volta dele havia dezenas de grandes caldeirões de argila, maços de folhas secas e uma enorme pilha de lenha malguardada. Em prateleiras esculpidas nas paredes de pedra viam-se centenas de potinhos de cerâmica e uma variedade de pedras, cristais e tigelas.

Zulron enfiou a mão dentro de um dos caldeirões e lançou um punhado de pó na boca do forno. Em seguida, encostou o tição à base, fazendo subir um fogo alto que ele passou a alimentar com lenha. Depois de acender o forno e várias lamparinas a óleo, ele se virou para Levy e disse:

— Deixe-me ver.

O doutor pôs no chão a bolsa e retirou uma boa quantidade de ataduras ensanguentadas. Zulron as pegou e examinou, uma por uma, inclusive levando-as ao nariz, a fim de cheirá-las.

— E vocês dizem que estas ataduras foram usadas naquele moço encapuzado? Este sangue é dele?

— Sim.

— Como ele foi ferido?

— Eu o atingi com uma besta.

Zulron não se mostrou surpreso.

— O senhor não quis matá-lo? Ou é um mau caçador?

— Ele se mexeu.

Zulron ergueu uma das sobrancelhas escuras.

— Ele é ágil?

— Sim.

— Enxerga bem na escuridão?

— Sim.

— E os senhores vieram de navio, certo? Como ele ficou no mar?

— Mal... Ficou muito enjoado nos primeiros quatro dias, pelo que ouvi dizer.

— E as orelhas dele... são pontudas?

— Não. Ele não tem traços élficos. É por isso que queremos que o senhor teste o sangue dele. O senhor conhece o método?

O oberdaza fez que sim.

Por um instante Thranic lamentou o fato de aquela criatura não ser digna de Novron, pois percebia entre os dois uma afinidade mental.

— Quanto tempo vai levar?

Zulron esfregou as ataduras ressecadas entre os dedos.

— Com isto aqui, vai levar alguns dias. A amostra está vencida. Se tivéssemos uma amostra nova, seria mais rápido.

— Tirar sangue dele é quase impossível — resmungou Levy.

— Vou começar os testes com estas aqui, mas vou tentar conseguir sangue novo. Em breve ele vai precisar de tratamento.

— Tratamento?

— A selva não tolera os fracos ou feridos por muito tempo. Se ele não me chamar, vai morrer.

— Quanto ouro o senhor vai querer? — perguntou Thranic.

Zulron balançou a cabeça.

- Eu não preciso de ouro.
- Qual será o pagamento, então?
- Minha recompensa não virá dos senhores. Eu me encarrego da minha própria recompensa, e isso não é da conta dos senhores.



Os tenkin cederam ao grupo três choupanas espaçosas e Wesley dividiu a tripulação devidamente. As instalações eram surpreendentemente luxuosas, com divisórias feitas com fitas largas e trançadas, que lhes davam a impressão de estar dentro de um cesto. Tapetes de fibras finamente tecidas e com belos desenhos cobriam o piso. Cuias em formato de amendoim pendiam das vigas do teto, queimando um óleo que fornecia luz mais que suficiente.

Tendo convencido Wesley a permanecer na aldeia, Hadrian passou a cuidar de Royce, que parecia piorar a cada hora. Sua pele ardia de calor e o suor escorria pela testa, enquanto ele tremia embaixo de dois cobertores.

— Você precisa melhorar, amigão — disse Hadrian. — Pense em Gwen. Melhor que isso... pense no que ela vai fazer comigo se eu voltar sem você.

Não havia reação. Royce continuava a tremer com os olhos fechados.

— Posso entrar? — indagou uma voz meiga. Hadrian via apenas uma silhueta delineada na soleira da porta e, por um instante, chegou a pensar que fosse Gwen. — Ele está pior, mas você não quer deixar que Zulron o examine.

— Seu oberdaza tem estado na companhia do homem que quase matou o meu amigo. Não me agrada a ideia de deixá-lo tratar dele.

— Você deixa que eu o trate? Não tenho a habilidade de Zulron, mas possuo alguns conhecimentos.

Hadrian concordou, e acenou para que ela entrasse.

— Sou Fan Irlanu — apresentou-se ela, introduzindo a cabeça no interior da choupana, enquanto, do lado de fora, outras duas mulheres aguardavam na chuva, segurando cestas cobertas.

— Eu sou Hadrian Blackwater, e este é meu amigo, Royce.

Ela meneou a cabeça em sinal afirmativo, então se ajoelhou ao lado de Royce, tocando a frente dele.

— Ele está com febre.

Ela fez um sinal, pedindo a Hadrian que pegasse a lamparina. Ele assim o fez e, em seguida, ajudou-a a abrir a capa de Royce e levantar a túnica dele, expondo o curativo manchado de sangue, que ela retirou com toda cautela. Ao remover a bandagem e examinar o ferimento, Irlanu franziu o cenho. Então balançou a cabeça.

— É o *shirlum-kath* — disse ela, pressionando ligeiramente a pele em volta do ferimento, o que fez Royce se contrair em pleno sono. — Está vendo isto aqui? — perguntou ela, raspando a unha comprida na lateral da ferida e retirando um parasita que se contorcia, do tamanho de um pelo grosso de cabelo. O parasita se enrolou na ponta do dedo dela. — Eles estão devorando seu amigo.

Fan Irlanu acenou para as duas mulheres que aguardavam do lado de fora; ambas entraram e depositaram as cestas ao lado dela. Ela falou rapidamente em tenkin, pedindo-lhes que buscassem outros itens que Hadrian desconhecia, e as duas saíram da choupana às pressas.

— Você pode ajudá-lo?

A mulher fez que sim e pegou um cadinho de pedra, dentro do qual, usando um pilão, começou a macerar fragmentos de algo semelhante a torrões de barro, folhas e nozes.

— Eles comuns aqui em feridas abertas. Se deixarmos, os *shirlum-kath* vão devorá-lo. Ele morre logo sem ajuda. Eu faço veneno para os *shirlum-kath*.

Uma das mulheres voltou, trazendo uma cuia e um caldeirão de argila, dentro do qual Fan Irlanu misturou óleo e o conteúdo do cadinho, mexendo até obter uma pasta espessa e escura; em seguida, aplicou a pasta sobre o ferimento de Royce, sobretudo dentro do orifício. Viraram-no de costas e fizeram o mesmo no corte por onde a seta havia saído. Então ela pôs sobre cada um dos dois ferimentos uma folha grande e malcheirosa, e eles o envolveram com uma atadura limpa. Royce começou a despertar durante o procedimento. Grogue e confuso, logo voltou a dormir.

Fan Irlanu tornou a cobrir Royce com os cobertores e meneou a cabeça, em sinal de aprovação.

— Eu acho que ele agora vai melhorar. Vou preparar poção... Mais veneno para os *shirlum-kath* e um chá para ficar forte. Quando acordar, peça para ele beber tudo, está bem? Vai melhorar mais depressa.

Hadrian agradeceu. Assim que ela saiu, ele se perguntou por que Royce sempre atraía belas mulheres quando estava à beira da morte.



Quando Royce acordou na manhã seguinte, a febre havia desaparecido, e ele já estava forte o bastante para reclamar. Segundo ele, a poção preparada por Fan Irlanu tinha um gosto pior do que excremento de vaca fermentado, mas tinha gostado do chá. No outro dia, ele conseguiu se sentar e se alimentar. No terceiro dia, pôde caminhar sem ajuda até o *ostrium* comunitário para fazer as refeições.

Ninguém reclamou do retardamento, pois a chuva não havia parado. Ao ver Royce no *ostrium* naquela manhã, Grady piscou o olho e perguntou a Hadrian se ele não poderia ter uma recaída.

— Ele está bom? — perguntou Fan Irlanu, aproximando-se deles após o término do jantar. Seus movimentos eram absolutamente encantadores e seu

vestido reluzia como óleo à luz da lamparina. Todos os olhares a seguiam.

— Não... mas está se sentindo bem melhor — respondeu Hadrian, com um sorriso malicioso que provocou uma expressão de perplexidade no rosto da mulher.

— Acho que não sei me expressar muito...

— Estou bem, obrigado — disse Royce. — Pelo jeito, devo a minha vida a você.

Ela balançou a cabeça.

— Se você ficar forte, já é um pagamento... Ah, mas tem um favor que eu quero pedir ao seu amigo, Hei-dri-on. Joqdan, o chefe guerreiro da aldeia, quer falar com você no *sarap*.

— Comigo? — perguntou Hadrian, olhando para o local onde o homem com os colares de ossos estava sentado. — Royce pode estar presente? Quero ficar de olho nele.

— Claro que sim, se ele estiver disposto.

Hadrian ajudou Royce a se levantar e, sob os olhares invejosos dos demais, os dois seguiram Fan Irlanu, retirando-se do *ostrium*. O sol ainda não desaparecera, mas, considerando a pouca luminosidade existente na selva, era como se já fosse noite. Lamparinas pendiam de galhos de árvores, iluminando a trilha e enfeitando a aldeia como se fosse a época da Festa do Verão. A chuva ainda era torrencial e eles seguiram sob a proteção de folhas de palmeiras. Hadrian sabia que *sarap* significava “local de encontro”, ou “local de conversa”. No caso, tratava-se da base de um gigantesco pé de oudorro, árvore que, segundo Hadrian recentemente fora informado, emprestava seu nome à aldeia.

A árvore não era muito alta, porém tinha um grande diâmetro. Folhas verdes e largas vicejavam em muitos galhos, apesar de o centro do tronco estar completamente oco. O interior do tronco servia de abrigo contra a chuva, amplo o suficiente para acomodar os quatro. Uma pequena fogueira, toda enfeitada, dominava o centro, onde reluzia um braseiro. Sentaram-se

ao redor dele em luxuosas almofadas de seda e cetim. As laterais estavam decoradas com pinturas em ocre e âmbar feitas diretamente sobre a madeira, aparentemente com as pontas dos dedos. As imagens retratavam homens e animais — formas retorcidas e estranhas. Iluminado pelas brasas acesas, o interior da árvore parecia misterioso e mágico, criando uma atmosfera que deixava Hadrian um tanto tenso.

Joqdan já estava lá. Ele não quis esperar pelo menino com a folha de palmeira, e sua cabeça e o peito desnudo brilhavam com a água da chuva. Trocaram reverências respeitosamente.

— Satisfeito estou — começou Joqdan, saudando-os. — Minha fala não... é... tão bem como os estudiosos. Eu guerreiro... não falo com gente de fora. Vocês são... — ele fez uma pausa, concentrando-se — ... especiais. Honrado estou. Bem-vindo a Oudorro, Galenti. Eu... — Ele fez mais uma pausa, voltando a se concentrar, mas logo desistiu e se virou para Fan Irlanu.

— O chefe guerreiro Joqdan lamenta não ter habilidade com línguas para honrar os senhores, e pede que eu fale palavras — afirmou Fan Irlanu enquanto removia as roupas molhadas. — Ele diz que viu você lutar na arena de Drogbon. Nunca esqueceu. Ter gente como você aqui é grande honra. Você não usa laurel, então ele acha que você não quer ser reconhecido. Chamou você aqui para homenagear em particular.

Hadrian olhou de relance para Royce, que se mantinha calado mas atento.

— Obrigado — disse ele a Joqdan. — E ele tem razão... prefiro não ser reconhecido.

— Joqdan pede permissão para fazer pergunta para o grande Galenti. Ele quer saber por que você foi embora.

Hadrian fez uma breve pausa, então respondeu:

— Estava na hora de buscar novas batalhas.

O chefe guerreiro de Oudorro fez que sim depois que Fan Irlanu traduziu essas palavras.



Naquele instante, algo na aparência de Fan Irlanu captou a atenção de Royce, e ele avançou em direção a ela. A mulher não se mexeu, embora, a julgar pelo modo ameaçador com que se aproximou, Hadrian imaginasse que qualquer outra pessoa teria dado um passo atrás.

— Que marca é essa em seu ombro? — perguntou Royce, indicando uma pequena tatuagem serpenteante.

— Esta é a marca do vidente — declarou Zulron causando um sobressalto geral ao entrar.

Diferente dos outros homens da aldeia, Zulron vestia um manto comprido até o chão. Confeccionado de tecido brilhante, o manto possuía uma abertura que revelava o corpo disforme, coberto de estranhas tatuagens, uma delas, que cruzava o rosto dele, sugeria uma teia de aranha.

— Fan Irlanu é uma vidente — explicou ele, olhando-a com admiração. — É um talento, uma dádiva, concedida por Uberlin aos que possuem o sangue quente dos ghazel. Nascem poucos videntes em cada era, e ela é muito poderosa. É capaz de enxergar as profundezas de um coração e o futuro de uma nação. — Ele parou e passou os dedos, carinhosamente, pela face da mulher. — Ela enxerga tudo, exceto o próprio destino.

— Vejo que o senhor não tem problemas com o idioma — comentou Hadrian.

Zulron sorriu.

— Eu sou o oberdaza. Conheço o movimento das estrelas no Ba Ran e os livros do seu mundo. Todos os mistérios me são revelados.

— É verdade que você é vidente? — perguntou Royce a Fan Irlanu.

Ela confirmou.

— Se eu queimar folhas de tulan, consigo...

— Faça uma demonstração — interrompeu Zulron, provocando um olhar tenso por parte da mulher. — Leia o futuro dele — disse, apontando para Royce.

Ela exibiu uma expressão aturdida, mas consentiu.

Joqdan apoiou uma das mãos, com firmeza, sobre o ombro de Zulron, obrigando-o a se voltar, mas falou rápido demais e Hadrian não pôde compreender o que foi dito. Os dois discutiram durante alguns instantes, mas ele só entendeu uma palavra da resposta dada por Zulron: *importante*.

Quando Zulron se voltou, seus olhos se fixaram em Hadrian, a quem examinou com atenção.

— Então, você é o lendário Galenti — disse ele, erguendo uma das sobrancelhas. — Olhando para você, eu diria que Joqdan está enganado. Você não parece ser o Tigre de Mandalin. Achei que seria bem maior. — Dito isso, ele se virou bruscamente em direção a Fan Irlanu. — As folhas, queime logo essas folhas.

Enquanto Fan Irlanu se encaminhava até uma caixa de pedra, Zulron os convidou a sentar-se ao redor do braseiro aceso.

Hadrian chamou Royce de lado.

— Talvez a gente deva ir embora. Não estou gostando nada da atitude do Dr. Bruxo. Ele parece estar tramando alguma coisa. O fato de ter andado na companhia do Thranic não ajuda.

Royce olhou para Fan Irlanu.

— Não, quero ficar.

— O que está acontecendo?

— Aquela tatuagem... Gwen tem uma igual.

Relutantemente, Hadrian sentou-se.

Fan Irlanu voltou, trazendo várias folhas secas. Embora murchas e ressecadas, preservavam um tom vermelho e vibrante. Ela as segurou acima do fogo e murmurou algumas palavras enquanto as amassava, deixando os fragmentos caírem sobre as brasas. Imediatamente surgiu uma fumaça espessa e branca. A fumaça não subiu; apenas pairou em pleno ar. Com as mãos, Fan Irlanu a conteve, manipulando-a e criando uma pequena nuvem diante de si. Em seguida, curvou-se e soprou sobre a nuvem cinzenta. Mais de uma vez ela pegou a fumaça e a inalou profundamente.

Os últimos fragmentos de folha foram incinerados e a fumaça desapareceu. Fan Irlanu fechou os olhos e começou a balançar o corpo para a frente e para trás, cantarolando algo em voz baixa. Passados alguns minutos, ela estendeu as mãos.

— Toque nela — instruiu Zulron a Royce.

Royce hesitou, olhando para ela por um momento do mesmo modo que Hadrian já o vira fitar uma fechadura sofisticada. Quanto maior o tesouro esperado do outro lado da porta, maior era a tensão visível nos olhos de Royce, e naquele momento o olhar dele era como se Fan Irlanu guardasse consigo o segredo que daria acesso a uma fortuna. Royce esticou os dedos. Assim que a tocou, ela o prendeu.

Após uma pausa, Fan Irlanu começou a gemer e, finalmente, a sacudir a cabeça, a princípio devagar, então cada vez mais rápido, sempre segurando os dedos de Royce. Abrindo a boca, ela suspirou como quem estivesse tendo um pesadelo, esforçando-se para falar, porém incapaz de formar palavras. Ela sofreu um espasmo, os olhos girando sofregamente, embaixo das pálpebras fechadas, elevou o tom da voz, mas nada disse que fosse inteligível.

O rosto de Joqdan estava tomado de preocupação, o que fez Hadrian se perguntar se haveria algum problema. Fan Irlanu continuou em seu estertor. Joqdan ensaiou um movimento, no entanto o olhar cortante de Zulron o deteve. Finalmente, a mulher deu um grito e desabou sobre as almofadas.

— *Deixe-a em paz!* — gritou Zulron em tenkin.

Joqdan o ignorou e correu para o lado dela. Fan Irlanu esperneava no chão. Depois de alguns gritos, ficou imóvel. Joqdan a abraçou, sussurrando em seu ouvido. Apoiando sua cabeça, ele levou uma das mãos aos lábios dela, a fim de sentir sua respiração.

— *Você a matou!* — gritou ele, dirigindo-se a Zulron.

Sem dizer nenhuma outra palavra, ele pegou a vidente no colo e saiu correndo pela chuva.

— O que está havendo? O que está acontecendo? — perguntou Hadrian.

— Seu amigo não é humano — declarou o oberdaza. Zulron se aproximou e encarou Royce. — Por que você está aqui?

— Nós fazemos parte da tripulação do *Tempestade de Esmeralda* e estamos levando uma mensagem ao Palácio dos Quatro Ventos — respondeu Hadrian em nome do amigo.

Zulron não despregou os olhos de Royce.

— Há 3 mil anos as antigas lendas falam do Dia do Acerto de Contas, quando a sombra do norte descerá e inundará nossas terras.

Derning, Grady, Poe e Bulard entraram.

— O que está havendo? — perguntou Derning. — A gente ouviu a mulher gritar e viu o grandalhão sair correndo com ela nos braços.

— Houve um acidente — explicou Hadrian.

Imediatamente, Derning e Grady olharam para Royce.

— Não sabemos o que aconteceu com ela — prosseguiu Hadrian. — Ela estava fazendo uma demonstração de poderes espirituais... vendo o futuro de Royce ou algo assim... então perdeu os sentidos.

— Perdeu os sentidos? — perguntou Derning.

— Ela inalou fumaça de folha de tulan queimada. Vai ver as folhas estavam estragadas.

Zulron ignorou a conversa e continuou a encarar Royce.

— As lendas dos ghazel, preservadas pela tradição oral desde os tempos dos primeiros ghazel-da-ra, falam de morte e destruição, de vingança desenfreada, da volta dos Antigos. Eu mesmo já vi os sinais. Estudo as estrelas, e sei... O norte está inquieto. Estramnadon está agitada e Avempartha foi violada. E agora há um elfo na minha aldeia, onde jamais elfo algum pisou.

— Um elfo? — perguntou Derning, atônito.

— Foi isso que matou Fan Irlanu — disse Zulron. — Ou, na melhor das hipóteses, levou-a à loucura.

— O quê? — exclamou Hadrian.

— Não é possível usar os poderes de vidente com os elfos. A ausência da alma oferece apenas o infinito. Para ela, foi como cair num precipício sem fundo. Se sobreviver, jamais será a mesma.

— O senhor é o curandeiro da aldeia. Não seria correto tentar ajudá-la?

— Ele quer que ela morra — falou Royce finalmente. Então, olhando para Zulron, acrescentou: — Você já sabia.

— O que ele já sabia? — perguntou Bulard, ao mesmo tempo, nervoso e fascinado.

Grady e Dering se aproximaram também.

— Você sabia que eu tinha sangue élfico, não sabia? Mas disse a ela... Não, você a obrigou a prever o meu futuro — declarou Royce.

Do lado de fora vinham ruídos de uma comoção, gente correndo, vozes alteradas. Hadrian ouviu Wesley dizer algo a despeito dos gritos dos tenkin.

— Por que você queria que ela morresse?

— Eu não queria nada disso. Foi você quem a matou. E matar um habitante da aldeia, sobretudo uma vidente, é um crime imperdoável. A punição é a morte — disse Zulron, e sorriu antes de se retirar.

Os demais o seguiram e se depararam com uma pequena multidão.

— Lá está ele! — gritou Thranic, no momento em que Royce saiu do oco da árvore. Apontando, ele exclamou: — Eis o *elfo*! Eu bem que os preveni em relação a ele.

— Ele matou a nossa vidente, Fan Irlanu! — anunciou Zulron, repetindo a denúncia em tenkin.

Burandu, Wesley e Wyatt abriram caminho pelo meio da multidão.

— Isso é verdade? — perguntou Wesley, falando depressa e com uma voz nervosa.

— O quê? — perguntou Royce.

— Você é elfo e matou Fan Irlanu?

— Sim, e não tenho certeza.

A aglomeração cresceu, e Hadrian pôde entender algumas palavras isoladas, tais como *justiça*, *vingança* e *morte* no meio da gritaria dos tenkin.

— Pelo amor de Mar, homem! — exclamou Wesley com raiva, mas somente para Royce ouvir. — O que há de errado com você? Eu deveria deixar você ser enforcado só pelas encrencas que já me causou — acrescentou Wesley, então respirou fundo. A multidão fechava o cerco. O céu foi iluminado por um relâmpago e ouviu-se uma trovoadas. — Como assim você não tem certeza? — perguntou Wesley. Ele falava rapidamente, enxugando a água da chuva que escorria pelo rosto dele.

— *O assassino deve pagar pelo crime, Burandu* — declarou Zulron, em tenkin. — *O fato de ele não ter alma matou a nossa querida Fan Irlanu. A lei deve ser cumprida!*

— *Onde está Joqdan?* — perguntou Burandu.

— *Está se despedindo da ex-futura esposa. Se estivesse aqui, ele confirmaria tudo.*

— *Ele está mentindo! A culpa é de Zulron!* — disse Hadrian em tenkin, provocando olhares de surpresa entre todos os presentes.

— O que você disse? — perguntou Wesley a Hadrian.

— O oberdaza está tramando a nossa morte e Burandu está sendo ludibriado.

— *Prendam todos eles!* — gritou Burandu.

Os guerreiros da aldeia surgiram. Por um instante, Hadrian pensou em sacar as espadas, mas decidiu não fazê-lo. Ele lançou um olhar em direção a Royce, indicando a ele que não resistisse.

Foram levados ao centro da aldeia, onde Dilladrum bradava:

— Soltem-me! O que vocês estão fazendo? — Ao ver Wesley, ele perguntou: — O que vocês fizeram? Eu disse a vocês que não os ofendessem!

— Nós não os ofendemos — explicou Hadrian. — Nós matamos a querida vidente deles.

— O quê?! — Dilladrum parecia prestes a desmaiar.

— Na realidade é um mal-entendido, mas não sei se teremos a oportunidade de explicar a situação — comentou Wesley.

— Ao menos Thranic vai morrer conosco — comentou Royce, falando alto o bastante para ser ouvido pela sentinela.

— Um suplício de mártir é um preço justo para livrar o mundo de você e de sua espécie.

A luz fria de um novo relâmpago revelou os rostos pálidos da tripulação. Grady foi atirado ao solo e moveu a mão em direção à espada.

— Grady, não! — exclamou Hadrian.

— Isso mesmo! — gritou Wesley. — Ninguém vai sacar arma alguma. Eles vão nos trucidar.

— Eles vão nos trucidar de qualquer jeito — retrucou Dering.

Poe e Hadrian ajudaram Grady a se levantar. Ao redor dele, o círculo de guerreiros formava um muro, detrás do qual se agitava uma multidão de rostos gritando e punhos erguidos. A turba encharcada pela chuva se acotovelava e urrava e suas palavras se perdiam em meio a um rugido de ódio. Mais um relâmpago, então uma voz solitária ecoou:

— *Você sabia!*

Instantaneamente, a multidão se calou e abriu caminho. Somente o barulho da chuva interferia no silêncio enquanto Fan Irlanu entrava no círculo. Joqdan, ao seu lado, portava uma lança mortífera, fitando Zulron com um olhar sombrio.

— *Burandu, a culpa não é do forasteiro. Foi Zulron que me pediu para fazer a previsão. Ele sabia que essa criatura tinha sangue élfico. Mas ainda estou viva!*

— *Mas... Não... Como é possível...* — gaguejou Zulron.

— *Ele não é um dos antigos* — declarou Fan Irlanu. — *Ele é um kaz! Ele tem um lado humano... Pegadas, Zulron, pegadas!*

— O que está acontecendo? — perguntou Wesley a Hadrian. — Não foi essa a mulher que Royce matou? O que ela está dizendo?

— Pelo jeito, ela está bastante zangada — comentou Grady.

— Mas não é com Royce — observou Poe.

— Com quem, então? — perguntou Grady.

— *Zulron tentou me matar. Faz tempo que sei que as ambições dele são grandes. Vi a traição no coração dele, mas nunca pensei que ele chegasse ao ponto que chegou.*

— *Joqdan, o que você tem a dizer? Fan Irlanu está dizendo a verdade?* — perguntou Burandu, dirigindo-se ao chefe guerreiro.

Joqdan cravou a lança no peito de Zulron.

A lâmina comprida atravessou o corpo do oberdaza. Os que estavam perto recuaram, acotovelando-se, e todos começaram a se afastar. Joqdan avançou e agarrou Zulron pela garganta. Segurando com seus braços fortes o curandeiro, cuspiu no rosto dele. O brilho nos olhos do oberdaza se apagou, Joqdan retirou a lança e Zulron tombou morto.

— Acho que isso responde à pergunta — comentou Poe.

Burandu olhou para o corpo, estendido no chão, e em seguida olhou para Joqdan.

— *Joqdan nunca se engana. Fico feliz em vê-la a salvo, Fan Irlanu* — disse ele, dirigindo-se à vidente. Depois disso, o ancião se voltou para Wesley e os demais. — Perdoem desonra do indigno Zulron. Não nos julguem por ações dele. Os senhores também têm homens assim no seu mundo, não é?

Wesley olhou para Thranic e para Royce.

Burandu gritou ordens aos guerreiros, que dispersaram a multidão. Muita gente parou para beijar Fan Irlanu, que, ainda fraca, se apoiava em Joqdan. Ela sorria, mas Hadrian percebeu a palidez em sua face e a respiração ofegante.

O ancião falou brevemente com Joqdan e Fan Irlanu, então Joqdan voltou a pegar a vidente no colo, levando-a para uma das construções de menor porte. O corpo de Zulron foi levado, seguido pela maioria dos tenkin.

— Só isso? — perguntou Grady.



— Espere um instante — pediu Dilladrum no momento em que o homem vestido com pele de leopardo se aproximava. Os dois trocaram algumas palavras, então Dilladrum se dirigiu à tripulação. — A aldeia de Oudorro pede desculpas pelo mal-entendido e solicita a honra de continuar a hospedá-los.

Desconfiados, os tripulantes trocaram olhares.

— Eles estão sendo sinceros.

Wesley suspirou e concordou.

— Agradeça-lhes pela bondade, mas partiremos de manhã.

— Bondade? — murmurou Dering. — Eles quase nos esfolaram vivos. É melhor sairmos daqui agora mesmo, enquanto podemos.

— Não vejo vantagem em nos aventurarmos nesta selva à noite — declarou Wesley. — Partiremos assim que o dia clarear.

— E Melborn? — perguntou Thranic.

— Você, o Dr. Levy e os marinheiros Blackwater e Melborn ficarão comigo. Os demais estão dispensados e devem dormir o máximo que puderem.

Um jovem tenkin chegou correndo e se dirigiu a Dilladrum, olhando para Royce.

— O que foi? — perguntou Wesley.

— Fan Irlanu quer falar com Royce e Hadrian.

Wesley concordou, mas acrescentou:

— Tentem não começar uma guerra desta vez. E venham falar comigo assim que saírem de lá. Quero a palavra dos senhores, cavalheiros.

Antes que Thranic pudesse expressar qualquer objeção, ambos disseram:

— Sim, senhor.



Fan Irlanu estava deitada numa cama, embaixo de um fino lençol branco, enquanto uma menina aplicava em sua testa um pano úmido, continuamente embebido numa bacia rasa. Joqdan não saía de seu lado. A grande lança do guerreiro, ainda banhada pelo sangue de Zulron, fora posicionada junto à porta.

— Ela está mesmo bem? — indagou Hadrian.

— Vou ficar boa — respondeu Fan Irlanu. — Choque foi grande. Vai demorar.

— Sinto muito — disse Royce.

— Eu sei — respondeu ela. A fisionomia dela se mostrava tão compreensiva que chegava a exprimir tristeza. — Eu *sei* que você sente muito.

— Você viu alguma coisa?

— Se tocasse mão de Joqdan após inalar fumaça de tulan, eu poderia dizer o que ele comeu no almoço ontem e o que come amanhã. Se tocasse mão de Galenti, poderia dizer o nome da mulher com quem ele vai se casar, e quem vai viver mais que o outro. Poderia também prever as circunstâncias da morte dele. Minha clarividência é tão rica que posso ver a vida em detalhes, mas não no seu caso. Você é um mistério, uma nuvem. Olhar para você é ver uma cadeia de montanhas no meio da neblina... Só posso ver os picos, e não consigo ligar um ponto ao outro. Na língua dos ghazel, você é um *kaz*, na sua língua é *mir*, certo? Mistura de sangue de humano e de elfo. Isso dá vida longa.

Ela fez uma pausa, a fim de reunir forças, e o cenho de Joqdan se contraiu ainda mais.

— Imagine que, olhando estrada abaixo, seja possível enxergar bem, as árvores, as pedras, a folhagem. Mas, no seu caso, é como estar pairando no ar, contemplando o horizonte... Detalhes são poucos. Minha clarividência só alcança até determinado ponto, e isso não inclui o tempo de vida de um *kaz*. É coisa demais.

— Mas você viu alguma coisa.

— Vi muita coisa. Até demais — disse ela. O olhar dela se mostrava meigo e confortante.

— Diga-me o que foi — pediu Royce. — Por favor, eu conheço uma mulher. Ela se parece muito com você, mas tem algo que a preocupa. Ela não diz o que é, e acho que ela viu coisas, assim como você... coisas que a deixaram preocupada.

— Ela é tenkin?

— Não tenho certeza, mas ela tem a mesma tatuagem que você.

Fan Irlanu meneou a cabeça.

— Mandei chamá-lo por causa do que vi. Vou dizer o que sei, e depois vou descansar. Vou dormir muito, e Joqdan não vai deixar ninguém me perturbar. Então falo agora. Tenho certeza de que não o verei mais. Vi muita coisa, mas compreendi pouco... era longe demais, tempo demais. São sensações vagas, difíceis de expressar com palavras, mas foram sensações poderosas.

Royce fez que sim.

Ela fez uma pausa, pensativa, então disse:

— Trevas cercam você, morte por todo lado, a morte o segue, o caça, e você se alimenta dela... Sangue chama sangue. As trevas o consomem. No meio das trevas, vi duas luzes ao seu lado. Uma delas vai se apagar. A outra há de falhar, mas não deve se apagar. Você precisa proteger a chama no meio da tempestade.

“Vi também um segredo... Está... Está escondido. É um grande tesouro encoberto. Um homem o esconde, mas uma mulher sabe onde ele está... É a única que sabe, e por isso ela se prepara. Ela fala por meio de charadas que serão reveladas... Por ora é a verdade disfarçada. Você vai se lembrar, quando chegar a hora. Sua trilha está traçada... no escuro.”

Joqdan disse algo em tenkin, mas Fan Irlanu balançou a cabeça e prosseguiu:

— Vi grande jornada. São dez na estrada. Aquela que tem a luz servirá de guia. A estrada avança pela terra e pelo desespero. A voz dos mortos guiará os passos. Vocês voltarão no tempo. A batalha de 3 mil anos vai recomeçar. Frio toma conta do mundo, morte visita a todos, e uma escolha se apresenta diante de você. E sozinho você vai ser posto na balança. Seu peso vai fazer descer um dos pratos, mas não está claro qual dos dois. Você vai escolher entre as trevas e a luz, e sua escolha vai afetar muita gente. — Ela fez uma pausa, balançando a cabeça, lentamente. — Como árvores na floresta, como folhas de relva... Tanta gente que é impossível contar. E receio que, no final, você escolha as trevas e dê as costas para a luz.

— Você disse *ela*. A quem você se refere? É Gwen? — questionou Royce.

— Não sei nomes. É tudo sensação, imagens num sonho.

— Que segredo é esse?

— Não sei. Está escondido.

— Quando você diz que vê duas luzes e uma se apaga, isso significa que alguém vai morrer?

Ela confirmou.

— Acho que sim... É a sensação que tenho. Pressenti uma perda, tão grande que a sensação ainda está comigo. — Ela estendeu o braço, tocou a mão de Royce e uma lágrima rolou em sua face. — Seu caminho é de muito sofrimento.

Royce ficou quieto, durante alguns instantes, então perguntou:

— Que grande viagem será essa?

Ela balançou a cabeça.

— Eu gostaria de saber mais. Sua vida... Toda a sua vida tem sido de dor, e muita dor ainda está por vir. Lamento, mas não posso falar mais.

— Agora ela descansa — declarou Joqdan.

A firmeza no tom de voz dele deixou claro que eles deveriam ir embora. Ao saírem da choupana, encontraram Wyatt em vigília.

— Esperando alguém? — perguntou Hadrian.

— Eu não queria que vocês entrassem na choupana errada, por engano — disse ele, piscando o olho.

— Os outros estão dormindo?

Ele fez que sim.

— Quer dizer que você é um elfo — falou Wyatt, dirigindo-se a Royce. — Isso explica muita coisa. O que a senhora queria?

— Falar sobre o meu futuro.

— As notícias são boas?

— Ela quase morreu no processo. O que você acha?

## CAPÍTULO 17

# O PALÁCIO DOS QUATRO VENTOS



Thranic ficou furioso. Wesley se recusou a tomar qualquer atitude contra Royce, e a sentinela alegava que, de acordo com as leis do império, todo elfo estava sujeito a ser preso. Wesley não tinha como negar a legislação, mas argumentou que nas circunstâncias atuais não dispunha de prisão ou correntes. Disse também que não se encontravam nos limites do Novo Império e, enquanto fosse esse o caso, ele permaneceria como juiz supremo das leis.

— É meu dever levar esta missão a termo — declarou Wesley à sentinela.  
— Um homem acorrentado vai atrapalhar nosso avanço, sobretudo ferido; além disso, ele não demonstra intenção de fuga.

Royce assistiu ao debate com uma expressão levemente divertida. Thranic se manteve irredutível; finalmente Wesley cedeu e se aproximou de Royce.

— Você me dá sua palavra de que não tentará fugir, de mim ou da sentinela Thranic, antes do final da missão?

— Palavra de honra, senhor — respondeu Royce. — Nada faria com que eu quisesse me afastar da sentinela Thranic.

— Pronto! — concluiu Wesley, satisfeito.

— Ele é um elfo! Que valor tem a palavra de um elfo? — Thranic se empertigou e se pôs de pé, e o olhar estampado em seu semblante obrigou Wesley a dar um passo atrás. — Na condição de secretário responsável pelos assuntos relacionados a Erivan, nomeado pelo próprio patriarca, é meu dever purgar o Império da influência nefasta dessas criaturas. Exijo que o elfo fique sob minha custódia imediatamente!

Wesley hesitou. Muitos reis cediam diante da pressão de uma sentinela, e Thranic sabia ser mais intimidador que qualquer outra que Hadrian encontrara na vida. Sua postura curvada de abutre e seu olhar penetrante eram mais do que assustadores.

Hadrian ficou tenso. Sabia que pesava sobre a sentinela, por assim dizer, uma sentença de morte, mas preferiria que seu parceiro pudesse escolher a hora e o local da execução. Se Wesley concordasse em entregar Royce, haveria uma luta da qual um dos dois sairia morto. Lentamente, Hadrian levou os dedos aos cabos das espadas e mediu os passos até Bernie, antecipando-se.

Wesley contraiu o maxilar e encarou Thranic.

— Ele pode ser um elfo, senhor, mas também é *meu* tripulante.

— Seu tripulante? Você nem tem mais navio! Você não passa de um menino brincando de capitão! — gritou enfurecida a sentinela.

Wesley se contraiu.

— E do que o senhor estava brincando no porão do navio? O senhor chamaria aquilo de exercício de autoridade?

A pergunta pegou Thranic de surpresa.

— Ah, sim, os oficiais tinham conhecimento de suas visitas noturnas à *carga*. Era um navio pequeno, senhor, e as camas dos oficiais ficavam logo acima. Todas as noites, ouvíamos o senhor torturá-los e fazer até coisa pior. Não sou um grande fã de elfos, mas, pelo amor de Maribor, os abusos que a consciência permite têm limites! Não, senhor, não pretendo entregar o marinheiro Melborn a sua custódia tão cedo. Mesmo que eu confiasse que o senhor o trataria com honradez, não posso prescindir de homem algum, e, conforme nós dois sabemos, o senhor não é um homem honrado.

— É uma pena ver um jovem tão promissor jogar a vida fora — comentou Thranic, enraivecido. — Farei com que você seja executado por causa dessa transgressão.

— Para isso acontecer, precisaremos voltar a Avryn. Faço votos de que nós dois possamos sobreviver para ver tal dia.



Quando amanheceu, a tripulação do *Tempestade de Esmeralda* deixou a aldeia e, mais uma vez, embrenhou-se na selva, seguindo pelo noroeste do vale de Oudorro, por uma trilha estreita, quase imperceptível. A chuva deixara o solo encharcado, mas finalmente havia parado. No terceiro dia de viagem, o caminho foi barrado por penhascos e precipícios. Seguiram por cristas de montanhas, onde um tropeço poderia causar uma queda de centenas de metros, atravessaram perigosas pontes sustentadas por corda por cima de corredeiras turbulentas, e passaram por fendas rochosas, adentrando vales sombrios. Nos pontos mais baixos havia pouca luminosidade, mesmo ao meio-dia. As árvores produziam imagens fantasmagóricas. As pedras se assemelhavam a animais prontos a dar o bote, e galhos atrofiados e retorcidos pareciam monstros em meio à névoa.



A saúde de Royce melhorou rapidamente, porém seu estado de espírito permaneceu inalterado. Ele conseguiu caminhar sozinho durante a maior parte do dia e, graças ao bálsamo preparado por Fan Irlanu, os ferimentos já não precisavam de curativos.

Quatro dias após deixarem Oudorro, encontraram os corpos. Cadáveres vestidos em trajes similares aos usados por Dilladrum e os vintu jaziam pela trilha. Moscas zumbiam e o fedor da decomposição pairava no ar. As mortes ocorreram havia algum tempo, e muitos corpos careciam de membros ou exibiam sinais de mordidas.

— Animais? — indagou Wesley.

— Talvez — respondeu Dilladrum, desviando o olhar para o leste. — Mas talvez o Pantera não consiga conter suas feras, conforme Burandu nos disse.

— Você está querendo dizer que foram os ghazel que fizeram isso?

Dilladrum parou e examinou a selva em volta deles.

— É impossível dizer, mas esses corpos estão aqui há semanas, e a selva não os deixaria se decompor. Os animais não gostam dos ghazel, e evitam áreas onde predomine o cheiro deles... Mesmo que para tal tenham de abrir mão de comida fácil.

“Este aqui é Hingara — indicou Dilladrum, apontando para o cadáver de um homem de pele morena, com uma touca vermelha na cabeça. — Ele era um guia, como eu. Partiu para o Palácio dos Quatro Ventos com um grupo semelhante ao nosso, semanas atrás. Era um bom sujeito. Conhecia bem a selva e, como os senhores podem ver, o grupo dele era grande... cerca de trinta homens. Que tipo de animal os senhores acham que atacaria um grupo tão numeroso? Uma alcateia de lobos, talvez? Um bando de leões? Não, jamais atacariam um grupo tão grande assim. E que animal entraria em combate e mataria sem perder sequer um integrante do próprio bando? Já os ghazel...”

— O que há com os ghazel? — perguntou Wesley.

— Eles são como fantasmas. Hingara não veria a aproximação deles. Imaginem criaturas tão à vontade nesta selva quanto os macacos, mas dotadas da força e da ferocidade dos tigres. Os ghazel têm instinto de fera, mas inteligência humana. Em dia de chuva, conseguem farejar um ser humano a três léguas de distância. Esta trilha era segura, mas receio que as coisas tenham mudado.

— Só há 18 corpos aqui — comentou Wesley. — Se ele saiu com trinta homens, onde estarão os outros?

Dilladrum pousou a vista no oficial.

— Pois é, onde estarão?

Wesley fez careta e olhou para os mortos.

— Você está insinuando que foram levados para ser devorados?

— É isso que eles fazem — declarou Dilladrum, apontando para os corpos mutilados. — No frenesi que sucedeu à luta, comeram alguns aqui mesmo, mas acho que levaram os outros para o covil, onde suponho que tenham se banquetado, assando-os em espetos e bebendo sangue quente, dentro do crânio dos infelizes.

— Você não tem como saber se isso de fato ocorreu! — desafiou Wesley.

Dilladrum balançou a cabeça.

— Como eu disse, estou apenas supondo. Ninguém sabe ao certo o que se passa nos acampamentos deles, assim como um servo não sabe o que se passa nos salões de um rei.

— Você fala de um jeito como se eles fossem superiores a nós.

— Nesta selva, eles são. Aqui, eles são os caçadores, e nós, a caça. Eu disse que a viagem seria mais árdua a partir de agora. Não podemos acender fogo, cozinhar ou armar barraca. Nossa única esperança de sobreviver depende e nossa capacidade de não sermos vistos.

— Vamos enterrá-los? — perguntou Wesley.

— O que os animais não tocaram, tampouco nós devemos. Se o fizermos, anunciaremos nossa presença à selva inteira. E não convém perder tempo.

Devemos prosseguir sem qualquer demora.



A caminhada agora seguia em declive, ao longo de um rio com corredeiras fortes que fluía vale abaixo. Quanto mais desciam, mais altas eram as copas das árvores e mais escuro ficava o mundo que os cercava. Acamparam num barranco, onde o rio escorria por um conjunto de pedras. Sem fogo e sem barraca, não era propriamente um acampamento. Agruparam-se num trecho arenoso, exposto numa curva do rio, comendo carne salgada e fria. Royce sentou-se à margem, observando Thranic e sendo observado por ele.

Desde que deixaram a aldeia, os dois faziam o mesmo jogo. Royce tinha certeza de que Bernie enchera a cabeça de Thranic com histórias acerca do terror imposto por ele ao Diamante. Thranic parecia impassível, mas Royce não tinha dúvida de que as palavras de Bernie o tinham abalado. Sem Staul e agora que Bernie já não era um aliado confiável, a posição de Thranic se enfraquecera dramaticamente. O confronto entre a sentinela e Wesley revelara o crescente desespero de Thranic — e a derrota diante do confronto fora mais um revés. O equilíbrio de forças havia se alterado, e ele passara de caçador a caça; por outro lado, a cada dia Royce ganhava forças.

Royce se divertia com o jogo. Com satisfação, constatava as olheiras de Thranic aumentando, visto que a sentinela dormia cada vez menos. Entretinha-se ao ver Thranic se voltar, bruscamente, procurando Royce, sempre que um animal produzia algum ruído entre as folhas atrás dele na trilha. Royce não costumava recorrer à tortura mental, mas, no caso de Thranic, abria uma exceção.

A agilidade de Royce salvara sua vida. Embora talvez tivesse sangrado até morrer se não fosse encontrado por Hadrian e os demais, ou morrido em consequência da febre, se a mulher tenkin não o ajudasse, o ferimento em si

era relativamente superficial. Havia vários dias que fingia estar mais enfraquecido do que de fato estava. Sentia dores quando pressionava a lateral do corpo e ainda não recuperara toda a sua agilidade, no entanto, de modo geral, estava restabelecido.

Royce teria continuado o jogo, mas a coisa estava começando a ficar perigosa demais. O desafio que Wesley impusera à autoridade de Thranic mudara as regras do embate. As opções da sentinela estavam ficando reduzidas. A tentativa de forçar uma atitude por parte do capitão fora o derradeiro trunfo. Enquanto Wesley mantivesse uma liderança legítima, Wyatt, Grady, Dering e Poe ficariam ao lado dele. Royce sabia que, para Thranic, Wesley era um peão que bloqueava seu avanço pelo tabuleiro, uma peça que precisava ser removida. Estava na hora de lidar com a sentinela.

Royce se encolheu para dormir junto aos demais, porém escolheu um local meio escondido, entre alguns arbustos. Na escuridão, deitou-se, durante um tempo; em seguida, encheu o cobertor com galhos e folhas e desapareceu mata adentro.

Thranic escolhera para dormir um local próximo ao rio, fato que Royce achou bem conveniente, pois pretendia se valer da correnteza para se livrar do corpo da sentinela. Royce escapuliu pela lateral do acampamento até chegar ao local onde Bernie e Levy dormiam, mas Thranic não estava ali.



*Crac!* Um graveto estalou.

No mesmo instante, Royce se moveu. O virote de uma besta se alojou no tronco ao lado do qual no segundo anterior ele estivera abaixado.

Thranic se apressou desesperadamente para rearmar a besta.

— Você achou que me encontraria dormindo? — perguntou ele. — Você achava mesmo que me matar seria tão fácil assim... *elfo?*

Ele rearmou a besta.

— Você não precisa ter tanto medo de mim. Estou aqui para ajudá-lo. É meu dever ajudar todos vocês. Vou retirar as trevas que estão no coração de vocês. Vou livrá-lo do peso que é essa vida abjeta, nojenta. Você não vai ser mais uma afronta a Maribor. Eu vou salvar você!

— E quem vai salvar  *você* ? — respondeu Royce.

Ele estava a apenas alguns metros do local de onde partira. Thranic baixou os olhos para inserir a seta na canaleta. Em seguida, ergueu a vista, mas Royce havia sumido.

— Como assim? — perguntou Thranic, na esperança de que Royce falasse e revelasse sua posição.

— Você enxerga muito bem no escuro, Thranic — declarou Royce, à direita do interlocutor.

Thranic se virou e fez um disparo, mas a seta apenas atravessou a folhagem de um arbusto.

— Bem, mas não com perfeição — comentou Royce, ressurgindo bem mais perto. Imediatamente Thranic se ocupou de rearmar a besta.

Agora só restavam dois viotes.

— E você conseguiu se embrenhar pelas árvores sem que eu o visse. E chegou por trás de mim. Isso é notável. Quantos anos você tem, Thranic? Aposto que você é mais velho do que aparenta.

A sentinela inseriu a seta e voltou a erguer os olhos. Novamente, Royce desaparecera.

— Aonde você quer chegar, elfo? — perguntou Thranic, segurando a besta à altura dos quadris.

Encostando-se ao tronco de uma árvore, olhou para a selva ao redor.

— Nós somos parecidos, você e eu — declarou Royce atrás dele.

Thranic se voltou subitamente. Viu um movimento no meio da folhagem e disparou. O disparo não atingiu o alvo e ele praguejou imediatamente, ocupando-se de rearmar a besta.

— É por isso que você age assim? — perguntou Royce. — É por isso que você tortura os elfos? Diga-me, você está salvando os elfos... ou a si próprio?

— Cale a boca! — A mão de Thranic escorregou no gatilho e a corda se soltou, cortando os dedos dele. A sentinela agora tremia.

— Você não consegue matar o elfo que está dentro de você; então tortura e extermina todos os elfos que encontra.

Ele agora estava mais perto ainda.

— Eu disse para você calar a boca!

— Quanto sangue élfico é necessário para se lavar o pecado de *ser* elfo?

Mais perto.

— Seu maldito! — gritou ele lutando com a besta, que se recusava a colaborar com seus dedos trêmulos.

Mais uma vez ele puxou a corda, mas ela voltou a escapulir. Prendendo o arco com um dos pés, puxou a corda. A arma havia emperrado. Desesperadamente, Thranic pressionou o gatilho. Ele se recusava a se mover. *Crac!* A besta estalou.

Apavorado, Thranic prendeu a respiração e olhou para baixo. Então, reunindo todas as suas forças, puxou com as mãos a corda do arco, mas não conseguiu levá-la até o engate. Estava dando a Melborn tempo demais. Largou a besta no chão e sacou o punhal.

Esperou. Escutou. Girou. Olhou.

Estava sozinho.



— Levante-se.

Hadrian acordou, despertado pela voz do amigo, que atravessava a floresta. Ele conhecia aquele tom e se levantou instantaneamente.

— O que foi?

— Temos companhia — disse Royce. — Acorde todos.

— O que está acontecendo? — perguntou Wesley, ainda grogue, enquanto o acampamento despertava.

— Quietos — sussurrou Royce, abaixando-se com o punhal na mão e fitando as trevas.

— Ghazel? — perguntou Grady.

— Alguma coisa — respondeu Royce. — Muita coisa.

Os demais agora também ouviam. Gravetos estalando e folhas roçando. Todos estavam de pé, as armas em punho.

— De costas para o rio! — gritou Wesley.

Adiante deles surgiu uma luz que logo desapareceu; em seguida, outra piscou. Duas outras piscaram, à direita e à esquerda, e os sons se tornaram mais audíveis e mais próximos. Dovin Thranic, um tanto trôpego, retornou ao acampamento, pregando um susto no grupo. Várias pessoas olharam para ele, surpresas, mas nada disseram.

A atenção de todos se mantinha nos sons advindos das árvores.

Figuras sombrias carregavam tochas pelo meio da selva fechada. Lentamente, saíram da mata e entraram na clareira à beira do rio. Vinte se aproximavam por todos os lados ao mesmo tempo. De início parecia se tratar de um bando de feras, monstruosas e estranhas. Depois que entraram na clareira, Hadrian constatou que eram homens: selvagens troncados, com pescoços musculosos e caras pintadas de branco, peitinhos feitos com ossos e cocares com penas compridas. Avançavam com facilidade pela mata fechada. Nas mãos traziam clavas, machados e lanças. Formaram um círculo, em silêncio, avançando devagar.

— *Vimos em paz!* — Hadrian ouviu Dilladrum gritar em tenkin, a voz falhando. — *Vimos falar com o chefe guerreiro Erandabon. Temos uma mensagem para ele.*

À medida que se aproximavam, os homens começaram a gritar e uivar, brandindo as armas. Alguns exibiam os dentes como presas, enquanto

outros batiam no peito ou pisoteavam o solo com os pés descalços.

Dilladrum repetiu a afirmação.

Um dos homens mais corpulentos, que empunhava uma machadinha enfeitada, adiantou-se e se aproximou de Dilladrum.

— *Que mensagem?* — indagou o tenkin, com uma voz áspera e seca.

— *É uma carta lacrada* — respondeu Dilladrum. — *Só pode ser entregue ao chefe guerreiro.*

O homem olhou para cada um deles com atenção. Em seguida, sorriu e meneou a cabeça.

— *Venham.*

Embora a reação tenha sido a melhor possível, Dilladrum enxugou o suor da testa com a manga da camisa enquanto explicava o diálogo ao grupo.

O tenkin expediu várias ordens aos gritos. As tochas foram apagadas e os guerreiros desapareceram selva adentro. O líder permaneceu, enquanto os forasteiros levantavam acampamento às pressas. Então, com um gesto que traduzia algo semelhante a “sigam-me”, ele correu de volta para o meio das árvores, iluminando a trilha com sua tocha. O ritmo da caminhada foi tão intenso que todos ficaram ofegantes — e Bulard quase perdeu os sentidos. Dilladrum gritou pedindo uma parada para descanso, ou ao menos um ritmo mais lento. A única resposta foi uma gargalhada.

— Nossos novos amigos não têm muita consideração por um idoso — declarou Bulard, arfando e respirando com dificuldade.

— Basta! — gritou Wesley e ergueu a mão, determinando ao grupo que parasse. Não foi difícil convencer a tripulação do *Tempestade de Esmeralda* a fazer uma parada. O tenkin e sua tocha seguiram adiante, desaparecendo entre as árvores. — Se ele vai continuar a correr sem nós, então continue!

— Não vai, não — comentou Royce. — Ele está escondido no meio das árvores, com a tocha apagada. Há vários deles nos acompanhando, dos dois lados, e outros tantos atrás.



Wesley olhou em redor, então disse:

— Não estou vendo coisa alguma.

Royce sorriu.

— De que adianta ter um elfo na tripulação, se ele não for de alguma utilidade?

Wesley ergueu uma das sobrelhas, olhou para as árvores e desistiu de enxergar o que quer que fosse. Retirou a rolha do cantil, bebeu um gole e o passou para os demais. Voltando-se para o historiador, que estava sentado no chão, um tanto desfalecido, ele perguntou:

— Como estão as coisas, Sr. Bulard?

Bulard levantou o rosto, ruborizado. Suava profusamente, os cabelos ralos grudados na cabeça. O historiador não pôde responder, pois sua boca se ocupava com o esforço de sugar qualquer quantidade de ar que fosse capaz, mas conseguiu sorrir e menear a cabeça, com um sinal positivo.

— Bom — disse Wesley. — Vamos em frente. Mas *nós* vamos estabelecer o ritmo. Não podemos deixar que eles nos levem à exaustão.

— Isso mesmo — concordou Dering, enxugando a boca depois de beber do cantil. — Seria bem ao estilo deles nos obrigar a correr em círculos até ficarmos exaustos, então nos atacar e cortar nossas gargantas antes de conseguirmos recuperar o fôlego.

— Talvez tenha sido isso o que aconteceu com aqueles sujeitos que encontramos. Talvez tenham sido esses camaradas — especulou Grady.

— Estamos chegando a algum lugar — retrucou Royce. — Sinto o cheiro do mar.

Hadrian ainda não tinha percebido, mas agora se deu conta de que havia no ar um sabor de sal marinho. O ruído que ele achava que fosse o vento nas árvores agora se revelava como a voz do oceano.

— Vamos em frente, cavalheiros? — chamou Wesley, colocando o grupo em marcha.

Após iniciarem a caminhada, a tocha do tenkin voltou a reluzir e a conduzi-los. Wesley se recusou a acompanhá-la e manteve a caminhada num ritmo aceitável. A tocha voltou e, após algumas tentativas de obrigá-los a andar mais depressa, desistiu. E o sujeito que a carregava acabou acompanhado o ritmo do grupo.

O avanço continuava em acentuado declive. A rota logo se tornou uma trilha pedregosa, que descia até a beira de um penhasco. Lá embaixo as ondas estouravam. À medida que o dia clareava, o local aonde se dirigiam se tornava mais visível. Uma fortaleza de pedra se erguia sobre um cabo rochoso, que avançava pelo oceano e servia de proteção a um porto natural, centenas de metros abaixo. O Palácio dos Quatro Ventos parecia muito antigo, tão castigado pelo vento e pela chuva que sua coloração se equiparava à do granito manchado e escuro sobre o qual se assentava. O palácio era uma construção de blocos maciços, sendo inconcebível que aqueles pedregulhos fossem empilhados por seres humanos. Exibindo um grau de austeridade comparável ao dos tenkin, o palácio carecia de ornamentação. Navios pontilhavam a grande baía na base do cabo. Havia centenas de embarcações, todas com velas negras.

Quando se aproximaram do grande portão, o guia parou.

— *Armas não são permitidas a partir daqui.*

Wesley franziu o cenho assim que Dilladrum traduziu a afirmação, mas não protestou. Aquele era mesmo o costume, inclusive em Avryn. Não se podia entrar armado no castelo de um lorde. Apresentaram suas armas e Hadrian notou que Thranic e Royce não entregaram nenhuma.

Thranic vinha se comportando de modo estranho desde a hora em que, trôpego, voltara o acampamento. Não abria a boca nem tirava os olhos de Royce.

Eles entraram na fortaleza onde cerca de dez guardas bem-armados mantinham vigília nas ameias e outros tantos se perfilavam ao longo da rota

por eles trilhada. A parte externa parecia estar reduzida a escombros. Blocos de pedra haviam caído e jaziam rachados pelo solo.

A parte interna do castelo não era mais animadora. Lá também a decomposição causada por séculos de abandono reduzira a edificação, outrora grandiosa, a pouco mais que uma caverna pré-histórica. Raízes e fungos brotavam pelas fendas do corredor e folhas mortas se amontoavam nos cantos, levadas pelas rajadas de vento. Pó, sujeira e teias de aranha obscureciam antigos entalhes, esculturas e gravações.

Nas paredes, os tenkin haviam pendurado bandeiras toscas, exibindo um machado branco, sua arma típica, sobre um fundo negro. A exemplo do cenário visto em Oudorro, várias fileiras de escudos pendiam do teto, como morcegos numa caverna. Uma lareira imensa ocupava, de ponta a ponta, uma das laterais do salão principal, como uma bocarra aberta onde o tronco inteiro de uma árvore queimava. Sobre o piso via-se uma pele de tigre, de cuja cabeça fitavam olhos verde-esmeralda e se arreganhavam presas amarelas. Ao fundo do salão, havia um trono de pedra. À base do trono, ligeiramente torto, via-se uma fissura, de onde subia uma trepadeira. O assento era acolchoado com uma pilha de peles de animais e nele sentava-se um homem com um olhar selvagem.

Sua cabeça abrigava uma tempestade de cabelos, longos e negros, com mechas brancas e fios partindo em todas as direções. Talhos e queimaduras profundas deformavam o rosto dele. Sobrancelhas espessas cobriam olhos brilhantes e explosivos que não paravam de se mexer, girando dentro do crânio como bolas de gude que lutavam para escapar do confinamento imposto pela cabeça. Tinha o peito nu, exceto por um colete exótico, feito com pequenos ossos entrelaçados. Os dedos compridos brincavam com um grande machado lambuzado de sangue apoiado sobre suas pernas.

— *Quem é essa gente?* — perguntou o chefe guerreiro em tenkin, e sua voz alta e assustadora ecoou pelas paredes. — *Quem é essa gente que entra no salão de Erandabon sem ser anunciada? Quem se atreve a pisar na floresta de*

*Erandabon, como carneiro a ser recolhido? Quem se atreve a procurar Erandabon em sua caverna, em seu lugar sagrado?*

Um estranho grupo de pessoas o cercava, e todos os olhares se fixaram naqueles que acabaram de chegar. Homens tatuados e desdentados bebiam em profusão e mulheres com cabelos e olhos pintados reboavam ao som de ritmos desconhecidos. Uma mulher totalmente nua se estirava sobre almofadas de seda, uma cobra enrolada pelo corpo, sussurrando palavras ao réptil. Ao lado dela, um velho calvo, com unhas amarelas do mesmo tamanho dos dedos, pintava arabescos bizarros no chão e o ar do salão estava impregnado de fumaça de folhas de tulan, queimadas num braseiro ao centro.

Nos cantos mais escuros havia outras criaturas. Hadrian mal podia enxergá-las em meio à fumaça e à luz bruxuleante do fogo. Amontoadas pelas sombras, as criaturas emitiam um som sibilante e contínuo, como o chiado da cigarra. Hadrian conhecia bem aquele som. Ele não via com clareza, enxergando apenas as sombras dos movimentos refletidas sobre a pedra. As figuras se agitavam, nervosas, ansiosas, tal qual uma matilha de cães famintos, com gestos espasmódicos demais para serem humanos.

Dilladrum indicou a Wesley que ele devia se apresentar.

— Eu sou o aspirante Wesley Belstrad, capitão interino do que restou da tripulação do *Tempestade de Esmeralda*, navio pertencente à frota da Sua Eminência Imperial, egresso da cidade de Aquesta. Tenho uma mensagem para o senhor — disse ele, e fez uma reverência formal.

Hadrian achou engraçado que um rapaz tão nobre se curvasse diante de alguém como Erandabon Gile, um sujeito praticamente louco.

— Faz tempo Erandabon espera por palavra — falou o homem sentado ao trono, falando em apelanês. — Faz tempo Erandabon conta lua e estrelas. Ondas quebram, barcos chegam, escuridão aumenta, e Erandabon continua esperando. Senta e espera. Espera e senta. Grande sombra cresce no norte. Deuses voltam, trazendo morte e horror a todos. Os que não morrem

esmagam o mundo embaixo dos pés, e Erandabon é obrigado a esperar. Cadê mensagem? Fale! Fale!

Wesley deu um passo à frente e retirou a carta do bolso, mas se deteve ao perceber que o lacre estava rompido. Enquanto hesitava, um homem extremamente magro, vestido de penas e com o corpo pintado, arrancou a carta das mãos dele. Rosnando para Wesley, como um cão que arreganha os dentes, ele exclamou:

— Não se aproxime do grande Erandabon com mãos sujas!

O sujeito coberto de penas entregou a mensagem ao chefe guerreiro, que a examinou durante alguns instantes, os olhos extremamente agitados o tempo inteiro. Um sorriso medonho surgiu em seu semblante; em seguida rasgou a carta e colocou os pedaços na boca. Ele fez tudo isso rápido e, enquanto comia, ninguém pronunciou uma palavra sequer. Após engolir a última parte, o chefe guerreiro levantou a mão e disse:

— *Prendam essa gente.*

Wesley ficou perplexo quando foi agarrado por guardas tenkin.

— O que é isso? — protestou ele. — Somos oficiais do Império de Avryn! Vocês não podem...

Erandabon ria, enquanto os guardas os arrastavam pelo salão.

— Esperem! — gritou outra voz. — Já está tudo combinado! — Com agilidade, Thranic se esquivou dos guardas e avançou enfurecido em direção ao chefe guerreiro. — Meus companheiros e eu temos direito a salvo-conduto. Estou aqui para encontrar um guia ghazel que nos leve em segurança através de Grandanz Og!

Erandabon se pôs de pé e ergueu o machado, interrompendo o avanço de Thranic.

— Armas você trouxe? Comida para horda você traz para Erandabon? — gritou o chefe guerreiro.

— Tudo afundou! — gritou Thranic em resposta. — E o negócio não dependia das armas ou dos elfos.

O chiado que emanava das trevas aumentou de intensidade. O barulho parecia perturbar até mesmo os tenkin. O velho calvo parou de desenhar e sentiu um calafrio. A mulher que brincava com a cobra se assustou.

Erandabon se mantinha impassível diante do ruído crescente e balbuciou com satisfação:

— Não! Dependia da abertura dos portões de Delgos! Que provas disso? Que provas Erandabon tem? Vocês esperam aqui. Se Drumindor não cair, *vocês* vão ser comida para horda. Erandabon decreta! Quem são vocês para desafiar Erandabon?

— *Quem são vocês para desafiar Erandabon?* — entoou a horda.

O chefe guerreiro acenou com a mão e o volume do coro voltou a se intensificar. Os guardas avançaram, apresentando suas lanças.



— Agora sabemos o que o Império tem feito com os elfos que estão sendo recolhidos — murmurou Royce, correndo os dedos suavemente pela tranca da porta.

Os tenkin os tinham trancado em celas situadas nas masmorras da fortaleza. Não havia janelas. A única luz vinha de uma abertura protegida por barras de ferro na porta. Do lado de fora, tochas fixadas às paredes emitiam uma luminosidade intermitente. Hadrian e Royce tiveram a sorte de dividir uma cela com Wyatt e Wesley, enquanto os demais ocupavam celas parecidas na mesma ala da masmorra. Os sons das conversas independentes ecoavam em sussurros incompreensíveis.

— É medonho — comentou Wesley, desabando no chão de pedra e escondendo o rosto com as mãos. — Confesso que nunca simpatizei muito com quem tem sangue élfico — acrescentou ele, dirigindo a Royce um olhar que expressava um pedido de desculpas —, mas isso... isso é tão abominável

que mal é possível imaginar. O fato de o Império ter corroborado uma prática tão abjeta, tão humilhante, é... é...

— E agora sabemos também o porquê da presença daquela frota de navios, lá na baía — disse Hadrian. — Eles pretendem invadir Delgos, e pelo jeito nós trouxemos a ordem para atacarem.

— Mas Drumindor é inexpugnável pelo mar — afirmou Wesley. — Vocês acham que esse tal de Erandabon sabe disso? Todos aqueles barcos serão incendiados, assim que entrarem na baía.

— Não serão, não — retrucou Royce. — Drumindor foi sabotada. Quando, na próxima lua cheia, eles acionarem o sistema de ventilação, vai haver uma explosão, destruindo Drumindor e talvez Tur Del Fur também. Depois que isso acontecer, a frota vai poder avançar sem qualquer impedimento.

— Como? — perguntou Wesley. — Como você pode saber isso?

Royce nada disse.

— Sim, ele sabe — confirmou Hadrian.

Um sinal de entendimento se estampou no semblante de Wesley.

— O lacre estava rompido. Você leu a carta?

Royce continuou a examinar a porta.

— Como vai explodir? — perguntou Hadrian.

— O sistema de ventilação foi tapado.

— Não... — replicou Hadrian, balançando a cabeça. — Só Gravis sabia fazer isso, e ele está morto.

— Merrick conseguiu descobrir um jeito. Ele está fazendo a mesma coisa que Gravis tentou fazer. Ele bloqueou as aberturas. Quando o sistema de ventilação for fechado, na próxima lua cheia, o gás e a lava não terão por onde sair. A montanha vai voar pelos ares. Era isso que Merrick quis dizer quando falou em mudar o rumo da guerra em favor do Império. Delgos apoia os nacionalistas, que são financiados principalmente por Cornelius DeLur. Quando eliminaram Gaunt, eles cortaram a cabeça da rebelião.

Agora, vão cortar as pernas. A destruição de Delgos significa que o Novo Império só terá de lidar com Melengar.

— Mas os navios que vimos no porto não eram apenas dos tenkin. A maioria pertencia aos ghazel — observou Hadrian. — Gile acha que pode usá-los como bucha de canhão, como feras que avançam na vanguarda, mas os goblins são indomáveis. Ele não vai conseguir controlá-los. O Império está entregando Delgos aos ba ran ghazel. Depois que se entrincheirarem, os goblins vão se tornar uma grande ameaça ao Império, uma ameaça muito maior do que os nacionalistas.

— Duvido que Merrick se importe com isso — declarou Royce.

— Você roubou a carta de mim e a leu? — perguntou Wesley. — E nos fez trazê-la até o chefe guerreiro, sabendo que a mensagem provocaria uma invasão?

— O senhor está insinuando que não teria trazido a mensagem? Eram essas as suas ordens, expedidas pelos próprios regentes.

— Mas entregar Delgos a esse... esse louco e aos ghazel, é... é...

— É o seu dever, na condição de leal servidor do Novo Império.

Wesley arregalou os olhos.

— Meu pai costumava dizer: “Um cavalheiro saca a espada por três motivos: para se defender, para defender os fracos e para defender o seu senhor”; mas ele sempre acrescentava: “Jamais se defenda da verdade, jamais defenda a fraqueza dos outros e jamais defenda um senhor desonrado.” Não sei como alguém pode reconhecer honra no ato de entregar uma criança para ser devorada por goblins, ou de entregar uma nação inteira à horda dos ghazel.

— Por que você permitiu que ele entregasse a carta? — perguntou Hadrian.

— Li a carta hoje, quando paramos para beber água. Era a última chance que eu tinha para dar uma olhada. Achei que, se não tivéssemos algo a oferecer, seríamos todos mortos.



— Não vou ser cúmplice dessa... dessa... atrocidade! Precisamos evitar a destruição de Drumindor — anunciou Wesley.

— O senhor sabe que é considerado traição interferir nesse tipo de coisa — interveio Royce.

— Ao ordenar que cada homem, mulher e criança de Tur Del Dur fosse entregue às mãos sedentas de sangue dos ba ran ghazel, a imperatriz traiu seu povo. Sou eu que me mantenho leal... leal à causa da honra.

— Talvez o senhor se conforte em saber que é improvável que a ordem tenha partido da imperatriz Modina — avisou Hadrian. — Nós a conhecemos desde o tempo em que ela não era imperatriz. Ela jamais aprovaria algo semelhante. Eu estive no palácio, um dia antes de zarpamos de Aquesta, e sei que ela não está no comando. São os regentes que estão por trás disso.

— Uma coisa é certa: se atrapalharmos os planos de Merrick, não vamos precisar continuar procurando por ele. Ele vai nos achar — acrescentou Royce.

— A culpa é toda minha — disse Wesley, suspirando. — Meu primeiro trabalho como comandante, e vejam onde a coisa foi parar.

— Não se culpe. O senhor agiu bem — confortou-o Hadrian, dando-lhe um tapinha nas costas. — Mas sua missão chegou ao fim. O senhor concluiu a tarefa que lhe foi atribuída. A partir de agora, tudo depende de suas escolhas.

— Receio não ter muitas — falou Wesley, olhando ao redor da cela.

— Quanto tempo falta para a lua cheia? — perguntou Hadrian.

— Mais ou menos duas semanas, eu acho — respondeu Royce.

— Não há tempo para chegarmos por terra. Quanto tempo levaria para chegarmos lá por mar, Wyatt? — indagou Hadrian.

— Com vento de popa, cobrimos a distância numa fração do tempo que levamos para chegar até aqui. Uma semana e meia, talvez duas.

— Então ainda temos tempo — disse Hadrian.

— Tempo para o quê? — questionou Wesley. — Estamos trancados na masmorra de um louco nos confins do mundo. Sobreviver já será uma façanha.

— O senhor é pessimista demais para um homem tão jovem — afirmou Royce.

Wesley deu uma risadinha.

— Muito bem, marinheiro Melborn, como você acha que podemos descer até o porto, capturar um barco cheio de guerreiros ghazel e sair da baía, pelo meio de uma frota, se não conseguimos sequer sair desta cela?

Royce deu um leve empurrão na porta, que cedeu instantaneamente.

— Eu destravei a porta enquanto o senhor estava esbravejando — explicou ele.

A fisionomia de Wesley revelava todo o seu espanto.

— Você não é apenas um marinheiro, é?

— Esperem aqui — pediu Royce, e saiu da cela.

Vários minutos se passaram. Eles nada ouviam. Quando Royce voltou, Poe, Dering, Grady, Dilladrum e os vintu o seguiam. Royce tinha sangue no punhal e uma argola com chaves na mão.

— E os outros? — perguntou Wesley.

— Não se preocupe. Não vou me esquecer deles — garantiu Royce com um sorriso maligno. Quando saiu, todos os seguiram. Um guarda jazia inerte no meio de uma poça de sangue, e Royce já alcançara a porta da última cela.

— Não precisamos que vocês nos soltem — disse Defoe do outro lado da porta. — Eu mesmo poderia abrir essa porta, se quisesse sair.

— Não estou aqui para soltar vocês — corrigiu Royce, abrindo a porta.

Bernie recuou e sacou o punhal.

— Não se meta nisso, Bernie — disse Royce. — Eu sei que você está apenas cumprindo o seu papel, mas, se você se meter entre Thranic e eu, a coisa vai ficar pessoal.

— Marinheiro Melborn! — exclamou Wesley. — Não posso permitir que você mate o Sr. Thranic.

Royce o ignorou e Wesley apelou para Hadrian, que, em resposta, deu de ombros.

— Minha política é não cruzar o caminho dele, principalmente quando o adversário merece...

Wesley se voltou para Wyatt, cuja expressão carecia de compaixão.

— Ele incendiou um navio cheio de elfos e, até onde sei, foi responsável pelo desaparecimento da minha filha. Quero mais é que ele morra.

O Dr. Levy se pôs de lado, deixando Thranic sozinho ao fundo da cela, protegido unicamente por seu punhal. Com base na empunhadura e na postura corporal, Hadrian concluiu que a sentinela não sabia lutar com faca. Thranic transpirava, com o olhar tenso, enquanto Royce se aproximava.

— Posso saber por que você vai matar o Sr. Thranic? — indagou Bulard subitamente, colocando-se entre os dois. — Se vocês têm intenção de fugir, não convém perder tempo chacinando um homem dentro de uma cela, vocês não acham?

— Não vamos perder mais que um segundo — garantiu Royce.

— Talvez, talvez, mas lhe peço que não faça isso. Não estou dizendo que ele não merece morrer, mas quem é você para assumir a execução da sentença? Thranic vai morrer, e brevemente, eu suponho, a julgar pelo nosso local de destino. No entanto, nossa missão é vital, não apenas para o Império, mas para toda a humanidade, e vamos precisar dele se quisermos levar a termo tal missão.

— Cale essa boca, velho idiota — rosnou a sentinela.

As palavras de Bulard chamaram a atenção de Royce, mas ele manteve os olhos fixos em Thranic.

— Que missão?

— Encontrar uma antiga e venerável relíquia chamada Chifre de Gylindora, que será necessária em breve, lamento dizer.

— O chifre? — perguntou Hadrian.

— Sim. Considerando a precariedade de nossa atual situação, não acho conveniente lhes ministrar agora uma lição de história, mas basta dizer que é do nosso interesse manter Thranic vivo... por enquanto.

— Lamento — respondeu Royce —, mas vocês vão ter de se virar sem...

A porta de acesso ao conjunto de celas se abriu, e dois soldados, usando malha de aço, entraram. Após olharem de relance para o guarda morto, os dois saíram correndo.

Royce correu atrás deles. Rapidamente, Bernie voltou a fechar a porta de sua cela.

— Corram! Corram todos! — exclamou Bulard.

O grupo saiu correndo pela masmorra e subiu as escadas. Quando chegaram ao topo, vozes nervosas reverberavam no corredor.

— Os dois conseguiram escapar — resmungou Royce.

— Deduzimos isso, quando ouvimos a gritaria — disse Hadrian.

Viram-se então diante de um entroncamento de quatro estreitos corredores de pedra idênticos. Tochas presas em suportes de ferro nas paredes e distantes umas das outras propiciavam uma série de sombras oscilantes.

Royce olhou para trás, em direção à masmorra, e praguejou:

— É isso que consigo ao hesitar!

— Você tem ideia da direção que devemos seguir? — perguntou Wyatt.

— Por aqui — indicou Royce.

Ele os conduziu em passo acelerado, então parou, subitamente, fazendo um sinal para que todos recuassem até o vão de uma porta. Instantes depois, um pelotão de guardas passou correndo. Wesley deu um passo à frente, porém foi puxado por Royce. Mais dois guardas passaram.

— *Agora* podemos ir — avisou Royce. — Mas fiquem *atrás* de mim.

Royce prosseguiu pelo emaranhado de corredores, detendo-se em dados momentos. Subiram mais dois lances de escada e se esquivaram de mais um

pelotão de soldados. Hadrian viu o espanto refletido na fisionomia dos integrantes do grupo diante das habilidades de Royce. Era como se ele pudesse enxergar através das paredes ou se soubesse do posicionamento de cada soldado. Para Hadrian, aquilo não era novidade, mas até ele se admirou com a rapidez com que avançavam, considerando que Royce comandava um bando de homens.

De súbito, uma porta se abriu, e vários tenkin literalmente esbarraram em Dilladrum e em um dos vintu. Apavorado, Dilladrum fugiu pelo corredor, seguido pelo vintu. Os tenkin, que não eram guerreiros, ficaram aturdidos e tão assustados quanto Dilladrum. Recuaram pela mesma porta pela qual haviam surgido. Royce gritou para Dilladrum, ordenando-lhe que parasse, mas foi em vão.

— Droga! — praguejou Royce, correndo atrás deles.

O restante da tripulação saiu no encalço de Royce, às cegas, de corredor em corredor. Ao fazer uma curva, Hadrian quase se chocou com Royce, cujo caminho estava bloqueado por guerreiros tenkin. Os corpos de Dilladrum e do vintu jaziam no chão, o sangue formando uma poça pela superfície da pedra. Atrás dos corpos, um pequeno exército impedia a passagem do grupo.

— *Quem são vocês para desafiar Erandabon?* — entoava o pelotão de soldados tenkin.

— Vamos recuar! — ordenou Hadrian, empurrando Wesley e os demais para um vão que proporcionava condições mínimas de defesa.

Em seguida, pegou uma tocha pendurada na parede e, junto a Royce, formou uma linha defensiva. Os soldados tenkin avançaram aos gritos. Royce se esquivou da investida, e o soldado que vinha à frente tombou morto. Hadrian enfiou a labareda da tocha na cara do segundo. Com o pé, Royce lançou a espada do tenkin morto em direção a Hadrian, que agarrou a arma a tempo de decapitar o guerreiro seguinte. Dois tenkin atacaram Royce, que simplesmente não estava onde eles esperavam. Os movimentos

de Royce mal podiam ser vistos, e mais dois tenkin tombaram. Hadrian avançou enquanto Royce chutava as armas dos mortos em direção a Wyatt, Dering e Wesley. Então Hadrian se posicionou no centro.

Três atacaram. Três tombaram.

Os demais recuaram, atônitos, e Hadrian pegou uma segunda espada.

*Clap! Clap! Clap!*

O chefe guerreiro surgiu e se aproximou do grupo, aplaudindo e rindo.

— Galenti, é você! Muito bom ter você de volta!

## CAPÍTULO 18

# O CALDEIRÃO DE SOPA



Amilia estava emburrada na cozinha, segurando a cabeça entre as mãos, com os cotovelos apoiados sobre a mesa. Tudo havia começado ali, quando a ex-secretária de Modina levava a imperatriz até a cozinha para uma lição de boas maneiras. Lembrando-se do terror sob o qual vivia naquela época, ficou abismada ao constatar que aqueles foram tempos melhores.

Agora uma bruxa estava escondida nos aposentos de Modina, enchendo a cabeça da imperatriz com besteiras. Era estrangeira, princesa de um reino inimigo, e ainda assim passava mais tempo ao lado de Modina do que a própria Amilia. Talvez estivesse manipulando a imperatriz, de diversas maneiras. Ela tentara alertar Modina, mas, a despeito do que dissesse, a jovem permanecia irredutível na decisão de ajudar a bruxa a encontrar Degan Gaunt.

Amilia sentia saudades dos velhos tempos, quando Modina deixava tudo a seu encargo. Ali sentada, perguntava-se como proceder. Queria procurar

Saldur e delatar a bruxa, mas sabia que isso magoaria Modina. Talvez a imperatriz jamais se recuperasse de uma traição dessa natureza, sobretudo partindo de Amilia, em quem confiava cegamente. Certamente seria uma perda capaz de destruir seu espírito frágil, e Amilia enxergava um desastre ao final de todos os caminhos. Sentia-se como se estivesse numa carruagem em alta velocidade, seguindo em direção a um precipício, sem conseguir alcançar as rédeas.

— Não quer uma sopa? — perguntou Ibis Thinly.

De pé diante de um caldeirão, com o avental manchado, o cozinheiro obeso mexia uma sopa fumegante, à qual acrescentava pedaços de aipo.

— Estou tão deprimida que não consigo comer — respondeu ela.

— Ora! A coisa não pode estar tão mal assim, pode?

— Você não faz ideia. Ela tem me dado um trabalhão. Tenho até medo de deixá-la sozinha. Todas as vezes que saio do quarto dela, temo que algo terrível possa acontecer.

Já era tarde, e os dois estavam a sós na copa. Sombras alongadas, projetadas pelas chamas da lareira, subiam pela parede oposta. A cozinha estava aquecida e agradável, exceto pelo cheiro horrível que emanava do caldo borbulhante sendo preparado pelo cozinheiro.

— Ora! A coisa não pode estar tão mal assim. Vamos, você não quer mesmo uma sopa? Faça uma ótima sopa de legumes, sem falsa modéstia.

— Você sabe que adoro a sua comida. Acontece que o meu estômago está embrulhado. Outro dia notei um fio de cabelo grisalho na minha cabeça.

— Ah, por favor, você ainda é uma menina — comentou Ibis rindo, então se conteve. — Acho que não devo falar com você nesse tom, agora que você é nobre. O certo seria dizer: “Sim, minha senhora”, ou, nesse caso, “Não, não, minha senhora! Se a senhora me conceder a licença de lhe falar francamente, atrevo-me a discordar: a senhora é uma belezinha!”. Essa seria uma resposta mais adequada.

Amilia sorriu.



— Sabe de uma coisa? Às vezes eu não entendo você.

Ibis fingiu estar magoado. Em seguida, deu uma risadinha.

— Tome um pouco de sopa. Algo quente na sua barriga vai ajudar a desfazer esse embrulho... Que tal?

Ela olhou para o caldeirão por ele mexido e fez careta.

— Acho que não.

— Ah, não; isso aqui, não. Pelo amor de Maribor! Eu preparo algo especial.

A expressão de Amilia se tornou mais aliviada.

— O que é isso que você está fazendo? Tem cheiro de ovo podre.

— Uma sopa, mas mal serve para os animais; é feita de restos de comida. O cheiro é causado por esse pó amarelado. Eu tento caprichar no tempero; acrescento pedaços de aipo e outras coisinhas, só para aliviar a minha consciência.

— Para quem é a sopa?

— Não faço ideia, mas daqui a pouco os guardas virão buscá-la. Sinceramente, tenho medo de perguntar aonde a sopa é levada. — Ele fez uma pausa. — Amilia, qual é o problema?

Amilia fitou o caldeirão, boquiaberta. Um ruído na escada atraiu sua atenção. Dois homens entraram na cozinha. Ela os conhecia de vista. Costumavam vigiar o vestíbulo da ala leste, localizado no quarto andar. Tratava-se do corredor de acesso ao setor administrativo, onde ela e Saldur trabalhavam. Os guardas a reconheceram e pararam um instante, para fazer uma reverência. Por sua vez, Amilia inclinou ligeiramente a cabeça, respondendo à saudação. Os olhares dos guardas, diante da cortesia, expressaram estranheza, mas também gratidão. Em seguida, voltaram-se para Ibis.

— Tudo pronto?

— Um minuto, um minuto — murmurou Ibis. — Vocês chegaram antes da hora.

— A gente está de serviço desde que o dia amanheceu — queixou-se um dos guardas. — Esta é nossa última tarefa da noite. Francamente, não sei por que você capricha tanto nisso aí, Thinly.

— É o meu trabalho e quero que seja bem-feito.

— acredite em mim, ninguém vai reclamar. Ninguém se importa.

— *Eu* me importo — observou Ibis com um tom de voz grave o bastante para encerrar o assunto.

Os guardas deram de ombros e esperaram.

— Para quem é a sopa? — perguntou Amilia.

O guarda titubeou.

— Não podemos falar nesse assunto, minha senhora.

O outro guarda desferiu uma violenta cotovelada no colega.

— Ela é a secretária da imperatriz!

O primeiro enrubesceu.

— Desculpe, minha senhora. É que às vezes o regente Saldur nos assusta.

Amilia concordou, tacitamente, mas se manteve calada.

O parceiro deu um tapa na testa e arregalou os olhos.

— Ora, James! Você é um idiota. Desculpe a idiotice dele, minha senhora.

— O quê? — perguntou James, aturdido. — Eu disse alguma asneira?

— Você acaba de insultar o regente e demonstrou não ter respeito por essa dama, tudo ao mesmo tempo.

O rosto de James perdeu a cor.

— Como você se chama? — perguntou ela ao outro guarda.

— Higgles, minha senhora — respondeu ele, engolindo em seco e fazendo uma nova reverência.

— Por que *você* não responde à minha pergunta?

— Nós levamos a sopa para a torre norte. A senhora sabe, aquela que fica entre o poço e os estábulos.

— Quantos prisioneiros há na torre?

Os dois guardas trocaram olhares.

— A gente não sabe de prisioneiro nenhum, minha senhora.

— Então para quem é a sopa?

Ele deu de ombros.

— A gente deixa a sopa com o cavaleiro de Seret.

— A sopa está pronta — declarou Ibis.

— Mais alguma coisa, minha senhora? — perguntou Higgles.

Ela meneou a cabeça, e a dupla saiu porta afora, desaparecendo pelo pátio, cada um segurando uma das duas alças do caldeirão.

— Agora me deixe preparar alguma coisa para *você* — pediu Ibis, limpando as manzorras no avental.

— Hein? — perguntou Amilia, ainda pensando nos dois guardas. — Não, obrigada, Ibis — refutou ela, levantando-se. — Acho que preciso tomar umas providências.



Um manto fazia muita falta quando Amilia chegou ao meio do pátio interno. O clima havia mudado, passando de um outono aprazível, com folhas coloridas, céus claros e azuis e noites límpidas para o prenúncio de um inverno cinzento e gelado. Uma meia-lua brilhava através das nuvens, no momento em que ela atravessou a horta, agora reduzida a um cemitério de terra amarronzada. Aproximou-se do galinheiro, cautelosamente, tentando não perturbar as galinhas. Nada havia de errado com o fato de ela estar fora de casa, e lei alguma impedia que alguém perambulasse pelo pátio à noite. Contudo, naquele momento, Amilia se sentia estranha.

Escondeu-se num galpão de madeira no instante em que James e Higgles voltavam da entrega. Passados vários minutos, Amilia avançou, deu a volta

no poço e entrou na torre norte — a *torre-prisão*, conforme ela agora a chamava.

Conforme os guardas disseram, um cavaleiro de Seret, trajando armadura negra com a insígnia da coroa quebrada estampada no peito, montava guarda. Enfeitado com uma pluma vermelha, o elmo por ele usado encobria sua face. Ele parecia ignorar a presença dela, o que era estranho, pois todos os guardas costumavam reverenciar Amilia. O seret nada disse enquanto ela se desviou dele e se dirigiu à escada. Ficou surpresa, quando ele não se mexeu a fim de detê-la.

Ela então subiu, passando diante das celas. Visto que nenhuma porta estava trancada, empurrou algumas e entrou nas respectivas câmaras. Eram cubículos. Sobre o chão havia palha velha e apodrecida. Pelas janelas minúsculas entrava apenas uma fração do luar. Nas paredes e no chão estavam fixadas grossas correntes. Algumas celas possuíam uma banqueteta, ou um balde, mas a maioria não tinha mobília alguma. Amilia sentiu-se estranha naquelas alcovas — não apenas por causa do frio, mas porque receava um dia acabar num lugar como aquele. James e Higgles tinham razão. A torre estava desocupada. Ela voltou pelos mesmos degraus que subira e se dirigiu ao seret.

— Desculpe, mas o que o senhor está guardando? Não há ninguém lá.

Ele não respondeu.

— Aonde aquela sopa foi levada?

Novamente, o seret se manteve calado. Sem conseguir ver os olhos do homem através do elmo e pensando que talvez ele estivesse cochilando em pé, ela deu um passo à frente. O seret se mexeu e, com a rapidez de uma cobra, pegou a espada e a sacou, parcialmente, da bainha, produzindo um som metálico que reverberou por toda a torre de pedra.

Amilia saiu correndo.



— A senhora vai contar a ela? — perguntou Nimbus.

Os dois estavam no gabinete de Amilia, concluindo a última das listas de convidados para que então os escribas pudessem iniciar seu trabalho. Por toda parte havia pergaminhos. Na parede, pendia uma planta baixa do grande salão, toda perfurada, em decorrência do reposicionamento de convidados.

— Não, eu não vou contribuir para o arsenal de loucuras daquela bruxa, acrescentando a história do misterioso desaparecimento de um caldeirão de sopa! Faz meses que me empenho em restabelecer o equilíbrio de Modina. Não vou deixar que ela tenha uma recaída.

— Mas e se...

— Pare, Nimbus! — exclamou Amilia, remexendo nos pergaminhos. — Eu não deveria ter contado a você. Eu fui lá. Olhei. Não vi coisa alguma. Mal posso crer que tenha chegado a tanto. Maribor me ajude! A bruxa me fez sair no escuro à procura dos fantasmas dela. Do que você está rindo?

— Nada — respondeu Nimbus. — É que acabo de imaginar a senhora perambulando pelo pátio.

— Ora, pare com isso!

— Pare com o quê? — indagou Saldur, entrando sem bater.

O regente irrompeu no gabinete e olhou para os dois, com um sorriso afável.

— Nada, Vossa Excelência, Nimbus só estava fazendo uma piadinha.

— Nimbus? Nimbus? — repetiu Saldur, encarando o homem e tentando se lembrar.

— É o meu assistente e preceptor de Modina, um refugiado de Vernes — explicou Amilia.

Saldur pareceu se aborrecer.

— Não sou imbecil, Amilia; eu sei quem é Nimbus. Eu estava pensando no nome. A palavra vem da antiga língua imperial. A não ser que eu esteja enganado, *nimbus* significa “névoa” ou “nuvem”, não é? — Ele olhou para

Nimbus, buscando sua anuência, mas Nimbus apenas deu de ombros, exprimindo ignorância. — Bem, em todo caso — continuou Saldur, dirigindo-se a Amilia —, quero saber como estão os preparativos para as bodas. Faltam apenas alguns meses.

— Estou prestes a encaminhar estes convites aos escribas. Estão em ordem de distância, de modo que os que se destinam aos convidados que moram mais longe serão despachados já na semana que vem.

— Excelente, e o vestido?

— Finalmente chegamos a uma conclusão sobre o modelo. Só estamos esperando pelo tecido, que virá de Colnora.

— E como vai Modina?

— Vai bem, vai bem — mentiu ela, sorrindo o melhor que podia.

— Quer dizer então que ela recebeu bem a notícia do abençoado casamento?

— Modina tem praticamente a mesma reação diante de toda e qualquer notícia.

Saldur fez que sim com satisfação.

— Sim, é verdade, é verdade — concordou ele com um ar extremamente benévolo e gentil. Seria fácil confiar nele, se ela já não tivesse constatado, pessoalmente, a existência do vulcão que jazia embaixo daquela superfície cálida. Saldur a trouxe de volta à realidade ao perguntar: — O que você estava fazendo na torre norte ontem à noite, minha querida?

Amilia se conteve a tempo de responder com total franqueza:

— Eu me deparei com dois guardas que estavam entregando uma sopa, lá na torre, no meio da noite, o que achei estranho, porque...

— Porque o quê? — insistiu Saldur.

— Porque não tem ninguém na torre. Bem, a não ser um seret, que parece estar vigiando o nada. O senhor sabe do que se trata? — perguntou ela, satisfeita por ter conseguido parecer inocente, simplesmente devolvendo a pergunta ao velho. Amilia chegou a aventar a hipótese de piscar os

olhinhos, mas preferiu não exagerar na dissimulação. A lembrança de Saldur expedindo a ordem para os guardas a levarem de sua presença ainda ecoava em sua mente. Ela desconhecia o verdadeiro sentido da ordem, mas se lembrava do arrependimento no olhar do soldado, no momento em que se aproximara dela.

— Claro que sei. Eu sou o regente... Eu sei *de tudo* que se passa.

— É que... era muita sopa para um cavaleiro só. E a sopa desapareceu, com o caldeirão e tudo, em poucos minutos. Mas, como o senhor já está ciente, suponho que não seja nada importante.

Saldur a examinou durante alguns instantes, em silêncio. A expressão em seu rosto já não era de superioridade em relação a ela. Amilia percebeu um tênue sinal de respeito surgindo por baixo daquela fronte enrugada.

— Entendo — declarou ele finalmente.

Em seguida, olhou por cima do ombro, em direção a Nimbus, que sorria, ingênuo como um filhotinho de cachorro. Para seu constrangimento, Amilia notou que Nimbus piscava os olhinhos. Aparentemente, Saldur ignorou a gracinha de Nimbus, então, antes de se retirar do gabinete, fez lembrar a Amilia que não sentasse o duque e a duquesa de Rochelle ao lado do príncipe Alburn.

— Isso foi assustador! — disse Nimbus depois que Saldur foi embora. — A senhora dá uma espiadinha na torre e na manhã seguinte Saldur já sabe?

Amilia começou a andar pelo gabinete, de um lado para outro, o que significava apenas alguns passos e uma meia-volta, mas era melhor do que ficar parada. Nimbus tinha razão. Algo estranho estava acontecendo dentro da torre, algo que o próprio Saldur fazia questão de supervisionar. Ela fez o que pôde para imaginar o que seria, e sua mente voltava sempre ao mesmo nome: Degan Gaunt.

## CAPÍTULO 19

### GALENTI



O corredor de acesso ao salão principal do Palácio dos Quatro Ventos estava silencioso como uma tumba, e o pequeno bando se manteve quieto. Todos os integrantes do grupo do *Tempestade de Esmeralda* agora empunhavam espadas furtadas dos tenkin por eles mortos, e todas as espadas eram de aço de Avryn. Guerreiros assumiram posições estratégicas armados com bestas, e a maioria dos soldados tenkin recuou a fim de permitir aos atiradores melhor visão. Amontoados num pequeno grupo, os companheiros de Hadrian formavam um alvo fácil.

Erandabon deu um passo adiante, mas não a ponto de interferir com o ângulo de ataque dos besteiros.

— Erandabon não reconheceu você, Galenti! Muitos anos passaram, mas você não perdeu a habilidade — disse ele, olhando para os corpos tombados de seus guerreiros. — Por que você viaja com essa gente, Galenti? Por que



essa humilhação? É o mesmo que Erandabon rastejar pelo chão da floresta com cobras, ou rolar na lama com porcos. Por que você faz isso? Por quê?

— Eu vim para falar com você, Gile — respondeu Hadrian.

Imediatamente, ouviu-se um burburinho pelo salão.

— Ha-ha! — riu o chefe guerreiro. — Você usa meu nome caliano, crime punido com morte, mas eu perdoo, Galenti! Pois você não é como eles — afirmou ele, acenando com a mão, num gesto vago. — Você está no cosmo, com Erandabon. Você é estrela no céu, brilhando quase tanto quanto Erandabon. Você é irmão, e não vou matá-lo. Você come e bebe do meu lado.

— E meus amigos?

A expressão de Erandabon se tornou sombria.

— Para eles não há lugar na mesa de Erandabon. Eles são cães.

— Não vou me sentar ao seu lado se eles forem maltratados.

Os olhos de Erandabon giraram freneticamente, então pararam.

— Erandabon vai mandar prender eles de novo... Dessa vez, com segurança, pelo bem deles. Então, você come e bebe com Erandabon?

— Sim.

Ele bateu palmas e alguns guerreiros avançaram, hesitantemente. Hadrian meneou a cabeça e Royce e os demais depuseram as armas.



A varanda, voltada para a baía, era tão alta que causava vertigem. O luar revelava a grande frota dos ghazel e dos tenkin ancorada no porto. Pontilhados de luzes, os navios oscilavam nas marolas. Gritos eram trazidos de longe, pela brisa refrescante, e chegavam em forma de sussurros. A exemplo do restante do castelo, a varanda era uma relíquia de um tempo esquecido. Embora bela no passado, com o passar dos séculos a balaustrada

de pedra sofrera erosão, sendo reduzida a uma vaga lembrança de sua glória anterior. Uma camada espessa de trepadeiras repletas de flores brancas cobria o parapeito, como se formassem uma toalha estendida para esconder uma mesa danificada. No piso, um mosaico, outrora deslumbrante, agora exibia lajotas sujas, lascadas ou rachadas. Várias lamparinas a óleo circundavam a varanda, mas pareciam servir mais como enfeite do que como fonte de luz. Sobre uma mesa de pedra havia um banquete de carnes de caça, frutas e bebidas.

— Senta! Senta e come! — ordenou Erandabon a Hadrian, enquanto diversas mulheres e meninos tenkin se apressavam, no intuito de atender a todo e qualquer pedido.

A não ser pelos criados, os dois estavam a sós. Erandabon arrancou a coxa de uma grande ave assada, gesticulando com ela em direção à baía.

— Bela vista, hein, Galenti? Quinhentos navios, 50 mil soldados, e tudo sob o comando de Erandabon.

— Em toda Cális não há 50 mil tenkin — respondeu Hadrian.

Em seguida, perguntando-se se não haveria carne de elfo no cardápio, ele dirigiu um olhar desconfiado para a comida que estava sobre a mesa. Serviu-se de algumas fatias de fruta.

— Não — disse o chefe guerreiro, lamentando-se. — Erandabon precisou dos ghazel. São como formigas, saindo dos buracos lá nas ilhas deles. Erandabon não pode confiar neles, assim como não pode confiar num tigre, mesmo que Erandabon criasse o tigre desde filhote. São feras selvagens, mas Erandabon precisa deles para alcançar objetivo.

— E qual seria o objetivo?

— Drumindor — respondeu ele simplesmente, então bebeu um gole de vinho, que escorreu, sem que notasse, queixo abaixo. — Erandabon precisa de abrigo contra tempestade, Galenti, lugar forte, lugar seguro. As formigas lutam por Drumindor durante muitas luas. Elas sabem que Drumindor pode resistir contra vento. O tempo não para, a areia corre dentro do vidro,

e eles estão desesperados para fugir das ilhas. Erandabon prometeu ajudar eles a entrar. Erandabon pode contar com 50 mil, talvez 100 mil formigas, Galenti. Elas estão por toda parte naquelas ilhas, mas Erandabon só vai usar essas. Formiga demais estraga piquenique, não é, Galenti? — perguntou ele, rindo.

Um criado encheu o caneco de vinho que Hadrian mal tocara.

— O que você sabe de Merrick Marius? — perguntou Hadrian.

Erandabon cuspiu.

— Imundo. Porco. Porco na imundície. Prometeu armas... Não tem arma. Prometeu comida para a horda... Não tem comida. Isso dificulta, para Erandabon, controlar as formigas. Erandabon quer ver ele morto.

— Talvez eu possa ajudá-lo nisso, se você me disser onde ele está.

O chefe guerreiro riu.

— Ah, Galenti, você não engana Erandabon. Você faz isso por você, não por Erandabon. Mas não importa. Erandabon não sabe onde ele está.

— Você acha que ele vai fazer uma nova visita? — insistiu Hadrian.

— Não, não tem necessidade. Erandabon não fica aqui muito tempo. Este lugar está velho. Não é bom lugar para esperar tempestade — afirmou ele, empurrando um bloco de granito que se soltara no parapeito da varanda. — Erandabon e suas formigas vão para grande fortaleza, onde nem os anciãos podem nos alcançar. Erandabon vai ver a volta dos deuses e o fim do mundo em fogo. Você pode sentar ao lado de Erandabon. Você pode comandar as formigas.

Hadrian balançou a cabeça.

— Drumindor será destruída. Não vai haver fortaleza para você e suas formigas. Se você soltar meus amigos e eu, nós podemos impedir que isso aconteça.

Erandabon deu uma sonora gargalhada.

— Galenti, você faz piada. Você acha que Erandabon é bobo como as formigas? Por que você fala mentira para Erandabon? Você diz qualquer

coisa para escapar daqui com seus amigos cães.

Ele acabou de devorar a coxa de ave, arrancando a carne do osso, mastigando com a boca aberta e cuspiendo fragmentos de cartilagem.

— Galenti, você oferece muita ajuda a Erandabon. Você sabe que Erandabon é grande e quer agradar. Erandabon gosta disso. Erandabon sabe de uma coisa que você pode fazer.

— O que seria?

— Tem um chefe guerreiro ghazel... Uzla Bar — começou ele, e deu uma cusparada no chão. — Ele desafia Erandabon pelo controle das formigas. Agora, sem comida para a horda, ele é grande problema. Uzla Bar ataca caravanas que vêm de Avryn e rouba armas e comida da horda. Ele faz isso para enfraquecer Erandabon diante das formigas. Uzla Bar desafia Erandabon para lutar. Mas Erandabon não é bobo. Erandabon sabe que nenhum guerreiro seu pode vencer agilidade e força do ba ran ghazel. Mas então estrela de Erandabon brilha e traz você aqui.

— Você quer que eu lute com ele?

— O desafio segue tradição ghazel. Erandabon já viu você lutar na tradição. Erandabon acha que você pode vencer.

— Ao lado de quem eu lutaria? Ao seu lado?

Ele balançou a cabeça e deu uma risada.

— Erandabon não suja mão com isso.

— Ao lado dos seus guerreiros?

— Por que Erandabon arrisca vida dos guerreiros? Erandabon precisa deles para controlar as formigas. Erandabon viu aqueles cães que vieram com você. Eles lutam bem. Quando alternativa é a morte, todo cão luta. Se você comandar os cães, eles lutam bem. Erandabon já viu você vencer na arena, lutando ao lado de cães mais fracos. E, se vocês perderem... Erandabon não é afetado.

— E por que eu faria isso?

— Você já não ofereceu ajuda a Erandabon duas vezes? — perguntou ele, e fez uma pausa. — Erandabon já viu que você gosta dos cães. Mas você e eles mataram muitos homens de Erandabon. Por isso vocês devem morrer. Mas... se você fizer isso... Erandabon deixa vocês viverem. Faça isso, Galenti. O céu ficaria menos iluminado sem as estrelas.

Hadrian fingiu analisar a proposta em silêncio. Esperou tanto tempo que Erandabon se irritou. Era evidente que o chefe guerreiro dependia da tal luta tanto quanto o próprio Hadrian.

— Responda para Erandabon agora!

Hadrian se manteve calado por mais alguns instantes, então disse:

— Se nós vencermos, quero que sejamos soltos imediatamente. Não ficaremos até a lua cheia. Eu quero um navio... um navio pequeno e rápido... pronto e abastecido, à espera para ser embarcado no momento em que a batalha for vencida.

— Erandabon concorda.

— E também quero que você procure uma jovem elfa chamada Allie. É possível que ela tenha sido trazida no último carregamento que veio de Avryn. Se estiver viva, quero que ela seja trazida para cá.

Erandabon olhou meio desconfiado, mas concordou.

— Quero que meus companheiros sejam libertados, bem-tratados, e que todas as nossas armas e pertences nos sejam devolvidos imediatamente.

— Erandabon vai mandar trazer aqui os cães que lutaram ao seu lado, para que você possa comer com eles, depois que Erandabon acabar de comer. Erandabon também dá armas que vocês precisarem.

— E os outros? Os homens que não lutaram ao meu lado no salão?

— Eles não mataram homens de Erandabon. Então, não morrem. Erandabon barganha com eles. Eles ficam até que barganha seja cumprida. Barganha boa, eles são libertados. Barganha ruim, eles são comida para a horda. De acordo?

— Sim, de acordo.

— Muito bom, Erandabon está muito feliz. Erandabon vai ver Galenti lutar na arena de novo.

Então Erandabon bateu palmas duas vezes, e guerreiros surgiram na varanda, cada um trazendo respeitosamente uma das três espadas de Hadrian. Outros apareceram, portando o restante dos pertences do grupo. Erandabon pegou o montante de Hadrian e o ergueu.

— Erandabon ouviu falar da famosa espada do Galenti. É arma em estilo antigo.

— É herança de família.

Ele entregou a espada a Hadrian.

— Isto aqui... — comentou o chefe guerreiro, pegando o punhal de Royce. — Erandabon nunca viu arma assim. Pertence ao pequeno? Aquele que lutou ao seu lado?

— É — disse Hadrian, percebendo a ganância estampada nos olhos de Erandabon. — Este punhal é Alverstone. Nem pense em ficar com *esta* arma.

— Você não luta, se Erandabon ficar com ela?

— Exatamente — confirmou Hadrian.

— Ele é um *kaz*?

— É, e, como você viu, é bom lutador. Preciso dele e da arma dele — declarou Hadrian, afivelando as espadas às costas e readquirindo a segurança de sempre.

— Quer dizer que o Tigre de Mandalin vai lutar em defesa de Erandabon!

— É o que parece — anuiu Hadrian, então suspirou.



— Então, como a coisa vai funcionar? — perguntou Royce, examinando o punhal.

O sol havia despontado, mas o dia estava cinzento. Os sete comiam juntos na balaustrada. A comida, restos do repasto do chefe guerreiro, agora podia ser servida aos cães.

Hadrian respondeu:

— A luta será cinco contra cinco. Acho que Wesley e Poe devem ficar de fora. São os mais jovens e...

— Vamos tirar na sorte — declarou Wesley com firmeza.

— Wesley, você nunca lutou com os baran ghazel. Eles são extremamente perigosos. São mais fortes do que os seres humanos, e mais ágeis também. Para conseguir desarmá-los, a pessoa tem de... bem, literalmente, desarmá-los.

— Vamos tirar na sorte — repetiu Wesley e, pegando um graveto, quebrou-o em sete pedaços, sendo dois mais curtos que os demais.

— Eu tenho de lutar. Faz parte do trato — anunciou Hadrian.

Wesley concordou, e jogou fora um dos pedaços mais compridos.

— Eu também vou lutar — avisou Royce.

— O sorteio precisa ser justo — protestou Wesley.

— Se Hadrian lutar, eu luto também — declarou Royce.

Hadrian concordou.

— Então, o sorteio vai ser entre vocês cinco.

Wesley hesitou; em seguida, jogou fora mais um fragmento do graveto e estendeu o punho. Wyatt pegou o primeiro pedaço, comprido. Poe retirou o seguinte, o primeiro pedaço curto. Sem demonstrar qualquer emoção, deu um passo para trás. Grady tirou a sorte, um pedaço longo. Dering foi o próximo e tirou o outro pedaço curto, deixando o último pedaço longo na mão de Wesley.

— Quando vamos lutar?

— Durante o pôr do sol — respondeu Hadrian. — Os ghazel preferem lutar no crepúsculo. Isso nos dá o dia todo para planejar, treinar algumas coisas e tirar um cochilo antes de enfrentá-los.

— Duvido que eu consiga dormir — comentou Wesley.

— Mas, em todo caso, convém tentar.

— Nunca vi um ghazel — admitiu Grady. — Do que a gente está falando?

— Bem — começou Hadrian —, eles têm presas mortais e, se tiverem uma chance, nos agarram e nos estraçalham com as presas e as garras. Os ghazel não hesitam em devorar os humanos vivos. Na verdade, isso lhes causa grande prazer.

— Quer dizer que eles são animais? — perguntou Wyatt. — Como se fossem ursos, ou algo semelhante?

— Não é bem assim. Também são inteligentes e hábeis no manuseio de armas. — Hadrian fez uma pausa, permitindo que as informações fossem assimiladas. — Parecem ter baixa estatura, mas é só impressão. Apesar de serem corcundas, quando corrigem a postura, alguns têm a nossa altura e outros são até mais altos. São fortes e rápidos, e enxergam bem no escuro. O maior problema é...

— Ainda tem um problema maior? — perguntou Royce.

— Tem sim. Engraçado. Acontece que os ghazel lutam em clãs; portanto, são organizados. Um clã é um grupo de cinco, integrado por um chefe, um guerreiro, um oberdaza, um exterminador e um atirador. De modo geral, o chefe não é tão exímio combatente quanto o guerreiro. E não pensem que um oberdaza ghazel é o mesmo que um oberdaza tenkin. A versão ghazel tem poderes mágicos, magia negra, e deve ser o nosso primeiro alvo. Eles não sabem que estamos cientes disso; assim, talvez tenhamos uma boa chance.

— Deixem esse comigo — anunciou Royce.

— O exterminador é o mais ágil do grupo, e a função dele é nos matar, enquanto o guerreiro e o oberdaza nos distraem. O atirador terá consigo um



trilon... a versão ghazel de um arco... e talvez atire facas também. É provável que ele fique perto do oberdaza. O trilon não é muito preciso, mas é rápido. A função do atirador é mais nos distrair do que nos matar. Convém manter o escudo voltado para o lado em que ele estiver.

— A gente vai contar com escudos? — perguntou Grady.

— Bem lembrado — disse Hadrian, e olhou para as armas disponíveis. — Não, não estou vendo escudo algum. Bem, vamos ver a coisa pelo seguinte ângulo: menos uma preocupação, certo? O clã é bem-organizado e experiente. Eles se comunicam por meio de estalidos da língua e meias palavras que para nós nada significarão, mas entenderão tudo o que dissermos. Vamos usar isso em nosso benefício.

— Como podemos vencer? — questionou Wyatt.

— Matando todos eles antes que eles nos matem.



O grupo passou a manhã treinando. Felizmente, todos eram iniciados em lutas. Wesley havia treinado com seu irmão, e provou ser um espadachim bem mais habilidoso do que Hadrian esperava. Grady era duro na queda e extremamente ágil. De todos, Wyatt foi o que mais impressionou. Sua habilidade com o sabre era notável, algo que Hadrian costumava denominar *experiência em extermínio*.

Hadrian demonstrou alguns golpes que poderiam ser utilizados dependendo da situação. A maioria daqueles golpes visava à obstrução de ataques múltiplos, por exemplo, ataques desferidos com presas e garras, algo que nenhum deles jamais havia confrontado. Além disso, ensinou-lhes a manejar o trilon fornecido por Erandabon, e todos praticaram disparos. Grady foi o que mais se destacou. Após o treino matinal, famintos, sentaram-se para comer.

— Então, qual é a nossa tática de luta? — perguntou Wyatt.

— Wesley e Grady ficam na retaguarda. Grady, você opera o trilon.

Grady se mostrou nervoso.

— Vou fazer o melhor possível.

— Tudo bem. Só não aponte para nós. Ignore a luta que estiver ocorrendo no centro da arena e dispare as flechas contra o oberdaza e o atirador. Mantenha os dois acuados o máximo que puder. Mesmo que você não os atinja, obrigue-os a ficar abaixados.

“Wesley, você dá cobertura a Grady. Wyatt, você e eu ficaremos à frente e vamos lutar com o guerreiro e o chefe. Lembre-se de dizer aquilo que combinamos e não se aproxime muito dele. Alguma pergunta?”

— E Royce? — perguntou Wyatt.

— Ele sabe o que deve fazer — declarou Hadrian, e Royce fez que sim. — Alguma coisa mais?

Se havia algo mais, ninguém disse; então, todos se acomodaram para um cochilo. Depois do treino, até Wesley conseguiu dormir.



A arena era grande, ovalada e aberta, cercada por um muro de pedras, por trás do qual se erguia uma arquibancada. Dois portões em lados opostos serviam de entrada para as equipes adversárias. Braseiros gigantescos, montados em cima de pilares, iluminavam a área. O campo de luta, a exemplo de tudo o mais no Palácio dos Quatro Ventos, estava um tanto abandonado. Blocos de pedra tinham se desprendido e rolado, e arbustos cresciam em volta dos pedregulhos. Perto do centro, uma poça rasa de lama havia se formado. Os restos de uma caixa torácica reluziam sinistramente à luz do braseiro, e um crânio fora espetado na ponta de uma lança fincada no solo.

Ao caminhar pela arena, Hadrian teve muitas recordações. O cheiro de sangue e os gritos da multidão reabriram uma porta que achava que havia fechado para sempre. Ele tinha apenas 17 anos na primeira vez que adentrara uma arena, mas seu treinamento era uma garantia de vitória. Era o mais bem preparado, o mais habilidoso, e a multidão o idolatrou. E ele derrotou adversário após adversário com facilidade. Homens maiores e mais fortes o desafiaram e tombaram. Confrontando duplas ou trios, o resultado era sempre o mesmo. A multidão entoava seu nome, Galenti — *matador*.

Hadrian viajara por toda a região de Cális, sendo apresentado à realeza, comparecendo a banquetes em sua homenagem e dormindo com mulheres a ele entregues como tributo. E divertia os anfitriões com demonstrações de talento e perícia. Aos poucos, as lutas se tornaram macabras. Uma série de homens fortes não tinha conseguido derrotá-lo. Então o fizeram confrontar ghazel e animais selvagens. Hadrian lutou com javalis, uma dupla de leopardos e, finalmente, com um tigre.

Matara inúmeros homens na arena sem pestanejar, mas o tigre, em Mandalin, fora a luta derradeira. Talvez o sangue por Hadrian previamente derramado se mostrara suficiente, ou talvez ele amadurecera e já não desejasse mais a fama. Ainda agora não sabia discernir, com certeza, entre a verdade e aquilo em que desejava acreditar. Fosse lá como fosse, tudo mudou quando o tigre foi morto.

Todos os homens por ele confrontados lutaram, mas não o felino. Ao ver a imponente fera agonizar, Hadrian, pela primeira vez, sentira-se um assassino. Nas arquibancadas, a multidão gritava *Galenti!*. O significado da palavra só foi assimilado por ele naquele momento. Finalmente, as palavras de seu pai o atingiram, mas Danbury morrera antes que Hadrian pudesse se desculpar. A exemplo do tigre, seu pai merecia sorte melhor.

Agora, enquanto ele avançava pela arena, a multidão voltava a gritar — *Galenti!* Urravam e batiam com os pés no chão, provocando um ruído semelhante a um trovão.

— Lembre-se, Sr. Wesley, fique na retaguarda e dê cobertura a Grady — avisou Hadrian no momento em que eles se reuniram, perto do local onde estava o crânio espetado.

O portão oposto foi aberto e os ba ran ghazel entraram na arena. Ao ver o susto estampado na fisionomia dos amigos, Hadrian percebeu que, a despeito da descrição por ele antes apresentada, não imaginavam a cena que se aproximava deles naquele momento. Todos já tinham ouvido histórias sobre goblins horrendos, mas ninguém esperava se deparar com um deles — muito menos cinco, avançando em armaduras completas e iluminados pelo brilho vermelho de tochas imensas.

Não eram humanos, animais, nem qualquer coisa que fosse remotamente conhecida. Não pareciam ser daquele mundo. Os movimentos eram tão rápidos que desafiavam a visão, e os músculos se flexionavam de modo absolutamente antinatural. Moviam-se pelo chão apoiados nos quatro membros. Em vez de caminhar, deslizavam, e suas garras estalavam nas pedras soltas no solo. Seus olhos faiscavam no escuro, como se estivessem acesos por dentro, um brilho macilento e amarelado que surgia detrás de uma pupila oval. Os músculos eram definidos em suas corcundas e os braços tinham a grossura da coxa de um homem. As bocas exibiam várias fileiras de presas afiadas como agulhas e protuberantes nas laterais, como se as mandíbulas não dispusessem de espaço suficiente para contê-las. O guerreiro e o chefe avançaram até o centro. Eram grandes e, mesmo curvados, eram mais altos que Hadrian e Wyatt. Atrás deles, o oberdaza, de estatura mais baixa, enfeitado com dezenas de penas multicoloridas, dançava e cantarolava.

— Pensei que fossem menores — sussurrou Wyatt para Hadrian.

— Não preste atenção. Eles estão inchados, como sapos... estão tentando intimidá-lo... querem que pense que não tem condições de vencê-los.

— E estão se saindo muito bem.

— O guerreiro é o da esquerda e o chefe é o da direita — avisou Hadrian.  
— Deixe o guerreiro para mim. Você fica com o chefe. Tente ficar à esquerda dele, mantenha os golpes abaixo da cintura e não se aproxime muito. Se você chegar perto demais, ele pode matar você. E cuidado com as flechas do atirador.

Uma flecha incendiária foi disparada de algum ponto do muro, atingindo o centro da arena; no mesmo instante, ouviu-se o rufar de tambores.

— É a nossa deixa — explicou Hadrian, então avançou ao lado de Royce e Wyatt.

O chefe ghazel e o guerreiro aguardaram por eles no centro. Cada um deles portava uma espada curta e curva e um escudo redondo. No momento em que Hadrian e Wyatt se aproximaram, eles começaram a emitir um som sibilante. Wyatt sacou o sabre, mas Hadrian, propositalmente, avançou com as armas ainda embainhadas. A atitude provocou um olhar de espanto em Wyatt.

— Esse é o meu jeito de me fazer de sapo.

Antes de chegarem ao centro da arena, Hadrian já não sabia o paradeiro de Royce, que se esgueirara por uma sombra além da luminosidade propiciada pelos braseiros.

— Quando a gente começa? — perguntou Wyatt.

— Espere o som da trompa.

O comentário foi ouvido pelo chefe, o que o fez sorrir. Ele e o guerreiro trocaram algumas palavras.

— Eles não entendem o que a gente fala, certo? — perguntou Wyatt, conforme tinha sido combinado.

— Claro que não — mentiu Hadrian. — São animais irracionais. Lembre-se: queremos que eles avancem para Royce poder surpreender o chefe por trás e matá-lo. Ele é o primeiro que precisamos matar. O líder. Sem ele, o grupo se desintegra. Recue durante o embate; ele vai avançar sobre você e vai direto para a armadilha.

Mais palavras trocadas entre o chefe e o guerreiro.

Mais duas flechas incendiárias assobiaram e se fincaram no solo.

— Prepare-se — sussurrou Hadrian; então, lentamente, sacou duas espadas.



Uma trompa soou na arquibancada.

Wesley viu Hadrian e o guerreiro trocarem golpes, metais tinindo. Wyatt, no entanto, recuou como um dançarino, o sabre em riste. O chefe ficou parado, farejando o ar.

Grady disparou a primeira de suas flechas, apontando para o monte de penas dançantes, mas errou feio.

— Droga! — praguejou ele, apressando-se para encaixar outra seta no arco.

— Mire mais baixo — rosnou Wesley.

— Eu nunca disse que era arqueiro, disse?

Algo assobiou, invisível, pela orelha de Wesley. Grady tinha feito um segundo disparo. A flecha atingiu o solo antes do alvo, perto do local onde Wyatt ataçava o chefe, na tentativa de fazer com que ele o seguisse.

Mais um assobio.

— Acho que eles estão disparando setas contra nós — falou Wesley, virando-se no momento em que Grady tombava, com uma flecha negra cravada no peito. Estirado no chão, Grady tossia e esperneava, tentando alcançar a flecha com as mãos. Então seus dedos perderam a força, e suas mãos penderam inertes. Ele se debateu na terra, cuspiendo sangue, mal conseguindo respirar. Uma terceira flecha assobiou e atingiu a bota de Grady. Ele tentou encolher a perna, mas o pé estava pregado no chão.

Apavorado, Wesley o viu estremecer e então ficar imóvel.



Royce já estava perto do oberdaza quando a trompa soou. O tinido do metal o alertou que a luta começara. Ele havia circundado um dos blocos de pedra caídos, tentando se posicionar atrás do curandeiro, quando percebeu algo estranho no ar. A brisa se tornara instável, com lufadas, em vez de sopros contínuos. Um olhar de relance para a arena revelou a presença de apenas quatro ghazel: o chefe, o guerreiro, o oberdaza e o atirador. Royce se abaixou exatamente a tempo de evitar ser degolado. Deu meia-volta e desferiu um golpe com Alverstone. Mas não pôde ver coisa alguma. Por instinto, esquivou-se para a direita. Algo abriu um talho em sua capa. Ele deu uma cotovelada para trás e sentiu um impacto sólido, carnudo. Novamente, não viu coisa alguma. Completou o giro, sem enxergar.

No centro da arena, Hadrian lutava com o guerreiro enquanto Wyatt atiçava o chefe, que ainda relutava em segui-lo. O atirador disparava seta após seta. A seu lado, o oberdaza dançava e cantava.

Por intuição, Royce se moveu mais uma vez, porém o fez tarde demais. Braços fortes e pesados o agarraram, e o peso de um corpo o empurrava para a frente. Seus pés escorregaram e ele caiu na terra manchada de sangue. Ele se virou e desferiu golpes com o punhal, mas a lâmina cortava apenas o ar. Garras tentavam imobilizá-lo, mas ele se contorcia, como uma cobra, impedindo que o agressor o prendesse. Golpeou a sombra inúmeras vezes, sem conseguir atingi-la. Então sentiu o bafo quente do exterminador ghazel.



O golpe aplicado por Hadrian resvalou no escudo do ghazel. Ele brandiu a outra espada, mas o ataque foi bloqueado com destreza. O guerreiro era habilidoso. Hadrian não esperava encontrar tamanha habilidade. Ele era

forte e rápido; porém, o mais importante, o mais assustador, era que o ghazel conseguia antecipar, com perfeição, as investidas de Hadrian. O guerreiro desferiu uma estocada, no entanto Hadrian se esquivou, recuando e se movendo para a esquerda. O ghazel bateu com o escudo no rosto dele, pois iniciara o golpe antes que Hadrian se virasse. Era como se o adversário pudesse ler sua mente. Hadrian cambaleou para trás, distanciando-se do ghazel para recuperar o fôlego.

Na arquibancada, a multidão vaiava, expressando sua insatisfação com a performance do Galenti. Ao lado de Hadrian, Wyatt ainda tentava ludibriar o chefe. O ardil permitira ao timoneiro ganhar um pouco de tempo. O chefe estava com medo de Royce, e hesitava em partir para a luta, mas a situação não perduraria muito tempo. Hadrian precisava acabar logo com o adversário, mas àquela altura sequer tinha certeza se seria capaz de derrotá-lo.

O guerreiro avançou e desferiu um golpe. Hadrian girou para a esquerda. Mais uma vez, o ghazel se antecipou ao movimento e abriu um talho no braço de Hadrian, que cambaleou e se protegeu detrás de um bloco de pedra, mantendo o obstáculo entre si e o oponente.

A multidão vaiava e batia com os pés no chão.

Alguma coisa estava errada. A habilidade do guerreiro tinha limite. Seu estilo era falho, os golpes careciam de perícia, e, no entanto, estava vencendo. O guerreiro tornou a atacar. Hadrian deu um passo atrás, mas prendeu o pé numa pedra e tropeçou. Novamente, o ghazel pareceu prever a situação e pôde dar um pontapé que lançou Hadrian ao chão.

Ele ficou deitado de costas. O guerreiro deu um grito de vitória e ergueu a espada, preparando-se para desferir um golpe mortal. Hadrian se preparou para uma finta à esquerda, a fim de escapar do golpe, mas, ainda com o pensamento firme na intenção de se mover, no último segundo ficou onde estava. O golpe do guerreiro rachou a terra, precisamente no local onde Hadrian estaria.





Grady já estava morto e ainda choviam flechas.

Wesley ficou abalado. Falhara em sua missão. Sem saber o que fazer, pegou o trilon, encaixou uma seta e disparou. Wesley não era arqueiro. Em vez de partir em linha reta, a seta vibrou, freneticamente, e caiu no chão menos de 5 metros adiante.

No centro da arena, Hadrian tentava se esquivar do adversário, e o chefe finalmente resolvera confrontar Wyatt. Royce estava longe, caído no solo, lutando com algo invisível, perto do local onde o oberdaza dançava e cantava.

A coisa não estava saindo conforme planejada. Grady estava morto, e Hadrian... Wesley viu o guerreiro levantar a espada para desferir o golpe fatal.

— Não! — gritou Wesley.

No mesmo instante, a dor aguda e explosiva de uma flecha atravessou seu ombro direito e ele caiu de joelhos.

O mundo girou. Seus olhos ficaram turvos. Com dificuldade de respirar, trincou os dentes, a escuridão se instalando nos cantos de sua visão. Em seus ouvidos, surgiu um silêncio ensurdecedor, engolindo o ruído da multidão.

O oberdaza! A lembrança das instruções dadas por Hadrian veio a sua mente. *A versão ghazel tem poderes mágicos, magia negra, e deve ser o nosso primeiro alvo.*

Wesley agarrou o cabo da espada, resistindo, esforçando-se para não perder os sentidos. Deu ordens às pernas para que o levantassem. Tremendo, cambaleando, elas obedeceram. O coração ficou menos acelerado e a respiração se tornou mais profunda. O mundo voltou a ter foco, e o rugido da multidão foi ouvido novamente.

Wesley olhou para o outro lado da arena, fitando o curandeiro. Contemplou o trilon, mas sabia que não poderia usá-lo. Tentou erguer a

espada, porém o braço direito não se mexeu. Transferiu a arma para a mão esquerda. A sensação da empunhadura era estranha, mas vigorosa. Ouvindo as batidas de seu próprio coração, avançou, de início lentamente, no entanto acelerou a cada passo. Outra flecha assobiou. Ele a ignorou e começou a correr. Seus pés batiam no chão molhado e lamacento. Ele trazia a espada erguida como uma bandeira. O chapéu voou longe e os cabelos esvoaçaram na brisa.

Outra seta se fincou no chão a um passo adiante dele. Sentiu uma dor estranha, como se algo o puxasse para trás, e se deu conta de que o vento soprava contra as penas da flecha cravada em seu ombro. Seu alvo era o curandeiro dançarino.

Valendo-se de sua visão periférica, viu o atirador largar o arco e correr em sua direção, sacando uma espada. Tarde demais. Faltavam poucos passos. O oberdaza dançava e cantava de olhos fechados, e não viu o avanço de Wesley, que em momento algum se deteve. Wesley sequer se deu ao trabalho de desacelerar o ritmo da investida. Apenas baixou a ponta da lâmina, como uma lança, e ainda aumentou a velocidade — como se estivesse numa justa igual a seu célebre irmão —, um combate com lanças a pé. Novamente a escuridão se abatia, turvando sua visão. Suas forças se esvaíam junto ao sangue.

Wesley atropelou o oberdaza. Os dois colidiram, produzindo um baque surdo. Deslizaram juntos, então caíram um para cada lado. A espada de Wesley já não estava em suas mãos. A flecha fincada em seu ombro se quebrara. Na boca ele sentia gosto de sangue, enquanto jazia de bruços no solo, tentando se levantar. Uma dor quente explodiu em suas costas, mas logo desapareceu, pois ele foi engolido pela escuridão.



Royce se contorcia, mas não conseguia escapar das garras que retalhavam sua carne na tentativa de roubar Alverstone. Ele não tinha como conter a sombra, cujo corpo era etéreo e escorregadio, como se só existisse onde assim lhe conviesse. Quando Royce conseguia pegá-la, a sombra se dissolvia.

Presas o arranhavam enquanto o ghazel tentava rasgar sua garganta. Royce sempre tinha a intuição de se mexer na hora exata. Na terceira tentativa, arriscou uma violenta cabeçada. Ouviu-se um baque e ele sentiu a dor, mas conseguiu escapar das garras.

Olhando em volta, constatou que o exterminador continuava invisível.

De relance, Royce tinha visto Wesley correndo pela arena, com a espada em punho, então se esquivara de mais uma investida. Havia evitado o golpe, mas fora ao chão. E, mais uma vez aquele grande peso se abatera sobre ele. Dessa vez as garras tiveram êxito. As garras traseiras pegaram as pernas de Royce, imobilizando-o, esticando seu corpo, mantendo-o numa posição vulnerável. Mais uma vez ele sentiu o bafo quente.

Perto dali, ouviu-se o ruído de um impacto e uma explosão de penas.

Subitamente, Royce viu dois olhos amarelos, redondos e faiscantes, a poucos centímetros de seus próprios olhos. Presas encharcadas de saliva babavam sobre ele.

— *Ad haz urba!* — balbuciou a criatura.

Alverstone ainda estava na mão de Royce. Bastaria um pequeno movimento com o pulso. Ele cuspiu nos olhos do ghazel e se contorceu. Como se cortasse uma fruta madura, a lâmina decepou a mão da criatura. Com um uivo, o exterminador perdeu o ponto de apoio e caiu para a frente. Royce o fez rolar de costas, valendo-se de ambas as mãos para conter as garras da mão que sobrara e, com os joelhos, imobilizou o ghazel. O exterminador continuou a se debater, rosnar e espernear. Royce cortou a outra mão do goblin, e a fera berrou de dor, até Royce cortar sua cabeça.



De repente o guerreiro ghazel cambaleou, embora Hadrian não tivesse tocado nele. Observando à devida distância, Hadrian se mantinha a cerca de 2 metros, mas o guerreiro oscilou visivelmente, como se tivesse sido atingido. O ghazel parou, a confiança escapando por seus olhos, e titubeou.

Hadrian olhou por cima do ombro e avistou o corpo de Grady, mas não viu Wesley. Olhando por cima do ombro do adversário, localizou-o caído no chão. Ao seu lado, jazia o oberdaza, o sabre do aspirante enterrado no peito. Enquanto Hadrian olhava, o atirador apunhalou Wesley pelas costas.

— Wesley! Não! — gritou ele.

Então os olhos de Hadrian encararam o guerreiro que estava diante dele.

— Tomara que você possa ler os meus pensamentos agora! — disse ele, sacando ambas as espadas.

Um ar de perplexidade se instalou no semblante do guerreiro quando ele viu Hadrian sacar também a espada longa que carregava às costas. Aproveitando a oportunidade, o guerreiro atacou. Hadrian interceptou o golpe e a espada longa retiniu. Na sequência, fintou um contragolpe, mas o ghazel conseguiu se esquivar, embora tivesse perdido o equilíbrio. Hadrian continuou a girar, completando o golpe, mantendo a lâmina à altura da cintura. O goblin não tinha como escapar, e a grande espada o cortou ao meio.

Enquanto isso, Wyatt lutava contra o chefe, e as espadas retiniam como sinos a cada novo impacto. Golpes em sequência empurravam Wyatt para trás, até que Hadrian pôde enfiar a espada longa entre as omoplatas do chefe.

Produzindo um ruído semelhante a uma rajada de vento, a multidão se pôs de pé, gritando e aplaudindo.

Dando meia-volta, Hadrian viu Royce ao lado do corpo inerte de Wesley. O atirador jazia ao seu lado. Hadrian correu em direção a eles enquanto Wyatt examinava Grady.

Numa resposta muda ao olhar de Hadrian, Royce balançou a cabeça.

— Grady também está morto — anunciou Wyatt ao se aproximar deles.  
Ninguém abriu a boca.

Os portões se escancararam e Erandabon entrou, exibindo um largo sorriso. Poe e Dering o seguiam. Dering fitou o corpo de Grady. Erandabon ergueu os braços em direção à arquibancada como um herói vitorioso, e a multidão gritou mais alto. Radiante, extasiado, aproximou-se dos vencedores.

— Excelente! Excelente! Erandabon está muito satisfeito!

Hadrian deu um passo à frente.

— Nós queremos o barco *agora*. Se tiver tempo para pensar, juro que vou despachá-lo para Uberlin eu mesmo!

## CAPÍTULO 20

### A TORRE



Modina observava enquanto Arista, sentada no chão do quarto, no centro de um círculo riscado com giz, queimava fios de cabelo. Juntas, examinavam o movimento da fumaça.

— Que cheiro horrível é esse? — perguntou Amilia, entrando no quarto seguida por Nimbus e abanando uma das mãos diante do rosto.

— Arista está lançando um feitiço para localizar Gaunt — explicou Modina.

— Ela está praticando magia... aqui? — questionou Amilia, atônita, então perguntou: — Funcionou?

— Mais ou menos — respondeu Arista, com um tom de voz nitidamente frustrado. — Ele está em algum lugar a nordeste daqui, mas não estou conseguindo precisar o local. Esse é sempre o problema.

Amilia se contraiu e seu olhar se dirigiu a Nimbus, com uma expressão acusatória.

— Eu não abri o bico — declarou ele.

Amilia perguntou a Arista:

— Se encontrar Degan Gaunt, qual é a sua intenção?

— Ajudá-lo a fugir.

— Ele é o general de um exército pronto para nos atacar — falou Amilia, voltando-se para Modina. — Não vejo por que você quer ajudá-la...

— Não pretendo devolvê-lo ao exército que ele comanda — interrompeu Arista. — Preciso que ele me ajude a encontrar uma coisa... uma coisa que somente o Herdeiro de Novron é capaz de localizar.

— Quer dizer que você e Gaunt vão embora daqui?

— Sim — decretou Arista.

— E se vocês forem presos? Você vai trair a imperatriz, revelando a ajuda que ela lhe prestou?

— Não, claro que não. Eu jamais faria algo que pudesse prejudicá-la.

— Por que essa pergunta, Amilia? — indagou Modina, olhando para ela, depois para Nimbus e voltando a olhar para Amilia. — O que você sabe?

Amilia hesitou por um momento, então falou:

— Tem um seret de guarda na torre norte.

— Não conheço este palácio. Há algo estranho nesse fato? — perguntou Arista.

— Não há nada que precise ser guardado naquela torre — explicou Amilia. — A torre é uma prisão, mas não há prisioneiro algum nas celas. No entanto, ontem à noite, vi dois guardas levarem um caldeirão de sopa para lá.

— Para os guardas que estavam de serviço?

— Não — retrucou Amilia —, eles levaram a sopa para a torre. Eu cheguei menos de cinco minutos depois. A sopa havia sumido, com caldeirão e tudo.

Arista se levantou.

— Estavam levando comida para algum prisioneiro, mas você disse que não tem ninguém naquelas celas. Você tem certeza?

— Absoluta. Todas as portas estavam abertas e todas as celas estavam vazias. E, pelo jeito, as celas estavam vazias já há algum tempo.

— Preciso entrar naquela torre — declarou Arista. — Quero queimar os fios de cabelo dentro de uma das celas vazias. Se ele estiver perto, pode haver alguma indicação.

— Não existe a menor possibilidade de você entrar naquela torre — avisou Amilia. — Você precisaria passar pelo tal cavaleiro. A secretária da imperatriz pode ter passado por ele, mas duvido que a Bruxa de Melengar, fugitiva procurada, conseguisse realizar esse feito.

— Aposto que Saldur pode entrar e sair de lá sem ser questionado, não?

— Claro, mas você não é ele.

Arista sorriu e se dirigiu ao tutor:

— Nimbus, tenho uma carta aqui para Hilfred e outra para o meu irmão. Escrevi na eventualidade de algo acontecer comigo. Quero deixá-las com você, agora, por garantia. Só entregue as cartas se tiver certeza de que não vou voltar.

— Claro — afirmou ele, fazendo uma reverência.

Amilia arregalou os olhos.

Arista entregou as cartas a Nimbus e, sem motivo aparente, deu-lhe um beijo na face.

— Só peço que, quando você for presa, não envolva Modina nessa questão — precaveu Amilia, retirando-se acompanhada de Nimbus.

— O que você pretende fazer? — perguntou Modina.

— Algo que nunca tentei antes, algo que nem sei se vou conseguir. Modina, eu não sei o que vai acontecer. Talvez eu faça algumas coisas estranhas. Por favor, ignore os meus atos e não interfira, está bem?

Modina concordou.



Arista se ajoelhou e estendeu o vestido a sua volta. Respirou fundo, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Em seguida, respirou fundo novamente e ficou imóvel, assim permanecendo durante um bom tempo, respirando lentamente, sempre no mesmo ritmo. Abriu as mãos e ergueu os braços, como se eles estivessem flutuando, suspensos por linhas invisíveis ou por correntes de ar ascendente. Então começou a balançar o corpo devagar, de um lado para outro, os cabelos acompanhando seus movimentos. Logo em seguida, passou a entoar um cântico. Do cântico surgiu uma melodia, e da melodia surgiram palavras que Modina não compreendia.

Então Arista começou a brilhar. A cada palavra a luminosidade se tornava mais intensa. Seu vestido ficou absolutamente branco, sua pele ficou translúcida. Pouco depois, a luz era tão forte que Modina, sem conseguir continuar observando, desviou o olhar.

A luz apagou.

— Funcionou? — perguntou Modina. Em seguida, voltou a olhar para Arista e tomou um susto.



Quando Arista abriu a porta, o guarda disse, surpreso:

— Vossa Excelência, não vi o senhor entrar!

— Então você precisa ficar mais atento! — exclamou Arista, espantada com o som da própria voz; tão familiar e, ao mesmo tempo, tão diferente.

O guarda fez uma reverência.

— Sim, Vossa Excelência, ficarei. Obrigado, Vossa Excelência.

Arista desceu a escada às pressas, insegura e receosa, levando um punhado de fios de cabelo na mão esquerda e um pedaço de giz na mão direita. Sentia-se exposta, caminhando livremente pelos corredores depois de passar tanto tempo escondida. Não sentia nada diferente. Somente

quando olhava para suas mãos e suas vestes percebia que o feitiço havia funcionado. Usava a indumentária imperial e suas mãos eram as de um velho, com anéis grossos e espalhafatosos. Todos os criados e guardas pelos quais passava diziam, com todo respeito, em voz baixa:

— Boa tarde, Vossa Excelência.

O fato de ela ter crescido perto de Saldur, que era quase como um tio, ajudou — Arista conhecia cada traço daquele rosto, cada gesto e o timbre daquela voz. Certamente não poderia pôr em prática aquele tipo de ilusão com Modina, Amilia ou Nimbus, mesmo se estivesse diante deles, copiando cada detalhe. Era preciso algo mais — ela *conhecia* Saldur.

Quando chegou ao primeiro andar do palácio, já se sentia mais confiante. Restavam duas preocupações. E se ela se deparasse com o verdadeiro Saldur? E quanto tempo duraria o feitiço? Arriscando uma prática que com certeza abrangia técnicas avançadas de magia, trabalhara totalmente por intuição. Arista sabia o que queria, e tinha uma vaga ideia dos procedimentos, mas o desfecho decorrera mais do acaso do que de suas habilidades. Muita coisa na magia dependia de intuição e sutileza. Agora começava a compreender isso, e não podia deixar de sentir certa satisfação.

Diferente das façanhas realizadas no passado, aquilo era totalmente novo, algo que ela sequer sabia que era possível. Lançar um encantamento sobre si mesma era um prospecto assustador. E se houvesse regras contrárias a esse tipo de coisa? E se as fontes da Arte proibissem tal prática e impusessem castigos a quem desobedecesse? Se a situação não fosse desesperadora, jamais teria se arriscado. Contudo, por ter conseguido fazer e por ter sido bem-sucedida, sentia-se realizada. Arista inventara aquilo. Talvez mago algum houvesse realizado algo semelhante!

— Vossa Excelência! — exclamou Edith Mon, pega de surpresa, surgindo num cruzamento de corredores onde quase se esbarraram. Edith trazia nos braços uma pilha de lençóis, que por pouco não caíram no chão. — Desculpe-me, Excelência! Eu... Eu...

— Não se preocupe, minha cara.

A expressão “minha cara” ao final da frase saiu inconscientemente. Foi absolutamente natural e acertada. Ao ouvi-la, Arista sentiu um arrepio de satisfação, o que comprovou o tom correto em que as palavras foram pronunciadas. O feitiço seria divertido, não fosse o medo mortal.

Uma ideia passou pela cabeça de Arista.

— Fui informado de que você tem tratado mal seus subordinados.

— Vossa Excelência? — perguntou Edith, parecendo nervosa. — Eu... Eu não sei do que o senhor está falando.

Arista se inclinou sobre ela, com um sorriso que, por experiência própria, ela sabia ser extremamente intimidador, justamente por parecer amável e afetuoso.

— Você não vai mentir para mim, vai, Edith?

— Oh, não, senhor.

— Eu não gosto disso, Edith. Não gosto mesmo. Esse tipo de atitude provoca insatisfação entre a criadagem. Se você não parar com isso, vou ser obrigado a descobrir um jeito de corrigir seu comportamento. Entendido?

Os olhos de Edith se arregalaram. Ela fez que sim com tanta tensão que sua cabeça parecia estar travada.

— Vou observar você. Vou observar você *bem* de perto.

Dito isso, Arista deixou Edith paralisada no meio do corredor, agarrada à pilha de lençóis.

Os guardas à entrada fizeram uma reverência e abriram a porta para ela. Uma vez do lado de fora, Arista aguçou os sentidos, atenta a qualquer tipo de problema. Sentiu o aroma dos pães assando nos fornos da padaria. À esquerda um menino rachava lenha, e mais adiante dois rapazes limpavam o estábulo, colocando esterco numa carroça, sem dúvida para ser utilizado na horta. O ar da tarde estava frio, e o esterco soltava vapor. A respiração de Arista formava pequenas nuvens enquanto ela caminhava entre o galinheiro de alvenaria e o que restava da horta.

Ao chegar à torre norte, ela abriu a porta e entrou. Um cavaleiro seret, carregando uma espada de aspecto mortal pendurada no cinto, montava guarda. Ele nada disse e ela tampouco falou enquanto olhava ao redor.

A torre tinha um formato cilíndrico, com janelas arqueadas, por onde a luz entrava e refletia sobre o piso de pedra encerada. Uma estrutura alta em forma de arco marcava a entrada da escada em espiral. Do outro lado da escada, uma pequena lareira fornecia calor para os guardas. Coberto de teias de aranha, um banco de madeira ficava posicionado diante de uma pequena mesa vazia. O único elemento incomum eram as pedras das paredes. Os blocos toscamente cinzelados que compunham a parte superior da torre eram de um tom mais claro que as pedras bem-acabadas e mais escuras visíveis nas camadas inferiores.

O cavaleiro parecia um tanto constrangido diante do silêncio de Arista.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou ela, arriscando a pergunta mais natural possível.

— Sim, Vossa Excelência! — respondeu ele com entusiasmo.

— Muito bem — disse ela, dirigindo-se despreocupadamente à escada e começando a subir. Olhou para trás, a fim de ver se o guarda a seguiria, mas ele ficou onde estava, sem sequer olhar para ela.

Arista subiu um lance da escada e se deteve em frente à primeira cela cuja porta estava aberta. Confirmando a informação de Amília, a cela parecia abandonada. Após se certificar de que a porta da cela não ficaria travada, ela a fechou cautelosamente. Em seguida ajoelhou-se e, sem perder tempo, desenhou o círculo e as runas.

Colocou no chão os fios de cabelos louros, alinhando-os em fileiras. Juntou e torceu vários pedaços de palha, formando uma espécie de pavio. Quando repetiu as palavras anteriormente pronunciadas, instantaneamente a palha pegou fogo, formando uma pequena tocha. Recitou o feitiço usado para localizar pessoas e encostou a chama num dos fios de cabelo, que virou brasa e logo se transformou em cinzas. Arista procurou a fumaça, mas não

havia nada. Confusa, olhou ao redor da cela. Olhou então para a fumaça que saía da palha. Ela subia verticalmente. Não havia vento nem qualquer corrente de ar na cela.

Fez outra tentativa, queimando o segundo fio de cabelo, mas dessa vez apagou o fogo da palha, supondo que a fumaça por ela criada pudesse estar atrapalhando o processo. Então lançou o feitiço diretamente ao fio de cabelo, seguido pelas palavras do encantamento destinado a localizar pessoas. O fio virou cinzas, sem produzir o menor vestígio da conhecida fumaça.

Algo na torre impedia o funcionamento do feitiço? Seria algo similar ao que ocorria no cárcere onde Esrahaddon tinha ficado detido? Naquela situação, o Antigo Império havia inscrito runas complexas nas paredes, bloqueando o uso de magia. Ela olhou ao redor de si. Nada havia nas paredes.

*Não, pensou ela, eu não conseguiria lançar o feitiço de fogo se fosse esse caso. Além disso, meu disfarce de Saldur teria se desfeito no momento em que entrei aqui.*

Baixando os olhos, constatou que só restava um fio de cabelo. Pensou em se transferir para outra cela, mas então se deu conta da resposta. Recitando o encantamento mais uma vez, pegou o último fio de cabelo, segurou-o entre os dedos e o queimou.

*Aqui está!*

A fumaça apareceu totalmente branca e escorregou entre seus dedos como um fio de água. Continuou a cair, até tocar no chão, onde desapareceu imediatamente.

No meio da cela, Arista tentava decifrar o significado daquilo. De acordo com a fumaça, Gaunt estava bem próximo, exatamente abaixo dela, porém, não havia coisa alguma abaixo dela. Pensou na portinhola da lareira, mas concluiu que a abertura era muito pequena. Nada havia abaixo, exceto — o guarda!

Arista teve um sobressalto.

Voltou a examinar as mãos, certificando-se de que a pele enrugada e os anéis feiosos ainda estavam lá, e desceu a escada até a base da torre. O guarda continuava de pé, como uma estátua, o elmo cobrindo todos os traços de seu rosto.

— Retire o elmo — ordenou ela.

O cavaleiro hesitou durante um momento, então obedeceu.

Ela reconheceria Degan Gaunt perfeitamente bem com base na imagem surgida em Avempartha. No momento em que o sujeito removeu o elmo, as esperanças dela acabaram. Aquele não era o homem que vira na torre dos elfos.

Esquecendo-se do disfarce, Arista suspirou de um modo que Saldur jamais teria feito.

— Há algo errado, Vossa Excelência?

— Ah, não, não — respondeu ela rapidamente, então se preparou para ir embora.

— Posso garantir, senhor, que eu nada disse a ela sobre o prisioneiro. Nem uma palavra sequer.

Arista parou e deu uma brusca meia-volta, fazendo seu manto rodopiar majestosamente. O movimento dramático produziu no guarda um impacto visual e ela finalmente entendeu por que Saldur sempre fazia aquilo.

— Você tem certeza?

— Sim! — declarou ele, mas um quê de dúvida surgiu em seu semblante.

— Ela disse o contrário? Se disse, está mentindo.

Arista se manteve calada, mas continuou a encará-lo. A postura não era intencional. Ela apenas tentava decidir como proceder. Não sabia ao certo como formular a pergunta que faria o cavaleiro falar sem suspeitar da situação. Enquanto o encarava, pensando no que dizer, o cavaleiro sucumbiu ao seu olhar.

— Tudo bem, eu ameacei sacar a espada, mas não o fiz. Fui muito cauteloso. Só saquei a espada até a metade. A ponta nunca saiu da bainha, eu

juro. Só queria amedrontá-la. Foi assim — relatou o cavaleiro, sacando parcialmente a espada. — Está vendo? Nada.

O olhar de Arista logo se deteve na grande esmeralda engastada no cabo da espada, e precisou morder a língua para se conter. Tudo fazia sentido. Só faltava descobrir uma coisa. A pergunta era arriscada, mas valia a pena, pensou ela.

Arista indagou:

— Degan gostou da sopa?

Ela prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

— Ele tomou tudo, mas eles nunca gostam.

— Muito bem — concluiu ela, e se retirou.

Quando Arista voltou, Modina não disse uma única palavra. Após recebê-la, a imperatriz se limitou a observá-la atentamente. Arista começou a rir, então avançou e lhe deu um abraço inesperado.

— Nós o encontramos!

## CAPÍTULO 21

# DRUMINDOR



Guiados por um guerreiro tenkin que caminhava com extrema rapidez, os poucos sobreviventes da tripulação do *Tempestade de Esmeralda* desceram do Palácio dos Quatro Ventos, passando por uma série de cavernas úmidas, até chegarem à base de um penhasco enegrecido, onde as ondas batiam contra as pedras. Numa pequena enseada, uma pequena chalupa os aguardava. Menor e mais estreita do que o navio dos dacca, a chalupa tinha dois tombadilhos, mas apenas um mastro. Rapidamente Wyatt examinou o barco, declarando-o seguro, e Poe verificou as provisões, constatando a existência de um estoque suficiente para uma viagem de um mês.

Sem mais delongas, embarcaram. Poe e Hadrian içaram a âncora enquanto Wyatt manejava o timão. Dering e Royce subiram no mastro e soltaram a bujarrona, que se inflou muito bem. A força do vento, assim que passaram do pontal, era tão intensa que a chalupa deu um solavanco, derrubando Poe no chão. Ele se levantou e foi até a proa.



— Vejam só. Estão por toda parte — avisou ele, apontando para as centenas de velas negras que fervilhavam pelo porto como um enxame de abelhas.

— Só espero que nos deixem passar — falou Dering.

— Nós vamos passar — assegurou Hadrian.

Hadrian estava sentado sobre um barril, brincando com o chapéu de Wesley. Ele se recusara a deixar os corpos de Wesley e Grady em poder de Erandabon. Os corpos foram trazidos a bordo para um funeral marítimo. Hadrian tinha ficado com o chapéu de Wesley, sem nem mesmo saber por quê.

— Ele foi um bom homem — declarou Royce.

— É, foi mesmo.

— Ambos foram — acrescentou Dering.

Não era fácil navegar a chalupa com apenas cinco homens, mas o número de tripulantes ficaria ideal quando pegassem Banner e Greig em Dagastan. O barco era veloz, e eles estavam confiantes de que chegariam a tempo em Tur Del Fur. Parecia que a frota dos tenkin e dos ghazel ainda estava sendo formada.

— Jacob, ajuste a vela dianteira — pediu Wyatt, com firmeza, dominando o timão do barco. — E que todos fiquem alertas. Estamos no arquipélago de Ba Ran, e isto aqui não é lugar para marujo lento.

No momento em que deixaram a enseada, todos entenderam a advertência de Wyatt. A partir dali, o mar era uma torrente com rochas banhadas por ondas e ilhotas com pedras pontiagudas. Dentre a neblina surgiam grandes rochedos, e recifes de coral submersos espreitavam em emboscadas. Correntes fluíam aleatoriamente, ondas traiçoeiras estouravam sem aviso, e por toda parte as águas escuras fervilhavam com triângulos de velas negras — todas marcadas com um desenho branco que fazia lembrar um crânio. Os navios dos ghazel os avistaram no instante em que

ultrapassaram o pontal. Cinco barcos mudaram de curso subitamente e foram em direção à chalupa.

Voando por cima das ondas, os navios negros dos baran ghazel faziam o barco dos dacca parecer uma balsa incompetente e lenta.

— Exibam logo a maldita insígnia! — gritou Wyatt, mas Royce já içava a bandeira negra com as marcas brancas, longas e finas.

Seguiu-se um breve momento de tensão em que Hadrian ficou observando as velas que se aproximavam. Ele começava a se culpar por ter confiado em Erandabon Gile, mas, depois que a insígnia foi içada, as velas se desviaram como um cardume de tubarões, retomando o curso anterior.

Wyatt se manteve firme ao timão, até a chalupa estar no curso direto para Dagastan, e disse a Royce para ficar no topo do mastro, vigiando os recifes. Após isso ninguém mais falou, exceto Royce, que anunciava obstáculos, e Wyatt, que expedia ordens. Em poucas horas já haviam ultrapassado a derradeira ilhota rochosa, deixando para trás o arquipélago e as velas negras. A pequena chalupa passou a navegar serenamente à medida que entrava nas águas do mar de Ghazel.

A tripulação relaxou. Wyatt manteve o curso. Encostando-se na balaustrada, ele esticou a mão, pegou um pouco de espuma do mar e a esfregou no rosto enquanto contemplava o oceano aberto. Hadrian se sentou ao lado dele, cabisbaixo, manuseando o chapéu de Wesley.

Erandabon tinha enviado um mensageiro para falar com Hadrian no momento em que eles saíam da arena. A busca por Allie havia sido infrutífera. Já fazia várias semanas que os últimos carregamentos foram entregues aos ghazel. Ele sabia que as fêmeas, sobretudo as mais jovens, eram consideradas verdadeiros petiscos. Ela estava morta, provavelmente devorada por algum goblin importante que saboreara o banquete, mantendo a jovem viva pelo máximo de tempo possível. Para os ghazel, gritos eram um acompanhamento do prato principal.

Hadrian suspirou.

— Wyatt... Eu tenho que contar uma coisa a você... Allie...

Wyatt esperou.

— Como parte do trato, pedi a Gile que investigasse o paradeiro de sua filha. O resultado não foi bom. Allie está morta.

Wyatt se virou novamente para o oceano.

— Você... Você fez com que isso fosse parte do trato? Uma busca pela minha filha?

— Sim... Gile ficou meio aborrecido, mas...

— E se ele tivesse se recusado?

— Eu não aceitaria a resposta.

— Mas ele poderia ter matado todos nós.

Hadrian fez que sim.

— Ela é sua filha. Se eu achasse que ela estava viva, acredite, Royce e eu sairíamos atrás dela, mesmo que para isso fosse preciso voltar às ilhas Ba Ran, mas... Bem. Sinto muito. Eu gostaria de ter feito alguma coisa mais — disse ele, olhando para o chapéu que tinha em mãos. — Eu gostaria de ter feito muito mais.

Wyatt concordou.

— Ainda podemos salvar Tur Del Fur — comentou Hadrian. — E não teríamos a chance de fazer isso sem você. Se tivermos sucesso, ela não terá morrido em vão.

Wyatt se virou para Hadrian. Abriu a boca, mas se deteve, então voltou a contemplar o mar.

— Eu sei — declarou Hadrian, ainda brincando com o chapéu de Wesley.  
— Eu sei.



Greig e Banner ficaram satisfeitos em revê-los. As noites passadas no pequeno barco dacca estavam ficando cada vez mais frias, e as provisões se tornando cada vez mais escassas. Eles já haviam recorrido à venda de redes e velas para poder comprar mantimentos. Acabaram vendendo o próprio barco dacca, considerando que o navio tenkin era bem mais rápido e já estava carregado.

Wyatt direcionou a proa à terra natal, valendo-se dos fortes ventos do outono. Quanto mais se aproximavam de casa, mais baixas as temperaturas ficavam. As correntes do sul, que contribuía para aquecer Cális, não chegavam a Delgos, e em pouco tempo o vento se tornou cortante. Uma breve chuva deixou uma camada de gelo nas velas e na balaustrada do convés.

Wyatt se manteve firme ao timão, recusando-se a dormir, e estava quase a ponto de perder os sentidos. Hadrian concluiu que, não tendo conseguido salvar Allie, Wyatt decidira salvar Delgos. Ele achava que, de certo modo, todos tomaram tal decisão. Muita gente boa havia morrido naquela viagem, e todos sentiam a necessidade de fazer com que o sacrifício não tivesse sido em vão. Até Royce, que novamente sofria com enjoo, escalou o mastro da bujarrona e trocou a bandeira ghazel pelo chapéu de Wesley.

Relataram a Greig e Banner os eventos das semanas anteriores, bem como os planos de Merrick, e explicaram a necessidade de alcançar Drumindor antes da lua cheia. Noite após noite, a lua emergia cada vez maior da superfície do mar, indiferente à corrida deles contra o tempo. A sorte e o vento estavam ao lado do grupo. Wyatt se valia de toda e qualquer brisa, conferindo ao barco uma velocidade excelente. Em duas ocasiões, Royce avistou velas vermelhas a bombordo, mas elas se mantiveram na linha do horizonte e logo desapareceram.

Com carência de tripulantes e Royce mareado, Hadrian se apresentou para trabalhar no mastro. Dering passava o dia lhe ensinando o manuseio dos cabos. No entanto, Hadrian jamais seria um perito naquele tipo de

trabalho. Ele era grande demais, porém conseguiu aprender o básico. Passados alguns dias, já praticava a maioria das manobras sem precisar receber instruções. À noite, Poe cozinhava, enquanto Hadrian aprendia a dar vários tipos de nós e a observar as estrelas.

Em vez de seguir pelo litoral até Wesbaden, arriscaram um curso direto a oeste, partindo da ponta de Cális e cruzando pelo meio da baía de Dagastan. A tática quase resultou em desastre, pois eles se depararam com uma terrível tempestade que produzia ondas do tamanho de montanhas. Com destreza, Wyatt conduziu a pequena chalupa, singrando os vagalhões com velas a meio mastro, jamais se afastando do timão. Ao ver o rosto do timoneiro castigado pela chuva e iluminado por relâmpagos, Hadrian começou a se perguntar se Wyatt não teria enlouquecido. Pela manhã o céu havia clareado e o chapéu de Wesley ainda enfeitava o topo do mastro.

A tática compensou. Dois dias antes da lua cheia, circundaram o chifre de Delgos e entraram na baía de Terlando.



No momento em que se aproximavam do porto, foram interceptados pela capitania portuária. Pouco importava o aspecto da embarcação, as velas negras — ou mesmo o chapéu de Wesley. Uma vez que o barco fora interceptado abaixo dos fumegantes escapes de ventilação de Drumindor, os funcionários das docas embarcaram e revistaram o navio minuciosamente antes de permitir passagem por baixo da ponte que ligava as torres gêmeas de pedra. Mesmo depois da autorização, foram escoltados até o píer 58, ancoradouro 22, da zona oeste do porto. Conhecendo bem a cidade e as autoridades responsáveis pelo porto, Wyatt se ofereceu para notificar acerca da iminente invasão e alertá-las quanto a qualquer sinal de sabotagem.

— Estou indo embora, companheiros — anunciou Dering assim que o navio atracou.

O marujo levava ao ombro uma pequena trouxa.

— E o navio e os suprimentos? — perguntou Greig. — A gente vai vender tudo. Você tem direito à sua parte.

— Podem ficar com ela. Preciso cuidar de umas questões.

— Mas e se a gente não conseguir... — Greig desistiu de falar, pois Dering já seguia, a passo acelerado, pelas ruas estreitas. — Que reação mais brusca... Esse aí está com pressa de chegar a algum lugar.

— Ou apenas contente de estar de volta à civilização — comentou Banner.

Porto nenhum acolhia os marinheiros tão bem quanto Tur Del Fur. Construções pintadas em cores vivas e exuberantemente enfeitadas davam boas-vindas a uma cidade cheia de música e riso. A maioria dos estabelecimentos comerciais e tavernas ficava bem perto das docas, onde placas berrantes disputavam a atenção: O MARUJO BÊBADO — JUNTE-SE À TRIPULAÇÃO!; CARNE DE BOI E DE FRANGO FRESCA!; CACHIMBOS, CULOTES & CHAPÉUS!; DAMAS DA BAÍA (VENHA TIRAR O SAL DO CORPO!).

Marujos que acabavam de receber o soldo e que pisavam em terra após dois anos ou mais em alto-mar gritavam *paraíso*. O único fator estranho era o tamanho e o formato das edificações. Os adornos exóticos não conseguiam disfarçar o fato histórico de que outrora a cidade pertencera aos anões. Acima de todas as soleiras das portas existia o aviso CUIDADO COM A CABEÇA.

Gaivotas grassnavam acima deles, cruzando um céu azul brilhante. A água batia nas laterais do barco, cujo madeiramento estalava e gemia como feras vivas que se alongavam após uma corrida.

Hadrian foi até o convés e se posicionou ao lado de Royce.

— Parece que você vai cair a qualquer momento, não é?

— Em resposta àquela sua pergunta... Não, não acho que devemos nos tornar marinheiros. Espero nunca mais ver um barco na vida.

— Ao menos você não enjoa quando está em terra.

— Ainda sinto como se o chão tivesse sumido sob os meus pés.

Os cinco compraram peixe fresco, cozido e vendido por ambulantes, e comeram ali mesmo, nas docas. Ouviram canções típicas, cujo som saía das tavernas, e sentiram o cheiro forte de peixe que exalava do porto. Quando voltou ao barco, Wyatt estava enrubescido e irado.

— Eles insistem em levar a termo a ventilação! Não deram ouvidos ao que eu disse! — gritou ele, correndo p'ér acima.

— E a invasão? — perguntou Hadrian. — Você não falou sobre a invasão?

— Eles não acreditaram em mim! Nem mesmo Livet Glim, encarregado do porto... e nós já fomos parceiros! Dividi um beliche com ele durante dois anos e o filho da mãe se recusa, como ele diz, “a virar o porto de cabeça para baixo só porque uma pessoa acha que talvez ocorra um ataque”. Ele falou que nenhum outro navio apresentou qualquer notificação e que não vão mover um dedo, a menos que a presença da frota seja confirmada por outros comandantes.

— Vai ser tarde demais.

— Tentei alertá-los, mas eles insistiram que *era preciso* regular a pressão na lua cheia. Falei com todas as autoridades da cidade, mas ninguém me deu ouvidos. Acho que, depois de algum tempo, começaram a desconfiar que *eu* estivesse tramando alguma coisa. Desisti quando eles ameaçaram me prender. Sinto muito.

— E se nós todos formos falar com eles?

Wyatt balançou a cabeça.

— Não adianta. Vocês acreditam numa coisa dessas? Depois de tudo que passamos, conseguimos chegar aqui e não adianta nada. A menos que... — Ele olhou diretamente para Hadrian.

— A menos que o quê? — perguntou Poe.

Hadrian suspirou e olhou para Royce, que meneou a cabeça.

— Alguém pode me esclarecer? — indagou Poe.

— Drumindor foi construída por anões, milhares de anos atrás — explicou Hadrian. — Aquelas torres imensas estão abarrotadas de mecanismos de pedra, além de centenas de manivelas e alavancas. A capitania do porto de Tur Del Fur só sabe operar algumas delas. Eles só sabem aliviar a pressão e fazer com que o ar comprimido escape pelas válvulas... só isso.

— Mas nós sabemos como desligar tudo — concluiu Royce.

— Desligar? — perguntou Poe. — Como se desliga um vulcão?

— Não é o vulcão, é o sistema — prosseguiu Hadrian. — Existe um mecanismo central, que trava o sistema como um todo. Se esse mecanismo for desativado, a fortaleza deixa de lidar com a pressão, e o vulcão expele seus próprios gases, naturalmente. Isso não vai impedir a invasão, mas vai impedir a explosão.

— E de que vale isso?

— Ao menos vai impedir a destruição instantânea da cidade. Quando as velas negras surgirem, talvez dê tempo para a população evacuar a cidade; quem sabe talvez até seja possível preparar algum tipo de defesa. Após o sistema ser desligado, Royce e eu podemos sair e tentar descobrir o que Merrick aprontou. Se resolvermos o problema a tempo, poderemos então reativar o mecanismo central e assar a frota de goblins.

— Podemos ajudar? — perguntou Banner.

— Desta vez, não — respondeu Hadrian. — Vocês quatro navegam esse navio sozinhos?

Wyatt fez que sim.

— Vai ser difícil sem Dering, que se encarregava das velas, mas a gente se vira.



— Bom, levantem a âncora antes que a frota chegue. Você tem sido um bom assistente, Poe. Grude em Wyatt e um dia você será capitão. Esta questão vamos ter de resolver sozinhos.



A lenda dizia que os anões já existiam séculos antes do surgimento do homem no mundo. Nos tempos em que lutavam contra os elfos pela supremacia em Elan, os anões constituíam uma nação poderosa e ilustre, governada pelos próprios reis, com as próprias leis e tradições. Aquela havia sido uma era de ouro, uma era de façanhas, realizações extraordinárias e heróis fantásticos. E então os elfos venceram a guerra.

O poderio dos anões ficou abalado para sempre, e o surgimento dos homens destruiu o vigor que restara. Embora, diferente dos elfos remanescentes, os anões nunca fossem escravizados, os homens desconfiavam e desprezavam os filhos de Drome. Temerosos de um reino unificado pelos anões, os humanos os expulsaram de sua terra natal, Delgos, impondo-lhes uma existência sombria, nômade e perseguida. A despeito do talento dos anões enquanto artesãos, os humanos os dispersavam sempre que eles se reuniam em grupos cujo número pudesse constituir uma ameaça. Para sobreviver, os anões aprenderam a se esconder. A cultura deles foi obliterada por séculos permanentemente escondidos, e pouco restava da antiga glória, a não ser o que a pedra pudesse expressar. Poucos anões e menos humanos ainda seriam capazes de se lembrar de que um dia os anões dominaram metade do mundo — a menos que, como Royce e Hadrian, estivessem diante de Drumindor.

A luz do sol poente banhava o granito, fazendo a pedra reluzir como prata. Paredões se erguiam centena de metros, fincados no leito de rocha da encosta do vulcão. As torres gêmeas eram unidas por uma linha que, a

distância, parecia ser uma ponte fina como uma hóstia. O topo das torres fumegava serenamente, exalando através de respiradouros nuvens de vapor escuro, criando uma névoa fina e cinzenta que pairava no ar. De perto, a dimensão das torres deixava qualquer pessoa boquiaberta.

Eles dispunham de uma noite e do dia seguinte para repetir o mesmo truque de mágica que realizaram anos antes. Quando acabaram de comprar os itens necessários, já havia escurecido. Saíram da cidade de Tur Del Fur e avançaram pelo campo, seguindo por trilhas até as colinas que serviam de base à grande fortaleza.

— Era aqui? — perguntou Royce, parando e examinando a base da torre.

— Como vou saber? — respondeu Hadrian enquanto seus olhos percorriam toda a extensão da torre sul. De perto, a torre obstruía tudo ao redor, um paredão sólido e negro que se erguia ao luar. — Nunca entendi por que uma gente tão pequena construiu coisas tão gigantescas.

— Talvez estivessem compensando — comentou Royce, desenrolando uma corda comprida.

— Que droga, Royce! Fizemos isso há oito anos. Eu estava em melhor forma naquela época. Eu era mais jovem e, se bem me lembro, jurei nunca mais repetir o feito.

— É por isso que não se deve fazer juramentos. No instante em que se faz um juramento, o destino começa a conspirar para enfiar o juramento pela nossa goela.

Hadrian suspirou, olhando para cima.

— Isto sim é uma torre alta.

— E se os anões ainda estivessem aqui, zelando por ela, seria inexpugnável. Sorte nossa que eles tenham abandonado a torre. Você deveria ficar grato. Os últimos oito anos provocaram muita erosão na construção. Vai ser mais fácil desta vez.

— É granito, Royce. Granito não sofre grande erosão em oito anos.

Royce nada respondeu, continuando a desenrolar a corda, verificando os nós e calçando as luvas.

— Você lembra que eu quase caí naquela vez? — perguntou Hadrian.

— Então não pise em falso desta vez.

— Você lembra o que aquela mulher na aldeia, lá na selva, disse a você? Que uma luz vai se apagar?

— Ou a gente escala esta coisa, ou então tudo isso vai voar pelos ares. Se isto aqui voar pelos ares, Merrick vence. Se Merrick vencer, ele foge, e você nunca vai encontrar Degan Gaunt.

— Nunca achei que você se importasse se vou encontrar ou não Gaunt — comentou Hadrian, voltando a contemplar a torre. — Ao menos, não *muito*.

— Sinceramente? Pouco me importo. Essa sua busca é uma bobagem. Você encontra Gaunt... e aí? Vai servir de guarda-costas dele pelo resto da vida? E se ele for como Ballentyne? Não seria divertido? Reconheço que seria emocionante, pois tenho certeza de que qualquer pessoa que tenha uma espada queira matá-lo, mas, e daí? Não existe recompensa... Não existe motivação. Você se sente culpado, isso eu já percebi. Você abandonou seu pai e não pode mais pedir desculpas. Então, para compensar, vai passar o resto da vida seguindo esse cara como se fosse lacaio dele? Você merece coisa melhor!

— Acho que no meio disso que você falou tem um elogio; portanto, obrigado. Mas, se você não está fazendo tudo isso para me ajudar a encontrar Gaunt, por que então?

Royce fez uma pausa. Do interior de uma bolsa, ele retirou o chapéu que pertencera a Wesley. Ele devia ter pegado o chapéu no topo do mastro, antes de deixarem o navio.

— Ele se arriscou por mim três vezes. Na última vez, acabou morrendo. Eu não vou deixar esta fortaleza explodir.



Embora estivesse escuro, Royce encontrava pontos de apoio para as mãos e os pés, pontos que Hadrian jamais poderia localizar em plena luz do dia. Como uma aranha, escalou o paredão da torre até alcançar a base do primeiro vão. Lá fixou o primeiro pino e lançou uma corda para Hadrian. Quando Hadrian pôs o pé naquele apoio, Royce já estava cravando o próximo pino e lançando outra corda. Assim prosseguiram, valendo-se de pequenas reentrâncias onde milhares de anos de erosão revelavam as junções deixadas pelos construtores na rocha. Fendas e rachaduras seculares permitiam a Royce escalar uma superfície outrora lisa e escorregadia.

Duas horas depois, as árvores lá embaixo pareciam arbustos e o vento gelado do inverno os açoitava como se fossem minúsculos pardais. E só haviam escalado um terço da torre.

— Está na hora! — gritou Royce, superando o uivo do vento.

Em seguida ele fincou mais um pino, amarrou uma corda e desceu por ela. Hadrian gemeu:

— Odeio essa parte!

— Sinto muito, amigão, mas não posso fazer nada. Os vãos ficam do lado de lá — indicou Royce, e gesticulou em direção ao local onde aberturas verticais fendiam a pedra, do outro lado de uma greta profunda.

Royce atou a corda ao seu mosquetão e se uniu a Hadrian.

— Agora, veja como eu faço — falou Royce.

Agarrando a corda, ele correu pela laje de pedra. Ao chegar à beira da greta, saltou, como se fosse o pêndulo de um relógio, conseguindo, por uma questão de centímetros, transpor o abismo. Do outro lado, agarrou-se à rocha, e ficou pendurado como um inseto num graveto. Com cautela, subiu um pouco e cravou mais um pino. Então, depois de testar a corda, acenou para Hadrian.

Se perdesse o pulo, Hadrian cairia dentro da greta, onde ficaria pendurado, sem ter o que fazer, supondo que a corda o sustentasse. O peso da queda poderia facilmente arrancar o pino de apoio, ou mesmo romper a

corda. Ele inspirou o ar frio, aprumou-se e começou a correr. Do outro lado, Royce estendia o braço para auxiliá-lo. Hadrian chegou à beirada e saltou. O vento assobiou em seu rosto, turvando sua vista, enquanto lágrimas escorriam pelas faces. Alcançou o outro lado, um pouco abaixo do local previsto, batendo a cabeça na rocha com tanta força que chegou a ver estrelas. Sentiu o gosto de sangue e se perguntou se não teria perdido os dentes da frente, mas, no mesmo instante, seus dedos se despregaram do paredão e ele começou a cair. Royce tentou agarrá-lo, mas foi tarde demais. Hadrian caiu.

Mas foi uma queda de cerca de 10 centímetros.

Hadrian ficou pendurado na corda fixada por Royce no instante em que o parceiro se chocara contra a rocha. Hadrian gemia de dor enquanto limpava o sangue do rosto.

— Viu? — gritou Royce no ouvido dele. — Foi *muito* melhor do que da outra vez!

Prosseguiram na escalada, valendo-se do abrigo relativo propiciado pelas chaminés de três lados. A altitude agora era tamanha que Hadrian enxergava somente as pequenas luzes da cidade portuária. Tudo o mais era escuridão. Descansaram durante algum tempo no abrigo improvisado, e então retomaram a escalada.

Cada vez mais alto, Royce seguia indicando o caminho. As mãos de Hadrian doíam de tanto agarrar a corda com força e ficavam mais e mais esfoladas cada vez que ele escorregava. As pernas, exaustas e fracas, tremiam perigosamente. O vento era brutal. Com rajadas que ao se chocarem contra a torre formavam um redemoinho, o vento os empurrava para fora do paredão, como mãos invisíveis que pretendessem derrubá-los. O sol surgiu e Hadrian já não aguentava mais quando finalmente alcançaram a ponte. Escalaram pouco mais de dois terços da torre, mas, felizmente, não precisavam chegar ao topo.

O que do solo parecia ser uma ponte fininha, na realidade tinha uma espessura de 12 metros. Com grande dificuldade, escalaram a lateral da ponte, içaram as cordas, abrigaram-se embaixo de um arco e se esconderam à sombra, recuperando o fôlego.

— Eu queria ver Dering escalar *este paredão* — declarou Royce, olhando para baixo.

— Acho que só mesmo você consegue realizar tal feito — respondeu Hadrian. — Não que alguém seja tão louco quanto você para tentar.

Dezenas de homens guardavam os grandes portões na base da torre, mas não havia guarda algum na ponte. Ninguém acreditava que intrusos poderiam penetrar pela parte superior da torre, e o vento frio mantinha os trabalhadores no interior. Royce empurrou as portas de pedra altas e estreitas.

— Trancadas? — perguntou Hadrian.

Royce fez que sim.

— Espero que não tenham trocado o segredo.

Hadrian deu uma risadinha.

— Da última vez, você levou 18 horas, a contar do momento em que me disse “Não vou levar mais do que um minuto”.

— Por que foi mesmo que eu trouxe você? — perguntou Royce, passando as mãos espalmadas sobre a superfície das portas. — Ah, aqui está!

Com cautela, Royce posicionou os dedos e empurrou. Uma centena de toneladas de pura rocha deslizaram para dentro, como se estivessem apoiadas sobre um colchão de ar, girando sem emitir o menor som. No interior, um teto em estilo de catedral se erguia por dezenas de metros. Raios do sol matinal entravam por claraboias distantes, construídas na cúpula superior, iluminando um emaranhado de pontes, alpendres, arcos e labirintos cheios de mecanismos e engrenagens. Alguns mecanismos estavam dispostos na horizontal e outros na vertical. Alguns eram mínimos, do tamanho de uma moeda de cobre; outros tinham vários metros de altura

e eram mais largos do que uma casa. Alguns giravam constantemente, impulsionados pelo vapor formado pela água do mar, superaquecida pelo vulcão. A maioria dos mecanismos, sobretudo os mais avantajados, estava inerte, à espera. Exceto tais mecanismos, nada mais se mexia. Os únicos sons eram produzidos pelo ritmo constante e pelos tremores da imensa máquina.

Royce examinou o interior da torre.

— Não tem ninguém em casa — disse ele, afinal.

— Assim como não tinha ninguém da última vez. Estou surpreso por eles não terem aumentado o esquema de segurança.

— Ah, claro. Uma única invasão em vários séculos já deveria ser motivo para intensificar a vigilância...

— Amanhã eles vão se culpar.

Logo encontraram a escada — degraus rasos e curtos, construída para pés pequeninos. Royce e Hadrian subiram de dois em dois, ou três em três degraus. Abaixando-se ao cruzar os arcos, Hadrian quase precisou engatinhar para entrar no Grande Salão, como Hadrian denominara o local na ocasião da última visita. O recinto era, de fato, imenso, mas o nome havia sido inspirado pelo gigantesco mecanismo central. Ele era da altura da torre de um castelo, embora a maior parte ficasse abaixo do piso e detrás de uma parede, de modo que a parte visível correspondia a apenas um quarto do volume total. As bordas eram dentadas, como as ameias de um castelo, embora maiores — bem maiores. Os dentes se encaixavam em outras engrenagens, que por sua vez se encaixavam em dezenas de outras engrenagens, constituindo o grande quebra-cabeça criado pelos anões.

— A trava ficava na parte de cima, certo? — perguntou Royce.

— Acho que sim... É, Gravis estava lá em cima quando a gente o encontrou.

— Certo. Deixe isso comigo. Fique de olhos abertos.

Royce saltou sobre uma das engrenagens menores e subiu pelos dentes, como se fossem uma escada. Pulando de dente em dente, chegou ao mecanismo central. Lá a escalada era mais difícil, pois os dentes eram gigantescos, porém, para Royce, aquilo não foi um problema. Em seguida ele sumiu do campo de visão de Hadrian, e poucos minutos depois um grande barulho ecoou, produzido pelo impacto de pedra sobre pedra, enquanto uma pedra gigantesca descia do teto, preenchendo a depressão entre dois dentes e travando o mecanismo central.

Quando reapareceu, Royce exibia um largo sorriso.

— Eu adoraria ver a cara de Merrick, quando isto aqui não explodir. Mesmo que os ghazel invadam a cidade, ele vai ficar cismado, meses a fio, se perguntando o que terá acontecido. Ele não tem como saber deste mecanismo central. Gravis só sabia da existência porque foi um antepassado dele que projetou tudo isso aqui.

— E a gente só sabe porque o pegou em flagrante — acrescentou Hadrian, então refletiu durante alguns instantes. — Você acha que talvez Merrick esteja por perto, esperando para assistir ao espetáculo de fogos de artifício?

Royce suspirou.

— Claro que não. No meu caso, eu não ficaria a menos de 100 quilômetros do local da explosão. Eu nem queria estar aqui agora. Não se preocupe, conheço bem Merrick. O fato de a montanha não explodir vai deixá-lo maluco. Basta a gente dizer a coisa certa às pessoas erradas e nem vamos precisar procurar por ele... Ele vai sair à nossa procura. Agora, vamos. Vamos ver se a gente descobre o que está bloqueando o sistema de ventilação para reativarmos esta geringonça e assar um monte de goblin.



## CAPÍTULO 22

### A VOLTA PARA CASA



Archibald Ballentyne olhou pela janela do grande salão. Fazia frio lá fora. A grama amarronzada, as folhas mortas levadas pelo vento, as nuvens pesadas e cheias de neve e os gansos voando adiante de uma névoa cinzenta o faziam lembrar que a estação havia mudado. Faltava menos de dois meses para a Festa do Inverno. Ele chutou com a bota a parede de pedra. O impacto produziu um som abafado e uma dor que subiu por sua perna, obrigando-o a fazer uma careta.

*Por que eu penso nisso? Por que eu sempre penso nisso?*

Atrás dele, Saldur, Ethelred e Biddings debatiam algo, mas ele não estava ouvindo. Já não se importava. Talvez devesse ir embora. Talvez devesse convocar uma pequena comitiva e voltar para Chadwick, para a paz de sua Torre Cinzenta. Àquela altura, o palácio estaria um caos, e ele poderia se dedicar a reparar os danos causados pelos criados em sua ausência. Provavelmente Bruce estaria se servindo do estoque de brandy e os

cobradores de impostos estariam atrasados em seu trabalho. Seria agradável passar a Festa em casa. Poderia convidar alguns amigos e sua irmã... Ele parou e pensou em chutar a parede novamente, mas o último chute já havia doído o bastante.

Seria terrível dormir numa barraca naquela época do ano. Além disso, o que os regentes diriam? E mais: o que não fariam durante a ausência dele? Se já o tratavam mal quando ele estava presente, o quanto não conspirariam contra ele caso se ausentasse?

Na realidade, não queria voltar para casa. O Castelo de Ballentyne podia ser um local solitário, sobretudo no inverno. Ele costumava sonhar que tudo mudaria quando se casasse, quando tivesse uma bela esposa e filhos. E alimentava fantasias com Alenda Lanaklin. Ela era uma gracinha. Também brincava com a ideia de pedir a mão da filha do rei Armand, a princesa Beatrice. Ela era, sem dúvida, atraente. Chegara a ponto de passar várias noites de verão vendo as moças ordenhando as vacas e contemplando a possibilidade de tirar uma delas daquela vida humilde e torná-la Lady Ballentyne. Como ela ficaria grata, como ficaria zelosa, submissa. Tudo isso tinha acontecido antes de ir para Aquesta — antes de a ter conhecido.

Nem o sono lhe trazia sossego, pois ele agora sonhava apenas com Modina. Dançava com ela no dia do casamento deles. Odiava acordar. Archibald agora sequer se importava com o título. Desistiria de ser imperador só para ficar com ela. Chegou a contemplar a ideia de abrir mão do título de conde — mas ela desposaria *Ethelred*!

Recusava-se a olhar para o regente. O idiota não gostava dela. Como podia ser tão frio a ponto de obrigar a jovem a se casar apenas por motivos políticos? O homem era um canalha.

— Archie... Archie! — chamou-o Ethelred.

Ele se contraiu ao ouvir o apelido detestável, e se virou da janela, com o cenho franzido.

— Archie, você precisa falar com seu subordinado, Breckton.

— O que ele fez de errado agora?

— Ele se recusa a obedecer às minhas ordens. Insiste que só recebe ordens suas. É preciso esclarecer a ele a realidade dos fatos. Não podemos ter cavaleiros cuja lealdade se restrinja aos seus senhores. Eles têm de reconhecer a supremacia do Novo Império e a hierarquia de comando.

— Acho que é isso que ele está fazendo, reconhecendo a hierarquia de comando.

— Sim, sim, mas é mais do que isso. Ele está ficando teimoso demais. Daqui a poucos meses serei imperador e não posso tolerar que meu melhor general queira que eu peça permissão a você antes de dar uma ordem a ele.

— Vou falar com ele — disse Archibald em tom queixoso, mais no intuito de parar de ouvir a voz de Ethelred do que por qualquer outro motivo. Se o velho filho da mãe não fosse um guerreiro tão habilidoso, ele até o desafiaria, porém Ethelred lutara em dezenas de batalhas e a experiência de Archibald em lutas se limitara a alguns duelos esportivos, manejando floretes com as pontas protegidas. Mesmo que pretendesse cometer suicídio, não queria conceder tal satisfação a Ethelred.

— E Modina? — perguntou Ethelred.

A menção ao nome fez com que Archibald voltasse a prestar atenção à conversa.

— Ela vai estar pronta?

— Sim, acho que vai — respondeu Saldur. — Amilia tem operado milagres com ela.

— Amilia? — perguntou Ethelred, dando tapinhas na cabeça. — Aquela criada que você promoveu a secretária imperial?

— Ela mesma — respondeu Saldur —, e acho que, depois do casamento, vou mantê-la.

— Não teremos utilidade para ela *depois* do casamento.

— Eu sei, mas acho que posso utilizá-la em outra função. Ela tem se mostrado inteligente e habilidosa.

— Faça com ela o que bem entender. Eu é que não...

— Rainhas sempre precisam de secretárias, mesmo depois que se casam

— interrompeu Archibald. — Entendo que você vá assumir o comando total do império, mas ela vai precisar de assessoria.

Ethelred olhou para Saldur com ar de perplexidade.

— Ele não sabe?

— Não sei o quê? — perguntou Archibald.

Saldur balançou a cabeça.

— Achei que quanto menos gente soubesse, melhor.

— Após o casamento — disse Ethelred, dirigindo-se a Archibald —, depois que eu for coroado imperador, Modina vai sofrer um acidente lamentável... um acidente fatal.



— Tudo está acertado — reportou Nimbus. Arista caminhava pelo gabinete e Modina estava sentada sozinha na cama. — Consegui o uniforme para ele e esta noite o fazendeiro vai contrabandear Hilfred pelo portão pouco antes do pôr do sol em sua carroça de feno.

— Não vão verificar a carroça? — perguntou Arista, dando uma parada em sua caminhada pelo quarto.

— Não mais, não desde que cancelaram a caça à bruxa. Os negócios voltaram ao normal. Eles conhecem o fazendeiro. Ele sempre faz as entregas no terceiro dia da semana.

Arista assentiu e retomou a caminhada.

— A mesma carroça vai levá-los ao amanhecer. Vocês vão atravessar os portões da cidade. Haverá três cavalos esperando na estrada com comida, água, cobertores e roupas sobressalentes.

— Obrigada, Nimbus. — Arista abraçou o homem magricelo, fazendo suas bochechas corarem.

— Você tem certeza de que isso vai funcionar? — perguntou Modina.

— Não sei por que não funcionaria — respondeu Arista. — Farei exatamente o mesmo que na última vez. Vou me transformar em Saldur, e Hilfred vai ser um guarda do quarto andar. Você tem certeza de que pegou o uniforme certo?

Nimbus fez que sim com a cabeça.

— Vou ordenar ao guarda que abra a entrada da prisão. Vamos pegar Gaunt e sair. Instruirei ao seret que permaneça em sua posição e não diga nada a ninguém. Com ele acreditando que sou Saldur, vai levar algumas horas para notarem que Gaunt desapareceu, talvez dias.

— Ainda não entendo. — Modina parecia confusa. — Amilia disse que existe uma prisão na torre, mas que todas as celas estão vazias.

— Há uma porta secreta no piso. Uma porta escondida de maneira muito engenhosa, selada com uma fechadura de pedra.

— O que é uma fechadura de pedra?

— São pedras lapidadas para produzir uma vibração específica que, quando se aproximam da fechadura, a destrancam. Usei uma variação mágica na porta da minha torre, e a Igreja utilizou uma versão muito sofisticada para selar a entrada principal do Cárcere de Gutaria. Estão usando o mesmo tipo aqui, e a chave é a esmeralda engastada na espada do cavaleiro seret.

— Então você vai fugir esta noite? — perguntou a imperatriz.

Arista meneou a cabeça confirmando. A imperatriz olhou para baixo, a tristeza visível em seus olhos.

— O que houve? — perguntou Arista.

— Nada, só vou sentir sua falta.



O estômago de Arista revirava enquanto ela contemplava o pôr do sol através da janela.

*Estou agindo como uma tola?*

Originalmente, os planos visavam apenas à localização de Gaunt, e não à sua fuga. Agora que sabia exatamente onde ele estava, poderia voltar para casa e pedir a Alric que enviasse Royce e Hadrian para resgatá-lo. Mas tudo isso dizia respeito a outro momento — antes de ela ter encontrado Hilfred, antes de ter se juntado a Thrace, e antes de saber que era capaz de encarnar Saldur. A coisa parecia tão simples que ir embora sem Gaunt seria correr um risco desnecessário. A fumaça indicava que ele estava vivo, mas esse ainda seria o caso várias semanas mais tarde?

Ela estava a sós com Modina. Fazia horas que as duas não trocavam uma palavra sequer. Algo preocupava a imperatriz, algo fora do normal. Modina era obstinada, e força alguma a demovia depois que ela tomava uma decisão. Aparentemente, tomara a decisão de não falar.

O portão se abriu e a carroça de feno entrou.

Arista observou atentamente. Tudo parecia seguir sem problemas — nada de guardas, nada de gritos, apenas um monte de feno sobre uma carroça puxada lentamente por um jumento. O fazendeiro, um homem idoso, parou a carroça ao lado do estábulo, soltou o jumento, amarrou-o a outra carroça e voltou a conduzir o animal pelo mesmo caminho em que chegara. Fitando a carroça, ela não se conteve. O plano determinava que esperasse até pouco antes do amanhecer, mas não podia deixar Hilfred lá. Ela só conseguiu se conter até o momento em que viu surgir a lua cheia, e então se pôs de pé.

— Chegou a hora — disse ela.

Modina levantou a cabeça.

Arista avançou até o meio do quarto e se ajoelhou.

— Arista, eu... — começou Modina, com hesitação.

— O que foi?

— Nada. Boa sorte.

Arista se levantou, atravessou o quarto e lhe deu um forte abraço.

— Boa sorte para você também.

A imperatriz balançou a cabeça.

— Que toda a sorte seja sua... Eu não vou precisar dela.



Fazendo-se passar pelo regente Saldur, Arista desceu a escada, perguntando-se o que Modina teria dito se houvesse completado aquela frase. O nervosismo da noite, entretanto, mantinha seus pensamentos correndo de ideia em ideia. Ela descobriu que era capaz de manter o disfarce durante muito tempo. O encantamento acabaria quando dormisse, mas duraria tempo suficiente para que ela completasse a missão daquela noite. Tal constatação lhe trouxe um elevado grau de confiança. Embora ainda se preocupasse com a possibilidade de esbarrar no verdadeiro Saldur, a perspectiva de rever Hilfred superava qualquer preocupação.

A simples ideia de regressar a Melengar com Hilfred mais uma vez ao seu lado fez seu coração disparar. A viagem fora longa e exaustiva e ela ansiava por voltar para casa. Queria ver Alric e Julian, e dormir em sua própria cama. Jurou que dispensaria a Melissa um tratamento mais digno e resolveu lhe dar de presente um novo vestido na Festa do Inverno. Arista pensava na longa lista de presentes a serem distribuídos por ela na Festa quando saiu pela noite. A face larga da lua cheia iluminava o pátio interno, permitindo-lhe ver tão claramente como se fosse um dia nublado. O pátio estava vazio e ela se aproximou da carroça.

— Hilfred! — sussurrou ela. Não houve resposta nem qualquer movimento no feno. — Hilfred! — repetiu ela, e sacudiu a carroça. — Sou eu, Arista.

E então esperou.

Seu coração bateu descompassado quando o feno se mexeu.

— Princesa? — perguntaram do feno, hesitante.

— Sim, sou eu. Siga-me — disse ela, e o conduziu ao interior do estábulo, seguindo até a última baia, que estava desocupada. — Precisamos esperar aqui até pouco antes do amanhecer.

Hilfred olhou para ela com um ar de dúvida, mantendo-se distante.

— Como...? — começou a falar, mas gaguejou.

— Nimbus não explicou que eu apareceria desse jeito?

— Explicou.

Os olhos de Hilfred percorriam a figura de Arista, da cabeça aos pés, com uma expressão de quem acaba de degustar algo intragável.

— Os boatos são verdadeiros — admitiu ela. — Ao menos os boatos sobre meus trabalhos com magia.

— Eu sei disso, mas os seus cabelos, o seu rosto, a sua voz. — Ele balançou a cabeça. — É perfeito. Como posso saber que não é o verdadeiro Saldur?

Arista fechou os olhos; instantaneamente, a figura de Saldur desapareceu e a princesa de Melengar voltou. Hilfred tropeçou para trás, chocando-se contra a parede do fundo do estábulo, os olhos arregalados e boquiaberto.

— *Sou eu* — garantiu ela. Arista deu um passo para a frente e percebeu que ele se contraiu. A reação de Hilfred a magoou mais do que ela esperava. — Você precisa confiar em mim — avisou ela.

— Mas como? Como posso ter certeza de que é mesmo a senhorita, se a transformação é assim tão fácil?

— Pergunte-me algo cuja resposta possa satisfazê-lo.

Hilfred hesitou.

— Pergunte-me, Hilfred.

— Estive ao lado da senhorita todos os dias, desde quando eu era um rapaz. Diga-me o nome das três primeiras mulheres pelas quais me



apaixonei, e o nome da mulher que perdi por causa das cicatrizes que tenho no rosto.

Ela sorriu e percebeu que tinha ficado ruborizada.

— Arista, Arista, Arista... Não há outra mulher.

Ele sorriu. Ela não esperou. Sabia que Hilfred jamais se atreveria a tomar tal iniciativa. Lançou os braços em volta do pescoço dele e o beijou. Arista sentiu que os músculos do pescoço dele se contraíram, mas ele não se afastou. Lentamente, o corpo dele se descontraíu e os braços a envolveram. Ele a abraçou com força, pressionando o rosto dela contra o seu.

— Que Maribor me ajude, se a senhorita for Saldur... — murmurou Hilfred em seu ouvido.

Ela deu uma leve risada, e se perguntou se não seria aquele seu primeiro sorriso desde a morte de Emery.

## CAPÍTULO 23

### A LUA CHEIA



Royce e Hadrian começaram a verificar os canais de escoamento, túneis gigantescos construídos na pedra através dos quais a lava derretida verteria a caminho do mar. Havia dezenas de canais correndo nas mais diversas direções, e o acesso ao centro da montanha era vedado por portais mecanicamente controlados. Eles escalaram o interior do canal, até alcançar a abertura superior e o céu aberto.

O sol já despontara e a visão lá embaixo deixou Hadrian zozzo. Estavam muito acima do nível da ponte. O mundo parecia bastante pequeno e muito distante. Tur Del Fur não passava de uma pequena aglomeração de prédios minúsculos, encaixados no meio de uma pequena enseada. Além da cidade, as montanhas pareciam meras colinas. Exatamente abaixo, o mar lembrava uma poça de água, com pequeninos reflexos brancos. Hadrian precisou de alguns instantes para perceber que se tratavam das cristas das ondas. E o que

supunha serem insetos eram gaivotas voando lá embaixo. Nenhum dos canais estava bloqueado, e nenhum dos portais tinha sido obstruído.

— Será que está na outra torre? — perguntou Hadrian depois que eles saíram do último túnel.

Royce balançou a cabeça.

— Se o tal canal estiver bloqueado, a pressão será sentida aqui. Mas ambos precisam ser fechados. Não se trata de canais ou portais. É alguma outra coisa... Alguma coisa que a gente ainda não percebeu... Algo capaz de fechar todas as saídas ao mesmo tempo, para que a montanha entre em ebulição. Deve haver outro mecanismo central, um mecanismo que feche e trave todos os portais.

— Como a gente vai encontrar esse mecanismo? Você já viu a quantidade de mecanismos que existe aqui dentro? Pode ser qualquer um. A gente deveria ter trazido Magnus.

— É mesmo. Com ele, seria fácil encontrar... após um ano ou dois. Veja este lugar! — exclamou Royce, apontando a dimensão da torre, enquanto a luz do sol penetrava pelas claraboias, espalhando-se por cima de um emaranhado de milhões de engrenagens de pedra. Algumas giravam, outras vibravam, algumas mal se moviam, e havia manivelas e alavancas por toda parte. Como setas pontilhando um campo de batalha, hastes de pedra se projetavam das paredes. Tanto os mecanismos quanto as manivelas apresentavam diversos tamanhos: alguns eram minúsculos, outros, do tamanho de um tronco de árvore. — É impressionante que eles tenham descoberto um meio de ventilar o interior da montanha.

— Sem dúvida — comentou Hadrian. — Ninguém sabe mais como operar a maioria dessas coisas. A capitania dos portos evita tocar nesses mecanismos, com receio de acabar destruindo o mundo ou algo assim, certo? Então, seja lá o que Merrick tenha feito, é provável que o pessoal encarregado não saiba lidar com isso aqui. Deve ser uma manivela que há

séculos não é movida, talvez há milhares de anos. Mas é possível que exiba sinais de uso recente, certo?

— É possível.

— Então só nos resta encontrar essa manivela.

Royce o encarou.

— O que foi?

— Só nos restam algumas horas e você fica falando em encontrar um grão de areia numa praia.

— Eu sei, e, quando você tiver uma ideia melhor, a gente tenta pôr em prática. Nesse meio-tempo, vamos continuar procurando.

Algumas horas se passaram e eles nada encontraram. A configuração interna de Drumindor, um labirinto de corredores, arcadas e pontes, piorava a situação. Frequentemente queriam ir a determinado local, mas não sabiam como chegar lá. Contudo, a sorte os acompanhou, pois se depararam com poucas pessoas. Apenas um punhado de trabalhadores e pouquíssimos guardas. Conseguiram se esquivar de todos com facilidade. A luz do sol que entrava pelas claraboias demonstrava o brilho do meio-dia, mas diminuiu à medida que anoitecia, e eles ainda não haviam alcançado seu objetivo.

Finalmente, seguiram para a base da torre.

Era o último recurso, pois a guarda encarregada da defesa de Drumindor se concentrava nos três primeiros andares. Cerca de quarenta soldados guardavam a base e eram conhecidos pelo tratamento implacável que dispensavam a intrusos. Mas, fosse lá o que Merrick havia feito, era provável que tivesse sabotado o mecanismo que controlava a saída da lava. Descendo por mais uma escada em espiral, detiveram-se em um vão, diante de uma grande câmara. Examinando o interior, constataram que se assemelhava a um pátio interno, ou uma espécie de teatro, com quatro galerias circulares, uma acima da outra.

— Lá! — anunciou Royce, apontando para uma abertura abaixo, que deixava escapar uma luz amarelada. — Tem de ser lá.

Eles desceram a escada até a base. Desenhos complexos e em formato quadrangular, feitos em bronze e quartzo, formavam o mosaico do piso, que por sua vez refletia a luz que emanava da abertura ao fundo. Soprando em seus rostos, o ar se tornou rapidamente quente, carregando um acentuado cheiro de enxofre.

— Tem de ser lá — murmurou Royce.

Olharam para cima, em direção às galerias circulares, e, lentamente, com toda a cautela, avançaram juntos, caminhando pelo mosaico reluzente, seguindo para a abertura luminosa.

— Alto! — A ordem ressoou no instante em que eles chegaram ao centro da câmara. — Deitem-se de bruços, com braços e pernas abertos!

Eles hesitaram.

Surgiram vinte arqueiros por trás das colunas da galeria, os arcos armados e cercando Royce e Hadrian. Lanceiros entraram marchando pelo corredor, com os saltos das botas estalando no mosaico. Espalharam-se, formando duas fileiras. Mais uma dezena de homens usando armadura apareceu por um corredor lateral, vinda da galeria do segundo andar e prosseguindo em fila dupla até a base da escada, impedindo qualquer fuga pelo caminho que havia acabado de trilhar.

— Agora deitem-se de bruços, ou serão retalhados aí mesmo.

— Não queremos encrenca. Só queremos... — As palavras de Hadrian foram interrompidas por uma flecha que assobiou pelo ar e resvalou na pedra, a menos de 30 centímetros do local onde eles estavam.

— Agora! — bradou a voz.

Eles se deitaram.

No mesmo instante, soldados posicionados atrás e diante deles se aproximaram, imobilizaram-nos e arrancaram as armas dos dois.

— Vocês precisam nos ouvir. Vai haver uma invasão...

— Nós já ouvimos a história da sua esquadra fantasma, Sr. Blackwater, e o senhor pode desistir dessa lorota.

— Estou falando a verdade! A invasão vai acontecer hoje à noite, e se vocês não prepararem a torre, toda Delgos será conquistada!

— Amarrem-nos!

Trouxeram correntes, argolas e um braseiro. Ferreiros foram chamados e logo puseram algemas nos punhos e nas pernas da dupla.

— Escutem o que estou dizendo! — gritou Hadrian. — Ao menos verifiquem os controles de ventilação de pressão, vejam se não há algo errado.

Não houve resposta, apenas as batidas do martelo dos ferreiros trancando as algemas.

— O que custa fazer a verificação? — continuou Hadrian. — Se eu estiver errado, vai fazer alguma diferença? Se estiver certo e vocês não verificarem, o destino da República de Delgos estará sendo definido. Atendam ao meu pedido. Em último caso, se fizerem isso, eu calo a boca.

— Se eu cortar sua garganta, você cala a boca também — declarou a voz. — Mas eu mando alguém fazer a verificação, se vocês dois vierem conosco sem resistir.

Hadrian não sabia ao certo a que tipo de resistência o homem se referia, pois o ferreiro acabava de prender mais uma corrente às suas pernas, porém, em todo caso, concordou.

A voz deu a ordem e os guardas puseram a dupla de pé. Não era fácil descer uma escada com as pernas presas. Mais de uma vez Hadrian quase caiu, no entanto logo chegaram ao portão principal, na base da fortaleza.

As portas gigantescas, feitas de pedra, abriram-se sem fazer o menor ruído. No exterior, o sol do fim da tarde iluminava um pelotão de guardas da capitania. O comandante da guarda da fortaleza se adiantou e, em voz baixa, conversou durante algum tempo com o capitão da autoridade portuária.

— Você não acha que esses caras estão sempre aqui à espera, acha? — perguntou Hadrian a Royce. — A gente foi vítima de uma emboscada, não é?

— Você não desconfiou quando eles mencionaram o seu nome?

— Merrick?

— Quem mais?

— Acho um tanto improvável. Como ele saberia que a gente estava aqui? Nem nós mesmos sabíamos que estaríamos aqui. Ele não pode ser tão esperto assim.

— Ele é.

Surgiu um homem correndo, saindo da base da torre, e se apresentou ao comandante, batendo uma imponente continência.

— Então? — perguntou o comandante da fortaleza.

O sujeito balançou a cabeça.

— Não há nada errado com o sistema exaustor de pressão. Tudo está em ordem.

— Levem-nos daqui! — ordenou o comandante.



A Prisão de Tur Del Fur se escondia na encosta de um morro, distante das docas, dos estabelecimentos comerciais e das oficinas. A construção era uma caixa de pedra, no final do bulevar Avan, com poucas janelas e uma cerca com pontas de ferro. Hadrian e Royce conheciam a reputação do local. A maioria dos prisioneiros costumava morrer logo na primeira semana por execução sumária, suicídio ou maus-tratos. O papel do juiz se restringia a determinar o tipo de execução. Liberdade condicional simplesmente não era uma opção. Somente os indivíduos considerados altamente perigosos eram encaminhados para lá. Gatunos, bêbados e arruaceiros eram levados para a Cadeia Portuária, bem mais leniente. Para os detentos mantidos na Prisão de Tur Del Fur, o local era o fim da linha, literal e simbolicamente.

Royce e Hadrian saíram acorrentados pelos punhos e tornozelos à parede da cela número três, e estavam lá havia algumas horas. A cela era menor do que as de Cális. Não havia janela, banquetas ou urinol — nem mesmo palha. O cubículo era pouco maior do que um armário de pedra, com uma única porta de metal. A única luz era a que entrava pela fresta da moldura da porta.

— Você está muito calado — comentou Hadrian no meio da escuridão.

— Estou tentando entender essa coisa — explicou Royce.

— Entender? — Hadrian riu, embora seus braços e pulsos queimassem como fogo, pois o ferro cortava a carne. — Estamos acorrentados à parede, esperando pela nossa execução, Royce. Não há muito para entender.

— Não é isso! Quero entender por que não encontramos nada errado com a ventilação.

— Porque há um milhão de manivelas e dispositivos, e estávamos procurando apenas um?

— Não acho que seja esse o problema. Quando chegamos à ponte, o que foi mesmo que você disse? Que achava que ninguém mais, exceto eu, seria capaz de escalar a fortaleza. Acho que você tem razão. Eu sei que Merrick não conseguiria. Ele é um gênio, mas não é um elfo. Eu sempre o vencia em questões de aptidão física.

— E daí?

— E daí uma ideia vem martelando a minha cabeça desde que nos trouxeram para cá. Como foi que Merrick conseguiu entrar em Drumindor e praticar a sabotagem?

— Ele descobriu um outro jeito de entrar.

— A gente passou semanas tentando descobrir um outro jeito, lembra?

— Talvez ele tenha subornado alguém lá dentro, ou tenha pagado a alguém para penetrar na torre.

— Quem? — questionou Royce, refletindo durante alguns instantes. — A questão é importante demais para ser confiada a alguém que *talvez*



conseguisse resolvê-la... Ele precisava de alguém que *com toda certeza* levasse a termo a missão.

— Mas como é possível saber que alguém é capaz de fazer algo, até a pessoa, de fato, conseguir... — Hadrian interrompeu a própria fala diante da constatação. — Ah, isso não é bom.

— Desde o começo a gente vem seguindo duas cartas, ambas escritas por Merrick. A gente pensou que a primeira tinha sido interceptada e entregue a Alric, mas e se ela foi enviada a ele *intencionalmente*? Todo mundo sabe que a gente está a serviço de Melengar.

— O que nos levou ao *Tempestade de Esmeralda*... — disse Hadrian.

— Certo. Onde encontramos a segunda carta... a carta destinada àquele tenkin maluco na selva, e essa carta indicava que Drumindor estava prestes a explodir.

— Não estou gostando do rumo que a coisa está tomando — murmurou Hadrian.

— E se Merrick tem conhecimento do mecanismo central?

— Isso é impossível. Gravis está morto. Esmagado, se bem me lembro, embaixo de uma daquelas engrenagens imensas.

— Sim. *Ele* está morto, mas é provável que tenha se vangloriado de ter salvado Drumindor ao contratar dois ladrões vagabundos.

— Nesses termos, a coisa parece perfeita demais — comentou Hadrian, tentando se convencer. — Em retrospecto, é claro que tudo parece se encaixar, mas inúmeras coisas poderiam ter dado errado ao longo do processo.

— Certo. E por isso ele tinha alguém a bordo do *Tempestade* para garantir que tudo corresse bem... Dering. Você viu o jeito como ele sumiu assim que a gente atracou? Ele sabia o que estava por acontecer e caiu fora.

— Eu deveria ter deixado você matá-lo.

Silêncio.

— Você está fazendo que sim, não está?

— Eu não abri a boca.

— Filho da mãe — resmungou Hadrian.

— Quer saber o que foi ainda pior?

— Minha lista de coisas ruins já está bem longa e eu nem sei como poderia piorar. Então, pode dizer.

— A gente fez exatamente aquilo que Merrick não poderia ter feito. Ele nos usou para desarmar Drumindor.

— Quer dizer que ele não sabotou coisa alguma? Isso explicaria por que Gile riu quando eu falei que Drumindor voaria pelos ares. Ele sabia que isso não aconteceria. Merrick prometeu que a torre ficaria intacta. Merrick é um safado de um gênio.

— Acho que eu mesmo já disse isso, uma ou duas vezes.

— Então e agora? — perguntou Hadrian.

— E agora, nada. Ele nos derrotou. Deve estar sentado em algum lugar com uma taça de sidra na mão, sorrindo, todo orgulhoso, apoiando os pés na pilha de dinheiro que acabou de ganhar.

— Precisamos avisar a essa gente que é preciso reativar o mecanismo central.

— Faça isso...

Hadrian começou a gritar, até que a portinhola se abriu, inundando a cela com luz.

— Precisamos falar com alguém. É importante.

— Do que se trata?

— Cometemos um erro. Fomos enganados. Você precisa avisar ao comandante de Drumindor que nós travamos o mecanismo central. Podemos mostrar a ele onde fica o mecanismo e como fazer para acioná-lo.

— Vocês dois nunca desistem, não é? Não sei se vocês são sabotadores mesmo ou apenas dois malucos. Mas uma coisa é certa: vamos descobrir como entraram e depois mataremos vocês dois.

A portinhola se fechou, devolvendo-os à escuridão.

— Parabéns pelo seu desempenho — disse Royce. — Está se sentindo melhor agora?

— Filho da mãe.

## CAPÍTULO 24

### A FUGA



Arista passou a maior parte da noite num canto do estábulo, abraçada com Hilfred. Ele acariciava os cabelos dela e, de vez em quando, sem qualquer motivo aparente, beijava-a com ardor. Arista se sentia segura e fez duas constatações enquanto estava lá deitada. Primeiro, tinha certeza de que seria feliz se ficasse nos braços dele para sempre. Segundo, não estava apaixonada por Hilfred.

Ele era um bom amigo e representava um pouco do lar cuja falta ela sentia com uma intensidade tão grande que a presença dele era como água para alguém sedento. Mas faltava algo. Arista achou estranho que tal conclusão ocorresse enquanto estivesse nos braços do amigo. No entanto, a constatação viera revestida de perfeita clareza. Não amava Hilfred, e tampouco amara Emery. Sequer sabia direito o que era o amor, que sensação o amor provocaria, ou mesmo se o amor existia.

Mulheres da nobreza raramente conheciam os homens com quem se casariam antes do dia do casamento. Talvez, com o tempo, passassem a amar seus maridos, ou então apenas acreditassem que os amavam. Ao menos ela sabia que Hilfred a amava. O amor dele bastava pelos dois. Ela sentia o amor irradiando, como o calor que emana do carvão em brasa. Ele merecia felicidade depois de ter esperado tanto tempo, depois de tanto sacrifício, e ela corresponderia às expectativas. Arista voltaria para Melengar e se casaria com ele. Alric o faria arquiduque Reuben Hilfred. Ela deu uma risadinha diante da ideia.

— O que foi?

— Acabei de me lembrar de que o seu primeiro nome é Reuben.

Hilfred riu, então apontou para o próprio rosto.

— Veja só o meu rosto, e você está rindo do meu *nome*?

Arista envolveu o rosto dele com ambas as mãos.

— Por favor, não faça isso. Eu o acho lindo.

Ele voltou a beijá-la.

De vez em quando, Hilfred olhava para o céu e verificava a posição da lua. Finalmente, ele declarou:

— Está na hora.

Ela concordou e, novamente, assumiu a figura carrancuda do regente Saldur.

— Ainda mal posso acreditar — disse Hilfred.

— Eu sei. Estou começando a dominar essa coisa. Vai querer me beijar de novo? — perguntou ela brincando, e riu da expressão que ele exibiu. — Agora, lembre-se: não tome qualquer atitude. A ideia é proceder com naturalidade. Nada de combate, entendido?

Hilfred fez que sim.

Saíram do estábulo. Ao fazê-lo, Arista olhou para a janela de Modina. Apesar da escuridão, julgou ter visto a figura da jovem emoldurada pela janela. Mais uma vez, lembrou-se das últimas palavras pronunciadas por

Modina e se arrependeu por não ter pedido a Modina que a acompanhasse. Talvez ela recusasse, mas agora era tarde demais. Arista lamentou não ter ao menos feito o convite.

Nipper saiu pela porta da cozinha, bocejando e carregando dois baldes vazios. Parou subitamente, surpreso ao vê-los.

Ela o ignorou e seguiu diretamente para a torre.

Conforme fizera antes, o cavaleiro seret se manteve perfilado no centro do recinto, com o rosto encoberto, os ombros para trás e a espada com a esmeralda à cintura.

— Quero ver Degan Gaunt. Abra.

O guarda sacou a espada.

Seguiu-se um breve momento de terror e o coração de Arista bateu com tamanha intensidade que ela receou que o seret talvez ouvisse as batidas. Ela olhou para Hilfred e percebeu que ele se contraía, levando uma das mãos a sua arma. Então, o cavaleiro se ajoelhou e, com o cabo da espada, tocou levemente o chão de pedra. As pedras imediatamente se abriram, revelando uma escada curva que adentrava uma escuridão.

— Devo acompanhá-lo, Vossa Excelência?

Arista refletiu a respeito da pergunta. Não fazia ideia do que a aguardava lá embaixo. Poderia ser uma única cela, ou um labirinto de corredores. Talvez gastasse muito tempo para descobrir o paradeiro de Gaunt. Lá fora, ouviu Nipper enchendo os baldes com água. O castelo despertava.

— Sim, claro. Vá à frente.

— Como quiser, Vossa Excelência — anunciou o cavaleiro, retirando uma tocha presa à parede e descendo pelos degraus.

Estava escuro lá dentro. A escada era estreita e sufocante. Adiante, ela ouvia o som baixo de um choro. Os mesmos pedregulhos que formavam a base da torre formavam a masmorra. Ali, no entanto, as paredes eram ornamentadas. Nada reconhecível, apenas desenhos abstratos entalhados

por toda parte. Arista teve a sensação de tê-los visto anteriormente — não aqueles, exatamente, mas outros similares.

E então ela sentiu.

Como um graveto que se parte, ou um ovo que racha, um tremor percorreu seu corpo — algo tinha se quebrado, de modo súbito e desconcertante.

Arista olhou para baixo. As mãos do velho tinham desaparecido, e ela viu os próprios dedos iluminados pela luz bruxuleante.

De costas para Arista e Hilfred, o cavaleiro continuou a escoltá-los. Ao chegar à base da escada, fez menção de se virar, dizendo:

— Excelência, eu...

Antes que se virasse completamente, Hilfred empurrou Arista para o lado. Ele sacou a espada no instante em que os olhos do cavaleiro se arregalaram. Quando enfiou a lâmina no peito do homem, a armadura negra rechaçou a ponta da espada. Mas a lâmina resvalou, penetrando pela junção entre o peitoral e a ombreira, atingindo o ombro do guerreiro.

O seret deu um grito.

Hilfred retirou a espada. O cavaleiro cambaleou para trás, esforçando-se para sacar sua arma. Hilfred golpeou o pescoço dele. O sangue explodiu, jorrando nos dois. Sem produzir mais qualquer som, o seret se curvou e tombou.

— O que aconteceu? — perguntou Hilfred, pegando a tocha.

— As paredes — respondeu ela, tocando os símbolos entalhados. — São runas semelhantes às que existem no Cárcere de Gutaria. Aqui a magia não funciona. Você acha que alguém nos ouviu?

— Tenho certeza de que o menino que veio buscar água nos ouviu — declarou ele. — Será que ele vai tomar alguma atitude?

— Não sei. Precisamos fechar a porta — avisou Arista, pegando a espada com a esmeralda e olhando para a escadaria, em cujo topo se via um fecho de luz. O trajeto por eles coberto com tamanha facilidade minutos antes

agora parecia extremamente perigoso. — Vou fechar a porta. Você vai procurar Gaunt.

— Não. Não vou sair do seu lado. Pode haver mais guardas. Esqueça a porta. Vamos encontrá-lo juntos e depois caímos fora daqui.

Hilfred a pegou pela mão esquerda e a conduziu. Em sua mão direita Arista empunhava a espada. Os corredores eram estreitos e de pedra, sem qualquer iluminação, exceto aquela produzida pela tocha. O teto formava um arco de pouco mais de 30 centímetros acima da cabeça de Arista, obrigando Hilfred a se inclinar. Portas de madeira, tão baixas que se assemelhavam a portinholas para acesso de animais, começaram a se revelar de ambos os lados.

— Gaunt! — gritou Hilfred.

— Degan Gaunt! — gritou Arista.

Os dois correram por passagens escuras, esmurrando as portas, chamando-o pelo nome e olhando dentro das celas. O corredor terminava ao alcançar uma passagem perpendicular em formato de T. Dispondo de apenas uma tocha, não tinham a opção de se separar, ainda que Hilfred pudesse ser convencido a fazê-lo. Dobraram à direita e seguiram adiante, encontrando mais portas.

— Degan Gaunt!

— Pare! — pediu Arista, parando abruptamente.

— O que...

— Quietos!

Ouviu-se uma voz baixa:

— Aqui!

Eles desceram pelo corredor seguinte, mas chegaram a um beco sem saída.

— Este lugar é um labirinto — comentou Arista.

Voltaram correndo e dobraram em outro corredor, voltando a chamá-lo.

— Aqui! Estou aqui! — veio a resposta, um pouco mais alta agora.



Correndo, novamente se depararam com uma parede sólida. Voltaram pelo mesmo caminho, encontraram outro corredor que parecia seguir na direção certa e foram até o final.

— Degan! — chamou ela.

— Aqui! — respondeu uma voz, que havia saído da última porta daquela ala.

Quando chegaram diante da porta, Arista se abaixou e ergueu a tocha. Na janela minúscula e fechada com barras de ferro, viu dois olhos. Girando a maçaneta, constatou que a porta estava trancada. Experimentou usar a pedra preciosa, mas nada aconteceu.

— Droga! — exclamou ela. — O guarda... A chave deve estar com ele. Ah, como posso ter sido tão boba? Eu deveria ter revistado o guarda, antes de deixá-lo para trás.

Hilfred esmurrou a porta de madeira com a espada. O carvalho, quase tão sólido quanto pedra, soltou apenas algumas lascinhas.

— Jamais abriremos a porta assim. Sua espada não é o bastante! Precisamos voltar e pegar a chave.

Hilfred continuou a golpear a porta.

— Nós vamos voltar aqui, Degan! — avisou Arista, antes de retornar pelo corredor, levando consigo a tocha.

— Arista! — gritou Hilfred, correndo atrás dela.

Desceram pelos corredores, virando à esquerda, depois à direita, e então...

— Arista? — disse Saldur, abismado, no momento em que Arista e Hilfred quase se chocaram com o regente.

Em volta dele havia cinco serets, com espadas em punho e tochas erguidas.

Hilfred empurrou Arista para trás.

— Corra! — ordenou ele.

Saldur os encarou por um momento, então balançou a cabeça.

— Não há para onde correr, meu caro rapaz. Vocês dois estão encurralados.

Saldur, com a cabeleira despenteada, trajava um camisolão de linho branco, por cima do qual acabara de vestir um robe de seda vermelha, que ele ainda amarrava à cintura com um cinto.

— Então, era você, afinal. Mal posso acreditar. Foi esperta, Arista, mas você sempre foi uma menina esperta, não é? Sempre metendo o nariz onde não deve.

“E você, Hilfred, vejo que reencontrou sua princesa. É um gesto extremamente nobre defendê-la com a própria vida, mas é também inútil, e vale a pena sacrificar a honra em vão? Este calabouço não tem outra saída. Esses homens são serets, extremamente habilidosos, soldados implacavelmente treinados que os matarão, se resistirem.”

Saldur pegou a tocha que estava com o seret mais avançado, que agora sacou também um punhal.

— Você desperdiçou metade da vida protegendo essa menina idiota, cuja imbecilidade e escolhas precipitadas o arrastaram pelo sofrimento e até pelo fogo. Deponha a espada e recue.

Hilfred ajustou a empunhadura e fincou os pés no chão.

— Quando eu tinha 15 anos, o senhor me disse que eu morreria se tentasse salvá-la. Naquela noite adentrei um inferno. Se não lhe obedeci naquela ocasião, por que haveria de lhe obedecer agora?

Saldur suspirou.

— Não lhes obrigue a matá-lo.

Hilfred se manteve firme.

— Pare, por favor. Eu imploro! — gritou Arista. — Sauly, faça o que você quiser. Por favor, deixe-o ir embora.

— Convença-o a depor a espada e deixarei.

— Hilfred...

— Nem que você assim me ordene — retrucou ele com a voz grave. — Nenhum poder em Elan será capaz de fazer com que me afaste de você... Nem agora nem nunca mais.

— Hilfred... — murmurou Arista enquanto as lágrimas escorriam por suas faces.

Ele olhou de relance para ela. Naquele momento de desatenção, o seret aproveitou a oportunidade e atacou. Hilfred se esquivou. As espadas se chocaram.

— *Não!* — gritou Arista.

Hilfred desferiu mais um golpe visando à garganta, mas o cavaleiro se abaixou. A lâmina atingiu a parede, provocando faíscas. O cavaleiro o feriu na altura das costelas. Ofegante, Hilfred cambaleou, mas conseguiu estocar o peito do seret. Novamente, a ponta da lâmina resvalou na armadura negra, mas dessa vez ele não teve a sorte de tocar num ponto vulnerável. Arista viu um segundo cavaleiro avançar, cravando a espada no estômago de Hilfred. A lâmina atravessou o corpo dele, saindo pela parte posterior da túnica.

— Não! *Não!* — berrou ela, escorregando pela parede, pois seus joelhos fraquejaram.

Vertendo sangue pelos lábios, Hilfred conseguiu erguer mais uma vez a espada. O primeiro cavaleiro brandiu a arma, decepando o braço de Hilfred na altura do cotovelo, e um esguicho de sangue morno borrifou o rosto de Arista. Hilfred caiu de joelhos, contorcendo-se.

— A-Aris... — gaguejou ele.

— Ah, Hilfred... — murmurou Arista enquanto seus olhos ardiam.

Os cavaleiros o cercaram. Um deles levantou a espada.

— *Arista!* — gritou ele.

A lâmina manejada pelo cavaleiro desceu.

Arista tombou como se a espada houvesse atingido a ambos. Estirada no chão, ela não conseguia falar. Não conseguia respirar. Seus olhos ficaram

cravados no corpo inerte de Hilfred enquanto um líquido quente empoçava o piso de pedra e escorria entre seus dedos.

— Hilfred. — Ela moveu os lábios tentando enunciar a palavra. Não lhe restava fôlego para pronunciá-la.

Saldur suspirou.

— Levem-no daqui.

— E ela?

— Ela se empenhou tanto para entrar aqui. Vamos, então, lhe ceder um aposento permanente.

## CAPÍTULO 25

# INVASÃO



– O que você acha que vai acontecer? — perguntou Hadrian a Royce, ambos presos no escuro.

— A esquadra vai chegar e não haverá pressão para acionar os canais de lava. Os ghazel vão desembarcar sem oposição e massacrar todo mundo. Finalmente, vão chegar aqui, invadir a torre e nos matar.

— Não — retrucou Hadrian, balançando a cabeça. — É aí que você se engana. Os ghazel vão nos devorar vivos, e não vão ter a menor pressa de nos saborear. acredite em mim.

Ficaram em silêncio.

— Que horas você acha que são? — perguntou Hadrian.

— Perto do pôr do sol. Já era tarde quando nos trouxeram para cá.

Silêncio.

Eles conseguiam ouvir os movimentos aleatórios dos guardas do outro lado da porta, conversas abafadas, cadeiras arrastadas, algumas risadas.

— Por que isso sempre acontece? — indagou Royce. — Por que acabamos sempre pendurados numa parede, esperando pela morte? Quero apenas lembrar que tudo isso foi ideia sua... *novamente*.

— Eu já esperava por isso. Mas acho que disse para você não vir — declarou Hadrian, mexendo-se nas correntes e suspirando. — Não acredito na possibilidade de uma linda princesa aparecer aqui para nos salvar novamente.

— Essa carta já foi descartada.

— Eu queria ter encontrado Gaunt — manifestou Hadrian finalmente. — Teria sido interessante conhecer o sujeito, você me entende? Minha vida foi destinada à proteção desse cara e eu nunca sequer o vi.

Eles se mantiveram calados durante algum tempo, então Royce começou a fazer um ruído como *hummm*.

— O que foi?

— Hein? Ah, nada.

— Você está pensando em alguma coisa. O que é?

— É interessante você achar Arista linda.

— Você não acha?

— Ela é bonitinha.

— Gwen deixa você cego.

Hadrian ouviu Royce suspirar. Seguiu-se um silêncio, então ele falou:

— Ela já escolheu o nome dos nossos filhos. Elias, se for menino... ou seria Sterling? Esqueci. E Mercedes, se for menina. Ela até aprendeu a tricotar e me fez um cachecol.

— Acho que agora não adianta, mas desculpe por ter arrastado você para esta missão.

— Ela quis que eu viesse, lembra? Disse que eu precisava protegê-lo. Precisava salvar sua vida.

Hadrian olhou para ele.

— Meus parabéns...

Cadeiras foram arrastadas do lado de fora, passos, uma porta bateu, vozes agitadas. Hadrian captou fragmentos da conversa:

— ... velas negras... uma nuvem escura no mar...

— Não, outra pessoa...

Uma cadeira tombou no chão. Mais passos apressados. Silêncio.

— Pelo jeito, a esquadra chegou — comentou Hadrian, observando a porta da cela. — Eles acham que estamos mortos, não é? Nós bem que avisamos que isso aconteceria. Viemos até aqui para tentar salvá-los. Seria de se esperar que tivessem a decência de nos soltar, quando constatassem que estávamos certos.

— Provavelmente acham que estamos por trás da coisa. Tivemos sorte de eles não nos executarem sumariamente.

— Não sei se isso é sorte. Uma decapitação rápida e certa cairia bem agora.

— Quanto tempo você acha que vai levar até os barões nos encontrarem? — perguntou Royce.

— Você está com pressa?

— Na verdade, estou. Se vou ser devorado, gostaria que acabasse logo.

Hadrian ouviu o ruído de vidro estilhaçando.

— Ora, não demorou muito, não é? — murmurou Royce com desalento.

Passos soaram do lado de fora. Houve uma pausa, então os passos recomeçaram, aproximando-se. Barulho de luta e um grito abafado. Hadrian se contraiu e viu a porta ser aberta. A imagem que surgiu à porta o chocou.

— Rapazes, vocês estão prontos para cair fora? — perguntou Dering.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntaram os dois em uníssono.

— Querem que eu vá embora? — indagou Dering, sorrindo. Percebendo as algemas soldadas, ele fez uma careta. — Que amolação, não é? Aguentem firme. Vi umas ferramentas lá fora.

Royce e Hadrian trocaram olhares, atônitos.

— Tudo bem, não é uma linda princesa, mas para mim já serve.

Ouviram o barulho de algo sendo martelado, seguido de uma exclamação:

— Rá! — E Dering voltou, trazendo uma marreta e um cinzel. — A esquadra dos ghazel chegou e Drumindor não está funcionando, mas tampouco explodiu; acho que devemos agradecer a vocês — declarou Dering enquanto removia os pinos das algemas.

— Não há de quê. Estou falando sério. Não há por que agradecer — falou Hadrian, fazendo careta.

— Agora metade da população, a metade inteligente, está fugindo. Os demais vão querer lutar. Isso significa que não temos muito tempo para cair fora daqui. Tenho cavalos e mantimentos à nossa espera na saída da cidade. Vamos seguir para o norte, pela estrada da montanha. Vou com vocês até Maranon e de lá tomo o meu próprio rumo.

— Mas ainda não entendi por que você está aqui — disse Royce no momento em que Dering acabava de remover uma das algemas. — Você não trabalha para Merrick?

— Merrick Marius? — Dering riu. — Engraçado. Grady e eu estávamos convencidos de que vocês dois trabalhavam para Marius. — Dering terminou de abrir as algemas que prendiam Royce, então se voltou para Hadrian. — Nós trabalhamos para Cornelius DeLur. Talvez vocês o conheçam... Sujeito grandalhão, obeso, pai de Cosmos. É ele quem manda neste reino... ou é o dono do reino, dependendo do ponto de vista. Imaginem a surpresa que tive ontem, quando verifiquei que vocês estão a serviço de Melengar. DeLur se divertiu muito quando ficou sabendo disso. Às vezes o senso de humor do velho gorducho é doentio.

— Estou confuso. Por que vocês estavam a bordo do *Tempestade*?

— Quando o Diamante se deparou com a mensagem de Merrick, Cosmos achou que o assunto era importante e resolveu informar ao pai; então, Cornelius mandou a gente descobrir o que estava acontecendo. Grady e eu começamos a vida como marinheiros e ainda somos conhecidos assim



no Sharon. Estávamos convencidos de que Royce tinha matado Drew, e por isso achávamos que vocês estivessem envolvidos com Merrick. Achamos que tivesse algo a ver com o comentário sobre o tal chifre que Drew havia feito.

— Foi Bernie quem o matou — declarou Royce simplesmente.

— É, a gente acabou chegando a essa conclusão. E obviamente o tal chifre nada tinha a ver com Merrick. Aquilo era coisa do grupo de Thranic. Quando soubemos que vocês tinham sido detidos, não foi difícil encontrá-los.

Derning acabou de soltar Hadrian, que esfregou os pulsos.

— Vamos, a maior parte do equipamento de vocês está ali fora — avisou ele, então sacou o punhal Alverstone do cinto e o entregou a Royce. — Peguei isso com um dos guardas. Ele deve ter achado o punhal bonito.

Do lado de fora da cela a saleta estava vazia, exceto pela presença de dois guardas. Um parecia estar morto, mas o outro talvez estivesse apenas inconsciente. Hadrian e Royce encontraram seus pertences dentro de caixas guardadas numa sala entulhada de itens confiscados.

Lá fora, o dia amanhecia, e a população corria de um lado para outro, carregando trouxas nos braços. Mães seguravam crianças em prantos no colo. Homens tentavam empurrar morro acima carroças cheias demais. Abaixo, no porto, havia uma floresta de mastros escuros. Drumindor era uma testemunha muda da pilhagem da cidade.

Derning os conduziu por ruas entupidas de refugiados. Havia gente envolvida em luta corporal. Algumas vias estavam bloqueadas, e finalmente ele optou pelos telhados. Escalaram alpendres e pularam por cima de becos, correndo por telhados construídos com telhas de argila até se verem livres do tumulto. Voltaram ao nível da rua e rapidamente alcançaram o portão leste da cidade. Às pressas, em carroças e jumentos, centenas de pessoas saíam da cidade — mulheres e crianças na maioria, além de velhos.

Derning se deteve logo ao atravessar o portão; parecia estar preocupado. Assobiou, e a resposta foi um pio de pássaro. Em seguida, conduziu-os para

fora da estrada e subiu um barranco.

— Desculpe, Jacob — disse um rapaz magricelo, aparecendo com quatro cavalos. — Achei melhor esperar escondido. Se alguém me visse com estes cavalos, os animais não ficariam comigo por muito tempo.

Do topo do morro era possível avistar a baía lá embaixo. Colunas de fumaça emanavam dos prédios mais próximos do mar.

— Não conseguimos impedir a invasão — declarou Dering, olhando para os refugiados que deixavam a cidade —, mas, se considerarmos que vocês evitaram a explosão, e eu adverti Cornelius a tempo de ele soar o alarme, acabamos salvando muitas vidas.

Montaram nos cavalos e Hadrian lançou um último olhar em direção a Tur Del Fur enquanto as labaredas, impulsionadas pela brisa marinha da manhã, varriam as ruas abaixo.

## CAPÍTULO 26

# PAGAMENTO



Merrick adentrou o salão nobre do palácio imperial. Criados penduravam enfeites para a Festa do Inverno, o que deveria emprestar ao recinto um ar festivo, mas para Merrick o salão não passava de um local lúgubre, com pedra demais e sol de menos. Ele jamais gostara de Aquesta e lamentava o fato de que a cidade seria a capital do Novo Império, um império cuja estabilidade ele havia garantido. Sua preferência era Colnora. Ao menos Colnora tinha iluminação pública, com globos de vidro.

— Ah! Merrick! — saudou-o Ethelred. Os regentes, o conde Ballentyne e o chanceler estavam reunidos em redor de uma grande mesa. — Ou devo chamá-lo de lorde Marius?

— Deve sim — respondeu Merrick.

— Então, você nos traz boas-novas?

— As melhores, Vossa Excelência... Delgos se rendeu.

— Excelente! — Ethelred aplaudiu.

Merrick chegou diante da mesa e tirou as luvas, um dedo de cada vez.

— Os ghazel invadiram Tur Del Fur cinco dias atrás, encontrando fraca resistência. Ocuparam Drumindor e queimaram a maior parte da cidade portuária.

— E o exército nacionalista? — indagou Ethelred, sentando-se confortavelmente em sua poltrona, com um largo sorriso no rosto.

— Conforme o esperado, o exército levantou acampamento e partiu para o sul, tão logo a notícia chegou. A maioria tem família em Delgos. O senhor pode reconquistar Ratibor a hora que quiser. Nem será preciso um exército inteiro. Algumas centenas de homens já serão suficientes. Breckton pode voltar sua atenção ao norte, isto é, a Melengar, e dar início ao planejamento da invasão de Trent, na primavera.

— Excelente! Excelente! — comemorou Ethelred. Saldur e o chanceler também aplaudiram, trocando sorrisos de alívio e satisfação.

— O que vai acontecer, quando os ghazel acabarem com Delgos e decidirem marchar rumo ao norte? — perguntou o conde de Chadwick. Sentado à ponta da mesa, não parecia compartilhar do júbilo dos companheiros. — Ouvi dizer que são muitos, e que são guerreiros implacáveis. Se destruírem Delgos, que garantia teremos de que não vão nos atacar?

— Tenho certeza de que os nacionalistas haverão de frustrar as ambições deles, em curto prazo, meu senhor — respondeu Merrick. — Mas, mesmo que isso não aconteça, os ba ran ghazel não serão uma ameaça para nós. São uma raça supersticiosa e acreditam que em breve serão assolados por uma catástrofe de dimensões apocalípticas. Eles querem usar Drumindor como refúgio, não como base para ataques. Isso vai permitir o tempo necessário para conquistar Melengar, Trent e talvez até o oeste de Cális. A essa altura, o Novo Império será supremo, e os nacionalistas não passarão de uma lembrança. Os residentes que sobreviverem em Delgos, aqueles barões outrora independentes, vão implorar pela intervenção do Império contra os

ghazel, e de bom grado vão se submeter ao seu comando absoluto. O Antigo Império será reconstituído.

O conde franziu o cenho e voltou a sentar-se.

— Você é deveras notável, e merecedor de seu novo título, lorde Marius.

— Visto que o senhor já tem Gaunt e que Esrahaddon está morto, creio que meu serviço já esteja concluído.

— Por enquanto — avisou Ethelred. — Não vou deixar um homem talentoso como você escapar assim tão facilmente. Agora que o encontrei, eu o quero na minha corte. Sua lealdade será devidamente recompensada.

— Na verdade, já conversei com Sua Excelência a respeito do posto de magistrado de Colnora.

— Magistrado, hein? Quer ser o dono da cidade, não é? Gostei da ideia. Você acha que consegue manter o Diamante sob seu comando? Acho que conseguiria... Claro, por que não? Dito e feito: lorde magistrado! Mas insisto para que você só assuma o cargo depois da Festa do Inverno. Faço questão de sua presença aqui durante a festividade.

— Ethelred vai se casar e será coroado imperador — explicou Saldur. — O próprio patriarca virá celebrar a cerimônia e, como se isso não bastasse, vamos queimar na fogueira uma famosa bruxa.

— Não posso perder tudo isso.

— Excelente! — exclamou Ethelred, sorrindo. — Espero que as acomodações que lhe foram destinadas sejam satisfatórias. Se não forem, informe ao lorde camareiro, e ele providenciará algo melhor.

— A casa é perfeita. O senhor foi por demais generoso.

— Ainda não entendi por que você não quis se hospedar no palácio.

— Meu trabalho fica mais fácil se eu não for visto aqui com muita frequência. E agora, se os senhores me derem licença, preciso...

— Vai embora? — perguntou Ethelred, decepcionado. — Você acabou de chegar. Uma notícia dessas precisa ser comemorada. Não me deixe celebrar apenas com um velho clérigo e um conde melancólico. Vou pedir vinhos e

carnes. Vamos ter entretenimento, música, bailarinos e mulheres, se você quiser. Qual é o seu tipo de mulher, Marius? Esbelta ou rechonchuda, loura ou morena, fogaosa ou meiga? Posso garantir que o lorde camareiro é capaz de atender a qualquer pedido.

— Infelizmente, senhor, ainda preciso cuidar de algumas pendências.

Ethelred contraiu a fronte.

— Muito bem, mas você precisa vir para a Festa do Inverno. Eu insisto.

— Claro, meu senhor.

Merrick se retirou enquanto os governantes do império trocavam congratulações. Do lado de fora, uma carruagem nova o esperava, puxada por quatro cavalos brancos e um cocheiro uniformizado. Sobre o assento havia um embrulho deixado pelo chefe da guarda da cidade. Merrick tinha oferecido brandy a título de escambo, e o sujeito não hesitara em aproveitar a oportunidade. Uma garrafa de bebida de alta qualidade como pagamento pelos restos desprezíveis de uma caça à bruxa era uma rara mordomia que o guarda não podia dispensar. Abrindo o embrulho, Merrick correu os dedos pelo tecido reluzente do manto.

A carruagem subiu a colina e dobrou na rua Heath, uma das áreas mais ricas da cidade. As residências, embora não fossem imensas, eram elegantes e de extremo bom gosto. Um criado aguardava a postos para retirar sua capa e suas botas, enquanto outro criado lhe oferecia uma taça de sidra morna. Merrick não mais bebia vinho, cerveja ou qualquer bebida alcoólica, e gostou de constatar que tal fato tinha sido levado em conta. Sentou-se na sala de estar, cercado de móveis com estofamento grená e paredes cobertas com lambris de madeira, bebericando a sidra e ouvindo os estalidos do fogo na lareira. Ouviu-se uma batida à porta. Ele quase se levantou para abri-la, então viu um dos criados correndo em direção ao vestibulo.

— Onde ela está, Merrick? — Ele ouviu um grito irritado.

No instante seguinte, o criado entrou na sala de estar, seguido por dois homens.

— Por favor, sentem-se... os dois — pediu Merrick, recostando-se na poltrona macia e aquecendo as mãos na xícara. — Vocês não aceitam uma bebida antes de começarmos a falar de trabalho? Meus criados podem trazer o que desejarem, mas devo dizer que a sidra está excelente.

— Eu perguntei onde ela está?

— Relaxe, Sr. Deminthal, sua filha está bem e logo mandarei buscá-la. O senhor cumpriu com louvor a sua parte do trato e sei honrar meus compromissos. Só preciso repassar alguns detalhes. Mera formalidade, asseguro. Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo, Wyatt. Posso chamá-lo de Wyatt? Você fez um trabalho excelente. O relatório de Poe atribuiu notas altas à sua atuação. Segundo ele, você foi perfeito quando conseguiu embarcar Royce e Hadrian e, mesmo depois do naufrágio inesperado do *Tempestade de Esmeralda*, seu raciocínio rápido salvou as ordens e a missão do navio. Fiquei bastante impressionado diante da maneira como conquistou a confiança de Royce... Tarefa nada fácil, é preciso acrescentar. Você deve ser um sujeito bastante persuasivo, a julgar pelo modo como convenceu a capitania dos portos de que Royce e Hadrian estavam em Tur Del Fur para destruir Drumindor. Estou convencido de que o sucesso maravilhoso da operação se deve à sua habilidade e inteligência.

Merrick deu um gole na sidra e se recostou, exibindo um largo sorriso.

— Tenho apenas uma pergunta. Você sabe onde Royce e Hadrian estão neste momento?

— Mortos. Seja pelos ghazel ou por oficiais de Tur Del Fur, pelos primeiros que os tiverem encontrado.

— Humm, eu duvido. Não é fácil matar Royce. Ele já escapou de situações bem mais difíceis. Eu diria até que a vida dele é protegida por algum encantamento, mas acontece que sei muito bem o tipo de vida que ele leva. Contudo, nem mesmo a morte parece ser capaz de subjugá-lo.

— Quero a minha filha. Agora — exigiu Wyatt, em voz baixa, com os dentes trincados.

— Claro, claro. Sr. Poe, o senhor faria o obséquo de ir lá em cima e trazê-la até aqui? É a terceira porta à esquerda — indicou Merrick, e lhe entregou uma chave. — Falando sério, Wyatt, você é um homem competente. Eu poderia empregá-lo.

— Você acha que eu *gostei* de fazer o que fiz? Quantas centenas de pessoas morreram por minha causa?

— Não veja a coisa por esse ângulo. Veja a coisa como um trabalho, uma missão que você levou a termo com brilhantismo. Faz tempo que não vejo um talento como o seu, e poderia me valer de suas habilidades em outros serviços. Junte-se a mim, e você será bem recompensado. Estou trabalhando em outro projeto agora, para um cliente ainda mais abastado, e estou em condições de lhe propiciar muitas coisas boas. Você e sua filha podem viver como nobres proprietários de terras. Você não gostaria de ter uma propriedade?

— Você sequestrou a minha filha. O único negócio que estou interessado é em planejar a sua morte.

— Não seja tão dramático. Ah, está vendo? Aí está ela. Sã e salva.

Poe trouxe uma menina escada abaixo. A garota tinha cerca de 10 anos, usava os cabelos castanho-claros amarrados com um laço, trajava um elegante vestido azul, muito bem-cortado, e calçava sapatos de couro.

— Papai! — exclamou ela.

Wyatt correu ao seu encontro, abraçando-a.

— Eles machucaram você, querida?

— Não, estou bem. Eles me compraram este vestido bonito e estes sapatos! E a gente brincou.

— Que bom, querida. — Voltando-se para Merrick, Wyatt perguntou: — E Elden?

— Ele está bem, ainda em Colnora. Esperando por você, suponho. Wyatt, você precisa levar em conta a minha oferta, até mesmo para sua própria segurança.



Wyatt ficou indignado.

— Eu fiz o que você mandou! Você mesmo disse que minha atuação foi *brilhante*! Por que continua a nos ameaçar?

Merrick olhou para a menina.

— Poe, leve Alice para a cozinha. Acho que tem uns biscoitos lá que ela vai gostar.

Wyatt abraçou a menina.

— Não se preocupe; ela já volta.

— Você gosta de biscoitos? — perguntou Poe. A menina sorriu e meneou a cabeça em sinal afirmativo. Em seguida, olhou para o pai.

Wyatt fez que sim.

— Tudo bem, pode ir. Mas volte logo, querida.

Poe e Alice deixaram o recinto de mãos dadas.

— Eu não estou ameaçando você. Como já disse, estou bastante impressionado com suas habilidades. Só estou querendo protegê-lo. Pense comigo... E se Royce não estiver morto? Ele vai conseguir montar o quebra-cabeça, se é que já não o fez. Pense no que ele pode fazer com você... e com a sua filha. É provável que Royce resolva matar Allie diante de seus olhos.

— Ele não é assim.

Merrick deu uma risadinha.

— Ah, o senhor não faz ideia do que Royce é capaz. Eu reconheço que o convívio com Hadrian Blackwater em muito o acalmou. Doze anos ao lado daquele sonhador idealista praticamente humanizaram Royce. Mas eu o *conheço* muito bem. Eu conheço a essência dele. Já vi coisas que fazem disparar até o meu coração de pedra. Basta lhe provocar ódio para fazer surgir um demônio incontrolável. acredite em mim, ele *é assim* e muito pior. Ele é capaz de qualquer coisa.

Allie voltou, trazendo um punhado de biscoitos. Segurando-a pela outra mão, Wyatt dirigiu-se à porta. Diante da soleira, deteve-se e olhou para trás.

— Merrick, se o que você está dizendo sobre Royce for verdade, não é *você* quem deveria estar com medo? — perguntou Wyatt, e saiu, batendo a porta.

Merrick deu mais um gole na sidra, mas a bebida tinha esfriado.

## GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES

ABADIA DOS VENTOS: monastério dos monges de Maribor, reconstruída por Myron Lanaklin após ser queimada.

ADAM: fabricante de rodas de Ratibor.

ADDIE WOOD: mãe de Thrace/Modina, esposa de Theron, morta em Dahlgren.

ALABARDA: arma composta de longa haste, rematada por peça pontiaguda de ferro, atravessada por lâmina em forma de meia-lua.

ALBERT WINSLOW, VISCONDE: nobre sem-terra, utilizado pela Riyria para obter a contratação de serviços por parte da aristocracia.

ALBURN: reino de Avryn, governado pelo rei Armand e pela rainha Adeline, membro do Novo Império.

ALENDIA LANAKLIN, DAMA: filha do marquês Victor Lanaklin e irmã do Irmão Myron, monge da Abadia dos Ventos.

ALGAR: marceneiro em Hintindar.

ALLIE: filha de Wyatt Deminthal.

ALRIC BRENDON ESSENDON, REI: membro da família real de Melengar, filho de Amrath, irmão de Arista.

ALVERSTONE: punhal de Royce.

AMBERTON LEE: colina com velhas ruínas próxima a Hintindar.

AMBROSE MOOR: administrador do Cárcere de Manzant.

AMILIA: filha de um fabricante de carruagens do pequeno vilarejo de Tarin Vale.

AMITER: segunda esposa do rei Urith, irmã de Androus.

AMRATH ESSENDON: falecido rei de Melengar, pai de Alric e Arista.

AMRIL: condessa enfeitiçada por Arista, provocando-lhe furúnculos pelo corpo.

ANDROUS: vice-rei de Ratibor.

ANNA: camareira da imperatriz Modina.

ANTUN BULARD: historiador e autor da obra *A história de Apeladorn*, passageiro do *Tempestade de Esmeralda*.

APELADORN: quatro nações de homens, incluindo Trent, Avryn, Delgos e Cális.

APELANÊS: língua falada por todos os quatro reinos dos homens.

AQUESTA: capital do reino de Warric, sede do poder do Novo Império.

ARBOR: padeira em Hintindar, casada com Dunstan, filha de um sapateiro.

ARCADIUS VINTARUS LATIMER: professor de mitologia da Universidade de Sheridan.

ARCHIBALD BALLENTYNE: conde de Chadwick, comandante de Sir Breckton.

ARISTA ESSENDON: princesa de Melengar, filha de Amrath, irmã de Alric.

ARMAND: rei de Alburn, casado com Adeline.

ARMIGIL: cervejeira de Hintindar.

ARQUIPÉLAGO DE BA RAN: ilhas dos goblins.

ARTE, A: magia, temida por nobres e plebeus supersticiosos.

ARVID MCDERN: filho de Dillon McDern, de Dahlgren.

AVEMPARTHA: antiga torre dos elfos, lar de Gilarabrywn, que atacou Dahlgren.

AVRYN: a mais central e mais poderosa das quatro nações de Apeladorn, situada entre Trent e Delgos.

AYERS: proprietário da taverna O Gnomo Sorridente, em Ratibor.

BA RAN GHAZEL: goblins do mar.

BAÍA DE TERLANDO: porto de Tur Del Fur.

BALDWIN: lorde cujos domínios abrangem Hintindar.

BALLENTYNE: família que comanda o condado de Chadwick.

BALSA: barco leve, usado para corridas ou para o transporte de mercadorias e passageiros entre ilhas e portos.

BANNER: membro da tripulação do *Tempestade de Esmeralda*.

BARKERS: família de refugiados vivendo no beco Brisbane, em Aquesta; Brice, o pai, Lynnette, a mãe, Finis, Hingus e Wery, os filhos.

BARTHOLOMEW: fazedor de carruagens de Tarin Vale, pai de Amilia.

BARTHOLOMEW: sacerdote em Ratibor.

BASIL: cozinheiro dos oficiais do *Tempestade de Esmeralda*.

BASTION: servo do palácio imperial.

BATALHA DE MEDFORD: confronto ocorrido durante o julgamento por bruxaria da princesa Arista.

BATALHA DE RATIBOR: confronto entre os nacionalistas e os imperialistas.

BELINDA PICKERING: bela esposa do conde Pickering, mãe de Lenore, Mauvin, Fanen e Denek.

BELSTRADS: família de cavaleiros de Chadwick, que inclui as figuras de Sir Breckton e Wesley.

BENTLY: sargento no exército nacionalista.

BERNARD: lorde camareiro do palácio imperial.

BERNICE: antiga dama de companhia da princesa Arista, morta em Dahlgren.

BERNIE DEFOE: membro da tripulação do *Tempestade de Esmeralda*, antigo membro da guilda de ladrões do Diamante Negro.

BERYL: aspirante veterano do *Tempestade de Esmeralda*.

BETHAMY: rei que, supostamente, deixou ordens para que seu cavalo fosse enterrado na mesma cova que ele.

BIDDINGS: chanceler do palácio imperial.

BISHOP: tenente a bordo do *Tempestade de Esmeralda*.

BLACKWATER: sobrenome de Hadrian e de seu pai, Danbury.

BLIDEN: tripulante do *Tempestade de Esmeralda*.

BOCANT: família que estabeleceu um comércio lucrativo com carne suína; segunda família mais rica de comerciantes de Colnora.

BOTHWICKS: família de camponeses de Dahlgren.

BRECKTON BELSTRAD, SIR: filho de lorde Belstrad, irmão de Wesley, comandante do Exército Imperial do Norte, cavaleiro de Chadwick, considerado por muitos o melhor cavaleiro de Avryn.

BRISTOL BENNET: contramestre do *Tempestade de Esmeralda*.

BRODIC ESSENDON: fundador da dinastia de Essendon.

BRUXA DE MELENGAR: título depreciativo atribuído à princesa Arista.

BURANDU: lorde do vilarejo tenkin de Oudorro.

BYRNIE: túnica (geralmente sem mangas) confeccionada de malha de aço, usada antigamente como armadura.

CABRESTANTE: vela do navio que gira para erguer a âncora.

CALIANO: relativo à nação de Cális.

CALIANOS: habitantes da nação de Cális; indivíduos de tez morena e olhos amendoados.

CÁLIS: das quatro nações que constituem Apeladorn, a que se situa mais a sudeste, considerada exótica e em constante conflito com os ba ran ghazel.

CAMAREIRO: indivíduo encarregado de gerenciar a casa de um rei ou de um nobre.

CAMPOS DE DRONDIL: castelo do conde Pickering, antiga fortaleza de Brodrick Essendon, antiga sede de Melengar.

CAPATAZ: oficial que supervisiona servos e toma conta das propriedades de um lorde.

CASA DE MEDFORD: bordel administrado por Gwen DeLancy, funcionando ao lado da taverna Rosa e Espinho.

CASTELO DE BLYTHIN: castelo em Alburn.

CASTELO DE ESSENDON: residência dos reis de Melengar.

CASTELO DE PROA: parte elevada da proa de um navio que contém os alojamentos dos membros de alto escalão da tripulação.

CASWELL: família de camponeses de Dahlgren.

CATARATAS DE PARTHALOREN: as grande cataratas em Nidwalen, perto de Avempartha.

CATEDRAL DE MARES: sede da Igreja de Nyphron em Melengar, comandada pelo bispo Saldur.

CAVALINHA SALGADA, A: taverna no distrito portuário de Aquesta.

CENZARES: magos do antigo Império Novroniano.

CHAVE DE PEDRA: pedra capaz de abrir uma “fechadura de pedra”.

CHIFRE DE DELGOS: ponto de referência usado por marinheiros para determinar a ponta mais ao sul de Delgos.

CHIFRE DE GYLINDORA: item que Esrahaddon diz estar enterrado em Percepliquis.

COLINA BERNUM: distrito mais abastado de Colnora.

COLNORA: maior e mais próspera cidade de Avryn; com inclinação para atividade comercial, a cidade cresceu no cruzamento de várias rotas mercantes.

CONSPIRAÇÃO PELA COROA, A: peça supostamente baseada no assassinato do rei Amrath, segue as aventuras de dois ladrões e do príncipe de Melengar.

CONSTANCE, LADY: mulher nobre, quinta secretária imperial da imperatriz Modina.

CONTRAMESTRE: oficial que controla o trabalho dos outros marujos em um navio.

CORA: leiteira no palácio imperial.

CORNELIUS DELUR: rico homem de negócios, supostamente financia os nacionalistas e está envolvido no mercado negro, pai de Cosmos.

COSMOS SEBASTIAN DELUR: filho de Cornelius, também conhecido como o Joia, líder da guilda de ladrões do Diamante Negro.

CRANSTON: professor da Universidade de Sheridan, julgado e condenado à fogueira por heresia.

CUTELO: apelido usado por Merrick Marius quando era membro da guilda de ladrões do Diamante Negro.

DACCA: um feroz povo navegador que vive na ilha de Dacca, ao sul de Delgos.

DAGASTAN: maior porto comercial de Cális.

DAHLGREN: vilarejo remoto, nas margens do rio Nidwalden, destruído pelo Gilarabrywn.

DANBURY BLACKWATER: pai de Hadrian.

DANTHEN: lenhador de Dahlgren.

DAREF, LORDE: nobre de Warric, ligado a Albert Winslow.

DARIUS SERET: fundador dos cavaleiros de Seret.

DAVENS: escudeiro por quem Arista se apaixonara na juventude.

DAVIS: membro da tripulação do *Tempestade de Esmeralda*.

DEGAN GAUNT: líder dos nacionalistas, irmão de Miranda.

DELANO DEWITT: pseudônimo utilizado por Wyatt Deminthal ao culpar Hadrian e Royce pela morte do rei Amrath.

DELGOS: uma das quatro nações de Apeladorn; sendo a única república num mundo de monarquias, Delgos se rebelou contra o Império, depois que Glenmorgan III foi assassinado e que a república sobreviveu a um ataque dos ba ran ghazel, sem qualquer auxílio do império.

DELORKAN, DUQUE: nobre caliano.

DELUR: família de comerciantes ricos.

DENEK PICKERING: filho caçula do conde Pickering.

DENNY: trabalhador no Rosa e Espinho.

DERMONT, LORDE: general do exército imperial.

DERNING, JACOB: capitão do mastro principal do *Tempestade de Esmeralda*.

DEVON: monge de Tarin Vale, ensinou Amilia a ler e escrever.

DIAMANTE NEGRO, o: guilda de ladrões com atuação em todas as nações, sediada em Colnora.

DIGBY: guarda do Castelo de Essendon.



DILLADRUM: guia erbonesse contratado para levar a tripulação do *Tempestade de Esmeralda* ao Palácio dos Quatro Ventos.

DILLNARD LINROY: tesoureiro real de Melengar.

DILLON MCDERN: ferreiro de Dahlgren.

DIME: membro da tripulação do *Tempestade de Esmeralda*.

DIOYLION: pergaminho raro, cartas recolhidas de Dioylion.

DISTRITO BAIXO: área pobre da cidade de Medford.

DISTRITO DA COLINA: bairro próspero em Colrona.

DIXON TAFT: atendente e gerente da taverna Rosa e Espinho, perdeu um braço na Batalha de Medford.

DOVIN THRANIC: sentinela da Igreja de Nyphron a bordo do *Tempestade de Esmeralda*.

DR. GERAND: médico em Ratibor.

DR. LEVY: médico a bordo do *Tempestade de Esmeralda*.

DROME: deus dos anões.

DRUMINDOR: fortaleza construída pelos anões, situada à entrada da baía de Terlando, em Tur Del Fur, e pode utilizar lava do vulcão próximo para sua defesa.

DRUNDEL: família de camponeses de Dahlgren, constituída por Mae, Went, Davie e Firth.

DUNLAP, PAUL: antigo condutor de carruagens do rei Urith, falecido.

DUNMORE: mais novo e menos sofisticado reino de Avryn, governado pelo rei Roswort; membro do Novo Império.

DUNSTAN: padeiro em Hintindar, amigo de infância de Hadrian, casado com Arbor.

DUR GURON: porção mais a leste de Cális.

DURBO: habitação tenkin.

DUSTER: apelido de Royce, enquanto integrante da Diamante Negro.

ECTON, SIR: principal cavaleiro do conde Pickering e general de Melengar.

EDGAR DREW: velho marujo do *Tempestade de Esmeralda*, morreu numa queda.

EDITH MON: governanta que controla a área de serviço e as serventes do palácio imperial.

EDMUND HALL: professor de geometria da Universidade de Sheridan, supostamente fundador de Percepliquis, declarado herege pela Igreja de Nyphron e aprisionado na Torre da Coroa.

ELAN: o mundo.

ELDEN: homenzarrão, amigo de Wyatt Deminthal.

ELINYA: namorada de Esrahaddon.

ELLA: cozinheira em Campos de Drondil.

ELLA: empregada no palácio imperial.

*ELLIS FAR*, o: navio melengariano.

EMERY DORN: jovem revolucionário vivendo em Ratibor.

ENCANTAMENTO PLESIÂNTICO: método utilizado na Arte para obter poderes da natureza.

ENDEN, SIR: cavaleiro de Chadwick, superado apenas por Breckton.

ERANDABON GILE: pantera de Dur Guron, senhor dos tenkin, louco.

ERBON: região de Cális a noroeste de Mandalin.

ÉREBUS: pai dos deuses, também conhecido como Kile.

ERIVAN: império dos elfos.

ERMA EVERTON: pseudônimo utilizado por Arista em sua estadia em Hintindar.

ERVANON: cidade da região norte de Ghent, sede da Igreja de Nyphron, antigamente capital do império fundado por Glenmorgan I.

ESRAHADDON: mago, ex-integrante da Ordem de Cenzar, acusado de destruir o Império Novroniano e condenado à prisão.

ESSENDON: família real de Melengar.

ESTRAMNADON: supostamente, a capital ou, ao menos, um local sagrado do Império Erivan.

*ESTRELA BRILHANTE*, a: navio afundado pelos dacca.

ESTRENDOR: desertos do norte.

ETCHER: integrante da guilda do Diamante Negro.

ETHELRED, LANIS: antigo rei de Warric, corregente do Novo Império, imperialista.

EVERTON: pseudônimo usado por Arista, Hadrian e, posteriormente, Royce.

FALINA BROCKTON: nome verdadeiro de Esmeralda, garçonne da taverna Rosa e Espinho.

FALQUIN: professor da Universidade de Sheridan.

FANEN PICKERING: filho do meio do conde Pickering, assassinado por Luis Guy.

FAQUIN: mago inepto que usa a alquimia em vez de aprimorar a Arte.

FAULD, A ORDEM DE: ordem de cavaleiros surgida após o império, dedicada à preservação das habilidades e da disciplina dos cavaleiros de Teshlor.

FECHADURA DE PEDRA: mecanismo inventado pelos anões, capaz de fechar um recipiente que só será aberto com uma pedra preciosa de determinado tipo e determinada lapidação.

FENITILIAN, IRMÃO: monge de Maribor, fabricava sapatos térmicos.

FERROL: deus dos elfos.

FESTA DO INVERNO: feriado mais importante, no auge do inverno, celebrado com festas e torneios.

FESTA DO VERÃO: feriado que ocorre no meio do verão, celebrado com piqueniques, danças, festas e torneios de cavalaria.

FINILESS: autor célebre.

FINLIN, ETHAN: membro do Diamante Negro, armazena bens contrabandeados, possui moinhos de vento.

FLECHEIRO: fabricante de flechas.

FORREST: cidadão de Ratibor com experiência em combate, filho de um ferreiro.

GAFTON: almirante imperial.

GAJEIRO: membro da tripulação de um navio que trabalha no alto do cordame e das velas.

GALEANNON: reino de Avryn, comandado por Fredrick e Josephine, membro do Novo Império.

GALENTI: termo caliano atribuído a Hadrian.

GALIEN: arcebispo da Igreja de Nyphron.

GALILIN: província de Melengar governada anteriormente pelo conde Pickering.

GERALD BANIFF: principal guarda-costas da imperatriz Modina.

GERTY: parteira em Hintindar que fez o parto de Hadrian, casada com Abelard.

GHAZEL: ba ran ghazel, palavra que os anões designam para os goblins, literalmente, “goblins do mar”.

GHENT: propriedade eclesiástica da Igreja de Nyphron, membro do Novo Império.

GILARABRYWN: fera da guerra cultuada pelos elfos; uma delas escapou de Avempartha e destruiu o vilarejo de Dahlgren antes de ser morta por Thrace.

GILL: sentinela do exército nacionalista.

GINLIN, IRMÃO: monge de Maribor, fabricante de vinho, recusa-se a tocar em facas.

GLAMRENDOR: capital de Dunmore.

GLENMORGAN II: filho de Glenmorgan. Quando o pai morreu jovem, o novo imperador, inexperiente, confiou em representantes da Igreja para assessorá-lo na administração do império. Estes aproveitaram a oportunidade para manipular o imperador e convencê-lo a ceder plenos poderes à Igreja e aos nobres leais a ela. Esses líderes se opuseram a defender Delgos contra a invasão dos ba ran ghazel, em Cális, e dos dacca, em Delgos, argumentando que a ameaça aumentaria a dependência de Delgos em relação ao império.

GLENMORGAN III: neto de Glenmorgan. Pouco após assumir o governo, ele tentou restabelecer o controle sobre o reino criado pelo avô, comandando um exército contra os invasores ghazel, que já haviam alcançado o sudeste de Avryn. Ele derrotou os ghazel na Primeira Batalha das Colinas Vilan e anunciou a intenção de socorrer Tur Del Fur. Temendo o crescente poder de Glenmorgan III, os nobres o traíram, aprisionando-o no Castelo de Blythin. Invejosa da popularidade do líder e ressentida por ele ter diminuído os poderes da aristocracia e do clero, a Igreja o acusou de heresia. Ele foi condenado e executado. Isso deu início ao rápido colapso do que muitos chamaram de Império do Intendente. Mais tarde, a Igreja alegou ter sido ludibriada pelos nobres e condenou muitos aristocratas, a maioria dos quais, segundo consta, acabou na miséria.

GLENMORGAN: 326 anos após a queda do Império Novroniano, esse nativo de Ghent uniu as quatro nações de Apeladorn; fundador da Universidade de Sheridan; construtor da grande Estrada Norte-Sul; construtor do Palácio de Ervanon (do qual resta apenas a Torre da Coroa).

GLOUSTON: província ao norte de Warric, na fronteira com o rio Galewyr, previamente governada pelo marquês de Lanaklin, invadida e conquistada pelo Novo Império.

GNOMO, o: apelido da taverna O Gnomo Sorridente.

GRADY: marujo do *Tempestade de Esmeralda*.

GRAVIS: anão que sabotou Drumindor.

GREEN: capitão-tenente do *Tempestade de Esmeralda*.

GRIGOLES: autor da obra *Tratado de Grigoles acerca da lei comum imperial*.

GRIMBALD: ferreiro em Hintindar.

GRONBACH: anão, vilão de histórias de contos de fadas.

GRUMON, MASON: ferreiro em Medford, trabalhava para a Riyria, morreu na Batalha de Medford.

GUARDIÃO DO HERDEIRO: cavaleiro teshlor que jurou proteger o Herdeiro de Novron.

GUNGUAN: cavalos de carga vintu.

GUR EM: área de vegetação mais densa na floresta de Cális.

GUTARIA: cárcere secreto da Igreja de Nyphron, destinado a manter Esrahaddon em cativeiro.

GWEN DELANCY: prostituta caliana e proprietária da Casa de Medford e da taverna Rosa e Espinho, namorada de Royce.

HADDY: apelido de infância de Hadrian.

HADRIAN BLACKWATER: mercenário, metade da Riyria.

HANDEL: mestre da Universidade de Sheridan, originalmente de Roe, defensor da reconhecimento da república de Delgos.

HARBERT: alfaiate em Hintindar, marido de Hester.

HELDABERRY: fruta silvestre utilizada na fabricação de vinho.

HERDEIRO DE NOVRON: descendente direto do semideus Novron, destinado a governar toda a nação de Avryn.

HESLON, IRMÃO: monge de Maribor, excelente cozinheiro.

HILFRED: antigo guarda-costas da princesa Arista, gravemente queimado em Dahlgren.

HIMBOLT: barão de Melengar.

HINGARA: guia caliano, morreu nas selvas de Gur Em.

HINTINDAR: vilarejo em Rhenydd, lar de Hadrian Blackwater.

HOBBIE: jovem cavalariaço em Hintindar.

HOMENS DO BALDE: denominação genérica para assassinos, empregada pela guilda do Diamante Negro.

HOYTE: antigo primeiro mandatário da guilda do Diamante Negro, armou para Royce assassinar Jade, enviou Royce para o Cárcere de Manzant, assassinado por Royce.

IBIS THINLY: chefe dos cozinheiros do palácio imperial.

IGREJA DE NYPHRON: congrega fiéis que cultuam Novron e Maribor.

IMPERATRIZ MODINA: governante do Novo Império, previamente conhecida como Thrace Wood de Dahlgren.

IMPERIALISTAS: partido político que pretende unir todos os reinos dos homens sob um único líder que seja descendente direto do semideus Novron.

JADE: assassina que integra a guilda do Diamante Negro, namorada de Cutelo, assassinada por Royce por engano.

JENKINS TALBERT: escudeiro em Tarin Vale.

JEREMY: guarda do Castelo de Essendon.

JERISH GRELAD: cavaleiro teshlor e primeiro guardião do Herdeiro.

JERL, LORDE: vizinho da família Pickering, conhecido por seus cães de caça premiados.

JIMMY: taverneiro do Gnomo Sorridente.

JOIA, o: chefe da guilda de ladrões do Diamante Negro, também conhecido como Cosmos DeLur.

JOQDAN: chefe guerreiro do vilarejo tenkin de Oudorro.

JULIAN TEMPEST: lorde camareiro de Melengar.

KAZ: termo caliano para aqueles com ascendência élfica e humana.

KENDELL, CONDE: nobre de Melengar, leal a Alric Essendon.

KHAROLL: adaga longa.

KILE: mestre ferreiro, nome utilizado por Érebus em sua forma humana.

KILNAR: cidade ao sul de Rhenydd.

KNOR: padeiro no palácio imperial.

KRINDEL: prelado da Igreja de Nyphron e historiador.

LAMBERT, IGNATIUS: reitor da Universidade de Sheridan.

LANAKLIN: família que governava Glouston, atualmente exilada em Melengar, opõe-se ao Novo Império.

LANDONER: professor da Universidade de Sheridan, julgado e condenado à fogueira por heresia.

LANKSTEER: capital do reino Lordium, em Trent.

LAVEN: cidadão de Ratibor.

LEIF: açougueiro no palácio imperial.

LENARE PICKERING: filha do conde Pickering e de Belinda; é irmã de Mauvin, Fanen e Denek.

LINGARD: capital de Relison, no reino de Trent.

LIVET GLIM: porto principal de Tur Del Fur.

LONGWOOD: floresta em Melengar.

LOTHOMAD, o CALVO: rei de Lordium, em Trent, expandiu tremendamente seus territórios, na sequência do colapso do Império do Intendente, avançando por Ghent, ao sul, e chegando a Melengar, onde foi derrotado por Brodrick Essendon, na batalha de Campos de Drondil, em 2545.

LÚGAR: pequeno barco de pesca com ao menos uma vela.

LUIS GUY: sentinela da Igreja de Nyphron, assassinou Fanen Pickering.

LURET: emissário imperialista em Hintindar.

MAGNUS: anão que matou o rei Amrath, sabotou a torre de Arista e descobriu uma entrada para Avempartha, reconstruindo a Abadia dos Ventos.

MALDIÇÃO DE RUFUS, A: nome dado ao Gilarabrywn morto por Thrace/Modina.

MANDALIN: capital de Cális.

MANZANT: prisão terrível localizada em Manzar, Maranon; Royce Melborn é o único prisioneiro a fugir dela.

MÃO CARMIM: corporação de ladrões com sede em Melengar.

MAR DE GHAZEL: corpo de água mais ao sul e a leste do mar de Sharon.

MAR DE SHARON: corpo de água mais ao sul e a oeste do mar de Ghazel.

MARANON: reino de Avryn, governado por Vicent e Regina, membro do Novo Império, rico em terras de fazendas.

MARIBOR: deus dos homens.

MASTRO DA MEZENA: terceiro mastro a partir da proa em uma embarcação com três ou mais mastros.



MAUVIN PICKERING: primogênito do conde Pickering, amigo de infância da família real de Essendon, guarda-costas do rei Alric.

MAWYNDULË: poderoso feiticeiro.

MCDERN, DILLON: ferreiro de Dahlgren.

MEDFORD: capital de Melengar.

MELENGAR: reino em Avryn, governado pela família real de Essendon, único reino em Avrin independente do Novo Império.

MELENGARIANOS: habitantes de Melengar.

MELISSA: criada principal da princesa Arista, apelidada de Missy.

MERRICK MARIUS: ex-membro do Diamante Negro, sob o pseudônimo de Cutelo, ladrão experiente e assassino. Antigo amigo de Royce, conhecido por seu pensamento estratégico, namorado de Jade.

MILBOROUGH: barão melengariano, morreu em batalha.

MILLFORD: sargento no exército nacionalista.

MILLIE: antiga égua de Hadrian, morreu em Dahlgren.

MIR: indivíduo que tem sangue de elfo e de ser humano.

MIRANDA GAUNT: irmã de Degan Gaunt.

MÍSTICA: égua de Arista.

MONTANTE: espada longa, manejada com duas mãos. Possui uma lâmina afiada e a empunhadura extensa, permitindo uma grande variedade de manobras durante o combate. Devido ao comprimento da empunhadura, a espada permite vários posicionamentos de mão, possibilitando que seja usada como um bordão ou como uma arma de concussão. O montante é a arma tradicional de um cavaleiro habilidoso.

MONTEMORCEY: vinho excelente, importado pela Companhia Vandon de Especiarias.

MOTTE: montanha feita pela mão do homem.

MURIEL: deusa da natureza, filha de Érebus, mãe de Uberlin.

MYRON LANAKLIN: monge de Maribor com impressionante memória, filho de Victor, irmão de Alenda.

NACIONALISTAS: partido político comandado por Degan Gaunt, que pretende governar de acordo com a vontade do povo.

NAREION: último governante do Império Novroniano.

NARON: herdeiro de Novron que morreu em Ratibor em 2992.

NEVRIK: filho de Nareion, o herdeiro que se refugiou, protegido por Jerish Grelad.

NIMBUS: tutor da imperatriz, assistente da secretária imperial, nascido em Vernes.

NINHO DO RATO: esconderijo da guilda de ladrões do Diamante Negro em Ratibor.

NIPPER: jovem servo encarregado originalmente da cozinha do palácio imperial.

NOVO IMPÉRIO: segundo império unindo a maior parte dos reinos dos homens, governado pela imperatriz Modina e administrado pelos corregentes Ethelred e Saldur.

NOVRON: salvador da humanidade, filho do deus Maribor, semideus que derrotou o exército dos elfos nas Grandes Guerras dos Elfos, fundador do Império Novroniano, construtor de Percepliquis, marido de Perséfone.

NOVRONIANO: relativo a Novron.

NYPHRONS: membros da igreja homônima.

OBERDAZA: médico e feiticeiro tenkin ou ghazel.

ORRIN FLATLY: escriba da cidade de Ratibor.

OSGAR: auxiliar de capataz em Hintindar.

OSTRIUM: salão comunal dos tenkin onde refeições são servidas.

ODORRO: vilarejo tenkin amigável em Cális.

PALÁCIO DOS QUATRO VENTOS: lar de Erandabon Gile, em Dur Guron.

PALÁCIO IMPERIAL: sede do poder do Novo Império.

PARKER: comandante das forças do exército nacionalista.

PATRIARCA: chefe da Igreja de Nyphron, que habita a Torre da Coroa, em Ervanon.

PAULDRON: armadura que protege o ombro.

PERCEPLIQUIS: antiga capital do Império Novroniano; o nome da cidade foi uma homenagem à esposa de Novron, destruída e perdida após o colapso do Antigo Império.

PERCY BRAGA: antigo arquiduque e conselheiro de Melengar, vencedor do título do Grande Torneio dos Campeões; tio de Alric e Arista, foi morto pelo conde Pickering, tramou a morte do rei Amrath.

PERIN: dono da mercearia de Ratibor.

PERSÉFONE: esposa de Novron.

PICKERING: família nobre de Melengar e governantes de Galilin. O conde Pickering é conhecido como o melhor espadachim de Avryn, e acredita-se que sua espada seja encantada.

PICKILERINON, SEADRIC: nobre que diminuiu o nome de sua família para Pickering.

PLANALTO DE SENON: planalto de onde se pode avistar Chadwick.

POE: assistente do cozinheiro a bordo do *Tempestade de Esmeralda*.

POLIDO: chefe da guilda de ladrões do Diamante Negro em Ratibor.

PRAÇA DOS NOBRES: bairro próspero de Melengar.

PRICE: primeiro mandatário da guilda do Diamante Negro.

QUILATE: jovem membro da guilda de ladrões do Diamante Negro.

RAPOSA REAL, A: a taverna mais barata no próspero Distrito da Colina, em Colnora.

RATA: cavalo de Royce.

RATIBOR: capital do reino de Rhenydd.

REGENTE: alguém que administra um reino durante a ausência ou a incapacidade do governante.

RENDON, BARÃO: nobre de Melengar.

RENIAN, IRMÃO: amigo de infância de Myron, o monge.

RENKIN POOL: cidadão de Ratibor com experiência em combate.

RHELACAN: espada longa que Maribor cooptou Drome para fabricar e Ferrol para encantar; foi entregue a Novron, para que este derrotasse os elfos.

RHENYDD: reino pobre de Avryn, agora parte do Novo Império.

RIO BERNUM: curso de água que divide a cidade de Colnora.

RIO GALEWYR: demarca a fronteira sul de Melengar e a fronteira norte de Warric, desembocando no mar perto de um vilarejo pesqueiro chamado Roe.

RIO NIDWALDEN: demarca o limite oriental de Avryn e o começo do império de Erivan.

RIONILLION: nome da cidade que existia no local onde mais tarde surgiu Aquesta; a cidade foi destruída durante as guerras civis que sucederam à queda do Império Novroniano.

RIYRIA: palavra dos elfos que significa *dois*, dupla ou ligação; nome usado coletivamente para se referir a Royce Melborn e Hadrian Blackwater.

RODA DE MONDEPIREAF: sociedade secreta formada para proteger o Herdeiro.

RONDEL: espécie comum de punhal de lâmina rígida com cabo arredondado.

ROSA E ESPINHO, A: taverna em Medford, administrada por Gwen DeLancy e utilizada como sede da Riyria.

ROSWORT, REI: governante de Dunmore.

ROYCE MELBORN: ladrão, metade da Riyria.

RUFUS, LORDE: guerreiro impiedoso do norte, candidato a imperador do Novo Império, morto por um Gilarabrywn em Dahlgren.

RUIVO: velho elkhound, um grande cachorro encontrado na cozinha do palácio imperial.

RUSSELL BOTHWICK: fazendeiro de Dahlgren.

SALDUR, MAURICE: antigo chefe da Igreja de Nyphron em Melengar e ex-amigo da família real Essendon, corregente do Novo Império.

SALIFAN: planta silvestre aromática, utilizada como incenso.

SARAP: lugar para encontros ou para conversar, na linguagem dos tenkin.

SAULY: apelido de Maurice Saldur, usado pelos mais íntimos.

SECRETÁRIA IMPERIAL: funcionária que zela pela imperatriz Modina, encarregada de torná-la publicamente apresentável.

SENTINELA: oficial de vigília, no comando durante determinado turno e responsável por tudo que acontece nesse período.

SENTINELAS: generais da Igreja de Nyphron, encarregados de perseguir heresias e localizar o Herdeiro perdido de Novron.

SERET: cavaleiros de Nyphron. Setor militar da Igreja, criado pelo lorde Darius Seret, indivíduo encarregado de encontrar o Herdeiro de Novron.

SET: membro da guilda de ladrões do Diamante Negro em Ratibor.

SEWARD: capitão do *Tempestade de Esmeralda*.

SHIRLUM-KATH: pequeno verme parasita encontrado em Cális, pode infectar feridas não tratadas.

SIWARD: oficial de justiça em Hintindar.

SR. RISCAS: filhote de texugo, animal de estimação de Mercy.

STAUL: guerreiro tenkin a bordo do *Tempestade de Esmeralda*.

TABARDO: túnica usada por cima da armadura, geralmente enfeitada com um brasão de armas.

TALBERT, BISPO: chefe da Igreja de Nyphron em Ratibor.

TARIN VALE: cidade natal de Amilia.

TARTANA: pequena embarcação usada para pesca e troca de mercadorias; mastro único, vela larga.

TEK'CHIN: luta marcial dos cavaleiros teshlor, preservada pelos cavaleiros da Ordem de Fauld e transmitida à família Pickering.

*TEMPESTADE DE ESMERALDA*, O: navio do Novo Império, comandado por Seward.

TEMPLE: contramestre do *Tempestade de Esmeralda*, segundo em comando.

TENKIN: comunidade de humanos vivendo sob os modos de vida dos ghazel e suspeitos de ter sangue goblin.

TESHLORS: lendários cavaleiros do Império Novroniano, os maiores guerreiros de todos os tempos.

THERON WOOD: pai de Thrace Wood e fazendeiro de Dahlgren, morto pelo Gilarabrywn.

THRACE WOOD: filha de Theron e Addie. Seu nome foi alterado para Modina pelos regentes. Coroada imperatriz do Novo Império, matou um Gilarabrywn em Dahlgren.

TIGRE DE MANDALIN: apelido dado a Hadrian durante seu tempo em Cális.

TILINER: florete extremamente ágil, de uso frequente por mercenários em Avryn.

TOBIS RENTINUAL: professor de história da Universidade de Sheridan, construiu uma catapulta para enfrentar o Gilarabrywn.

TOLIN ESSENDON: filho de Brodrick; foi Tolin quem transferiu a capital para Medford e construiu o Castelo de Essendon, também conhecido como Tolin, o Grande.

TORRE DA COROA: casa do patriarca, centro da Igreja de Nyphron.

TORSÔNICO: capaz de produzir torque, como no caso do cabo utilizado nas bestas.

TRAMUS DAN: guardião de Naron.

TRENCHON: conselheiro da cidade de Ratibor.

TRENT: reinos montanhosos do norte ainda não controlados pelo Novo Império.

TRILON: arco pequeno e ágil usado pelos ghazel.

TRUMBUL, BARÃO: mercenário contratado por Percy Braga para assassinar o príncipe Alric.

TULAN: planta tropical encontrada na porção mais a sudeste de Cális, usada em cerimônias religiosas. As folhas secas são queimadas como ofertas ao deus Uberlin, e a fumaça produz visões quando inalada.

TUR DEL FUR: cidade litorânea de Delgos, localizada na baía de Terlando, originalmente construída por anões.

TUR: vilarejo mítico, supostamente situado em Delgos, local do primeiro registro de uma aparição de Kile, fonte mítica de grandes armas.

UBERLIN: deus dos dacca e dos ghazel, gerado por Érebus com sua própria filha, Muriel.

ULI VERMAR: obscura referência usada por Esrahaddon.

UNIVERSIDADE DE SHERIDAN: reconhecida instituição de ensino, situada em Ghent.

URITH: antigo rei de Ratibor, morreu em um incêndio.

URLINEUS: última cidade do Império Novroniano a cair, localizada na região oriental de Cális, constantemente atacada pelos ghazel. Após seu colapso, ela se tornou o portão de entrada dos ghazel para Cális.

UZLA BAR: chefe dos ghazel, desafia Erandabon Gile pelo controle dos ghazel.

VALE DE RILAN: terra fértil que separa Glouston de Chadwick.

VALIN, LORDE: ancião e cavaleiro de Melengar, conhecido pela coragem, mas carente de talento estratégico.

VANDON: cidade portuária de Delgos, sede da Companhia Vandon de Especiarias, empreitada que surgiu para acolher piratas, até que Delgos se tornou uma república e o negócio foi legitimado.

VELLA: serviçal da cozinha do palácio imperial.

VENDEN POX: veneno imune a remédios e magia.

VENLIN: patriarca da Igreja de Nyphron na ocasião da queda do Império Novroniano.

VERNES: cidade portuária localizada na foz do rio Bernum.

VIGAN: delegado de Ratibor.

VILLEIN: indivíduo preso à terra e pertencente a um senhor feudal.

VINCE EVERTON: pseudônimo utilizado por Royce Melborn durante sua estadia em Hintindar.

VINTU: tribo nativa de Cális.

WARRIC: reino da nação de Avryn, governado por Ethelred, agora parte do Novo Império.

WESBADEN: importante cidade mercantil e portuária de Cális.

WESLEY: filho de lorde Belstrad, irmão de Sir Breckton, mais jovem aspirante do *Tempestade de Esmeralda*.

WESTBANK: província recém-criada em Dunmore.

WICEND: fazendeiro de Melengar cujo nome passou a designar o local onde o rio Galewyr é raso, possibilitando a travessia, a pé ou a cavalo, até Glouston.

WIDLEY: professor da Universidade de Sheridan, julgado e queimado por heresia.

WILFRED: carroceiro em Hitindar.

WYATT DEMINTHAL: comandante e timoneiro do *Tempestade de Esmeralda*, pai de Allie.

WYLIN: mestre de armas do Castelo de Essendon.

WYMAR, MARQUÊS: nobre de Melengar, membro do conselho de Alric.

YOLRIC: mestre de Esrahaddon.

ZULRON: oberdaza deformado de Oudorro.



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

# Ascensão do Império

## **Skoob do livro**

<http://www.skoob.com.br/livro/400567-ascensao-do-imperio>

## **Skoob do autor**

<http://www.skoob.com.br/autor/8934-michael-j-sullivan>

## **Sobre o livro**

<http://riyria.blogspot.com.br/>

## **Wikipedia sobre o autor**

[http://en.wikipedia.org/wiki/Michael\\_J.\\_Sullivan\\_\(author\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_J._Sullivan_(author))

## **Resenha do livro**

<http://meugrandeamigolivro.blogspot.com.br/2014/02/heir-of-novron-3-de-riyria-revelations.html>

## **Goodreads do autor**

[http://www.goodreads.com/author/show/2063919.Michael\\_J\\_Sullivan](http://www.goodreads.com/author/show/2063919.Michael_J_Sullivan)

## **Twitter do autor**

[https://twitter.com/author\\_sullivan](https://twitter.com/author_sullivan)